Serões

Nº 13

Julho de 1906

Ferreira & Oliveira Lda

. Editores .

Lisboa.

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME III

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.da — EDITORES
132 — RUA DO OURO — 138

1907

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos «SERÕES»

Para de alguma forma solemnisarmos o acabamento prospero do primeiro anno dos *Serões (nova serie)*, abriram os editores um interessante concurso, ao qual quiz amavelmente associar-se a considerada folha Lisbonense *O Seculo*, dando para elle tres valiosos premios, um de 10:000 réis e dois de 5:000 réis. Os nossos premios foram 50 assignaturas de semestre nos *Serões*. No momento em que escrevemos, ainda não resolveu o curioso concurso, que consistia em encontrar no nosso ultimo numero uma certa phrase contada por um gigantesco gallo. Mas, em vista do avultado numero de concorrentes, já se póde prever um extraordinario resultado e avaliar a curiosidade despertada, assim como as sympathias geraes e a larga circulação com que se honra a nossa revista.

Aos nossos illustres collegas do *Seculo* reiteramos aqui a expressão dos nossos cordiaes agradecimentos, pelo importante auxilio que nos prestaram.

A PROPOSITO DO NOSSO SEGUNDO

CONCURSO PHOTOGRAPHICO

O nosso illustre collega *Boletim Photographico* faz algumas observações sobre as clausulas do nosso ultimo concurso, e com toda a sinceridade reconhecemos a justeza d'esses reparos. Com effeito, não foram bem previstas todas as hypotheses, algumas das quaes aventa o nosso collega, sobre as pessoas que n'aquelle concurso teriam direito aos premios. Felizmente, d'essa falta não resultaram, que saibamos, inconvenientes graves. Mas, como o nosso excellente collega pode verificar, já no concurso actualmente aberto corrigimos o erro, se o ha, e cremos poder de antemão assegurar que elle ficará satisfeito. Para evitar varios melindres e inconvenientes obvios, limitámos este concurso a photographos amadores, persuadidos como estamos de que a profissionaes e amadores não é facil concorrerem no mesmo certamen. Se continuarmos na mesma carreira de exito, que estes concursos teem alcançado, possivel é que de futuro resolvamos abrir um concurso exclusivamente destinado a profissionaes.

Não acha preferivel este alvitre o nosso autorisado collega?

SOBRE PACIFISMO

Graças a Deus que atinámos com o assumpto que um nosso amavel correspondente occultava sob uma intrincada calligraphia. Era *Pacifismo*. Sim, senhor; tomamos nota, e procuraremos satisfazel-o.

Quanto ás suas outras suggestões, são egualmente apreciaveis. A unica difficuldade é a expressa pelo proloquio popular, de *metter o Rocio na Bitesga*. O espaço não é illimitado, infelizmente, e andam por aqui um grande numero de collaboradores a pedirem entrada. Em todo o caso, já em parte temos satisfeito as reclamações do nosso amavel correspondente. E continuaremos, quando nos seja possivel.

Terceiro Concurso Photographico
ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumida n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço da photographia : ....

....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lda., Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

A EQUITATIVA

Ottoni, Silva & Cia.
RUA PRIMEIRO DE MARÇO
13 e 15
·TELEPHONE 912·
RIO DE JANEIRO
MOINHO PARA CAFÉ
BOMBAS
A PETROLEO·
PHENIX
A LENHA
·MACHINA PARA CARNE·
Nº 12
ENTERPRISE TINNED MEAT CHOPPER
A GAZ

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

PHONOGRAPHOS
E
CYLINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS
SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA
REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ
RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARÁ E RIO GRANDE DO SUL

Trate o seu Cabello com
JAVOL
O que ha de melhor
para o Cabello.

CASTELLO
MOURA
AGUA MINERO-GAZOSA NATURAL
DE
MOURA
PORTUGAL
Alemtejo
MELHOR DAS AGUAS DE MEZ
EMPREZA DAS AGUAS DE MOURA
ASSIS & C.a
123, R. da Conceição
LISBOA

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO
P. Marinho gt

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Perfil de Lize—*Poemeto*—por Bolivar Bastos—2.ª edição da casa Borboleta—Rio de Janeiro 1906.
INDICE :—O nome—Os Cabellos—O rosto—A bocca—Os olhos—As mãos—A voz—Os seios— vestido—Os pés.

Dolencias—*Poemeto*—por Bolivar Bastos—edição da casa Borboleta—Rio de Janeiro, 1906.

Portugal Agricola—Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias—n.º 11—1 de junho de 1906—Summario — Um documento pombalino inedito — Memoria economica e politica sobre a agricultura, por João da Costa Cordeiro.—Adubação economia da vinha por R. Larcher Marçal.—Alterações e defeitos dos azeites por Diogo Falque Possolo.—Enducto para feridas das arvores.—*Revista Agricola*—Mudança ministerial—A exportação de cortiça e os disturbios do Barreiro—A questão das carnes na Real Associação de Agricultura—A crise vinicola—D. Luiz de Castro.—*Revista das Revistas* por J. V. Gonçalves de Sousa.—Monographia agricola a premio.—Pureza do sulfato de cobre.—*Secção do ultramar*—Tamareira por Adolpho Frederico Moller.—*Livros, conferencias e communicações*—Breve estudo sobre a serra léste do Algarve,—por Filippe Felix da Silva—G. de S.—A debulha dos cereaes no Norte do Alemtejo, por Caldeira de Castel-Branco—L. B.— *Indicações rudimentares*— Prados—III. Prados artificiaes cultivados intensivamente—Prados temporarios—Irrigações dos prados por João J. Seabra.—*Secção Official*— Varios decretos, portarias, avisos, etc.

Seguros e Finanças—*Revista Economica e Industrial*—1.º Anno—n.º 5—maio de 1906.—Numero dedicado á **Nacional** companhia portugueza de seguros sobre a vida humana, constituida em 17 de abril de 1906.—Summario—«A Nacional»—O emblema—Direcção technica—Seguros, «Vida Inteira»—Exame medico—Contractos e tarifas—Informações ácerca das condições das apolices—Estatutos—Mão cheia de verdades—Bibliographia.

Revista Pedagojica—Anno I—n.º 4—Orgão do professorado official açoriano.

Illustração Theatral—n.º 6—1-6-906—Summario— Amelia Lopicolo—Partiu—De Raspão—Zigs-Zags— Sympathia— Verdades— Ciume—Descantes—Chronica lyrica.

Revista Portuguesa Colonial e Maritima—n.º 104—Anno IX—20 de maio de 1906—18.º volume—Summario—Edwin Ferin—Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer, continuação, por Carlos Roma Machado.—Dados geneologicos e biographicos de algumas familias fayalenses, continuação, por Antonio Ferreira de Serpa. — Floresta do Mayombe, continua, por A. A.—Notas navaes—por E. de T.—Revista ultramarina—por Augusto Ribeiro—Livros e publicações periodicas recebidas—Informações commerciaes— Generos vindos d'Africa para o mercado de Lisboa.

Echo Photographico—*Jornal de Propaganda Photographica*—n.º 1—Anno I—junho, 1906—Varios artigos sobre a photographia e uma pagina de papel d'arte com um trecho d'uma quinta na Ilha da Madeira a côr.

Boletim Photographico — *Revista mensal illustrada de photographia* — Setimo anno—n.º 74—Fevereiro de 1906—Summario—Ampliações n'um espaço limitado—O retoque das provas e as illusões visuaes—A photographia das côres—Producto e material novo—Formulario, etc.

Renascença— *Revista mensal illustrada*—Anno III—n.º 27—maio de 1906—Rio de Janeiro—Summario—Padre Mestre J. J. Correia d'Almeida—por J. C. Soares Ferreira—A viticultura no Brasil—por Wilcox—Acaso?—pelo dr. Pires d'Almeida—O Rapa—por Vērediano de Carvalho—Velho thema—por Antonio Austregisilo—As sete dôres de Nossa Senhora—por Coelho Netto—Curiosa Investigação—por Max Fleiuss—Aristo—por Rodrigo Octavio—A Viagem do sr. dr. Affonso Penna—O Brasil Social—por Sylvio Romero—Dr. Manoel Barata—por Vieira Fasenda—Il neige—*soneto*—Dalso—Chronica Musical—por Iwan d'Hunac—Obras do Porto do Rio de Janeiro—por Arthur de Lima Campos.

O Commentario—Segundo numero—4.ª serie—Rio de Janeiro—Summario—Banco União do Commercio—Auler & C.ª—Lugolina—Companhia Mercurio—Pharmacia Central—Calçados Sul Americanos—Filtro Mallié—Marc Ferrez—Loteria Esperança—Therezapolis—Dr. Affonso Penna—Rio de Janeiro em 1792—Instituto Historico—Guarda Nacional—A questão das linotypes—Abastecimento de carne—As Gréves—Guardas nocturnos—A Light—Therezapolis—Demographia Fluminense—A compulsoria—A proposito de sellos—O duello—Policlinica de Botafogo—Jornalistas sem ideal—Alfandega— Registo Litterario— Pequena necrologia—Varias observações, etc.

O Instituto—*Revista Scientifica e Litteraria*—Vol. 53.º—n.º 5—maio 1906—Summario—Allocução proferida junto ao feretro do dr. Antonio Henrique da Silva—por Bernardino Machado—A Historia de Beneficencia Publicaem Portugal—por Victor Ribeiro—A Alliança Ingleza—por Affonso Ferreira—Movimento operario em Portugal—por Campos Lima—O Problema da codificação do direito civil—por Luiz Gonçalves—Les Mathématiques en Portugal—por Rodolpho Guimarães—Phytametria—por Eusebio Tamagnini—Novas pilhas de bolas esphericas e respectivas formulas—por Frederico Mariares—O Radio e a Radioaltividade—por Joãode Magalhães—Noticias de alguns arabistas e intrepetes de linguas africanas e orientaes, por Sousa Viterbo.

Revista de Manica e Sofala—*Publicação mensal illustrada*—3.ª serie—n.º 28—junho de 1906—Summario—O Territorio de Manica e Sofala em 1905, continuação, Eduardo Augusto Ferreira da Costa—Carta da Beira—O algodão em Moçambique—Companhia de exploração da fabrica d'assucar de Marromeu—Um pouco de estatistica—Relatorio de uma viagem—por Abeillard Gomes da Silva, continuação, De toda a parte—Chronica notas e informações—Carteira da Revista—As nossas gravuras—Livros e Jornaes—Marquez de Fontes Pereira de Mello

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza—vol. VIII—n.º 3—março de 1906—Summario—Os armazens geraes de alcool e aguardente e o Novo Syndicato Comprador — La Production des Œufs en Hiver—por A. Lefort—Crise vinicola—por João Marques de Carvalho—Movimento Agricola—por J. V. Gonçalves de Sousa—Tratado de Commercio—Trabalhos da Associação—correspondencia—A questão Vinicola—proposta dos srs. Ruy de Orey e Joaquim Balford—Informações e noticias—Revistas e Jornaes recebidos.

CONTO DE INVERNO

«QUANDO OS NARCISOS DESABROCHAM»

QUADRO DE ELIZABET FORBES

Na exposição de 1906, da Royal Academy de Londres

COVÃO DO METADE — CANTARO NEGRO — RUA DOS PESCADORES — (SERRA DA ESTRELLA)

A Serra da Estrella e o futuro de Portugal

Aos montes que em Portugal separam aguas para o Tejo e Douro deram os geographos o nome de *Montes Herminios* e, mais modernamente, o de Serra da Estrella.

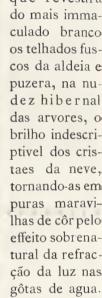
No pequeno estudo que apresentamos hoje aos leitores dos *Serões* consideramos apenas o nó ou parte central d'estes montes, onde nascem os rios Zêzere, affluente do Tejo, o Mondego e o Alva, seu affluente principal. Os limites do poderoso massiço assim considerado são, partindo da Covilhã, pelo sul: — Covilhã, Córtes, Unhaes, Alvôco, Loriga, Valezim, Ceia, Gouveia, Manteigas e Valhelhas. Estes limites dão, pois, ao tracto central da Serra uma superficie de cêrca de hectares 30:000, dos quaes $^2/_3$ em serrania inculta e brava.

A primeira vez que visitei a Serra, em janeiro de 1891, abordei-a pelo lado occidental, — Gouveia. A minha curiosidade, — ao tempo aguçada pelo pouco que, como quasi todos os portuguezes, sabia da Serra, e pelo panorama que se ia desenrolando aos meus olhos no

successivo avançar do comboio da Beira Alta, — soffreu a primeira decepção logo que, no dia seguinte, cheguei ao *Observatorio*, onde me alojei na conhecida casa da Fraga, ainda então propriedade do sr. Cesar Henriques, que supponho ter sido o primeiro tuberculoso do nosso Davos e, tambem, o primeiro que de lá sahiu curado; em todo

PONTE SOBRE A RIBEIRA DE CÓRTES

o caso, um dos cavalheiros que, durante o longo tratamento e após a cura, mais nobremente teem trabalhado para tornar conhecida essa grandiosa e lendaria zona da Lusitania. Pois, em verdade, quando esperava encontrar-me em um meio essencialmente frio e sêcco, caracteristico n'aquella altitude (1450 m.) e n'aquelle mez, achei-me, com surpreza, n'um clima extremamente humido e ventoso, tal como ninguem podia esperar n'uma região alpestre.

Havia, é certo, pequenos trechos de neve, que aqui e acolá cobriam depressões de terreno menos batidas pelo vento, restos da nevada com que se despedira o anno de 90, e a que eu assistira na nossa graciosa e alegre serra da Abbadia, — contraforte calcáreo da serra de Aire, pertencente á bacia do Liz, — na commoda altitude de 120 m. O que na Estrella fôra um nevão tragico, que enchera quasi de pavor os seus habitantes acostumados ás intemperies, tinha ali sido um empolgante quadro da natureza que revestira do mais immaculado branco os telhados fuscos da aldeia e puzera, na nudez hibernal das arvores, o brilho indescriptivel dos cristaes da neve, tornando-as em puras maravilhas de côr pelo effeito sobrenatural da refracção da luz nas gôtas de agua.

No quarto onde dormi, tendo por tecto a *fraga* que deu o nome á casa, pingava sobre as roupas do leito. A principio suppuz que aquellas gôtas provinham da condensação dos vapores de agua existentes na atmosphera do quarto, produzidos pela minha respiração e arrefecidos pelo negro penedo que me cobria: mas um exame mais reflecido levou-me á conclusão de que o espesso tecto de granito era apenas um filtro gigantesco! Nos tres dias seguintes, apesar do mau tempo, emprehendi curtas excursões, uma especie de reconhecimento, por meio do qual travei relações com as primeiras ramificações do Mondego e do Alva.

No ambito occupado pelo Sanatorio de Manteigas, ao tempo unico na Serra, tinham os Serviços Florestaes executado diversas sementeiras e plantações, sob a superior direcção do sr. Pedro Roberto da Cunha e Silva; e, dentre ellas, chamou-me a attenção uma sementeira de pinheiro maritimo, — mais conhecido pelo nome de *pinheiro bravo*, — notavelmente desenvolvida mesmo para uma estação de menor altitude. E, coisa curiosa, o verde das suas agulhas disputava galhardia ao do seu congenere do norte, que lhe ficava adjacente, em menor altitude, no pequeno valle junto ao Fragão do Côrvo.

PEDRAS NEGRAS — SANATORIO DA COVILHÃ

Ao passo que o nosso pinheiro crescia indifferente aos ventos violentos e aos intensos frios, o pinheiro alpino sentia-se exilado em região que lhe devera ser grata e propicia!

No quarto ou quinto dia, finalmente, a povoação recebeu um manto de neve de cêrca de $0^m,50$ de espessura, por sobre o qual era, se não impossivel, muito perigoso caminhar, porque a neve, em vez de gelar, fornecendo piso seguro, conservou-se solta, prompta a engulir o transeunte como se fôra areia morta.

Estando, como estava, apetrechado para clima diverso, isto é, para a marcha sobre o gelo, resolvi tomar o caminho de ferro na Guarda e, descendo para a villa de Manteigas, entrei na bacia do rio Zêzere, pelo valle da Carvalheira, que achei irregularmente vestido pelo *carvalho pardo* da Beira, o qual, incapaz de supportar climas rudes, e longe de poder agradecer aos homens cuidados culturaes intelligentes, mais e melhor merece a nossa admiração perante os formidaveis exemplares que ainda ha tres annos ali existiam, em altitudes superiores a mil metros. Abandonei então a Serra, trazendo comigo a arreigada suspeita de que os apregoados climas alpestres, de genero alpino, da nossa Estrella, não vinham a ser mais do que uma das muitas lendas que geographos, naturalistas e homens de lettras tinham colhido na tradição popular, e a que, por suggestão ou effeito litterario, haviam dado avolumado curso.

LAGOA REDONDA (SERRA DA ESTRELLA)

*

* *

Logo n'esse anno voltei á Estrella, em abril e junho e, desde então até 1902, em que ali passei os mezes de fevereiro a abril, raro foi aquelle em que faltei. Tendo-me dedicado ao estudo da Serra sob o ponto de vista silvicola, já em 92, em relatorio que apresentei ao respectivo ministro, tentei demonstrar que o clima da Serra, mesmo nas zonas de 1500 a 1600 metros de altitude, se apresentava com as caracteristicas dos climas de planicie e não com as particularidades dos de montanha, resultante da situação em que se encontra, suavisada n'esta parte pela latitude e proximidade do mar, cujos ventos dominantes a tornam humida e quente.

Segundo as notas do Observatorio, a quantidade de agua, chuvas e neves, que ali cae annualmente, *excede a que cae no massiço dos Alpes!*

Que o clima da Serra é semelhante ao das planicies do centro e do norte de Portugal, verifica-se ainda pelos restos da sua principal vegetação herborea, e pela existencia das quatro estações nitidamente caracterisadas: — inverno e outono, pelas chuvas; primavera, pelas geadas; e o estio (apenas julho e agosto), pela falta de chuvas. Esta falta é porém relativa, visto que, não raro, durante aquelles dois mezes chove ali mais de 50 por cento do que em todo o anno na provincia do Algarve.

Para se avaliar o que seja um clima authentico de montanha, ouçamos o que refere o elegante escriptor e sabio professor sr. Boppe, director da Escola Florestal de Nancy: diz o meu erudito amigo que, na montanha, o inverno dura de 7 a 8, em logar de 4 a 5 me-

zes, alongando-se á custa da primavera e do outono; que a neve, sempre abundante nas altas regiões, desapparece bruscamente, e passa-se, por assim dizer sem transição, do inverno para o estio; acontecendo o mesmo com o outono, abreviado com a queda prematura das neves.

Assim, nos Alpes, em altitudes de 1800 a 2000 metros, a neve só desapparece nos começos de junho, conservando-se o manto desde meados de setembro.

N'estas regiões, a primavera e o outono existem apenas no calendario, pois que ha de facto duas estações apenas: um inverno de 8 mezes, sob a neve, e um estio de 4 mezes, com quantidades de luz, calôr e humidade constantes de anno para anno. Os restos da vegetação da Serra confirmam a nossa these. Com effeito, o *carvalho pardo* da Beira, que, na Estrella, por 1300 metros de altitude, é ainda um colôsso, apenas existe, em França, na região de Bordeus, clima maritimo de planicie, adquirindo ali dimensões de arvore de 3ª. grandeza. Um outro carvalho, — o que na Europa fornece as melhores madeiras, — e que só por falta de tratamento scientifico as não dá de igual ou superior qualidade nas Beiras, Minho e Traz-os-Montes, — acompanha o *carvalho pardo* nos contrafortes da Estrella. Refiro-me ao carvalho roble ou *alvarinho*, arvore que em França é considerada como especie propria dos campos e valles de pequenas altitudes, e na nossa Serra encontramos por altitudes de 1600 metros, vivendo do favor do clima, e haurindo, rachiticos mas seculares, o magro alimento que o chão rochoso lhes póde dar, muitas vezes em sitios inaccessiveis ao homem, que, para d'elles colher elementos de estudo, tem de varejar com chumbo grosso os seus pomos e folhas.

* * *

É, pois, certo que, sob o ponto de vista do clima, foi a nutureza especialmente benigna para com uma monta-

VILLA DE MANTEIGAS

UNHAES DA SERRA — VISTA GERAL

nha de altitude notavel, — o que não quer dizer, — aviso aos excursionistas amadores de alpinismo, — que o clima seja ameno e que a Serra offereça facil travessia em todo o tempo.

Para se avaliar dos perigos desta travessia durante a quadra morta, mostrámos já o da neve em consideravel espessura e não gelada, aonde, como em algumas praias estremenhas que conheço, chegam a poder desapparecer na areia um cavalleiro e a sua montada, se imprudentemente se abalançam a atravessa-la. Sobre este piso ao mesmo tempo gelido, molle e molhado, os pés enervam-se, perdem a resistencia urgente para affrontar tão duras caminhadas, e não é raro succumbir a esta marcha extremamente fatigante o viandante menos forte, — ao que os naturaes chamam: *arreganhar*, alludindo com lugubre pittoresco á contracção dos enregelados musculos faciaes dos que assim morrem.

Outros phenomenos ha, devidos ás inclemencias mais ou menos passageiras do clima.

Assim, por exemplo, em maio de 1905, por um domingo do mais magnifico sol, sahimos de Manteigas para o valle das Eguas o meu amigo Julio Carlos Etur e eu, montados em solidas muares que um amigo commum amavelmente nos cedera na villa.

Por volta das duas da tarde, já no regresso, o horisonte turvou-se instantaneamente, sentiram-se algumas descargas electricas e a saraiva principiou a açoitar-nos puxada pelo vento. A marcha torna-se-nos então difficil e a dôr de unhas, de que tantas vezes eu ouvira falar, — *agarra-me.*

Logo que a senti, preveni do perigo o meu companheiro e immediatamente resolvemos abandonar as mulas e correr a bom correr para o Observatorio, onde nos acoitámos, até que, passada a borrasca, pudemos procurar as montadas e regressar a Manteigas.

O vento é por vezes tão violento que a respiração a contra-vento, quer dizer, na mesma direcção mas em sentido opposto ao da corrente de ar, é impossivel. N'estas condições, o que

OUTRA VISTA DE UNHAES DA SERRA

lembra logo é voltar as costas ao vento, recuando. Isto, em certas passagens de transito perigoso, é imprudente. Ha um meio unico: rastejar. Por varias vezes tive de recorrer a elle e, notoriamente, em certa excursão trabalhosa, durante a qual fui obrigado a rastejar cêrca de tres kilometros. A neve, como já vimos, apresenta-se geralmente solta, mas, sob a acção das geadas da primavera, sem tomar precisamente a fórma e a transparencia do gelo, agglomera-se fortemente em toalhas de superficie mais ou menos abaulada, enchendo as depressões do terreno e mantendo-se como uma boia sobre os filetes de agua que vae engendrando. N'estas condições, a neve parece derreter-se não pela superficie ou parte voltada para o ceu, mas pela que está ou parece estar em contacto com a terra. De ahi, o perigo apontado. Tambem em fins de abril de 97 partimos, o sr. Pedro Roberto e eu, da Covilhã para Manteigas, depois de almoçados na hospitaleira e fidalga casa do benemerito da Covilhã, o 1.º conde d'este titulo, meu saudoso amigo, e montados em cavalgaduras magnificas que elle puzera á nossa disposição. Viveres e bagagens carregavam outra muar conduzida pelo nosso guia, pessoa da confiança do fallecido conde. No caes da Estrella, onde o caminho volta para Manteigas e principia a descer com grande declive, a muar do guia acurvou as mãos em um d'estes tractos de neve, e, não dispondo nós de qualquer alfaia que nos podesse auxiliar na conjunctura, foi insano e demoradissimo o trabalho para libertar o animal, de que nem sequer nos pudiamos approximar. Conseguimo-lo após longas horas, quebrando o gelo com pedregulhos que iamos acarretando á cabeça, e sobre elle atiravamos, abrindo assim a requerida passagem. Chegámos a Manteigas ás 10 horas da noite, e o jantar, que saudosamente nos lembrava ha muito, esperava-nos desde as 4 e meia da tarde.

CASCATA NA SERRA DA ESTRELLA

No verão, e na região dos lagos, um perigo semelhante se apresenta ao que no inverno temos de vencer junto ás margens das ribeiras. — O terreno,

umas vezes nú, outras revestido de *capim*, acurva tanto, que póde, como a neve falsa, prender e submergir o caminheiro, se este, não attendendo ao aviso *que o proprio chão vae dando*, — conforme a concepção dos pastores, — imprudentemente caminhar sem verificar a resistencia do sitio em que firma os pés. Mas os lobos, ainda bastante florescentes na Beira, não atacam. Sobeja-lhes a caça para que se aventurem ao luxo de guerrear o homem; e a vibora, que nunca vi nos planaltos, só nos poderá morder se a pisarmos nas encostas quentes e humidas onde habita e, aliás, tambem é rara.

CANTARO MAGRO NA SERRRA DA ESTRELLA

Por fórma que já podêmos vêr que um guia alpino, um d'esses valentes rapazes que todos os annos pastoreiam atrevidas caravanas de inglezes e americanos sedentos de luz e de ar livre, tirado das suas regiões nacionaes de Chamounix ou da Iungfrau e posto na nossa Estrella com o seu *piolet*, a sua escada de corda, o seu pequeno chapeu de feltro, florido de *alpenrosen*, e a sua bravura, que, todavia, não excede a dos nossos guias e pastores, — ficaria inapto como profissional e teria de lenta e prudentemente iniciar-se n'estes outros mysterios da montanha d'aquelle antigo pastor que da Historia se ergue ainda heroico e paternal, — Viriato.

*

* *

Terminadas estas ligeiras notas pelos dominios do *sport*, voltemos ao problema da Serra sob o ponto de vista scientifico e economico: — Regularisação do regimen das fontes, producção da *hulha branca*, azote e combustivel. Sabido é que, entre as diversas vantagens com que as mattas dotam os paizes que as souberam estimar e religiosamente conservar, avultam o augmento das chuvas, a regularisação dos climas, — mais frescos no verão e mais quentes no inverno, — tornar perennes as fontes que, antes, ou não brotavam ou apenas brotavam no inverno, pôr á disposição da industria agricola azote, acido phosphorico e potassa, e fabricar grande copia de combustivel. Pondo de parte estas multiplas vantagens para só considerarmos por agora a da *hulha branca* ou *força hydraulica*, vejamos a sua importancia provavel, acceitando para base do nosso problema os seguintes dados, rigorosamente certos:

A FORÇA HYDRAULICA, TRANSFORMADA EM ENERGIA ELECTRICA, DARIA UM IMPULSO NOVO A TODOS OS RAMOS DA ACTIVIDADE DO PAIZ

1.º — Que a superficie da Serra da Estrella, susceptivel de se transformar em floresta, é de 20:000 hectares;

2.º — Que a matta constituida faz passar pelas nascentes e fontes da Serra um terço das aguas que ali caem annualmente;

3.º — Que a quantidade de agua, que por esta fórma acode ás nascentes da Serra, corresponde a 1.500 litros por metro quadrado;

4.º — E que se estas aguas se poderem aproveitar a altitudes inferiores a 1.000 metros, temos theoricamente uma força hydraulica que excede *4 biliões de cavallos de vapor* (*).

Transformada em energia electrica, e, quer transportada por cabos electricos, quer mobilisada por accumuladores, seria immensamente pratica e extremamente economica na producção, representando uma vantagem de ordem tal que paiz algum europeu a saberia desaproveitar como suprema fonte de riqueza. O aproveitamento d'esta excepcional fonte natural e de outras similares, embora inferiores, de que o paiz poderia dispôr, compensaria exuberantemente a falta da hulha e a extrema pobreza do territorio nacional em outros carvões fosseis, geralmente de qualidade pouco recommendavel para o uso industrial. Do sabio aproveitamento, pois, d'essas espantosas forças que hoje ainda desperdiçamos tão barbaramente, adviria para o paiz um impulso novo em todos os ramos da sua actividade, desde o adeantamento dos meios de viação fluvial e terrestre, até á sua facil applicação na

(*) Reduzida na pratica, esta fôrça attinge ainda o formidavel numero de *1 bilião* de cavallos. Como elemento de comparação, basta lembrar que a companhia dos electricos lisbonenses dispõe de uma fôrça de 2:000.

UM ACAMPAMENTO — COVÃO DO BOI — ALTO DO CANTARO — COVÃO DO SABATH — CANTARO RASO (SERRA DA ESTRELLA)

illuminação das cidades, no trabalho das fabricas, etc.

*

Em outro artigo estudaremos a producção do futuro massiço florestal da Serra da Estrella em madeiras, lenhas e mattos, apresentando então o interessantissimo problema da distribuição das lenhas e mattos, muito distinctos pela grande differença de valor: o que se póde e deve queimar ou utilisar como combustivel, e o que não deve ter este destino sem que mui graves prejuizos advenham, isto é o, que apenas se deve converter em pão e em carne.

Da falta de combustivel por um lado e, por outro, da utilisação impensada de materias primas de elevado valor para acudir áquella falta, — resulta para o nosso paiz perda *muito superior* á da resultante dos encargos das dividas fluctuante e consolidada!

José Lopes Vieira
Engenheiro silvicultor pela Escola de Nancy

Segundo Concurso Photographico dos «Serões»

Menção Honrosa

Felizes Edades

Photographia de Nemo

Azulejos de figura avulsa

PRESUMIVEL é que o ceramista portuguez, suggestionado pela faiança esplendorosa de Delft, iniciasse no seculo XVII a composição figurada no azulejo avulso.

Dispondo um assumpto em cada quadrilatero, como o hollandez, o producto indigena todavia não admitte, pela sua inferioridade, cotejo com aquelle.

O azulejador extranho avantajava-se e sobrelevava ao nosso pela sua habilidade excepcional, pelo ensino recebido do Oriente e ainda pelo poderoso manancial inspirativo que lhe forneciam as producções d'alguns dos mais notaveis pintores do seu paiz como o lyrico Van Goyen, Van der Neer, Wouwerman, Berghem, Van de Velde e Paul Potter, o doce Potter!...

Possuindo estes elementos preciosos, exhibiu, proficiente e culto, na placa de revestimento architectural, com uma delicadeza e minucia de traço inexcediveis, os diversos motivos que maravilhosamente resumem a Hollanda e onde se reflecte mesmo o espiritual pantheismo da sua grande arte, como: os inexhauriveis e deliciosos aspectos d'esse mar audaz que ella reprime e domina; os movimentados arremedos das kermesses transbordando de confusão e ruido, de alegria e volupia; a inconfundivel paizagem, cheia de bucolismo e doçura, onde ha a poesia nublosa dos céus, o calmo sonho do arvoredo, os perfis das habitações pittorescas, esguios campanarios, castellos ameiados e moinhos voltados ao vento de vélas cruciformes a bracejar na clareira, ou por onde se estiram as estradas alvadias com figuras que passam, um moleiro que chega, um boi que atravessa, um cão que desfila, ou então

por onde se espalham as correntes ligeiras e os canaes silenciosos dizendo a vida d'á beira d'agua, com os homens que pescam á linha, com os catraeiros que la-

butam no ancoradouro ou com os barcos veleiros seguindo inclinados ao sopro do vento.

E o seu talento creador mais se revela talvez nos episodios religiosos já de figuração mais ampla em que reconstituiu, n'um gracioso encanto e adoravel ingenuidade, as passagens biblicas, interpretadas conforme o sentimento popular protestante e independente, ou os cavalleiros d'um prodigioso vigor de linhas no soberbo *élan* da sua attitude.

Em certo typo d'azulejo, todavia, o artifice dos Paizes Baixos foi mais conciso. Não fez quadros e illustrou apenas com rapidissimos debuxos o centro de cada placa de faiança. Tal é aquelle em que compendiou o virgiliano poema da vida rural d'essa terra incomparavel.

N'outro, porém, ainda foi mais sóbrio com o desenho estricto d'um homem, d'uma ave, d'um quadrupede, etc, e que foi reproduzido nas telas de Metzu (*o donzel escrevendo*) e Van der Meer *(a menina da espineta* e *a leiteira)*.

Cada qual d'estas composições é exposta no exiguo espaço d'um tijolo, na sua maior parte, em proporções verdadeiramente miniaturaes, o que mostra o profundo conhecimento que tão insigne ceramista possuia dos segredos do seu difficil *métier*, empregando o esmalte duplo para conseguir um effeito mais seguro, dominando habilmente o pincel para produzir a leveza insuperavel do desenho sempre correcto e justo e evitar a mancha do extravasamento da tinta bem nuançada, e precisando intelligentemente a graduação thermica para rematar com exito impeccavel tão melindroso trabalho.

Pelo contrario o nosso azulejista, pela sua ignorancia, pela sua incultura e, sequentemente, pela sua penuria imaginativa, produziu uma obra mediocre, e por vezes, pessima. Lançando mão dos seus recursos tacanhos, procurou fixar nos azulejos, por uma copia grosseira, pessoas e coisas que o cercavam de perto, e quando se aventurou a proceder por determinação das suas pobres faculdades inventivas, confinou-se na interpretação material e symbolica de varias modalidades do seu pensar e do seu sentir.

Estereotypando na faiança, embora toscamente, varios dos multiplices detalhes do meio envolvente que mais o chocavam, ou as ideias que mais dominavam o seu espirito, o nosso obscuro ceramista realisou inconscientemente um trabalho valioso de documentação para o estudo da sua epocha e do seu tempo.

D'aqui o interesse e a importancia que assume o seu humilde relato iconographico, como subsidio magnifico da ethnographia nacional.

Pela vasta diffusão do azulejo solto no paiz se infere a intensidade do seu fabrico, que depois de radicado se alastrou e generalisou naturalmente pela facil assimilação dos processos technicos e pela rude singeleza dos motivos a executar. Já um estudo erudito e brilhante de raro revestimento plastico (1) revelou a sua existencia em localidades do norte como Porto, Ponte da Barca e Arcos de Valle de Vez. Mas um inquerito mais dilatado o lobrigou, ao deante, em Bouro e

(1) *Uma iconographia popular em azulejos* por Rocha Peixoto *in Potugalia* vol. 1 fasc. 3°.

S. Paio de Pousada, no districto de Braga, em Santa Luzia (polychromado e com a data de 1701) no districto de Vianna, e com uma profusão invulgar que lhe avulta o merito documental, por extenso e complexo, em trechos de edificios religiosos e civis da cidade de Coimbra, como: Vestibulo e adro da igreja de Santo Antonio dos Olivaes, *Via Latina* da Universidade, Casa das Obras Publicas, escada de um predio na Rua da Sophia e a que em Santa Cruz leva do Claustro do Silencio ao Côro, capellas que ladeiam a calçada conducente a Santa Clara, capella da matta do Jardim Botanico, pateo d'uma habitação na rua dos Coutinhos, muro duma propriedade sita no Almégue, além dos mostruarios reunidos no Museu do Instituto.

Embora este producto ceramico se tenha subordinado a uma technica fundamentalmente commum, os nucleos indicados accusam sensiveis desigualdades no preparo da pasta, na qualidade do vidrado e na factura pictural, o que pode significar procedencia de differentes centros manufactores e o influxo d'uma accentuada evolução.

A composição mesmo se evidencia n'uns mais acanhada e barbara, n'outros mais prolixa e perfeita.

Não obstante estas superioridade e fertilidade imaginativas, manifestas nos desenhos de certos azulejos, exhibem-se, porém, como trama intima, repetidos e sabidos motivos que formam a estreita base d'essa pobre decoração. Irreductivelmente indefectiveis são as flores, os fructos, certos animaes, as habitações e emblemas.

Todavia, por vezes, o azulejador desprendeu-se d'esta figuração imitada e então, na plena liberdade da sua phantasia e da sua acção, commentou facetamente os ridiculos observados, dia a dia, no seu semelhante e, principalmente, nas classes elevadas de quem dependia, denunciando assim o desafogo consolador da sua humilde condição social.

Eis o feitio trocista e brejeiro com fundos mordazes que sempre se manifestou em toda a arte popular.

Posto isto, cumpre fazer-lhes a descripção, agrupando os assumptos da maneira mais systematica e harmonica.

O mais vulgarisado é o elemento florico de que nos apparecem, com frequen-

cia, curiosas estylisações. Destacam-se alguns exemplares regionaes e predilectos do povo, como o cravo, a rosa, a açucena, o rosmaninho e a tulipa, em excesso, (devido talvez á influencia hollandeza) mas os restantes ou «são imitados da flora estampada nas loiças vindas do Oriente», ou puramente imaginarios com pretenções ornamentaes.

Dos fructos já isolados, já reunidos em cabazes, conhecem se as peras, as maçãs, as cerejas e ainda outros.

A fauna representa-se tambem largamente, notando-se comtudo a falta das especies ichtyologicas. Dos molluscos ostenta-se o caracol; dos batrachios a rã; dos reptis a serpente malefica de tradições mythicas; das aves, umas que povoam alegremente os nossos campos e montes e outras pertencentes á ornithologia exotica; dos mamiferos, o coelho timido fugindo alvoroçado d'orelhas erguidas, a raposa matreira tão admiradamente celebrada nos adagios, o cão faminto roendo o duro osso, o cavallo fogoso, o veado esbelto precipitado na fuga vertiginosa e audaz, o leão forte de juba soberana...

Na ultima escala dos vertebrados apparece a figura humana, da qual temos a

considerar primeiro os bustos, muito interessantes, sobretudo os femininos, cujos rostos emergem dos mantos, mantilhas e coifas, ou se emmolduram com os tou-

cados então em uso; por outro lado as cabeças masculinas cobertas com barretes e chapeus de varios feitios. Seguem-se os typos que mais se impuzeram á observação do artifice formando um conjuncto que synthetisa toda a comedia social.

A começar no grau mais infimo e desprezivel temos o infeliz criminoso justiçado na forca; o innocente condemnado da inquisição com os trajes infamantes; o mendigo da lenda, engelhado pela miseria, curvado sob o alforge e estendendo o chapeu ao obolo da caridade; o viandante, experimentado e previdente, varapau p'r'o lado, repousando da caminhada e dessedentando-se com o vinho trazido na borracha; a mulher caseira e diligente fiando na roca as estrigas de linho para o novo bragal; o barqueiro deslocando o bote, ao impulso da vara, em corrente placida; o fadista bohemio tangendo o arrabil soluçante; o pandego em rijo pagode, escarranchado na pipa e brandindo o fueiro; o infeliz mutilado com a perna de pau auxiliar e amparado a uma muleta para readquirir a nobre elegancia do *homo vulgaris* de Linneu; o caçador agil perseguindo a caça; o franciscano descalço, de cajado na mão, esmolando humildemente; o galan garboso de nobre distincção hierarchica; a mulher das classes baixas com o tronco occulto sob as capinhas, mantos e mantilhas; a dama aristocratica em simples traje de passeio ou em rigoroso costume de cerimonia...

Relacionados com o homem são os edificios, os meios de transporte, os objectos indicadores da sua actividade, os utensilios domesticos e outros, pelo que se traçaram nas placas, no mesmo debuxo ligeiro e tosco, as capellas humildes entre a frescura das arvores do adro com o ar festivo que lhes imprimem as bandeirolas ao alto do campanario com sino e grimpa; as casas simples ou senhoriaes; os castellos ameiados, vistos ou imaginarios tambem flammulantes como proclamando victoria ao findar do sonho derradeiro; os chafarizes monumentaes erguidos ao centro das praças ou parques; as embarcações embandeiradas que faziam a rota gloriosa, os barcos que se aventuram á pesca no mar alto, ou que nas correntes fluviaes navegam, á vela, á vara e á sirga; o braço do cavalleiro empunhando a valorosa espada, desembainhada nos combates por

sua patria, ou nos duellos por sua dama; o pente e a tesoura do estimado barbeirinho palreiro, que accumulava então o seu officio com as funcções de cirur-

gião entendido; finalmente, os objectos d'uso caseiro, como a borracha de coiro e a cabaça enlaçada com um cordel, proprias para as indispensaveis provisões pingoleiras nas jornadas longas ou nas romarias distantes.

Além de copista do meio envolvente, o ceramista affirma-se um interprete inconsciente da sua epocha cheia de corrupção em que dominava o catholicismo inquisitorial, supprimindo toda e qualquer manifestação superior da intelligencia, inspirando pelo terror nas consciencias, alimentando a ignorancia e ainda a ociosidade, determinada já pela influencia predisponente da passada grandeza das conquistas, que conduzia derivativamente á dissolução dos costumes e á extranha perversão moral d'esse desastrado periodo da nossa decadencia.

O degradante exemplo do mal partia do alto, como sempre, avassallando tudo, no que pertencia o papel preponderante ao clero, lançado ostensivamente n'uma devassidão louca vazando-se em grande parte sobre a classe popular, adstricta á ração distribuida á portaria dos conventos.

Esta, impotente para reagir e tambem

acorrentada ao vicio, desaggravava-se largamente das torpes affrontas soffridas com a mordacidade caustica dos annexins e adagios, contos e versos, esculpturas e desenhos fundamente allusivos a essa reinação desbragada, que assim ficou perpetuada na tradição. O iconographo, pois, dando largas á sua veia

satyrica, torna-se caricaturista e annota com a sua verve, ingenitamente pesada e barbara, certos defeitos, vicios e ridiculos do fragil ser humano «seu semelhante e seu irmão».

As necessidades organicas avultam no que ellas teem de mais comico e burlesco, como no homem nú atrapalhadissimo com a dolorida e custosa expulsão das materias fecaes, que vão cahindo em espiral desmedida, ou na mulher núa convertida em fontenario assustadoramente inundante. D'esta se deforma, por vezes, em exaggero monstruoso, a sua configuração anatomica.

Não escapa o grotesco do typo com dôr dentaria gritando com desespero, nem o dos bigodes insolentes pelas dimensões atrevidas, ou o de barbas e cabellos postiços.

Lá está tambem o individuo sem caracter, hypocrita e intriguista, que joga com pau de dois bicos, e é *o homem de duas caras* representado no rosto duplo.

A troça pronuncia-se largamente com relação aos narizes que apparecem de todos os tamanhos e feitios, recurvos e rectos, afilados e grossos; pequenos uns,

immensos outros. D'estes, alguns ha sobre que se erguem edificios ou arvores, e certos dentro dos quaes as aves fazem ninho, ou encontram farto alimento.

A ironia ladina não deixa de investir tambem com as coisas sagradas, como na scena da confissão em que o Pontifice absolve, com gesto misericordioso, os peccados tremendos do penitente ajoelhado a distancia, cheio de terror, emquanto o Espirito Santo adeja no alto em fórma de pomba transmittindo a inspiração ao mitrado maximo.

O escandalo não se occulta, como na scena do frade frascario, enlaçado na amasia e fugindo p'r'a rapisca, e muito menos nos episodios picantemente eroticos em que os tonsurados monasticos exercem papel importante.

O azulejista, em face d'este excesso de libertinagem conventual, manifestou conscienciosamente o seu parecer sobre a pena a applicar-se-lhe no intuito de a cohibir, desenhando um frade pio, apparentemente virtuoso e seraphico, mas, no fundo, malandro e devasso, com a tonsura magana atravessada por um espadagão. Castigo decerto ignominioso e cruel, mas justo para um desregramento aphrodisiaco tão reincidente e intoleravel, e conceituosamente alvitrado já por Gil Vicente no *Auto Pastoril Portuguez*:...

....

AFFONSO — Alguns d'elles vão per hi
E na estremadella assi
Não lhes fica môça bôa.
JOANNES — Bom machado na corôa
Que ficasse logo ahi!

....

Não obstante a sua propensão arraigada para o sarcasmo galhofeiro e para a reprezalia comica com laivos d'obscenidade crúa, o ceramista, já por educação, já por influencia do meio, acreditava na religião de que eram ministros esses padres impudentes, vergastados pelo seu temperamento humoristico n'um desforço gostoso e intimo. Longe porém das altas abstracções, intangiveis e mysteriosas, conhecia sómente d'essa mesma religião o que ao seu espirito e aos seus olhos se tornava real e comprehensivo, e só a amava no que ella tinha de invasivamente tocante e suggestivamente poetico.

Não olvidaria, pois, pintar alguns pormenores, ainda que ligeiros, todavia sufficientes para affirmar a sinceridade da sua fé.

Entre outros, o madeiro affrontoso da tragedia augusta do Calvario, como emblema supremo, logo se percebe com o lugubre sudario pendente dos braços; os anjos, enviados divinos, com as suas fulgurantes azas distendidas, ou, humildemente, de joelhos e mãos postas, bemdizendo o Senhor e os cherubins que o exaltam na côrte celeste; finalmente, as corôas que diademam as frontes das imagens da Rainha dos Patriarchas.

Além do christianismo venerado atravez das suas exteriorisações, é verosimil que dominasse forte no espirito do artifice o patrimonio surpersticioso, recebido dos seus ancestraes, resumindo na sua longinqua sobrevivencia os primitivos extractos da religiosidade. Inclinamo-nos a crêr que elle tivesse pois a intenção de reproduzir materialmente certas superstições, associando a figura humana á dos animaes inferiores em certas composições. Ou seriam motivadas com fins significativamente satyricos? Talvez. Mas a razão indicada conduz-nos áquelle modo de vêr.

Combinando pois o rosto do homem com um quadrupede, pretendeu certa-

mente representar o lobis-homem, vestigio profundo do antigo culto naturalista, entidade infeliz que pelas trevas da noite corria o seu negro fado; em outras placas aggrega-se o corpo d'uma ave á cabeça da mulher, significando indubitavelmente a alma do finado, o processo interpretativo na iconographia funebre do antigo Egypto; ha outras pinturas que pelo hybridismo das fórmas exaradas se referem naturalmente ao diabo, o espirito maligno, temerosamente famigerado pelas audacias infernaes. descriptas pelos agiologios, e pittorescamente celebrado pelo grotesco na tradição oral. N'esta categoria enfileiram tambem as aves nocturnas e sinistras que trazem os maus presagios da morte.

Cumpre indicar, por ultimo, as innumeras placas onde, copiosamente e em toda a sua latitude, se fixou o sentimento amoroso. Porque este seja commum a todos os homens, o azulejador serviu-se d'uma figura mythologica para exprimir a vulnerabilidade a que ninguem se exime. Assim, Cupido, sob a candura da sua meninice e das suas azas, arremessa, indistinctamente, d'olhos vendados, as flechas ferinas de que tem munido o seu carcaz.

Para representar, porém, esta affectividade universal ha o symbolo por excellencia — o coração.

Desde as epochas mais diluidas nas nevoas remotas do tempo que se conheceu, com uma intuição admiravel, a acção da sensibilidade emotiva sobre o grande orgão da circulação e se usou portanto do ornato cordiforme para traduzir da maneira mais suggestiva o amor humano. O iconographo tambem se aproveitou d'este emblema, generico na ornamentação popular, para interpretar na faiança todos os lances da subjectividade passional, traçando com terna phantasia os corações, ora chammejando no ardor intenso d'uma devoradora paixão, ora traspassando-se por uma setta dilacerante que diz a dôr d'uma ausencia pungente, ou d'uma indifferença cruel, ora com iniciaes ou nomes recordando vivazes e constantes as pessoas amadas, como se affirma na trova:

> Tenho teu nome gravado
> aqui no meu coração;

ora florindo na ventura primaveril dos primeiros amores; ora alados indicando a faculdade poderosa e inexprimivel de se approximarem d'aquelles a quem se quer bem:

> Meu coração inquieto
> para o teu peito voou... ;

ora simplesmente unidos, denotando a perpetuidade inviolavel da fé jurada, ou sob uma chave, indicio insuspeito da mais constante e sincera lealdade.

> Aqui tens meu coração
> e a chave para o abrir...

Descripto fica em synthese o depoimento que nos legáram alguns ceramistas ineditos, em valorisação diversa, sobre a sociedade que lhes foi contemporanea e atravez do qual ella revive na sua existencia intima ou na sua flagrante exteriorisação.

É uma obra inferior, espessa e barbara. Pasta defeituosa, vidrado rudemente plumbifero, desenho deploravel sem, comtudo, deixar de ser significativo e pela feliz espontaneidade do traço muitissimo expressivo por vezes.

Não obstante converte-se n'um documento apreciavel não só para o estudo da evolução do azulejo e da loiça com que mantem affinidades incontestaveis, mas tambem para o inquerito ethno graphico pelo que nos revela do Passado.

MANUEL MONTEIRO.

As almas penadas

Ha uma terriola ingleza, que responde ao nome de Nether Talkington, hoje notavel como séde de uma industria interessante, a das brochas de pello de camello. Mas tempo houve em que outra circumstancia assás consideravel a apontava a nacionaes e forosteiros. Era a unica povoação do Reino Unido que possuia um fantasma authentico.

Muitos outros fantasmas se tinham attribuido a differentes sitios, mas a existencia d'elles nunca fora satisfactoriamente averiguada. Esses mythos manifestam a sua presença por varias formas tumultuosas e absurdas, indignas de um espirito que se preza. Elles dão patadas no sobrado, elles arrastam pesados grilhões de ferro, elles quebram louça, elles deslocam os moveis, elles expellem de si os ruidos mais incommodos e arripiadores que é possivel imaginar.

Com o tal fantasma de Nether Talkington, o caso era inteiramente outro. Era uma authentica reliquia dos tempos da rainha Isabel, a alma penada de um fidalgo velho, que com um fim desastrado terminara uma existencia assás tempestuosa.

Os habitantes do sitio tinham um grande orgulho n'esta alma penada. Residia ella no seu velho solar da Granja, que ficava no extremo da povoação. Havia seculos que nenhuma creatura mortal partilhava com ella aquella residencia.

Reservavam-na especialmente para o fantasma e tinham o cuidado de ter sempre o fosso cheio de agua estagnada e de manter o solar nas condições de desolação adequadas ao seu extranho morador.

AO CAHIR DA NOITE, ANDAVA A PASSEAR NO TERRAÇO

Para uma alma penada, a mansão era deveras ideal. Assim o pensava evidentemente a alma do velho fidalgo, que com effeito d'alli não arredava pé.

De verão e de inverno lá estava ella, sempre prompta a satisfazer os curiosos que a quizessem entrevistar, e não eram poucos os concorrentes.

Era ao fantasma que a povoação devia o melhor da sua prosperidade. Não passava um dia em que não apparecessem visitantes com a mira de cavaquear com elle, e dias havia em que affluiam aos molhos.

A reputação do fantasma accentuara-se, desde que a Sociedade de Investigações Psychicas tinha proclamado a authenticidade do phenomeno.

IMAGINEM A CONSTERNAÇÃO
QUE GRASSOU POR NETHER TALKINGTON

Principalmente no verão, era uma romaria constante de forasteiros, entre os quaes avultavam americanos.

A alma penada era inoffensiva, e de indole pacata e taciturna. Havia occasiões em que falava, mas a sua linguagem era então quasi sempre imprecatoria. Tinha habitos extremamente methodicos. Apparecia a qualquer hora entre a meia noite e o cantar do gallo, e entre as nove e as dez da noite. Ás horas da madrugada, estava sentado na sala de jantar fumando um cachimbo fantastico que fôra dado de presente ao fidalgo por seu amigo Sir Walter Raleigh, o celebre introductor do tabaco em Inglaterra. Ao cahir da noite, andava a passeiar pelo terraço á espera de uma dama que ha cousa de trezentos annos lhe marcara uma entrevista, á qual tinha faltado ignominiosamente.

Esta methodica regulamentação, seguira-a constantemente o fantasma, segundo depoimentos fidedignos, desde a morte do fidalgo, occorrida pelos fins do seculo XVI. Não constava a alma viva que tivesse havido nunca a minima alteração no programma.

Imaginem por consequencia a consternação que grassou por Nether Talkington, quando correu o boato de que a alma penada faltara ao ponto. Ás duas da madrugada, um rancho de peregrinos da America comparecera na Granja em cata d'ella, e o guia não fôra capaz de lhes dar em espectaculo macabro o valor dos seus shillings.

Esperaram até ás quatro, mas a respeito de alma, nicles. E apesar de lhes terem restituido o dinheiro, os forasteiros na manhã seguinte foram-se embora, impando de furia. N'essa noite, um missionario mais um photographo, armado com uma machina de fazer relampagos, fartaram-se de esperar no terraço, mas ficaram a chuchar no dedo.

O desapparecimento do fantasma era um desastre medonho para a povoação, não só porque o shillingsinho de entrada concorrera em larga escala para alliviar o peso das contribuições aos habitantes, mas tambem porque importava uma deploravel perda do prestigio.

Mas para quem a catastrophe era particularmente sensivel, era para o dono da hospedaria do «Cisne Branco». Ainda no anno anterior elle pagara uma quantia calada pelo trespasse da loja, fiado nos freguezes que lhe attrahia o fantasma, e a falta d'este condemnava-o irremediatamente a fechar o estabelecimento. Havia tambem o homem do açougue, mais o padeiro, mais o louceiro do sitio, e ainda uma duzia de cozinheiros, creados e creadas, sobre os quaes recahiam tristemente os prejuizos do desastre.

E o mais prejudicado era sem duvida o cicerone da Granja, que via deante de si o espectro da fome, tão desprecavido elle se achava contra a inesperada calamidade.

Como o assumpto tinha excepcional importancia para a communidade, não se extranhou que, na primeira sessão do conselho parochial, o estalajadeiro do «Cisne Branco» se referisse a elle. Mostrou as vantagens moraes e materiaes que á povoação advinham da presença do fantasma. Não suppunha justo que o conselho cruzasse os braços deante da sua desapparição, consentindo sem lucta que Nether Talkington fosse reduzida ás condições insignificantes das terriolas circumvisinhas, destituida da gloria e do proveito que a apparição lhe grangeava.

O vigario, que presidia, concordou com o preopinante quanto ás desastrosas consequencias d'aquella falta, mas parecia-lhe que nada havia a fazer. O conselho não tinha poder legal ou moral sobre a alma do fidalgo. O fantasma não se compromettera por contracto a residir perpetuamente na Granja, e, embora fosse certo que elle se portara inconvenientemente ausentando-se sem previo aviso sequer, não havia remedio senão resignarem-se.

Seguiram-se outros oradores. Um d'elles propoz que se nomeasse uma commissão para tratar do assumpto.

Mas os conselheiros indicados para a constituirem, como não tivessem resposta satisfactoria ás perguntas feitas sobre a orientação a dar aos trabalhos e sobre os poderes que lhes assistiam, recusaram-se a fazer parte da commissão, e o assumpto ficou pendente como d'antes.

Passaram quinze dias sem que a alma tornasse a apparecer. Os curiosos deixaram de affluir a Nether Talkington, o «Cisne Branco» reduziu o seu corpo de serviçaes, e o pobre cicerone da Granja foi obrigado a recolher ao Workhouse (1).

Na sessão seguinte do conselho voltou ao terreiro a alma do fidalgo. Quando se aventou o assumpto, o presidente disse que a alma continuava ausente em parte incerta, mas sabia que um dos conselheiros, o sr. Sam Timperley, desejava fazer algumas considerações a tal respeito.

(1) Especie de asylo parochial, onde se dá trabalho a desvalidos e ociosos. (N. do Tr.)

Ergueu-se então Sam Timperley, que era o principal merceeiro da localidade.

«Sr. presidente», disse elle, «de facto tenho alguma cousa a dizer. Antes, porem, cumpre-me dar uma pequena informação sobre a minha pessoa. Nenhum dos presentes ignora que eu sou vegetariano, mas para todos será porventura novidade o que vou accrescentar: é que sou budhista».

Se elle se houvesse declarado anarchista, não poderia ser maior o escandalo. Á roda da meza parochial circulou um murmurio de surpreza e de repugnancia. Os conselheiros que estavam ao pé d'elle arredaram-se com um movimento subito de horror. Mas o merceeiro não se acobardou perante estas manifestações hostis, e proseguiu:

«Sim, meus senhores, sou budhista, e tenho muita honra n'isso. E se acaso os meus collegas soubessem o que é ser budhista, tenho a certeza que todos o seriam».

«Nunca!» ejaculou a voz firme do conselheiro Mudford, que era o boticario da terra.

«Todos o seriam», repetiu Timperley fitando com arrogancia o interruptor. «Ora nenhum dos meus collegas sabe o que vem a ser um budhista. Deixo á sua diligencia o informarem-se. Mas de uma cousa os quero fazer scientes. Depois de um certo prazo de exercicio, um budhista alcança o poder de se desintegrar, isto é, de apartar do proprio corpo a sua forma astral, ou, por outra, o seu espirito, o qual pode viajar á solta por onde lhe appetece. Eis o que eu sou capaz de fazer».

O POBRE CICERONE DA GRANJA FOI OBRIGADO A RECOLHER AO WORKHOUSE

«Oh! oh!» bradaram em tom de escarneo os membros do conselho.

«É como lhes digo», continuou severamente o merceeiro». E affirmo-lhes que estou preparado, mediante certas clausulas, a executar este feito em beneficio de Nether Talkington. A alma do fidalgo anda perdida pelas regiões ethereas, não ha ente humano que possa dar com ella, só isso é possivel a uma forma astral. É mister lançar um espirito á caça de outro espirito. Eu cá estou prompto a desintegrar-me e a minha forma astral presta-se a ir em cata do fidalgo. Se elle não é desarrazoado de todo, eu comprometto-me a trazel-o de novo ao aprisco».

TOPEI COM UM ESQUELETO DE DIMENSÕES COLOSSAES

«Meus senhores», disse o vigario levantando-se, «parece-me que o melhor é passarmos a outro assumpto. Por mim, sempre tive pelo sr. Timperley a maxima consideração, mas quer-me parecer que o nosso illustre collega está esta noite um pouco fora dos seus eixos. O que elle acaba de dizer convence-me de que soffre actualmente de uma extraordinaria allucinação. Não duvido de que o incommodo será passageiro; todos nós confiamos que a clara intelligencia do nosso collega volte em breve ao seu estado normal. Não podemos perder tempo a discutir a materia por elle apresentada, e peço portanto licença para passarmos á momentosa questão da drenagem».

«Sr. presidente», disse Timperley com firmeza, «protesto contra as suas imputações. Estou tão são de cabeça como qualquer dos presentes, tão livre de allucinações como o mais sensato dos meus collegas. O que disse, repito-o. Estou disposto a lançar a minha forma astral á caça da alma do fidalgo; sei que estou habilitado a fazel-o, porque hontem fiz a primeira experiencia, e a minha forma astral jornadeou pelos espaços com o maior exito. Hontem, meus senhores, o espirito de Sam Tymperley soltou-se do corpo e, depois de vaguear á vontade, para elle tornou, e o mesmo fará de novo, em sendo preciso».

«Terá o collega a bondade de nos contar o que observou n'essa viagem de experiencia?» perguntou um dos conselheiros com um sorriso escarninho.

«Não creio que a narrativa lhe agrade muito, sr. Sellars», disse Tymperley com gravidade. «Invisivel, visitei as casas de todos os presentes, e escuso de contar o que por lá encontrei».

«Atreveu-se a muito o amigo Tymperley», atalhou o boticario.

«Na sua despensa, por exemplo, sr. Mudford», proseguiu Timperley, fitando com persistencia o interruptor, «topei eu com um esqueleto de dimensões colossaes».

O sr. Mudford agitou-se na cadeira, com ar pouco socegado, mas não disse palavra.

«Não, meus senhores», continuou o merceeiro, «creiam que não os estou desfructando. Sou capaz de realisar aquillo que lhes proponho. E, em todo o caso, os senhores não teem nada a perder. Se eu me sahir mal, nem por isso as cousas correrão peior. Se eu me sahir bem, Nether Talkington recuperará a situação que perdeu».

E, ditas estas palavras, sentou-se o orador.

«Meus senhores», disse o presidente, «todos ouviram a proposta do nosso collega Timperley. Pela minha parte, nem por um momento acredito na possibilidade do que elle affirma. Entretanto, se elle deseja tentar o impossivel, não vejo motivo que lhe possamos oppôr. Afinal de contas, a cousa é tão sómen-

te com o sr. Timperley, e elle proprio não tinha precisão nenhuma de nos dar parte do que tencionava fazer».

O merceeiro ergueu-se de novo.

«O que eu disse é que estava prompto para o fazer, mediante certas condições. A façanha não é tão facil como tudo isso, visto que a desintegração da personalidade pode acarretar graves perigos. Citam-se casos em que o corpo succumbe ao esforço, e a forma astral, não podendo voltar para dentro d'elle, fica sujeita a vadiar para sempre sem eira nem beira. Ora o meu corpo nem por isso é muito robusto. Dei-lhe hontem um repellão tremendo, e não estou disposto a correr outra vez esse perigo *gratis pro Deo*. A condição que eu proponho é a seguinte: se eu conseguir que o fantasma volte, hão de ceder-me metade das receitas futuras, provenientes da admissão na Granja».

«Essa é boa! Já agora, o melhor é ficar com tudo».

Estes e similhantes sarcasmos sahiram das boccas da assembléa.

«Corro um perigo gravissimo, sr. presidente», repetiu o conselheiro Timperley, «e é justo que me compensem a temeridade. Se eu não levar por deante a tentativa, podem dizer adeus á alma penada. Isto é que é certo e mais que certo. A questão é simplesmente esta: ou os senhores recebem cincoenta por cento da receita futura, ou se contentam com cousa nenhuma».

Exposta assim nitidamente a questão, não havia meio de negar o razoavel da offerta. Depois de uma curta discussão, resolveu-se finalmente, com o unico voto contrario do implacavel Mudford, que, se passada uma semana o espectro não voltasse, o conselheiro Timperley teria liberdade de pôr em pratica a tentativa, sob as clausulas por elle propostas.

Decorreu a semana, sem que apparecesse na Granja o seu inquilino espectral. Na noite seguinte, Sam Timperley lançou-se á sua arrojada aventura. Varios collegas do conselho acompanharam-no até á porta, mas não foram mais avante em vista das suas vivas instancias. Timperley ainda appareceu a uma das janellas para se despedir dos collegas, e desde então a treva e o mysterio envolveram a Granja de Nether Talkington.

N'essa noite reinava na população um vivo alvoroço e vogavam os mais variados boatos. Houve um respeitavel contribuinte que assegurava ter topado o fantasma do fidalgo nas cercanias da povoação, com uma espingarda debaixo do braço, cortando por um atalho em direitura da Granja. E os que tal ouviram ficaram sobresaltados com a sorte de Sam Timperley. Contaram outros que mais tarde tinham lobrigado o espirito do desintegrado merceeiro a chafurdar no fosso á cata do espectro ausente, e que nunca mais o tinham visto de lá surdir. Estes e outros boatos chegaram todavia a parecer banaes, em comparação com as peripecias no dia seguinte occorridas.

Ás nove da manhã, conforme se combinara, o amanuense do conselho parochial penetrou na Granja, para ver o que era feito do corpo do merceeiro. Logo ao entrar ouviu vozes; teria decerto dado logo ás de Villa Diogo, se não houvesse reconhecido a voz do merceeiro. Foi o que lhe deu animo para se dirigir ao aposento d'onde ellas procediam. Abriu a porta de mansinho e espreitou para dentro. O espectaculo que se lhe deparou era sufficiente para abalar a coragem dos mais valentes. Sentado n'uma cadeira, via-se o corpo animado de Sam Timperley empenhado em viva discussão com o espirito do seu proprio dono, o qual passeava pelo aposento, com mostras de terrivel angustia.

«Eu o que lhe digo, meu fidalgo», bradava o espirito, «é que me está pregando uma partida verdadeiramente indigna. Pois venho eu á sua procura, para o restituir ao carinho dos seus amigos, ao conforto de sua casa, á paz que está gozando ha que seculos, e vae o fidalgo, o pago que me dá é palmar-me o meu pobre corpo, que nunca em sua vida lhe fez mal algum!»

«Ora adeus, meu caro senhor!» replicou o corpo. «Agradeço-lhe as suas amaveis attenções, mas em que eu não caio é em largar este seu corpinho, já que consegui apossar-me d'elle. Isto, meu caro senhor, é uma sorte grande, uma fortuna que não acontece a uma pobre alminha senão uma vez na vida, isto de encontrar a geito um corpo sem inquilino. Tenho muita pena de o ver n'essa situação embaraçosa, mas o amigo reputava-me tão satisfeito e feliz na minha antiga situação que lhe não deve custar muito a troca».

«Mas, ó fidalgo», imprecou o espirito lastimosamente, «isso não é justo nem decente. Appello para os seus sentimentos de honra. Pois não lhe parece?»

O corpo agitou as mãos com um gesto de indifferença.

«Historias da vida!» disse elle. «É evidente que o amigo não dava um grande apreço ao seu corpo, aliás não estaria tão prompto a largal-o. Repare alem d'isso que, embora eu tenha agora residencia e estado civil, nem por isso a minha situação é muito invejavel. O seu corpo não me serve nada bem».

«Ah! o fidalgo, realmente, não pode estar á vontade dentro d'elle», acudiu anciosamente o espirito de Timperley. «Eu proprio me sentia apertado lá dentro, quanto mais o fidalgo que é muito mais alentado do que eu! Ha de sentir-se sempre incommodadissimo».

DESATOU A FUGIR COMO UM DOIDO

«Que lhe hei de eu fazer? disse o corpo com resignação. «Eu cá espero que esta sua carcassa sempre ha de alargar um bocadinho. Mas o que isto está cá dentro é horrivelmente secco. Estou que o amigo ha que tempos que não se regala com uma pinga de vinho das Canarias ou um copazio de Borgonha. Onde demonio poderei eu arranjar um pichel de boa vinhaça?»

«Isso é que nem por sombras!» clamou o espirito muito assustado. «Lá vinho é que não pode ser! O meu organismo não tolera similhantes bebidas. Ha que annos que eu sou vegetariano e temperante».

«Que vem a ser isso?» perguntou o corpo.

«O meu corpo não está habituado nem a cerveja, nem a vinho, nem a carnes. Com respeito a liquidos, agua, limonada e leite; a respeito de solidos, açorda, hortaliças e arroz, eis o meu regimen, e é esse que o fidalgo deve seguir».

Pelo rosto do corpo, passou uma expressão de supremo desdem.

«Quer-me parecer que Vossa Mercê tem sido modesto em demasia!» disse elle com fulminante sarcasmo. «Vamos a experimentar o effeito da boa cerveja e do bom vinho, de bons nacos de vacca e de porco, n'este seu rico corpinho».

«Não faça tal», bradou o espirito. «Olhe que vae ter enxaquecas e palpitações terriveis. Esse meu corpo não é muito robusto. Dá cabo d'elle n'um instante, se bebe uma pinga de vinho».

«Essa agora!» exclamou o corpo cheio de furia. «Quer o senhor dizer que vim encafuar-me n'uma carcassa enfezada e enfermiça? Que para isso não valia a pena perder a minha independencia? Pois demonios me levem se eu não ponho este seu corpo em tal estado que nem sua propria mãe será capaz de o reconhecer! Elle agora não é lá muito bonito, verdade, verdade, mas, em eu lhe dando algum uso, muito peior ficará!»

N'este ponto, deu com os olhos no amanuense, que tinha imprudentemente introduzido a cabeça, para não perder um nadinha do que se ia passando.

«Olé», bradou o corpo, erguendo-se de salto». Temos bisbilhotice? Quem sois vós, villão ruim? Respondei depressa, aliás passar-vos-hei de lado a lado com a minha excellente durindana!»

Mas o amanuense não esteve disposto a responder, nem a ser espetado. Desatou a fugir como um doido, levando comsigo á povoação a terrivel novidade: o fidalgo tinha reapparecido, apossara-se do corpo de Sam

Timperley na ausencia do dono, e agora recusava-se a restituil-o.

Isto lá parecia demais, para que a gente do sitio lhe desse credito. Começaram a affluir á Granja magotes de incredulos, afim de verificarem por seus proprios olhos a realidade do facto. Deparou-se-lhes o espirito de Sam Timperley de joelhos ao pé do seu proprio corpo, a desfazer-se em supplicas e lamentos.

O unico dos curiosos que não voltou costas e não se poz logo em fuga foi o sr. Mudford. Evidentemente, Sam Timperley estava atrapalhado; bastava isso para lhe dar animo de resistir aos primeiros impulsos de pavor. A taes extremos de agonia descera o espirito do pobre Timperley que acolheu com jubiloso alvoroço o seu antigo adversario.

«Ainda bem que chega o conselheiro Mudford.!» exclamou elle pondo-se de pé. «Esse conhece bem todos os incidentes d'esta historia. Ó amigo Mudford, diga aqui ao fidalgo que me restitua sem demora o meu corpo. Bem vê a triste situação em que me encontro, aqui ao frio com outro sujeito enfiado dentro do meu corpo. Isto é simplesmente monstruoso!»

E o espectro do merceeiro tinha em cada olho uma fonte de lagrimas.

«Sinto muito o que lhe acontece, amigo Timperley», redarguiu Mudford, «mas avenha-se lá como puder. O amigo estava bem consciente do perigo que corria; agora soffra-lhe as consequencias.»

«Em todo o caso, não podem negar-me o direito aos cincoenta por cento,» bradou o espirito de Timperley com aspereza, «porque o que é facto é que acarretei com o fidalgo para a Granja».

«Não ha tal!» acudiu o corpo. «Foi por minha livre vontade que eu voltei hontem á noite de casa de um amigo, que ha mais de noventa annos andava a convidar-me para uma caçada. Já cheirava a má educação insistir na recusa, pois não acham?»

«Pode limpar a mão á parede, amigo Timperley», disse Mudford. «Prejudicou-se, sem fazer bem a pessoa alguma».

«E agora quem é que me ha de olhar pela loja?» gemeu o espirito.

«Este cavalheiro, está bem de ver», casquinou Mudford. «Já arranjou um modo de vida. Os freguezes com certeza que não dão pela troca», accrescentou elle em ar de consolação.

«E a Helena!» choramigou o espirito.

«AH! LÁ POR ISSO NÃO SEJA A DUVIDA!»

«Como é que eu hei de agora casar com ella?»

«Ah! lá por isso não seja a duvida!» exclamou o corpo. «Eu tomarei conta da Helena».

O espirito de Sam Timperley parecia a pique de desfallecer sob os tremendos horrores da situação, e o implacavel Mudford contemplava-o regosijando-se com a sua angustia. Até que afinal o fidalgo se levantou e começou a passeiar de um lado para o outro o corpo do merceeiro. Ora o corpo movia-se desastradamente, e o seu inquilino espiritual fartava-se de vomitar pragas contra a estreiteza e o mal acabado do domicilio. De repente estacou.

«Olhe lá!» disse o fidalgo ao sr. Mudford. «Estou com um appetite de tremer. Não terá a bondade de me indicar uma pousada onde o passadio seja decente?»

«Com todo o gosto», replicou Mudford. «Estou que o dono do «Cisne Branco» se ha de esmerar para lhe servir um almoço de truz. Depois passaremos pela loja do amigo Timperley, para tomarmos posse d'ella. E, em seguida, iremos fazer uma visitinha á Helena».

«Se tal fizerem, teem a minha alma á perna!» guinchou o mofino espirito.

«Ora adeus!» disse Mudford, encolhendo os hombros. «O amigo não nos assusta; já sabemos quanto peza». E, enfiando o braço pelo do corpo extorquido ao merceeiro, lá o foi guiando para fora do aposento, deixando o espirito do conselheiro parochial Sam Timperley na pacifica posse da Granja.

E n'estes termos permanece tudo ainda hoje. O fidalgo não quiz tomar conta da mercearia—não era alma que se rebaixasse a tanto—mas casou com Helena, e acceitou o logar vago de cicerone da Granja. Agora, os seus deveres profissionaes são-lhe em extremo agradaveis. É elle que apresenta aos visitantes, que affluem cada vez mais, a forma astral de Sam Timperley, sentada e succumbida, a meditar melancolicamente na sua desgraça. O pobre fantasma está sempre prompto para conversar com todos a respeito do seu desafortunado caso, e o cicerone gosta immenso de se intrometter na conversação para o irritar. Isto redobra ainda o interesse para os visitantes, e por isso o conselho da parochia duplicou tambem o preço das entradas. Ás vezes, o espirito de Sam Timperley ausenta-se durante horas, e ao voltar explica que foi dar uma volta pelo Thibet afim de consultar sobre o seu pleito um Mahatma muito insigne. O Mahatma prometteu-lhe vir a Inglaterra em tendo tempo de seu, exorcisar a alma do fidalgo e restituir o corpo ao seu legitimo possuidor. Mas o tal sabio deve ter o seu tempo muito occupado, porque ainda não encontrou uma migalhinha que dedicasse ao desventurado merceeiro.

Versão do inglez de

HENRY A. HERING.

PARAPHRASE

Quando fores um dia ao Campo Santo
em busca do meu tumulo, querida,
has-de chorar, talvez, compadecida,
perolas santas de um bemdito pranto!

Não acharás por certo algum encanto
nessa morada lugubre, perdida,
entre flores gentis e verde manto
da relva que me cobre enternecida...

Colhe essas flores todas, por piedade,
ó divinal archanjo de bondade!
affaga-as com carinho e com meiguice...

Colhe-as... que alguma te dirá, calada,
a confissão mais louca e apaixonada,
doces phrases de amor que eu te não disse!...

(Piracicaba — S. Paulo)

OSCAR BRISOLLA

VISTA DO PAÇO DE CINTRA
Do «Livro dos fortalezas» de Duarte d'Armas» (reinado de D. Manuel)

A Torre do Tombo

(CONCLUSÃO)

Segundo já frisei, o Archivo foi, durante largo periodo, considerado principalmente como estação de caracter fiscal. Os mais antigos funccionarios que nelle superintenderam, foram um védor da fazenda, João Annes, um contador dos contos de Lisboa, Gonçalo Esteves, e um contador dos almoxarifados de Setubal e Obidos, Gonçalo Gonçalves. A carta de nomeação do segundo (1403) é dirigida a João Esteves, «que tinha encargo do regimento dos contos da cidade de Lisboa»; e a de Gomes Eannes de Azurara (1454), aos védores, contadores e almoxarifes da fazenda. As certidões eram authenticadas com o sello dos contos. O Archivo dependeu por muito tempo do Conselho da Fazenda, sendo não raro guarda-mór um de seus membros.

Como justamente observam os auctores do interessante livro *O Archivo da Torre do Tombo*, a que tantas vezes me tenho soccorrido, é certo, comtudo, que, apesar dessa preponderancia do ponto de vista fiscal e administrativo, o valor historico das peças archivadas começou logo a ser tambem objecto de consideração, e a prova está em que o *guarda das escripturas da torre do castello* era, em regra,

ao mesmo tempo, chronista-mór. Já Fernão Lopes — o quarto na serie — teve cargo de *poer em caronica as historias dos reis que antigamente em Portugal*

PAGINA DO «LIVRO DAS ARMAS», DE ANTONIO GODINHO

Concluido entre 1528 e 1541, na opinião do sr. A. Braamcamp Freire — Os brazões representados são os de el-rei D. Manuel, da rainha D. Maria, do principe D. João e do infante D. Luis.

forom, e os *grandes e altos feitos* de D. João I, — em virtude de nomeação de D. Duarte, o bondoso e infeliz principe, que, na «inclyta geração» do mestre de Avís, se distinguiu pela sua esmerada cultura intellectual.

E longa e singularmente brilhante, porquanto abrange cinco seculos e nella fulgem alguns dos mais gloriosos nomes da nossa historia literaria, a serie dos guarda-móres da Torre do Tombo. Citarei Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina, Damião de Goes, Antonio de Castilho, João Pinto Ribeiro, Manuel da Maia, José de Seabra da Silva, o visconde de Santarem, o cardeal Saraiva e Antonio de Oliveira Marreca.

Até fins do seculo XVII, o pessoal superior do Archivo compunha-se unicamente do guarda-mór e do escrivão. Depois, apparecem-nos officiaes e escreventes, sendo de notar que só excepcionalmente esses funccionarios conheciam a lingua latina e a paleographia, que mais tarde constituiram habilitações imprescindiveis.

Na primeira metade do seculo findo, foi o Archivo mais ou menos profundamente reorganizado em 1802, 1823 e 1839; e era ainda o regime fixado nesta ultima data o que vigorava, quando, em 1887, foi creada a *Inspecção geral das bibliothecas e archivos*, de que ficou dependendo a Torre do Tombo,

que, a esse tempo, considerada já instituição de caracter exclusivamente scientifico e literario, estava subordinada á direcção geral de instrucção publica.

O logar de guarda-mór, ocupado então por Antonio de Oliveira Marreca, foi extincto, do mesmo modo que o de bibliothecario-mór, passando o Archivo e a Bibliotheca Nacional a ser dirigidos por conservadores-directores, e sendo a superintendencia nesses dois institutos e na Bibliotheca de Evora confiada ao inspector geral, Antonio Ennes, que desempenhava, desde o anno anterior, o cargo de bibliothecario-mór, em que tinha succedido a Mendes Leal. Oliveira Marreca, afastado já, por sua avançada idade, do exercicio effectivo das funcções de guarda-mór, ficou addido ao quadro.

Por essa remodelação, augmentou-se o pessoal do Archivo, substituiram-se as designações dos logares, organizou-se um curso de instrucção superior, destinado a preparar bibliothecarios e archivistas e de que faziam parte, além das cadeiras de historia, philologia e literatura do Curso Superior de Letras, as de diplomatica e numismatica, professadas já, respectivamente, na Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional, e a de bibliologia, então instituida.

Quatorze annos decorridos, — em 1901, — foram de novo reformados os serviços das bibliothecas e archivos nacionaes. Ao inspector geral, dependente do director de instrucção publica, succedeu o bibliothecario-mór, que se corresponde directamente com o ministro, e a quem foi dado, como auxiliar e substituto, o inspector das bibliothecas e archivos; a direcção immediata da Torre do Tombo, que era exercida por um dos conservadores, passou a ser attribuição de funccionario especial, o director, da escolha do governo; o pessoal foi reduzido; o accesso aos logares superio-

CAPA (RESTAURADA) DO «LIVRO DAS ARMAS» DE ANTONIO GODINHO
Velludo carmezim,
cantos, fechos e armas reaes de metal amarello

res, difficultado, para mais rigorosa selecção; a cadeira de diplomatica, desdobrada em duas, professando-se numa a paleographia e noutra exclusivamente a diplomatica.

* * *

Do mobiliario e da fórma de acondicionamento dos livros e cartas, no tempo em que o Archivo occupava a *torre albarrã* do castello de Lisboa, pouco se sabe.

Em antigos documentos, encontram-se referencias a «cofres grandes, forrados de ferro», «arcas ou escriptorios», armarios e estantes. O conhecimento

assignado por Fernão de Pina em 28 de agosto de 1532, — documento a que já alludi — menciona apenas, de mobiliario, tres mesas, «duas grandes de assento, com seus pés, e uma de engonços», e duas cadeiras de pau.

PAGINAS DO «APOCALYPSE» DO MOSTEIRO DE LORVÃO (1189)

Transferido o Archivo para o edificio de S. Bento, depois do terremoto de 1755, ordenou o solicito guarda-mór Manuel de Maia que se fizessem cincoenta armarios de madeira do Brasil, pintados a oleo, com filetes e ferragens doiradas, para os livros das chancellarias, e treze mais singelos, — porque, dos antigos, só um ficára «com alguma similhança do que fôra», — dezoito estantes, igualmente de madeira do Brasil, uma commoda de pinho em fórma de mesa para o porteiro, mesas e bancos. Adquiriu tambem dois reposteiros, uma garrida, duas campainhas e um relogio de parede, — que existe e que o velho official Azevedo Neto, de quem ainda fui collega, dizia ser o unico *funccionario* do Archivo mais antigo do que elle...

Os armarios e estantes de madeira do Brasil desappareceram com a mudança do Archivo para a ala norte do edificio. Os livros e maços estão agora dispostos em estantes de madeira vulgar, pintadas, que, sobre os armarios do tempo de Manuel da Maia, tem, no entanto, a vantagem de ser abertas.

No gabinete destinado ao director, ha uns moveis antigos, relativamente apreciaveis, que parece terem pertencido a algum dos extinctos conselhos, juntas ou mesas, cujos cartorios foram

transferidos para a Torre:—um contador indo-português do seculo XVII, duas pequenas commodas com ferragens uma elegante cadeira D. João V.

dicionamento, o *Corpo chronologico*, o *Bullario* e a *Collecção especial*.

Do primeiro, fazem parte muitos diplomas do primitivo nucleo do Archivo, e nelle se vão, ao mesmo passo, encorporando certos documentos que é de uso archivar na Torre do Tombo, como, por exemplo, autos de inauguração de monumentos. E' collecção variadissima, em que se encontram cartas de soberanos estrangeiros, tratados e convenções com diversas potencias, contractos de casamento de principes de Portugal, testamentos de alguns dos nossos reis, cartas de embaixadores portugueses e estrangeiros, etc. Tem

CARTA DO «ATLAS» DE FERNÃO VAZ DOURADO (1571)

* * *

Dêmos agora ideia, embora summarissima, das riquezas que o nosso Archivo encerra.

Entre as collecções, ou corpos formados na Torre, salientam-se, pelo avultado numero e pelo interesse historico das peças que os constituem, o das *Gavetas*, que deveu certamente o nome á sua primitiva fórma de acon-

indice, elaborado em 1765, e todos os documentos antigos que a formam foram transcriptos, no começo do seculo XIX, em 53 volumes.

O *Corpo chronologico*, organizado por Manuel da Maia, comprehende cêrca de oitenta e tres mil documentos. Divide-se em tres partes, e abrange o longo periodo que vae de 1123 a 1699. Tão variados são os assumptos a que se referem esses actos, que é impossivel indicar de modo generico a indole da collecção, em que se crê terem sido encorporados os documentos entregues a Damião de Goes pelo secretario de estado, Pero de Alcaçova Carneiro.

O *Bullario*, sim. Esse, como do proprio titulo se infere, compõe-se de documentos de uma só categoria: — bullas, breves e rescriptos. Coordenado tambem por Manuel da Maia, em 1751, e successivamente enriquecido até 1881, conta hoje 3426 documentos, — em parte já impressos pela Academia Real das Sciencias no *Corpo Diplomatico Portuguez*.

E' recente a *Collecção especial*. Formam-na, divididos em tres secções *(bullario, diplomas e miscellanea)* e dispostos chronologicamente, os diplomas e cartas que a extincção dos conventos de frades fez convergir para o Archivo Nacional. Cedo se reconheceu o inconveniente de desmembrar os cartorios recolhidos, de modo que, na Torre do Tombo como, em geral, nos archivos estrangeiros, tem-se, depois, invariavelmente respeitado a sua integridade.

Embora muito menos numerosa, — 1717 peças apenas, — é tambem interessante a collecção de *Cartas missivas,* sem data, mas todas do seculo XVI.

Os *Maços de leis*, em que os originaes mais antigos remontam a D. Affonso II e D. Dinis, e a collecção de tratados e convenções entre Portugal e diversas potencias estrangeiras, são corpos cujo principal interesse é o diplomatistico, por isso que muitas leis e regimentos correm impressos e os tratados foram todos publicados na *Collecção* dirigida por Borges de Castro e Judice Bicker.

Os livros da Chancellaria real, importantissimos registos de nomeações, concessões de terras e de tenças, privilegios, perdões, etc., constituem uma das series mais interessantes e mais consultadas do Archivo, pela inesgotavel riqueza de factos, datas e noticias que encerra. Ascendem esses livros a mais de 1100, devendo observar-se que os anteriores a Affonso V não são, pela maior parte, originaes, porque, attendendo ao que lhe foi representado nas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1459, ordenou D. Affonso que, dos livros de registo de seus antecessores, se transcrevessem ou extractassem as escripturas *que sustanciaes fossem, pera perpetua memoria*, desprezando-se as outras.

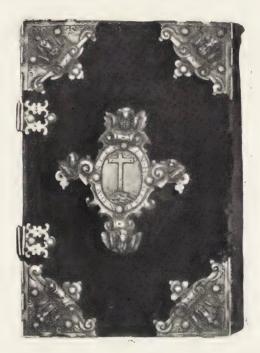
Não em acto continuo, mas entre 1526 e 1532, como se deprehende do confronto dos inventarios nessas datas assignados por Fernão de Pina, desappareceram setenta e seis dos antigos livros da Chancellaria, que a execução daquella providencia fizera certamente considerar inuteis, salvando-se bem poucos. Foi perda em extremo sensivel, porque muitos documentos houve que se reputaram *escusados* e de que, por isso, nem um breve summario ou extracto se exarou em os novos livros, e, dos que se aproveitaram, poucos foram transcriptos na integra.

O mais antigo livro original da Chan-

cellaria regia, instituição que existia já, pelo menos, em tempo de D. Sancho I e que só foi extincta no de D. Pedro IV (D. Miguel), — pertence ao reinado de D. Affonso II, e está num dos maços de foraes, evidentemente por incompleta analyse do seu conteudo.

Os registos ou livros da Chancellaria, que, mais ou menos pontualmente, eram transferidos para o Archivo depois da morte dos soberanos, constituiam, com os das inquirições ordenadas por D. Affonso II, D. Affonso III, D. Dinis e D. Affonso IV, para conhecer das pensões e serviços a que eram obrigadas as differentes povoações, e talvez com mais alguns, o que se denominava a *livraria,* — e, de certa epoca em deante, a *livraria velha*, — da torre do castello de Lisboa.

A *livraria nova*, formavam-na os 60 luxuosos volumes de pergaminho, illuminados, em que D. Manuel, impellido por aquelle intenso amor da arte e do fausto que dominava os principes e grandes senhores da Renascença, mandou se transcrevessem, não só documentos registados nos livros da Chancellaria, como outros, originaes, antigos e contemporaneos, dividindo-os «per livros de cada ũa comarca e cousas della, e assi dos maestrados, e outros de cousas misticas...» São esses os livros hoje denominados da *leitura nova*, livros que, ao interesse historico, derivado da perda de muitas das peças nelles transcriptas, alliam o interesse artistico, pelos primores de calligraphia e de illuminura que encerram — embora nem todos os illuminadores, cujos nomes nos são desconhecidos, á excepção de dois (Alvarus e Antonio Fernandes), fossem igualmente peritos na delicada e encantadora arte de illuminar.

Outra serie bastante vasta é a dos livros de *registo de mercês*. Este serviço, creado em 1547, foi commettido em 1833 á Torre do Tombo, onde é

CAPA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS»
que servia da mesa do Conselho geral do Santo-Officio da Inquisição

ainda hoje desempenhado, e para onde pasou o respectivo archivo, que não remonta além de 1681, data em que foram devorados por um incendio os livros dessa repartição, cujas attribuições se confundiam, em parte, com as da Chancellaria.

Foge-me o espaço, e, no entanto, ser-me-hia necessario dispôr ainda de algumas columnas para enumerar, — só para enumerar, — as outras collecções e series que o nosso Archivo actualmente possue.

Recorde-se o leitor de todos os conselhos, juntas, mesas e estações officiaes que, com o antigo regime, foram extinctas; lembre se dos numerosissi-

mos conventos e collegiadas pelo país dispersas, e talvez possa avaliar a differença enorme entre o Archivo de hoje e o repositorio de escripturas e livros por quatro seculos abrigado na *torre albarrã* do castello de Lisboa, embora (cumpre observar) nem de todas essas repartições e institutos se hajam ainda recolhido os archivos, ao que se tem opposto, principalmente, a falta de espaço.

PAGINAS DO «LIVRO DOS EVANGELHOS» DA MEZA CONSELHO GERAL DO SANTO-OFFICIO

Citarei apenas, pela sua excepcional importancia, os cartorios do Conselho geral do Santo-Officio e das inquisições, — em que o numero de processos-crimes se eleva a mais de trinta e seis mil e o de processos para habilitação de *familiares* ascende a mais de doze mil, e sem cujo exame se não póde escrever a historia social do país desde os fins do seculo XVI, até os fins do seculo XVIII — o do Desembargo do Paço ou do Conselho de Guerra, os das ordens militares de Christo, Sant'Iago e Avís, o do Ministerio do Reino (livros e documentos anteriores a 1843).

Dos archivos ecclesiasticos, fazem parte as cartas, diplomas e cartularios mais antigos, existentes no país, os mais vetustos monumentos historicos da nossa terra, dos quaes a tenacidade, a erudição e o criterio de Herculano fizeram irradiar a luz que lhe desvendou os primeiros seculos da nossa existencia nacional, seculos cuja reconstituição — tão escassos são, ainda assim, os documentos, — representa amiude uma intuição quasi prophetica do passado, e as intuições do passado são ás vezes mais difficeis, como elle proprio algures confessa, do que as intuições do futuro.

Seria indesculpavel que eu encerrasse esta noticia

bitauit in nobis, (& vidimus gloriam eius, gloriam quaſi vnigeniti à patre,) plenũ gratiæ & veritatis.

Sequentia ſancti Euangelij ſecundum Matthęum.

CVM NATVS eſſet Ieſus in Bethleem Iudæ, in diebus Heródis regis: ecce Magi ab oriente venérunt Ieroſolymam, dicẽtes. Vbi eſt, qui natus eſt rex Iudæorum? Vidimus enim ſtellam eius in oriẽte, & vénimus adorare eũ. Audiens autẽ Heródes rex, turbatus eſt, & omnis Ieroſolyma cũ illo. Et cóngregans omnes principes ſacerdotum, & ſcribas populi, ſciſcitabatur ab

PAGINAS DO MESMO «LIVRO DOS EVANGELHOS»

sem me referir, embora muito ao de leve, aos mais bellos manuscriptos illuminados que no Archivo se guardam, — biblias, missaes, evangeliarios, livros de *Horas*, livros de armaria, etc.

Fallei já da luxuosa recopilação manuelina. Apontarei agora a primorosissima *Biblia* dos Jeronymos, em sete volumes, trabalho italiano dos fins do seculo XV, expressamente feito para Portugal pelo miniaturista Vante di Gabriello Actavanti; o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo, arcebispo de Paris, cuja affinidade com a *Biblia*, sob o ponto de vista da execução, é evidente; as *Horas* del-rei D. Duarte, o *Livro da nobreza perfeiçam das armas dos reis christãos e nobres linhages... de Portugal*, de Antonio Godinho, escrivão da camara de D. Manuel; — o *Livro das fortalezas* de Duarte d'Armas (sec. XVI); — o *Livro das Aves* do mosteiro de Lorvão, interessantissimo codice dos fins do seculo XII (1183), em que as aves descriptas são representadas com uma accentuação naturalista, que faz contraste com o caracter symbolico, hieratico, da illuminura, nesse periodo; — e o barbaro mas inapreciavel *Apocalypse* (commentarios), tambem de Lorvão, que, em grosseiros, ingenuos esbocetos á penna sobre fundos amarellos e vermelhos, nos dá ideia da architectura, moveis, trajos, alfaias, jaezes, etc., do ultimo quartel do seculo XII (1189).

Para terminar, — *last, not least*, — citarei o celebre *Atlas* de Fernão Vaz Dourado (Gôa, 1571), que *trata de todos os reinos, terras, ilhas, que ha na redondeza da terra, com suas derrotas e alturas per esquadrias*. Truncado barbaramente, ha mais de meio seculo, por um funccionario do Ministerio do Reino, em commissão na Torre do Tombo, que lhe cortou o frontispicio e um dos mappas, contém hoje quinze cartas geographicas e tres cosmographicas.

O Archivo possue uma bibliotheca de historia, antiguidades, litteratura e

TINTEIRO QUE PERTENCEU A ALEXANDRE HERCULANO

legislação, que comprehende, além de mais de dois mil manuscriptos, para cima de quatro mil e duzentos impressos, entre os quaes alguns rarissimos, como a *Vita Christi* e outros *incunabulos* (impressões do seculo XV), a primeira edição das obras de Gil Vicente (Lisboa, 1562) e a dos *Colloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India*, pelo doutor Garcia d'Orta (Goa, 1563) o *Index da Livraria de Mvsica do mvyto alto e poderos rey Dom Ioão o IV*, etc.

* * *

O actual regulamento (1902) permitte, sem restricções, a leitura e extracto de codices e documentos anteriores a 1500; e faz depender de auctorização do director, a dos comprehendidos entre 1501 e 1800, exceptuados os que se refiram a assumptos coloniaes e diplomaticos, que só podem ser consultados com permissão do bibliothecario-mór e transcriptos precedendo despacho do ministro do reino. As peças posteriores a 1801 não podem ser communicadas sem auctorização ministerial, — salvas, é claro, as legislativas. Ha tambem, no regulamento, disposições especiaes ácerca das peças que se refiram a individualidades e sobre cuja data não tenham ainda decorrido sessenta annos, ou a familias ainda existentes.

O leitor decerto me acreditará sem difficuldade, se eu lhe disser que não attinge elevadas cifras a estatistica mensal da leitura no Archivo. Particularidade interessante: as parcellas mais valiosas são frequentemente representadas pelos investigadores de geneologias, a quem (diga-se de passagem) os documentos reservam muitas vezes as mais amargas desillusões...

E, todavia, apesar dos trabalhos de Herculano e Gama Barros, apesar das monographias e das contribuições documentaes publicadas por alguns investigadores benemeritos e despremiados, a historia completa da civilização portuguesa, em todas as suas modalidades e em todos os seus periodos, não poderia ainda ser escripta com absoluta segurança sem longas e pacientes investigações, sem um cuidadoso esmerilar de factos, com que a nossa indole, os nossos habitos, a nossa educação intellectual nos tornam, em regra, antinomicos.

A pintura synthetica e dramatica da vida de uma nação constitue, sem duvida, uma fórma de escrever historia tanto mais para apreciar, quanto é certo, como observa Oliveira Martins, que é a mais propria para suggerir ao espirito do leitor uma ideia nitida, real, duradoira. Mas, pelo que toca á sociedade portuguesa, creio que não será impertinencia, no estado actual dos nossos conhecimentos historicos, recordar estas palavras, que um dia Alexandre Herculano escreveu ao auctor da *Vida de Nun'Alvares*: — «Generalizações de factos que não se conhecem, ou se conhecem imperfeita e incompletamente, fazem rir, e rir ainda mais quando se tomam por factos erros ás vezes bem grosseiros».

D. José Pessanha.

Cliches A. Lima.

A Capital acorda os seus rumôres
Saïndo dos theatros elegantes.
Sorriem nas alcovas os amôres ;
Beijam se carinhosos os amantes.

Passam carros doirados d'opulencia,
Envoltos n'uma nuvem de perfumes...
A Lua é fria, e a carne da Indigencia
Cortam seus raios, finos como gumes.

A Lua é fria. Emtanto vae doirando
Os muros dos palacios e casebres.
Pelas esquinas vê-se deslisando
A sombra da Miséria, envôlta em febres.

Vão rareando já os passeantes ;
O frio enorme rasga a pelle núa.
Abandonados, cáem os brilhantes
Nos guarda-joias. Brilha mais a Lua.

E a Velha sóbe a rua já deserta,
Puchando á face o chaile esburacado...
Ao longe a sentinella grita : «álerta» !
Aos bordos passa um ébrio tresnoitado.

Corcovada, buscando um bem perdido,
Ha tanto tempo e que jámais achou,
Lembra a Velha, no corpo resequido,
A fórma da Saudade que a beijou.

Vae coxeando sempre... A Lua abraça
Num raio d'oiro a esqu'letica figura.
No espaço paira a sombra da Desgraça,
Como a seguir da Velha a nódoa escura.

E ella vae caminhando como um Sonho
Cujo fim desconhece o que sonhou....
Tem um ar de cançasso, um ar tristonho
Como o ar da Saudade que a beijou.

Perpassa uma patrulha lentamente,
Como a imagem do Crime, que vigia ;
No azul sóbe o luar solemnemente ;
Sempre, cada vez mais, a noite fria.

Mas a Velha não pára. Um mau destino
Parece que a impélle a procurar
O Seu Passado, alegre como um hymno,
Que como um hymno se perdeu no ar.

Segue as ruas tortuosas e escuras ;
Transpõe as praças negras d'arvorêdos :
Cada bêcco é um poêma d'amarguras,
Cada esquina um romance envolto em mêdos !

E sempre caminhava... Um templo esguio
Surge-lhe á frente, cheio d'altivez.
Tem o luar punhaes d'intenso frio :
Sentiu a Velha, então, gelar-lhe os pés.

Sentou-se nos degraus da egreja augusta,
Tirou da face o chaile miserando,
E como creancinha, que se assusta,
Estremeceu, a Lua contemplando.

Talvez pensasse no Porvir medonho !...
E assim quedou fitando o Azul dos Ceos,
Repetindo a sorrir como num sonho :
«Uma esmolinha pelo amor de Deus !»

A Lua-cheia, olhando docemente,
Numa auréola doiráda a envolvia...
Não passava na rua alma de gente ;
Pezava a Noite, cada vez mais fria.

Lisboa — 1904

Francisco da Silva Passos.

O GRAVADOR FERNAND DESMOULINS, DESENHANDO AS NOTAVEIS IMAGENS DE ESPIRITOS, QUE HA ANNOS FIZERAM SENSAÇÃO

O mundo invisivel

O artigo, que abaixo transladamos de um magazine americano, devido á penna scintillante de Vance Thompson, resume brilhantemente o estado actual de todas as sciencias que mais ou menos se ligam com o sobrenatural. Por elle se aprecia a reviviscencia de muitas das velhas doutrinas que, sob os nomes de alchimia, magnetismo, espiritismo, diabolismo, occultismo, etc., estavam quasi absolutamente desdenhadas pela sciencia moderna. Essas doutrinas tendem a tomar um logar importante na investigação scientifica, e em todo o mundo culto se lhes presta uma attenção promettedora de pasmosas descobertas, de que algumas das recentes, com o alvoroço com que foram acolhidas, representam apenas porventura um insignificante inicio. Por todos estes motivos contamos que este curioso artigo desperte um vivo interesse entre os leitores dos «Serões», correspondendo ao nosso desejo de os ter sempre ao corrente de todo o moderno movimento scientifico.

Epoca de scepticismo. Pouca gente acredita em quanto não traga comsigo o cunho da sciencia.

A moda intellectual está toda virada para o materialismo. Para o mais ha apenas uma incredulidade facil. E no emtanto — curioso phenomeno! — nunca o mundo esteve tão povoado de fantasmas. Nunca prendeu tanto as attenções no occulto. Nunca poz ouvidos com mais angustiosa expectativa a essa porta cerrada, atraz da qual se alargam mysteriosos silencios — a porta do sepulcro. E por fim parece-me o facto assaz natural. Sempre em epocas de descrença, quando se enfraquecem as formulas conservadoras da fé, ha um accrescimo immenso de vago supernaturalismo. Foi no cynico seculo XVIII, quando Voltaire vibrava sobre a religião os risos de escarneo, que dominaram no mundo os feiticeiros, os nigromantes, os magicos — todos os Mesmers e Cagliostros. O nosso novo seculo, egualmente sceptico, tem a mesma paixão do maravilhoso. Só o que mudou foi o feitio dos bruxos. O magico moderno vem do laboratorio. Fala em nome da sciencia, porque existe uma sciencia do immaterial — uma sciencia de feitiçaria — uma sciencia que tem os seus professores e as suas sociedades eruditas, os seus jornaes e os seus magazines. Até os mesmos fantasmas que apparecem nas sociedades de investigações psy-

chicas assumiram um aspecto scientifico; já não andam a passeiar por corredores desabridos, tilintando grilhões espectraes; exhibem-se a congressos scientificos por uma fórma pratica e moderna. Pelo mundo fóra, os phenomenos psychicos estão sendo estudados por peritos da sciencia.

Pondo de banda as theorias, elles entregam-se á observação de factos scientificamente estabelecidos. Estendem-se os seus trabalhos desde o estudo da hypnose hysterica e da transmissão das forças psychicas até aos rançosos mysterios de encantamentos e apparições.

E que sabem elles?

Um homem de sciencia affirmará haver uns filamentos fluidicos que ligam os vivos aos mortos; e depois surge a genial descoberta de Durand de Gros, as almas espinaes — nem mais nem menos! «O animal vertebrado não é simples, mas composto, uma congerie de almas, uma associação de certo numero de individualidades que são indicadas pelas varias vertebras».

Uma noite — noite de chuva e borrasca — sahia eu da grande sala da rue d'Athènes onde se congregavam os videntes do mundo; extraordinarios, extraordinarios deveras esses prophetas e sabios do occulto, da theosophia, do espiritismo — negociantes de esperança, todos elles; mais extraordinaria, se é possivel, a cohorte de anciosos mysticos que alli tinham ido a comprar uma leve esperança de immortalidade e ouvir as vozes dos mortos.

Acaso charlatães? Acaso victimas de um logro?

Ainda que assim fosse, era pathetico deveras; mas este congresso era mais serio; da clinica e do laboratorio haviam trazido a ultima palavra homens de inquestionavel reputação scientifica, taes como Richet e Maxwell e Grasset. Deram o passaporte da sciencia ás pobres das almas penadas—d'essas que apenas communicavam com os viventes por meio de pancadas nas

A GRANDE SALA DA RUE D'ATHÈNES

mezas. Passaporte grave, de ponderoso verbo, como deve ser o da sciencia, rezando pouco mais ou menos assim: "Existem espiritos; são personalidades intelligentes, extrinsecas, autonomas, como individuos humanos; de feito, são entes humanos desencorpolados, e effectuam e dirigem os phenomenos conhecidos pelo nome de psychicos, afim de se manifestarem aos viventes». Foi esta sentença emittida por homens de sciencia do mundo inteiro, reunidos em magno congresso. Deveria ter sido um momento de alegria e de orgulho para os pobres espiritos, até aqui tão chasqueados pelas suas miseras tentativas de communicar mensagens do outro mundo por meio de pancadas n'uma mezita. Pensava eu isto emquanto estava á espera de um *fiacre* defronte do grande salão da rue d'Athènes. Cahia agua a potes. Appareceu um velho professor, delegado da Sociedade de Investigações Psychicas de Nova York. Dei-lhe a hospitalidade do meu guarda-chuva.

O MAJOR DARGET DESCOBRIDOR DOS RAIOS N

Disse-me elle então:

— As apparições — prefiro esta palavra a espiritos ou fantasmas — mudam com os tempos. Parece que sabem de tudo. Por exemplo, n'esta epoca de sciencia, de telegraphia sem fios e clinica psychiatrica, quando existe a tendencia de as classificar como simples phenomenos subjectivos, allucinações, doença de nervos, lesão cerebral, parece que perceberam todas as objecções que a sciencia poderia contrapôr á sua existencia real. Empenharam esplendidamente a sua campanha no intuito de se fazerem conhecidas. Sabiam que a sciencia não fazia caso d'ellas. Todas as suas manifestações de nada lhes valiam. «Tudo isso», dizia a sciencia, «está fóra do campo das minhas investigações. Não me importam taes cousas».

— E que aconteceu?

— Quanto maior era a pertinacia da sciencia em as tratar de resto, mais terriveis se tornaram os phenomenos psychicos, mais se alargou a fé popular n'esses phenomenos, os quaes se arrogaram o nome de scientificos na mira de attrahir os homens de sciencia. Hoje em dia ha muitas apparições que negam, ou antes pretendem negar, a sua propria existencia. Surgem com um risinho de mofa, a dizerem: «Não façam caso; eu não passo de uma allucinação». Ah! são terriveis — concluiu o douto velhote — muito mais terriveis do que os espectros domesticos dos bons tempos.

E é facto.

Os espiritos, que vagueiam modernamente pelo mundo occulto, são fortes e terriveis.

Algo veremos das suas obras, e porventura um relance das suas lividas physionomias e das suas mãos macilentas; mas primeiro seja-me licito pedir á sciencia a sua explicação.

E que sabe a sciencia?

Talvez se convençam de que a sciencia — longe de ter banido os fantasmas do nosso mundo comezinho — se tornou ella propria mystica, fantasmagorica, eivada de bruxedos. Seria curioso, não é assim?

A SCIENCIA E O MUNDO OCCULTO

Os homens de sciencia, physicos, experimentadores, os que se interessam pelos phenomenos psychicos, agrupam-se nas varias aggremiações da especialidade. Annualmente, realiza-se um congresso. O ultimo reuniu-se em Londres — no numero 20 de Hanover Square, W. O presidente eleito foi o Dr. Charles Richet, de Paris, succedendo a homens tão diversamente eminentes como o Right Honourable Arthur Balfour (o ultimo primeiro ministro da Inglaterra) e Sir William Crookes. O proposito da associação é estudar por methodos positivos os phenomenos chamados mysteriosos e anormaes. O dr. Richet é um typo admiravel do investigador psychico. Está a leguas de distancia do mysticismo. Experimentador, vivisseccionista, sabio, fleugmatico, inquisitivo, elle representa admiravelmente esses homens de sciencia que tomaram entre mãos o estudo do mundo invisivel. Tanta diligencia fazem para fugir á menor tinta de supernaturalismo, que puzeram de banda a velha phraseologia— espiritualismo, espiritismo e palavras que taes —e promulgaram a existencia de uma sciencia nova, scientificamente considerada. Quando nós ouvirmos o que elle tem para dizer-nos — o que ha de dizer-nos, esse barbaças fumador de cachimbo, na sua livraria da rue de

l'Université — ficaremos sabendo ao certo qual a sciencia que trata do mundo invisivel. «Tudo é possivel; nada está provado».

A sciencia moderna alcançou o estado de graça em que se abstem de negar a apparição de fantasmas e tenta explical-os. Em clinica

CAMILLE FLAMARION FAZENDO UMA CONFERENCIA SOBRE ESPIRITISMO

franca, a apparencia de um espectro não iria de encontro a nenhum dos factos conhecidos da physiologia, da chimica ou da physica.

Quaes os factos definidos que tem adquirido a sciencia?

A mudança de personalidade; esse é hoje classico. A evidencia da telepathia é indubitavel. Pode isto afigurar-se uma temeraria declaração; é trivial para quem estiver em contacto com as derradeiras experiencias da clinica metaphysica. Ainda ha bem poucos annos, antes de surgir Pasteur, pareceria simplesmente disparatado quem falasse de estudar a febre typhoide ou o cholera ou a erysipela n'um laboratorio. A telepathia é uma certeza adquirida, tanto como a theoria da circulação do sangue, de Harvey, que tres academias de medicos acoimaram de impossivel.

E a explicação dos extraordinarios phenomenos: serão acaso suggestões e instigações vindas de outro mundo — intervenção dos espiritos dos mortos, de anjos ou demonios? É esta a opinião seguida por quasi todas as seitas de occultistas, d'esses que prestam culto

É isto, creio eu, o que resumiria o seu pensar.

Durante os ultimos quarenta annos, registaram-se grande numero de experiencias, as quaes fornecem prova cumulativa; mas o *experimentum crucis*, como diziam os velhos alchimistas, a prova irrefutavel, essa ainda está para se achar. Todavia, cada anno, com o seu novo registo de experiencias, vae accrescentando á evidencia. Deve-se ter em lembrança que esta obra está nas mãos de homens da envergadura de Lombroso, Zoellner, Crookes, Lodge, de Roches, Gribier (do Instituto Pasteur de Nova York) e dezenas de outros, que não se deixam illudir por apparencias. A sciencia chegou pois ao ponto de dar importancia ao mundo que não se vê. E' esse um grande passo. Raras vezes a sciencia tem errado em se determinando a estabelecer factos; quasi sempre se tem enganado ao proclamar negações: para citar um exemplo historico, Lavoisier declarando que os meteorolithos não podiam cahir do ceu, por isso que no ceu não havia pedras.

nas innumeras pequenas religiões do mysticismo. A sciencia não vae tão longe. Contenta-se em declarar:

Primo — Existem na natureza certas forças desconhecidas, capazes de actuar sobre a materia.

(Inclue isto todos os phenomenos objectivos da metaphysica, taes como o transporte de corpos de um para outro local, a luminosidade, etc.)

Secundo — Possuimos outros meios de conhecimento, além dos da razão ou dos sentidos.

(Applica-se isto aos phenomenos subjectivos da metaphysica, incluindo telepathia, dupla vista, videncia).

Por outras palavras, a sciencia reconhece a existencia de um mundo invisivel, onde vagueiam forças desconhecidas; que fantasmagoricas cousas serão, isso ignora ella, mas sabe que são reaes, fortes e terriveis. Não são materiaes; senhoreiam a materia. Forças occultas, mas já não desconhecidas; deu-lhes a sciencia passaportes e nomes. Seguindo pois Lombroso e Maxwell, a sciencia admitte a realidade da transmissão da força psychica. Admitte a dupla vista. Conheci um escocez que tinha essa faculdade. Era nas Hebrides. Mostrou-me um homem que passava pela rua; vestido de preto, creio que seria um mestre-escola. E o escocez disse-me que esse homem de preto estava morto, estirado n'uma praia. E dentro de vinte e quatro horas o que elle vira tornou-se real; o cadaver do mestre-escola foi encontrado na praia, facto aliás commum por aquelles sitios. A dupla vista, e a telepathia pela qual uma personalidade communica com outra atravez do espaço infinito — velha acquisição dos magos — e a videncia que lê a carta cerrada ou o documento occulto nas entranhas escuras de um cofre de ferro — são phenomenos psychicos hoje em dia auctorizados pela sciencia.

ADORADORES DO DIABO NAS CATACUMBAS DE PARIS

Parece pois razoavel dizer-se que a propria

sciencia se vae tornando mystica, fantasmagorica, dada a bruxarias.

A MAGIA NEGRA E LUCIFER

Os investigadores de phenomenos psychicos estão traçando as curvas — para me servir de uma expressão mathematica — de uma sciencia nova que, longe de entrar em conflicto com elles, será o supplemento dos factos observados na biologia, na chimica e na physica. O mundo occulto não se contenta em aguardar. Agora como sempre—desde a primitiva infancia da raça humana — trata-se das obscuras e tremendas forças que enxameiam pelas fronteiras da vida. Evocam-se uma que outra vez d'essas nebulosas regiões afim de executar façanhas extraordinarias no mundo dos homens. É a esta collaboração com as forças psychicas incognitas que os nossos antepassados chamavam com razão magia. Hoje, como então, ella constitue um exercicio perigoso—o mais perfido dos intoxicantes psychicos. Tive em Paris ensejo de estudar alguns d'esses tenebrosos feitos da moderna magia. Entre os que d'ella se occupavam, contavam-se personalidades tão eminentes como Paul Adam, um dos maiores romancistas modernos, Laurent Tailhade, o poeta Edouard Dubas, Jules Bois, a actriz Suzanne Gay, e Estanislau de Guaita. Este ultimo arriscou vida e a razão nos seus conflictos com o desconhecido. O seu corpo astral era *destacavel*, como dizem os occultistas; quer dizer, a sua alma possuia a faculdade de se apartar do corpo, sem romper completamente a corda fluidica que a ligava ao corpo. Afinal esse milagre era realizado pelos feiticeiros da Edade Media. Esta perigosa pratica conduziu de Guaita á loucura e á morte; á loucura e á morte levou o poeta Dubas; e n'um dado momento houve de se internar Laurent Tailhade n'um manicomio. Recordo-me d'essas noites memoraveis em que de Guaita mandava sua alma para longe de si a travar extraordinarias pelejas. Ora o mais curioso é que Bosellau começou lá em Lyon a formular sentidos queixumes; averiguou que de Guaita lhe enviava venenos subtis que iam dando cabo d'elle. Lembro-me de que Jules Bois tomou a defeza do sacerdote de Lyon, e bateu-se com de Guaita perto de Meudon. Uma das testemunhas era o sobrinho de Victor Hugo, Paul Foucher. A outra era Laurent Tailhade. Apezar de provirem de um espingardeiro experimentado, e terem sido carregadas por um official do exercito, só uma das pistolas é que disparou: foi a de de Guaita e a bala acertou no alvo. Jules Bois fez fogo, mas a bala não sahiu da pistola; e o feiticeiro, um magrizella de olhos azues como aço, poz-se a rir.

E n'essa noite disse:

— Ora! eu fiz pacto com a população para lá da fronteira!

O ILLUSTRE DR. CHARCOT

Suppunha elle que, em troca de certas instrucções e auxilios e o dom de certas faculdades, tinha o corpo e a alma hypothecados a essa população de alem das fronteiras como elle dizia. Pelo que dizia respeito ao corpo, referia-se elle á morte subita, essa pseudo *angina pectoris,* que levou tantos feiticeiros antigos e modernos, incluindo o proprio Charcot. Pois foi essa subita morte que com effeito o arrebatou a elle, e mais á jovial actriz Suzanne Gay, com quem elle casara e a quem precipitara tambem na vertigem da bruxaria e da morte.

Não são reminiscencias alegres, estas. Mas podem levantar uma ponta do veu que cobre a vida occulta d'esse Paris moderno, a cidade do enigma. Querem penetrar mais avante? Pois eu rocei por tormentosas e mysteriosas aventuras n'esse mundo occulto de Paris; vi morrer gente, vi endoidecer gente no esforço de explorar a região de alem da fronteira, essa nebulosa região de superstições, de esperanças e terrores, por onde pairam as forças incognitas. Não é bom aventurarem-se por lá. Tem graves perigos a pratica da magia. E' o mais perfido dos intoxicantes psychicos.

As forças obscuras que a sciencia reconhece, mas não define, exercem uma attracção maravilhosa sobre espiritos de certa ordem. Ha dezenas de templos em que se lhes presta culto sob diversos nomes. Conheço um templosinho em Bruges onde se reunem os adeptos de

Lucifer, e não longe do Pantheon, em Paris, existe um altar a Pandœmon. Poderá isto parecer grotesco; talvez seja, mas é formidavel.

Escusado é dizer que os ritos com que se adora Lucifer estão envolvidos em grande mysterio. Ha cousa de dois annos, visitei eu uma das capellas; ficava na rue Rochechouart. Celebrou-se a Missa Negra, a qual não tenho appetite de descrever.

Era n'uma sexta-feira ás tres horas. Sobre o altar havia uma figura alada de Lucifer, entre lavaredas; calcava aos pés um crocodilo, symbolo da Egreja. Ha poucos dias achei a capella fechada. Só depois de laboriosas indagações é que dei com o novo paradeiro dos Satanistas. A sua capella agora fica n'uma grande casa, n.º 22, da rue du Ruisseau, ainda á sombra da cathedral do Sacré Cœur em Montmartre. Satanaz continua a ser alli adorado; todas as sextas-feiras, reunem-se alli os Luciferianos. Podia nomeiar muitos d'elles, homens bastante conhecidos nas profissões cultas. Alguns d'elles teem sufficiente influencia para alcançar uma que outra vez direito de entrar pela noite adeante nas catacumbas; ahi, entre caveiras e ossadas, em orgias que não me apraz descrever, teem adorado o espirito do Mal, evocando Baphomet, e Lucifer e Belzebuth e Astaroth e Moloch, com gritos e gemidos hystericos. Esta tentativa de restabelecer a adoração do Archanjo Cahido é, creio eu, a mais notavel manifestação do occultismo moderno.

Mercadores de esperança, e espiritistas

Chiromantes, astromantes, somnambulistas, cartomantes, videntes, são estes os humildes traficantes de esperança; por uma chapa de prata ou por uma moedita de ouro, mercadejam aos curiosos o futuro em retalho. Nunca em tempo algum houve tal enxame d'elles nas grandes cidades. Por mais pobre que seja, não ha aldeiola sem a sua bruxa. Não é mais crente a creada de servir do que a rainha. O Czar não é o unico discipulo de Philippe, o propheta hypnotico; outros mais tem este encontrado nas côrtes de Austria e da Inglaterra. Onde a realeza antiga tinha o truão e o astrologo, tem hoje o seu nigromante. Ás vezes

O PROFESSOR DARVILLE, UM DOS CHEFES DA ESCOLA MAGNETICA

homens, quasi sempre mulheres, estes prophetas e prophetizas teem na ponta da lingua toda a gerigonça da nova sciencia do maravilhoso. O velho methodo de deitar cartas acha-se complicado com lethargia magnetica. A dupla vista e a videncia decoram-se de theorias da exteriorização da intelligencia. A astrologia encontrou novos apologistas scientificos. O dr. Gillespie e o estadista Balfour verificaram os effeitos das constellações sobre a saude physica; é um passo á retaguarda para a crença dos antigos astrologos; a lua, que tão poderosa influencia exerce nas marés, nos doidos e nos amantes, tem affinidades proximas com as estrellas. E o mundo atropella-se em volta do astromante; revestido de azul, elle pousa perto da sua esphera celeste, no quarto pintado de

azul, com mobilia e cortinados azues, tudo alli azul, que é a côr do ceu; e dos labios ciciantes escoam-se os presagios das estrellas.

Encontrei uma tarde o astromante, que não envergava então o traje profissional, em casa do magnetizador Jacob. Um dos *sujets* de Jacob era uma dama baixinha, de olhos pretos. Desejava saber o que lhe reservava o futuro. Deu ao astromante a data do seu nascimento; e elle ficou a scismar por uns instantes. Por fim disse:

O PROFESSOR NOISSAN, DO INSTITUTO DE PARIS, ALCHIMISTA MODERNO

— Minha senhora, acautele-se dos animaes ferozes!

A tal damasinha desatou a rir logo, com os olhos negros a fuzilarem zombarias; realmente não são poucos os perigos em Batignolles, mas não consta que andem por lá tigres nem pantheras a vadiar. Nós começámos a troçar do propheta, e elle, que era um camponio de aspecto extranho, um visionario, não encontrou replica á troça. Quasi um anno depois, li eu a noticia de um espectaculo tragico no Cirque d'Hiver. Exhibia-se n'uma jaula de feras uma creatura n'um estado de transe hypnotico. Durante algumas noites, os bichos respeitaram essa catalepsia com apparencias de morte. Mas uma vez, sem explicação plausivel, precipitaram-se em tropel sobre a misera mulher e laceraram-na com unhas e dentes. A victima foi levada para o hospital, com a carne aos farrapos. Ignoro se morreu; mas occorreu-me á memoria o presagio do astromante. Coincidencia? Seria.

Faz-me lembrar a «coincidencia» do velho sabio Chevreul, que viveu cem annos de scepticismo. «Eu não acredito senão em factos», era a sua phrase predilecta; e foi n'essa vida de ver e crer que uma vez irrompeu, não sem ironia, um d'esses espectros modernos e scientificos de que me falara aquella noite o professor americano, na rue d'Athènes. Chevreul estivera a trabalhar até altas horas da noite. Levantou-se para ir do gabinete para o quarto de cama. E viu então, viu distinctamente, a porta do quarto obstruida por uma especie de fantasma. Estava alli erecto e immovel. O velho sabio não se assustou. Olhou para o relogio.

— Duas e tres quartos da madrugada.

Depois examinou o fantasma, voltou á meza de trabalho e escreveu:

«Uma especie de cone truncado, tendo em cima uma esphera».

Em seguida, passou atravez do espectro e foi-se deitar. Na manhã seguinte, soube que, á

hora marcada, morrera um amigo seu, que não via ha annos, e lhe tinha legado a sua livraria.

— Coincidencia! — disse o velho Chevreul.

Os nigromantes modernos fazem principalmente negocio em esperanças e consolações;

CURIOSA PHOTOGRAPHIA DE UM ESPIRITO AUTHENTICADA PELO CORONEL DE ROCHAS

enchem o futuro de brilhantes perspectivas e de uteis advertencias; trazem recados dos mortos que o amor não olvidou; não se pode dizer que causem grande prejuizo. Paris, a cidade da luz e do riso, está semeada de templos espiritistas. Ha um notavel na rue Saint Jacques; outro fica na rue des Martyrs. Todos elles em peso derivam das irmãs Fox, as quaes assombraram Nova York ha cousa de meio seculo. Entre os fieis ha homens como Sardou, que é por signal um excellente medium, e Saint-René Taillandier, o enviado francez a Marrocos, e Camille Flammarion. A dar-se-lhes credito—e porque não? —os espectros são mais activos no descrente Paris do que em qualquer outra cidade, hoje em dia. O novellista Jean Lorrain assegurou-me que a sua actividade é uma ameaça á vida usual e quotidiana. Por muito tempo elle os evocou, e os fantasmas compareceram; agora apparecem de seu motu proprio; ás escuras, sente a cada instante mãos frias a pousarem-lhe no corpo. E Paulo Adam, eminente e serena individualidade, foi durante um anno importunado com ataques de larvas, as quaes lhe segredavam suggestões perturbadoras.

O espiritismo é o successor do occultismo medieval e da magia, mais velha ainda. Hoje a sciencia, sem lhe acceitar as manifestações, trata de as estudar; e n'essas aguas turvas se teem pescado quasi todos os factos sobre os quaes se funda a metapsychica moderna. Como o magnetismo, o espiritismo tem chamado a attenção dos medicos para os phenomenos do somno por inducção e tem fornecido muitos dos dados para o estudo da hypnose e da suggestão. Os mediuns, que crêem, como as antigas pythonizas, serem possuidos de extranhos espiritos, teem servido para o estudo da mudança de personalidade e da telepathia. Tem-se verificado que os prodigios, diabolicos e divinos, registados em todas as religiões primitivas, não eram tão fabulosos como os criticos suppunham. Em todo o caso, a sciencia admitte a existencia de uma força — chame-se ella psychica como Crookes, neurica como Baretz, vital como Baraduc, ou odica como Reichenbrach — uma força susceptivel de medida e descripção, que impressiona a chapa photographica, que emana de todos os entes vivos, que actua a distancia, que salva ou destroe. Conheceu-a Platão. Fizeram uso d'ella grandes bruxos como Cardan. Exploraram-na com abusões charlatães como Cagliostro. A ultima palavra pertence aos homens de sciencia.

Uma força, disse eu, que impressiona a chapa photographica.

Sir William Crookes photographou a sua assistente espectral, Katie King; e tenho deante de mim uma curiosissima photographia de uma mulher nova, sentada á meza, de livro aberto, por detraz da qual se lobriga uma vaga figura fantasmagorica de mulher encapuzada. Authentíca esta photographia o coronel de Rochas, da Escola Polytechnica da França. Fazia elle parte de uma commissão scientifica encarregada de verificar este caso curioso.

Mais interessante sob o ponto de vista scientifico é a obra do major Darget, do regimento 3 de couraceiros, aquartelado em Tours. Foi elle quem descobriu os raios N. Note-se que a principio a theoria dos raios N não foi acceite pela Academia das Sciencias de França, quando apresentada por Mr. Blondlot com provas insufficientes. As experiencias do major Darget impuzeram a sua acceitação. Sem entrar em longas explanações, pode dizer-se que a sciencia espera muito da photographia fluidica. E

que veem a ser esses raios N? Uma luz, está claro; chama-lhe o major Darget magnetismo humano. N'um aposento ás escuras, premindo de encontro á testa uma pellicula photographica, e até sem contacto, conseguiu elle a imagem do objecto em que se concentravam seus pensamentos — por exemplo, uma cabeça de satyro. Umas moedas, collocadas sobre uma pellicula n'um banho ás escuras, foram photographadas pelo contacto dos seus dedos magneticos. E eu vi uma photographia extraordinaria da colera — uma borrasca tremenda, traçada em linhas lividas.

Que cousas adquiriu de novo a sciencia?

Isto, que é muito: o fluido magnetico ou vital deixa vestigios na pellicula photographica; collocada sobre um cadaver, a pellicula não é impressionada. E uma das vantagens d'esta descoberta é pôr cobro aos enterramentos prematuros. As deducções tiradas pelo major Darget são as seguintes: O fluido vital parece ter o seu reservatorio no cerebro; d'ahi circula pelo corpo pelos canaes nervosos, sobretudo até ás pontas dos dedos; parece ser tanto positivo como negativo; envolve o corpo como o magnetismo mineral envolve o aço, e é este envolucro que constantemente absorve o fluido universal, que o digere e o vitaliza. Ora a atmosphera, que é um mineral, absorve egualmente o fluido universal e liberta-o sob a forma de electricidade. O mesmo acontece com o fluido vegetal. O major Darget tem magnetizado plantas, forçando-as a um desenvolvimento muito superior ao das suas visinhas no mesmo solo e sob o mesmo sol. As investigações n'este sentido podem levar o homem de sciencia a verdades ainda mais extranhas.

Em França, foi Allan Kardec que deu ao espiritismo uma philosophia e um credo, declarando-se pela existencia de Deus, pela immortalidade da alma, pela persistencia da individualidade e por existencias multiplas, uma ascensão atravez de muitas vidas até á extrema perfeição; e principalmente, affirmando a certeza da communicação entre os vivos e os mortos. O seu mais conspicuo discipulo foi P. G. Leymarie, cujo filho está hoje á testa da organização espiritista, cujo quartel general é na rue Saint Jacques, n.º 42. Ligada a esta instituição, ha uma junta de peritos espiritas que averigua da authenticidade das manifestações de toda a especie: apparições, communicações por pancadas, photographias de espiritos, etc. Mr. Leymarie tem desmascarado uma sucia de burlões; mais de uma vez tem a photographia á luz artificial desvendado as trapaças de um medium, revestido de um manto phosphorescente ou manipulando uma mascara. O espiritismo francez é uma sciencia positiva; e se tem por mira fornecer provas materiaes e palpaveis da existencia da alma, é implacavel na revelação da fraude.

Um seita importante de occultistas é a dos martinistas, de que é chefe o Dr. Encausse («Papus»). A ordem foi fundada por Claude de Saint-Martin, e o templo fica na rue Seguier, n.º 13, no Bairro Latino; templo extranho, com uma esphynge na presidencia e cheio de inscripções cabalisticas. A associação tem-se espalhado pelo mundo inteiro. O Dr. Encausse não é só proficiente em magia occulta; é tambem um experimentador magnetico. A École Magnétique do Dr. Durville é situada na rue Saint Merri, n.º 25; ahi se curam homens e mulheres pela apposição das mãos. É a applicação pratica da theoria do major Darget sobre os fluidos magneticos—a cura pelos raios N.

Epoca extraordinaria esta em que vivemos!

Os fantasmas arrostam com a machina photographica, segundo affirma Sardou; veem ter com Mr. Fernand Desmoulins, quando elle está sentado, de

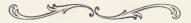
SÉDE DOS ESPIRITISTAS EM HANOVER SQUARE, LONDRES

olhos vendados, no seu gabinete, e guiam a mão que lhes desenha as physionomias espectraes. Houve outro homem a quem succedeu o seguinte: sobre gesso macio, em frente d'elle e de outros, os espiritos deixaram a impressão das suas mãos e das suas physionomias, mascaras não de mortos, mas de espiritos. Epoca extraordinaria esta! E tudo o que se pode dizer é que estes phenomenos e outros quejandos, que d'antes levavam á fogueira os feiticeiros, estão hoje admittidos dentro da esphera das investigações scientificas.

Falando-se de fantasmas, houve quem perguntasse a um sabio americano, o Dr. Johnson, se elle acreditava na immortalidade da alma.

O Dr. Johnson abanou a cabeça encanecida.

— Gostava de ter mais provas — replicou elle.

Foi n'esta mira que os sabios modernos se abeiraram da questão do mundo invisivel e da acção das forças occultas. Estão colligindo provas. Uma cousa sabem apenas, por emquanto: tudo é possivel.

Segundo Concurso Photographico dos «Serões»

Menções Honrosas

Da cá o pé

Photographia do Sr. A. Barcia.

Excursão em automovel

Photographia do Sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XII

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna.

CAPITULO XIII

Planos de fuga

A manhã seguinte, emquanto cozinhava o almoço, Benita viu Jacob Meyer sentado n'um penedo, a pouca distancia, taciturno e descoroçoado. Tinha o queixo pousado na mão, e espreitava-a com persistencia, sem desfitar os olhos do rosto d'ella. Benita sentiu que elle estava concentrando sobre ella a sua vontade; que lhe occorrera ao espirito alguma ideia nova a seu respeito; porque uma das suas afflicções era possuir a faculdade de interpretar aonde visavam os pensamentos d'aquelle homem. Por muito que o detestasse, havia entre elles esse curioso vinculo.

Não deve esquecer que, na noite em que elles primeiro se encontraram na crista do Leopard's Kloof, Jacob a tinha alcunhado de «emissaria de pensamentos», e Benita havia-se compenetrado pela convicção da sua intimi-

dade mental. D'esse dia em deante, fôra o seu principal desejo correr uma parede entre os espiritos de ambos, isolar-se d'elle e isolal-o d'ella. A tentativa porém nunca foi coroada de exito completo.

Apoderou-se d'ella o medo e a repulsão, emquanto, curvada sobre o lume, sentia os olhos negros do judeu a perscrutarem o seu intimo. Benita formou uma resolução repentina. Iria supplicar ao pae que a levasse d'alli para fóra.

É evidente que uma tal tentativa seria terrivelmente perigosa. Dos matabeles não havia indicios; mas era possivel que elles andassem por aquelles arredores, e, ainda quando se pudesse ajuntar gado sufficiente para a tracção do carro, esse gado tanto pertencia a Meyer como a seu pae, e deveriam portanto deixar-lh'o a elle. Restavam comtudo os dois cavallos, que o molemo lhe affirmara estarem sãos e irem engordando.

N'este momento levantou-se Meyer e começou a falar-lhe:

—Em que está pensando, Miss Clifford?—perguntou elle com a sua voz branda e estrangeirada.

Ella estremeceu, mas redarguiu com bastante vivacidade:

—Na lenha que está verde, e nas costelletas de cabrito que se estão enchendo de fumo. O sr. Meyer não está já farto de cabrito?—accrescentou ella.

Elle esquivou-se á pergunta.

—Miss Clifford é tão bondosa... affirmo-o convicto... tão verdadeiramente bondosa, que não devia pregar umas petasinhas mesmo a proposito de ninharias. A lenha não está tal verde; fui eu proprio que a cortei de uma arvore morta; e a carne não está enfumada; nem era em taes bagatelas que estava pensando. Estava pensando em mim, como eu estava pensando em Miss Clifford; mas o que tinha exactamente no pensamento, isso é que eu d'esta vez ignoro, e é isso que lhe peço o favor de me dizer.

—Ora essa, sr. Meyer!—redarguiu ella córando muito—O meu pensamento é propriedade minha exclusiva.

—Ah! sim? Pois eu sou de outra opinião. O seu pensamento é propriedade minha, assim como o meu é propriedade sua. Foi um dom com que a natureza nos brindou a ambos.

—Dispensava similhante dom — respondeu ella.

Mas ainda n'aquelle momento, por mais que ella o desejasse, não se atreveu a dizer uma mentira, e a negar essa horrivel e secreta intimidade.

—Sinto muito, porque o considero preciosissimo: uma preciosidade maior ainda que o thesouro que não podemos alcançar; porque é esse dom que me approxima mais e mais de Miss Clifford.

Ella encarou-o com ar irritado, mas elle pegou-lhe na mão e continuou:

—Oh! não se zangue commigo, e não tenha medo que eu a importune com phrases amaveis, emquanto não chegue tempo em que Miss Clifford seja talvez quem deseje ouvil-as. Mas quero notar-lhe uma cousa. Não acha maravilhoso que os nossos espiritos assim estejam afinados, e não haverá n'isto algum proposito? Se eu tivesse as suas crenças, diria que o céu influe sobre nós... não, não responda que a influencia provém de baixo. Não me envaideço por lhe ler nos labios esta resposta, que afinal é simples e obvia. Satisfaço-me comtudo em dizer que a influencia vem do instincto ou da natureza, ou, se mais lhe agrada, do destino, apontando-nos a estrada pela qual juntos devemos chegar a grandes fins.

—A minha estrada, percorro-a eu sósinha, sr. Meyer.

—Isso sei eu, e isso é que é pena. O que prejudica as relações entre homem e mulher é não haver n'um milhão de casos mais do que um em que elles se comprehendam mutuamente, ainda que se amem. Por mais que os olhares se procurem, que as mãos e os labios se juntem, elles permanecem apartados e muitas vezes antagonicos. Não ha communhão das almas. Mas quando succede o contrario, quando por acaso elles um ao outro se completam, quando, por assim dizer, foram talhados da mesma rocha, oh! então que felicidade será a d'elles, que horisontes se lhes abrem!

—É possivel, sr. Meyer; mas, para falar com franqueza, essa questão não me interessa.

—Por ora; mas tenho a certeza que um dia a ha de interessar. Entretanto, devo-lhe desculpas por ter a noite passada perdido a tramontana na sua presença. Não faça juizos ruins a meu respeito; estou completamente extenuado, e aquelle velho imbecil incommodou-me com a séga-réga dos espectros em que eu não acredito.

—N'esse caso porque se irritou tanto? Pa-

VIERA ALI NO PROPOSITO DE OBSERVAR SE SERIA POSSIVEL FUGIR...

rece-me que seria mais razoavel deitar essas falas ao desprezo, em vez de fazer... o que fez.

—Palavra de honra! Parece-me que a maior parte da gente tem medo que a obriguem a acceitar aquillo que recusa. Estes pardeeiros bolem com os nervos, Miss Clifford, tanto com os seus como com os meus. É-me licito

dizel-o abertamente, porque sei que o sabe. Ora pense no que isto lembra: todos os crimes aqui commettidos durante seculos e seculos, todos os soffrimentos que se teem aqui padecido. Sem duvida que n'esta caverna ou fóra d'ella se offereceram sacrificios humanos; esse grande circulo de rocha crestada deve ter sido o sitio em que se accendiam as fogueiras. E depois esses portuguezes a morrerem á fome com milheiros de selvagens a espreitarem-lhes a agonia. Já pensou bem no que isto significa? É claro que pensou, porque, como eu, é dominada pela praga da imaginação. Deus do céu! que admira que isto bula com os nossos nervos? Sobretudo não se encontrando aquillo de que se anda á cata, esse opulento thesouro—e o seu rosto assumiu uma expressão de extasi—que ainda virá a ser seu e meu para nos tornar grandes e felizes.

—Mas que por emquanto apenas me torna um bicho de cozinha muito pouco feliz—replicou Benita alegremente, por sentir os passos de seu pae—Não fale mais no thesouro, sr. Meyer, aliás desavimo-nos. Já basta nas horas em que andamos a mourejar em busca d'elle, pois não acha? Dê-me o prato, faz favor? As costelletas estão passadas, até que emfim.

Comtudo, Benita não podia ver-se livre da ideia do thesouro; logo depois de almoço recomeçaram as pesquizas interminaveis e improficuas. Mais uma vez se sondou a caverna, e outras cavidades se descobriram em que os dois homens trabalharam com afinco. Conseguiu-se em tres dias romper outras tantas, as quaes, como a primeira, se descobriu serem sepulturas; a differença era que d'esta vez pertenciam a gente que morrera talvez antes do nascimento de Christo. Eram corpos que jaziam deitados de ilharga, com os ossos queimados pelo cimento quente que sobre elles se lançara, com as suas varas de castão dourado nas mãos, os seus travesseiros de madeira revestida de ouro, como os usados pelos egypcios, braceletes de ouro nos pulsos e nos tornozelos, bolas de ouro por baixo d'ellas tombadas das apodrecidas bolsas que em tempos lhes pendiam dos cintos, vasos de fina louça vidrada que tinham estado abarrotados de offertas, ou em certos casos de ouro em pó para pagar as despezas da jornada pelo outro mundo, disseminados em torno d'elles, e outros objectos.

No seu genero, estas descobertas eram de bastante riqueza; só de um dos sepulcros extrahiram elles cento e trinta onças de ouro, não falando do seu extraordinario interesse archeologico. Mas não era isto o que elles procuravam, esses thesouros açambarcados no Monomotapa, que os foragidos portuguezes haviam trazido comsigo e tinham enterrado n'aquella sua derradeira morada.

Benita deixou de tomar o minimo interesse no assumpto; nem sequer se deu ao trabalho de ir examinar o terceiro esqueleto, apesar de ser quasi o de um gigante, e, a julgar pela quantidade de ouro que levara para a cova, pessoa de elevada categoria na sua epocha. Teve a impressão de que nunca mais em sua vida desejaria ver mais ossos humanos ou mais contas ou dixes antigos: ser-lhe-hia cem vezes mais agradavel o espectaculo de uma rua londrina em tempo de nevoeiro, de uma simples montra de quinquilharias em Westbourne Grove, do que a vista d'esses preciosos destroços, que poriam em alvoroço, caso os conhecessem, metade das sociedades doutas da Europa. O que ella desejava era ver-se bem longe de Bambatse, das suas prodigiosas fortificações, do seu mysterioso obelisco, da sua caverna, dos seus defuntos e... e de Jacob Meyer.

Benita estava de pé no topo da muralha da sua prisão e contemplava com ancia saudosa o campo livre que em volta se estendia. Aventurou-se até a subir a escada do imponente cone de granito, e sentou-se na depressão em fórma de taça que se cavava no cimo, d'onde Jacob Meyer a chamara para ir partilhar do seu throno. Era uma posição de causar vertigens, porque a pilastra debruçava-se para fóra e o seu extremo salientava-se da rocha escarpada, de fórma que abaixo d'ella havia simplesmente um salto de cento e trinta ou cento e quarenta metros sobre o leito do Zambeze. A começo esta grande altura fel-a quasi desfallecer. Entonteceu-se-lhe a vista, coaram-se-lhe pela espinha umas desagradaveis tremuras, e folgou em baquear no chão, d'onde sabia que não poderia cahir. Gradualmente, comtudo, revigoraram-se-lhe os nervos, e ella conseguiu estudar o maravilhoso panorama do rio e dos paues e das montanhas da outra margem.

Porque ella viera alli no proposito de observar se acaso não seria possivel fugir rio abaixo n'uma canoa ou n'uma das almadias indigenas, usadas pelos makalangas na pesca ou na travessia do rio. Apparentemente era im-

possivel, porque, embora o rio n'aquelles sitios fosse bastante sereno, a cousa de uma milha para juzante começava uma cataracta que se estendia até onde a vista d'ella alcançava, marginada de ambas as bandas de montes pedregosos cobertos de arvoredo, sobre a qual, ainda que elles arranjassem remadores, não havia meio de levar uma embarcação. Isso já ella tinha aliás ouvido dizer ao molemo, mas, conhecendo a sua indole timida, quizera ajuizar por seus proprios olhos. A conclusão era pois esta: a evadirem-se, só poderiam fazel-o a cavallo.

Benita desceu do cone e foi procurar seu pae, a quem por emquanto nada communicára dos seus planos. Era excellente o ensejo, porque sabia que elle estava só. N'essa tarde, Meyer tinha com effeito descido do monte, na mira de convencer os makalangas a que lhes fornecessem dez ou vinte homens para os ajudarem nas excavações. Não deve esquecer que n'este empenho já falhara com relação ao molemo, mas Meyer não era homem que facilmente largasse uma ideia, e suppunha que, se pudesse falar a Tamas e a alguns dos outros chefes, conseguiria por peita, ameaças ou quaesquer outros meios que elles puzessem de parte os seus supersticiosos terrores e os ajudassem nas pesquizas. Mas o que é facto é que as suas instancias não tiveram exito, porque todos á uma declararam que a entrada no local sagrado seria para elles a morte, e que a vingança do céu recahiria sobre a sua tribu, anniquilando-a de lés a lés.

Clifford, a quem o peso dos trabalhos começava a acabrunhar, aproveitara-se da ausencia de Jacob, arvorado em mestre de obr as, para dormir um somno na cabana que elles haviam construido á sombra de um baobab. Á chegada d'ella, sahia elle da cabana a bocejar, e perguntou-lhe onde tinha estado. Benita disse-lh'o.

—É uma altura de causar vertigens—disse elle—Cá por mim nunca me aventurei a lá ir. Que foste tu lá fazer, filha?

—Observar o rio emquanto Meyer estava ausente, meu pae; porque se elle acaso me visse, logo suspeitaria do motivo; até não se me daria de apostar que elle a estas horas já o suspeita.

—Que motivo é esse, Benita?

—Calcular se seria possivel uma evasão pelo rio abaixo n'uma embarcação. Mas não creio que seja. Para a banda de baixo são tudo rapidos, com montes e penhascos e arvores de uma e de outra margem.

—Que precisão tens tu de te evadir n'este momento?—perguntou elle fitando-a com curiosidade.

—Que precisão tenho? Toda—respondeu ella com vehemencia—Detesto este sitio; é uma prisão, e abomino sequer ouvir falar no thesouro. Além d'isso...

E Benita suspendeu-se.

—Além d'isso, o quê, minha querida?

—Além d'isso—e a voz d'ella desandou n'um murmurio, como se receiasse que elle a ouvisse mesmo lá da falda do monte—além d'isso tenho medo de Meyer.

Esta confissão não pareceu surprehender seu pae, o qual acenou simplesmente com a cabeça e disse:

—Continua.

—Meu pae, eu supponho que elle vae caminhando para a loucura, e não é agradavel para nós ficarmos aqui encarcerados a sós com um doido, especialmente depois de elle ter começado a falar-me pelo modo por que o faz agora.

—Dar-se-ha o caso que elle tenha sido descortez para comtigo?—exclamou o velho ruborisando-se n'um impeto—se assim é...

—Não, descortez não foi... por ora—e contou-lhe o que se passara entre ella e Meyer, accrescentando—A verdade, meu pae, é que detesto esse homem, e que não desejo relações de tal especie com homem algum; tudo isso para mim acabou-se de vez—e soltou um suspiro que parecia vir-lhe do intimo—E no emtanto, parece que elle está alcançando não sei que poder sobre mim. Segue-me com a vista, perscruta-me o pensamento, e eu sinto que elle vae adquirindo a faculdade de o ler. Não posso supportar mais isto. Meu pae, meu pae, pelo amor de Deus, leve-me para longe d'este odioso monte e do seu ouro e dos seus cadaveres, e vamos outra vez gosar o ar livre do *veld*.

—Quem me dera a mim, minha querida filha!—redarguiu elle.

—Estou fartissimo d'este terrivel chicote queimado em que me metti, que parvo que fui! por ambição de riqueza. Começo deveras a acreditar que, se isto continua assim muito tempo, deixo aqui os ossos, olá se deixo!

—E se esse horrendo caso se desse, que seria de mim, sósinha com Jacob Meyer?—perguntou ella serenamente—É possivel que me

visse forçada a ter sorte egual á d'essa pobre rapariga, ha duzentos annos!

E apontou para o rochedo atraz d'ella.

—Pelo amor de Deus, não digas tal!—atalhou elle.

—Porque não? É preciso ter coragem para encarar as eventualidades. Antes isso do que Jacob Meyer; e quem me protegeria aqui contra elle?

Clifford passeiou de um para outro lado alguns minutos, emquanto a filha o encarava com anciedade.

—Não me occorre plano algum—disse elle, estacando em frente d'ella—O carro, não podemos lançar-lhe mão, ainda quando houvesse bois bastantes para o puxar, porque é tanto d'elle como meu, e eu estou persuadido que elle nunca renunciará ao thesouro, a não ser que o levem d'aqui para fóra.

—E estou que não o serão capazes de o levar. Mas, meu pae, os cavallos pertencem-nos; foi o d'elle que morreu, recorde-se. Podemos ir de cavalgada por ahi fóra.

Elle encarou-a fito e respondeu:

—Podemos, ao encontro da morte. Imagina que os cavallos adoecem ou se estropiam; imagina que nos encontramos com os matabeles, ou que não nos apparece caça nenhuma; imagina que um de nós cae doente... ah! centos de cousas. Que ha de ser de nós?

—Deixal-o! Tanto nos faz morrer no meio do sertão como aqui, onde corremos perigos quasi eguaes. Entreguemo-nos á sorte, e confiemos em Deus. Talvez que nos valha a sua misericordia. Escute, meu pae. Ámanhã é domingo, e nenhum de nós trabalha. Mas Meyer é judeu, e não desperdiça um domingo. Muito bem! Eu tenciono dizer que preciso descer á cerca exterior para buscar alguma roupa que deixei no carro e levar outra ás lavadeiras indigenas. É claro que meu pae ha de acompanhar-me. É provavel que elle se deixe lograr e fique cá por cima, demais a mais tendo descido hoje á povoação. Podemos então arranjar os cavallos e espingardas e munições, e os mantimentos que pudermos levar, e convencer o velho molemo a que nos abra a porta da cerca. Percebe? O postigo que não se vê cá de cima. Antes que Meyer extranhe a nossa falta e venha espreitar o que se passa, podemos nós estar a cinco ou seis leguas de distancia, e os cavallos não podem ser alcançados por um homem a pé.

—Ha de dizer que nós o abandonámos, e diz a verdade.

—Meu pae póde deixar uma carta ao molemo explicando que a culpa é minha, que me sentia adoentada e com receio de morrer, que não seria justo pedir-lhe que nos acompanhasse, perdendo o thesouro que d'esta fórma lhe fica pertencendo até á ultima mealha. Vamos, meu pae, não esteja com mais hesitações; resolva-se a levar-me para longe d'esse homem.

—Pois seja!—redarguiu Clifford, no momento em que, ouvindo rumor de passos, davam ambos pela approximação de Jacob.

Por fortuna estava tão preoccupado com seus pensamentos que nem sequer lhes notou a perturbação das physionomias, dando-lhes tempo a serenar. Mas, apesar d'isso, as suas suspeitas despertaram.

—Que estavam a discutir tão animadamente?—perguntou.

—Estavamos a pensar se o sr. Meyer se teria entendido com os makalangas—respondeu Benita mentindo com audacia—e se conseguiria convencel-os a affrontar os espectros. Conseguiu?

—Qual historia!—redarguiu elle com um arremesso—Esses espectros são os nossos peiores inimigos n'este sitio; os cobardes protestam que antes querem morrer. A minha vontade era pegar-lhes na palavra e fazer espectros de uns poucos d'elles; mas lembrei-me da nossa situação e deixei-me d'isso. Não tenha receio Miss Clifford, nem sequer perdi o sangue frio, pelo menos na apparencia. E aqui está! Visto que elles recusam ajudar-nos, o remedio é trabalharmos com mais afinco. Tenho um plano novo, e começaremos a pôl-o em pratica ámanhã.

—Ámanhã não póde ser, sr. Meyer—replicou Benita sorrindo—É domingo, e bem sabe que nós descançamos ao domingo.

—Ah! sim! lá me esquecia! Os makalangas com os seus phantasmas e os senhores com os seus domingos .. Verdade verdade, não sei o que é peior. Acabou-se! Trabalharei por todos.

E afastou-se, encolhendo os hombros.

CAPITULO XIV

A fuga

Na manhã seguinte, começou Meyer a trabalhar no seu novo plano. Qual elle fosse não se importou Benita de saber, mas deduziu que

implicava o medir a superficie da capella e dividil-a em quadrados para mais systematica investigação de cada uma d'essas areas. Ao meio dia appareceu elle para a refeição costumada, no decurso da qual observou que lhe fazia tristeza estar a trabalhar sósinho e que estava ancioso por que chegasse a segunda feira para elles lhe fazerem companhia. Estas palavras commoveram bastante Clifford, e até excitaram um certo pezar no intimo de Benita.

Que sentimentos seriam os seus, scismava ella, quando descobrisse que elles haviam fugido, deixando-o sósinho a braços com o emprehendimento! Esteve quasi a declarar lhe toda a verdade; porém, prova curiosa da ascendencia d'esse homem sobre ella! não se decidiu a fazel-o. Percebeu porventura que seria o mesmo que fazer gorar o seu projecto, visto que por argumentos, afagos, ameaças, violencias, appello á lealdade dos dois, fosse por que meio fosse, elle lograria persuadil-os. Mas ella estava morta por pôr em pratica esse projecto, por se ver livre de Bambatse, das suas ruinas immemoriaes, da sua caverna sepulcral, e d'esse vampiro, Jacob Meyer, capaz de profundar ossadas mortas e corações vivos com egual perspicacia, e incapaz todavia de encontrar um thesouro soterrado por debaixo d'elles.

Occultaram pois a verdade, e desataram a conversar com volubilidade febricitante sobre outros assumptos, taes como os exercicios militares dos makalangas, e as probabilidades de um ataque pelos matabeles, as quaes felizmente iam agora diminuindo; tambem falaram do estado sanitario do seu gado, e da perspectiva de obter mais rezes para substituir as que tinham morrido. Benita foi até mais longe; na ancia de decepção, que dentro d'ella acabava de surgir, foi com a sua mentira por deante, não obstante os olhares reprehensivos com que seu pae a fitava. Por incidente declarou que iam fazer uma digressão, descer a escada e visitar o acampamento makalanga entre a primeira e a segunda muralha, e ter algumas horas de relação com o mundo exterior. Iam além d'isso levar a roupa para lavar, e trazer alguma limpa e uns poucos de livros que ella deixara lá em baixo.

Jacob distrahiu-se dos seus pensamentos e dos seus calculos, e escutou-a com má sombra.

—Estou meio tentado a acompanhal os— disse elle, causando em Benita um estremecimento de susto.—É certo que isto aqui é isolado como a breca, e afigura-se-me ouvir n'esta caverna uns rumores exquisitos, como se esses velhos ossos estivessem chocalhando, e uns sons que parecem suspiros e murmurios, causados pelas correntes de ar.

—Então porque não vae? — perguntou Benita.

Era um golpe audacioso, mas o resultado foi bom. Se elle tinha algumas desconfianças, n'um prompto se desvaneceram.

—Porque não tenho tempo—respondeu— Temos que levar a cabo esta tarefa, seja lá como fôr, antes que chegue a estação das chuvas, e nos vamos d'aqui para fóra na enxurrada, ou apodreçamos com febres. Goze d'essa tarde de ferias, Miss Clifford; são direitos de uma creada para todo o serviço, e infelizmente creio que o seu mister não é outro aqui. O que lhe peço, Clifford—accrescentou elle, com esse zelo pela segurança de Benita que sempre manifestava em não estando exaltado—é todo o cuidado em voltar antes do sol posto. Para sua filha é arriscado trepar para aqui ás escuras. Chame-me em chegando á beira da muralha, com esse apito que tem, e eu descerei logo para os ajudar a subir. Afinal de contas, parece-me que o melhor é acompanhal-os... Não, não vou. Fui hontem tão aspero com esses makalangas que elles não podem ter desejo de me pôr a vista em cima, por emquanto. Espero que passem uma tarde mais agradavel do que eu. Porque não dão um passeio a cavallo fóra das muralhas? Os seus cavallos estão anafados e precisam de exercicio, e não creio que haja motivo para ter medo dos matabeles.

E n'isto, sem esperar resposta, levantou-se e afastou-se d'elles.

Clifford seguiu-o com a vista, mostrando hesitação.

—Bem sei—disse Benita—bem sei que isto se assemelha a uma ruindade. Mas occasiões ha em que nos vemos forçados a actos menos dignos. Aqui estão as nossas trouxas promptas. Vamo-nos embora.

Do cimo da muralha, Benita relanceou um olhar de despedida áquelle local que esperava nunca mais ver. E comtudo não se sentia convencida de que fosse esse o ultimo olhar. Até ao descer os perigosos degraus, surprehendeu-se a calcular mentalmente qual a melhor fórma de subir novamente. Além d'isso,

não podia persuadir-se que para todo o sempre estivesse desafogada de Meyer. Palpitava-lhe que ainda durante largo tempo se encheria da pessoa d'elle o seu futuro.

Alcançaram a salvo a fortificação exterior, e ahi foram acolhidos com alguma surpreza mas com certo prazer pelos makalangas, a quem encontraram ainda a fazer exercicio de armas, no uso das quaes bastantes d'elles se haviam tornado assaz habeis. Dirigiram-se á cabana em que se tinham armazenado as provisões vindas no carro, e fizeram á pressa os preparativos. Tambem ahi escreveu Clifford uma carta, uma das mais desagradaveis que em sua vida redigira. Rezava assim :

Meu caro Meyer

Não sei o que pensará a nosso respeito, mas vamos sahir d'estes sitios. A verdade é que eu não me sinto bem, e minha filha já não póde supportal-os mais tempo. Diz ella que, se se demorar, morre ; essa caça ao thesouro dentro de um carneiro sepulcral despedaça-lhe os nervos. O meu desejo era dizer-lhe isto, mas ella pediu-me que tal não fizesse, convencida como está de que o meu amigo nos despersuadiria ou de qualquer modo nos embaraçaria o intento. Quanto ao ouro, se conseguir encontral-o, guarde-o todo. Renuncio ao meu quinhão. Deixamos-lhe o carro e os bois, e partimos por ahi fóra nos nossos cavallos. É uma empreza perigosa a valer, mas menos do que ficarmos aqui nas presentes condições. Se nos tornarmos a encontrar, esperamos que nos perdoará, e desejamos-lhe todas as prosperidades.

Seu amigo, sinceramente e com grande pezar,

T. Clifford

Escripta a carta, sellaram os cavallos, que depois de previo exame tinham achado em boas condições, e amarraram atraz das sellas os seus escassos haveres e quantos pacotes de cartuchos lhes era possivel transportar. Depois, armados cada um de sua carabina, pois que Benita aprendera a atirar durante a sua longa excursão, montaram a cavallo e encaminharam-se para a entrada lateral, visto que a porta principal, que haviam transposto ao chegarem, estava agora entaipada. Esta entrada lateral, simples fenda na grande muralha, com um accesso precipitoso, estava aberta, pois que os makalangas, agora que era passado até certo ponto o seu temor dos matabeles, se serviam d'ella para os seus rebanhos, porquanto a sua especial construcção, em voltas e cotovelos atravez da espessura da muralha, lhes permittia tapal-a de um momento para outro com pedras que estavam á mão. Além d'isso, o architecto tinha-a disposto por fórma que era completamente dominada do cimo da muralha, tanto de uma como de outra banda.

Os makalangas, que haviam presenciado curiosamente todos os movimentos dos dois europeus, nem sequer tentaram detel-os, embora suspeitassem que elles teriam de haver-se com as sentinellas que guardavam a entrada todo o dia, e ainda quando a fechavam de noite, e ás quaes Clifford tencionava deixar a carta. Comtudo, quando lá chegaram e descavalgaram afim de conduzir as suas montadas pela sinuosa passagem e pela ingreme subida que se seguia, viram que a unica guarda visivel era o velho molemo em pessoa, sentado e na apparencia meio adormecido.

Mas, logo que elles se approximaram, mostrou que estava desperto e bem desperto, porque sem fazer um movimento lhes perguntou immediatamente onde iam.

—Dar um passeio a cavallo— respondeu Clifford—Minha filha está farta de viver encafuada n'esta fortaleza, e deseja respirar o ar livre. Deixa-nos passar, amigo, aliás não estaremos de volta ao sol posto.

—Se tencionas voltar ao sol posto, branco, porque razão levas tantos fardos, e porque tens os alforges cheios de cartuchos ?—perguntou elle—Com certeza que não falas verdade, e que esperas nunca mais ver o sol a descer sobre Bambatse.

Comprehendendo que era inutil qualquer tentativa de decepção, Benita exclamou com intrepidez :

—É certo ; mas, ó meu pae, não nos detenhas, porque na nossa esteira paira o terror, e por isso d'aqui fugimos.

—E na tua frente não paira o terror, virgem branca ? O terror do sertão, por onde ninguem anda, a não ser talvez os amandebeles com as suas sangrentas lanças ; terror das bestas-feras e da doença que póde vencer-vos e matar-vos um apoz outro ?

—Terrores ha de sobra, meu pae, mas nenhum d'elles tão temeroso como o que deixamos nas nossas costas. Aquelle logar é fre-

quentado por phantasmas, e nós renunciamos ás pesquizas e não queremos além viver mais tempo.

—Tens razão, virgem branca, mas esses phantasmas não te farão damno, a ti que elles acolhem como a annunciada, e nós estamos sempre prestes a proteger-te por causa das ordens que d'elles recebi em sonhos. E não é realmente dos espiritos que vos receiaes, mas sim do homem branco, vosso companheiro, que vos subjugará á sua vontade. Não o negues; eu vi tudo.

—Então, se sabes a verdade, decerto que nos deixarás ir embora—implorou ella—pois que te juro que não ouso ficar aqui.

—Quem sou eu, que possa estorvar-te?—perguntou elle—Affirmo-te no emtanto que bem farieis em ficar e de grandes terrores nos livrarieis. Virgem branca, não t'o disse eu ha que dias, que só aqui deverias cumprir o teu destino? Vae-te, se assim queres, mas has de voltar de novo.

E tornou apparentemente a dormitar ao sol.

Os dois tiveram entre si uma rapida consulta.

—Agora, é tolice voltar atraz—disse Benita quasi a chorar de duvida e de angustia— A mim não me assustam estas phrases vagas. Que póde elle saber do futuro mais do que o resto dos homens? Demais, o que elle affirma é apenas que voltaremos. Se assim fôr, teremos sequer ao menos uns momentos de liberdade. Vamos, meu pae.

—Se é esse o teu desejo!...—redarguiu Clifford, que parecia muito acabrunhado para poder discutir.

Atirou com a carta para o regaço do molemo, e pediu-lhe que a entregasse a Meyer quando elle viesse em cata dos companheiros.

O velho não deu signal de vida; nem quando Benita lhe disse adeus e lhe agradeceu a sua benevolencia, fazendo votos para que todas as prosperidades descessem sobre elle e sobre a sua tribu, elle pronunciou uma palavra apenas ou levantou sequer os olhos.

Foram pois levando os cavallos pela estreita passagem por onde mal cabiam, e pelo empinado atalho que além se extendia. Na borda exterior do antigo fosso, tornaram a cavalgar, emquanto os makalangas os observavam das muralhas, e foram trotando pela mesma estrada por onde tinham vindo.

Ora esta estrada, ou antes carreiro, seguia a principio por meio de hortos e depois por entre os innumeraveis casebres que em seculos idos formavam a grande cidade de que o monte Bambatse fôra a cidadella e o santuario. Essas reliquias de uma civilisação perdida alongavam-se milhas e milhas, e eram limitadas por um desfiladeiro apertado e alcantilado entre os montes circumdantes, o mesmo que Seymour e seu irmão haviam julgado quasi intransitavel para o seu carro, quando alli tinham vindo havia annos. Este desfiladeiro, ou *poort*, como se chama na Africa Meridional, tinha sido poderosamente fortificado, porque dos dois lados existiam ruinas de baluartes. Além d'isso, na crista era tão estreito e escabroso que um punhado de homens ahi postados, embora as suas armas não passassem de arcos e frechas, podia suster em cheque uma força atacante durante um praso consideravel. Para além, ás abas do monte, extendia-se por muitas milhas uma planicie mattagosa, salpicada de *kopjes* e pilares isolados de granito, constituidos de seixos em pilhas.

Clifford e Benita haviam encetado a sua temeraria jornada por volta das tres horas da tarde, e quando o sol declinava para o poente, achavam-se elles n'essa planicie, a umas quinze ou dezeseis milhas de Bambatse, que havia muito tinham perdido de vista, por jazer além dos montes intermediarios. Perto d'elles havia um *kopje* onde tinham acampado junto de uma fonte por occasião da sua recente jornada, e, como não se aventuravam a viajar ás escuras, resolveram desmontar ahi, por isso que á roda da fonte havia excellente capim para os cavallos.

Succedeu encontrarem ahi alguns antilopes que vinham a beber agua, mas apezar de estarem desejosos de carne fresca, tiveram medo de lhes atirar, para não attrahirem a attenção; e pelo mesmo motivo não quizeram accender uma fogueira. Ataram portanto os jarretes dos cavallos de maneira que elles não pudessem afastar-se muito, sentaram-se debaixo de uma arvore, e arranjaram uma refeição, conforme poderam, com as carnes seccas que tinham trazido comsigo. Entrementes cahiu a noite, muito escura, porque não havia lua; nada lhes restava pois a fazer senão dormirem no interior de uma cerca de abrolhos seccos que haviam levantado á roda do seu acampamento. Foi o que fizeram, e tão fatigados estavam ambos, que, apezar de todas as commoções por que tinham passado e do receio que os leões os

atacassem, porque havia por aquelle veld muitas d'essas feras, dormiram profunda e serenamente até proximo da madrugada.

Levantaram-se um pouco arrefecidos, pois que apezar da atmosphera estar quente tinha-lhes encharcado as mantas um orvalho copioso. Comeram e beberam outra vez á claridade das estrellas, emquanto os cavallos, que elles haviam prendido ao pé de si durante a noite, se regalavam de relva fresca. Apenas rompeu o dia, sellaram-nos, e antes de surgir o sol já elles estavam outra vez a caminho. Mas apenas elle se ergueu, bastou a sua vista e o calor seu para dar novos alentos a Benita. Os seus receios como que fugiram com a noite.

—É de bom presagio esta partida — disse ella a seu pae.

—Deus o permitta!—replicou o velho.

Todo o dia foram cavalgando ávante, com tempo soberbo, sem apertar muito os cavallos, certos como estavam de que Jacob Meyer, que não poderia perseguil-os senão a pé, nunca seria capaz de os alcançar. Fizeram alto ao meio dia, mataram um cabrito, um pedaço do qual Benita cozinhou n'um tacho que haviam trazido, e soube-lhes bem deveras esta refeição de carne fresca.

Continuando a jornada, por volta do sol posto chegaram a outro dos seus antigos acampamentos, que era tambem um *kopje* coberto de matto. A fonte achava-se alli a meia encosta. Desmontaram n'um sitio cheio de fetos e musgos, viçoso que parecia um jardim. E então, apezar de terem bastantes carnes frias, julgaram que podiam com toda a segurança accender uma fogueira. Era realmente prudente fazel-o, porque tinham encontrado vestigios recentes de leões, e até tinham avistado um a galopar por entre os canaviaes na terra pantanosa ao sopé do monte.

N'essa noite tiveram um banquete opiparo de caça, e como na vespera pernoitaram n'uma pequena *boma* ou cerca feita de ramagem. Mas não conseguiram dormir bem d'essa feita, porque, apenas cerraram os olhos, começou uma hyena a uivar á roda d'elles. Gritaram e a fera afastou-se, mas passada uma ou duas horas, ouviram umas rosnadelas de mau agouro, logo seguidas por um estrondoso rugido, a que respondeu outro, começando immediatamente os cavallos a rinchar de susto.

—Leões!—disse Clifford, dando um pulo e atirando lenha secca para a fogueira até que levantasse lavaredas brilhantes.

Depois d'isto, tornou-se impossivel o somno. Embora os leões não os atacassem, tinha-lhes chegado o faro dos cavallos, e continuaram a pairar em volta do *kopje* rosnando e roncando, até por volta das tres horas da madrugada. Perceberam então que as feras se afastavam porque lhes sentiram o rugido a distancia. Julgando-se já seguros, atiçaram de novo a fogueira, e tentaram repousar uns instantes.

Mas dentro em pouco, Benita foi despertada por um novo rumor. Ainda estava escuro, mas á luz das estrellas percebeu ella que os cavallos estavam em socego. Um d'elles deitara-se, e o outro estava comendo folhas verdes da arvore a que o tinham atado. Por conseguinte o rumor não proviera de qualquer das bestas feras que lhes faziam pavor. Benita poz o ouvido á escuta, e tornou a sentir o mesmo rumor; era um sussurro parecido com a fallacia de gente algures, nas abas do monte. Despertou então seu pae, mas, apezar de supporem ouvir uma ou duas vezes um ruido de passos, nada mais poderam distinguir. No emtanto, levantaram-se, apparelharam os cavallos o mais de manso que poderam, e esperaram pela aurora.

Surgiu afinal. Por cima d'elles no ar limpido, brilhavam os clarões rubros da manhã, mas abaixo extendiam-se ondas de cacimbo denso, côr de perola. Foi-se gradualmente adelgaçando sob os raios do sol levante, e atravez d'elle, Benita divisou um vulto que áquella luz se afigurava gigantesco, um selvagem embrulhado n'um *kaross*, passeiando de um para outro lado, a bocejar, com uma enorme lança em punho.

—Olhe!—murmurou ella—olhe!

Clifford seguiu com os olhos a linha do dedo alongado.

—Os matabeles!—exclamou elle—Deus do céu! Os matabeles!

(Continua.)

O PEQUENO HAENDEL — *Quadro de Margaret Dicksee*

A musica inspiradora da pintura

E' interessante ver como os artistas de differentes generos se comprehendem e se inspiram mutuamente. Quantas e quantas obras primas das artes plasticas teem tido como germen a imaginação creadora dos poetas! Quantas bellas poesias teem recebido a suggestão dos quadros e das esculpturas dos grandes mestres! E a architectura, como ella tem fornecido themas inspiradores aos maiores talentos litterarios!

Não admira que a musica, essa divina linguagem que logra encontrar modulações de expressão sontimental, intraduziveis na linguagem vulgar, mais claro fale ao coração dos artistas. É pois natural que estes, reconhecidos ao enlevo que lhes proporciona um bello trecho musical, procurem, dentro da sua arte, dar a suprema consagração ao creador da obra que os apaixona. Vamos dar exemplos notaveis de primorosos quadros, em que o pintor manifestou o seu enthusiasmo pela obra do musico, arrancando o seu assumpto á biographia d'este ultimo.

UMA ANECDOTA DA INFANCIA DE HAENDEL

É um curioso episodio da infancia de Haendel o que nos apresenta uma illustre artista ingleza, Margaret Dicksee, no bello quadro com que abrimos a presente collecção.

O pae de Jorge Haendel oppunha-se vigorosamente ás propensões musicaes do pequeno, e quanto mais se lhe desenvolviam os excepcionaes dotes artisticos, tanto mais lhe prohibiam que se dedicasse á musica. O rapazito via-se obrigado a recorrer a subterfugios, e, quando os paes o imaginavam no melhor do seu somno, elle erguia-se de mansinho, e ia encafuar-se n'um sotam isolado, onde, entre varios tarecos em desuso, tinha descoberto uma espineta velha. Começava então a tocar devagarinho, dando largas á phan-

tasia, sem ninguem que o incommodasse. N'um d'esses momentos de gozo divino, em que o genio lhe despontava no cerebro, a creança deixou-se arrastar pela inspiração, esqueceu todas as cautelas e foi gradualmente augmentando de força. As notas do derrancado instrumento encheram o silencio da noite, despertaram toda a gente da casa, a qual suppoz porventura que os anjos desciam a enlevar com seus cantos a velha cidade de Halle.

FREDERICO O GRANDE E SEBASTIÃO BACH — *Quadro de Carl Röhling*

O pae do pequeno Jorge lembrou-se porem da teimosia artistica do filho, e, não o encontrando na cama, accendeu uma lanterna e foi com toda a familia até ao local d'onde provinha a extranha musica. O pobre Jorge, coitado, foi descoberto, soffreu asperos ralhos e foi mettido á força entre lençoes. Tão viva se nos apresenta no quadro esta scena intima, que nos faz vontade de saber o seguimento.

A creança venceu finalmente a pertinacia dos paes, para beneficio da humanidade. Pouco depois d'este episodio, Haendel pae foi a Weissenfels, onde se deviam dar concertos em honra do Principe, grande amador de musica. O pequenito sabia d'isto, mas, por maiores que fossem as suas instancias, o pae recusou-se a leval-o. Então a creança desata a correr atraz da carruagem, até que o pae se resolve finalmente a fazer-lhe a vontade.

Soube o principe d'este caso e das raras aptidões do pequeno, e foi graças á sua intervenção que o pae consentiu na educação musical de Jorge Haendel.

UM GRANDE REI QUE INSPIRA UM GRANDE COMPOSITOR.

O suggestivo quadro de Carl Röhling mostra-nos Sebastião Bach, «o pae de toda a musica,» tocando em presença de Frederico o Grande da Prussia. O pintor escolheu o momento em que o rei está dando a Bach um thema para sobre elle o musico bordar os seus improvisos. Foi com effeito sobre este thema que Bach compoz o trecho que elle denominou «Sacrificio Musical» e que depois enviou ao rei.

Frederico era tambem um musico distincto. Mostrou sempre o maior apreço por Bach, e este ultimo parece que considerava a sua visita á residencia regia de Potsdam como um dos mais felizes successos da sua vida. Não é como um *dilettante* tocador de flauta que Frederico o Grande se impõe sobretudo á consideração do mundo musical. Deve-se recordar sempre que foi elle um dos primeiros a

reconhecer e a animar o genio de um dos mais extraordinarios musicos de todos os tempos. Não foi decerto por culpa d'elle que ficaram manuscriptas as maiores obras de Bach, que permaneceriam na obscuridade, se mais tarde outros musicos — especialmente Mendelssohn—não se dessem ao trabalho de as desenterrar e de as fazer conhecidas pelo mundo inteiro.

HAYDN EM VIAGEM PARA A INGLATERRA — *Quadro de Carl Röhling*

Um glorioso exilio

Outro dos maximos cultores da sublime arte, Haydn, não seguiu o exemplo de Bach, o qual nunca em sua vida sahiu da patria. Tendo vindo a Inglaterra, foi n'esse paiz que Haydn alcançou o fastigio da sua fama. No quadro que apresentamos, devido ao pincel do mesmo artista que já se inspirara em Bach, vemos o illustre musico na tolda do navio, durante a travessia para Inglaterra. Eil-o, envolto no seu amplo casacão, a respirar a brisa maritima, desattento á curiosidade que nos demais passageiros excita. Scisma decerto nos destinos que o aguardam, n'esse paiz extranho onde vae demorar-se. Acaso o comprehenderão, acaso não cahirá em rudes ouvidos a mensagem divina que o seu genio leva? Essas puras e simples harmonias, brotadas de um coração affectuoso e de uma firme vontade, comprehendeu-as com effeito a alta sociedade britannica. Grandes e enthusiasticos triumphos lhe reservava o destino n'essa ilha para onde elle voluntariamente se exilava. Affluiram a elle as sympathias e a fortuna. Ao voltar para a sua patria, Austria, Haydn deteve-se na aldeola que lhe foi berço, e ajoelhando na soleira da humilde choupana paterna, deu graças a Deus por toda a felicidade que em Inglaterra lhe sorrira.

Os primeiros amores de Mozart

Quando Haydn estava no zenith da sua gloria, outro astro mais brilhante despontava no firmamento da musica. Era uma creança prodigio, por quem toda a Allemanha começava a interessar-se, e chamava-se Wolfgang Amadeu Mozart.

É ainda Carl Röhling que reproduz um curioso episodio da mocidade de Mozart. Estava elle de visita em casa de um dos seus tios,

OS PRIMEIROS AMORES DE MOZART — *Quadro de Carl Röhling*

quando o seu coração palpitou ás primeiras solicitações do amor. Inspirou-lh'o uma das suas juvenis primas, Aloysia Weber. Eram duas irmãs, ambas ellas formosas. A mais velha, que o quadro nos apresenta no aposento contiguo, era por extremo bondosa e dedicada, sacrificando-se sempre pela irmã mais nova, em quem reconhecia mais talento. Com effeito, Aloysia tinha uma linda voz, bem exercitada, e cantava facilmente á primeira vista. Que ha de mais natural do que amarem-se esses dois corações juvenis, ambos unidos pelo amor da musica?

Mas foram obrigados a apartar-se. Mozart tinha de encetar uma das suas prolongadas digressões artisticas. Passaram se dois annos sem que elle voltasse a ver a sua estremecida Aloysia. Ella havia-lhe promettido, é claro, amor eterno e inabalavel. Mas a constancia, ai de nós! nem sempre é o apanagio dos corações femininos! Quando Wolfgang voltou, tão apaixonado como quando partira, Aloysia tornara-se uma mulher encantadora e saboreara, como cantora, todos os jubilos arrebatadores da celebridade. Os triumphos

MOZART E BEETHOVEN — *Quadro de Borckmann*

haviam-lhe feito andar a cabeça á roda. Esquecera-se das suas promessas, e nem uma phrase saudosa dirigiu ao seu antigo namorado, o qual dava ainda os primeiros passos na sua carreira gloriosa.

Assim, a leviana Aloysia desperdiçou um thesouro que, na sua ignorancia, não tinha podido apreciar.

O ENCONTRO DE DOIS GRANDES MUSICOS

No quadro de Borckmann, vemos de novo Mozart, quando, no cumulo da gloria, escuta o artista cuja reputação devia no futuro egualar, se não supplantar a sua. Beethoven, rapazito de dezeseis annos, acaba de pedir ao grande compositor um thema sobre o qual está improvisando. Lentamente, o genio vae tomando o seu alor prodigioso. Singelo como é, o thema parece desenvolver-se, alargar-se, até á amplitude de uma phrase potente e soberba, que outras vozes reproduzem, sempre variada e suggestiva, á medida que a harmonia se complica sob os dedos inspirados do pianista.

Mozart escuta, cada vez mais attento, de olhos fitos sobre o precoce grande artista, com uma expressão de enlevo e de quasi veneração, como sob o encanto de uma musica celeste. Beethoven prosegue sempre. Arrebatado pela propria inspiração, a genial creança esquece-se de que não está só. Mozart volta-se então para os seus amigos, e murmura n'um rapto de enthusiasmo:

—«Escutem, e recordem-se sempre d'este momento! Esse rapazito, que ahi veem, ha de dar que falar ao mundo inteiro.»

O REQUIEM DE MOZART — *Quadro de Kaulbach*

OS ULTIMOS MOMENTOS DE MOZART

No seu celebre quadro «O Requiem de Mozart», immortalisou Kaulbach o instante em que a mão brutal do destino extinguiu—bem cedo ainda!—a existencia do grande maestro. O fogo do genio, o desejo incessante e ardente de dar corpo ás inspirações immortaes que a flux lhe brotavam no cerebro, tinham consumido pouco a pouco o envolucro material d'esse brilhante espirito. Enfermo e abatido, reclinava-se n'uma poltrona, entre almo

A SONATA «CLAIR DE LUNE» — *Quadro de Ernst Oppler*

fadas, quando recebeu a visita de um desconhecido, que nem sequer o nome quiz declarar. Vinha encommendar ao compositor uma Missa de Requiem, tão repleta de majestade e de belleza quanto se podia esperar do seu genio, obra que no mundo não tivesse parceiro. Deixou em cima da meza um embrulho contendo mil ducados e foi-se embora, dizendo apenas que em breve voltaria.

O maestro colligiu então as forças evanescentes, e o resultado d'esse esforço supremo e sublime foi esse colossal trabalho, perante o qual o mundo ainda estremece de pasmo e de reverencia. Desde a primeira nota, o grande musico sentiu que estava escrevendo o seu proprio Requiem.

Terminada a obra, desejou Mozart escutal-a. Sem forças para sahir do aposento, pediu aos seus amigos que viessem executar o Requiem em presença d'elle. Escutou, enleiado e feliz, as torrentes ineffaveis de tristeza, que do seu genio haviam manado. E foi n'esse enlevo mystico, que do corpo se lhe desprendeu a grande alma.

Esta é a scena que Kaulbach traduziu admiravelmente, n'um quadro que é o final de uma dolorosa tragedia.

De como duas creanças e a lua valeram ao mundo uma obra prima

Essa admiravel e bem conhecida sonata do Luar, que nós costumamos designar á franceza por «Clair de Lune», esse trecho cujo encanto suggestivo e poderoso ha de fascinar eternamente as gerações, deu o assumpto de um formoso quadro ao pintor Ernst Oppler.

Conta-se que, durante uma das suas digressões habituaes, sem destino, Beethoven passara por uma rua isolada dos arredores de Vienna, e lhe chegaram aos ouvidos uns compassos de musica sua. Provinham da janella aberta de um rez-do-chão. O maestro approximou-se e espreitou para o interior. Viu uma rapariga sentada ao piano, e ao pé d'ella, aninhada n'uma poltrona, uma creança que escutava.

Impulsivo de natureza, o maestro não resistiu. Entrou no aposento, e disse simplesmente:

—«Conheço muito bem esse trecho. Porque motivo o toca? Agrada-lhe muito?»

—«Eu tenho paixão por todas as composições de Beethoven,» respondeu a rapariga n'uma voz suave e serena, sem manifestar sur-

preza pela irrupção inesperada de um extranho.

Então a creança, adeantando-se para o illustre musico, explicou:

—«Minha irmã é cega, e a unica cousa que lhe dá prazer é a musica. Que deseja o senhor?»

Com a sinceridade impetuosa que era caracteristica da sua indole, Beethoven replicou laconicamente:

—«Desejo tocar deante das meninas. Eu sou Beethoven».

Então as duas creanças, alvoroçadas e radiantes, prepararam-se para ouvir, emquanto o maestro se sentava ao piano.

Despontava a lua, um silencio imponente cahia sobre as ruas solitarias. Nos olhos da pobre cega assomavam lagrimas de arrebatamento. Resoava sob os dedos do artista aquelle mysterioso e prodigioso adagio, que se erguia aos ceus como um lamento e uma prece. E os nervos das duas juvenis ouvintes distendiam-se e vibravam, a esta revelação sublime do sentimento humano. Depois de uma curta pausa, as graças encantadoras do Minuete voltearam em torno d'ellas, consolando-as, enxugando-lhes as lagrimas, falando-lhes de mocidade e de alegrias. E em seguida, de novo desabou sobre ellas a tempestade, as melodias foram-se multiplicando, rugindo como a revolta collossal de um Titan, até aclararem em compassos cheios de imponencia e majestade.

A musica cessou então. Beethoven ergueu-se e sahiu tão simplesmente como entrara. Tempos depois, deu a conhecer ao mundo inteiro tudo quanto sonhára e sentira na presença d'essas duas creanças solitarias.

UM GRANDE MUSICO E UM GRANDE POETA

É decididamente Carl Röhling um dos pintores que mais se inspiram com a vida dos mais insignes musicos. De novo nos achamos em frente de um quadro seu, intitulado «Beethoven e Goethe em Teplitz», onde se vê o genial compositor na companhia do maior dos poetas da Allemanha, pelo qual Beethoven professava admiração enthusiastica.

Era Beethoven de um temperamento concentrado e orgulhoso. Não raro, manifestava elle o seu orgulho por uma forma que singularmente contrastava com as maneiras polidas e maviosas da sociedade aristocratica no meio da qual elle e Goethe se moviam

Os dois grandes artistas encontraram-se em Teplitz, terra de aguas na Bohemia, muito frequentada por personagens regias e pela aristocracia. Andavam ambos a passeiar, quando na sua direcção se encaminharam o Imperador e a Imperatriz, com o seu sequito. Goethe parou logo, de chapeu na mão, fazendo uma profunda venia, ao passo que Beethoven enterrou mais o chapeu na cabeça, largou o braço do poeta, e tratou de se esquivar atravez da multidão dos passeiantes. Mas a Imperatriz reconheceu-o e saudou-o com um sorriso affavel, emquanto Goethe recebia apenas a cortezia concedida aos desconhecidos.

GOETHE E BEETHOVEN EM TEPLITZ — *Quadro de Carl Röhling*

É este o momento que nos mostra o artista. Percebe-se a expressão de surpreza no rosto das imperiaes personagens, ao verem a obsequiosa polidez de Goethe, assim como os sorrisos de indulgencia que vão seguindo o escandecido Beethoven.

Um musico insigne na intimidade

Franz Schubert é o creador do «Lied» na Allemanha. Foi elle o primeiro que deu a este genero de canções, de caracter popular, uma significação mais profunda e uma

SCHUBERT NA INTIMIDADE — *Quadro de Carl Röhling*

forma mais levantada. Guiado pelo seu instincto dramatico, produziu essas duas obras primas que se denominam «O Rei dos Sylphos» e os «Cantos do Moleiro». Quem pretende cantal-as fica surprehendido da altissima tessitura em que essa musica está escripta. Foi esse facto que impediu que ellas se popularisassem na Allemanha, antes que alguem se desse ao trabalho de as transportar.

O motivo é curioso. Schubert tinha um amigo, que era um cantor muito conhecido em Vienna e cuja voz de tenor possuia uma extensão excepcional. Para elle escreveu Schubert a maior parte das suas canções.

Ora Carl Röhling teve a ideia de nos dar, no seu quadro, um retrato d'esse homem na occasião em que cantava, acompanhado pelo proprio maestro. A senhora que está em pé, do outro lado do piano, é provavelmente a mesma rapariga a que se referem as palavras de Schubert:

«Em tempos, estive enamorado de uma rapariga. Formosa não era ella, mas que coração amoravel e bondoso o seu! Cantava as minhas canções com uma linda voz de soprano. Amámo-nos durante tres annos, e fomos felizes então. Depois tive que renunciar a ella. Eu não conseguira uma situação desafogada que me permittisse casar. Não me sentia com o direito de evitar que ella desposasse um homem, que pudesse dar-lhe um lar tranquillo e ditoso.»

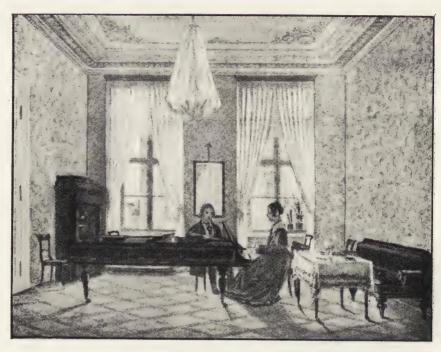
Que tristeza ver um homem da envergadura de Schubert renunciar a todos os pensamentos de felicidade, que aos mais simples trabalhadores n'outro campo tão facilmente se depara!

Uma lembrança amorosa de Schumann

A aguarella de J. Raabe, que reproduzimos, illustra um episodio romantico da biographia de Schumann.

Em 1836, Robena Laidlaw, de dezeseis annos apenas, era já pianista da corte da Rainha do Hanover, e a sua reputação já se espalhara pela Allemanha, pela Inglaterra e pela Russia. Executava as composições de Schumann para o maestro ouvir, seguia-lhe as inspirações e regosijava-se com os vôos do seu genio. Tinham plenamente saboreado as delicias de um entendimento mutuo na divina linguagem da musica.

Um dia, andavam ambos a passeiar no Rosenau—o jardim das rosas em Leipzig. Chegara para elles o instante fatal do apartamento. A vida de ambos era incerta e cheia de planos e ambições.

Ella devia partir para Paris no dia seguinte, e ir d'ahi para a Russia, afim de dar uns concertos perante o Czar e a corte imperial. Quem sabe se n'esse momento elles comprehenderiam os sentimentos que um para outro os attrahiam, uma amizade a pique de se transformar em amor?

SCHUMANN E ROBENA LAIDLAW — *Aguarella de J. Raabe*

Elle dispoz em volta d'ella as almofadas, dentro do escalersinho em que vogavam no lago, e disse-lhe que o esperasse; ia buscar uma rosa para lhe dar como recordação d'aquella derradeira entrevista. Demorou-se muito; e, quando voltou, disse-lhe com a expressão de melancolia que, ainda em verdes annos, lhe era caracteristica:

—«Andei que tempos á procura, e afinal só encontrei uma rosa que não é digna de si. Mas hei de mandar-lhe mais tarde uma recordação do Rosenau».

Saciada dos triumphos que naturalmente se deparam a quem reune as duas condições de grande cantora e de formosa mulher, Robena encontrou, ao regressar de um concerto de corte em S. Petersburgo, entre muitas prendas valiosas de joias e flores que a aguardavam, um simples rolo de musica com o carimbo postal da Allemanha. Esse rolo continha as doze *Phantasiestücke,* que hoje são contadas entre as mais poeticas e encantadoras composições de Schumann. O maestro escrevia á sua antiga companheira:

«Antes de mandar estas peças ao impressor, não lhe pedi licença para lh'as dedicar. São suas, espero que as ha de acceitar. Está n'ellas todo o Rosenau e todo o romance que ahi se passou. Não se esqueça de mim, e mande-me o seu retrato, conforme prometteu».

Conta Wasielewski na sua «Schumanniana» ter ouvido uma vez o notavel compositor, pouco antes da sua ultima doença, tocando ao lusco-fusco, como era costume seu. Fluctuavam no ambiente melodias impregnadas de suave ternura; o extranho trecho «des Abends» (da tarde), o primeiro das *Phantasiestücke*; depois reminiscencias de outro, «des Nachts» (da noite), desesperado e sombrio, como de uma alma tranzida de solidão e terror; e repetia-se a maviosa e terna canção que exprimia os enleios silenciosos do crepusculo.

Fóra do aposento, Wasielewski sentia o coração quasi a rebentar de commovido enthusiasmo, mas, apenas abriu a porta, Schumann fechou o piano, e nem uma allusão se trocou ao que acabava de se passar. Acaso n'este instante de isolamento lhe tinham voltado as reminiscencias da juventude? Seria aquella a derradeira e derrancadora despedida ao risonho passado?

Ha muito que repousa no cemiterio de Bonn o grande compositor a quem tanto deve

o mundo. Embalam-lhe o eterno somno as ondas murmurosas do Rheno. Mas as *Phantasiestücke* hão de eternamente falar ás gerações d'esse romance que as palavras nunca recontaram.

Ha quatro annos apenas que Robena Lailaw falleceu em Londres. Entre as numerosas recordações da carreira triumphal da artista, encontrou-se uma rosa murcha, n'uma petala da qual se lia, na lettra d'ella, a seguinte inscripção:

«Schumann deu-me esta rosa no Rosenau, em 1836».

O TRIUMPHO DE UM GRANDE COMPOSITOR

O quadro de Beckmann representa o ultimo dos grandes musicos do seculo XIX, Ricardo Wagner. Vemol-o a discutir o «Parsifal», a ultima e a mais grandiosa das suas operas, com sua mulher e seus dois fieis amigos, Listz e Hans von Wolzogen. Já então Wagner residia na sua magnifica casa de Bayreuth, rodeiado por esse luxo que elle tanto estremecia, tendo por companheira a mulher que mais perfeitamente o comprehendera. Tinha sustentado uma renhida campanha, mas a sua victoria era final e decisiva. Esse espectaculo consola-nos, com a esperança de que em nossos dias a cultura intellectual está tão adeantada e dispersa, que raras vezes o genio estará exposto a pagar com uma existencia de miseria a sua aureola de gloria.

RICARDO WAGNER E LISTZ DISCUTINDO O «PARSIFAL» — *Quadro de Beckmann*

ESTRADA DA RAZÃO

A Guerra Junqueiro

Sinto dentro de mim, juiz inclemente,
A consciencia altiva a condemnar
Um esteril passado incoherente...

Se, emfim! plena e viril, vejo raiar
No horisonte da Vida, a mocidade,
Vamos por nova senda caminhar.

O tributo paguei á ingenuidade,
A' chimera, ao amor. Sôa o momento
D'encarar, frente a frente, a realidade!

Para longe o covarde desalento;
E' preciso encetar nova existencia
E livrar d'illusões o pensamento,

Ir procurar o fundo, o amago, a essencia,
Das coisas e dos seres. A causa e o effeito
Estudar em mim proprio, na evidencia.

Visando o Bem, o alvo mais perfeito,
A estrada luminosa da Razão
Trilhar como um dever, sempre á direito.

Pugnar pela constante evolução
Do Povo, encaminhal-o a esse sonhado
Puro ideal de civilisação!

Ser util e ser bom: ser sempre ao lado
Dos opprimidos e pela Verdade
Batalhar com esforço e alto brado!

Posso não encontrar felicidade,
Mas a certeza do dever cumprido,
Ao seio me trará serenidade!

Espiritual luar enternecido,
Banhando um cemiterio d'illusões
Dentro de mim solemnemente erguido!

Pois se em nossos latentes corações
Repousam, como em tumulos sagrados,
De sonhos e de amor, recordações,

Tal como sob verdejantes prados
Dormem, desfeita a carne e a mortalha,
Esqueletos de corpos bem amados,

Sem que a terra que os cobre e os agasalha
Deixe de ser, por isso, fecundante
Em fructo e flor que á superficie espalha,

Meu coração, ha pouco agonisante,
Póde, tambem, se a vida se renova,
Encontrar prisma novo e mais brilhante:

Das illusões d'amor por sobre a cova,
Ergo a torre da fé na hora que vem
E em que ha de fundar-se a patria nova;

Patria que não terá fronteiras, nem
Por seu dominio a tyrannia e a treva,
E aonde se commungue a hostia do bem;

Patria em que a lei um semi-deus escreva.
De humanitarios, redemptores ideaes,
Que ante direitos e dever prescreva

Sermos todos irmãos, todos iguaes!

PORTO

Alcantara Carreira.

Os Padresinhos

Sob um novo aspecto de apresenta no seguinte artigo o delicado talento do Wenceslau de Moraes. É uma reminiscencia da sua vida de official da armada, em que a sensibilidade nativa do brilhante escriptor se tempera de um ligeiro agri-doce de satyra. E o que torna ainda mais curioso artigo é a illustração do proprio autor, que dá ideia de um assumpto occidental traçado por um pincel nipponico, accusando assim as vividas predilecções exoticas de Wenceslau de Moraes.

Ao nosso eminente collaborador agradecemos effusivamente, rogando-lhe que não poupe aos nossos leitores o requintado regalo dos seus artigos.

JÁ lá vão coisa de uns dezoito annos — um instante ou uma eternidade, — desde que, um bello dia, os fados me atiraram para dentro de um transporte da marinha de guerra portugueza, o qual me trouxe, pela primeira vez, a este Extremo-Oriente e á China.

Ai, viagens dos nossos transportes, abarrotados de passageiros, a lembrarem, pelo cardume humano, aquelles barcos que não raro encontramos atravessando o Mar Vermelho, a trasbordarem de peregrinos, com destino á Santa Mecca!... Muitos as conhecem, taes viagens, por experiencia ou tradição; só pasmo que faltem chronistas, pois volumes sem conto se poderiam escrever a tal respeito, não escasseando por certo as anecdotas interessantes, jucosas, picarescas, dramaticas por vezes, com referencia áquellas chusmas.

Para o caso a que particularmente me reporto, mal poderia eu agora inventariar, mesmo em rapido exame, os typos varios dos meus companheiros adventicios, — entre damas, funccionarios civis, officiaes do exercito, soldados, operarios contractados, deportados, degredados, negros de diversas proveniencias, etc. Na memoria revessa, retenho apenas nitidamente o grupo mais interessante de toda aquella turba, grupo composto por cerca de uma duzia de creanças, destinadas ao Seminario de Macau, para alli se instruirem e a seu tempo se converterem em pastores do rebanho catholico portugez, na Asia e na Oceania.

Os *Padresinhos* (como logo fôram conhecidos os garotos por toda a gente do navio), os *Padresinhos* variavam em idades, entre os doze e quinze annos. Haviam sido recrutados, quasi a cordel, pelas familias pobres e beatas do norte do paiz. Não sei quem, ti-

nha-os despido dos trajos pittorescos das aldeias, pouco graves para o mister a que iam dar-se; e em troca vestira-lhes severos fatos negros, especialmente notaveis pelas sobrecasacas de mau córte, de grandes abas fluctuando ás brisas do oceano, e pelos chapéos de largos bordos, em meio uso, cheirando já a abbade ou, pelo menos, a sacrista.

Assim ataviados, os rapazitos patenteavam-se soberanamente ridiculos, grotescos, hilariantes, monstruosos; mas tão frescas e sadias eram as suas faces côr de rosa, tanta candura havia na transparencia do seu doce olhar de jovens aldeões, tamanha alegria nos risos e na ingenuidade da palestra, que se tornaram, passado o enjôo e após dois ou tres dias de convivio, queridos de todos nós. Tiveram logo alcunhas, claro está: um, dos mais novos, era o *Padre João*, rechonchudo, já com barriga de prior e umas mãositas papudas a reclamarem beijocas de devótas; de outras, não me lembro; o mais velho da duzia, espigado, desairoso, na quadra ingrata em que se transita de menino para homem, era o *Grande*.

E foram correndo os dias, na paz monotona do mar, cortada de quando em quando pela diversão dos portos de escala necessarios. Em Santa-Helena, — lembro-me bem, — os *Padresinhos* tiveram festa de espavento. Na sua curiosidade effervescente, elles morriam por ir vêr as velhas reliquias que haviam sido encerro e tumulo do heroico Bonaparte; mas faltava-lhes orientação experiente para organisarem o passeio; e tambem respeitabilidade para que lhes fôsse consentido, sem certas garantias, pelo bondoso commandante do transporte. Surge então, de entre os passageiros, um official de infantaria, que se institue chefe da caravana; recolhe os magros cobres dos mocinhos e lá os leva, a todos, campos fóra, até o logar famoso. Seguiu-se a imprescindivel refeição; e tão bem se houve o chefe, que ferrou com uma bebedeira em cada um... a primeira e certamente a ultima — quero crêr — de toda a sua vida; recolhendo os *Padresinhos* maravilhados da excursão, o olhar em fogo, cambaleando, aos bordos, as sobrecasacas avariadas e os chapéos ás tres pancadas...

Chegámos finalmente, os *Padresinhos* e quem escreve estas linhas, ao nosso commum destino, Macau, a cidade do Santo Nome de Deus, como é chamada. Encontrei-os depois, vezes sem conto, mas já sem sobrecasacas nem chapéos: graves seminaristas, no seu uniforme de rigor — batina e sobrepelliz, — acolytando em cerimonias, acompanhando procissões a passo grave, ou então só de batina, em bicha pelas ruas e collinas, em recreações sisudas, debaixo das vistas lorpas dos prefeitos. O que me foi impossivel ir seguindo, — e com pezar o digo, porque deveria ser interessante o estudo, — era a transformação moral, intima, por que iam passando os *Padresinhos*; mysterio de desaggregação que se operava lentamente, adaptando aquelles rudes filhos das montanhas, aquelles camponios portuguezes, affeiçoados á terra mãe por longas hereditariedades de amor e de trabalho, á fôrma de mysticos missionarios do Oriente!...

Os annos passavam; e a bicha dos *Padresinhos* — a duzia de borrachões de Santa-Helena — ia-se encurtando pouco a pouco. Dois d'elles, dos mais intelligentes, morreram; não se sabe bem do quê, ou não se diz bem como isso foi; alguem me segredou que o meio exotico, a ausencia das mães, a

RECOLHERAM MARAVILHADOS DA EXCURSÃO, O OLHAR EM FOGO, CAMBALEANDO, AOS BORDOS...

Desenho do auctor

saudade da paizagem patria, a adolescencia a ferver-lhes, — todas estas causas e outras mais, — os arremessaram ao abysmo da allucinação, da perversão do sentimento, dos deleites solitarios, da tisica e do tumulo... Outro, após aturada applicação por alguns annos, deu-lhe a mosca, pés para que te quero, saltou uma bella noite para fóra dos muros da cerca do collegio, indo depois alistar-se no corpo de policia do porto de Macau. O *Grande* nunca se conformou com o regimen, nunca quiz estudar o latim dos breviarios nem a sciencia dos compendios, não fazia senão pedir e berrar que o mandassem para a sua terra, quanto antes; nem carinhos mellifluos dos mestres, nem admoestações azedas, nem mesmo duas ou tres tareias mandadas applicar paternalmente por Sua Excellencia Reverendissima convenceram o rebelde a ter juizo; por fim, fizeram-lhe a vontade, partiu, por inutil e damninho. Quanto a mim, o *Grande*, antes de deixar a aldeia, já fôra tocado pela varinha de condão que ensina o encanto dos sexos; o patife já sentira fervilhar-lhe o sangue nas arterias ao avistar nas azinhagas as cachopas, ao irem lavar roupa nas ribeiras; e a estas horas, se não me engano em calculos, deve andar em amanhos de trigos e pomares, em algum canto de terra portugeza, com a mulher no albergue a cozinhar-lhe as sopas e dois ou tres garotos passeando junto á porta, com os bibes lambusados de sumo de medronhos. Do que succedeu a alguns, não sei dizer. O *Padre João*, embora pouco sagaz em mathematicas, segundo me constou, terá alcançado a meta sem grandes contratempos; e imagino-o agora ainda mais barrigudo do que era, serenamente devotado a evangelizar pretinhos em Timor, ou malaios nos Estreitos, ou chinezes em Hainau, prodigas em bençãos as suas mãos pa-

pudas. E um outro — uma joia de moço de agudissima intelligencia, de delicadezas instinctivas, — sei que alcançou brilhantemente as ordens sacras, querido de superiores, seguramente destinado, quando mais maduro em annos, aos logares mais importantes do bispado.

Ora, éra este ultimo o meu predilecto, de entre a duzia inteira. Penso ainda hoje no moço com saudades. Se acaso um dia, ao encontrar-me sobre a enxerga da agonia em qualquer paiz exotico, souber que o *Padresinho* não está longe — coisa muito possivel de se dar, — hei de então mandar rogar-lhe que venha ter commigo. Peccaminoso intuito, apresso-me em dizel-o... Porque não será o seu latim que me console nem tão pouco os gestos de officio das suas finas mãos hieraticas. Na sua face grave e taciturna, algum traço fugidio recolherei, que me recorde a imagem fresca do mocinho que vinha de deixar a sua aldeia para embarcar, como eu, n'um transporte portuguez; na sua voz, fria e fanhosa, alguma nota solta me lembrará entoações amigas da gente do meu distante Portugal... e estas reminiscencias da patria, suggeridas pelo missionario barbudo e austero, bastarão, como se fôssem uma doce caricia de mulher, para a minha sentimentalidade impenitente...

Fevereiro de 1906

WENCESLAU DE MORAES

Segundo Concurso Photographico dos SERÕES — Menção honrosa

Idyllio ao pôr do sol

Photographia do sr. Thiago Silva, de Alcacer do Sal

A GRUTA DE FLORA

A casa onde eu morava, quando era pequeno, tinha um lindo jardim. Os renques de buxo altissimo formavam, aos lados dos passeios, grandes muros verdes, atraz dos quaes eu e os meus amigos nos occultavamos para jogar as escondidas.

Ás vezes o Luiz, que tinha n'aquelle tempo dez annos, não se limitava a esconder-se no meio do buxo; trepava pelos troncos, empoleirava-se lá muito no alto, e só quem tivesse olhos de lynce, que, segundo dizem, é bicho capaz de ver mosquitos na Outra Banda, poderia enxerga-lo muito agarrado a um ramo, que lhe escondia todo o corpo.

Ali encolhido durante dez minutos, e um quarto de hora, desnorteava-nos, e só quando nos davamos por vencidos é que elle descia todo ancho, rindo-se á nossa custa.

Ora isto deu resultado a principio; mas depois, logo que elle dizia — E já!... — eu e o Jorge corriamos a todas as arvores, e pouco tardava que o descobrissemos lá em cima, empoleirado.

O Luiz então dava um grande cavaco, e descia muito corrido, com a troça espantosa que lhe faziamos.

Um dia fez uma aposta comnosco, aposta que acceitámos de prompto. Obrigou-se a esconder-se no jardim de tal sorte, que, por mais que o procurassemos, não conseguiriamos encontra-lo. Se perdessemos, pagar-lhe-hiamos um vintem; se ganhassemos, receberiamos duas maçãs, que a avó lhe tinha dado.

A avó do Luiz era uma senhora muito velha, muito rabugenta e muito corcunda. Tratava-nos sempre de mau modo, chamava-nos diabretes. Ao neto, então, puxava as orelhas.

O Luiz calava-se, enxugava tudo, mas quando D. Ephigenia — a avó — lhe voltava as costas, elle corcovava-se todo, agarrava n'um pausinho, e imitava admiravelmente a rabugenta da velha.

Feita a aposta, tratámos logo de realisa-la.

Eu, o Luiz e o Jorge estavamos pallidos, trémulos, n'aquelle momento solemne.

Adivinhavamos o que ia acontecer, ou sentiamo-nos commovidos pela importancia da aposta?

...AGARRAVA N'UM PAUSINHO E IMITAVA ADMIRAVELMENTE A RABUGENTA DA VELHA

Não sei dizer. Isto já foi ha tanto tempo!... Lembro-me, comtudo, perfeitamente, de que o Luiz desatou de subito a correr, e que tomou para as bandas da gruta de Flora.

D'ahi a pouco, chegava-nos ao ouvido um — E já! — longinquo, abafado.

Partimos immediatamente, em correria doida.

O Luiz não estava em cima das arvores, não estava tambem por entre os canteiros, nem tão pouco no pavilhão, onde o jardineiro guardava os ancinhos, os regadores e muitos outros petrechos da sua arte.

Então é que se tinha escondido na gruta! pensámos nós, depois de o ter procurado por aquelle lado do jardim.

Ora, todos nós, eu, o Jorge, e o proprio Luiz, que era o mais affoito, sentiamos um terror instinctivo pela tal gruta. Já as circumvisinhanças não tinham nada de agradaveis. As arvores entrelaçavam de tal modo a ramaria, que, mesmo quando o sol ia a pino, poucas vezes um raio penetrava sorrateiro por entre a folhagem, até ir desenhar uma nodoa amarella na areia do chão que o jardineiro mantinha, valha a verdade, sempre limpo de folhas seccas.

Até alli, porém, ia qualquer de nós, á tarde que fosse. Mas lá quanto a pôr os pés na gruta... Quem não teria medo?

Ouçam-me e julguem. O arco da entrada era formado de pedra miudinha e toda preta, muito preta!...

Passava-se depois para uma casa sombria, toda forrada tambem de pedra escura, muito escura!...

Mas o que nos mettia mais pavor era uma grande boneca muito branca, que estava lá no fundo, virada para quem chegava, como a perguntar-lhe:

— Que vens tu cá fazer?

O Jorge, um dia, foi lá de manhã, quando o sol, ainda baixo, illuminava o chão da alameda, e julgou ver a boneca de pedra mexer um braço.

Eu e o Luiz não acreditámos n'isto, mas, verdade, verdade, ficámos gostando ainda menos da gruta. E depois, havia outra coisa para nos assustar: de traz da boneca, corria um filete de agua, que se escoava lentamente, serenamente, deslisando para uma larga bacia que havia junto ao chão. A cada instante ouviam-se os pingos caírem na agua, a um e um, escorregando das folhas da avenca e dos fétos, que rodeavam a estatua de Flora. Ora nós fomos procurar o Luiz n'aquelle sitio, mais por descargo de consciencia que por outra coisa.

Se eu e o Jorge, que eramos dois, para entrarmos na gruta démos a mão um ao outro, e nos sentiamos n'uma tremura constante, chegava a parecer impossivel que o Luiz se atrevesse a penetrar ali sósinho.

Entrámos, comtudo, e démos com os olhos na estatua, branca, terrivel.

— O Luiz não veiu para cá, disse o Jorge.

— Ai! Meu Deus! Não vês a boneca a mexer os olhos?

Ainda eu não tinha acabado de dizer esta brincadeira, n'um impeto de coragem de que mais tarde me admirei muitas vezes, quando de traz da boneca partiu um grito estridente, e vimos saír uma sombra que, resvalando por cima do marmore da estatua, veiu bater no pavimento da gruta.

.. RESVALANDO POR CIMA DO MARMORE DA ESTATUA, VEIU BATER NO PAVIMENTO DA GRUTA

O Jorge e eu, attonitos, desorientados, tinhamos recuado, e, com os olhos escancarados desmesuradamente, tratavamos de saber quem era o ente mysterioso, que viera caír quasi aos nossos pés.

A estatua não mudara de logar.

Um gemido, seguido de outro e d'algumas palavras entrecortadas, revelou-nos o que acabava de succeder.

— Ai!... Ai!... Que dôr!... A boneca mexeu os olhos?... Ai!... Ai!...

Bem conhecemos a voz de Luiz.

O maroto havia-se escondido atraz da estatua, esperando desnortear-nos, mas contara demasiadamente com a sua coragem. De mais a mais, mettiam-lhe medo ás vezes, em casa, com a boneca branca da gruta do jardim.

Por isso, apenas me ouviu dizer que a boneca mexera os olhos, não teve mais força em si mesmo, esqueceu a aposta, e só cuidou em fugir, acossado pelo medo. Não calculando bem a descida, escorregou por cima da estatua, e bateu com as costas na pedra.

Ajudámo-lo a levantar-se e trouxemo-lo para o jardim.

— Vae-se chamar alguem, lembrou o Jorge.

— Não, não! pediu o Luiz muito afflicto. Se o papá souber que eu caí, dá-me uma surra!... Eu já estou melhor...

Ao proferir estas palavras, fez uma careta, levou as mãos ás cadeiras e torceu-se com a dôr.

— Chama-se alguem, repeti eu.

—Não! atalhou novamente o Luiz. Olhem. Basta que me esfreguem com força a parte com que bati no chão.

D'alli a pouco, já se não queixava, e entrámos em casa, fazendo juramento solemne de nada revelarmos do acontecido.

Como o Luiz teve artes de conseguir que a mãe não visse a nodoa negra, que lhe ficou nas costas depois da queda, nunca eu pude saber.

—Bem fez elle! diz um leitor pequenino, que d'aqui entrevejo.

—Fez muito mal! respondo eu já, porque sei o que depois lhe succedeu.

D'alli a tempos, o Luiz começou a queixar-se de dôres na espinha e nos rins. Não podia estár sentado, nem deitado de costas. A pouco e pouco foi-se tornando corcovado.

Os paes, coitados! affligiram-se, chamaram muitos doutores, mas nenhum d'estes deu remedio á doença, como aquelles medicos que tratavam as princezas dos contos das fadas.

Só um descobriu a origem do mal. Affirmou que o pequenito tinha dado por força uma quéda. O Luiz, posto a perguntas, confessou tudo, dizendo, porém, que estava sósinho ao caír, para não nos comprometter, a mim e ao Jorge.

Era tarde, porque a doença já não tinha cura e foi sempre a mais.

O Luiz não morreu... mas antes lhe tivesse acontecido isso.

Se virem, por ahi, um homem ainda novo, muito corcovado, doente, agarrado com uma das mãos ao braço de uma pessoa que o ampara, e pegando com a outra n'uma bengala, é elle, o Luiz.

Se tivessemos contado logo a historia da queda, o medico tinha-o posto bom em pouco tempo. Como guardámos segredo, o Luiz ficou aleijado.

... UM HOMEM AINDA NOVO, MUITO CORCOVADO, DOENTE, AGARRADO COM UMA DAS MÃOS AO BRAÇO DE UMA PESSOA QUE O AMPARA, E PEGANDO COM A OUTRA N'UMA BENGALA ..

D'alli por deante, ao mais insignificante ache, eu desatava logo a correr em busca de alguem e pedia em altos gritos «o sr. doutor».

Aposto que os meus pequeninos leitores vão fazer o mesmo?

Que não o façam, e guardem segredo como nós tres guardámos depois do caso da gruta de Flora, e sabe Deus se um dia andarão por ahi muito alcachinados e agarrados a uma bengala, como o Luiz, que, não tendo ainda muita idade, parece mais velho do que era a avó, no tempo em que nos chamava diabretes, e em que dava puxões de orelhas no traquinas do neto.

Grandes topicos

Na Russia

A' hora a que escrevemos a situação politica do imperio moscovita, encarada sob um ponto de vista geral, permanece tal qual a descrevemos no anterior numero dos *Serões*. A autocracia continúa a defender á *outrance* as suas velhas prerogativas dos assaltos quotidianos que lhes dão os partidarios da liberdade, emquanto estes proseguem denodadamente n'essa lucta gigantesca, dispostos a ir até ao fim. Succede, parém, qae essa lucta se agravou, tornando-se de tal maneira violenta e encarniçada que, como diz o professor inglez Edward Dicey, é muito possivel que antes do

GRAÇAS A DEUS QUE POR AGORA SÓ DEITO FUMO

A lava que jorra do vulcão — o qual como se vê, representa o rosto de um cossaco — é feita de caveiras das victimas da autocracia, e rodeia a Duma. Diz o caricaturista que ella ainda esta quente, mas ha de ir arrefecendo.

Do «*Kladderadatsch*»

fim do mez «tenha sido desthronado o czar ou dissolvida a Duma e haja rebentado uma sangrenta revolução».

Dissemos então que a Duma havia votado por unanimidade a demissão ou, mais propriamente, a expulsão do ministerio que, todavia, fizera ouvidos de mercador, continuando á testa dos negocios publicos, escorado pela confiança da corôa e, mercê d'ella, afrontando o parlamento com a sua atitude provocante. O resultado foi a Duma, exasperada com essa atitude, repetir, por duas vezes já, o voto de expulsão contra Goremykine e os seus collegas, e estes não poderem quasi, actualmente, entrar na sala das sessões, onde são systematicamente recebidos com assobios e gritos de «fóra!» E, consequentemente, todo o paiz, vendo os seus representantes assim desconsiderados e as suas reivindicações repelidas, lançou-se n'uma agitação que augmenta de dia para dia, assumindo já em alguns pontos extraordinarias proporções. Não são já só os civis que se manifestam contra o governo e contra o regimen: o exercito, que ultimamente começara a dar signal de si, encontra-se hoje quasi completamente insubordinado, sendo raro o dia em que o telegrapho não nos annuncia um novo caso de revolta, que até aqui tem ficado circumscripto a um quartel e, quando muito, a uma cidade, mas que, dentro em pouco, se estenderá a todo o imperio.

E', em resumo, o fim da autocracia que se approxima.

PRECISA CONCERTO

O mundo tem soffrido grandes damnos de terramotos, erupções e outros desastres.

Do «*Ulk*»

A Convenção de Genebra

De 11 de junho a 6 de julho esteve reunida em Genebra a conferencia internacional, constituida por delegados de trinta e sete estados, e convocada para fazer a revisão da Convenção de 1864.

Limitara-se esta a estabelecer os mais essenciaes principios humanitarios, não se ocupando das questões juridicas e da sua aplicação em caso de guerra.

A revisão veiu preencher essa lacuna, eliminando, ao mesmo tempo, certos pontos da Convenção que a experiencia demonstrou serem de aplicação dificilima.

Entre as resoluções tomadas, fi-

guram, como mais importantes, as seguintes:

Determinação mais exacta do numero dos feridos e dos doentes de cada um dos belligerantes;

Protecção aos feridos, assegurada de uma maneira mais pratica;

Consagração official das sociedades da Cruz Vermelha e outras, que passam a gosar da mesma protecção que os serviços officiaes. Restituição do material que lhes for tomado em tempo de guerra;

Adopção geral do emblema da Cruz Vermelha, que certos estados não christãos tinham até agora recusado;

Interdição do emprego do emblema da Cruz Vermelha nos productos industriaes ou commerciaes.

A questão Dreyfus

Está de novo na ordem do dia esta questão que durante tantos annos apaixonou a França, a ponto de chegar a compromettter a existencia das instituições republicanas.

Dreyfus, a pobre victima dos reaccionarios do Estado maior de 1894, não satisfeito com o perdão que lhe fôra concedido pelo presidente da Republica, requereu a révisão do seu processo, e é á vista d'este pedido que o tribunal de Cassação está procedendo agora, sendo de prever que o auctorise porquanto tem em seu poder as mais evidentes provas da innocencia do ex-capitão, — da qual, de resto, toda a França está hoje tão convencida que assiste aos debates do tribunal com uma serenidade absoluta, que contrasta singularmente com a sua atitude nos agitados dias do julgamento de Rennes.

Novos estados americanos

O presidente Roosevelt assignou no dia 16 de junho a lei votada pelo parlamento admittindo na Confederação um novo estado constituido pelos territorios indiano e de Oklahoma.

Os dois districtos assim reunidos formam um extenso territorio. O Oklahoma contava, em 1900, 303.331 e o territorio indiano 392.000 habitantes. A população d'estes districtos augmentou nos ultimos cinco annos espantosamente;

A TRIPLICE ALLIANÇA

Nós mantemo-nos unidos leal e firmemente. Hip! hip! hurrah!

Do «*Nebelspalter*»

O PARAISO DA LIBERDADE

Gorki e a sua Eva expulsos do paraiso dos Estados Unidos, por falta de laços matrimoniaes.

Do «*Kladderadatsch*»

O PAESINHO DOS RUSSOS E OS JUDEUS

1. Na Russia — 2. Fora da Russia

Do «*Newe Gluhlichter*»

póde ser calculada na actualidade em milhão e meio de habitantes.

O novo estado dispõe já de 19 bancos nacionaes e 247 de iniciativa privada, com depositos na importancia de 22 milhões de dollars.

Tem 2.192 escolas communaes, dando instrucção a 19.433 creanças.

O territorio das Peles Vermelhas foi creado em 1834 para n'elle serem recolhidas as tribus que nos estados de Leste traziam os colonos em constante sobresalto.

A lei manda tambem realisar um plebiscito no Arizona e no Novo Mexico, para saber se os habitantes d'estes dois territorios querem egualmente ser incorporados na Confederação, constituindo um novo estado.

O divorcio em França

Acaba de ser apresentado ao parlamento francez o projecto de reforma da lei do divorcio, cuja elaboração foi confiada ao *Comité* da reforma do casamento.

O projecto amplia a lei anterior, tornando mais facil o divorcio e dando á mulher maior capacidade juridica.

As causas do divorcio admittidas são:

O concurso mutuo das esposas;

A incompatibilidade de genios, manifestada em juizo por um d'elles, de seis em seis mezes, durante dois annos;

O adulterio;

A condemnação a uma pena infamante;

A condemnação a uma pena correccional;

O abandono voluntario do domicilio conjugal, durante dois annos;

A alienação mental de um dos esposos;

A embriaguez inveterada e as doenças venereas graves

Segundo o projecto, o adulterio deixa de ser um delicto e desmerecer, por isso, uma pena, transformando-se simplesmente em um motivo de divorcio.

O lago Tchad

Acabaram de reconhecer os sabios que o famoso lago Tchad, por causa do qual esteve ha tempos imminente a guerra entre a Gran Bretanha e

a França, não é senão o ultimo vestigio do immenso mar interior da Africa. Succede, porém, que o Tchad, não querendo dar origem a novas e provaveis complicações, parece estar resolvido a desapparecer modestamente.

Com effeito, segundo uma communicação publicada no *Boletim da Sociedade Astronomica de França*, o capitão Tilho, membro da commissão delimitadora franco-ingleza da região do Niger-Tchad, comprovou recentemente que, desde as explorações de Barth e Nachtigal, a forma e a superficie do lago soffreram grandes transformações.

A superficie perdeu mais de um milhão de hectares em cincoenta annos. As areias invadiram-o por leste e as dunas caminharam para oeste. Ao mesmo tempo, as aguas teem diminuido.

A navegação só é possivel em raros sitios, e, com frequencia, as embarcações tocam o fundo.

Assim, o magnifico lago que, com as suas ondas, na occasião dos grandes ventos, dava a illusão de um oceano, tende a converter-se rapidamente n'um immenso pantano.

O novo presidente do Chili

A Republica do Chili acaba de eleger presidente o sr. Pedro Montt que presidiu de 1851 a 1861, e a quem se deve o desenvolvimento que o Chili está manifestando.

Elevado ao mais alto cargo do seu paiz, pela União Liberal, Pedro Montt, foi successivamente deputado, senador, diplomata, ministro e vice-presidente do Conselho de Estado. Segundo o seu programma, vae consagrar principalmente os seus esforços á melhoria dos cambios, a activar as obras publicas, a desenvolver a instrucção popular e a crear a legislação productora do trabalho.

O maior diamante do mundo

Para os profanos, o grande diamante ha tempos descoberto na mina Premier, na Africa do Sul, tem toda a apparencia de um pedaço de vidro ou gelo puro. Comtudo, este pequeno bloco de pedra, que mede approximadamente 4 pollegadas por $2\,^1/_2$ por $^1/_4$ ($0^m,11 \times 0^m,069 \times 0^m,034$) e pesa 3032 quilates, está avaliado nada menos

A PROXIMA CONFERENCIA DA PAZ EM HAYA

A chegada das Potencias

Do «*Wahre Jacob*»

O FUNDO ROTO DA TRIPLICE ALLIANÇA

Bülow segura um vaso, com o distico «Triplice Alliança», o qual rebentou. A França e a Italia entra de braço dado.

Do «*Wahre Jacob*»

que n'um milhão de libras. A terra onde se encontrou esta joia foi comprada a um lavrador boer, chamado Prinsloo, pela quantia de 5000 libras. Mais de uma vez elle tem confessado que nunca sonhara que tão importante quantia lhe offerecessem pela sua propriedade os caçadores de diamantes. Está situada, em Elandsfontein, mesmo no centro do Rand, cousa de cinco milhas a leste de Johannesburg, e vinte e cinco milhas ao sul de Pretoria.

O diamante foi descoberto por um dos directores da mina, Mr. Cullinan, com cujo nome foi baptisado. Foi levado para Londres e examinado por varios peritos, Um sabio afamado descreveu-o como «a mais pura de todas as pedras grandes». Entretanto, os donos do diamante estão a parafusar sobre o melhor destino a dar-lhe. O facto é que o seu tamanho torna-o difficil de collocar.

Não parece muito possivel que o compre algum colleccionador particular. Apparentemente, o seu unico destino seria enriquecer uma collecção regia, mas qualquer governo, embora rico, hesitaria em pagar pelo seu valor um diamante assim.

A unica alternativa é pois cortar a pedra n'uma porção de joias e dispôr d'elle por esta fórma.

O verdadeiro negro

Reputam-se em geral negros todos ou quasi todos os naturaes da Africa. O que é certo porém é que o verdadeiro negro está quasi exclusivamente confinado na costa da Guiné. Além da pelle negra, caracterisa-se pelo cabello encarapinhado, alta estatura, de $1^m,88$ em media, nariz largo e chato, labios grossos e revirados, protuberantes. Os negros constroem cabanas com telhados salientes, usam como armas azagayas, arcos, espadas e escudos, mas não usam clavas nem fundas. Os seus instrumentos favoritos são tambores de madeira e uma especie de guitarra.

Para substituir o carvão

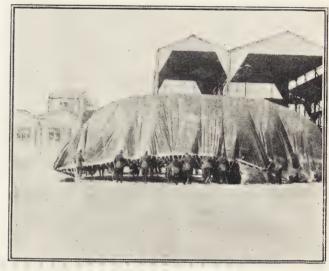
Reconheceu-se na California que os caroços de pecego ardem tão bem como o melhor carvão, e fornecem mais calor em proporção do peso. Juntam-se os caroços dos pecegos que se põem de conserva ou séccam e vendem-se á razão de 5 para 6 mil réis a tonelada. Os caroços de alperce tambem ardem, mas não tão bem como os de pecego, e não alcançam um preço tão importante.

Vida na sciencia e na industria

Aerostatica na exposição de Milão

Uma das secções mais importantes da Exposição de Milão é o Parque Aerostatico, d'onde nada menos de dez grandes balões fizeram a sua ascensão em presença do rei de Italia no dia da abertura. Estes balões fôram seguidos por automoveis, e o carro que primeiro chegou ao local do descimento, a distancia consideravel, teve um premio valioso. O destacamento de balões militares, que da Allemanha fora mandado á Exposição, exhibiu mais tarde um balão captivo, pelo qual o rei da Italia mostrou um vivissimo interesse.

Signaes no mar alto

Uma nova invenção de um sabio de Boston, Mr. Mundy, tende a substituir os velhos methodos de signaes maritimos por meio de sereias, detonações d'algodão-polvora e sinos, em uso nos faroes terrestres e nos navios faroes. Estes teem o defeito de serem pouco audiveis a grande distancia em nevoeiros, os quaes abafam os sons. Ora como a agua é um excellente meio para a transmissão das ondas sonoras, foi essa propriedade que o sabio americano utilisou. A base do seu invento é uma vasilha cheia de certa solução e contendo um microphone muito sensivel, collocado dentro de uma especie de caldeira vasia e em contacto com as paredes d'esta. Fluctuando a caldeira n'um dos extremos de um tanque, o som de um sino tocado debaixo de agua no outro extremo é ouvido distinctamente pelo microphone. Este ultimo, tirado de dentro da vasilha e collocado na caldeira, accusa indistinctamente os sons; d'onde se prova que a solução do interior da vasilha e a posição d'esta representam um papel importante no colligir dos sons. A solução é pois o segredo do inventor, ao passo que todas as outras particularidades do apparelho são de descripção publica.

NA EXPOSIÇÃO DE MILÃO — COMO SE ENCHE UM BALÃO MILITAR

A installação e arranjo são muito simples dentro do navio. O tanque ligado ao interior do casco abaixo

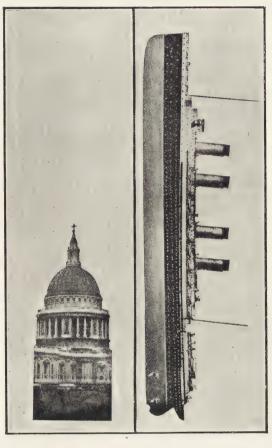
DIAGRAMMA MOSTRANDO OS VARIOS METHODOS DE SINOS SUBMARINOS PARA SIGNAES

da linha de agua, communica por um fio com a casa do governo. Ahi ha um receptor similhante ao do telephone ordinario, ligado a um indicador que informa o mareante se os sons de aviso proveem de estibordo ou de bombordo, por isso que a cada um dos bordos se adapta um apparelho. Para localisar o som, o mareante applica ao ouvido o receptor de cada um dos bordos, afim de determinar, pela differença de intensidade, se o perigo está a bombordo ou a estibordo. Se o navio vae de proa direita ao sino, os sons dos dois apparelhos teem a mesma intensidade, mas o mais ligeiro desvio é immediatamente accusado pelas differenças.

Na gravura que apresentamos, o sino do pharol terrestre é movido pela electricidade; no navio-farol pelo ar comprimido ou outros meios mechanicos, ao passo que o sino da boia é actuado pelo movimento das ondas.

Mostra-se tambem a posição dos receptores, de bombordo e de estibordo, que communicam com o indicador na casa do governo.

O «Lusitania» — Pela gravura junta se pode formar ideia do tamanho do *Lusitania*, o maior navio construido até hoje, pertencente á Companhia Cunard. Vê-se que o seu comprimento attinge quasi o dobro da altura da cathedral de S. Paulo, excedendo-a em 126 metros.

As principaes novidades d'este novo paquete são a linha telephonica, os elevadores electricos, um restaurant *à la carte*, as aposentações particulares em séries de cabines. A electricidade é produzida por machinas de turbina, que com

O COMPRIMENTO DO «LUZITANIA» COMPARADO COM A ALTURA DA CATHEDRAL DE S. PEDRO DE LONDRES (133 METROS)

as machinas propulsoras consumirão 1:000 toneladas de carvão por dia.

A tabella seguinte mostra as dimensões comparadas dos maiores vapores do mundo:

	Comprimento total em pés	Boca	Altura	Deslocamento	Força em cavallos	Velocidade
Great Eastern	692	83	$57^1/_2$	27.000	8.000	14,25
Lucania	625	65	42	19.000	30.000	22,01
Oceanic	704	68	49	28.500	28.000	19,50
Deutschland	686	67	42	23.000	37.500	23,51
Baltic	725	75	49	40.000	18.000	16,25
Kaiser Wilhelm II	706	72	$52^1/_2$	30.000	40.000	23,58
Amerika	680	$74^1/_2$	53	36.000	15.000	16,00
Lusitania	786	88	60	43.000	75.000	25,00

Linha ferrea na Mandchuria — Preparam-se os japonezes a construir rapidamente uma importante linha ferrea na Mandchuria. Deve partir de Autung, passando por Feughwanz e Motien, e chegar a Mukden. Esta linha apresentará decerto difficuldades, a começar por uma parte que não terá menos de 760 metros. Mas os japonezes já teem á sua disposição um troço de via militar, embora reduzida, a qual passa pelos mesmos pontos e chega a 29 kilometros de Mukden. Isto facilita muito os trabalhos a fazer.

Explosão de um tubo de radio — Eis um facto contado por um investigador allemão, que dá ideia da força que os gazes podem armazenar quando fechados. Um pequeno tubo de gaz com a espessura de $^1/_{50}$ de pollegada, contendo meio grão do mais puro brometo de radio, foi sellado durante onze mezes e collocado n'um banho de ar liquido. Tres minutos depois de tirado, o tubo rebentou, o vidro e o radio disseminaram-se em estilhas, e as particulas do ultimo brilhavam nas trevas como estrellinhas.

Vida no sport

O Grand prix

O «Grand prix» hippico de Paris, qne data de 1863 e, desde 1887, era ganho por cavallos francezes, coube este anno ao cavallo inglez Spearmint, pertencente a *lord* Loder e montado pelo *jockey* Dillon.

O Spearmint ganhou n'esse dia ao seu dono, alem de 250:000 francos de premio, uns tres milhões de francos, de apostas.

O Campeonato de França

Foi no dia 1 do corrente que se disputou no Parc des Princes, de Paris, o Campeonato de França, de 100 kilometros, a mais antiga prova de velocipedia franceza, pois a sua instituição data de 1885. N'esse anno, o campeonato foi ganho por Dubois, que fez os 100 kilometros em 4 horas, 14 minutos e 19 segundos, montando *bicycle*, machina adoptada até 1888, que foi quando a bicycleta appareceu. Este anno a victoria coube a Darragon que venceu aquella distancia em 1 hora, 14 minutos e 57 segundos.

Até 1893 disputou-se este campeonato sem treinadores; de 1894 a 1897, com treinadores humanos, em machinas multiplas; de 1898 a 1900 com treinadores mechanicos; em 1901 outra vez com treinadores humanos, em bicycletas; e de então para cá em motocycletas.

SZISZ

O CARRO VENCEDOR GUIADO POR SZISZ

O SEGUNDO CARRO GUIADO POR NAZZARRO

O «Grand prix» da U. V. P.

E' esta uma das provas mundiaes mais importantes, tendo a sua importancia augmentado este anno consideravelmente com o facto de n'ella entrarem Poulain, o campeão do mundo e Kramer, o campeão da America. Foi, afinal, Poulain quem mais uma vez venceu Kramer que chegou em segundo logar e Mayer em terceiro.

O «Grand prix» do A. C. F.

Nos dias 26 e 27 de junho realisou-se em França, no «Circuito de Sarthe», a mais tremenda prova automobilista que até hoje se tem organisado, destinada a disputar o *Grand Prix* do Automovel Club de França que representava, monetariamente, para o vencedor cem mil francos, ou sejam vinte contos em moeda portugueza.

A distancia a percorrer era de 1238 kilometros, em duas *étapes*, percurso este que havia sido todo alcatroado para evitar a poeira. Os carros inscriptos foram em numero do 34, com o peso maximo de mil kilos cada um, conforme o disposto no programma.

Logo na primeira *étape* chegou em primeiro logar Szisz, em automovel Renault, gastando em percorrer os 619 kilometros, 5 horas, 45 minutos e 30 segundos. Passados 26 minutos e 10 segundos chegou Clément, em automovel Bayard Clément, e 15 minutos e 13 segundos depois d'este, Nazzaro, em automovel Fiat.

A victoria final, no dia seguinte, coube ainda a Szisz que, com o seu Renault, percorreu os 1238 kilometros em 12 horas, 14 minutos e 7 segundos, batendo assim os *records* do mundo estabelecidos sobre as distancias em todos os meios de locomoção.

A Szisz seguiu-se Nazzaro, que gastou na viagem 12 horas, 46 minutos e 26 segundos, e a este Clément, tendo gasto 12 horas, 49 minutos e 46 segundos.

Com a victoria de Szisz, a França que viu a sua hegemonia na industria automobilista seriamente abalada, conseguiu assignal-a de novo e brilhantemente, n'esta famosa corrida.

Segundo Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

ARRUFOS

Cliché do sr. Victorino Cardoso, Porto

SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

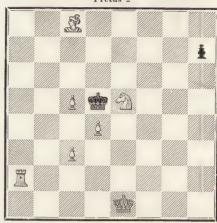
N.º 13. Problema directo

Pretas 10

Brancas 5

As brancas dão mate em 4 lances.

N.º 14. Problema symbolico — Oriom

Pretas 2

Brancas 7

As brancas dão mate em 3 lances

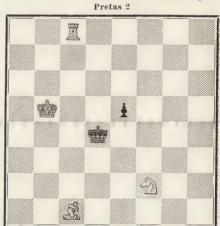
N.º 15. Problema retrogrado

Pretas 10

Brancas 3

1.º — Collocar um pião branco n'uma casa possivel.
2.º — As brancas jogam e dão mate em 2 lances.

N.º 16. Problema symbolico—Cassiopea

Pretas 2

Brancas 4

As brancas dão mate em 3 lances.

Soluções:—Prob. n.º 5 = **P f 3**. N.º 6 — **C e 2**. N.º 7 = **D b 4**. N.º 8 = **P g 5 — f 5**.

Resolutores: — Os Srs. Pereira Machado e Nunes Cardoso.

Final de partida. — Rei branco contra tres Piões pretos unidos, jogando mesmo estes primeiro, não podem chegar á Dama. A regra manda jogar o rei para a frente do pião mais avançado. Suppõe-se que o rei preto está de guarda a piões brancos que podem avançar a Dama, e que portanto não póde vir em auxilio dos seus piões.

SEROES
Nº.14.
AGOSTO.
1906

Summario

MAGAZINE PAG.

OS SERÕES DAS SENHORAS (45 illustrações)

Correspondencia dos «SERÕES»

PASTAS PARA OS NOSSOS SUPPLEMENTOS

A demora das pastas destinadas aos nossos dois supplementos—*Os Serões das Senhoras* e a *Musica dos Serões*—jutifica-se pelo primor artistico que nós desejamos dar-lhes. Com esse fito se estão elaborando, e brevemente as poremos á disposição das nossas leitoras, as quaes poderão, a seu bel-prazer, aproveital-as no seu mister de pastas onde recolham esses supplementos ou servir-se d'ellas para capas de encadernação

Os Serões das Senhoras, relativos ao anno preterito (junho de 1905 a junho de 1906). formam já um elegante volume, digno de ser consultado pela variedade de materias n'elle contidas, muitas das quaes conservam permanente actualidade, e digno de figurar, quando artisticamente encadernado, n'uma linda *étagér* de *boudoir* feminino, entre umas jarras de flores e umas deliciosas estatuetas de Saxe.

A *Musica dos Serões* ainda forma um volume bastante exiguo para se encadernar, e é talvez preferivel recolher todos os numeros na pasta que lhes destinamos, elegantemente atada com um nastro de seda, junto do piano, como um repositorio de inspirados trechos musicaes para as *soirées* da estação.

Eis os alvitres que respeitosamente apresentamos ás nossas amaveis leitoras, a quem os *Serões* devem certamente o melhor da sua reputação.

O MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM COIMBRA

Do nosso illustre collaborador Mario Monteiro recebemos um energico e justissimo protesto contra os vandalismos perpetrados n'este edificio de brilhantes tradições historicas.

N'essa especie de reclamação, dirigida á benemerita Sociedade *Propaganda de Portugal* e já publicada na imprensa diaria, acautelam-se egualmente vandalismos futuros, que os precedentes lamentavelmente fazem antever, e pede o sr. Mario Monteiro a acquisição do historico monumento para o Estado, ou que pelo menos se procurem salvar ainda as magnificas cantarias que restam da passada grandeza artistica.

Não nos permitte o espaço reproduzir na integra o eloquente appello do sr. Mario Monteiro, mas aqui deixamos bem patente a nossa adhesão ás reclamações feitas. Assim nol'o aconselham o enthusiasmo patriotico e o desvelo pelos interesses da arte, que temos sempre tentado desenvolver na nossa publicação.

O CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

Escreve-nos o sr. Luiz Marques de Souza, do Porto, premiado no nosso ultimo concurso photographico, participando-nos que põe a importancia do seu premio á disposição da *Associação dos Jornalistas do Porto* para o seu cofre.

Folgamos em que tão meritoria applicação tenha o nosso premio, e fazemos votos por que o distincto amador alcance jus a novos premios, que duplamente estimaremos poder destinar-lhe.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte:

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço da photographia: ....

....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.ª, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

VINHO VELHO
DO PORTO
MOUSINHO
D'ALBUQUERQUE

Poock
POOCK
CASA CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83

LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Pão—Raposo de Oliveira—versos. Um livro de 16 pag.—Livraria Editora—Viuva Tavares Cardoso—Lisboa.

A Profissão de Advogado— Em face da legislação Portuguêsa actual—Oração pronunciada na conferencia solemne de inauguração da Associação dos Advogados de Lisboa do anno de 1904-1905 por Antonio A. Pires de Lima, advogado e professor do Lyceu de Lisboa—Ferreira & Oliveira L.da, Editores—Lisboa.

A Construcção Moderna—*Revista Illustrada*—Anno VI—n.º 34—1 de Junho de 1906—n.º 190.—Summario—Um quartel e estação de Bombeiros, projecto do constructor civil, Luiz Caetano Pereira de Carvalho— Liquefacção do ar—Tramvia eletrico de Lincohi—Os affluentes occidentaes do caminho de ferro de Simplon—Busto de Silva Porto—As nossas barras—O novo edificio da Escola Medica—Distilação do cobre — Serviços meteorologicos—Theatros e Circos.

Revista Portugueza Colonial e Maritima—n.º 105—9.º Anno— 20 de Junho de 1906— 18.º vol —Summario—Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer—(continuação) por Carlos Roma Machado.—Dados genealogicos e biographicos d'algumas familias fayalenses (continuação) por Antonio Ferreira de Serpa—Floresta do Mayombre (continuação) A. A.—Movimento Colonial, por João Farmhowse—Notas navaes, por E. de V.—Revista Ultramarina, por Augusto Ribeiro—Livros e publicações periodicas recebidas—Informações commerciaes—Generos vindos d'Africa para o mercado de Lisboa.

Os Annaes—Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria—Anno III—n.º 83 Rio de Janeiro 31 de Maio 1906—n.º 84 Rio de Janeiro, 7 Junho 1906 n.º 85 Rio de Janeiro, 14 Junho 1906.

Boletim photographico—Revista mensal Illustrada de Photographia—Setimo anno—n.º 75—Março de 1906—Summario—Banhos de revelação—Os papeis Luna—Esmalte das provas em papeis de gelatina—Tabella de exposições—Productos e material novo—Formulario etc.

A Construcção Moderna—Revista illustrada—Anno VI—n.º 35— 10 de Junho de 1906—n.º 191—Publicação tri-mensal — Summario—Projecto de uma casa de habitação em estylo egypcio modernisado, para o sr. Ricardo José da Silva e Castro —projecto do sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior—Liquefacção do ar—Sociedade de saneameato aseptico—Melhoramentos do porto de Lisboa—Trabalhos dos moinhos de vento— serviços meteorologicos—Bibliographia.

Vera-Cruz—Quinzenario politico—literario e humoristico—Anno III—n.º 13—S. Paulo.

Seguros e Finanças—Revista Economica e Industrial—I anno—n.º 5—Maio 1906—Numero dedicado a **Nacional**—Companhia Portuguesa de Seguros sobre a vida humana—Constituida em 17 de Abril de 1906.

Portugal Agricola—Dedicado aos interesses fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias—n.º 12—15 de Junho 1906—Summario—A questão vinicola por Virgilio Bugalho Pinto —Prados e forragens na ilha da Madeira—Carlos A. Menezes—Zambujos e zambulhos—Menezes Pimentel—O anno agricola—J. Marques de Carvalho—Alterações e defeitos dos azeites—Diogo Folque Possollo—Contra o piolho e branco das roseiras—Utilisação das turfeiras para a producção de nitratos—F. R. de Sousa d'Arte—Enrolamento das folhas do pecegueiro—*Indicações rudimentares*—Prados —III. Irrigação dos prados—Séga dos prados—Fenação—Arrecadação do feno—J. S. Seabra—*Revista das Revista*—J. V. Gonçalves de Sousa—*Livros, conferencias e communicações*—O motor de essencia em agricultura—por F. Cabral Paes—Mello de Mattos—*Informações e Noticias*—Exposição de solipedes—*Secção Official*—Varios decretos —Portarias—Avisos—etc.

Revista de Manica e Sofala—3.ª serie — Julho de 1906—n.º 29—Summario—Conselheiro Antonio Eduardo Villaça—O Territorio de Manica e Sofala em 1905 (continuação)—Um artigo notavel—A cultura do algodão—População do Territorio de Manica e Sofala em 1905—Nomes e Povoações—Relatorio d'uma viagem por Abeillard Gomes da Silva (continuação)—De toda a parte—Chronica, Notas e informações—Carteira da Revista—As nossas gravuras.

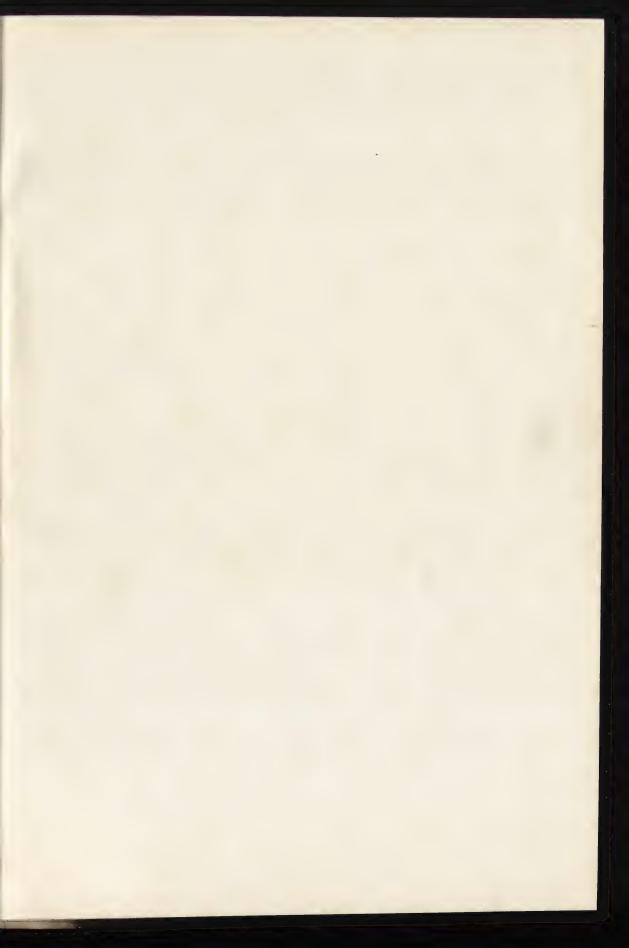
Novos Horisontes—*Publicação mensal operaria de propaganda e de critica*—n.º 1—15 de Junho de 1906—Summario—Apresentação—Luctemos—Deus e seu proféta—Posse, e não saque—Outras ideias —Meditando—A policia—Os homens fortes—Illusão desfeita—O transformismo—Procriae.

Echo Photographico—*Jornal mensal de Sport Photographico*—Anno 1—Julho 1906—n.º 2.

Mappa do Estado do Amazonas—Com o kalendario de 1906 e 1907 e grande numero de Annuncios.

Boletim photographico—*Revista mensal Illustrada de Photographia*—n.º 76—Setimo anno—Abril de 1906—Summario dos principaes artigos—Photographia Estereoscopica—Revelação lenta na photographia artistica— Um instantaneo por 85 libras —Productos e material novo—Formulario etc.

A Construcção Moderna—Revista Illustrada—Anno VI—n.º 36—30 de Junho de 1906—n.º 192—Summario—Ampliação e modificação da propriedade de rendimento, na rua Augusta 142 e 156, pertencente ao sr. Leopoldino Ribeiro—Constructor civil, sr. João Rodrigues Sebola—Os affluentes occidentaes do caminho de ferro do Simplon—As concessões de minas—Caminhos de ferro economicos—As maiores redes e vias de communicação —Entre Hamburgo e Argentina—Aço de calcio—Colla para linoles e coiro—Serviço meteorologicos —Expediente.

O Progresso—Anno IV—n.º 97—Junho 1906—É publicado trimensalmente por uma commissão eleita pela Associação Litteraria Gonçalves Dias.—S. Paulo—Summario—A Litteratura e a Philosophia de Tolstoi, por Leopoldo de Freitas—Manola, por Joaquim Morse—A mulher na Familia e na Sociedade, por Annibal Nora—Escurraçada por Alfredo Nora—A Inquisição e o Ensino Jesuitico, por Celso Valle—Passeiando, por Carlos da Silveira—Simple Refutation, por Ernest Copérau — O cabeça Branco, por Aroldo Nefra—Corundum em São Paulo, por Ernesto Pyles—Saudação ao rio, por Ide Schloemback—A republica Argentina, por Ireneu Braga—Lord Averbury, por Nathanoel Bizarro—As cartas de ha 5000 annos—Actualidades.

REMBRANDT

O GRANDE PINTOR HOLLANDEZ CUJO CENTENARIO SE CELEBROU A 15 DE JULHO

Retrato do proprio auctor

Julio Diniz

Um autographo e um inedito do grande romancista

A boa e velha amizade do seu camarada Guilherme Gomes Coelho deve o nosso director litterario o precioso mimo que offerecemos aos leitores dos *Serões*. Sobrinho do chorado romancista, que escreveu *As Pupillas do senhor Reitor* e *A Morgadinha dos Canaviaes*, presenteou-nos elle com dois ineditos d'essa penna suggestiva e sincera. O alvoroço em que ficámos é simples prologo do alvoroço com que os leitores vão devorar esses dois trechos. Em ambos se espalha por egual a alma dulcissima de Julio Diniz. O primeiro, comtudo, que, para conservar intacta a commoção intensa que o ditou, segue publicado em *fac-simile*, é um documento autobiographico de transcendente valor. É a carta em que o futuro romancista, depois de doutorado na Escola Medica, communica a seu pae a sua nomeação para demonstrador da mesma Escola. Para bem se alcançar toda a significação affectiva d'esse documento, convem conhecer algumas particularidades do viver intimo de Julio Diniz, durante a sua infancia e a sua adolescencia, as quaes colhemos das piedosas reminiscencias de seu sobrinho.

O pae de Julio Diniz, o Dr. José Joaquim Gomes Coelho, era dotado de um temperamento concentrado e excentrico, rispido na apparencia e bondoso no fundo, o original em summa d'aquelle Richard Whitestone que seu filho admiravelmente delineou na *Familia Ingleza*, porventura o mais realista ou, como hoje é uso dizer, o mais vivido dos seus romances. As relações entre pae e filho tiveram sempre uma certa tensão, não devida a quaesquer conflagrações que o mutuo amor não consentiria, mas proveniente do conflicto permanente de dois temperamentos egualmente reservados, austero no primeiro, melindroso no segundo. Raro trocavam palavras que não fossem de mera saudação quotidiana. Quando o velho doutor julgava urgente alguma communicação a seu filho, fazia-a geralmente por uma carta ou nota que lhe deixava no quarto, quando o sabia ausente. Exactamente o que se reproduz no romance alludido, entre o fleugmatico commerciante inglez e seu filho Carlos.

Vem a pello uma anecdota, perfeitamente illustrativa d'esse apparente alheamento d'aquelles dois espiritos que se estremeciam. Em março de 1866 começou a apparecer em folhetins, n'um jornal do Porto, o bello romance *As Pupillas do senhor Reitor*, que desde o começo produziu por toda

a parte um movimento de alvoraçada sympathia e de viva curiosidade. Quem seria aquelle brilhante espirito, aquelle emulo portuguez de Dickens, que se occultava sob o modesto pseudonymo de Julio Diniz? Nas ruas, nos cafés, no seio das familias, aventavam-se hypotheses, formulavam-se alvitres, e pouca era a gente, ainda entre a mais avessa a assumptos de ordem intellectual, que se desinteressava do palpitante problema. O proprio Dr. Gomes Coelho trazia das cavaqueiras com os amigos ideias e suggestões, que, vencendo a sua habitual frieza, irrompiam aos farrapos á meza da familia. Calado o escutava Joaquim Guilherme, a esse tempo já demonstrador da secção medica na Escola do Porto, e apenas, quando instado, respondia com monossyllabos ou phrases vagas ás perguntas ou presumpções de seu pae.

Eis senão quando este, um bello dia, entrando acaso no quarto do filho, onde o levava provavelmente alguma communicação escripta que precisava deixar-lhe, ficou surprehendido de ver na secretária uns quartos avulsos, para impressão, sobre os quaes lançou machinalmente os olhos. Surgiam-lhe os nomes das personagens cuja historia fabulada commovia ao tempo o Porto inteiro. Aguçado pela curiosidade, leu e comprehendeu tudo. E o orgulho paterno não lhe permittiu guardar segredo. Revelou-o aos amigos. E foi assim que o Porto soube, e que o paiz inteiro veiu a saber, quem era o novel romancista, e identificou com uma creatura viva e contingente o nome que devia ser uma das mais puras glorias da litteratura nacional.

Mas voltemos ao nosso estudante de medicina, intimidado e perplexo sempre ante a visagem severa do pae doutor. A fina sensibilidade do seu espirito não o enganava; elle bem sabia que sob aquelle aspecto carrancudo se escondia uma alma amoravel e cheia de dedicação extremosa. O seu olhar sereno bem via transluzindo sob uma mascara ferrea, os jubilos que inspiravam seus triumphos escolares, os tacitos desvelos pela sua saude sempre combalida, as apprehensões que revolviam o espirito paterno, solicito pelo futuro dos filhos. Em 1861, Joaquim Guilherme concluira distinctamente o curso. Quatro annos depois, era despachado, em virtude de concurso, demonstrador da secção medica da mesma Escola em que se formara. E foi então que, talvez pela primeira vez na vida, deu largas aos impetos de gratidão e de ternura, que o atiravam aos braços d'aquelle velho rispido e amoravel, que era seu pae, a quem devera mais do que a vida, a educação e uma situação desafogada no mundo.

É a expressão eloquente e espontanea d'esses sentimentos que forma o conteudo da carta, dada em *fac-simile*. Só uma bella alma pode sentir assim, só um delicado espirito, como o de Julio Diniz, pode encontrar as palavras commovidas e quentes que traduzam plenamente esse sentir. É uma joia inestimavel essa carta; de futuro constituirá porventura um d'esses exemplares classicos de epistolographia que andam pelas mãos da infancia. Ao calor d'esse affecto e á pura belleza d'essa linguagem se educarão com effeito as almas das creanças, habituando-se a não ter em menos conta as finezas do coração do que os primores do genio.

* * *

Outro inedito de Julio Diniz publicam

os *Serões*. Esse pertence á phase dolorosa da vida do grande romancista. A herança morbida materna, que já prostrara seus oito irmãos, ameaçava o implacavelmente. Aos primeiros rebates da tuberculose, envidaram-se esforços para travar a roda da Fatalidade. Exgotados os primeiros recursos, occorreu naturalmente a ideia da Madeira, então, mais do que talvez agora, apregoado refugio cosmopolita de tisicos. Em 1868, para lá foi passar uns mezes Julio Diniz. Em 1870, para lá voltou «á procura do ideal que se chama saude», diz elle proprio. A carta, que pela vez primeira publicam os *Serões*, collige as impressões fugidias e lampejantes de um grande espirito, ameaçado de morte, perante o espectaculo assombroso da Natureza e da Vida. É um documento de alto interesse biographico e litterario.

Em duas casas habitou Julio Diniz, que saibamos, durante a sua estada na Madeira. Uma d'ellas, aquella cuja fachada publicamos, era na rua da Carreira, no Funchal. Devemos estas informações e a photographia ao nosso insigne collega Reis Gomes, redactor do *Heraldo*, do Funchal, o qual accrescenta, referindo-se á casa: «Hoje está ligeiramente modificada no seu aspecto exterior, isto é, mais remoçada, conservando a mesma disposição: cinco janellas no primeiro andar e uma no alto... Eram donas da casa as senhoras D. Romana e D. Josephina Pio, duas irmãs... A sua sobrinha senhora D. Olympia Pio Fernandes, professora no Porto, é actualmente a sua parenta mais proxima».

Antes de residir n'esta casa, morou Julio Diniz pouco tempo nos Ilhéus, n'uma Villa onde actualmente reside o Doutor Nuno Ferreira Jardim (informação dada egualmente pelo sr Reis Gomes, a quem cordealmente agradecemos estas notas interessantissimas, e cremos que ineditas, para a biographia do grande romancista).

Como a primeira carta, esta do Funchal, posto que indubitavelmente destinada á circulação litteraria, revela a amorosa individualidade de Julio Diniz, que nem as crueis apprehensões de valetudinario conseguem obscurecer. A saudade entristece-o, o espectaculo do oceano acabrunha-o, mas, quando a a seus olhos a Madeira surge, em toda a sua magia deslumbrante, os primeiros jubilos adejam em torno da alma esmorecida do poeta. Mas a tristeza volta de novo, ao divisar a sombra da Morte pairando sobre o risonho Funchal, como sobre um sanatorio cosmopolita de condemnados... É preciso sahir da cidade para que essa visão fatidica se desvaneça, e então, que hymno de contentamento e de admiração brota da penna commovida do artista! E a sua alma aquece-se de gratidão, perante a misericordiosa sympathia que vê em todos os olhos.

E porventura, nos ultimos periodos da carta, transparece alguma cousa mais: um doce sentimento, quiçá partilhado, que um formoso rosto feminino houvesse feito desabrochar no coração melancolico do romancista...

Fac-simile de uma carta de Julio Diniz

Papá

A estas horas é provavel que já saiba
que estou despachado. Não tinha in-
formado inexactamente o amigo de Teixei-
ra Pinto, quando disse que n'esta 5ª feira
se assignava o decreto da minha nomea-
ção. É com a data de 20 que elle vem
no Diario de 22. Um mesmo rapaz
escreveu de Lisboa e eu acabo de
ver o Diario. O commendador de Es-
cholta escreveu-me tambem. Finalmen-
te está decidido; acabaram todas as du-
vidas e inquietações.

Nesta occasião, em que o meu futuro
se fixou, não posso deixar de me recordar
do muito que devo ao Papá pelos sacrificios
feitos por mim. Alegra-me duplamente
o resultado d'este meu empenho, porque
com o prazer que me causa, sei que não me-
nos intenso havia de produzir ao Papá,
que até agora tão infructiferos tinha
visto ficarem os seus grandes esforços para

a seu pae, o Dr. José Joaquim Gomes Coelho

a felicidade dos filhos.

Meus irmãos foram privados, não sei porque vistas providenciaes, de colherem neste mundo os fructos da esmerada educação, que o Papá lhes déra. Esse mesmo poder, que os sacrificou tão novos, parece ter-me reservado, como que para realsar em mim a recompensa, que lhe merecia a resignação do Papá.

Alegra-me esta idéa e anima-me a acreditar que não me faltará a vida e a saude, para poder cumprir esta missão, talvez providencial.

Creia que tenho sentimentos para avaliar todos os seus sacrificios e para comprehender o alcance da delicadeza com que procuravam não m'os fazer sentir.

N'este dia, um dos mais solemnes de toda a minha vida, permitta-me que cumpra com o meu primeiro dever, beijando-lhe respeitosamente a mão. Seu filho grato e affectuoso

Felg.s 24 de Julho de 1865

Joaquim

PANORAMA DA

Impressões da Madeira

CARTA INEDITA DE JULIO DINIZ

Meu amigo

Funchal, Março de 1870

Recordo-me de lhe haver promettido, ao separarmo-nos, escrever-lhe de quando em quando d'esta ilha, onde pela segunda vez abordei, á procura do ideal que se chama saude.

Tarde me lembrei do cumprimento da promessa; mas a tempo vae ainda.

Não é uma monographia que eu vou fazer. Deixarei em paz a constituição geologica, a flora, a fauna da ilha e todas as questões medicas, economicas e politicas que se prendem a este torrão fertilissimo. O meu intento é mais modesto. Quero mostrar-lhe a Madeira atravez das individualissimas impressões que o meu espirito recebe n'ella, e isto sem plano, sem methodo, sem coordenação didactica e só conforme a corrente irregular e caprichosa das minhas ideias.

Fazer-lhe esta observação equivale a avisal-o de que não serão de tintas

DE DO FUNCHAL

muito vivas os quadros que traçarei. A imaginação de um valetudinario tinge de côres amortecidas as mais ridentes paizagens e as scenas mais pittorescas que observa; para elle o brilho do sol é visto como atravez de um cristal corado; percebe as gradações de luz, mas sempre sob o tom uniforme e sombrio do cristal, que, n'este caso, se chama preoccupação.

As viagens, esse sonho doirado que tanto seduz a imaginação da mocidade, anciosa, como a ave prisioneira, por alargar horisontes e bater azas em demanda de climas novos, transformam-se em amarga proscripção, sempre que as emprehendemos forçados por uma triste necessidade e partimos levando o espirito assombrado por uma ideia, ou, antes, por um presentimento doloroso.

Nada então nos compensa as lagrimas da despedida e o cruel confrangimento do coração que responde ao ultimo adeus do amigo, que de olhos humidos nos acena da gare do caminho de ferro ou nos aperta a mão no tombadilho do vapor. Partimos com a alma opprimida e sem aquelles voluptuosos estremecimentos de jubilo, que se misturam ás saudades de quem se afasta dos seus seduzido pelo prazer de viajar.

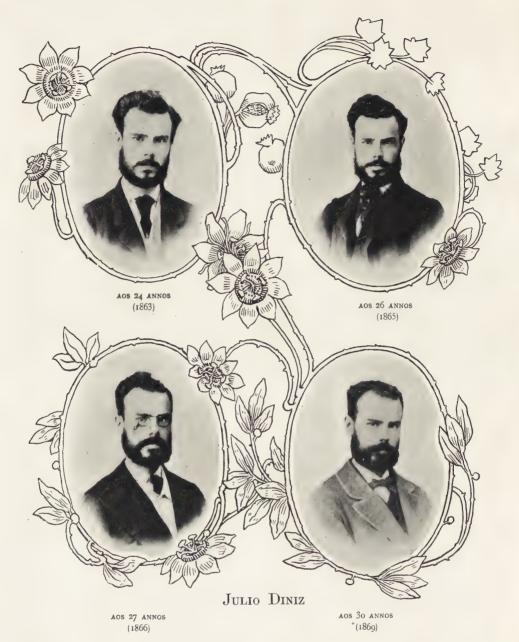
Quando se perde de vista a terra em que nos ficaram todos os affectos intimos, parece-nos escutar uma voz interior a perguntar-nos se voltaremos a vêl-a.

AOS 24 ANNOS
(1863)

AOS 26 ANNOS
(1865)

JULIO DINIZ

AOS 27 ANNOS
(1866)

AOS 30 ANNOS
(1869)

E não ha um clarão de esperança a responder a essa interrogação.

Que tristeza a d'aquelle instante!

Depois o mar, o mar, esse immenso fóco de melancolias, acaba de escure-rer-nos o pensamento.

Olhar em roda e não avistar um só d'esses objectos que nos fallam do passado, da familia, do remanso domestico! Vêr tudo em movimento, tudo em irrequietação, tudo revolto! Ter necessidade para satisfazer a instinctiva ancia de repouso, que sentimos, de elevar os olhos para o ceo, como faz o homem desalentado pelo tumultuar das vagas da vida, que considera aquella outra

patria como o unico logar de verdadeiro repouso — impressões são estas que não dissipam as nuvens do nosso horisonte, antes mais as carregam.

O ILHEU

Apesar da sua grandiosa solemnidade, o oceano é um desconsolador companheiro para a alma n'aquellas disposições.

Por vezes, quando ao amanhecer de um d'esses dias longos e desoladores se avista alem, muito alem, no horisonte, uma sombra mal distincta atravez da qual só o olhar amestrado do marinheiro consegue distinguir a terra demandada, sauda-se essa sombra como uma promessa de redempção.

Todos os olhos a procuram com anciedade e, á medida que ella se ergue e aclara e se contornêa e se colora com as tintas naturaes, revelando-se emfim tal qual é, entre o azul do mar e o azul do ceo, dissipa-se a mais e mais a cerração de melancolia que nos poisava no coração.

Como a ave extenuada por longa travessia por sobre mares vastissimos abate o vôo a repousar na terra que lhe surge do seio das ondas, assim o espirito, cançado tambem d'aquella immensidade e irrequieta agitação das aguas, vôa a engolfar-se no regaço das verduras, que parece haverem emfim obedecido á invocação das suas nostalgicas, saudades.

Quando a formosa ilha da Madeira, levantando-se da espuma do mar, como a mithologica Citherea, crescia para nós a receber-nos, abrindo o seio benefico e maternal aos desconfortados que n'ella só depositavam as suas derradeiras esperanças, sentiamos todos penetrar-nos o coração um d'esses suaves prazeres, como o que nos produz, no meio de uma turba de estranhos, o encontro de um rosto e de um sorriso de amigo.

Formava um consolador contraste com a tremenda severidade do mar a amena perspectiva da ilha!

Horas depois de a avistar, a marcha rapida do vapor fez-nos dobrar o cabo de S. Lourenço; transportando o amplo portico que elle forma com o grupo das penhascosas Desertas, sentira-se uma subita mudança de clima, como se, de repente, se tivessem vencido muitos graus de latitude.

Afagou-nos as faces a briza tepida e perfumada da ilha, aspirámos com prazer o halito acalentador e salutifero d'esta fada maritima; achavamo-nos sob o seu abençoado encantamento, reconheciamos emfim a Madeira!

A costa do sul ia passando em revista, com as suas rochas escarpadas, as suas ribeiras profundas, a sua vegetação vigorosa, as suas formidaveis quebradas e os altos picos onde poisam as nuvens, os valles fertilissimos e as povoações graciosas. Momentos depois, vencida a ponta do Garajao, as casas e as quintas do Funchal illuminadas por um esplendido sol de outomno, que doirava

as extensas plantações de canna, saudaram-nos por sua vez.

A magia do espectaculo emmudeceu-nos. De um lado o mar, do outro as serras e, entre estas duas grandezas magestosas, a cidade sorrindo, como a creança adormecida entre os paes, que a defendem e acalentam. Dentro em pouco poisavamos pé em terra.

HOSPITAL PRINCEZA D. AMELIA

Não é grata a impressão recebida ao desembarcar. Costumados aos extensos e alvejantes areaes das nossas praias, tão ricas de formosissimas conchas e em cujas penhas se formam aquarios naturaes, onde aos raios do sol as actinias matizadas expandem os seus braços gelatinosos, as algas crescem em delicadissimas arborisações; costumados ás praias risonhas, que attraem as mulheres e as creanças com o animado e variadissimo espectaculo que lhes offerecem e os abundantes thesouros de pedrarias que escondem nas suas moveis areias, affecta-nos tristemente o aspecto d'esta praia negra, formada de calhaus roliços, côr de lousa, sem mistura de pedras multicôres, sem a concha do mollusco a adornal-a, sem uma d'essas pequenas maravilhas naturaes, que são o principal attractivo da beira-mar.

Esta pedra escura parece conservar ainda evidentes os vestigios do cataclismo vulcanico que a arremessou á superficie das aguas. Dir-se-ia que ainda está defumada e quente do fogo do immenso fôrno em que foi fundida. Ao seu aspecto comprime-se o coração do viajante.

Entramos na cidade. Ha um não sei que melancolico no aspecto d'ella. Por isso mesmo que é a generosa consola-

CASA DO FUNCHAL, ONDE HABITOU CHRISTOVAM COLOMBO

dora de tantos afflictos, por isso mesmo que acolhe no seio maternal os que soffrem e que de toda a parte do mundo correm a abrigar-se no seu calor salutar, por isso mesmo parece annuviar-lhe os sorrisos aquelle ar de piedade e de compaixão, que é, por assim dizer, a alegria da caridade.

Não nos sentimos impellidos a saudal-a com um cantico festivo, com uma acclamação de prazer, mas apenas com uma serena commoção egual áquella com que se beija a mão generosa que se estende a soccorrer-nos ou a enxugar-nos as lagrimas.

Ó Funchal! que tristes dramas se teem passado á luz do teu sol benefico! que lutuosos desenlaces de tantas historias de paixões! que de lagrimas ardentes cahidas no teu solo sequioso que se apressa a escondel-as discreto! e á sombra das tuas arvores, quantas frontes, escaldando de febre, vergaram sob o peso de cruel melancolia! Illusões desvanecidas, esperanças desfolhadas, sonhos de amor, de gloria, de felicidade, dos quaes se desperta á beira do tumulo, tudo tens presenciado, ó humanitaria cidade, e debaixo dos cedros e cyprestes dos teus cemiterios dormem o ultimo somno muitos martyres, sem que as lagrimas dos que os amaram lhes caiam na campa como tributo!

D'ahi vem a sympathia e a tristeza que inspiras. As tuas virtudes, como irmã de caridade que consagra os dias ao cumprimento da sua missão christianissima, brilham entre scenas e espectaculos de desolação e de dôr.

Este caracter da cidade avulta aos primeiros passos dados no interior d'ella.

O viajante cruza-se a cada momento com certas figuras pallidas, emaciadas, pensativas, marchando lentamente, ou transportadas em rêdes, encontra-as nos assentos dos passeios, em ociosa meditação, ou fitando melancolicamente as ondas que se succedem na praia. São inglezes cadavericos, allemães diafanos, portuguezes descarnados, brazileiros, norte-americanos, russos, são velhos, adultos, creanças, vaporosas bellezas femininas de todas as partes do mundo, todos a convencer-nos que entramos na *citá dolente*, mas no portico d'esta não se vê gravado o distico

desesperador que o poeta inscreveu no da região dos tormentos eternos. Pelo contrario, á entrada, aqui, revertem-se de esperança os proprios condemnados.

Para que a Madeira nos sorria, para que nos appareça formosa, como a descreve o poeta inglez, e fragrante como uma verdadeira flôr do Oceano, é necessario sahir do recinto da cidade, procurar as freguezias ruraes, subir as ingremes ladeiras que costeiam os picos e espraiar então a vista pelos formosissimos valles que vão descobrindo o seio fecundissimo aos nossos olhos maravilhados.

Que vigor e variedade de vegetação! O verde doirado da canna realça entre as differentes cambiantes da mesma côr das plantas de todos os climas. A palmeira de Africa agita a sua fronde graciosa junto dos carvalhos da Europa, a bananeira, vergando ao peso dos seus cachos, cresce cheia de viço nos mesmos pomares onde se enfeitam de flôres os pecegueiros e laranjeiras odoriferas. As rosas, as malvas, as madresilvas florescem espontaneas á beira dos caminhos; debruçam-se dos muros as bougainvil lias entretecendo os seus cachos rôxos com as flôres alaranjadas

FUNCHAL — CASA ONDE HABITOU JULIO DINIZ
(E' a primeira completa á direita)

das begonasi; tudo tem um ar de festa e algeria; a choça mais humilde tem um jardim á entrada ; as flôres sorriem á porta dos ricos e dos pobres.

E quanto mais nos elevamos, mais se pronuncia este magnifico aspecto do paiz. De um lado vemos aos nossos pés o mar liso como um espelho, azul como saphira, limitado ao longe pelo grupo das Desertas vagamente tingidas do azulado da distancia; do outro, as altas serranias, que rompem as nuvens, e cujos cimos tantas vezes tinge a offuscante alvura das neves, e nos flancos, abertos em fundas quebradas, sulcados em ribeiras pelas torrentes do inverno, uma vegetação exuberante, cheia de vida, encobrindo aqui uma casa isolada, enfei-

ENTRADA DO FUNCHAL

tando alem uma povoação risonha, que se agrupa em torno de um campanario.

Então sim, então a atmosphera embriaga, o peito aspira com voluptuosidade esse ar balsamico, o espirito liberta-se de todas as apprehensões que nos gelavam os sorrisos nos labios e gosa-se, despreoccupado, do mais surprehendente espectaculo que pode imaginar-se.

Mas não é só a natureza que tão affavel e acariciadora se mostra aos desesperançados enfermos que se refugiam aqui; impressões igualmente consoladoras lhes veem de origem diversa. É geral a sympathia que os doentes inspiram á gente da Madeira. Se os doces affectos de familia, se os carinhos de uma esposa, de uma mãe ou de uma filha se podem substituir no mundo, é aqui a terra para tentar a experiencia.

Sentis que vos rodeia uma atmosphera de sympathia. Pessoas que nunca vos fallaram, que não conheceis, seguem passo a passo, com sincero interesse, os progressos das vossas melhoras ou as alternativas do vosso padecimento.

Com o olhar, que a experiencia tem amestrado, estudam-vos no semblante as probabilidades do bom ou do mau exito na lucta pertinaz da natureza contra o influxo fatal que vos subjuga. E esse prognostico é quasi sempre infallivel.

Rara é a familia que, levada por generosa curiosidade, se não informe com o medico que a vizita ou com os proprietarios dos hoteis, do estado dos estrangeiros doentes.

N'estas victorias do clima sobre a doença estão empenhados os brios e o principal brasão da terra, e o amor patrio é um sentimento profundamente entranhado no coração d'este povo. Uma cura operada é um triumpho e todos a conservam na tradição gloriosa da terra com sympathico e louvavel urgulho.

A sympathia vae ainda mais longe, revela-se sob mais cordeal manifestação, exerce-se mais efficaz e abençoada ainda. As formosas madeirenses, e quem tendo visitado esta terra não conservará memoria d'ellas? condescendem muita vez em animar a alma desolada dos solitarios enfermos com o raio vivificador dos seus olhares magneticos. Amoraveis, movidas por uma generosa sympathia, exaltadas pelo enthusiasmo natural a um coração de rapariga, acalentam muitas vezes esses amores, que ellas bem sabem ser sem futuro, e illuminam os ultimos dias de uma triste existencia com a doce luz do mais casto e immaculado affecto.

Quantos, que morriam longe dos seus com o coração partido de saudades, lhes devem os ultimos doces sonhos da sua vida, as derradeiras illusões e um tributo de lagrimas na campa?

Anjos adoraveis, corações generosos,

FUNCHAL — PONTE CAES COM ARREBENTAÇÃO DO MAR

vós concorreis com o thesouro dos vossos affectos para a santa missão que se desempenha aqui. Ás vezes, sob a influencia do vosso amor, voltam as côres ás faces desmaiadas, um sangue novo circula nas veias exhauridas e, por um milagre de affecto, renasce para a vida o que a sciencia já condemnara.

Outros succumbem, não tendo ao menos nos labios um nome querido, no pensamento uma imagem e no coração a esperança de que não ficará sem sentido para todos a inscripção funeraria que lhe gravarem na lousa.

Abençoadas sejaes pelo conforto que tendes dado ás almas tristes que succumbiam á mingua d'elle.

Reparo porém agora, meu amigo, no tom elegiaco em que ia tornando a missiva. Será prudente parar aqui, procurando para outra vez ser mais alegre.

Seu do coração

JULIO DINIZ

FLÔR DE SANGUE

A mim o que doendo me retem,
mais do que a vida com a maré louca,
é pensar que ainda o cravo d'essa bocca
ha-de um dia perder a côr que tem.

Nunca a minha ventura fosse além
de a ver vermelha e nova, mas tivesse,
já que a luz da manhã nunca envelhece
A mesma flor e o mesmo amor tambem.

Ruiva! Que de a olhar ardente e pura,
o horror que me gela e tortura,
o pesar que me fere em seus arrancos,

é vêr que ao fim da vida, sem carinho,
tambem tu bocca louca como o vinho
terás a côr dos meus cabellos brancos.

LISBOA, 1906

ALFREDO GUIMARÃES.

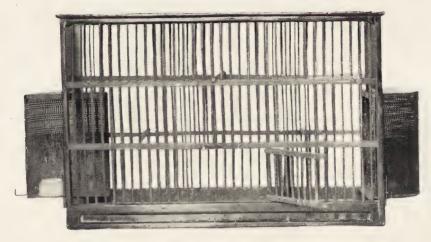
O ROUXINOL

Se os poetas malbaratam, por vezes, adjectivos encomiasticos; se peccam por immerecidos louvores e exaggeros do seu estro; não é certamente quando se referem com enthusiasmo ao mavioso cantor das noites luarentas. Quem ouviu uma só vez os gorgeios de um rouxinol, convence-se de que é elle o rei dos cantores alados; pouca gente, porém, conhece as melodias d'esse vocalizador extraordinario: uns, porque o confundem com a tutinegra, outros, porque não ouviram nunca um verdadeiro *artista*.

Os Carusos e os Tamagnos são quasi tão raros entre os rouxinoes, como entre os homens.

O rouxinol não só leva de vencida os outros passaros na variedade do canto, mas tambem na qualidade da voz.

Ha canarios, por exemplo, (e sobre todos umas especialidades allemãs) que excutam prodigios de vocalização; esses trinados, todavia, não teem vida, são frios, não vibram na alma. Só o rouxinol sabe gemer e soluçar, só o rouxinol consegue commover-nos, só essa maravilhosa avezinha nos dá a illusão de ouvirmos outra creatura humana que chora e padece. O canario causa-nos admiração; mas quando cessou o canto, acabou-se tambem o encanto. O rouxinol, não. Quando a sua voz quente e maviosa deixou de modular as variadas estrophes do seu opulento reportorio, a nossa alma conserva-se ainda por longo espaço sob o dominio d'aquella fascinação. O canario é um soprano ligeiro; o rouxinol é um soprano, ou antes um meio soprano dramatico, cheio de expressão e sentimento.

Como é de prever, todos os amadores de passaros desejariam possuir um d'esses adoraveis cantores, e muito se tem escripto sobre a maneira de os conservar em gaiola. Os livros, porém, nem sempre são redigidos por quem conheça o assumpto de experiencia propria, copiam, em regra, uns dos outros, sem criterio, e expõem processos de commoda e efficaz execução tão sómente em determinados paizes. Vou portanto ensinar aos leitores, — e especialmente ás leitoras,—dos *Serões*, como levei a cabo conservar rouxinoes engaiolados durante longo periodo, sempre no goso de optima saude, alegres e cantando, pelo menos, 6 mezes do anno. A epoca lyrica para estes cantores, na vida em liberdade, começa quando termina a de S. Carlos, onde V.as Ex.as exhibiram as suas elegantissimas *toilettes*, — isto é, em principio de abril; e termina em meado de junho. É raro preceder aquella data ou exceder esta. Alguns tambem cantam em outubro. Os rouxinoes captivos começam os seus concertos em novembro ou dezembro,

A GAIOLA COM UMA GUARITA FECHADA E OUTRA ABERTA, DEIXANDO VER DENTRO A CAIXINHA DE PORCELANA PARA A COMIDA

e só os terminam em junho, como os livres, quando vem a muda da penna. Antes de abril, porém, que é para elles o inicio da quadra dos amores, a voz é pouco volumosa e são pouco assiduos no cantar. Um rouxinol distincto, no periodo em que procura noiva e durante a lua de mel, faz vibrar a sua voz encantadora duas e tres horas consecutivas, sem pensar sequer em alimentar-se. Tive um, durante doze annos, que ainda poucos mezes antes de morrer começava o seu concerto nocturno, em maio, entre as 8 e 9 horas da noite, e só á meia noite se calava, quando não prolongava a *serenata* até á uma hora da manhan, sem que por isso deixasse de cantar algumas horas no decurso do dia. Era um Caruso minusculo!

Um dos fins das instrucções que vou fornecer aos leitores dos *Serões* é pôr côbro ás barbaridades de que são victimas estas pobres avezinhas, presas por inexperientes, evitando tambem que se tornem raras. A ignorancia chega á barbaridade, inqualificavel e digna do mais severo correctivo, de priva-las da vista, na inepta supposição que só canta engaiolado o rouxinol cego.

Até já vi quem os quizesse alimentar com alpista, como aos granivoros! Contou-me um selvagem que apanhou uma occasião 27 (vinte e sete!) rouxinoes, dos quaes apenas um viveu poucos mezes. Encerrou-os todos num grande viveiro, deitou-lhes carne de vacca picada, e esperou os acontecimentos!

Um amador deve contentar-se com dois passaros de boa qualidade; porque, tratando os conforme vou ensinar, só decorridos muitos annos passará pelo desgosto de vê-los morrer de morte natural.

Li algures que o rouxinol velho perde o canto. A minha experiencia desmentiu tal asserto. O indispensavel, porém, é não poupar cuidados ao prisioneiro. Merece-os todos. Se o progresso nos ensinou a suavizar o captiveiro aos criminosos, com sobejas razões nos cumpre usar igual caridade para com estes encarcerados, cujo unico delicto é rivalizarem com o mavioso filho de Apollo e de Calliope.

Comecemos, pois, pela habitação do nosso cantor.

Opinam alguns entendidos que o rouxinol canta mais assiduamente em gaiola de exiguas dimensões, e a minha probidade manda-me corroborar, até certo ponto, aquella affirmativa. O coração, todavia, nunca me consentiu o que, porventura, não será crueldade, mas que a nossos olhos o parece. Demais, a longa pratica demonstrou-me cabalmente que se consegue o desejado fim em carcere mais amplo, onde por certo a existencia do captivo se prolonga.

As minhas gaiolas teem 60 centimetros de comprido, por 23 de largo e 39 de alto. As grades são de junco grosso, passado em buraços abertos em travessas de carvalho, á distancia de 17 milimetros uns dos outros, dos ditos orificios; estes teem 4 millimetros de diametro. Á falta de juncos, podem-se empregar cylindros de carvalho ou outra madeira

A GUARITA SEPARADA DA GAIOLA

escura, resistente, e até, em ultimo extremo, arame estanhado; mas nesta hypothese, é necessario unir mais os furos. O fundo da gaiola póde ser de rede metallica, ou de madeira, mas sempre coberto com dois taboleiros de zinco (um só taboleiro em toda a extensão da gaiola tambem é admissivel), cujos cantos convem soldar perfeitamente para evitar que molhe o sobrado a agua espalhada pelo rouxinol quando se banha. O tecto, qualquer que seja o feitio da gaiola, ha-de ser sempre de panno, porque até os passaros já mansos costumam, em certas occasiões, voar contra aquella parte da prisão, onde contundiriam gravemente o craneo se o choque não fosse recebido por um corpo macio e elastico. Os dois lados estreitos são fechados por táboas delgadas, pintadas de verde escuro ou côr de nogueira, com uma abertura de 17 centimetros de largo por 21 de alto, onde entram as *guaritas* giratorias, semelhantes a metade de um cylindro ôco, cortado na direcção do eixo. Uma porta larga, na frente da gaiola, permitte a introducção da mão quando seja indispensavel. O material empregado na construcção d'estas *guaritas* giratorias é o zinco, furado no terço superior a fim de dar entrada a algum ar e luz; só o tecto é feito de madeira rija, onde se préga o zinco com balmázios de latão. As guaritas giram sobre dois eixos: um, na base, soldado no zinco, e que entra na táboa da gaiola; outro que penetra na parte superior, partindo de um taco grudado na mesma táboa. Esta disposição permitte que se sirva ao captivo a agua e a comida sem necessidade de introduzir a mão na gaiola, manobra unicamente necessaria em casos muito excepcionaes, e convenientissimo evitar, quanto possivel, pelo susto que causa ao animalzinho.

O rouxinol bebe pouco, mas banha-se muito, mórmente na primavera e no verão. A falta de uma ablução diaria é, em regra, symptoma de incommodo physico. Não se presuma porém que se trata de um banho a medo, de uma *lavagem de gato*, como presenceamos na maioria dos passaros granivoros. O rouxinol, como todos os insectivoros, mette-se inteiro na agua, agita as azas com impeto, e molha-se a ponto de não poder voar nos primeiros minutos. È, pois, indispensavel fornecer-lhe agua fresca todas as manhans, (e mesmo duas vezes ao dia quando haja calor intenso), e em vasilha onde o banhista caiba á vontade. Uso, para os meus, uns tachinhos de barro vidrados por dentro, com 13 centimetros de diametro na bocca; os passaros preferem esta banheira rustica. A comida, que, assim como os bichos, é servida na outra *guarita*, deita-se sempre em vasilhas de porcelana ou de vidro. As caixinhas que do estrangeiro trazem *cold-creams* e cosmeticos analogos para uso das senhoras, servem perfeitamente, com tanto que não cheirem a ranço nem a perfumes. *Banheira* e *prato* para a comida precisam ser bem lavados todos os dias em agua limpa, e enxutos com panno.

Para servir os bichos, é tambem necessaria uma vasilha de loiça vidrada, a fim de lhes frustrár todos os esforços para a ambicionada fuga. Convem verificar *de visu* que é realmente baldada qualquer tentativa de evasão; aliás os bichos, em logar de darem entrada no papo do cantor, davam ás de Villa Diogo, deixando-o á fome.

O VISQUEIRO

Os passarinheiros, quando vão *armar ao visco*, levam esta substancia nuns vasinhos de loiça vidrada a que chamam *visqueiros*, aos quaes eu dou a applicação acima referida. Não ha bicho que logre evadir-se de um *visqueiro*.

Estas *nicas*, que a muitos parecerão exag-

geradas, são o preço por que se paga o prazer de um concerto de canto, inimitavel. Creiam que ainda é barato. Quem não tiver paciencia para o sacrificio, — de resto muito menos pesado do que á primeira vista se nos afigura, — desista da companhia d'esses *virtuosi*, que só rodeados de tantos desvelos e attenções gosam saude e vivem largos annos absolvendo-nos do egoismo de que os tornámos victimas.

Alem dos objectos já descriptos, precisamos mais para a gaiola: tres poleiros de canna, vime com a casca, ou ramo de arvore direito, da grossura do dedo minimo, e uma cortina de panninho verde que tape toda a frente da gaiola. Os poleiros collocam-se, dois na travessa de baixo e um na de cima.

O BICHO DE PENEIRO (LARVA DE «TENEBRIO MOLITOR») DE TAMANHO NATURAL

Alguns rouxinoes não cantam com a gaiola destapada; outros querem-na tapada até meio, ou completamente. Só com experiencias se consegue descobrir o gosto do nosso prisioneiro.

Tratemos agora da alimentacão artificial, que ha-de substituir as larvas, os ovos de formigas, as moscas, abelhas, e innumeros insectos que o rouxinol devora em liberdade, mas que não lhe podemos offerecer no captiveiro.

Nas principaes cidades da Allemanha e em muitas outras por esse mundo de Christo onde abundam amadores de passaros, ha casas importantes cujo commercio consiste em *bichos de peneiro*, ovos de formiga, e varias comidas artificiaes para insectivoros. Ainda não chegou cá esse progresso; portanto, temos que ser os cozinheiros dos nossos cantores. *Bichos de peneiro*, encontram-se á venda na Praça da Figueira, mas em pequeno numero e carissimos. Ensinarei tambem o modo de obte-los em abundancia e com pouca despesa.

A comida que tenho visto mais empregada pelos amadores portuguêses é o coração ou a carne de vacca, picado e misturados com farinha de grão.

O passaro come esta mistura, mas vive pouco. Depois de varias experiencias, cheguei á conclusão que nenhuma formula é superior á seguinte: farinha de milho amarello feita n'um bôlo com agua a ferver que se lhe deita em cima; cenoura francêsa (a cenoura comprida não é tão boa), crua, ralada n'um ralador de folha; e coração cru, de vacca, picado muito fino, ou carne crua sem gordura, igualmente picada. A carne ou o coração raspados não prestam. Uma condição indispensavel, — note-se bem! — *indispensavel*, — é ser uma ou outra cousa perfeitamente fresca, sem cheiro a azedo nem a pôdre, nem ao que os cortadores chamam *morrinha*.

Começa-se por escaldar a farinha, que arrefece emquanto se pica o coração ou a carne, e se rala a cenoura. Depois de tudo prompto, toma-se uma parte (em volume) do bolo da farinha, uma de cenoura ralada, e duas de carne ou coração picado (o coração é preferivel á carne) e mistura-se tudo, continuando a picar e juntando-lhe alguma agua a fim de conseguirmos uma massa mólle, mas não muito. E' mister que o rouxinol possa apanha-la com o bico, aos bocadinhos; portanto, antes dura de mais do que em papas. Esta comida deve ser feita fresca todos os dias. A que porventura sobeje da vespera deita-se fóra. [1]

Quando haja impossibilidade de obter carne

[1] A farinha de milho póde tambem ser empregada crua, conforme sae da peneira, mas, sempre que seja possivel, convem escaldá-la conforme indiquei.

ou coração fresco, coze-se um ôvo, pica-se clara e gemma juntas até ficarem em bocadinhos do tamanho de grãos de trigo, e serve-se ao passaro na caixinha de porcelana. Mesmo no caso de não falhar o coração, convem dar ôvo pelo menos uma vez na semana. Não ha o minimo inconveniente em dá-lo dois ou tres dias sèguidos, com tanto que não faltem os *bichos de peneiro*, que passo a apresentar a V.[as] Ex.[as].

O BICHEIRO COM TRES BICHOS PRESOS E TRES ARAMES DESPROVIDOS D'ELLES, MOSTRANDO AS EXTREMIDADES CURVAS (AZELHAS)

O *bicho de peneiro* é a larva do *tenebrio molitor* de Linneu, pertencente ao grupo dos heterometros, familia dos tenebriões.

O insecto, semelhante a uma carocha, sae branco da chrysallida, mas logo se torna escuro, até ficar quasi negro.

Já conheci dois amadores que, vendo aquelles insectos nas panellas de barro onde guardavam os bichos de peneiro, os destruiram na convicção de que eram baratas, mal cuidando que dos ovos postos por elles sahiria a futura colheita de bichos.

Os maiores tenebriões attingem 15 millimetros de comprido. As larvas, a mais tentadora gulodice para um rouxinol e outros insectivoros, são de fórma cylindrica, lisas, côr de grão quando criadas em casa, teem seis pernas junto da cabeça e dois esporões pouco salientes na extremidade opposta. O tamanho regular é 3 centimetros; algumas attingem 4. — Antigamente, quando os padeiros, — perdão! — os operarios manipuladores de pão, — compravam a farinha em rama e a coavam nos seus peneiros, ficavam ali depositadas as larvas dos tenebriões, e d'ahi lhes veiu por certo o seu nome popular.

Nos antigos moinhos de vento, appareciam tambem muitos; nas fabricas de moagem modernas não é raro encontra-los, e bem assim nas cocheiras, no deposito das semeas Com cem ou duzentas larvas já se consegue uma boa criação, porque um *tenebrio molitor* chega a pôr 400 ovos.

O leitor, portanto, faz acquisição de um ou dois centos de larvas, compra uma panella de barro não vidrada, de altura não inferior a 40 centimetros, 3 litros de semea superfina e porção igual da grossa, que reune e mistura bem, e procura nos seus trapos velhos uns pedaços de flanella ou de panno de algodão grosso, poido, (pannnos de cozinha velhos, por exemplo) que corta em quadrados de cerca de 15 centimetros de lado. Começa por deitar na panella uma camada de semeas com altura de 5 centimetros, colloca-lhe em cima um pedaço de panno, sobre o panno solta a terça parte das lavras, cobre-as com nova camada de semeas igual á primeira, estende outro panno, nova porção de larvas, e assim successivamente, não enchendo comtudo mais que um terço da panella, ou pouco menos de metade. Remata a operação com dois pedaços de panno, ou um só, com 30 centimetros de comprido, que dobra pelo meio; as larvas gostam de insinuar-se na dobra. Sobre este panno deve collocar, de 8 em 8 dias, umas rodas de cenoura fresca ou uns bocadinhos de pão duro, molhados em agua fria e espremidos. A bocca da panella é tapada com um panno rallo preso por um cordel que a cinge. Sem esta precaução fugiriam os tenebriões.

Em fins de maio, ou em junho se o tempo vai fresco, notará que as larvas apparecem immoveis e como que mortas, deitadas sobre o panno. Decorridos poucos dias, já vê as primeiras chrysallidas, e passados mais 11 ou 13, surgem os primeiros tenebriões, que morrerão

A COSTELLA DESARMADA MOSTRANDO A TRANQUETA SOLTA

d'ahi a 2 mezes, (alguns vivem mais, outros nem tanto) deixando numerosa descendencia. Emquanto ha tenebriões, é necessario deitar uma vez por outra pedacinhos de carne crua dentro da panella, com o cuidado de retirar os sobejos no dia seguinte. Tambem não deve faltar o pão humido, mas sem molhar as semeas, que apodreciam destruindo a creação.

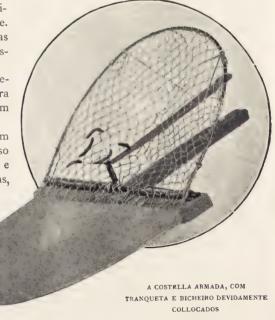
Na panella destinada á creação, não se revolvem as semeas á procura de bichos para os rouxinoes. Reserva-se outra para este fim exclusivo.

Em setembro ja ha larvas novas de bom tamanho para figurarem na mesa do nosso artista. As semeas estão reduzidas a pó, e torna-se urgente substitui-las por outras novas, podendo conservar-se os mesmos pannos.

No mez de agosto é vulgar faltarem os bichos, porque os velhos se tranformaram todos, e as novas larvas ainda não attingiram o tamanho preciso. Nesta quadra de penuria,—(e mesmo em qualquer outra occasião),—o amador carinhoso manda apanhar ou apanha, nas suas excursões pelo campo, grillos e gafanhotos pequenos, borboletas, abelhas, bichos de conta, lagartas lisas—(as pelludas são nocivas!)—na certeza que proporcionará ao seu prisioneiro uns momentos de verdadeiro goso, apresentando-lhe, vivos, alguns d'aquelles bicharôcos. Até, porventura, sem sahir de casa, póderá deliciá-lo com duas ou tres baratas jovens, que a V. Ex.ª, minha gentil leitora, causarão arripios de nojo, mas que ao Tamagno pequenino saberão como nos sabe a nós o melhor *foie gras* de Strasburgo.

Outro acepipe delicioso para os rouxinoes, e que ás vezes os cura de certas enfermidades, é o ovo (que não é ovo) da formiga ruiva,—*formica rufa* de Linneu,—cujos ninhos se encontram especialmente em pinhaes no fim da primavera e principio do verão.

São estes ovos o primeiro alimento que aquellas avezinhas ministram aos filhinhos recemnascidos, sempre que podem desencanta-los. Como se conservam apenas uns 15 dias sem se deteriorarem, os commerciantes estrangeiros d'estas especialidades costumam seca-los em estufa.

A COSTELLA ARMADA, COM TRANQUETA E BICHEIRO DEVIDAMENTE COLLOCADOS

Os meus rouxinoes sempre se recusaram a tragar os ovos de formiga neste estado, ou humedecidos com leite ou cenoura, como se usa na Allemanha.

A *formica rufa* é facil de distinguir pela côr e pelo tamanho. As operarias medem 4 a 6 millimetros de uma a outra extremidade do corpo, as femeas 9 e meio, e os machos, que são côr de castanha escura, quasi pretos, 11 millimetros.

Ha um processo facil de colher estes ovos, mas não me permitte o espaço alongar-me em muitos pormenores, mormente neste caso, que trata de assumpto secundario. Os meus rouxinoes passaram sempre optimamente sem aquelle manjar.

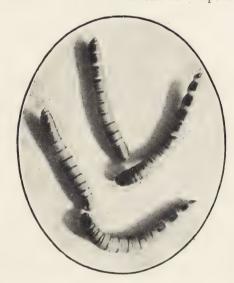
Temos casa e comida para o cantor; segue-se escolher um artista insigne, captura-lo, e habitua-lo ao captiveiro e ao novo regimen.

Ninguem ignora que o rouxinol é, como a andorinha, uma ave de arribação. Contaram-me que alguns estabelecem residencia no nosso paiz; mas ignoro até que ponto seja verdadeira aquella asseveração, de que peço licença para duvidar. Seja como fôr, antes dos ultimos luares de março ou dos primeiros de abril, nunca vi nem ouvi nenhum rouxinol; e depois do meado de outubro não me parece que se encontre uma duzia d'elles em todo o paiz. Parece que estes emigrantes só viajam de noite, alumiados pelo satelite do nosso planeta.

Os *homens* chegam quasi sempre uns 8 dias antes das *senhoras*, excepto os casados, que veem acompanhados pelas esposas. Sitios onde haja agua corrente, poços com noras, e salgueiros ou arbustos formando sebes verdejantes, são em geral onde elles estabelecem a sua residencia passageira. A agua, especialmente, é attractivo de que não prescindem, gostando de a ouvir murmurar por entre as pedras, ou despenhar-se de alto.

Dá-se com o rouxinol o facto observado nas andorinhas: depois de escolher poiso, volta lá todos os annos, excepto se durante a sua auzencia se derem grandes transformações, taes como: o desapparecimento da verdura ou da agua. O rouxinol não gosta de convivencia, nem sequer dos proprios filhos adultos, assim como se não afasta muito da area limitada escolhida para a sua residencia temporaria; mas tambem não consente ahi mais *ninguem*, senão a esposa que o acompanhou, ou a que venha a sê-lo, attrahida e seduzida pelo seu canto amoroso.

Em meado de abril até principios de maio é que os nossos artistas começam a exhibir todos os seus recursos vocaes; é a occasião mais propicia para a escolha do futuro prisioneiro, tanto mais que, não tendo ainda creado familia, não estranha a perda da liberdade.

Ha quem supponha descubrir vantagem em apanhar os rouxinoes ainda no ninho, quasi implumes, e crea-los em casa. É absurdo. O passaro assim educado póde cantar regularmente se ouvir um mestre no campo ou

mesmo engaiolado; porém nunca será dotado de larynge nem de saude tão robusta como os creados pelos paes em liberdade, nem possuirá voz tão volumosa e viril. Demais, como acima ponderei, nem todos são bons artistas, e corre-se o risco de perder tempo e trabalho com um *comprimario* somenos ou modesto *corista*.

A maioria dos passaros cantores entoam um numero muito limitado de estrophes, que repetem invariavelmente pela mesma ordem. O rouxinol, além das muitas phrazes melodicas, nunca as faz ouvir sem modificações. N'alguns é tal a variedade, que são necessarias tres audições seguidas para lhes conhecermos o repertorio completo.

Uma das mais bellas variações é o chamado *suspiro*,— uma série de *ais*!, encandeados e prolongando-se ás vezes alguns segundos, quasi sempre terminados em *crescendo e accelerando*. O ouvinte fica extasiado e commo-

vido ao escutar um longo *suspiro* vibrado por essas gargantas rivaes das mais insignes *primas donas*.

Outro dom impagavel é o de cantar durante a noite. Nem todos o possuem. Muito se tem discutido o assumpto, aventando-se até que o rouxinol nocturno é uma variedade especial. Nada posso affirmar baseado em factos indiscutiveis. Um parente meu possuiu um rouxinol que, poucos mezes depois de encarcerado, começava a cantar á hora do chá, estimulado pelo ruido das colheres batendo nas chavenas. Dos meus, só um se tornou nocturno decorridos dez annos de captiveiro, sendo aliás um dos melhores cantores diurnos que tenho ouvido. Outro, ao cabo de 3 annos de gaiola, cantou de noite duas semanas, para nunca mais abrir bico senão de dia.

Quasi todos, se não todos, soltam alguns pios durante a noite, mormente na epoca em que as femeas costumam estar no chôco. Não é isso porém o que se chama cantar. O rouxinol nocturno canta durante a noite, horas seguidas, e até com a particularidade de gorgear certas estrophes que nunca lhe ouvimos de dia.

A maneira mais provavel, com quanto bastante incerta, de conseguir um rouxinol nocturno, seria percorrer de noite, entre as 10 e as 2 da manhan, os sitios habitados pelos cantores, marcar a arvore onde elles se empoleiram, e armar ahi proximo a costella (de que adiante falarei) pouco antes de nascer o sol, com os artificios de que tambem instruirei o leitor. Menos incommodo, porém, é sujeitar-se ao capricho da sorte, comparecer ás 5 horas da manhan em sitios onde conste haver rouxinoes, e escolher um artista que reuna o maior numero de bons predicados não esquecendo o *suspiro* e a voz de *meio soprano* ou de *contralto*, muito mais agradavel do que os *sopranos*.

Pouco antes do sol surgir no horizonte e quando começam a fulgir os seus raios matutinos é que os nossos *virtuosi* cantam com mais afinco, mostrando todas as suas prendas; logo que é manhan clara descem ao chão á procura de alimento, e é a melhor occasião de os apanhar. O rouxinol é o passaro menos cauteloso que se conhece, e cae nas armadilhas com extrema ingenuidade. Eis a razão por que podemos apanhar um qualquer á nossa escolha. Se porém conseguiu fugir do laço, torna-se desconfiadissimo e difficilmente lá volta, por mais tentador que seja o engôdo. A estes matreiros chamam os passarinheiros : *passaros escaldados*.

Ha regiões, como por exemplo Caneças, onde se ouvem 20 e 30 cantores, mas nenhum d'elles distincto. Em Santarem e em Coimbra ha abundancia de rouxinoes, quasi todos de boa escola; e mesmo nos arredores de Lisboa se encontram artistas notaveis. E' preciso todavia fazer a caçada onde existam em abundancia, a fim de não exterminar estas avesinhas e privar os nossos campos de um dos seus mais bellos attractivos.

Aconselho aos amadores que apanhem os passaros por suas proprias mãos ou que, se por falta de habilidade o não conseguirem acompanhem o profissional encarregado da caçada, e retirem o rouxinol da *costella* por suas proprias mãos, com o maximo cuidado. O passarinheiro de profissão, (sem offensa para alguma excepção honrosissima) prefére que os captivos vivam o que vivem as rosas, por motivos faceis de adivinhar. Comprar-lhes rouxinóes é quasi sempre mau negocio.

Á HORA DO BANHO

O SENHOR ROUBADO, CUJAS IMMEDIAÇÕES SÃO MUITO FREQUENTADAS PELOS ROUXINÓES

Ao risco de adquirir uma femea, pois não é facil distinguir os sexos até para os peritos, junta-se a quasi certeza de ser um passaro estropeado e já portador do germen da enfermidade que lhe abreviará a existencia.

O rouxinol masculino tem a cabeça mais redonda, os olhos maiores, mais vivos e tambem mais redondos do que as femeas. Ouvindo-os primeiro cantar, não ha perigo de sermos em nenhuma maneira logrados. É esta a vantagem de apanha-los na *entrada*, isto é: em abril e começo de maio. Mas embora ainda cantem neste mez e em junho, a voz,—provavelmente em resultado do abalo soffrido pelo passaro quando é colhido na costella,—conserva-se fraca e apagada, e só adquire todo o brilho e força na primavera.

A outra epoca em que os podemos apanhar é proximo da sahida, isto é, em setembro ate aos primeiros dias de outubro. Neste caso não sabemos ao certo as qualidades do cantor, se cahir na costella um joven da creação nova e não o pae, que mezes antes ouviramos.

A melhor armadilha para rouxinóes é a costella. Compõe-se este apparelho de tres pedaços de arame de ferro cru (rijo) com 3 millimetros de diametro, sendo um recto e dois curvos. Estes medem 57 centimetros de comprimento; aquelle, 28. — Um dos curvos é fixado numa tira de madeira com 29 centimetros de comprido por 4 de largo e 1 e $1/2$ de espessura, embebendo as extremidades, de 2 centimetros, em dois orificios distantes um do outro 27 centimetros. O outro arame curvo termina em duas azelhas que giram no arame recto, servindo-lhes de eixo, e enfiado em 3 pitões aparafuzados na face mais larga da tira de madeira, sendo um ao centro, e cada um dos restantes a 13 centimetros e $1/2$ delle. As azelhas do arco de ferro devem girar por dentro dos pitões terminaes, aliás fugiriam do eixo. Neste mesmo eixo se enfiam duas mólas espiraes, de arame rijo, e que, presas por uma ponta á táboa e pela outra ao arco movel, o fecham com violencia sobre o fixo.

No arco fixo cose-se um bocado de panno forte, cuja parte livre se prega na tira de madeira a fim de fechar completamente o espaço. No movel, prende-se uma rede de linha crua, cujas malhas só deixam passar a cabeça do rouxinol. A rede, para não deixar fugir o preso, deve ser cosida tambem ao panno, ou fixada na tira de madeira, mas ficar folgada, a fim de não apertar o animalzinho. Ao arco movel, e á distancia de 16 centimetros de cada azelha, ata-se, pelas pontas, um cordel de 27 centimetros de comprido, que fica formando um bolso.

Algumas costellas teem a parte fixa feita de madeira ou de grades de arame. Prefiro o panno porque evita contusões violentas. Tanto o panno como a rede devem ser tintos côr de terra, com um decocto de casca de carvalho com um pouco de alumen.

No meio da travessa de madeira, formando angulo recto com ella (e em direcção opposta ao arco), prega-se uma tira do mesmo material, um pouco mais estreita, e com uns 20 centimetros de comprido. Esta tira serve para nella

se prender, por meio de um cordel, a tranqueta, que é um pausinho delgado e liso, de 16 centimetros de comprido, com a extremidade livre talhada em cunha. Temos mais o *bicheiro*, que é outro pausinho de 3 centimetros de comprido. Numa das extremidades tem um gancho de arame rijo que entra num piton pequenino cravado ao meio da travessa grande; na outra prendem-se quatro ou seis arames delgados de ferro flexivel, cujas pontas se curvam em forma de azelha. Nesta mesma parte do *bicheiro* se corta um entalhe pouco fundo.

Estas minucias são dedicadas ao leitor curioso que deseje fabricar as armadilhas. Aquelle a quem a natureza não dotou de habilidade manual procede com mais tino dirigindo-se a um arameiro pratico neste genero de trabalhos, apresentando-lhe as indicações expostas. Em todo o caso nunca empregue uma armadilha sem primeiro experimentar se funcciona bem, armando-a e fazendo-a desarmar por meio de um tóque muito leve no bicheiro, com uma palha ou junco ou objecto semelhante.

Para a nossa caçada precisamos tambem de um *cevadouro*. O cevadouro é uma gaiola rectangular, com 35 centimetros de comprido por 25 de alto e 20 de largo. O fundo e os dois lados mais estreitos são de madeira; o tecto e os outros dois lados são de panno flexivel e pouco tapado. Uma das paredes de madeira tem uma abertura redonda por onde deve caber a mão que solta lá dentro o passaro e o retira quando seja necessario. Costuma-se fechar esta abertura pregando-lhe em volta um pedaço de manga de camisola ou o cano de uma meia que, cingindo-se ao braço quando se introduz a mão no cevadouro, evita a fuga do prisioneiro.

Dentro daquelle carcere provisorio, a 5 centimetros de distancia do fundo, e fixo ás paredes de panno, colloca-se um poleiro de canna ou de madeira. No alto das paredes de madeira abre-se uma fila de furos (uns 5 ou 6) onde caiba um lapis, e que são destinados a dar entrada ao ar. Tambem se colloca dentro do cevadouro uma vasilhinha de loiça cheia de agua fresca para o rouxinol beber, e que nunca deve faltar. No cevadouro é que o nosso cantor vae passar os seus primeiros dois dias de captiveiro.

Vejamos agora como se arma a costella.

Começa-se por entalar 4 ou 6 bichos de peneiro nas azelhas dos arames do bicheiro, apertando-as convenientemente; depois, levanta-se o arco movel da costella, enfia-se o gancho do bicheiro no piton que lhe é destinado, faz-se passar a extremidade livre da tranqueta pelo arco de cordel e atravez da rede e prende-se essa extremidade, muito subtilmente, no entalhe do bicheiro. Á sombra da arvore onde canta o rouxinol escolhido, cavam-se uns tres palmos quadrados de terra, e com ella se cobre todo o panno e as travessas de madeira, a fim de desvanecer as suspeitas do artista, que, não tardando em avistar os bichos em contorsões tentadores, precipita-se sobre elles vorazmente, arrebata-os com uma bicada furiosa, desarma a costella e lá fica enredado. Á falta de bichos de peneiro servem tambem grillos, gafanhotos e outros insectos, com tanto que se conservem vivos; mas nenhuma isca é tão tentadora como a primeira indicada.

É indispensavel retirar o passaro da costella com a maxima brevidade porque, se ali se demora, debate-se com tal violencia que chega ás vezes a morrer. Para isso é mister estar de olho alerta e visitar a costella com frequencia, especialmente quando o passaro que se pretende apanhar deixou de cantar por algum tempo.

O rouxinol canta geralmente em dois poisos; raro é vê-lo demorar noutros. Se se deixa ouvir fóra dos logares favoritos, é só de passagem e por breves instantes. Esta constancia ainda mais facilita a caçada, especialmente se empregarmos mais uma ou duas costellas, armadas junto das outras arvores onde se observou que o rouxinol costuma cantar.

Se o passaro se acha em logar inaccessivel, consegue-se attrahi-lo ao que nos convier chamando-o com um assobio agudo e brando imitando o piar das femeas. E elle, coitado, deixa-se illudir tolamente! Sempre a mesma historia desde a nossa mãe Eva.

Apenas se nos depara o passaro preso na costella, desprende-se-lhe cautelosamente a cabeça e as pennas das azas, que em regra estão enfiadas nas malhas da rede, e solta-se o prisioneiro dentro do cevadouro, onde os bons artistas quasi sempre ainda soltam uns trinados. Na occasião da caçada não ha inconveniente em guardar 2, 3 e 4 passaros no mesmo cevadouro; mas, logo que se chega a casa, é mister separa-los porque, de contrario, não tardariam a ferir encarniçadas luctas de que poderia resultar a morte.

No dia da captura e no immediato, serve-se como unico alimento uma porção de bichos

de peneiro, — 20, 30, e mais, — deitados vivos para dentro do cevadouro, pelos orificios abertos nas faces de madeira, 5 ou 6 de cada vez, e de 3 em 3 horas. Por esses mesmos orificios, levantando o cevadouro de mansinho, e evitando tudo que possa assustar o captivo, se espreita se elle está animado e esperto.

Dado o caso de, na tarde do segundo dia, o passaro se mostrar triste, e se conservar immovel a um canto da prisão, é preferivel restituir-lhe a liberdade. Raro, porém, se dá este desastre. Tenho apanhado muitos rouxinoes, mas só duas ou tres vezes me convenci de que se não conformavam com o captiveiro e tive de solta-los, receoso de que morressem Nestes casos excepcionaes tratava-se de passaros velhos, o que se reconhecia pela grossura das pernas. O rouxinol novo tem-nas muito delgadas e com um tom levemente rosado.

O nosso prisioneiro jaz ha dois dias no carcero provisorio; na manhã do terceiro podemos passa-lo para a sua habitação definitiva.

Se o rouxinol é socegado, se não se debate muito dentro do cevadouro, póde passar para a gaiola no dia immediato á captura.

A grande maioria dos passaros gosta de se expôr ao sol; o rouxinol prefere a sombra. Quando aquelle astro começa a dardejar os seus raios com maior intensidade, os nossos amiguinhos escondem-se entre a folhagem. Por este motivo devemos colloca-los em sitio ao abrigo do sol, não exposto a correntes de ar. A propria gaiola, como vimos, não deve primar pelo brilho das côres. Tambem desagradam ao nosso artista as mudanças de logar, a ponto de suspender o canto por algum tempo. Um dos meus emmudeceu um anno, amuado com uma dessas mudanças, e só cantou quando lhe satisfiz o capricho transportando a gaiola para o antigo posto, menos banhado de luz do que o outro. Seriam, pois, os inquilinos ideaes para os nossos senhorios, tão frequentemente arreliados com o espectaculo inquietador de escriptos nas janellas dos seus predios em quasi todos os semestres.

NO VALLE DA PAYÃ — Á ESPREITA DE PASSAROS

Portanto escolha-se a parede onde a gaiola tem de permanecer, e pendure-se num prego de maneira que se eleve uns 2 metros e 20 centimetros, ou mais, acima do sobrado; ponha-se numa das guaritas o tachinho com agua fresca, no outro a comida artificial á qual se addicionaram alguns bichos de peneiro cortados em dois bocados, e dois ou tres inteiros, vivos, enterrados na comida; preguem-se as extremidades da cortina verde nos cantos inferiores da gaiola, de maneira que esta fique

NO VALLE DA PAYÃ. — OUVINDO OS ROUXINÓES

completamente tapada; colha-se o rouxinol cautelosamente, e solte-se na nova casa.

O passaro conserva-se uns minutos pasmado e immovel, mas dahi a pouco saltará para os poleiros, e mal aviste os bichos vivos na comida, não hesitará em traga-los. Depois destes, engóle com certeza os bocados dos cadaveres. Dahi a uma hora, cravam-se na comida mais tres ou quatro bichos vivos, e repete-se depois a operação com intervallos de duas horas. O rouxinol engole juntamente com os bichos algumas particulas da comida, que nestes primeiros dias se deve deixar um pouco mais mólle, e assim se vai habituando a ella, de maneira que ao cabo de 8 dias, o maximo, já se banqueteia sem haver mister do tempero dos bichos, toma banho, e começa a cantar, signal evidente de que se resignou ao novo modo de vida, e que temos artista. E' a occasião de começar a dar mais luz e ar á gaiola, levantando gradualmente a cortina com uma dobra na parte inferior, que de dias a dias se alarga, até ficar descoberta a frente da prisão. Se o passaro se cala, ficamos informados de que prefere occultar-se, e devemos satisfazer-lhe o desejo. A grande maioria quer a cortina descida até a altura do poleiro superior, podendo assim mostrar se ou esconder-se á vontade. Muitos gostam de cantar no fundo da gaiola, empoleirados na divisoria dos taboleiros de zinco, por isso me parece bom atravessar um poleiro naquella altura quando falte a dita divisoria, e mesmo quando ella exista.

A demora em tomar banho é mau prenuncio. Se o passaro não se banhou ao terceiro ou quarto dia de captiveiro, devemos observa-lo por uma fisga da gaiola sem que elle nos aviste. Se se mostra triste, com as pennas mal cuidadas, os olhos meio cerrados, melhor será solta-lo e apanhar outro. Mais uma vez recommendo que não haja economias com os bichos emquanto o passaro não come e não se habitua á prisão. Se elle, como ás vezes succede nos primeiros dias, os não fôr extrair da comida onde estão cravados, sirvam-lh'os limpos dentro do visqueiro, 4 ou 5 de cada vez, como se praticava durante a estada no cevadouro. Bichos, comida e agua servem-se sempre, é claro, dentro das guaritas que giram para receber as vasilhas, sem que a mão entre na gaiola e o passaro veja o seu carcereiro, de quem conserva recordações rancorosas. Com o tempo tudo esquece, — até nos rouxinóes o odio cedo se transforma em sympathia, reconhece-o até pelos passos e adverte-o com um *tac! tac!* significativo, de que são horas da ração de bichos.

Logo que o rouxinol se costume á comida

artificial, estabelece-se o novo regimen alimentar, que será o seguinte : de manhã cedo, dois bichos vivos dentro do visqueiro ; d'ali a duas horas, a comida de carne ou o ovo picado, sufficiente para o dia inteiro ; ás 4 horas no

PARAGENS DO ROUXINOL

inverno, e ás 6 ou 7 no verão, nova ração de 5 bichos. Quando o passaro canta assiduamente, offerecem-se-lhe mais tres ou quatro bichos pelo meio do dia ; elle mesmo os vem buscar á mão do dono, ás grades da gaiola, quando chegou a um certo grau de domesticidade.

Ha um processo simples e quasi sempre efficaz, para incitar os rouxinóes ao canto : deixar correr agua da torneira do contador para o póte, de maneira que o artista oiça o ruido, ou esfregar o chão com uma escova de lavar casas. Este barulho imita, embora imperfeitamente, o murmurio da agua correndo com certa violencia por entre as pedras, ou despenhando-se sobre ellas, recorda aos nossos artistas os recantos poeticos onde cantavam os seus amores, embalados por aquelle brando rumor, e arranca-lhes saudosos e sentidos gorgeios. A chiadeira prosaica do peixe no azeite fervente que o frege tambem produz igual effeito.

Resta-me apontar as precauções necessarias para o inverno e certos cuidados que o prisioneiro requer para conservação da saude.

Os rouxinóes são muito friorentos ; as temperaturas baixas são-lhes até fataes. Em chegando o mez de novembro é mister tapar, á noite, a gaiola com um panno espesso, de lã ou de algodão, que a abranja por todos os lados, excepto (é obvio) o que está encostado á parede.

Repito que a gaiola não deve ser removida do seu logar.

Quando o frio é muito intenso e o passaro nos parece menos alegre, é boa pratica levar a gaiola, por excepção, para junto de uma janella por onde entre o sol e o prisioneiro possa expôr-se a elle, durante uma hora.

Os vidros da janella não se abrem. Aquelle banho de sol póde repetir-se dois ou tres dias consecutivos, e mais de uma vez no decurso do inverno, se suppuzermos necessario.

O fastio é incommodo que de tempos a tempos se manifesta nos nossos amiguinhos. Não os prejudica um meio jejum em um ou dois dias. Se o passaro, porém, repelle a comida com maior insistencia, augmenta-se o numero das rações de bichos, servem-se-lhes alguns dos insectos que acima mencionei, insiste-se no ovo picado, e dá-se-lhe a beber agua das Pedras Salgadas (sem reclamo ás ditas aguas !) ou outras igualmente alcalinas. As aguas são recurso final, quando os outros falharam todos.

Reservei para remate um ponto dos mais importantes, mas pouco *parlamentar*; não o posso todavia omittir, tanto mais que fala agora o *medico*, que é, para o corpo, o que o confessor é para a alma. Para com elle, não ha refolhos nem pudôres. Recorda-me agora aquelle preceptor austero, encarregado de expurgar, para uso do principe confiado á sua direcção pedagogica, uma edição completa das obras de certo classico demasiado livre na linguagem. As passagens escabrosas capazes de ruborizar, ao de léve que fosse, o pudico joven, foram implacavelmente supprimidas porém reunidas todas, em appendice, no fim do ultimo volume. O caso agora não é tão feio, minhas senhoras, e trata-se da saude, da vida de um entezinho que se nos tornou querido. Por conseguinte... com licença.

Se a comida do nosso artista nos merece especiaes cuidados, mais especial attenção exigem as evacuações, que sobre todos os outros symptomas nos orientam ácerca do estado de saude do cantor. O passaro captivo, submettido a um regimen tão differente d'aquelle em que foi creado, é sujeito nos primeiros mezes, e no decurso da sua existencia, a irritações e obstrucções intestinaes.

As fezes do animalzinho, no goso de perfeita saude, são escuras com uma parte minima branca, e expellidas rapidamente, d'um jacto, ficando o passaro aprumado e tranquillo. Se ha qualquer irritação ou prisão dos intestinos, as fezes são muito brancas, semelhantes a um pingo de cal, e depois da evacuação, que denuncia algum esforço ou sensação penosa, o rouxinol continua em movimentos e esforços, como se sentisse necessidade de expellir mais alguma cousa. Sempre que se note este desarranjo, deitem-se dois bichos dentro de uma vasilhinha com azeite fino, sem vestigios de ranço, deixem-se ahi ficar uma hora e apresentem-se depois ao enfermo.

Duas horas antes, ou mais, retirou-se da gaiola toda a comida, para que o rouxinol aguilhoado pela fome devóre com menos repugnancia os bichos molhados no azeite. Se da primeira vez o resultado foi nullo, repete-se a receita no dia seguinte. Convem tambem augmentar, por uns dias, a quantidade de cenoura addicionada á carne e á farinha de milho. Os ovos de formiga tambem são indicados nesta doença e em todas as demais. E tenho dito o mais essencial e o bastante para V.as Ex.as se deliciarem com os gorgeios da philomela dos poetas, sem sahirem do seu *boudoir* perfumado.

Com a mesma alimentação, porém menos rigorosa porque esses comem tambem sopas de leite, figos frescos e seccos, consegue-se tambem engaiolar um passarinho gracioso e soffrivel cantor: o pisco. O canto d'esta avezinha tem um tom de melancolia que se não ouve com indifferença. Apanham-se os piscos com a costella dos rouxinóes e com a mesma isca viva, mas só em outubro ou principios de novembro, e como elles se habituam á comida artificial e ao captiveiro.

FREITAS BRANCO.

O Nosso Senhor do Oceano

N'AQUELLE anno, afogaram-se no mar muitos de Saint Valéry que andavam na pesca. Foram-lhes os corpos encontrados, trazidos á praia pelo rolo das ondas com os destroços dos barcos; e, durante nove dias, viram-se, na ladeira que vai dar á egreja, caixões levados á mão e que viuvas acompanhavam chorando, sob as grandes capas negras, como mulheres da Biblia.

Assim foram depostos no corpo da egreja o patrão João Lenoël e seu filho Desiderio, mesmo sob a abobada, onde, havia tempos, tinham suspendido um navio com todo seu apparelho, voto a Nossa Senhora. Eram homens justos e tementes a Deus. O sr. prior de Saint Valéry, Guilherme Truphème, havia dito com lagrimas na voz:

— Nunca melhor gente nem melhores christãos que João Lenoël e seu filho Desiderio, foram levados ao campo santo a esperar o juizo de Deus.

E emquanto os barcos com seus patrões encontravam a morte na costa, navios de alto bordo afundavam-se ao largo, e dia não se passava que não trouxesse o Oceano qualquer destroço. Ora, uma manhã, uns rapasitos que remavam n'um barco viram um vulto deitado sobre as aguas.

Era uma imagem de Nosso Senhor, de tamanho natural, esculpida n'uma madeira dura, pintada com suas devidas côres, que devia de ser obra muito antiga. Boiava nas ondas com os braços estendidos. Deitaram-lhe mão os rapazes e trouxeram-a para Saint Valéry. Cingia-lhe a cabeça a corôa de espinhos; eram furados seus pés e suas mãos. Mas faltavam-lhe os pregos e faltava a cruz. De braços ainda abertos, com que parecia offerecer-se ou abençoar, era como, no momento de o darem á sepultura, o haviam visto José de Arimatéa e as santas mulheres.

Entregaram-o os rapazes ao sr. prior Truphème, que lhes disse:

— Esta imagem do Salvador é obra antiga e quem a fez deve de ha muito ser morto. Embóra nas lojas de Paris e de Amiens se vendam por cem francos, e até por mais, imagens perfeitas, havemos de confessar que os santeiros d'outros tempos não deixavam de ter sua habilidade. Mas o que sobretudo me dá contentamento é pensar que, se Nosso Senhor assim veio de braços abertos até Saint-Valéry, foi para abençoar esta nossa freguesia, que por tão crueis provações tem passado, e dizer-nos o dó que lhe faz esta pobre gente andando na pesca a arriscar a vida. E' o mesmo Nosso Senhor que caminhava sobre as aguas e abençoava as redes de Cephas.

E o sr. prior Truphème, tendo mandado pôr o Santo Christo na egreja, sobre a toalha do altar mór, encommendou ao carpinteiro Lemerre uma linda cruz de carvalho.

Apenas este a acabou, pregaram n'ella Nosso Senhor com uns pregos novos, e alçaram-o no corpo da egreja, por sobre o banco da irmandade.

Viu-se então que eram seus olhos cheios de misericordia e como que humidos de celeste compaixão.

Um dos irmãos que assistia á collocação do crucifixo cuidou ver uma lagrima correndo sobre o rosto divino. Quando, no dia seguinte de manhã, o sr. prior entrou na egreja com o menino do côro, para dizer missa, qual não foi seu espanto vendo desamparada a cruz por cima do banco da irmandade e Nosso Senhor estendido sobre o altar!

Mal acabou de celebrar o santo sacrificio, mandou chamar o carpinteiro e perguntou-lhe porque havia despregado da cruz o Santo-Christo. Respondeu-lhe o homem que não lhe tocára, e, depois de haver interrogado o bedel e os irmãos, ficou certissimo o sr. Truphème de que ninguem entrára na egreja, depois que Nosso Senhor havia sido posto sobre o banco da irmandade.

Deu-lhe um sentimento de que tudo aquillo devia de ser milagroso e poz-se a medital-o com prudencia. No domingo seguinte, á pratica depois do evangelho, convidou os seus freguezes a contribuirem com donativos para uma nova cruz, melhor do que a primeira e digna d'aquelle que resgatou o mundo.

Deram os pobres pescadores de Saint-Valéry quanto puderam, e trouxeram as viuvas os seus anneis. Logo o sr. Truphème abalou para Abbeville a encommendar uma cruz de madeira preta muito lustrosa, encimada pela inscripção INRI em letras d'oiro. Dois mezes depois, foi erguida no logar da primeira e pregaram-lhe o Santo-Christo entre a lança e a esponja.

Mas deixou-a Jesus, como deixara a outra, e, assim que anoiteceu, foi deitar-se sobre o altar.

Encontrando-o ali o sr. prior de manhãsinha, cahiu de joelhos e desatou a resar por muito tempo. Logo a fama do milagre se espalhou pelos arredores e as senhoras de Amiens começaram pedindo esmola para o Senhor de Saint-Valéry. O sr. Truphème recebeu de Paris joias e dinheiro e a mulher do ministro da marinha, a sr.ª Ida de Neuville, enviou-lhe um coração de brilhantes. Dispondo de tanta riqueza, um ourives da rua de S. Sulpicio compoz, no praso de dois annos, uma cruz de oiro e pedras preciosas, que foi inaugurada com grande pompa na egreja de Saint-Valéry, no segundo domingo depois da Paschoa, em 18... Mas quem não se havia negado á cruz dolorosa,

«A MINHA CRUZ É FEITA DE TODAS AS DORES DOS HOMENS, PORQUE, NA VERDADE SOU DEUS DOS POBRES E DESGRAÇADOS»

fugiu de cruz tão rica, e foi outra vez deitar-se nos linhos brancos do altar.

Temendo offendel-o, ahi o deixaram então, e assim estava havia dois annos, quando o Pedro, o filho do Pedro Caillou, veio dizer ao sr. Truphème que tinha achado na praia a verdadeira cruz de Nosso Senhor.

Este Pedro era um innocentinho, e, como não tinha juizo bastante para tratar da vida, davam-lhe por caridade um pedaço de pão. Gostavam d'elle porque não fazia mal a ninguem; mas, como o viam sempre a desarrasoar, ninguem lhe dava ouvidos.

Entretanto, o sr. Truphème, porque andava sempre meditando no mysterio do Nosso Senhor do Oceano, moveu-se-lhe o coração com o que lhe disse o pobre louco. Com dois irmãos da confraria e o bedel foi-se até o sitio onde o rapaz dizia ter visto a cruz, e achou duas tabuas com pregos, que por muito tempo andariam no mar e que formavam uma cruz realmente.

Eram destroços d'algum antigo naufragio. Ainda n'uma das tabuas se viam duas letras pretas, um J. e um L., e, não havia duvidas, era um pedaço do barco de João Lenoël, que, cinco annos antes, perecêra nas aguas do mar com seu filho Desiderio.

Vendo aquillo, puzeram-se o bedel e os irmãos a rir do innocente, que as tabuas d'um barco despedaçado tomava pela cruz de Jesus Christo. Mas o sr. prior Truphème poz-lhes ponto nas zombarias. Muito meditára e rezára desde que aquelle Nosso Senhor do Oceano viera ter com os pescadores, e começava a ver luz no mysterio da caridade infinita. Ajoelhou-se na areia, resou pelos fieis defuntos, e mandou ao bedel e aos irmãos que aos hombros levassem aquelles fragmentos e os depuzessem na egreja. Pegou em Nosso Senhor, que estava no altar, pôl-o sobre as tabuas do barco e, por suas mãos, bateu os pregos que o mar havia enferrujado.

Deu ordem para que, logo no dia seguinte, fosse a cruz alçada sobre o banco da confraria, no logar onde estivera a outra de oiro feita e de pedras preciosas. E nunca mais o Senhor do Oceano se despregou. Quiz n'aquella madeira ficar, onde homens haviam morrido invocando-lhe o nome e o de sua mãe. E ali, entreabrindo os labios augustos e dolorosos, parece dizer: «A minha cruz é feita de todas as dôres dos homens, porque, na verdade, sou Deus dos pobres e desgraçados.»

Anatole France.

Traducção de D. João da Camara

A Inquisição

Damião de Goes e Fernão d'Oliveira julgados por ella

Este artigo é todo fundado em documentos ineditos e nos processos de Damião de Goes e Fernão d'Oliveira, publicado o primeiro pelo sr. Guilherme Henriques e o segundo pelo sr. Lopes de Mendonça. Os documentos ineditos fazem parte dos cartorios do Santo Officio, secção que na Torre do Tombo pertence ao auctor do artigo, que d'elles faz desenvolvido uso n'um estudo sobre A INQUISIÇÃO NO SECULO XVI, que se está publicando no ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ.

O PACATO *homem bom* d'alguma villa sertaneja que, por volta de 1540, embrulhado no seu gabão, de barrete e *pelote* novos, descesse o Valverde —como quem dissera a moderna Avenida da Liberdade,— se descavalgasse no largo do *Rosyo* e attentasse na multidão, que continuamente por alli formigava, havia de notar nas physionomias um ar pavido, desconfiado e sinistro, como sinistro era um palacio que lá se erguia no fundo, a que chamavam o *Paço dos Estáos*. E se, perdido nas suas serras, lhe não tivessem chegado, havia muito, novas de Lisboa, dentro em breve saberia, que afinal sempre tinha vindo a *Sancta Inquisiçam*.

Tinha custado, mas o escandalo dos christãos velhos e *limpos de sangue* não podia ser maior.

Tão grande era que até, no Dezembargo d'El-Rei, Tribunal Supremo d'então, um tal Licenciado Bugalho se fingia doente, para não ir nos sabbados á Relação e ficar lendo na Biblia, ao mesmo tempo que sua filha se vestia e endomingava com cadeia d'ouro e *cota de chamallote*; não faltavam *sollorgiões*, que guardassem os sabbados, donas de casa que, na noite de sexta para o sabbado, fizessem accender candeias com duas *matulas* e esperassem pelo nascer da estrella, para terminar o jejum... Até— era onde podia chegar!— alguns d'esses christãos novos, por noite alta, se junctavam para fazerem as suas rezas em commum numa quinta da Outra Banda, pertencente ao ferreiro Antonio Fernandes, onde tinham a sua *synoga!*

Mas a Inquisição vigilava; não se fossem assustar as crenças do nosso catholico *homem bom!* e o prevaricador ferreiro já estava bem encerrado no carcere inquisitorial.

Era bem possivel que o provinciano, de que vimos fallando, penetrasse nalguma das, então numerosas, vendas do *Rosyo* e, se perguntasse pelo novo tribunal, ouviria lamentar a morte do Montenegro, queimado no primeiro auto da fé, accusado de ter posto, numa noite de tempestade, um pasquim com heresias na porta da cathedral. Se um christão velho estivesse presente, dir-lhe-hia logo que o Montenegro fôra para o inferno e á hora da morte não pudera sequer fitar a cruz de Christo, ao que uma christã nova accrescentaria, semi-chorosa, que um infame preto lhe vasara um dos olhos e o Montenegro estava innocente e fôra martyr.

Nada de sentimentalidades, porém, rude provinciano; se o teu coração se compadece, recalca bem para o intimo esse sentimento, se

O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634

tens algum amor á terra natal, aos passarinhos que chilreiam na tua quinta e queres aproveitar a tua estada em Lisboa para ires assistir nas hortas de Santos o Novo, d'Alcantara, ou de Santo Antão, aos jogos da bola, ou da *tavola*.

Em tenda que supponhas de christã nova não peças carne de porco porque a dona te responderá: *Só um porco póde comer outro* e, se quizeres ver á janella essas tentadoras judias todas enfeitadas, folgando, mas com a tristeza a bailar-lhes nos olhos côr de amora, procura-as aos sabbados, que as has-de ver com as *beatilhas* lavadas, manilhas d'ouro grossas nos braços, e meadas d'aljôfar cingindo os pescoços d'alabastro.

O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634

Podes ainda assistir ao espectaculo imprevisto d'um auto da fé, mas ahi toda a cautela é pouca, não vá o teu coração, sincero como o vento, que sopra em liberdade nas tuas serranias, ser indiscreto e fazer com que o rapazio te rodeie e grite atrozmente:

Está triste por lhe levarem a queimar os irmãos na fogueira! Que bem lhe havia de ficar uma carocha!...

*

Um dos primeiros cuidados da Inquisição, ao estabelecer-se no nosso paiz, foi, sem duvida, a inspecção ás livrarias de que foram encarregados pelo Inquisidor Geral, D. Henrique, o prior de S. Domingos de Lisboa; Fr. Aleixo, superior d'esse mesmo mosteiro e Fr. Christovão de Valboena. Sabiam bem que, para propagar a *heretica pravidade e apostasia*, nada como as obras impressas e por isso os dois censores tinham bem apertadas instrucções para chamar á Inquisição todos os livros suspeitos. Quanto aos novamente impressos, a 29 de novembro de 1540, mandava o inquisidor João de Mello notificar os impressores Luiz Rodrigues e Germano Galhardo, sob pena de execução e de dez cruzados para as despezas do Santo Officio que nada se imprimisse sem o *visto* dos revedores.

Não contentes com isto, no Regimento do Conselho Geral de 1 de março de 1570, ainda inedito, expressamente lhe commettiam a visitação das livrarias do reino, não só publicas, como até particulares!

Tal foi pois a asphyxiante atmosphera que a Inquisição creou aos productos da mentalidade portugueza: por um lado o sequestro do que no extrangeiro se produzia e por outro a repressão de tudo o que pudesse offender os fanaticos ouvidos dos conspicuos *qualificadores*, a repressão de qualquer vôo mais arrojado do espirito luzitano.

E, para se saber como isto se cumpria, basta que digamos que tão fanatisada estava a sociedade lisboeta de meiados do seculo XVI, tão instigada por prégações e *descargos de consciencia*, que os filhos denuncia-

O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634

vam os paes, as mulheres os maridos, as amigas umas ás outras e as visinhas faziam orificios no sobrado para espreitarem o que se passava na casa alheia!

Não admira portanto que *Damião de Goes*, ausente da patria havia bastantes annos, tendo exercido missões de confiança juncto do rei de Dinamarca, tendo convivido em Lubeck com João Pomerano, em Utibregue com Melanchton e com o grande reformador Martinho Luthero, cuja igreja visitou, tendo convivido em Friburgo com Erasmo e tendo frequentado as Universidades de Louvain e Padua, visse o seu livro sobre os costumes e religião do rei da Abyssinia, impresso em Antuerpia e escripto em latim, impedido de circular em Portugal. Em carta de 28 de julho de 1541 explica-lhe o inquisidor geral, D. Henrique, o motivo de tal censura. Era que os graves criticos inquisitoriaes não tinham visto com bons olhos que Damião de Goes tivesse posto argumentos mais fortes em defeza da sua religião na pagã bocca do embaixador do Preste João, que na do bispo Adaim... Damião de Goes não se contentou porém com tal resposta e por isso novamente o cardeal D. Henrique lhe replicou, a 13 de dezembro de 1541, que não tinha sido prohibida a venda da primeira parte da sua obra, mas sim da segunda, em que se trata das cousas de fé e superstições que teem os etiopes, accrescentando o inquisidor geral *que huma cousa he relatar simpresmentes os ritos de huma naçam e outra querellos corrobar com razões falsas.*

PAGINA DO PRIMEIRO REGIMENTO DA INQUISIÇÃO DE LISBOA, DE 1552, AINDA INEDITO, COM DUAS ASSIGNATURAS DO CARDEAL D HENRIQUE, INQUISIDOR GERAL

Era mais uma alma perdida na convivencia com heréges, pensaria comsigo o fanatico Cardeal Inquisidor. E, emquanto ella pairasse distante, o perigo não era de maior; mas quando descesse cá á boa terra luzitana, cheia de céo azul e de sol brilhante, que era preciso defender a todo o transe das heresias, não seria preciso vigia-la com o mesmo cuidado com que os fructos sorvados se devem apartar dos sãos?

Assim era de suppôr.

Damião de Goes voltou com effeito a Portugal e é certo que, já a 5 de setembro de 1545 o seu nome era pronunciado, como possuidor de ideias avançadadas, perante o Tribunal Inquisitorial de Evora, pelo jesuita Simão Rodrigues, o antigo companheiro de Ignacio de Loyola em Paris, a quem os autos do *processo* de Damião de Goes chamam *Padre Mestre Simão, da congregação e hordem de Jesus.*

Não se pense porém que o astuto jesuita praticasse este acto por mal: longe d'isso. Não tinha odio nem inimizade ao denunciado — assim expressamente o declarou—e, se subia os degráos da casa do despacho da Inquisição de Evora, era tão sómente por descargo de consciencia e serviço de Nosso Senhor!

Por esse descargo, pois foi contando que, havia já annos, se tinham conhecido em Padua, e nas praticas amigas de ausentes da patria commum, Damião de Goes se mostrava inclinado ás heresias de Luthero, com quem fallara, era grande amigo de um herege de Basilea, Simão Grineus, e fôra discipulo de Erasmo, com quem vivera algum tempo. Não negava Simão Rodrigues o talento do denunciado, mas, exactamente por isso, o achava muito perigoso, por ser *homem avisado* e saber, além do latim, do francez e do italiano, alguma theologia e até lhe passaram no mesmo estado, sem o processo ter andamento. Entretanto Damião de Goes era nomeado guarda-mór da Torre do Tombo e, em 1558, era o proprio cardeal D. Henrique quem o incumbia de escrever a chronica d'el-rei D. Manoel, seu pae.

Quantas vezes, n'este intervallo, ou subindo as escadarias dos paços da Alcaçova, onde estava então a Torre do Tombo, ou penetrando nos humbraes do collegio jesuitico de S. Roque, não se encontrariam os dois: Damião de Goes, chronista-mór do reino, guarda-mór da Torre do Tombo, o denunciado,

ne redirent ad Herodē: per aliam viam reuerſi ſunt in regionem ſuam.

Sequentia ſancti Euangelij ſecundum Lucam.

IN illo tēpore: Miſſus eſt angellus Gabriel à Deo in ciuitatē Galilææ, cui nomen Nazareth, ad virginem deſponſatam viro, cui nomen erat Ioſeph, de domo Dauid: & nomen virginis Maria. Et ingreſſus angelus ad eā dixit: Aue gratia plena Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus. Quæ cum audiſſet, turbata eſt in ſermone eius: & cogitabat, qualis eſ-

O EVANGELISTA S. LUCAS, ILLUMINURA DO SECULO XVII, EXTRAHIDA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS», PERTENCENTE AO SANTO OFFICIO

parecia que tambem o flamengo e o allemão.

Contente comsigo mesmo, com a consciencia descarregada, retirou-se o *bom* do jesuita, até que, ou em razão da *carga* lhe não parecer sufficiente, ou em razão do *descargo* não ser completo, novamente se apresentou no Tribunal Inquisitorial, a 7 do mesmo mez, para dizer que tinha Damião de Goes por *lutherano* e, a 24 de setembro de 1550, em Lisboa, para declarar que, em Padua, na propria casa do denunciado, tinham tido uma disputa theologica sobre a *certeza da graça*, em que mutuamente se crivaram de textos de S. Paulo.

Como se vê, cinco annos levou Simão Rodrigues a perscrutar a sua memoria, cinco annos em que viu que ainda não tinha obtido o resultado que desejava, e ainda mais 21 se e Simão Rodrigues, reitor da casa professa de S. Roque, preceptor da doutrina do principe, o delator! E não nos diz a Historia se n'essas occasiões Damião de Gocs descortinaria, nos cumprimentos do seu velho companheiro de Padua, alguma coisa do perfido osculo de Judas a Jesus...

O certo é que, até 1571, ou mercê da influencia do inquisidor Fr. Jeronymo d'Azambuja, parente afim do chronista, ou por qualquer outro motivo até hoje desconhecido, os juizes do Santo Officio dormiram sobre as denuncias apresentadas. Foi o seu proprio genro, Luiz de Castro, thesoureiro do Cardeal Infante e fidalgo da sua casa, provavelmente por questões de familia, quem fez activar o andamento de tal processo, vindo, a 9 de abril

d'esse anno, depôr conta o sogro, a conselho do proprio confessor, accusado de ter dito que houvera muitos papas tyrannos, que a maioria dos ecclesiasticos era hypocrita e que os padres da companhia de Jesus não guardavam a pobreza como lhes ensinara o seu virtuoso instituidor, Ignacio de Loyola.

A essse tempo já o *preso* Damião de Goes gemia nos carceres secretos, pois tinham-lhe lançado a mão no dia 4 de abril. Successivamente o ouviram depois em dezoito audiencias, umas do estylo e da praxe, outras requeridas por elle.

A principio queria Damião de Goes saber o motivo da sua prisão, mas esse não lhe foi revelado e sómente o admoestaram a que confessasse tudo o que praticara contra a nossa fé catholica, para *podér ser merecedor da misericordia da Santa Madre Igreja, que ella usa com os verdadeiros confitentes e penytentes.*

Damião de Goes passou então em revista toda a sua vida, desde que sahira de Portugal, commissionado por el-rei D. João III, contou as suas viagens pela Europa, as relações *suspeitas* que n'ellas tinha adquirido, os estudos que tinha feito e, por ultimo, de tudo pediu perdão e misericordia. Só com isso, porém, não se contentaram os *senhores inquisidores*, e novamente o admoestaram, pedindo-lhe que examinasse bem a sua consciencia, e que dissesse tudo o *que crerá e praticara da seita lutherana.*

Por tal motivo, no dia seguinte, Damião de Goes confessou ter dito que os habitos dos lutheranos, acerca do *criar dos pobres*, eram melhores que os nossos e, dias depois, fallava na sua obra sobre os costumes dos ethiopes; suppondo que lhe passariam alguma busca á livraria, foi confessando tambem que n'ella tinha alguns livros prohibidos e algumas cartas de Erasmo.

Como elle estava longe das conversas de Padua com o seu delator, Simão Rodrigues! E que tratos não daria á imaginação naquelle escuro carcere em que o encerraram, sem saber bem o motivo por que o faziam!

A nova audiencia veiu pois o chronista e nella confessou ter ouvido um sermão a Martinho Luthero. Fôra num Domingo de Ramos, em Witemberg; como o Reformador prégava em allemão, pouco entendera, mas num dos dias seguintes jantara com elle e com Melanchton e, depois de jantar, dirigiram-se os tres a casa de Luthero, onde, servidos pela sua mulher, em convivo de amigos comeram maçãs e avellãs...

DAMIÃO DE GOES

Tambem estivera em casa de Melanchton; mas esse era pobre e quando lá entraram encontraram-lhe a mulher, vestida com uma saia velha de *bocaxim*, fiando...

N'este meio tempo veiu depor contra elle o poeta Pedro d'Andrade Caminha.

Quando Damião de Goes estava escrevendo a *Chronica d'el-rei D. Manoel*, contou elle, pedira a Caminha para, junto da infanta D. Isabel, lhe obter apontamentos ácerca do infante D. Duarte seu marido; a infanta respondeu a Caminha que já tinha dado a Goes apontamentos acerca da forma como elle morrera, o que Caminha lhe communicou, retrucando então o chronista *que não havia homem que na morte não dissesse quatro parvoices.*

Andrade Caminha não ligou n'essa occasião importancia a esta resposta, mas, sabendo Damião de Goes preso, e sabendo a forma christianissima como fallecera o infante D. Duarte, viu n'ella sombra de heresia e, *por descargo de consciencia*, o veiu dizer.

E' a bem triste historia de se saudar o sol que nasce e de se apedrejar o sol que se occulta!

Com tal e tão depravado testemunho e com estas audiencias se foi passando todo o mez d'abril, até que, no dia 2 de maio, apresentou o *Promotor* o seu libello accusato-

rio, lido deante do réo, no qual apontando a Damião de Goes os erros contra a religião catholica que elle commettera, o increpava por louvar a *maldicta secta de Luthero*, a que tinha querido converter um Padre da Companhia—está-se a ver que era Simão Rodrigues—e, depois de fallar nos livros hereticos encontrados na sua livraria, terminava pedindo a condemnação do réo como *herege, lutherano, pertinás e negativo.*

UMA BANDEIRA DA INQUISIÇÃO

N'essa occasião fallou Damião de Goes nas suas conversas com João Decamarty e o Padre Monserrate, mas, nem por sombras, se lembrou das conversas de Padua, suppostas ou verdadeiras, com o seu delator Simão Rodrigues!

Voltou o chronista para o seu carcere e facilmente se imagina em que abatimento de espirito. Que segredos não possuiriam já os seus severos juizes?! Que testemunhos não haveria contra elle?! Duas noites adormeceu o Guarda-mór da Torre do Tombo—se é que as não velou por completo—a cogitar na sua vida... para vir, no dia 4 de maio, confes-

sar que, em Flandres, tinha tido disputas com differentes pessoas sobre a validade das indulgencias, que o Papa concedia, sendo então de parecer que ellas eram bem pouco proveitosas, assim como a confissão auricular; pachassem e, a 17, tornou-a a solicitar com o mesmo fim, allegando que estava velho, muito fraco e mal disposto.

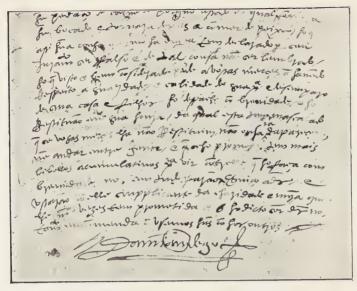
Decididamente Damião de Goes ia-se impacientando com o prolongamento da sua es-

OUTRA BANDEIRA DA INQUISIÇÃO

tambem confessou que, fallando de padres, tinha dito serem elles tyrannos e usarem mal dos seus officios.

A 10 de maio solicitou Damião de Goes audiencia para dizer que já não tinha coisa alguma para confessar e que, por isso, o des-

tada num carcere, que os contemporaneos nos não descreveram, mas que deveria ser bem desabrido e triste. Nelle haviam de lhe chegar aos ouvidos os gritos lancinantes das victimas torturadas!

Entretanto novas testemunhas se iam inter-

LETTRA E ASSIGNATURA DE DAMIÃO DE GOES,
REPRODUZIDA DA SUA DEFESA NO PROCESSO INQUISITORIAL

rogando; ao misero preso ia-se arranjando carga cada vez maior!

A 21 de maio subia o inquisidor Simão de Sá Pereira ás pousadas de D. Maria de Tavora que, doente de cama, não podia ir até ao *Paço dos Estáos* e, a 25, fazia o mesmo ao duque de Aveiro, pelo mesmo motivo impossibilitado de comparecer. A primeira dizia ter ouvido que Damião de Goes era muito dado a comer e beber, assim como aos prazeres da carne e contava que d'uma vez em casa d'elle, a uma sexta feira, como Damião de Goes comesse carne de porco e uma sobrinha lh'o censurasse, elle replicara:

Calae-vos, senhora sobrinha, o que entra pela bocca não mata a alma.

O depoimento do duque d'Aveiro era de menor importancia: conversando com elle, a proposito d'uma capella que o duque queria mandar fazer, lhe dissera Damião de Goes que seria muito mais seguro fundal-a numa igreja parochial de que no mosteiro de S. Domingos, em Coimbra.

Não ligou o duque importancia ao caso, mas agora, e logo que o soube preso, contou-o a seu filho, que por carta tinha avisado o Santo Officio!

Dir-se-hia haver um accordo secreto contra o pobre chronista!

A 9 de junho foi Damião de Goes mandado vir perante os Inquisidores e nada mais confessou, pedindo sómente que o despachassem brevemento porque *está morrendo n'este carcere.*

Entretanto a sobrinha, D. Briolanja de Carvalho, ia confessando ter-lhe ouvido a phrase que D. Maria de Tavora dissera, e a 30 de julho, Damião de Goes, novamente chamado, negava terminantemente tel-a proferido, accrescentando:

Quem quer o diz, o diz falsamente e no rosto lhe diraa se se poder dizer.

Com este novo testemunho da propria sobrinha, recebida e obsequiada em casa do chronista, entendeu o Promotor que devia carregar na accusação; quando lh'a leram, Damião de Goes outra vez negou o facto, affirmando que a testemunha era falsa. Passar-lhe-hia por ventura pela cabeça a conversa com a sobrinha Briolanja, creada em sua casa como se fôra filha, e em adeantado estado de gravidez, desejosa de comer carne de porco? É natural que não; sobre esse facto tinham já passado bastantes annos e tanto assim que, em duas audiencias mais, numa pedia Damião de Goes para lhe avivarem a memoria, porque de tal se não recordava e noutra, desejoso de ver o fim ao processo, dizia não estar recordado e *porê, se o disse, pede d'isso perdão e misericordia.*

Esta ultima audiencia foi a 3 de agosto e no dia 1 tinha em Evora deposto sua filha Catharina de Goes, que disse não se lembrar do pae ter proferido a phrase de que o accusavam, e até para ella imaginou uma explicação, no desejo bem sympathico de o salvar; a oito de agosto, apresentava o advogado Ayres Fernandes a sua defesa por escripto, com a qual se não contentou o chronista, sendo elle proprio quem se dirigiu aos Inquisidores pedindo-lhes *pelas cinco chagas de Nosso Salvador e Senhor Jesus Christo que o despachem.*

Não podia certamente ser mais atroz o desespero que tanto fazia humilhar aquelle que, gozando de reputação europeia, estava ali á mercê de pygmeus de que a Historia só falla para os accusar das carnes innocentes que fizeram queimar!

Para nós é particularmente interessante este memorial, todo de punho do grande historiador, em que claramente resalta o seu deprimido estado de espirito e o seu precario estado de saude. Com mais de setenta annos, preso ha nove mezes, já sem forças para se suster nas pernas, descrevia-se o chronista, tão

PARECER DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO» ACERCA DA CONDEMNAÇÃO DE DAMIÃO DE GOES.
ENTRE OS SIGNATARIOS ESTÁ O JESUITA LEÃO HENRIQUES, CELEBRE PRIVADO DO CARDEAL REI

cheio de usagre e sarna por todo o corpo, que pouco faltava para o poderem considerar como leproso!

Fôra na audiencia de 4 de dezembro que lhe fizeram a publicação dos testemunhos contra elle e por ella viu Damião de Goes como tinha sido delatado por Simão Rodrigues. A respeito d'este testemunho lembra que se lhe não deve dar fé, acoimando-o de suspeito; referindo-se a outro testemunho em que era accusado de ter dito mal dos prelados, clerigos e religiosos, Damião de Goes confessa-o e explica que só se referia áquelles que não cumpriam a sua regra e, quanto á phrase proferida num banquete, a proposito de carne de porco, repete que d'ella se não lembrava, fazendo finalmente tres pedidos: o primeiro que lhe dêem licença para escrever ao Cardeal D. Henrique, o segundo para que o deixem fallar a seu filho Ambrosio de Goes, para saber da sua familia, negocios e fazenda e principalmen-

O PRATO DE PRATA DO TINTEIRO DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO». TEM GRAVADO O SYMBOLO DA INQUISIÇÃO: A CRUZ RODEADA PELA LEGENDA — IN HOC SIGNO VINCES.

te por causa d'uma demanda que lhe moviam: por ultimo pede que lhe emprestem um livro em latim, para ler, *porque estou apodrecendo de ociosidade e com o lêr se me passam muitos pensamentos.*

Nada d'isto porém lhe foi concedido. Era o requinte da crueldade!

Ainda outro memorial elle apresentou, fafazendo valer todas as suas confissões e crenças, defendendo-se e terminando por pedir que, attendendo á sua edade, qualidade da sua pessoa e desamparo da sua casa e filhos, o despachassem com brevidade e o restituissem á sua honra, *da qual está tão menoscabado*, escrevia o chronista, *que se vossas mercês lha não restituem, não ousará d'apparecer nem andar entre gente!*

Para attenuante ao seu confessado procedimento heretico solicitou Damião de Goes nova audiencia, a 9 de fevereiro de 1572; então pediu que ao seu processo fosse juncta, como effectivamente foi, uma lista das bemfeitorias praticadas por elle a diversas egrejas e das suas obras pias e termina dizendo que *quem estas obras faz nas Egreijas e outras com hos proximos, que não diguo, catholico he e não lutherano, pera ho terem aqui preso passa já de dez mezes, pello que pesso a vossas mercês que ponhão has dictas obras em uma balança e na outra os erros de que me accusam mais por fallar que pellos usar, porque nunqua hos usei e, rebatida huma cousa da outra, me julguem e despachem com brevidade, pelo amor de Deus, porque m'estou aqui consumindo, assi da honra, quomo da saude, quomo da fazenda.*

Entretanto novos testemunhos iam apparecendo contra o desventurado prisioneiro. Não bastava os que havia já!

A 12 de abril D. Pedro Diniz vinha dizer que tinha ouvido a João de Carvalho, provedor-mór das obras d'el-rei e visinho de Damião de Goes no Castello, que elle fallava com admiração de Luthero e Melanchton, não o via ir á missa e costumava muito conviver com gente estrangeira. Passado mais de um mez foi chamado João de Carvalho, que confirmou o depoimento anterior, e adeantou-se em pormenores, dos quaes particularmente nos merece interesse, a accusação que elle tinha ouvido aos proprios criados do chronista de que *elle não era muito misseiro*...

Por este motivo nova audiencia teve o encarcerado e, a proposito das visitas de estrangeiros, disse que a sua casa era estalagem d'elles, a quem costumava banquetear; depois de jantar se punham a cantar missas e mottetes, compostos em canto de orgão, por que elle era *muito musico e folgava de cantar e ser muito dado aa musica e passar n'isto o tempo.*

Nada porém Damião de Goes confessou quanto á sua admiração por Luthero e Melanchton e novas accusações lhe foram apresentadas, cuja defesa o seu advogado teve de fazer. Não obstante, Damião de Goes junctou novo memorial, em que recordava differentes offertas mysticas feitas por elle, taes como um livro de Horas de Nossa Senhora, illuminado por Simão de Bruges, que o illuminador Antonio de Hollanda tinha avaliado em 750 cruzados, offerecido á Rainha, e differentes imagens offerecidas ao rei, a Pedro d'Alcaçova Carneiro, etc. Ainda antes da sentença, mais duas petições apresentou Damião de Goes, numa das quaes, a 14 de julho de 1572, se dizia tão mal disposto, que não tinha uma só doença, mas sim tres: *vertiguo, rins e sarna, quomo especie de lepra, que qualquer pessoa que me vir, se fôr proximo, se movera ha piedade, porque em meu corpo não ha cousa sam!*

Pobre Damião de Goes! Nem uma parte do

corpo conservava sã! Quem havia de reconhecer n'elle o antigo representante d'el-rei de Portugal nas côrtes extrangeiras?!

Isto escrevia o chronista, 16 mezes depois de encarcerado... E todavia, ainda quatro mezes teve de esperar, decerto com impaciencia tal que tocaria as raias do desespero, até que, em outubro de 1572, proferiram finalmente a sua sentença, em que o mandam abjurar os hereticos erros em fórma, sómente deante dos Inquisidores e o condemnam a carcere penitencial perpetuo, na parte para onde o Cardeal Infante o mandasse.

Com effeito, entre o dia 6 e o dia 16 de dezembro, sahiu o *réo* Damião de Goes do carcere inquisitorial para o mosteiro da Batalha e não nos diz a Historia qual fosse a sua sensação ao fitar, apoz dezenove annos de clausura, a luz brilhante d'esse sol de Lisboa que, por mal da Humanidade, não raiava só para os espiritos como o do douto pensador quinhentista, mas illuminava tambem Simão Rodrigues, Luiz de Castro, Briolanja de Carvalho e João de Carvalho, todos quantos principalmente contribuiram para a condemnação do chronista. Sim, a Historia não nos diz, se nessa occasião Damião de Goes não teria principalmente vontade de não mais o fitar e de morrer...

Mas o que ella nos diz, rehabilitando-o, é que a designação de réos compete exclusivamente aos que tão infamemente o martyrisaram!

*

Retrocedemos agora um pouco para nos encontrarmos com outro homem de lettras do seculo XVI, «*Fernão d'Oliveira*», o primeiro grammatico portuguez e afamado nautographo d'esse tempo, num sitio já de nós conhecido, onde elle geme e pena. Seja a 25 de novembro de 1547 e ir-lhe-hemos ouvir o libello do Promotor da Inquisição de Lisboa, em que o accusa de, na Rua Nova, publicamente, ter elogiado o proceder d'esses hereticos inglezes, insubmissos ao Papa, que queimavam os frades, affirmando varios erros lulutheranos, e—o que é mais—ameaçando com bofetadas e cutiladas aquelles que o contradissessem. Fernão d'Oliveira fôra frade da ordem de S. Domingos; vestido de capa e *pelote* curto, armado de espada, com chapéo e barba comprida, fizera de marinheiro

O EVANGELISTA S. JOÃO, ILLUMINURA DO SECULO XVII, EXTRAHIDA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS» PERTENCENTE AO SANTO OFFICIO.

e piloto, por França e Inglaterra, sem se confessar nem commungar.

Era mais esta accusação que o Promotor inquisitorial lhe dirigia.

Mas como chegariam á Inquisição noticias tão compromettedoras para o nosso grammatico? Fôra que, a 18 de novembro d'este mesmo anno, tres livreiros, João de Borgonha, Francisco Fernandes e Pedro Alvares, abandonando as suas tendas da Rua Nova, vieram, já se vê «*por descargo de consciencia*», contar uma polemica que o primeiro tinha tido com Fernão d'Oliveira, sobre questões religiosas, em que elle se mostrava bastante affecto aos lutheranos.

Maldita hora em que o antigo dominicano viera comprar a *Esphera* de Pedro Nunes, porque, se não fosse isto, talvez o não encontrassemos, oito dias depois, a ouvir ler as tremendas accusações que contra elle forjara a justiça inquisitorial.

André de Rezende, o grande antiquario que fôra seu mestre de grammatica no convento de Evora, tinha-o immediatamente reconhecido; e, escandalisado com a sua attitude, apontara-o a João de Borgonha.

PARECER DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO» E DE OUTROS LETTRADOS SOBRE AFFIRMAÇÕES DE FERNÃO D'OLIVEIRA. ENTRE OS SIGNATARIOS ESTÃO DIOGO DE GOUVEIA E O MESTRE OLMEDO' LENTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Foi a faulha que incendiou o odio do livreiro!

Por isso não se desperdiçou o ensejo da vingança e a conspiração arteiramente urdida por elle veiu a surtir o desejado effeito.

Fernão d'Oliveira, ao ouvir ler a accusação e ao saber d'onde ella partira, contou logo a zanga que com elle tinha tido um dos livreiros, por causa da impressão d'um livro seu, dando assim como suspeita tal testemunha. Dizia-se vassallo do rei de Inglaterra, de quem tinha trazido uma carta para o nosso rei e, entre outras coisas, de que a sua consciencia o accusava, lembrou-se de ter dito que havia clerigos que mais serviço fariam a Deus, lavando e cavando, do que prégando e dizendo missa.

No entretanto dirigia-se por escripto o grammatico ao seu protector conde da Castanheira, confiado em cujo favor elle viera a Portugal. Essa carta porem não conseguiu illudir a vigilancia inquisitorial e, a 23 de dezembro de 1547, respondia Fernão d'Oliveira por escripto ás accusações que lhe fizera o Promotor da Inquisição, taxando de perjuras e suspeitas as testemunhas contra elle, dizendo que tudo o que elle affirmava não eram, de forma alguma, heresias.

Novamente veiu o grammatico á presença do Inquisidor João de Mello, mas nada adeantou, apezar d'elle lhe recommendar que *metesse a mão na consciencia*, e só, a 4 de agosto de 1548, Fernão d'Oliveira reconheceu como heresia o dizer que o rei de Inglaterra não era hereje, sendo scismatico, que elle e os inglezes se podiam salvar apezar de viverem fóra da igreja catholica e que não era peccado o queimar os

LETTRA E ASSIGNATURA DE FERNÃO D'OLIVEIRA D'UMA CARTA PARA O CONDE DE CASTANHEIRA, QUE FOI APPREHENDIDA

ossos do bem-aventurado S. Thomaz, assim como destruir os mosteiros. Por isso os inquisidores o condemnaram sómente a abjuração dos seus erros e a prisão no carcere por tempo indeterminado, mas devendo andar de habito e tonsurado, rezando o officio divino.

Passados tres annos, Fernão d'Oliveira, *muito pobre e doente de colica*, pedia para ir para algum mosteiro, como effectivamente foi, para o de Belem; um anno depois, em 1551, era posto em liberdade, não se sabe se sinceramente convertido á fé catholica, se saudoso do tempo em que, vestido de capa e *pelote* curto, armado de espada, com chapéo e barba comprida, fizera de marinheiro e piloto por França e Inglaterra.

TINTEIRO DE PRATA DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO». TEM EM TODAS AS SUAS PEÇAS GRAVADO O SYMBOLO DA INQUISIÇÃO

E assim se ficam conhecendo as torturas que a justiça do *Paço dos Estáos* infligiu, no seculo XVI, a dois dos mais notaveis vultos da nossa historia litteraria quinhentista.

Clichés de A. Lima.

ANTONIO BAIÃO.

DESALENTO

«INÉDITO»

A estrêlla da ventura que guiava
Meu coração nos campos do prazer,
Fê-la, a estrêlla razão, desvanecer.
E eu, pouco a pouco, a vêr que se apagava

Uma vez que dos sonhos me apartava
Para um caso da vida resolver,
Foi quando começou de esmorecer,
A' luz razão, a luz que eu tanto amava

Ah! Cruel desespêro da minha alma
Mas que profundo soffrimento, o meu
Vêr na dura razão sorrir a palma

Já a minha estrellinha, lá no Céu,
Não scintilla, suave, doce e calma
A estrêlla da desgraça a escureceu.

Lisbôa, 1905

LUCIANO D'ARAUJO.

Crepusculo

Os canticos da tarde, os psalmos do Poente
derramam na amplidão um languido torpôr...
Mergulha o sol no Oceano e a abelha diligente
haure no ultimo sôrvo o mel de flôr em flôr!...

Os campos, os vergéis, suspiram vagamente
melodias de paz dizendo em seus rumôres,
e a Ria, a serpear, levada na corrente,
endèchas vae cantando a estremecer de amôres.

E o mar, esse gigante azul, côr de saphira,
em doida furia esmaga o dôrso contra a praia
á Lei do Eterno querendo impôr a sua ira!...
Fenece o horisonte. . o dia já desmaia...

Todo o Universo entôa um rythmo divino ..
Convida o Campanario, ao longe, á Oração...
Da alma da Christandade, harmonioso um hymno
se desprende innocente e espalha na amplidão.

No bosque a tutinegra, a saltitar, anciosa
seu ninho busca já por entre mil descantes
e Venus, lá do Olympo, a faiscar, radiosa,
ondas de luz dardeja ethéreas, scintillantes! ..

Da avena echoa o som do pastor solitario
tocando p'ra o redil as mansas ovelhinhas;
cançado o lavrador repousa do fadario,
indo levar contente o pão ás creancinhas.

É prestes a dormir a Natureza inteira!...
Susurra a viração trazida além do Sul,
e, no entretanto, a Lua — a branca feiticeira —
róla argentea nos Céus por sobre um véu de tull

beijando carinhosa a linda patria — Aveiro —
que a Ria de cristal reflecte alegre e amena
e a sorrir, a seus pés, n'um extasi fagueiro,
oscula a suspirar, tão meiga e tão serena!...

Costa-Nova do Prado
Setembro de 1895.

André dos Reis

VISTA GERAL DE ARCACHON—PHOTOGRAPHIA TIRADA DO MIRANTE

Arcachon

Se o leitor patricio e amigo quer por este verão abençoado, que ora banha a sagrada fita de terra em que ambos nascemos (louvado seja Deus!), ir mergulhar nas ondas salitrosas do mar, e viver n'um sitio cheio d'encantos, um mez ou dois de repouso d'affazeres não precisa para isso atravessar fronteiras, mudar de lingua e de costumes. Tantas são as praias lindas e alegres que enfeitam, como *bouquet* preciosissimo, a linha sinuosa do nosso littoral!

Agora se dispõe de tempo, de saude e de recursos, e, n'um desejo avido de sensações differentes das que a nossa patria lhe offerece, pretende visitar por esta epocha estival outras plagas, conhecer outros habitos, servir-se d'outro idioma, então indicamos, com conhecimento proprio, Biarritz, San Sebastian, St. Jean de Luz e Arcachon.

Temos o proposito, algum tanto assustador para quem nos vae ler, de falar demoradamente sobre essas praias; por hoje, porem, apenas nos referiremos á ultima, da qual trouxemos finas recordações.

Ha pouco mais d'um mez estavamos nós ainda em Paris, quando Paris subitamente se tornou insupportavel, mercê do calor que d'um dia para o outro ali sentou arraiaes.

Era preciso fugir-lhe. Para onde? Arcachon, indicou-nos uma gentil parisiense. Sigamos o conselho. Horas depois, o rapido Paris-Bordeaux conduzia-nos e a duas pequenas malas, com uma real rapidez. Sete horas leva o trajecto entre aquellas duas primeiras cidades francezas, e uma hora mais da derradeira á estancia referida.

Arcachon divide-se em duas regiões perfeitamente distinctas: a *Villa d'Inverno* e a *Villa de Verão;* esta é a

ARCACHON—VISTA DA PRAIA E DO «GRANDE HOTEL»

praia de banhos; aquella é a povoação serrana. A fantasia local quer ainda uma outra divisão com o accrescimo d'uma *Villa d'Outono*. Achamos demasiado...

ARCACHON—VISTA GERAL DA PRAIA

O que torna preciosa a chamada *Villa d'Inverno* (na qual fundimos a *de Outono*, se nol-o permittem), é o ser edificada em pequenos montes, por vezes bastante ingremes, todos profusamente arborisados, com habitações graciosas e hygienicas que jardins cuidadosamente tratados airosamente rodeiam. Um d'esses montes é inteiramente coberto de pinheiros e destinado exclusivamente a passeios a pé, e jogos gymnasticos ao ar livre. Um sanatorio sem edificios, onde centenas d'anemicos e de tisicos teem encontrado a cura das suas melancolicas enfermidades. E nem

ARCACHON — O NOVO CAES

ARCACHON—UM MIRANTE

um ruido de malheiros nem um leve fumo de chaminés industriaes. Uma quietitude absoluta, uma atmosphera lavada de toda a impureza, por onde o ar do mar, coado atravez a ramaria, circula saudavel e leve. Na construcção dos seus *chalets*, a imaginação exotica dos seus proprietarios vibrou bizarra e ampla. Nas linhas das suas avenidas e pequenos largos ajardinados, a administração publica houve-se com arte e com gosto. Custa a differençar se foi a mão do homem que conduziu a Natureza, ou se se deu o contrario.

No *Casino Mauresque*, onde tão doces horas passamos, encontra-se todo o conforto, dezenas de divertimentos e golpes de vista sobre o mar, sobre a floresta, e sobre a barra, que deliciam o olhar menos extasiavel.

Mas d'onde realmente a vista é maravilhosa, é do alto do *Mirante*, ao qual se sobe só para esse fim, munido de binoculos de grande alcance. Nem toda a gente se aventura a subil-o porque o ultimo varandim oscilla bastante e lançando de lá os olhos em torno parece cercar-nos um verdadeiro abysmo. Será preciso dizer-lhe que esta villa tem, alem das casas mobiladas para alugar, desde o palacete luxuosissimo até á modesta casa de campo, magnificos hoteis e *restaurants*? Ou não estivessemos em França... A partir de 100 francos por mez, diz a informação official, pode obter-se uma *villa* isolada, contendo tres quartos, uma cozinha e algumas pequenas dependencias mais.

Quanto aos *chalets* de luxo, attingem os preços de 2.000 a 3.000 francos; são porem pequenos palacios ricamente mobilados. E isto, repetimol-o, sem commercio, nem industria de qualidade alguma a materialisar a vida d'este pequeno paraizo. Estabeleci-

ARCACHON—MULHERES DE PESCA DAS OSTRAS

ARCACHON MIRANTE

mentos, só, absolutamente só, hoteis-restaurants.

Mas desçamos á *Villa de Verão*. Quanto a d'inverno é accidentada em terreno,quanto esta o não é. Toda plana, cortada de ruas e avenidas em rectas, muitas das habitações com jardins á frente e d'um só andar, quasi todas as vias publicas ladeadas de tilias e acacias, com elegantes e enormes hoteis como o *Grand hotel*, um *Casino da Praia*, que é uma belleza tanto interior como exteriormente, um curioso *Aquarium*, um *Grand Theatre*, enorme e bello na verdade, clubs de todos os *sports*, sobretudo nauticos.

O CASINO DA PRAIA

A praia de banhos, em concha, sem perigos para os banhistas, e onde creanças livre e despreoccupadamente brincam dias inteiros (por isso lhe chamam *Patrie des enfants*), não é mais bella nem mais interessante do que qualquer das nossas: é differente, apenas. Tem ilhas em frente e á direita (a *Ilha dos Passaros*, e outras), e á esquerda a entrada do mar, que o *Phare*, d'um lado, e o *Sémaphore*, do outro, vigiam attentamente.

O PHAROL

Originalissima, porem, é a *Nouvelle jetée*, um

ARCACHON—FLORESTA—PHOTOGRAPHIA TIRADA DO MIRANTE

molhe artificial que vae da praia até grande distancia pelo mar dentro, constituindo o passeio predilecto dos banhistas, depois que o sol perdeu a intensidade de calor.

As mulheres que dão banho ás senhoras uzam não saias mas calção curto, o que á primeira vista nos parece estranho por falta de habito de as ver assim.

Tambem na floresta da Villa d'Inverno se encontram guardadores de gado em andas bastante altas, o que igualmente nos causa estranheza, embora estes costumes sejam puramente logicos.

CASINO MOURISCO

E para terminar, que isto já vae longo de mais para a nossa maneira de escrever, sempre *á vol d'oiseau*, deixem-me contar-lhes um incidente moral.

Procuravamos, no terceiro dia seguinte ao da nossa chegada, um rapazito que conhecesse a floresta, para nos servir de guia, quando a dona do modesto hotel, onde nos hospedámos, nos disse não ser preciso; iria ella, ou a irmã, ou uma linda afilhada de 18 annos, que tinham creado desde o berço. Agradeci recusando: era fatigante para qualquer d'ellas e talvez inconveniente...

Oh, não, meu caro senhor: nenhuma de nós é velha, é certo, mas aqui todos nos respeitamos. Não estamos em Paris. Arcachon tem 2.000 habitantes e todos se conhecem. A Margarida (era a afilhada) ou minha irmã, ou eu, podemos ir sósinhas com o senhor, que nos merece inteira confiança e nos vem recommendado de Bordeaux, sem ninguem ter que dizer ou do que se admirar.

Alcantara Carreira.

Segundo Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

«Não chores que tambem vaes...»

Cliché do sr. Victorino Cardoso, Porto.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XII

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles.

CAPITULO XV

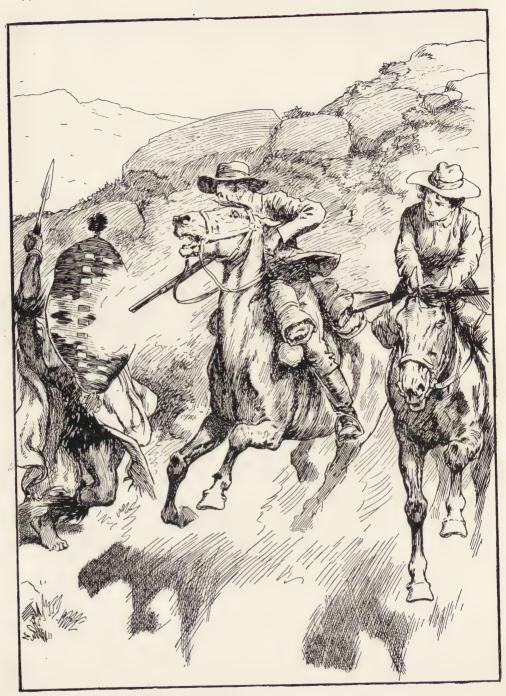
A perseguição

Eram de feito, sem sombra de duvida, os matabeles. Não tardou que outros tres homens viessem ter com a sentinella e começassem todos a conversar apontando com as enormes lanças para a encosta do monte. Evidentemente estavam aprestando uma surpreza, quando houvesse luz sufficiente para a levar a cabo.

—Viram a nossa fogueira—segredou Clifford para Benita—Agora, se desejamos salvar as vidas, ha só uma cousa a fazer: galopar por ahi fora antes de elles se reunirem O *impí* deve estar acampado da outra banda do monte; portanto, nós devemos tomar o caminho por onde viemos.

—Leva-nos outra vez a Bambatse—tartamudeou Benita.

—Antes Bambatse do que o tumulo—disse elle—Reza a Deus para que lá possamos chegar.

A este argumento não havia resposta. Por

BENITA OUVIU BATER A BALA NO ESCUDO

conseguinte, depois de beberem uma golada de agua e de engulirem uns motrecos de comida, esgueiraram-se na direcção dos cavallos, montaram e começaram a descer pela encosta a baixo, o mais caladamente que puderam.

A sentinella ficara de novo sósinha, de costas para elles. Mas d'ahi a um instante, quan-

do elles estavam quasi á beira d'elle, ouviu o tropear dos cavallos sobre o capim, voltou-se para traz, e deu com os olhos nos dois. Em seguida, com grande clamor, ergueu a lança e investiu com elles.

Clifford, que ia na frente, extendeu a carabina a todo o comprimento do braço, pois que nem tempo tinha de a levar ao hombro, e puxou o gatilho. Benita ouviu bater a bala no escudo, e logo a seguir viu o guerreiro matabele cahido de costas, agitando no ar as mãos e os pés. Viu tambem, para alem da espalda do *Kopje*, que elles iam torneando, centenas de homens a marchar, levando atraz de si manadas de gado, lampejantes á luz mortiça as lanças mortiferas e as armaduras dos bois. Olhou para a direita, e viu mais gente. As duas alas do *impí* estavam-se a cerrar sobre elles, deixando apenas a meio uma estreita embocadura. Por ahi deviam passar antes que as paredes humanas se unissem.

—Vamos!—arquejou ella, batendo no cavallo com os calcanhares e a coronha da espingarda, e chicoteando-lhe o focinho.

Clifford, que tudo vira tambem, fez o mesmo, de forma que os animaes romperam n'um galope. Agora, do extremo de cada uma das alas destacavam-se linhas delgadas de homens similhando os ramos de um enorme alicate que tivesse por fito cortal-os.

Poderiam passar por entre elles antes de se encontrarem? Era essa a questão, e da sua solução dependia terem elles ou não mais tres minutos de vida. Era absurdo pensar em misericordia ás mãos d'aquelles selvagens sedentos de sangue, depois de se ter dado a morte a um d'elles na presença de outros. Verdade era que a esse o tinham os europeus fuzilado em defeza propria, mas que importancia dariam a isso os selvagens, que attenção dariam ao facto de serem elles apenas viajantes inoffensivos? A gente branca não tinha por então grande popularidade entre os matabeles, isso bem sabiam elles; alem d'isso, o seu assassinio n'esta paragem remota, tão longe de qualquer outro individuo da sua raça, nem sequer seria conhecido, quanto mais vingado. Seria o mais impune de todos os crimes.

Tudo isto passou pelo espirito dos brancos emquanto galopavam para o intervallo das duas alas que se iam cerrando. Que horror aquelle! Apenas uns duzentos metros a percorrer, e ficaria decidida a sua sorte. Ou escapariam pelo menos por algum tempo, ou tudo para elles acabaria; ou, terceira alternativa, porventura a mais terrivel, seriam feitos prisioneiros. N'um momento, Benita resolveu que tal não seria o seu destino, caso tivesse tempo de o evitar. Tinha a carabina e o revolver que lhe tinha dado Jacob Meyer. Decerto não lhe faltaria um curto ensejo de se servir de qualquer d'essas armas contra si propria. Cerrou os dentes e estimulou o cavallo. Voavam agora os dois por alli fora. Os soldados matabeles corriam quanto podiam para os alcançar. Cinco segundos que estes ganhassem, eram os dois empolgados com certeza. Mas esses curtos cinco segundos salvaram-lhes as vidas.

Quando se precipitaram a meio do boqueirão aberto entre as duas alas, não se apartavam estas mais de vinte metros. Vendo que elles haviam passado, os negros pararam e arremessaram sobre elles um chuveiro de azagaias. Uma d'ellas lampejou perto da face de Benita, como uma linha de luz; ella sentiu o bafejo do ar deslocado. Outra cortou-lhe o vestido, e uma terceira veiu ferir o cavallo de seu pae, no jarrete trazeiro, mesmo acima da junta do joelho, permanecendo ahi espetada uns momentos e cahindo depois. A começo, o animal pareceu não se sentir muito lezado com a ferida; pelo contrario, até galopou mais depressa, e Benita já se alegrava pensando que não era mais que uma arranhadura. Depois nem mais se lembrou de tal, porque alguns dos matabeles, que tinham espingardas, começaram a disparar sobre elles, e apezar da ruim pontaria, passaram muito perto d'elles uma ou duas balas. Por ultimo, um homem, que era o corredor mais veloz do bando, clamava-lhes na piugada em lingua zulu:

—O cavallo está ferido. Apanhamos ambos antes do pôr do sol.

Passavam então pela crista de um outeiro e por momentos perderam de vista os perseguidores.

—Graças a Deus!—arquejou Benita quando se viram de novo sósinhos no meio do *veld* silencioso.

Mas Clifford abanou a cabeça.

—Julga que elles nos persigam?—perguntou ella.

—Não ouviste o que disse o homem?—replicou elle evasivamente.—Elles vão com certeza a caminho de assaltar Bambatse, e só

se demoraram para destruir qualquer outra misera tribu, a quem roubaram o gado que nós vimos.

Sim, receio muito que elles não nos larguem. A questão é de quem chegará primeiro a Bambatse, nós ou elles.

—Nós, decerto, que vamos a cavallo, meu pae.

—O caso é que nada aconteça aos cavallos.

Palavras não eram ditas, sentiu a egua que elle montava baquear bruscamente sobre a perna trazeira, a mesma em que acertara a azagaia; em seguida, recuperou forças e continuou a galopar.

—Não viste isto?—perguntou.

Ella acenou affirmativamente; depois accrescentou:

—Não será melhor apeiarmo-nos e examinarmos a ferida?

—Isso é que não!—redarguiu elle.—A nossa unica esperança está em não lhe darmos descanço; uma vez que a ferida arrefeça, estamos perdidos. Não é possivel que o tendão fosse cortado, aliás já tinhamos dado por isso.

Continuaram pois a trote largo, toda a manhã, por onde quer que achassem terreno bastante lizo, e, apezar da crescente manqueira da egua, tanto se adeantaram que a meio do dia estavam chegados ao sitio onde tinham feito a primeira paragem ao sahir de Bambatse.

Ahi os forçaram tambem a demorar a fadiga e a sede. Beberam sofregamente da fonte, e abeberaram depois os cavallos; impossivel era com effeito afastal-os da agua. Em seguida comeram alguma cousa, não porque tivessem appetite mas para manter as forças, e foram entretanto examinando a egua.

Tinha o jarrete muito inchado, e escorria ainda sangue do rasgão feito pela azagaia. Alem d'isso, a perna estava de tal modo esticada para cima que a extremidade do casco mal pousava em terra.

—Vamo-nos depressa, antes que ella se estropie de todo—disse Clifford.

E cavalgaram de novo. Deus de Misericordia! que succedera? A egua recusava-se a andar. No seu desespero, Clifford castigou-a cruelmente, obrigando-a a dar dois ou tres passos manquejantes sobre as tres pernas, até que estacou de novo. Ou se rompera um tendão offendido, ou tão forte era a inflammação que não deixava curvar o joelho. Percebendo o significado, para elles terrivel, d'este accidente, os nervos de Benita succumbiram finalmente, e ella desatou a chorar.

—Não chores, meu amor—disse elle—seja feita a vontade de Deus! Talvez que elles a estas horas renunciassem á perseguição; em todo o caso, não me faltam ainda as pernas, e Bambatse fica-nos a pouco mais de cinco leguas. Portanto, animo e ávante!

Agarrou-se ao loro do cavallo que ella montava, e foram trepando a compridissima ladeira que conduzia aos montes em derredor de Bambatse.

A vontade d'elles era darem um tiro na egua, mas receiaram attrahir a attenção com o estampido do tiro. Deixaram pois o misero animal entregue á sua sorte, e com elle toda a sua carga, á excepção de uma porção de cartuchos. Mas antes de se afastarem, a pedido de Benita, Clifford levou uns segundos a desafivelar a cilha e a tirar as redeas, para dar ainda á pobre egua uma esperança de salvação. Um pequeno espaço seguiu ella ainda atraz d'elles, a coxear sobre tres pernas, depois, com a sella ainda no dorso, parou relinchando dolorosamente, até que, com grande allivio de Benita, uma volta do caminho fez com que a perdessem de vista.

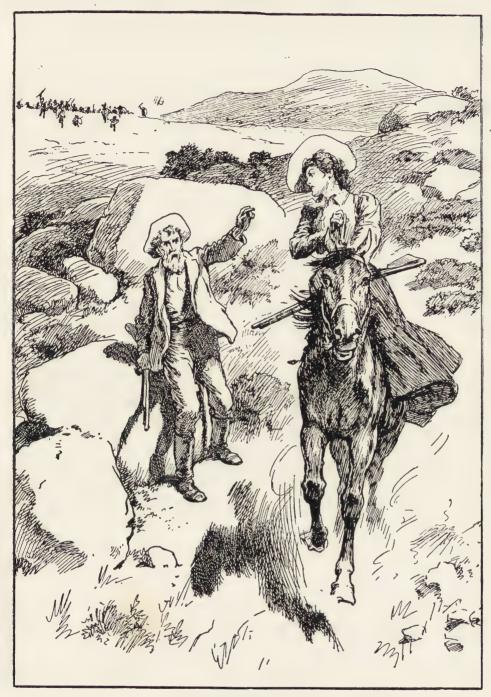
Cousa de um kilometro mais adeante, ella voltou os olhos para traz, na fraca esperança de que o animal se houvesse restabelecido e os fosse seguindo. Não se via porem signal da egua. O que se via, sim, a tres ou quatro milhas atraz, bastante nitido n'aquella deslumbrante atmosphera, era uma multidão de manchas negras, que de quando em quando pareciam faiscar.

—Que é aquillo?—perguntou ella debilmente, com receio da resposta.

—Os matabeles que nos seguem—respondeu seu pae—ou, para melhor dizer, um bando dos seus corredores mais velozes. São as azagaias d'elles que scintillam.

Agora, meu amor, a situação é esta—proseguiu elle, sem deixar de caminhar—Aquelles homens hão de alcançar-nos muito antes de nós chegarmos a Bambatse; estão exercitados a correr por aquella forma, quinze ou dezeseis leguas se preciso fôr. Mas com a deanteira que levamos não poderão alcançar-te o cavallo; por conseguinte, deita a galope por ahi fora, e deixa-me a contas com elles.

—Isso é que nunca!—exclamou ella.

—Isso é que ha de ser, e que deve ser.

A RESPOSTA DE BENITA FOI PARAR O CAVALLO

Mando eu, que sou teu pae. Cá por mim, que importa? Pode ser que encontre onde me esconda e que logre escapar. Senão... eu já estou velho, já vivi bastante, ao passo que tu tens o futuro deante de ti. Adeus, adeus, e segue avante.

Largou o loro. Mas a resposta de Benita foi parar o cavallo.

—Nem uma pollegada mais—exclamou ella com ar decidido.

Elle começou a irritar-se, chamando-lhe desobediente e insubmissa, e quando se mallograram estes meios de a commover, implorou-a quasi com lagrimas.

— Meu querido pae — disse ella, inclinando-se para elle, emquanto iam proseguindo caminho — eu expliquei-lhe o motivo por que queria fugir de Bambatse, não é verdade? Bem lhe disse que preferia arriscar a vida a ficar alli. Julga agora que eu tenho desejo de voltar e ficar lá vivendo sósinha em companhia de Jacob Meyer? Tenho ainda outra cousa a dizer-lhe. Lembra-se de Seymour? Pois eu não posso esquecel-o; por mais que faça, não me resigno á sua perda; por isso, embora esteja com medo, isso estou, não me importa a vida. Não, não! Ou escapamos ambos, ou ambos morremos. Se escaparmos, melhor.

Elle não teve remedio senão ceder, suspirando. Em voz offegante, foi discutindo com ella os meios possiveis de salvamento A primeira ideia foi esconderem-se, mas na campina raza, com poucas arvores isoladas, não havia esconderijo possivel. Pensaram nas ribas do Zambeze, mas entre elles e o rio erguia-se uma montanha escalvada e fragosa com muitos kilometros de encosta. Muito antes de chegarem á cumiada, ainda quando o cavallo pudesse trepar até lá, seriam alcançados irremissivelmente. Em summa, o unico remedio era puxarem para o desfiladeiro, e, caso tivessem a fortuna de lá chegar antes dos matables, deitarem o cavallo á almargem e procurarem occultar-se entre os escombros da casaria. Era possivel conseguirem isto depois do pôr do sol.

Não se illudiam porem. As probabilidades eram quasi todas contra elles, a não ser que os perseguidores se cançassem e os deixassem em paz.

Por então, pelo menos, elles não denunciavam cançaço, porque, ao avistarem de longe os europeus, os corredores selvagens estugaram o passo, diminuindo a distancia que os separava da ambicionada preza.

—Meu pae—disse Benita—é preciso que entenda bem isto. Eu não quero cahir com vida nas mãos d'esses selvagens.

—Mas como queres que eu?... — tartamudeou elle.

—Não lhe peço nada—redarguiu ella.—Eu tratarei d'isso. Mas se por acaso a minha mão for pouco segura...

E olhou para elle fito.

O velho ia-se fatigando cada vez mais. Offegava a subir pela ingreme encosta e tropeçava nos pedregulhos. Benita deu por isso. Apeiou-se e obrigou-o a montar, emquanto ella corria á beira do cavallo. Depois, quando elle se sentiu um pouco refeito de forças, renderam-se de novo, e por esta forma venceram uns poucos de kilometros. Mais adeante, quando ambos se sentiram quasi exhaustos de todo, experimentaram cavalgar ambos, indo elle á garupa, por isso que ha muito haviam alijado a bagagem. Mas o animal, esfalfado, não podia com esta dupla carga, e, umas centenas de metros andados, tropeçou, cahiu, poz-se outra vez de pé conforme poude, e por fim estacou.

Viram-se pois obrigados a voltar á primitiva: cavalgar e marchar a pé alternadamente.

Já não lhes restava muito mais de uma hora de dia, e o apertado desfiladeiro ainda distava d'elles uma boa legua. Que medonha legua aquella! Foi um pesadelo que mais tarde obsidiou Benita constantemente. A começo os guias dos matabeles estavam a cerca de dois mil metros de distancia; a meio caminho, já distavam uns mil metros; ao encetarem a ultima milha, não seria de mais de quinhentos o espaço entre perseguidores e perseguidos.

Prodigiosa cousa é a natureza, grandes os seus recursos n'uma extremidade d'estas. Á medida que se abeiravam da suprema crise, parecia desapparecer o cançaço dos dois, ou pelo menos esqueciam-n'o. Já não se sentiam exhaustos; nem mais depressa galgariam a encosta, se repousados se houvessem erguido do leito. Até o cavallo parecia encontrar novos alentos; quando acaso se atrazava, Clifford espicaçava-lhe o flanco com a faca de matto.

Offegantes, anhelantes, ora um, ora outro, a cavallo, lá se iam arrastando para a crista da penedia, sentindo apoz si a morte sob a forma d'esses sabujos do sertão. Descia o sol, e sobre o globo flammejante viam elles, ao relancearem para traz os olhos, o contorno dos vultos negros; as largas folhas das azagaias avermelhavam-se, como se houvessem sido mergulhadas em sangue. Podiam até ouvir-lhes os clamores de sarcasmo, a bradar-lhes que se deixassem cahir por terra, para que mais de-

pressa os matassem, para acabarem com aquella correria insana.

Já não distavam d'elles trezentos metros, e a cumiada do disfiladeiro ainda lhes ficava a cousa de um kilometro. Passaram cinco minutos, e como o terreno era assaz escabroso, o cavallo trepava vagarosamente. Ia então Clifford montado, e Benita corria ao lado d'elle, agarrada ao loro do estribo. Olhou para traz. Os selvagens, receiosos de que as suas victimas topassem abrigo no cimo do monte, desataram á desfilada, e era impossivel ao cavallo apressar mais a andadura. Um dos selvagens, um homenzarrão, destacou-se do grupo, e correu mais avante. D'ahi a dois minutos, não estava a mais de cem passos dos europeus, um pouco mais proximo do que elles estavam do cimo do desfiladeiro. Foi então que o cavallo estacou e se recusou a dar mais passo.

Clifford saltou abaixo da sella, e Benita, sem poder dar palavra, apontou para o matabele. Clifford sentou-se n'uma pedra, assestou a carabina, tomou folego, fez a pontaria e disparou sobre o soldado que se approximava descuidado pelo campo largo. Era um bom atirador, e, apezar do alvoroço, n'esse momento supremo não lhe falhou a pericia habitual. O homem foi attingido algures; vacillou e cahiu por terra; depois ergueu-se a custo, e começou a retroceder, coxeando, em direitura dos companheiros, os quaes, ao renirem-se a elle, pararam um minuto para lhe prestar o possivel soccorro.

Essa paragem foi a salvação dos dois, porque lhes deu tempo a tentarem uma ultima e desesperada carreira, e chegarem á testa do *poort*. Não que isso os salvasse desde logo, visto que os matabeles podiam seguil-os e havia ainda claridade bastante para que os pudessem descortinar. Com effeito, os selvagens, deixando o homem deitado no chão, precipitaram-se para deante com uivos de raiva, em numero de cincoenta ou mais.

Sobre a cumiada, pae e filha iam seguindo com esforços, Clifford a pé, Benita a cavallo; apoz elles, talvez a uns sessenta metros, corriam os matabeles, agglomerados agora no antigo e estreitissimo atalho, marginado de alcantiladas encostas.

Então, de repente, de todos os lados em volta d'elles, segundo se afigurou a Benita, rebentou a chamma e o estampido de carabinas, rapido e continuo. Aos dois e aos tres foram cahindo os matabeles, até que por ultimo pareceu que poucos d'elles ficavam de pé, e esses mesmos não se approximavam mais; voltaram costas e fugiram da garganta do desfiladeiro para a encosta aberta que ficava alem.

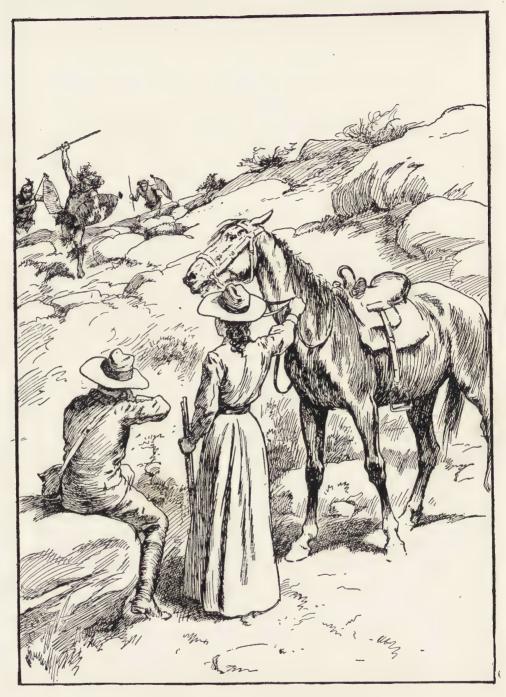
Benita deixou-se cahir no chão, e a ultima cousa que lhe chegou aos ouvidos foi a voz suave de Jacob Meyer, a dizer-lhe:—Até que voltou do seu passeio, Miss Clifford. Ainda bem que recebi o recado que em pensamento me deu: de que desejava que eu viesse ao seu encontro a este sitio exactamente onde estamos.

CAPITULO XVI

Outra vez em Bambatse

Como é que elles chegaram a Bambatse, eis o que nunca lembrou a Benita; só mais tarde soube que tanto ella como seu pae foram levados em tipoias, feitas de escudos de couro. Quando voltou a si, achou-se deitada na sua barraca de campanha, fora da bocca da caverna, na terceira cerca da fortaleza-templo. Tinha os pés doridos e os ossos n'um feixe, e esses incommodos physicos trouxeram-lhe á memoria, n'um relampago, todos os terrores por que havia passado.

Tornou a ver os ferozes perseguidores matabeles; tornou a ouvir o seu barbaro alarido e os tiros de carabina que lhes responderam; de novo, no meio do tumulto e da treva incipiente, distinguiu a voz branda e extrangeirada de Meyer pronunciando phrases de saudação sarcastica. Em seguida cahiu sobre as suas idéas o veu do esquecimento, e depois occorreu-lhe a vaga reminiscencia de ser levada pelo monte acima, sentindo violenta soalheira no dorso, e ajudada a trepar pelos ingremes degraus da muralha por meio de uma corda atada á cintura. Depois, varreu-se-lhe de novo a memoria.

O cortinado da tenda estava aberto. Ella deixou-se cahir sobre o leito, fechando os olhos com receio de que elles encontrassem o rosto de Jacob Meyer. Sentindo que não era elle, ou percebendo-o talvez pelas passadas, descerrou-os um pouco, espreitando o intruso por entre as compridas pestanas. Com effeito, nem era Jacob nem seu pae, mas o velho molemo, que se acercou d'ella, tendo na mão uma cabaça cheia de leite de cabra.

CLIFFORD DISPAROU SOBRE O SOLDADO QUE SE APPROXIMAVA

Depois ella sentou-se na cama e sorriu para elle, porque Benita affeiçoara-se muito a esse velho, tão differente de toda a gente que ella até então conhecera.

—Salve, senhora!—disse elle brandamente, correspondendo ao sorriso d'ella com os labios e os olhos sonhadores, sem que o resto da enrugada physionomia parecesse mover-se

—Trago-te leite. Bebe; está fresco e tu precisas de alimento.

Ella agarrou na cabaça e sorveu até á ultima gota; parecia-lhe que nunca saboreara bebida tão deliciosa.

—Bem, bem!—murmurou o molemo.—Estás aqui, estás boa de todo.

—Decerto!—retorquiu ella.—Mas meu pae, como está?

—Não tenhas receio; ainda está enfermo, mas ha de restabelecer-se em breve. Não tarda que o vejas.

—Bebi todo o leite—atalhou ella.—Não lhe deixei nem uma gota.

—Leite não falta—redarguiu elle, agitando a mão macilenta.—Havia duas vasilhas cheias, uma para cada um de vós. Não temos lá em baixo muitas cabras, mas o leite melhor para vós se guarda.

—Conta-me tudo que succedeu, pae.

O velho sacerdote, que gostava que ella o tratasse assim, sorriu de novo com os olhos, e agachou-se a um canto da barraca.

—Fostes vós que quizestes partir, lembra-te bem, comquanto eu vos prevenisse que em breve voltarieis. Não destes ouvidos á minha sabedoria, e já sei tudo quanto vos aconteceu e como por um triz vos salvastes do *impi*. Ora bem! N'aquella noite, vendo que não voltaveis, veiu o Homem Negro... sim, é de Meyer que eu falo, assim lhe chamamos por causa da sua barba e—accrescentou elle com circumspecção—da sua alma. Veiu a correr pelo monte abaixo, inquirindo por vós, e foi então que eu lhe entreguei a carta.

«Leu-a, e ficou como doido. Praguejou na sua lingua; deu por paus e por pedras; pegou n'uma carabina e quiz dar-me um tiro, mas eu deixei-me ficar sentado e silencioso, a olhar para elle, até que socegou. Perguntou-me depois por que motivo lhe armara eu esta traição. Eu respondi que não era traição minha, visto que eu não tinha direito de vos reter como prisioneiros a ti e a teu pae, contra a vossa vontade; que, no meu pensar, vós tinheis partido por medo d'elle, o que não espantava em vista do modo por que elle a vós se referia. Disse-lhe tambem, pois que sou medico, que elle se arriscava a endoidecer se não tivesse cautela comsigo; que já nos olhos lhe via a loucura. Em vista d'isto, elle socegou de todo, porque o atemorisaram minhas palavras. Depois perguntou o que havia a fazer. Nada n'aquella noite, respondi eu, visto que vós devieis já estar longe, e seria escusado perseguir-vos, mas que melhor fôra ir ao vosso encontro quando estivesseis de volta. Perguntou-me o que entendia eu por estas palavras, e eu redargui que ellas tinham clara significação, que vós regressarieis a toda a pressa e sob a imminencia de um grade perigo, embora vós não me houvesseis dado credito, porque me dera este aviso o Munwali, de quem tu és filha.

«Mandei pois fóra os meus espias, e passou aquella noite, e passou o dia seguinte, e chegou outra vez a noite, e quietos permanecemos, sem fazer cousa alguma; só o Homem Negro queria por força sahir a pairar sósinho em cata de vós. Mas na manhã seguinte, ao romper do dia, appareceu um emissario, referindo-nos que de seus irmãos, escondidos por montes e valles, leguas e leguas por ahi fora, soubera ter o *impi* dos matabeles destruido outra tribu dos makalangas a juzante do Zambeze e avançar para nós afim de nos destruir tambem. E de tarde chegou outro espia, contando que vós dois havieis sido cercados pelo *impi*, mas que tinheis rompido por meio dos inimigos, e cavalgaveis para aqui na ancia de salvar a vida. Então eu escolhi cincoenta entre os melhores do nosso povo, e mandei-os, sob o commando de Tamas, meu filho, embuscarem-se no disfiladeiro, porque nós, que não somos homens de guerra, não arrostamos em campina raza os guerreiros matabeles.

«Foi com elles o Homem Negro, e ao ver quão melindroso era o vosso aperto, queria correr ao encontro dos matabeles, porque é valente deveras. Eu porem tinha dito a Tamas: Não tentes pelejar contra elles em campo razo, porque elles vos matariam sem duvida a todos! Alem d'isso, senhora, eu tinha a certeza de que vós chegarieis ao cume do *poort*. Por uma unha negra lá chegastes com effeito, e meus filhos fizeram fogo com as novas espingardas, e, como o sitio era apertado, elles não podiam errar a pontaria e mataram um grande numero d'essas hyenas de amandabeles. Mas matar matabeles o mesmo é que matar pulgas no lombo de um cão; cada vez apparecem mais. Ainda assim, conseguiu-se o que se desejava: tu e teu pae foram salvos, e nós não perdemos um só homem.

—Então onde param agora os matabeles?—perguntou Benita.

—Fóra das muralhas, um regimento inteiro: tres mil homens ou mais, commandados por

Maduna, que é de sangue regio, por cuja vida tu pediste, mas que apezar d'isso te perseguiu como se foras um cabrito montez.

—Talvez ignorasse quem era—suggeriu Benita.

—E' possivel—respondeu o molemo, esfregando o queixo—porque em casos d'esses até um matabele guarda lealdade, e deves lembrar-te de que elle te prometteu vida por vida. Comtudo, elles andam ahi a pairar á laia de leões em torno das muralhas, e por isso é que eu vos trouxe para o cimo do monte, para ficardes a salvo d'elles.

—E tu estás em segurança, meu pae?

—Creio que sim—replicou elle com uma risadinha abafada—Quem quer que fez esta fortaleza, fel-a solida deveras, e nós entupimos as portas. Elles não pilharam lá fora nenhum de nós; estavamos todos dentro das muralhas, mais as ovelhas e as cabras. Por ultimo, mandámos a maior parte das nossas mulheres e creanças para a outra banda do Zambeze em almadias, para esconderijos que nós conhecemos e onde os amandebeles não poderão dar com ellas, porque não ousam navegar pelo rio. Por conseguinte, para os que restam temos tres mezes de mantimentos, e antes d'isso as chuvas hão de expulsar o *impi*.

—Porque não foram todos para a outra banda do rio, meu pae?

—Por dois motivos, senhora. O primeiro é que, se abandonassemos a fortaleza que desde que tempos está em nosso poder, Lobengula se apossaria d'ella e a guardaria, e nós nunca mais tornariamos a entrar na posse do nosso patrimonio, o que seria uma vergonha e sobre nossas cabeças acarretaria a vingança dos nossos maiores. O segundo é que, visto que para nós voltaste, temos obrigação de te proteger.

—Como sois bondosos para mim!—murmurou Benita.

—Não! A este logar te trouxemos, e cumprimos as órdens que lá de cima eu recebi. É possivel que ainda te sobrevenham desgostos; sim, creio que virão, mas ainda uma vez te rogo não tenhas receio, porque d'esta ruim raiz brotará uma flor de alegria.

E o velho ergueu-se para sahir.

—Espera!—disse Benita—O chefe Meyer já encontrou o ouro?

—Não, nada encontrou; mas anda a revolver tudo, como um chacal esfaimado em cata de um osso. Mas o tal osso não será para elle; é para ti, senhora, para ti sómente. Oh! bem sei que tu não procuras, mas serás tu que has de encontrar. Mas para a outra vez, quando precises de soccorro, não fujas para o sertão. Escuta o verbo de Munwali, dito por sua bocca, o molemo de Bambatse!

E com estas palavras, o velho sacerdote foi recuando até á sahida, parando por vezes para fazer venia a Benita.

Passados alguns minutos, entrou Clifford, com aspecto de fraqueza e de abatimento, arrimando-se a um cajado. Abraçaram-se os dois cheios de jubilio, dando graças por escaparem a tamanhos perigos.

—Bem vês, Benita, não podemos sahir d'aqui—disse Clifford—Temos que encontrar o thesouro.

—Maldito thesouro!—respondeu ella—Até me faz asco falar n'elle. Quem pode pensar em thesouros com tres mil matabeles á espreita para dar cabo de nós?

—Esses já quasi não me mettem medo. Tiveram nas mãos o ensejo, e deixaram-n'o perder. Os makalangas protestam que, com as armas que teem para defeza das portas, a fortaleza não pode ser tomada de assalto. Mas de alguem tenho receio ainda.

—De quem?

—De Jacob Meyer. Tenho-o visto algumas vezes, e parece-me que vae dando em doido.

—O mesmo disse o molemo; mas por que razão?

—Pelos gestos d'ella. Senta-se por ahi, resmungando; fusilam-lhe os olhos negros; ás vezes geme, outras vezes desata ás gargalhadas. Isto é quando lhe sobrevem o accesso, porque em geral parece que está de juizo perfeito. Levanta-te se podes, e verás.

—Não me appetece—respondeu Benita debilmente—Meu pae, cada vez tenho mais medo d'elle. Oh! porque é que não me deixou ficar lá em baixo, no meio dos makalangas, em vez de me trazer outra vez para aqui, onde temos de viver a sós com esse terrivel judeu?

—Era o que eu desejava, minha querida, mas o molemo disse que estariamos mais seguros cá em cima e deu ordem á sua gente que te transportasse. Alem d'isso, Jacob protestou que, se não te trouxessem, me daria a morte. Percebes agora porque elle me parece doido.

—Porquê, porquê?—gaguejou de novo Benita.

—Deus o sabe!—respondeu elle com um suspiro—Segundo penso, elle está persuadido que sem ti nunca poderemos topar o ouro; affirmou-lhe o molemo que esse ouro é para ti, e só para

tì, e elle diz que o velho tem dupla vista, ou cousa que o valha. O que é certo é que elle era capaz de me assassinar. Li-lh'o eu nos olhos. Foi por isso que me pareceu melhor ceder, para não te deixar aqui doente e desamparada. Elle, a falar a verdade, ainda havia um meio...

Suspendeu-se. Ella encarou-o e perguntou:

—Que meio era?

—Matal-o, antes que elle me matasse—respondeu elle em voz ciciante—Mas a isso não pude eu resolver-me.

—Não!—exclamou ella com arripio—Isso não! Isso não! Antes morrermos nós, que ficarmos com as mãos tintas no sangue d'elle. Eu já me levanto, e esforçar-me-hei por não mostrar medo. Estou que é o melhor, e talvez encontremos maneira de escapar. Entretanto, convem fazer-lhe boa cara, e fingir que continuamos na pesquiza d'esse excommungado thesouro.

Ergueu-se pois, percebendo que, a não ser por um tal ou qual entorpecimento, não se sentia peior que o usual. Com o auxilio de seu pae, tratou de cozinhar a refeição da tarde, como era costume. Quanto a Meyer, não o viu, comquanto por mãos d'elle por certo houvesse encontrado todas as cousas dispostas ao seu serviço.

Antes de cahir a noite, appareceu elle, como ella aliás suppunha. Apezar de não lhe ouvir os passos e de estar de costas, sentiu a presença d'elle; uma sensação que sobre ella cahiu como uma sombra frigida. Voltou-se e olhou para elle. Estava de pé, perto d'ella mas sobranceiro, em cima d'um grande penedo de granito, para onde trepara sem ruido, com os movimentos felinos que lhe eram habituaes. Batiam-lhe em cheio os raios derradeiros do sol poente, delineando no fundo do ceu os seus contornos ageis e nervosos, e n'essa intensa luz vermelha que sobre elle chammejava, tinha uma apparencia temerosa. Parecia uma panthera armando o salto; como de panthera lhe brilhavam os olhos, e Benita comprehendeu ser ella a preza que elle cobiçava. Mas, lembrando-se da sua resolução, tratou de disfarçar o terror, e dirigiu-lhe a palavra:

—Muito boa tarde, sr. Meyer. Estou tão moida que nem posso levantar o pescoço para o ver—accrescentou ella rindo.

Elle pulou rapidamente do penedo abaixo, sempre á laia de panthera, e poz-se em frente d'ella.

—Devia dar graças ao Deus em que crê—disse elle—por não estar a estas horas moida deveras, o pedaço que tivesse escapado á furia dos chacaes.

—Agradeço a Deus com effeito, e ao sr. Meyer tambem. Foi um acto de heroismo ter vindo em nosso soccorro. Meu pae—chamou ella—venha dizer ao sr. Meyer que lhe estamos em extremo gratos.

Clifford sahiu muito tropego da sua cabana sobre a arvore, exclamando:

—Já lh'o disse, minha querida.

—Sim—redarguiu Jacob—já m'o disse. Escusa de repetir. Pelo que vejo, a ceia está prompta. Vamos comer, que devem estar com fome. Temos que conversar depois.

Comeram sem grande appetite. Meyer mal tocou em comida, mas bebeu bastante, primeiro café muito forte, e depois genebra e agua. Mas offereceu a Benita os melhores bocados que poude escolher, olhando muito para ella, e dizendo-lhe que devia alimentar-se bem para que a sua formosura não soffresse nem as suas forças diminuissem. Benita recordou-se dos contos da sua infancia, nos quaes o papão abarrotava de comida a princeza a quem tencionava devorar.

—Melhor fôra que pensasse nas suas forças, sr. Meyer—disse ella—Não é possivel sustentar-se só com café e genebra.

—Esta noite nada mais preciso. Sinto-me admiravelmente desde a sua volta. Nunca, que me lembre, me senti com tanta saude e tantas forças. Olhe! Por exemplo, esta tarde passei-a eu a acarretar provisões e diversas cousas para riba d'aquella empinada muralha, por isso que temos todos de nos preparar para um prolongado cerco. Pois nem sequer dei pelo esforço de levantar um cabazito que fosse. Mas emquanto andaram lá por fora, isso sim! então é que eu me sentia fatigado.

Benita mudou de assumpto, perguntando se elle tinha feito alguma descoberta.

—Por emquanto nada, mas agora, que voltou, não tardam ahi as descobertas. Nada receio; tenho um plano que não pode falhar. Alem d'isso, era uma tristeza estar a trabalhar n'aquelle antro sem a sua companhia. Pouco fiz emquanto não chegou a occasião de ir ao seu encontro e atirar sobre os matabeles. Não sei se sabe: só á minha conta, matei sete. Para a salvar, podia lá errar a pontaria.

Sorriu para ella. Mas Benita arredou-se

PARECIA UMA PANTHERA ARMANDO O SALTO

d'elle, visivelmente incommodada, e Clifford com irritação:

—Não alluda a similhantes horrores deante de minha filha. Já basta o ver-se obrigado a praticar taes cousas, é escusado falar depois n'ellas.

—Tem razão—replicou elle reflexionando—e peço desculpa, embora nada me tivesse dado mais prazer do que fuzilar esses matabelles. Acabámos com elles, mas lá fóra ha muitos e muitos mais. Escute! Lá estão elles a cantar o seu hymno da noite!

E com o dedo alongado foi marcando o rythmo ás retumbantes notas do tremendo canto de guerra dos matabeles, as quaes vinham da campina adjacente.

—Tem um sabor religioso, não lhes parece?—continuou elle.—As palavras é que... Mas será melhor que as não traduza. Nas nossas condições, assumem um sentido em demasia pessoal.

«Mas agora tenho uma cousa a dizer-lhes. Foi barbaro da sua parte irem-se embora e deixarem-me assim; foi pouco homoso até. A falar a verdade—accrescentou elle com um impeto de ferocidade, como de panthera—se apenas de vossê se tratasse, Clifford, declaro-lhe francamente que lhe daria um tiro, quando tornassemos a encontrar-nos. Os traidores o que merecem é serem fuzilados, não é verdade?

—Tenha a bondade de não falar d'esse modo a meu pae—atalhou Benita com voz aspera, em que se sentia ter a colera dominado o terror.—A mim cabem egualmente as suas accusações.

—É prazer obedecer-lhe—respondeu elle curvando-se.—Nunca mais alludirei a tal assumpto. Não a accuso, Miss. Quem seria capaz de a accusar? Jacob Meyer, não, por certo. Comprehendo bem que achou isto aqui muito aborrecido, e não ha remedio senão sujeitarmo-nos aos caprichos femininos. Alem do que, visto que voltaram, não vale a pena falar mais em tal. Mas escute. Ha um ponto em que eu tomei uma resolução inabalavel: não sahirá d'aqui, emquanto não sahirmos juntos. Quando acabei de trazer os mantimentos, dispuz tudo n'esse sentido. Á manhã de manhã verá que ninguem mais pode subir a esta muralha, e, o que é mais, ninguem a poderá descer. Alem d'isso, para ficar tranquillo de todo, de futuro tenciono dormir junto da escada.

Benita e seu pae entreolharam-se com espanto.

—O molemo tem direito de aqui vir—disse ella.—É o seu santuario.

—Pois que celebre por uns tempos o seu culto lá por baixo! O velho pateta tem presumpção de saber tudo, mas nunca suspeitou das minhas tenções. Demais, nós dispensamos que elle se metta na nossa intimidade, não é assim? Podia dar-lhe na vista o ouro, quando nós o encontrassemos, e roubar-nos depois

(Continua)

OVAR

Praia do Furadouro

OVAR — EGREJA MATRIZ — SAHIDA DO SAGRADO VIATICO

O povo portuguez sente-se bem junto do mar — junto d'esse leão indomavel e magestoso que por vezes se declarou vencido na lucta gigantesca travada com alguns dos seus mais audazes navegadores.

Foi assim que os frageis e pequenos baixeis do immortal Vasco da Gama singraram, orgulhosos, "*por mares nunca d'antes navegados*", sem recear as ameaças do féro Adamastor. Dir-se-hia que as alterosas vagas do grande Oceano até então mysterioso, que elle foi desvendar, obedeciam á sua voz de marinheiro forte e audaz, baixando, timidas, as suas cristas espumantes.

É que o povo portuguez está verdadeiramente identificado com esse colosso eternamente irrequieto e feroz, mas desde sempre e para sempre bello — o mar!

Não ha duvida de que a este heroico povo ainda qualquer coisa resta, mais do que reminiscencia vaga, da raça phenicia, d'essa raça aventureira e laboriosa que invadiu a Luzitania pela primeira vez, ao que se suppõe, pelos annos de 954 antes de Jesus Christo — 201 annos antes da fundação de Roma.

Esses arrojadissimos habitantes d'aquella parte do littoral do Mediterraneo fechada ao oriente pelas elevadas cordilheiras do Libano, alargando as suas vistas pela grande superficie das aguas, calcularam que ellas lhe poderiam dar um grande predominio e, se bem pensaram

PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA «ESPERANÇA», DIRIGINDO-SE AO LANÇAMENTO DAS REDES

no seu engrandecimento, logo puzeram em pratica tão grandiosa ideia.

Não possuiam cartas hydrographicas nem agulhas de marear, mas a boa vontade e tenacidade haviam de supprir essas faltas aos primeiros navegadores do mundo. Os remos eram a força impulsora dos seus navios e as suas viagens realisavam-se ao longo das costas e á vista de terra. Atravessaram todo o Mediterraneo, fundaram, diz-se, Carthagena e foi Cadiz o seu principal emporio commercial. Navegando para o norte, percorreram todo o littoral luzitano, que fundamente os maravilhou, e desde logo resolveram assentar seus arraiaes por tão formosas paragens.

Mas se a raça phenicia, installando-se na antiga Luzitania e cruzando-se com os habitantes d'esta parte occidental da Europa, perpetuou nos seus filhos a arte da navegação e o arrojo e valentia de que estes sempre deram e ainda hoje dão provas, a raça pelasgiana veiu, mais tarde, por intermedio do pescador provençal, implantar o systema da pesca em varios pontos da costa luzitana, transformando-o n'uma industria que dia a dia augmentou extraordinariamente, chegando a ser hoje uma verdadeira fonte de riqueza de Portugal.

PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA DA COMPANHA «BOA ESPERANÇA», DIRIGINDO-SE PARA A PESCA

Um d'esses pontos escolhidos pelos pescadores provençaes foi a praia que actualmente se denomina "Furadouro" e que dista apenas quatro kilometros da villa d'Ovar.

Ao habitante d'esta villa dá-se, em geral, o nome de *vareiro*, e assim deve ser chamado, apezar de serem tambem conhecidos pelo mesmo nome todos os habitantes da beira-mar, desde S. Jacintho (Aveiro), até á praia d'Espinho. Claramente se vê que o primitivo nome de Ovar devia ter sido Var, por isso que se diz *vareiro* ou *varino*, e não *ovareiro ou ovarino*, (1) e em reforço d'esta opinião, que é uma das que Pinho Leal apresenta no seu notavel "*Diccionario de Portugal antigo e moderno*", vem o saber-se que na costa maritima da Provença ha uma cidade, um rio e um cantão denominado Var, e que o pescador provençal aportou ás nossas costas e em algumas d'ellas se estabeleceu, deixando, para prova d'isso, uma certa afinidade de modos e costumes que de todo ainda se não dissiparam da nossa classe piscatoria.

OVARINA

Que mais preciso é para chegarmos á conclusão de que, por semelhança, dessem os provençaes ao sitio onde hoje se encontra a villa o nome de Var? E tendo sido esta a povoação *do Var*, que coisa póde haver de mais natural do que denominar-se, com o decorrer dos tempos, a povoação *d'Ovar*?

E tanto isso se podia dar e ter hoje como certo, que não resta duvida, como o affirma Pinho Leal, de que os antigos juntavam sempre a preposição ao nome proprio, fazendo, por exemplo, de *de Ornellas*, Dornellas; de *la Cerda*, Lacerda; de *dos Ruivos*, Durruivos, etc. (2) Sobre a afi-

(1) Apenas a mulher d'Ovar é tambem conhecida pelo nome de *ovarina*, sobretudo em Lisboa, mas chama-se mais propriamente, e em geral, *varina* ou *vareira*.

(2) O Dr. João Frederico Teixeira de Pinho, nas suas "*Memorias e datas para a historia da villa d'Ovar*", affirma que a villa deriva o seu nome do verbo absoluto — *Ovar* —, porque multidão de aves palustres punham ovos e creavam aqui, onde os moradores da vetusta Cabanões vinham a elles.

Pinho Leal insurge-se contra esta opinião, dizendo que, a ser assim, a villa deveria ter o nome de *Desovar* e não *Ovar*.

Outras opiniões se apresentam ainda sobre o mesmo assumpto, quasi destituidas de fundamento, mas eu sigo apenas aquella que deixo exposta, como mais racional e consentanea com os factos historicos.

nidade do vareiro com o provençal, não deixaremos de transcrever textualmente o que aquelle mesmo auctor nos diz: — "*O pescador provençal, como o vareiro, com as suas calças largas e curtas, com a sua faxa e com a sua grande* carapuça, *recorda-nos a sua procedencia e a pasmosa semelhança com o pescador das*

PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA NO REGRESSO DE LANÇAR AS REDES AO MAR E NO MOMENTO EM QUE ARRIBAVA

Ilhas Jonicas, no modo de vestir e viver; devemos, porem, confessar que o cruzamento *com as differentes raças peninsulares fez, em grande parte, perder ao vareiro a sua primitiva belleza de formas, que tem degenerado menos entre o provençal.*"

Assim é, realmente, mas ainda hoje se reconhece na raça vareira propriamente dita, isto é, na classe piscatoria, uma organisação forte e sadia, capaz de arrostar com as maiores intemperies da vida.

Os pescadores, que raramente abandonam a praia do Furadouro durante a epoca da pesca da sardinha, que decorre de maio a dezembro, conservam ainda d'um modo nota velo typo primitivo, em que predomina a regularidade das formas e o desenvolvimento muscular.

A vareira, que em varias terras do paiz e sobretudo em Lisboa é, como já dissemos, mais conhecida pelo nome de *ovarina* ou mais propriamente *varina*, é uma mulher inconfundivel não só pela sua energia, graça e vivacidade, como pela belleza e perfeição da sua plastica. A vareira não é a mulher chlorotica e enfezada, embora com uns laivos de formosura, que nós estamos hoje habituados a vêr a cada passo, porque não quer sujeitar-se ao martyrio do espartilho e dos mais requisitos da moda tão inflexivel, quanto perigosa.

Ella é, pelo contrario, a mulher forte, activa, desenvolta e agil que, para ganhar honestamente o seu pão, vae correndo sobre a areia da beira-mar, ou

PRAIA DO FURADOURO—RUA DÁ CAPELLA VELHA

atravez das povoações, canastra á cabeça, lenço solto ao vento, peito á vontade e as saias ensacadas nos largos quadris, e soltando o caracteristico pregão com toda a força dos seus robustos pulmões: — "*vivinha da costa!... E' d'agora viva!...*"

E quem bem se puzer a contemplar o perfil de muitas d'essas mulheres, lembrar-se-ha, sem duvida, dos perfís hellenicos que arrancaram á estatuaria d'esse povo de artistas a formòsa cabeça de Aphrodite.

Mas voltemos á beira-mar.

O Furadouro (corrupção de Aforadouro), é uma linda praia a quatro kilometros de distancia do extremo poente da villa d'Ovar e a esta ligada por uma

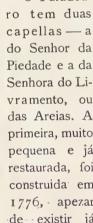
OVAR — CHALUPA «ESTEVAM» EM OCCASIÃO DO LANÇAMENTO Á AGUA NA RIBEIRA DO MOURÃO

PRAIA DO FURADOURO—ORIGINAL CASA DO PESSOAL, ARRECADAÇÃO DE REDES E ABEGOARIA DA COMPANHA «BOA ESPERANÇA»

formosa estrada orlada de eucalyptos e marginada por diversas propriedades de vinha e de pinhal. Victima de varios incendios, dos quaes o primeiro e mais importante foi em 31 de julho de 1881, o Furadouro perdeu a sua feição antiga, desalinhada e pobre, sobretudo do lado do norte e parte do lado sul da praia, onde agora se vêem muitas ruas perfeitamente alinhadas e algumas macdamisadas, com bons predios de pedra e cal, espaçosos e elegantes. A maior animação da praia é nos mezes de agosto, setembro e outubro, não só por serem esses, em geral, os de mais abundante e melhor pesca, como pela concorrencia que então se nota de muitas familias que d'Ovar e outros pontos do districto d'Aveiro e mesmo de fóra d'elle alli veem gosar a epoca balnear.

INTERIOR DA ABEGOARIA

No Furadouro já hoje não escasseiam commodidades para se viver regularmente e até com certo prazer, durante essa epoca, pois, a par dos diversos estabelecimentos onde se encontram todos os generos de primeira necessidade, possue, ha já alguns annos, um bem montado hotel, café e bilhares, e tem passatempos admiraveis e hygienicos, taes como a caça nas mattas que lhe ficam proximas e a pesca na lindissima ria do Carregal, que fica apenas a dois kilometros da praia e que é um dos braços da celebre ria d'Aveiro.

O Furadouro tem duas capellas — a do Senhor da Piedade e a da Senhora do Livramento, ou das Areias. A primeira, muito pequena e já restaurada, foi construida em 1776, apezar de existir já como oratorio de madeira desde outubro de 1759, e a segunda, de recente construcção, é espaçosa, embora de traça simples e modesta.

Muito teriamos que dizer sobre estas e outras particularidades que se prendem com a historia d'Ovar, mas reservar-nos-

hemos para logar mais apropriado e occasião mais opportuna.

Não deixaremos, comtudo, de fallar aqui nas companhas de pesca — o principal ramo de commercio da gente da beira-mar, que hoje tão desenvolvido se encontra por todo o paiz

Actualmente trabalham na costa do Furadouro quatro companhas — a de S. Pedro ou do *Guincho*, a de S. Luiz ou a *Camona*, a da Senhora do Soccorro ou do *Massaroca*, e a «Boa Esperança», empreza que gira sob a firma de Pinto Palavra & C.ª L.ª

OVAR—PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO PARTO NO REGRESSO Á SUA CAPELLA NO LARGO DOS CAMPOS

Das tres primeiras companhas são respectivamente senhorios os srs. João Pacheco Polonia, Francisco Ferreira Coelho e Joaquim Valente d'Almeida, e da empreza de pesca "Boa Esperança" é gerente o sñr. Francisco de Mattos, bemquisto commerciante da Praça de Ovar.

D'aquellas sociedades de pesca, que no fim de cada *safra* podem apresentar, em media, uma receita não inferior a cincoenta contos de reis, a mais recentemente fundada foi a «Boa Esperança», pois que a sua organisação data de 16 de fevereiro do corrente anno. A montagem d'esta companha e o seu processo de trabalho são notaveis e dignos de minucioso exame por parte de todas as pessoas que se interessam pela arte da pesca.

Ao sul da praia e em terreno cedido pela fabrica de conservas *A Varina*, que tem a sua séde na villa d'Ovar, e cuja filial, para o fabrico da sardinha, alli se encontra muito bem montada, está

feita a installação da nova companha, que se compõe de grandes armazens de madeira, divididos em tres corpos solidamente construidos: um ao fundo para habitação do pessoal e dois aos lados, sendo d'estes um para abegoaria e outro para guarda de apparelhos, alem de outras dependencias de somenos importancia.

Para quem nunca viu a pesca *d'arrasto* em algumas das costas do norte de Portugal, torna-se um passatempo cheio de curiosidade o presenciar toda essa scena d'um pittoresco e d'um sabor local inexcediveis. Desde o lançar dos barcos ao mar até ao sahir das rêdes, succedem-se interessantissimas manobras que, apesar de rotineiras, são d'uma grande utilidade e precisão.

A praia, em dias de pesca abundante, é extraordinariamente movimentada e sobretudo no momento em que as rêdes chegam a terra. O espectaculo então é maravilhoso e sempre bello. O susurro monotono das vagas, o piar agudo e incessante das gaivotas que em enormes bandos se approximam da beira-mar e a vozeria ensurdecedora dos pescadores ao puxar as rêdes para fóra d'agua produzem uma musica extranha, que se ouve a muita distancia e cuja toada não deixa de ter uma certa harmonia que deliciosamente encanta os que a escutam. Logo que a sardinha sáe das rêdes e é comprada por varios *mercanteis*, são as vareiras encarregadas da sua conducção para os palheiros dos compradores, depois de a escorcharem com uma rapidez assombrosa.

E' então que a vareira se mostra tal qual é: — forte, desenvolta, agil e corajosa, trabalhando sem descanço, correndo sobre a areia como ligeira arveloa, mettendo-se pela agua do mar até á cintura para lavar os *rapicheis* da sardinha, cantando sempre, rindo sempre e aspirando a plenos pulmões o ar forte e sadio da beira-mar. Na praia do Furadouro tudo isto se vê, todas estas bellezas se gozam e pena é que ella tão desconhecida seja ainda n'este nosso paiz, quando é certo que outras praias muito inferiores e sem bellezas naturaes teem alcançado e continuam alcançando as boas graças dos forasteiros.

Ovar, Junho, 1906.

A. Dias Simões.

NOVA CAPELLA NA PRAIA DO FURADOURO

Clichés de Ricardo Ribeiro

O lavrador e o onzeneiro

Tinha cahido nas unhas de um onzeneiro um desgraçado lavrador. Por boas ou más que fossem as colheitas, o lavrador ficava sempre na mesma pobreza, ao passo que o onzeneiro enriquecia. Por fim, quando já não tinha um ceitil de seu, o lavrador foi ter com o onzeneiro, e disse-lhe assim:

— Por mais que se exprema uma pedra, não ha meio de lhe arrancar pinga de agua. Assim estou eu. E visto que de mim não podes tirar cousa que valha, vê se me ensinas o segredo de enriquecer.

— Amigo — redarguiu o onzeneiro com ar de piedade — a riqueza vem de Ram. Pede-lh'a a elle.

— Obrigado. É o que vou fazer — replicou o ingenuo lavrador.

E vae, arranjou tres bolos que lhe chegassem para a jornada, e poz-se a caminho em cata de Ram.

A primeira pessoa que encontrou foi um brahmane, a quem deu um dos bolos, pedindo que lhe ensinasse o caminho para ir ter com Ram; mas o brahmane guardou o bolo e seguiu por alli fóra sem dar palavra. D'ahi a pouco o lavrador encontrou um jogue muito devoto, a quem deu outro bolo, sem receber em troca o mais leve auxilio. Por fim, topou com um pobre homem que estava assentado á sombra de uma arvore, e, como visse que elle tinha fome, o caridoso lavrador deu-lhe o ultimo bolo, sentou-se ao lado d'elle a descançar e travaram ambos conversação.

— Aonde vaes tu? — perguntou o pobre.

— Ora! tenho que andar! Vou em procura de Ram — respondeu o lavrador — Com certeza que não poderás dizer-me se vou por bom caminho.

— Talvez que possa — disse o pobre, sorrindo — Ram sou eu. Que queres tu de mim?

Então o lavrador contou a historia toda. Ram compadeceu-se d'elle, fez-lhe presente de um buzio, e ensinou-o a tocar n'elle de uma certa maneira, accrescentando:

— Lembra-te bem! Quando desejares seja o que for, basta que assopres d'esta maneira no buzio, e será satisfeito o teu desejo. Mas vê lá! acautela-te com o onzeneiro, porque nem os feitiços estão á prova das suas manhas!

Voltou o lavrador muito contente para a sua aldeia. O espertalhão do onzeneiro logo ficou com a pedra no sapato, e disse lá comsigo:

— Alguma cousa boa aconteceu a este pateta, para elle estar assim de cabeça no ar.

E vae d'ahi, foi logo a casa do lavrador, a dar-lhe parabens pela sua fortuna, com palavras tão astuciosas, como de quem estava informado de tudo, que d'alli a nada estava o lavrador a contar-lhe o succedido — tudo, afora o segredo de assoprar no buzio, porque, com toda a sua parvoice, não foi tão tolo que chegasse a ensinar-lh'o.

Mas o onzeneiro fez logo protesto de apanhar o buzio, a mal ou a bem, e, como era um maroto que não se prendia com bagatelas, esperou por ensejo propicio, e furtou o buzio.

ASSOPROU. TORNOU A ASSOPRAR E NADA

Assoprou, tornou a assoprar, quasi que deitou os bofes pela bocca fora, e nada. Palpitou-lhe que aquillo era pantomimice do lavrador. Mas como estava resolvido a conseguir o que desejava, foi outra vez ter com o lavrador, e disse-lhe com todo o desplante:

— Olha lá! quem furtou o buzio fui eu. É certo que não me serve de nada. Mas como tu não o tens em teu poder, claro é que de nada tambem te serve. Por conseguinte, nada adeantaremos, a não ser fazendo um contracto. Prometto restituir te o buzio e deixar que te sirvas d'elle á tua vontade, mas com uma condição, que é esta: quanto ganhares com elle, ganho eu o dobro.

— Recuso! — exclamou o lavrador— Assim voltavamos ao que era d'antes.

— Qual historia! — replicou o astucioso onzeneiro—Tu sempre ficas com a tua parte. Não sejas como cão de fila, que nem come nem deixa comer. Em tu tendo o que precisas, que te importa a ti que eu seja rico ou seja pobre?

Finalmente, por mais que lhe custasse fazer o mais leve beneficio a um usurario, o lavrador não teve remedio senão ceder, e d'ahi por deante, qualquer cousa que elle ganhasse pelo poder do buzio, ganhava o onzeneiro o dobro. E tanto e tanto se ralava com isto o lavrador que não havia nada que lhe desse alegria.

Até que n'um certo anno veiu uma secca terrivel; secca foi ella que as searas do lavrador queimaram-se todas á mingua de chuva. Então elle assoprou no buzio, e pediu um poço para as regar. Dito e feito. Appareceu o poço, mas ao maldito onzeneiro surdiram logo dois, dois bellos poços novinhos e cheiinhos de agua. Era de mais! O lavrador já não podia supportar aquella situação; tanto parafusou, tanto parafusou, que afinal occorreu-lhe uma ideia excellente. Agarrou no buzio, assoprou com toda a força e bradou: — Ram, desejo ficar cego de um olho.

N'um abrir e fechar de olhos, viu-se com effeito o lavrador sem um d'elles, mas ao mesmo tempo o onzeneiro ficou cego dos dois. E quando procurava encaminhar-se por entre os dois poços, cahiu n'um d'elles, e afogou-se.

Mostra esta verdadeira historia como um lavrador conseguiu uma vez levar a melhor de um usurario, mas para isso teve de perder um olho.

Grandes topicos

Dreyfus rehabilitado

Após 12 annos de uma lucta feroz que chegou a interessar e mesmo a commover todo o mundo, fez se finalmente justiça! Alfred Deyfrus, a pobre victima do Estado Maior de 1894, encontra-se, emfim, rehabilitado e de novo incluido nas fileiras do exercito francez.

Como se previra, o Supremo Tribunal annulou a sentença que condemnara Dreyfus, reconhecendo o que todo o mundo reconhecera já — que ella fôra baseada em documentos falsos, e que o homem contra quem a haviam pronunciado era um innocente.

O ACORDO ANGLO-RUSSO

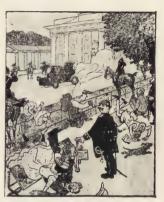
Graças ás intervenções externas, a baleia ingleza e o urso russo começam a dar-se á maravilha

Do «*Kladderadatsch*»

Ficou assim de vez e officialmente destruida a cabala architectada e mantida ha doze annos, recebendo ao mesmo tempo uma retumbante consagração a gloriosa campanha em que tantos altos espiritos se empenharam e á frente dos quaes a Historia inscreverá em letras d'oiro o nome de Zola! — o grande apostolo que a morte, metendo-se estupidamente de permeio, não permitiu que visse o fructo da sua obra colossal de justiça, que corre parelhas com o brilho da sua obra litteraria.

O MAJOR DREYFUS

Na Russia

Deu-se o que todo o mundo previra: a Duma foi dissolvida e immediatamente se revolucionou todo o imperio moscovita. Diz o dictado latino que Deus dementa os que quer perder. Com efeito, é preciso que os dirigentes da Russia tenham completamente perdido a noção das coisas para que o seu sobretudo imprudente procedimento encontre uma certa justificação.

LEALDADE MECHANICA

Apesar de todas as precauções policiaes, ainda ha gente em Berlim que se deixa ficar sentado nos bancos de Unter den Linden quando passa o automovel imperial. Poz-se por fim termo a esta attitude pouco respeitosa. De futuro, sempre que a imperial machina appareça no horisoute, o policia de serviço prime um botão, e logo surge a desejada expressão de lealdade ao monarcha, em consequencia do movimento automatico dos bancos. Vê-se que isto tem a vantagem excepcional de levantar os gestos festivos dos assistentes ao mais elevado acume de patriotismo.

O TIO EDUARDO, O POLYPO DA EUROPA
Do «*Kikireki*»

Todo o mundo o previra, dissémos nós e é a verdade, que uma vez dissolvida a Duma, o povo se revoltaria. Para a minoria intelectual e politica, aquella caricatura de parlamento representava pouco, mas representava alguma coisa: era uma concessão, ou antes, uma capitulação da autocracia; para o grosso do publico, ignaro e miseravel, absolutamente dominado pela religião, era uma dadiva de Deus que lhe fôra feita por intermedio do czar, mas que, por isso mesmo, este não podia depois tirar-lhe e sob pena de incorrer nas proprias iras divinas... e humanas. A questão estava, portanto, posta com a maior clareza e simplicidade para toda a gente, e toda a gente supôz que tambem o estaria para o czar e os seus aulicos. Parece, porem, que não era assim, visto o que acaba de se passar.

Entre a evolução, mais ou menos agitada pela legitima impaciencia dos expoliados durante seculos, e a revolução a ferro e fogo, o czar preferiu esta ultima em que arrisca o seu throno e a propria vida. Pois lá a tem. Não está, por ora, organisada de forma a poder levar de vencida, de um momento para outro, o regimen, porquanto os proprios revolucionarios não contavam

A SAUDE DO PAPA
Pio X — *Ou Castel Gandolfo... ou morrer.*
Merry del Val — *Antes morrer, Santissimo Padre, do que ir metter-se no meio dos lobos.*
Do «*Paschino*»

com este verdadeiro *coup de théâtre*. Mas lá chegará. Entretanto, é o vandalismo, a devastação cega e brutal, o morticinio, o saque, o incendio, o cháos. D'elle certamente farão os russos uma patria nova, como do outro fez Deus o mundo.

Os direitos da mulher

Acaba de constituir-se em França um grupo parlamentar para a defeza dos direitos da mulher, de que fazem parte algumas individualidades mais notaveis da politica franceza, como Chaumié, Viviani, Siegfried, Chéron, Cruppi, etc. O programma traçado consiste no de todas as questões relativas ás reivindicações femininas, sob o ponto de vista da educação, dos direitos politicos, da capacidade civil da mulher e da sua condição social.

O grupo tomará brevemente a iniciativa de dois projectos de lei, tendentes, o primeiro a impedir o rompimento dos contractos de trabalho durante os dois mezes que procedem o termo presumivel da gravidez e o que segue ao parto; e o segundo a abrogar o artigo 340 do Codigo Civil e a instituir a investigação da paternidade. Este movimento é de prevêr que se reproduza pelo mundo civilizado, abalado pelas reivindicações do feminismo.

A TRIPLICE ALLIANÇA
Enchendo mais uma vez os pneumaticos. Quanto tempo durará
Do «*Kladderadatsch*»

QUAL CAHIRA PRIMEIRO? A BOMBA OU O KNOUT?

Do *Neve "Gluhlichter"*

As reformas militares inglezas

Ha muito tempo qu a Inglaterra reconhece a necessidade de reorganisar o seu exercito, não tendo, todavia, ainda tomado a resolução de o fazer, em virtude de varias circunstancias de bastante monta, entre as quaes avulta a de o caracter e os costumes inglezes serem inconciliaveis com a organisação dos exercitos modernos. Parece, porém, que alguma coisa se vae fazer agora n'esse sentido, porquanto o actual ministro da guerra, sr. Haldane, annunciou ha dias que se propõe apresentar brevemente ao parlamento um largo projecto de reformas militares.

Segundo elle, o exercito soffre uma reducção de 20.000 homens, o que, todavia, segundo o Conselho superior de guerra inglez, permittirá ao governo britannico mobilisar, em caso de guerra, forças mais numerosas do que antigamente. Ficará assim constituido um corpo expedicionario de 150.000 homens, comprehendendo 50.000 nas fileiras, 70.000 reservistas e 30.000 das milicias.

O resultado d'esta reforma será elevar de 50 por cento a força de combate da artilharia de campanha, realisando-se ao mesmo tempo uma economia de 15 milhões de francos. Quanto aos voluntarios passarão a servir nas fortalezas navaes, formando uma segunda reserva. A cavalaria é que fica tal qual está.

UMA PARTIDA ALEGRE

O KAISER — *Então nunca mais querem jogar comigo*

De *"La Silhouette"*

O CZAR E O REI DA BELGICA COMPARAM AS ARMAS COM QUE TENTAM IMPÔR AO POVO AS SUAS RESPECTIVAS VONTADES.

Do *De "Weekland voor Nederland"*

Communismo em acção

Na livre Inglaterra acabam de realisar-se duas interessantes experiencias de communismo pratico. A primeira foi em Manchester, onde um pequeno grupo de operarios sem trabalho se apoderou de uma parcella de terreno pertencente á abbadia, passando a cultival-o por conta propria.

Encorajados com este exemplo, os sem-trabalho de Londres resolveram seguil-o. Um bello dia, quatorze d'esses infelizes, empunhando instrumentos do trabalho agricola, appareceram junto de um terreno que a municipalidade de West Ham possue cerca de Plaistow e, destruindo a respectiva vedação, penetraram n'elle e lançaram-se a cultival-o, depois de construirem algumas tendas para se abrigarem durante a noite.

O mais curioso do caso é que o grupo é dirigido por um proprio conselheiro municipal, Mac Cunning, que fez a um jornalista as seguintes declarações:

«Fui eu quem organisou esta expedição e tomo d'isso toda a responsabilidade. Pediu-se ao Conselho municipal que desse o terreno aos sem-trabalho. Como recusasse, resolvemos apoderar nos d'elle. E cá estamos,

Esperamos que muitos outros camaradas venham juntar-se a nós, de maneira que, dentro em pouco veremos uns 200. Alem d'isso, tencionamos apoderar-nos de um outro terreno, que custou ao Conselho municipal 2.500 libras, visto que na Sociedade de soccorros de West-Ham estão inscriptos 4.000 operarios sem trabalho e é preciso soccorrel-os. Entretanto, até que possamos colher o fructo do nosso trabalho, iremos vivendo da caridade publica.»

UM PRATO MAGNIFICO

Em se abrindo a lata...

Do *"Morning Leader"*

Vida na sciencia e na industria

Machina varredora

INVENTOU-SE uma nova machina de varrer as ruas e de juntar as poeiras, a qual póde revolucionar os serviços de limpeza urbana. A machina contém um cylindro com grandes vassouras ou escovas. Quando trabalha, recolhe do solo toda a immundicie e todo o pó: as immundicies são depositadas n'um receptaculo especial, e as poeiras entram n'um tanque de agua. A immundicie recolhida póde remover-se em sacos, o que evita a accumulação de montes de lixo pelas ruas.

NOVA MACHINA VARREDORA

Nova ponte de transporte

FOI construida ha pouco em Newport uma nova ponte de transporte, a segunda d'esta especie feita em Inglaterra. Consiste em torres de aço, de cerca de 84 metros de altura, de cada lado do rio, separadas entre si pela distancia de 195 metros. Atravez d'este espaço a uma altura de 56 metros acima do nivel da preamar, ha uma trave segura por fortes cabos, no qual existe um trolley actuada por motores electricos. Suspenso d'este trolley, por correntes de aço, ha um carro de 13 metros de comprido por 10 de largo, que serve para transporte de carga. Comprehendem-se facilmente as vantagens d'este systema, que aliás já está em pratica em alguns pontos da França e de outros paizes.

PONTE DE TRANSPORTE EM NEWPORT

O olfacto dos caracoes

O caracol commum apresenta um exemplo interessante da maneira curiosa por que se exerce o sentido do olfacto em alguns animaes inferiores. Nos animaes superiores, tem este sentido centro proprio e especial, mas, no que respeita ao caracol, por exemplo, este sentido distribue-se por todo o corpo. O grau mais alto que esse sentido attinge é nos tentaculos, nos labios e nas bordas dos pés. Na nossa gravura da direita, vê-se o caracol deflectindo um tentaculo quando se lhe colloca proximo um tubo de vidro mergulhado em camomilla (a macella commum). Na gravura da esquerda, o corpo retrae-se todo quando o tubo se lhe approxima, mostrando assim que o sentido do olfacto se extende por toda a superficie.

EFFEITOS DO CHEIRO DA MACELLA SOBRE UM CARACOL

Um barometro economico

SIMPLESMENTE uma chavena de café, onde se deite um torrão de assucar, sem se mecher. Surdem logo do assucar umas bolhas de ar que são excellentes indicadores meteorologicos.

Se acaso se ajuntam no meio da chavena, pode-se contar com um bello dia. Mas se, ao contrario, adherirem ás paredes da chavena, formando uma especie de annel com um espaço claro no centro, preparem-se com o guarda-chuva, porque está imminente uma aguada. Se as bolhas se espalharem irregularmente pela superficie do café, indicam tempo variavel.

Vida na arte

MANUEL GARCIA

Um illustre centenario

Finou-se em Londres, a 1 de julho, um velhinho celebre, Manuel Garcia, irmão de duas famosas cantoras do seculo passado, a Malibran e a Viardot. Não era, porém, apenas este parentesco que o notabilisava; Manuel Garcia era um abalisado professor de canto e inventara um instrumento de grande utilidade, o laryngoscopio. Nascido em Madrid, em 1805, fixara em 1850 a sua residencia em Londres, onde era muito considerado. Ha cerca de dezeseis mezes fôra celebrado o seu centenario por um grande numero de artistas e homens de sciencia. Deixa varias obras importantes sobre a producção e a emissão da voz humana.

Uma pianista brilhante

Cremos que é brazileira a senhora D. Fanny Guimarães, que ultimamente despertou geraes attenções no meio londrino. De um jornal inglez extrahimos a seguinte lisongeira apreciação:

«A longa e até certo ponto enfadonha *season* — pode-se exclamar com o velho e espirituoso Terencio *Cantilenam eandem canis* — não trouxe á evidencia muitos pianistas. Notabilisou-se comtudo uma recem-chegada, Miss Fanny Guimarães, a qual manifestou não só sciencia musical de primeira ordem, mas um estylo cheio de vivacidade, apenas contida pela finura do sentimento artistico.»

Folgamos como portuguezes por este merecido triumpho. As glorias do Brazil alegram-nos como as nossas proprias.

O pintor Jules Breton

Insigne paysagista e poeta distincto era Jules Breton, ultimamente fallecido em Paris, com perto de 80 annos de edade. O seu talento como pintor começou a manifestar-se em 1853, pelo quadro *Volta dos ceifeiros*. Seguiram-se outros, *As respigadoras, Camponezas consultando espigas, A benção dos trigos*, e outros que sobre elle chamaram a attenção, até que na Exposição de 1859 foi classificado entre os mestres, pelos quadros *Plantação de um calvario, Volta das respigadoras, Segunda feira* e a *Costureira*, que se distinguiram entre os mais notaveis do salon. Desde então, produziu sempre scenas rusticas de estylo attrahente. Era membro da Academia de Bellas Artes desde 1886. Como poeta publicou *Os campos e o mar, Joanna*, e dois volumes em prosa: *A vida de um artista* e *Um Pintor camponez*. O eminente artista nascera em Courrières, recentemente illustrada pela mais tremenda entre as catastrophes de minas.

A PIANISTA FANNY GUIMARÃES

O PINTOR JULES BRETON

O Pantheon Nacional

Reina um certo alvoroço no nosso indolente meio artistico por causa do Pantheon Nacional, ao qual pretende adaptar-se o monumento dos Jeronymos. Varios alvitres apresentam architectos como o sr. Adães Bermudes, criticos de arte como o sr. Abel Botelho, funccionarios e politicos como o sr. Costa Pinto. O desejo geral parece ser salvaguardar de vandalismo o historico monumento, á conta da immortalisação do genio. Por nós, confessamos ser em these absolutamente contrarios ao aproveitamento d'aquelle edificio para similhantes fins, e porventura pouco inclinados á existencia de um Pantheon exclusivo para glorificação posthuma.

A vida nos campos

AGOSTO

No campo

TERMINADA a faina da colheita e apuramento dos cereaes, cuida o lavrador da collocação dos que pode vender para occorrer á despeza do seu grangeio, arrecadando aquillo que destina para alimentação sua, do seu pessoal e gado.

Um dos productos que os nossos costumes agricolas mandam guardar para consumo constante dos gados, para as suas camas, etc, é a palha que a pisa na debulha dos cereaes deixa trilhada e moida, n'um estado macio e acceitavel a todos os animaes de lavoura, e que as machinas modernas de debulhar teem hoje de produzir á custa de grande esforço e cuidados.

Acceite como boa esta utilidade da palha, emquanto os fenos cultivados e *ensilados* a não vierem substituir, fica o lavrador a braços com a fórma de a arrecadar, o que nem sempre é facil.

Os palheiros no campo é a fórma mais pratica e mais usada, comquanto nem sempre seja a mais perfeita para a conservação do producto. A arrecadação em recinto fechado é a mais perfeita, comquanto nem sempre seja economico, devido ao grande espaço que é necessario.

Foi devido a estas considerações que a industria criou as enfardadeiras, que comprimem com mais ou menos pressão as palhas e fenos em fardos atados com arames, tornando mais economica e segura a arrecadação, bem como facil o transporte de palhas, que em muitas regiões pouco valor commercial teem, devido á difficuldade do transporte.

A enfardadeira compõe-se de um deposito onde é lançada a palha que é comprimida por qualquer processo braçal, a gado ou vapor, e assim ligada com os arames que a conservam a compressão.

A nossa gravura representa a machina movida a gado.

Nos primeiros modelos o gado descrevia apenas metade de um circulo, para se obter o movimento de vae-vem no pistão compressor; isso porém era difficil e hoje emprega-se geralmente a volta completa.

A palha entra na tremonha e cae na entrada da camara de compressão, onde o pistão accionado pelo gado dá dois cursos em cada volta d'este, comprimindo-a pela camara fóra até á sahida, que é tanto mais fechada quanto maior se quizer que seja a densidade e peso do fardo.

É durante o trajecto da palha pela camara, dividida pelos taipaes de madeira que com ella entram pela tremonha, com intervallos regulares, que os arames são mettidos no seu logar, para ligar os fardos.

Nos modelos o processo é o mesmo, apenas com maior despacho, e com um caldador mechanico que evita a necessidade do homem compôr a palha no fundo da camara, o que é perigoso pela velocidade e força do pistão.

Nos modelos manuaes não ha pistão, é o fundo da caixa que sóbe, ou o tampo que desce, conforme os fabricantes.

ENFARDADEIRA MOVIDA A GADO

A escolha do modelo depende da quantidade do trabalho a executar

Na vinha

ACHA-SE n'este mez já formado o cacho nas vinhas e enramada por completo a cepa; não é facil fazer tratamento algum á terra não sendo isso agora extremamente necessario.

O vinhateiro vigia o desenvolvimento das uvas e emprega ainda a calda bordeleza em borrifo se corre humido o tempo, e se não, emprega ainda o enxofre ou o enxofre cuprico, como já se disse.

Se a maturação do bago se conserva tardia ou irregular acelera-se ou eguala-se, descobrindo os cachos mais atrasados, por meio do corte de folhas ou parras que lhe impedem a sua exposição aos raios solares.

Este processo, que se chama *esfolha*, é comtudo muito melindroso e por isso pouco aconselhado. A folha exerce, como é sabido, o papel de pulmão da planta, ou apparelho respiratorio muito necessario, especialmente durante a phase de maior actividade da sua vida; é por conseguinte muito prejudicial se, para attendermos á maturação do fructo, despojarmos exaggeradamente a videira de orgãos tão necessarios á sua vida.

Na horta

OS trabalhos mais necessarios nas hortas durante esta quadra são, sem duvida, as regas, que se devem repetir de manhã e á tarde, para a cultura das plantas que d'estas mais necessitam.

É tambem proprio d'este tempo a colheita das batatas, que se póde conhecer estarem promptas a ser retiradas da terra pelo acabamento da vegetação da planta, ou secca da rama.

O meio mais vulgar de fazer esta colheita é revolver a terra á enxada, retirando os tuberculos, enterrando a rama e dando assim um amanho muito util á terra.

Nos paizes em que a cultura da batata está muito aperfeiçoada, emprega-se n'esta cultura muitos apparelhos para se obter perfeição e economia em todas as operações que lhe são indispensaveis, como plantação, sacha, irrigação, colheita, lavagem, classificação, etc.

Entre nós, infelizmente, tudo parece desnecessario.

No jardim

HA n'este mez pouco a fazer nos jardins; abrigam-se as flores da ardencia do sol e regam-se um pouco mais frequentemente.

O pó é grande inimigo das plantas. Além da apparencia feia que lhes dá, impede a respiração da planta, o que prejudica fundamente a sua existencia. As regas com regador de ralo teem a vantagem não só de refrescar a planta e a terra em que ella vive, mas tambem de assentar o pó, evitando que o vento o levante e o faça depositar sobre ella.

É conveniente não molhar as flores, que assim perdem facilmente o seu aroma e brilho.

Semêa-se n'este mez as cinerarias, goivos, cravos, verbenas, campanulas, resedás etc.

Passado o meado do mez, pode fazer-se a plantação de estacas de qualquer planta que possa florescer mais tarde, como secias, crysanthemos, etc.

Transfere-se para vasos as que seja conveniente abrigar durante o rigor do inverno em sitio especial.

Escolhe-se para isso um vaso de tamanho relativo ao tamanho ou desenvolvimento da planta; na abertura ou furo do fundo colloca-se uma pequena pedra para impedir que a terra molhada tape essa saida, e enche-se o vaso com uma mistura da melhor terra do jardim com terriço. Ao meio d'essa terra abre-se uma cavidade, que, segundo a planta a que se destina, poderá ir até a meia altura do vaso, e ahi se calca a planta com as suas raizes, em volta das quaes se vae deitando a terra, calcando-a levemente até acima, devendo mesmo ficar amontoada em volta da haste. Rega-se amiudadamente ao principio, sem exaggerar a quantidade de agua de cada vez, e deixa-se estar nas mesmas condições em que a planta estava, até que ella adquira a sua vida normal na nova installação, depois do que pode ser transferida para qualquer outro ponto.

Nos jardins deve continuar-se as sachas para facilitar a penetração do sol, do ar e da agua ao interior da terra e assim manter-se melhor a vida das diversas plantas durante os rigores do verão.

MARTYRIO

Episodio da morte de Jeanne d'Arc. — Quadro exposto no ultimo salon da Royal Academy, de Londres

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões,** com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 »	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 «

Semestre 60 % } **Ao preço do anno**
Trimestre 40 % }

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de **Pequenos annuncios,** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

SERÕES

N.º 15 — Setembro — 1906

Summario

Correspondencia dos SERÕES

OS «SERÕES» E A LITTERATURA BRAZILEIRA

Congratulamo-nos com o exito crescente obtido pelos *Serões* entre os nossos irmãos de raça e de lingua, alem do Atlantico. Não se pronuncia apenas esse exito excepcional pela affluencia de leitores; mais brilhantemente ainda se manifesta pela bella collaboração que nos é a miudo concedida e offerecida. Teem até hoje apreciado os nossos leitores algumas das producções, em prosa e verso, com que nos teem honrado distinctos escriptores brazileiros. E' uma agradavel noticia a que podemos dar-lhe: essa preciosa collaboração continua e acresce constantemente, e só nos peza que o espaço de que dispomos nos não permitta dar-lhe immediatamente o cabimento que merece. Entre os artigos que proximamente inseriremos, permitta-se-nos citar um brilhante estudo que propositadamente para os *Serões* se dignou escrever o eminente publicista e orador Lauro Sodré, cuja individualidade realça entre as mais celebres da politica brazileira; e uma interessante monographia sobre o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, como primeira de uma serie que a nossa revista consagrará á imprensa do Brazil, começando naturalmente pela conceituada folha que tem, entre outras, a honra de ser a mais antiga d'aquelle generoso paiz.

Outros artigos e poesias obterão egualmente em breve logar nos *Serões*, tornando a nossa revista, como é ambição nossa, um poderoso vinculo de confraternidade litteraria e artistica entre as duas nações de lingua portugueza, apartadas pelo Atlantico.

OS SERÕES DAS SENHORAS

Debuxos de lavores femininos

Recebemos a miudo pedido de debuxos, em ponto grande, dos lavores femininos que na respectiva secção apresentamos. Temos em geral satisfeito esses pedidos, pelo empenho de servir as nossas estimaveis correspondentes, embora não nos tenhamos até hoje responsabilisado por essa remessa.

De ora avante, comtudo, fieis ao proposito de melhorar e ampliar os serviços da nossa revista, em tudo quanto represente uma vantagem para as pessoas a quem devemos o credito e a prosperidade, resolvemos regularisar o serviço de remessas de debuxos, abrangendo não só aquelles que correspondem aos lavores de que particularmente tratamos n'esta secção, mas tambem os *debuxos destinados a qualquer* trabalho que as nossas leitoras queiram executar, deixando ao seu arbitrio indicar a decoração que desejam, segundo o objecto do trabalho, as suas dimensões, a sua forma, etc.

Para obter uns e outros, basta remetter á *Redacção dos «Serões das Senhoras»*, em postal ou carta fechada, todas as indicações indispensaveis. Em resposta mandaremos a nota do preço por que pode executar-se o debuxo. E, enviada que seja a respectiva importancia a esta redacção, remetteremos no mais breve prazo o debuxo sollicitado.

Isto, é claro, diz respeito ás pessoas residentes fora de Lisboa. As que residam na capital poderão, querendo, deixar pessoalmente os seus pedidos na redacção dos *Serões*, onde lhe será indicado o prazo para a recepção dos debuxos.

Pinturas em seda e setim

A redacção dos *Serões das Senhoras* encarrega-se egualmente de mandar executar por preços convencionaes, quaesquer pinturas em seda e setim, bastando que as nossas amaveis leitoras enviem a indicação da côr da seda, objecto e dimensões do trabalho, assumpto da composição decorativa, caso não queiram remetter desde logo a seda ou o setim, sobre os quaes deve executar-se a pintura.

Para quaesquer outros lavores femininos, estamos ao dispôr das nossas estimaveis leitoras, procurando quanto possivel executar as suas ordens, na medida das nossas possibilidades.

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de paizagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso, a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço da photographia : ....

....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.ª, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coracão de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a appariçao do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar, a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar, nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho, escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Poock
POOCK
CASA CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Revue d'Italie — 3.º Anno — Agosto —Vol. VIII— Summario — La Triple Alliance maritime et coloniale — Les correspondants du peintre Fabre — La peine de mort — Le Roi du Cambodge à Paris — La nouvelle sainte alliance—Le faux charlatan— Chronique des Lettres et des Arts—Coins de Rome —Notes économiques—Bibliographie—La Finance et la Bourse.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa—Janeiro 1906—n.º 13—3.ª serie—Summario—A nossa associação—Inquilinato da Industria. Cobrança de pequenas dividas—Navegação—Especialidades pharmaceuticas—Pautas ultramarinas—Serviços postaes—A catastrophe do «Aquidaban»—Bolsa de Lisboa—Fabrica da Pampulha—Almanack Palhares—Movimento de socios em Janeiro—Balancete em 31 de Dezembro de 1905. Fevereiro 1906—n º 14—3.ª serie—Summario—Manoel Augusto da Silva—Assembleia geral em 21 de fevereiro de 1906—Aos nossos socios—Questão pautal—Crise vinicola—Balancete em 31 de Janeiro de 1906.

Os Annaes—Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria—Rio de Janeiro 19 Julho 1906— Anno III—n.º 90.

A Vinha Portugueza—*Revista Mensal de Viticultura e de Agricultura Geral*—Anno XXI—Agosto— n.º 8—*Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz*—Summario—Chronica e Noticia, por F. d'Almeida e Brito—Fabrico de vinho, por Antonio Batalha Reis—O Douro e El-Rei, pelo Visconde de Villarinho S. Romão—Chronica do Norte, por Palma de Vilhena—O Douro, por F. d'Almeida e Brito—Noticias officiaes—Os escolhedores de sementes (resposta a uma consulta). A. Fossis—Vinificação, R.—Consultas—38. manteiga com leite não desnatado—Trabalhos do mez de Setembro.

O Trafico d'Exportação—N.º 1—Julho—Agosto —1906—Vol. XI.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza—N.º 5—Maio de 1906 —Vol. VIII—Summario—Vinhos naturaes e vinhos falsificados, por A. J. Ferreira da Silva—O Mildio em 1906, por João Marques de Carvalho—Esguida da Vinha, por A. Lefort—Commercio de Importação e Exportação de Palmeiras na Belgica. TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO — *Assembleias geraes:* Sessão de 17 de Maio, Sessão de 25 de Maio. *Correspondencia:* Officios acerca da questão das carnes —Movimento Agricola, por J. V. Gonçalves de Souza—Noticias e Informações

A Construcção Moderna—Revista illustrada— Anno VII—n.º 4—20 Agosto—Summario—A Muralha do Carmo—Novas installações para o seu aproveitamento util e seu embellezamento—Projecto do architecto V. Alvaro Machado—Legislação da construcção—Fundação Rothschild—Cooperativa Predial Portugueza—Fossos inodoros Mouras—Os gazes industriaes—Expediente—Filtrações d'agua —As fossas Mouras.

Os Annaes—N.º 92—Anno III—?-Agosto 1906.

Portugal Agricola—Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias—N.º 16—15 de Agosto 1906—Summario—Estrumeiras e estrumes, Ricardo Jardim— A fixação do azoto atmospherico e os adubos azotados, F. Rapozo de S. d'Alte—Cultura horticola nos arredores de Lisboa e commercio dos productos de hortas na capital, Pedro Caldeira Castel-Branco e F. Raposo de S. d'Alte—Noções de apicultura: III, O enxame, Pedro de Castro Pinto Bravo—Conservação e valor alimentar do azeite, Diogo Folque Possolo—*Revista das Revistas*, J. V. Gonçalves de Sousa—*Informações & Noticias:* Venda de penisco—O organismo vegetal e os adubos homœpathicos—*Secção official:* Varios decretos, portarias, avisos, etc.

The Teikokugaho and illustrated monthly Magazine—The Ruzanbo Publishing Co.—Tokio Japan.

Opallium—*Revista mensal*—Anno I—Julho 1906— N.º 2—Pernambuco—Summario—General Travassôs, Redacção—Chronica, por George-Campos— Joaquim Nabuco, por Leonino Correia—Paganismo, por M. Magalhães—Aspectos, por Theotonio Freire —Dous de Julho, por J. B. Rigueira Costa—Angelus, por Aurino Baptista—Via Mortis, por F. Solano —No album de Arthur Moniz, por Trojano Chacon—Euline, por Sebastião Vianna—O Genio e o seu estudo, por Domingos Vieira—Campo Abandonado, por Augusto Galvão—Uriel de Hollanda, por Renato Phaelante—A Satan, por João Fioravanti —A França, por Gilberto Amado—Reverso, por Araujo Filho—Fragmentos de uma carta, por Samuel Lins—Odio, por Alberto Solano—Destroços, por Barreto Cardoso—O Egypto, por Silva Lobato —Notas

O Theatro—*Revista semanal*—Anno II—n.º II— 2.ª serie—Rio de Janeiro.

Echo Photographico—*Jornal Mensal de Sport photographico*—Anno I—Agosto 906—N.º 3—Esta Revista, por abundancia de original, foi obrigada a retirar duas secções que sahirão em numeros proximos: «Photographia colonial» e «Retoque de clichés» e inserirá entre outros interessantes: «Revelação Racional «breves ampliadores «Chromophotographia».

Livres—*Revista de litteratura e critica sem ambições nem egoismo*—Porto, agosto 1906—N.º 2.

Ultima Verba—André de Resende, Lucio? —Resposta e additamento a um artigo da Senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, inserto no vol. III do «Archivo Historico», por A. F. Barata.

Revista de Manica e Sofala—3.ª serie—N.º 30 —Agosto de 1906—Publicação mensal illustrada— Summario—Capitão de fragata Nuno de Freitas Queriol—Conselheiro Antonio Eduardo Villaça— O territorio de Manica e Sofala em 1905 (continuação)—Um artigo notavel—Fortaleza de Sofala— Mozambique Macequece Limited—A região mineira de Manica e a sua producção d'ouro em 1905— Variedades—Como se estabeleceu em Africa a primeira Companhia de Moçambique (continuação)— Relatorio de uma viagem, por Abeillard Gomes da Silva (continuação)—Companhia do Assucar de Moçambique—Congresso de imprensa nacional— De toda a parte—Chronica, notas e informações— Carteira da Revista—As nossas gravuras—Livros e jornaes (aquelles que nos visitam).

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official—Anno II—Fasc. XI—Maio e Junho 1906—Summario—Esperando—Estratificação Ethnica do povo portuguez, por Marques Braga —O ensino da historia, por Augusto Cesar Pires de Lima—Representação do prof. Mendes de Araujo —Representação dos professores effectivos do Lyceu de Angra do Heroismo—Analyse bibliographica· Frei Gil de Santarem, por Marques Braga—Varia —Bibliographia.

A LEITURA

Quadro de A. Asti

VISTA GERAL

Uma digressão através d'este pittoresco bairro da Lisboa antiga

A Alfama! O que representa este nome para a cidade ridente que alastra pelas hortas, pelas quintas, pelos campos, assumindo uma area de muitos kilometros de raio, enchendo-se de uma população avultada, conquistando já hoje fóros de verdadeira capital, aformoseada e culta!

Assim o confessaram, illaqueados pelo conjunto de bellezas e commodidades da cidade do Tejo, centenares de extrangeiros illustres, que ha dias a visitaram, acudindo ao XV Congrèsso de Medicina, que n'ella brilhantemente se realizou.

A Alfama é uma reliquia da velha cidade, d'aquella Lisboa tão transformada hoje pelo terremoto como pelo camartello demolidor das vereações modernas.

Aquella parte oriental da cidade que se extende pelas encostas do monte da Alcaçova mourisca, hoje do Castello, pela do monte da Graça, e pelo valle que os divide, até á beira-rio, representa-nos a cidade velha, através dos seculos da sua historia, com todos os vestigios arabes, romanos, medievaes e da Renascença; é o testemunho vivo da estructura antiga d'aquella Lisboa, em tempos remotos cingida pela forte muralha com torres e postigos, berço de tantos heroes, ninho de navegadores e marcantes, cheia de uma população densa, apinhada em estreitas viellas, na casaria pequena, que se amontoava pelas encostas, em acumulação perigosa, de que se originaram por certo as espantosas pestes e as epidemias, que, dizimando aquelle formigueiro humano, deram origem a algumas das mais pittorescas e tradicionaes devoções, a que como unico remedio, sabiam abraçar-se os povos devotos e crentes doutras eras!

Dentro do forte castello que corôa uma das eminencias mais proximas do Tejo, e depois pelas faldas do monte adjacentes á muralha, abrigando-se com ella e com a defeza do castro, foi nascendo e crescendo a velha Ulyssipo.

Desses seus primordios são abundantes os vestigios na veneranda Alfama. A povoação cresceu. Irmã gemea da Alfama creou-se a Mouraria; conquistou-se o valle maior para occidente, com terreiros ou *ressios*, e com arruamentos, que a breve trecho se tornaram o centro mercantil da cidade, que assumia então

o papel de enorme basar europeu e oriental, onde todo o mundo vinha abastecer-se dos ininteressantes e valiosos productos das regiões acabadas de devassar por intemeratos nautas e conquistadores ousados.

Não bastando já o espaço, alastrou ainda a cidade pelos outeiros visinhos e alli surgiu um bairro, extramuros da nova cerca—o *bairro alto*, cortado de ruas mais amplas, semeado de vinhas, de olivedos, de flores e de pomares. É uma nova phase da cidade que começa no seculo XVI.

Depois o medonho terremoto subvertendo a parte central da cidade, deu motivo á grandiosa reedificação Pombalina, que persiste tambem, mostrando-nos outro typo bem differente da Lisboa do seculo XVIII. Finalmente um novo periodo de actividade reconstructora, iniciado pela vereação a que presidia Rosa Araujo, veiu transformar a capital, rasgando através da sua casaria e dos seus arruamentos mais ou menos tortuosos, as grandes avenidas, os parques, os jardins, tendentes não só a facilitar o transito e as ligações entre bairros extremos da já vastissima cidade, como tambem a sanear e a ventilar convenientemente os perigosos enxames de habitações urbanas.

ARCO DE JESUS

ERMIDA DA CARIDADE

É incontestavel que destes quatro typos bem nitidos e diversos, que a capital portugueza offerece ao estudioso e ao forasteiro, os quadros da vetusta Alfama e da Mouraria, teem, sem a menor duvida, os melhores pergaminhos, as mais antigas e curiosas tradições; ligam-se a elles os mais palpitantes trechos da historia municipal, os mais pittorescos vislumbres dos usos e costumes, da vida antiga lisboeta.

Para se apreciar porém a cidade velha, para podermos pôr na imaginação o seu quadro vivo e animado de outros tempos, com seus palacios, de que hoje nos restam ruinas, com suas ruas, beccos, viellas, alfurjas e quebra-costas, com seus arcos e postigos, recantos tenebrosos, vias sujas e escuras, com a população de pescadores, de judeus, de bufarinheiros, de artifices engenhosos, de fidalgos arrogantes, de religiosos e de clerezia, precisamos de um *cicerone* sapiente e illustrado, que a cada passo, em cada rua, em cada monumento, nos diga a significação veneravel dessas reliquias do pas-

sado. Assim como o viajante só pode visitar as ruinas romanas da Italia, com o seu Tacito e o seu Tito Livio nas mãos, para recompôr na idéa as grandiosidades da civilização dos Cesares, assim o forasteiro, o archeologo, o artista, quando queiram percorrer a Alfama, o bairro antigo da velha Lisboa, hão-de fazel-o com um guia inapreciavel, que felizmente possuimos. A cidade teve o seu enthusiastico, devotadissimo chronista, o sr. Julio de Castilho, lisboeta de nascimento e de coração, que durante muitos annos, em successivos estudos, ministrou na sua obra monumental — *A Lisboa antiga*, as mais interessantes e copiosas noticias sobre a nossa pittoresca cidade, sobre os seus monumentos, torres, muralhas, postigos, casas, ruas, palacios, sitios e memorias, bem como ácerca dos seus originaes costumes populares, tradições aristocraticas e religiosas, devoções, bulicio, vida anecdotica e familiar, tudo escripto em amaneirados capitulos que seduzem e encantam pela graça natural, simples, fluente; pela singeleza dramatica das narrativas, pela multiplicidade de episodios e de factos, pela observação fina e erudita, pelo amor apaixonado enfim, com o que illustre escriptor, herdeiro de um nome por tantos respeitos venerando, levantou á sua terra natal, o mais perduravel e glorioso monumento escripto.

CHAFARIZ D'EL-REI

A *Lisboa antiga*, nos seus sete volumes, edição da Casa Ferreira, estuda os bairros orientaes da cidade desde as origens primitivas travéss dos reinados primeiros dynastas. Numa outra serie de cinco volumes, desdobramento do volume primeiro da collecção antiga, descreveu-nos o auctor o *Bairro Alto*.

D'esta obra, como já em tempo o propoz o illustre director desta revista, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, deveria a municipalidade, a todo o custo, ter feito uma primorosa edição monumental, profusa e ricamente illuminada pela reproducção artistica de todos os edificios e logares memoraveis da velha Lisboa. Assim o fez a edilidade parisiense mandando publiçar em bellos volumes a obra não menos preciosa — *Paris municipal*, em que se incluem, alem da parte descriptiva, a parte historica e a documental. Para supprir esta ultima a Camara de Lisboa emprehendeu a publicação louvavel da coordenação dos mais interessantes documentos do seu archivo, feita pelo illustrado archivista sr. Eduardo Freire de Oliveira, sob o titulo de — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, obra que conta já quatorze volumes preciosos.

LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO

Soccorrendo-nos pois da *Lisboa antiga* e de outro manancioso repositorio de noticias, que lhe deveria andar ligado sob a mesma denominação e plano, e á qual o seu proficiente auctor sr. Visconde de Castilho deu o titulo de — *A Ribeira de*

Lisboa, vamos agora, sem por sombras intentarmos descrever a Alfama, o que levaria volumes, esboçar o itinerario de um dos muitos passeios que o estudioso e o artista podem emprehender, através d'aquelle vetusto bairro da capital.

«Eis-nos em frente da velha Alfama, a rumorosa, a historica, a marinheira Alfama! Eis-nos no coração da Lisboa antiga! Descobre-te leitor, e saúda essa avoenga

TRECHO DA MURALHA MOURA

avoenga illustre da nossa cidade de marmore!»

Assim abre o sr. Visconde de Castilho o capitulo d'*A Ribeira de Lisboa,* onde começa a descrever com minucias seductoras este bairro que Herculano definiu como — *o bairro da gente miuda, sobretudo de pescadores.*

Garrett, que era um artista e um apaixonado archeologo, mostrou-se seduzido pellos encantos d'aquelle verdadeiro bairro de maritimos, agglomerado enorme de familias pobres e miseraveis, occupando-se na sua maioria da vida do mar, gente buliçosa, trabalhadora, piedosa e patriotica.

Subamos ás grimpas do monte, onde a alcaçova mourisca, velho castello roqueiro, depois convertido em paço dos reis, dominava alterosa a ridente paizagem dos campos, banhada pelo soberbo estuario do Tejo.

Desçamos da porta do Castello pela rua de S. Bartholomeu, a Santo Eloy e ás escadinhas de S. Chrispim.

É sitio este de venerandas e nobilissimas tradições. Alli era o hospital de S. Paulo fundado pelo bispo fr. Domingos Jardo, o famoso conselheiro d'el-rei D. Diniz e um dos principaes promotores da fundação da Universidade de Lisboa, em sitio não muito distante, sob o nome que ainda persiste numa rua da Alfama — a das *Escolas geraes.*

Alli houve depois o convento de Santo Eloy, e o paço real, onde assistiu a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a fundadora das Misericordias do reino.

AS TRAZEIRAS DO LIMOEIRO

Assim os primeiros reis habitaram na Alcaçova, depois desceram a S. Martinho, a Santo Eloy e a S. Bartholomeu, passaram a Xabregas e porfim ao sumptuoso paço da Ribeira, no ainda hoje denominado Terreiro do Paço.

Da residencia regia em Santo Eloy lá ficou a tradição ligada ao nome de uma rua, á rua *das Damas,* que já vem citada em documentos de 1552, e nos lembra os aposentos das damas da rainha. Em Belem

se conserva tradição identica no *Pateo das Damas*.

N'esta freguezia de S. Bartholomeu viu a luz do dia o celebre Pedro de Alcaçova Carneiro, que foi ministro do rei D. João III e educado por seu pai Antonio Carneiro, o famoso escrivão da puridade, confidente e predilecto conselheiro de D. Manuel.

TRAVESSA DE S. JOÃO DA PRAÇA

Outra memoria curiosa se prende a esta freguezia: — a de ser o poiso antigo, bem como a da Magdalena, das afamadas fiandeiras. Dizia o ditado — *a boa fiandeira de S. Bartholomeu a toma a velha, e a mais boa da Magdalena.* D'esta industria caseira, diz-nos o auctor do *Summario*, citado na *Lisboa antiga*, que nada menos de 815 fiandeiras existiam em Lisboa, no seculo XVI.

Desçamos as escadinhas de S. Chrispim, onde existia a ermida dedicada aos Santos do dia da entrada de D. Affonso Henriques na cidade. Veja-se que antiquissima memoria! Destruida a ermida, construiu-se em logar d'ella um predio, naquella serventia alcantilada, ribanceira medonha, que vem da antiga porta da Alfofa, ao longo da velha muralha moira e dos seus adarbes, cujos vestigios inda o pesquizador intelligente determina aqui e alem, como o fizeram o sr. Visconde de Castilho e

mais recentemente outro erudito e dedicado investigador o sr. Vieira da Silva no estudo intitulado — *A cerca moira de Lisboa*.

Descendo a empinada costa de S. Chrispim e a calçada do Correio-mór, chegamos a Santo Antonio da Sé, onde alem da casa do Santo e sua egreja, que actualmente alli encontramos, se nos desperta a memoria das antigas *Casas de Senado*, de um hospital de enfermos que em tempo de D. Manuel alli creou o venerando fr. Miguel Contreiras, (frade trinitario e confessor da rainha D. Leonor), e da Porta da Cidade, chamada da *Consolação* ou do *Ferro*, sob o arco da qual havia um oratorio ou capella.

LANÇO DA MURALHA MOURA NA RUA DA JUDIARIA

LARGO DE S. RAPHAEL

RUA DA JUDIARIA

Por alli passavam os condemnados á morte, em lugubre procissão, em que tomava parte importante a irmandade da Misericordia, toda de preto com as suas bandeiras, tangendo o moço do azul a campainha em badaladas plangentes.

O réo, agonizante, amparado pelo confessor, ao passar sob a porta ou arco da Consolação via no cimo o altar e o padre dizendo o sacrificio catholico da missa. Proseguindo o sinistro prestito ia á praça da Ribeira, junto ao Tejo, onde se erguiam

LARGO DE S. MIGUEL

pelo faustoso templo e vasto edificio com que D. Manuel dotou a nascente confraria da Misericordia de Lisboa.

Não falaremos da Sé Cathedral, essa construcção extraordinaria onde os estylos architectonicos se mixturam numa confusão adoravel, que enche de encantos e desesperos a alma do archeologo apaixonado. Nada diremos da velha egreja da Misericordia, de que só resta o formososissimo portal, ladeado de janellas rendilhadas, que hoje constitue a frontaria da egreja da Conceição Velha. São reliquias felizmente conhecidas da maioria das pessoas cultas; não se torna necessario chamar para ellas a attenção dos nossos leitores.

o pelourinho e o baraço, symbolos da justiça humana, no que ella tinha de mais cruel — a eliminação dos condemnados.

Pella encosta abaixo colleava a velha muralha até ao rio, a terminar na famosa torre da *Escrivaninha*, sitio depois occupado

RUA DE S. MIGUEL

PREDIO ANTIGO DA RUA DE S. MIGUEL N.[os] 81 A 85

Pela parte norte do edificio da Santa Confraria corria a rua de cima da Misericordia, hoje dos Bacalhoeiros, onde ainda se abrem varios arcos ou passagens sobre a linha da velha cerca moura. O primeiro é o *Arco escuro*, que ficava fronteiro á porta norte dos asylos e casas da Confraria. Estreito e sombrio, bem justifica o seu nome, e dá entrada ao beco e es-

BECO DA CARDOSA

da Sé, depara-se ao passeante a empinada escadaria do *Quebra-Costas*, que bem faz lembrar o pittoresco *Quebra-Costas* que em Coimbra, acompanha o formoso edificio da Sé Velha. Para esta escadaria estreita e escura, deitam as janellas esguias, ogivaes das capellas do claustro, entre as quaes uma havia, chamada a capella dos *Bispos*, ou da *Terra Solta*, onde se instituiu a Confraria da Misericordia. Para esta capella tinham os prelados sua tribuna, talvez com passagem para o Paço episcopal, que ficaria, pre-

BECO DAS CANAS E ENTRADA DO PATEO DAS CANAS

treita viela que segue em parallelismo á rua exterior. Mais adeante ha o Arco das portas do Mar e o Arco da Conceição, passagens abertas sob predios.

Na rua dos Bacalhoeiros depara-se-nos a celebre *Casa dos bicos* ou dos *Diamantes*, que pertenceu a Affonso de Albuquerque, filho do conquistador do Oriente, casa por elle edificada e cuja fachada principal abria, segundo parece, para a rua de Affonso de Albuquerque, onde ainda se vê o paredão de cantaria pintada a vermelho, e o resto de um columello da porta.

Mais acima ficam as chamadas *Cruzes da Sé*, a alterosa construcção ogival da velha egreja dos bispos de Lisboa, a pequenina ermida da Caridade Geral, e por detraz della um curioso beco, ladeirento e sombrio.

Volvendo para occidente pelas Cruzes

sume-se, sobre o Quebra-costas, como as moradas que el-rei D. Affonso Henriques doára á cathedral para residencia dos seus conegos, ficavam em uma viella proxima, ingreme e tortuosa, hoje desapparecida, chamada a *rua dos Conegos*, da qual como der-

radeiro vestigio persiste apenas um largosinho pequeno, que conserva a denominação de — *largo da rua dos Conegos.*

Passada a Casa dos bicos, na rua do Albuquerque, ha o predio chamado das *Varandas,* e uma passagem por debaixo de outro predio, denominada — Escadinhas do Marquez de Lavradio. Liga a linha marginal com um pequeno largo onde se vê o antigo palacio dos marquezes de Gouvêa, de magnifico portal (que tem o n.º 13) e janella brasonada, obra que no seu tempo foi objecto de grande admiração. O poeta Thomaz Pinto Brandão, dedicou-lhe uma decima que vem no *Pinto renascido*, e nella diz:

> **Como todo portugal**
> **o vosso portal foi ver,**
> **eu senhor meu, lá fui ter, etc.**

Junto ao Arco de Jesus, que fica logo adeante, existem ainda tambem os restos de outro antigo palacio, o dos Condes de Coculim, cujo brasão, as faixas dos Albuquerques, se mantem ornando o cunhal, como pode distinguir-se na nossa estampa Esta vetusta mansão fidalga mereceu ao sr. Julio de Castilho extensa noticia descriptiva na sua *Ribeira de Lisboa.*

Entremos o arco, passemos pelo beco dos Armazens do linho, que limita o palacio pelo norte, e antes de chegar ao Chafariz de El-rei, que foi na sua origem um dos mais antigos da cidade, achamos outro arco, antigamente chamado porta ou postigo do Chafariz d'El-rei, pelo qual se nos abre o accesso a um dos mais interessantes e pittorescos quadros da velha Alfama.

E' a travessa de S. João da Praça, que vai subindo desde o arco que lhe dá serventia, e antigamente se chamava porta ou postigo do chafariz d'el-rei. Os predios altos cobrem a rua em varios pontos, em passadiços com janellas, ornados de azulejos polychromos. As photographias, optimos clichés do sr. A. Barcia, como todos os que servem de thema a este artigo, dão-nos uma idéa da curiosa perspectiva d'esta viella da Alfama, cujo terminus superior, não menos pittoresco, se aprecia bem na nossa gravura. Ao entrar o arco quem attentar na parede, á direita, verá sobre a porta que pertence ao chafariz d'el-rei, esculpidos em pedra, dois formosos galeões ou caravellas.

Não refeito ainda o passeiante da impressão indelevel que deixa no espirito a viella medieval, de que as nossas estampas reproduzem tres aspectos, quando andados alguns passos, se acha na rua de S. João da Praça, ante uma porta que tem o n.º 18, e transpondo-a, atonito, vê um pateo, denominado vulgarmente do Condeixa, antiga propriedade do senhor de Murça, onde á direita se ergue alteroso paredão, que é uma das veneraveis reliquias da cerca moura da cidade, cuja directriz foi cuidadosamente estudada pelo sr. Vieira da Silva, no magnifico estudo que já citámos.

RUA DA RIGUEIRA

RUA DA RIGUEIRA

No alto da muralha vêem-se os cachorros de pedra salientes, ligados dois a dois por abobadilhas, restos certamente das antigas balestreiras ou ameias, de onde os guerreiros disparavam sobre o atacante os tiros de suas béstas. É a

mesma muralha, primitivamente reforçada de torres e quadrellas, de que restam fragmentos na rua da Judiaria, no largo de S. Raphael, na travessa do Chafariz d'El-rei, talvez por baixo dos alicerces do Limoeiro, no largo das Portas do Sol, ou no antigo arco de Santa Luzia, e tambem no pateo de D. Fradique.

Proseguindo o passeio pela rua e calçada de S. João da Praça, chega-se á encruzilhada de onde de subito o visitante avista na sua frente, em alpendorada perspectiva, as trazeiras da Cadeia do Limoeiro, paredões enormes crivados de janellas gradeadas, restos actuaes dos antigos paços *de apar de S. Martinho, da*

RUA CASTELLO PICÃO

Moeda ou *dos Infantes*, de remotissima construcção, firmados nos grandes jorramentos de cantaria, restos provaveis da muralha moura.

Esta vista panoramica, uma das mais alegres e vivas d'este artigo, foi tirada com grandes difficuldades de umas janellas do segundo andar do antigo predio do senhor de Murça, com entrada pelo alludido pateo, graças á amavel concessão das locatarias, já affeitas e de bom grado a similhantes importações de artistas amadores de bellezas archaicas da Alfama.

Logo, andados dois passos, no largo de S. Raphael erguem-se as altas paredes do adarve mourisco, denominado da *Alfama* ou de *S. Pedro,* hoje coroadas pelas bocolicas verduras de um pequeno quintal particular. A certa altura da muralha ha duas curiosas gotteiras, de esculptuura antiquissima, representando como que umas caras de mouros, largas, redondas e chatas, de singular desenho.

A esta torre, prende-se outra, que fica mais abaixo, junto ao Chafariz d'El-rei, por um lanço de muralha que desce ao longo da inegualavel rua da Judiaria. N'este lanço notam-se duas sacadas sobre cachorros ou misulas de cantaria, e superiormente a ellas uns restos de qualquer antigo palacio, com formosas janellas geminadas e ornamentadas, de bello marmore e gracioso desenho.

Eis-nos chagados pois ao coração da Alfama, a um sitio cujo nome e aspecto nos evoca um mundo de antigas tradições historicas! Era alli um dos bairros privativos, onde na edade media, se encurralava a colonia dos astuciosos, intelligentes e activissimos judeus, sempre perguidos pelos absurdos fanatismos catholicos.

Reclusos primeiro na sua Judiaria, no sitio da Pedreira (hoje do Carmo), num arruamento suburbano, extramuros da cidade, vieram depois para a Ribeira, onde tinham sua *esnoga grande,* e dalli uma parte da população judaica entrou para dentro da Alfama, diz o sr. Visconde de Castilho, a quem vamos sempre seguindo. Assim se formou a *judiaria* d'Alfama, nas viellas que vinham entestar com a praia, como esta, que vem do largo de S. Raphael, descendo pela encosta, até ao Terreiro do Trigo, antigo *Campo da lan,* onde desemboca pelo *Arco do Rosario.*

Dentro de um recinto, fechados com cadeias, viviam os judeus, como os mouros nas suas *mourarias,* fóra das leis e dos costumes, cobertos de oppróbrio nos trajos e distinctivos que lhes impunham para bem serem conheci dos. E apesar de tudo eram elles os astrologos, os medicos, os banqueiros, os mais ousados commerciantes, com influencia decidida pela sua intelligencia e astucia até na côrte dos soberanos. Espoliavam-os com as *sizas judengas,* e elles enriqueciam o paiz com a sua incansavel e bem dirigida actividade.

Estudos proficientes e numerosos temos de Antonio Ribeiro dos Santos, de Alexandre Herculano, dos srs. Mendes dos Remedios e dr. Sousa Viterbo; todos elles, esclareceram os estudiosos ácerca da colonia laboriosa e perse-

guida que enxameava, apartada da população christã por um estigma infamante, filho do fanatismo estulto na *judiaria*, de que nos resta a memoria triste, n'uma das mais pittorescas e interessantes viellas da velha Alfama! Tem ainda um sabor de vida oriental aquellas casas, e gente que por alli móra, pobre miseravel, na sua semi-nudez, de pés descalços, e o rapazio turbulento, gritador, vivendo na rua pelos

UMA PORTA MANUELINA NA RUA DOS REMEDIOS

degraus das portas. Identico é o aspecto das ruas e largos convisinhos — a rua de S. Mignel com uma curiosissima casa de edificação antiquissima e o beco da Cardosa, com sua casaria velha, alcantilada sobre as escadas e degraus, a egreja de S. Miguel d'Alfama o curioso beco das Canas e a rua da Rigueira, convergindo todo este dédalo de becos estreitissimos, de alfurjas, e travessas para o não menos pittoresco e historico sitio do Espirito Santo d'Alfama hoje rua dos Remedios, e egreja e largo de Santo Estevão.

Na nossa estampa de pag. representa-se a velha casa, onde o sr. Julio de Castilho, com a sua alma poetica, envolvida nas dobras espessas da erudição de archeologo phantasiou um dos mais bellos quadros do seu cancioneiro das *Manuelinas*, intitulado — *Breitiz a linheira*. Foi naquella casinha d'outras eras, que o inspirado poeta imaginou a sua formosa linheira, a orfã lacrimosa, a honesta e prendada filha de Ruy Chapuz. Era ali que:

Atraz da adufa escondida,
Breitiz junto ao parapeito
cose, e vae cantando a eito
alguma trova sombria,
lá do tempo dos avós;
eu, quando passo na rua,
escuto aquella harmonia,
e abençôo aquella voz.
É que não ha neste mundo
voz mais doce e feiticeira,
que a de Breitiz, a linheira (1).

(1) *Manuelinas, Cancioneiro de Julio de Castilho*, Lisboa 1899, pag. 31.

PORTA DA ERMIDA DO ESPIRITO SANTO NA RUA DOS REMEDIOS

Era por ahi principalmente o povoado de pescadores, como o define Bluteau — «agglomerado de familias pobres, que só viviam da pesca; velhacouto escuro e tortuoso, que os loquazes *Maneis d'Alfama* (como em estylo plebeu se chamava aos trabalhadores do mar) tornavam muita vez perigosissimo pelas suas frequentes rixas». Assim nol-o descreve o sr. Visconde de Castilho na sua *Ribeira de Lisboa*. E prosegue:

«Na orla, á beira-Tejo, agazalhavam-se e compunham-se as barcas pescadoras, as muletas da sardinha, as faluas cacilheiras, os sáveiros de agua-arriba, e até observa frei Nicolau de Oliveira — *navios de alto bordo, com que se navega para as conquistas, e são muitos* — accrescenta elle.

«E diz-nos um antigo poeta descrevendo o sitio:

A praia logo de Alfama
se amostra mais descoberta,
e o logar d'onde ancoram
suas indas caravellas.

As muitas que aqui se ajuntam
em qualquer dia de festa,
com as ancoras no mar,
e as prôas postas em terra,

fazem vista tão aprazivel,
e tão galharda presença,
que julgareis que Neptuno
coroado vos festeja.

Depois de expulsos os judeus ficaram os pescadores com a sua linda ermida do Espirito Santo, de bello portal manoelino, junto da qual ainda alguns restos se divisam em varios predios de portas e janellas da Renascença. Taes são as duas que existem ainda na rua dos Remedios, n.º 29, e na calçadinha do Santo Estevão n.º 2.

Era naquelle sitio do Chafariz de Dentro, como hoje se chama, e d'antes do *Chafariz dos Cavallos*, um dos sitios mais movimentados e concorridos da Alfama, que se extendia a praia e um chão, verdadeiro monturo, dizem documentos coevos, onde os pescadores varavam seus bateis, barcos e caravellas, no inverno ou por occasião de tempestades no rio; era um extendal de redes e de vélas, atulhado de mastros, de vergas, de madeiras.

Os pescadores do alto d'Alfama constituiam corporação poderosa; tinham sua confraria com singulares e curiosos privilegios. Um destes era o do uso das tumbas para os enterramentos dos irmãos, privilegio que lhe foi contestado pela Confraria da Misericordia em 1602, não conseguindo esta após demorados pleitos, desapossal-a daquelle direito tradicional, e obtendo apenas restringir-lhe a applicação aos enterros dos mareantes confrades do Espirito Santo.

Sahiam a miudo os pescadores d'Alfama em procissões devotas pela cidade, quer por occasião de grandes festas da capital, quer pela celebração annual do Corpo de Deus, a qual rivalizava no dizer de um escriptor de 1584 com a grande procissão da Cidade.

Junto ao Chafariz de Dentro, ao entrar a rua de S. Pedro, chama a attenção uma curiosa casa antiga, ornada de duas columnas de pedra, que sustentam o pavimento do 1.º andar, em sacada sobre a rua, como a nossa ultima est. nos está mostrando. O vandalismo usual e o desleixo camarario permittiram que estas columnas fossem recentemente pintadas a oleo, com escandalo de artistas e archeologos, mas com a annuencia das repartições technicas da camara.

Daqui, subindo de novo a Santo Estevão, em cujo largo, que circumda a egreja, se ergue o cruzeiro, um dos raros que o camartello demolidor deixou illesos na cidade, e que o sr. dr. Sousa Viterbo descreveu no seu interessante estudo — *Cruzeiros de Portugal*.

Fecharemos o passeio, não sem apontar ainda, o grande arco, que no largo de Santo Estevão dá accesso ao beco do Chanceller, o parapeito do adro da egreja de onde se descortina para o Tejo um soberbo e inesperado panorama, o mosteiro do Salvador, com seu passadiço sobre a rua do mesmo nome, a rua do Castello Picão, a rua das Escolas Geraes, muito deturpada já com demolições, e até invadida pelo carro electrico, e porfim o Largo de S. Thomé, de onde se sobe ao *Menino Deus*, largosinho onde campeia uma casa antiga, que é um dos mais bellos especimens da construcção portugueza do seculo XVII, a que representa a nossa estampa, como outra que existe tambem illesa de vandalicos enxertos, na rua dos Cegos, que vem do Pateo de D. Fradique para a rua de S. Thomé.

Voltem depois o artista e o forasteiro, quando satisfeita a sua curiosidade pela observação directa de todos estes sitios pittorescos, destas ruas sombrias, estreitas, tortuosas, destes becos, alguns dos quaes,

CASA NO LARGO DO MENINO DE DEUS

CASA DA RUA DOS CEGOS

como o beco da Bicha apenas medem meio metro de largo, destas velharias archeologicas, restos da cidade antiga, voltem depois, diziamos, em um domingo á tarde, quando o formigueiro humano que reside naquella agglomeração de casas infectas e pequenissimas se expande pelas ruas e terreiros, com as familias, o mulherio endomingado, a creançada gritadora e turbulenta, em descantes e guitarradas pelas tabernas pelos armazens, como em dia festivo de arraial d'aldeia, e sentirão a idéa remota da cidade d'out'ora, em que havia os peditorios numerosos pelas ruas e pelas portas, os mealheiros e as arcas pelas ruas, os nichos com santos alumiados nocturnamente por lampada bruxuleante, sustentada pelo azeite de devotas almas, as tabernas infestadas de ribeirinhos e vadios, os *frigideiros* do Mal-Cosinhado, fringindo peixe pelas ruas, á porta das lojas, enchendo tudo da fumaceira acre e suffocante do azeite frito, como ainda não ha vinte annos se via em algumas ruas dos bairros de Setubal, as rixas

perigosas dos brigões, em que ainda hoje não raro relampeja a lamina das navalhas afiadas; terá assim uma idéa esbatida da Lisboa tradicional, cheia de scenographias maravilhosas.

O extrangeiro extasia-se sempre ante este espectaculo novo e caracteristico.

Ha dias o inglez mr. Adolph Smith, um medico notavel, correspondente do *Lancet* de Londres, escrevendo da sua estada em Lisboa, dizia da Alfama:

«É um verdadeiro labyrintho de ruas estreitas e tortuosas, em grande parte em rampas e escadarias. O interior das casas ordinariamente é muito sujo, mas em geral no arranjo da cama nota-se maior cuidado que nos antros das grandes cidades inglezas. O amor aos travesseiros bordados ou por outro modo ornamentados e á roupa da cama limpa e at-

LARGO DE SANTO ESTEVÃO

CRUZEIRO DE SANTO ESTEVÃO

trahente é um estimavel caracteristico das classes mais pobres de Portugal. A municipalidade, por seu ladc, diligenceia limpar estas ruas estreitas e insalubres, mas tudo é insufficiente para contrariar as devastações da pobreza e da ignorancia, bem como da accumulação e da falta de ar e de luz. A rua mais estreita que vi foi o beco da Bicha, que dá para a rua S. Miguel. Com certeza que não tem mais de dois pés de largura e duas pessoas que vão em sentido contrario não poderão passar. É este bairro que offerece maior numero de casos de tuberculose.»

Esta ultima nota vem cair como um duche de gelo no nosso enthusiasmo de artistas. Este formoso bairro medieval, encravado na moderna, vasta e alegre cidade do Teio, segundo os aturados estudos demographicos do nosso distincto medico sr. dr. Antonio de Azevedo, que é tamhem um apaixondo artista amador das bellezas da archeologia, contem as freguezias que maior numero de victimas registam na percentagem da sua estatistica obituaria.

D'este facto veiu a idéa, tida como necessidade inadiavel, de *melhorar* a Alfama, por meio de demolições e alargamentos. A proposito deste projecto aventadc desde 1852 diz o Visconde de Castilho, na citada *Ribeira*:

«Não admitto (salvo o devido respeito) que melhorar a Alfama seja cortal-a de avenidas e alastral-a de largos. Alfama é um livro interessantissimo, que a picareta moderna profanaria ignobilmente. A maneira de melhorar Alfama seria conserval-a quanto possivel na sua architectura e feição archeologica, buscar fixar-lhe o plano medievo, modificar no antigo risco as egrejas e as casas, a pouco e pou-

ARMAZEM DAS COLUMNAS, NA RUA DE S. PEDRO

co, e manter aquelle fragmento desde a Adiça ás Portas da Cruz, e desde as Escolas Geraes até ao Almargem, em toda a sua apparencia velha de cidade primitiva.

. . . .

«Vejam o que faz Bruxellas, que restaura com carinho de artista as suas velharias municipaes. Vejam o que faz Bruges, onde não ha licença para adulterar o antigo risco dos edificios, e onde a cidade é portanto o mais instructivo e formoso dos museus. Façamos o mesmo nós. Seja a Alfama o nosso museu.

. . . .

«Quem possue um precioso manuscripto truncado, roto, do seculo XIV, com illuminuras em volta das margens, e lettras iniciaes ainda doiradas, não o manda intercalar de paginas em typo Didot, impressas em velino allemão, nem o entremeia de caricaturas de Gavarni, nem o manda encadernar em *chagrin* com doirados em estylo imperio.

«Alfama é o nosso manuscripto; não o profanemos!»

(Clichés de A. Barcia.)

VICTOR RIBEIRO.

Nostalgia da lucta

O coração vasio de chimeras,
n'alma a noute mais triste e mais sombria;
no silencio da cella succumbia
esse monge, um templario de outras eras.

No seu tempo, entretanto, se dizia:
n'essa quadra floral de primaveras,
lança em riste, nas pugnas mais severas,
ninguem melhor, de certo venceria!...

Das façanhas de outr'ora hoje bem longe,
do escudo e do montante separado,
a saudade minava o pobre monge...

A saudade — amarissima cicuta!
á saudade das pugnas do passado,
a nostalgia acerrima da lucta!

Rio de Janeiro — 1906.

Domingos Magarino.

OS PINHEIROS DE MAIKO

Mankaméro

N'uma estancia de banhos do Japão

MANKAMÉRO? Sim, não ha engano: — *Mankaméro.* — O termo parecer-nos-ha acaso arrevezado, a nós, ouvidos barbaros; mas não o é, por certo, para labios e ouvidos japonezes. Apresso-me a dizer que encerra mesmo um conceito delicado, como passo em seguida a explicar. *Mankaméro* é a denominação de uma famosa *chaya*, de um restaurante japonez, cerca de Kobe; *man* quer dizer «dez mil annos»; a traducção de *kamé* é «tartaruga»; e *ro* é um suffixo que serve para indicar certos estabelecimentos, como restaurantes, hospedarias, etc.; de sorte que o nome de *Mankaméro* (exemplo curioso da construcção agglutinante da linguagem) pode perfeitamente traduzir-se em portuguez por «A hospedaria da tartaruga de dez mil annos.» A tartaruga, bruto pouco estimado no Occidente, é pelo contrario tido em apreço no Japão, assumpto vulgar de esculpturas e desenhos; sabe-se que gosa de uma existencia muito longa; é por este facto um symbolo de perseverança, de constancia, de longevidade, de felicidade; é commum o nome de mulher *O-Kamé-San* (a Senhora Tartaruga); e assim a palavra que apontei, como mil e mil outras adoptadas para divisa de empresas de negocio, representa uma invocação de bom agoiro, que agrada ao proprietario e aos seus freguezes e por-

ENTRADA NO PARQUE DE MAIKO

ventura lhes é presagio de benesses. Já que fallei em tartarugas, mencionarei que não é raro dar-se o caso de ver-se o pescador lançar de novo ao mar a tartaruga que pescou, após haver gravado na casca uma inscripção, com a data e com o seu nome; isto em respeito pelo bicho e tambem certamente em memoria de Urashima, o amoravel pescador de quem resa uma das lendas mais sentidas d'este povo. Ajuntarei ainda que no Olympo japonez figura a tartaruga sagrada *Minogame*, contando não sei quantos milhões de annos de existencia, arrastando — coisa estranha! — uma enorme cauda aberta em leque; e aquelles que não se contentam apenas com gentilezas mythologicas derivam o tal appendice da circumstancia de algumas velhas tartarugas apresentarem a casca coberta de limos e de algas, pendentes em longas franjas verdes . . .

Mankaméro está situado na formosa praia de Maiko, a curta distancia de Kobe. Alliando-se em regra, no Japão, a realidade com a imagem, as coisas que vemos e que palpamos com a filigrana invisivel da chimera, convem ir devagar nas descripções, se queremos mungir do assumpto o inteiro encanto. Maiko (*mai-ko*, «dançar-rapariga») é o nome que se dá ás jovens *gheishas*, empregadas especialmente na exhibição das danças. Ora, a praia referida, que se alastra em ampla planicie que fofas e loiras areias atapetam, e por onde surge uma multidão de vetustissimos pinheiros, tomou esta denominação precisamente porque os ramos e os troncos d'estas arvores, torcidos e retorcidos pelos vendavaes do oceano e pelos mil caprichos casuaes durante seculos e seculos, lembram á imaginação japoneza os vultos das graciosas dançarinas quando estendem os braços em mimica, se inclinam em requebros, já para a direita, já para a esquerda, já para a frente, aos rythmos soluçantes das guitarras... Maiko é um poiso querido d'esta gente, durante os grandes calores do estio; abundando as *chayas*, onde a multidão acampa para saborear o modesto repasto nacional; captivando a sombra dos pinheiros; o mar attrahindo sobretudo, como que convidando a largar o *kimono* e as sandalias sobre a areia, a poisar a planta do pé nú no solo humido e a investir com a vaga . . .

A PRAIA NO VERÃO

UM JANTAR EM MANKAMÉRO

De modo que o *Mankaméro*, assente á babugem das ondas, acha-se deliciosamente collocado para regalo dos clientes: por uma das suas faces, escancara as vastas varandas á brisa salgada, aos horisontes azues da paizagem marinha, animada pelas peripecias pittorescas da população piscatoria, pelas velinhas brancas que sulcam, pelos paquetes enfumarados que passam, pelos contornos distantes das terras fronteiras, — Kü, Awaji; — pela outra face, é o parque verdejante, é a eterna dança dos pinheiros vetustos, o vôo e o pio dos corvos, ao longe as collinas acavalladas, vestidas de vegetações paradisiacas.

PESCA EM MAIKO

Ora, foi no *Mankaméro* onde, ha poucos dias, me encontrei, para assistir a um jantar offerecido pelos consules estrangeiros dos districtos de Hiogo e de Osaka ás auctoridades japonezas; note-se que amabilidades d'esta ordem trocam-se aqui de quando em quando, entre consules e nipponicos. O leitor, supponho eu, viria com prazer tomar parte no festim, com bilhete de ida e volta de Portugal até aqui; embora os joelhos lhe doêssem quando em postura japoneza, o exotismo dos manjares lhe contivesse o appetite e a mão inexperiente se mostrasse incompativel com o manejo dos dois pausinhos de preceito, substituindo o garfo e a faca occidentaes. Quanto porém á descripção d'este festim, estou quasi convencido de que a dispensa de bom grado; ou, pelo menos, prescinde de minucias importunas. Vou pois, nas linhas que se seguem, adoptar quanto possivel a fórma litteraria telegraphica, no proposito meritorio de tornar barata a expedição d'esta noticia; tal *barateza*, entenda-se, é claro, no sentido de poupar longos enfados a quem benevolentemente me fôr lendo. Sem mais preambulos, segue pois o *telegramma:*

— Vasta sala, coberta de esteiras, tudo puro estylo japonez. Ás 6 horas da tarde, todos reunidos. Irrompem serviçaes, irrompem *gheishas*, trazendo as baixellas de charão, de porcelana, e as iguarias. Então, varios sujeitos avançam gravemente até ao meio da casa em palmilhas de meias, e alguns discursos se proferem. Começa a refeição.

LUAR DE MAIKO

Abundancia de *saké*) o vinho indigena) e de acepipes. Especializêmos alguns pratos : um caldo de tartaruga (de praxe— em honra da divisa d'esta casa —); delicioso peixe crú, pescado alli defronte, ha poucas horas; uma composição pittoresca e allegorica, isto é, uma frigideira de barro contendo ampla camada de sal de Maiko, sobre que assenta um peixe, guarnecido de verduras de pinheiro, vendo-se a lua cerca (allusão aos lindos luares de Maiko) representada por um ovo... A certa altura, danças de *gheishas*, gemem as guitarras. Mais por diante, um photographo apparece, assesta sobre nós a sua machina, com o garbo de um artilheiro que assestasse o seu canhão sobre o inimigo, nos campos da Mandchuria; serenidade corajosa entre os convivas; após, o vivo relampago do magnesium incandescente e uma careta involuntaria em cada rosto; mas caretas que felizmente vem depois do acto consummado, porque a photographia instantanea está colhida, como verificámos pelos exemplares que passados dias recebemos, e como vós, leitor, verificaes agora, por este exemplar que vos envio, e pelo qual vós podereis satisfazer a vossa curiosidade.

MULHERES DE MAIKO

Kobe, junho de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.

EPISODIOS E ANECDOTAS

O PRIMEIRO POSTO

ARA onde vou?

— Pergunta bem, meu caro tenente, mas não lhe sei responder.

— E mantimentos?

— Não se preoccupe com isso. Apenas o posso informar que tem de embarcar ás tres horas para bordo do *Neves Ferreira*.

—E quem vae mais?

— O alferes França e quarenta soldados do batalhão.

—Já foram nomeados?

—Ainda não. Sel-o-hão agora, escolhidos, de entre os que se sintam menos doentes.

Passava-se este rapido dialogo nos quarteis da Ponta Vermelha, em Lourenço Marques, na noite de 12 de março de 1895, entre o major José Ribeiro, commandante do batalhão de caçadores 2, da metropole, e o tenente, hoje capitão, Gregorio da Rocha.

Eram cêrca das dez e meia. As praças que deviam constituir o destacamento, já deitadas, algumas a dormir, e quasi todas a curtir febres, levantaram-se, vestiram-se, sem que um murmurio de má vontade echoasse pelo comprido cazarão.

Ninguem sabia para onde ia e tambem a curiosidade depressa adormeceu no coração d'aquelles homens, tão pacientemente submissos ao sacrificio, com tanta singeleza promptos para as mais estupendas temeridades.

—Eu já não volto cá acima sem trazer uma orelha do Zichacha — disse um para o camarada emquanto apertava o boldrié.

— Talvez com grêlos substitua a orelheira lá da nossa terra – commentou outro com seriedade.

—Deixa-te de basofias e vê se consegues agradar a alguma *régula*, isso é que nos faz falta — expoz um terceiro, soltando um profundo suspiro—era a maneira das maleitas nos largarem.

Com estes e outros inoffensivos gracejos, esquecendo alguns até os simultaneos calafrios e calores da febre que os minava, aprestaram-se, e cêrca da uma da madrugada desceram até á ponte.

Em baixo a cidade dormia n'um silencio pesado, mal illuminada pelos clarões vacillantes dos candieiros, como mortiços lampadarios d'uma vasta cathedral em cerimonia funebre. As casas de alvenaria e de zinco, baixas e de architectura monotona, semelhantes a enormes caixotes que algum navio colossal tivesse desembarcado na praia, conservavam-se hermeticamente fechadas, dir-se-hiam desertas ainda pelo panico suggerido pelas incursões dos negros em rebeldia; não se desprendia de lá a mais insignificante

manifestação de fôlego vivo. Os angares da alfandega, com a sua emmaranhada estructura de ferro, com os pilares rígidos e esguios a abrirem os descarnados braços das asnas, que sustinham n'um esforço oscillante de ébrio trôpego as chapas caneladas do telhado, lembravam as construcções phantasticas d'um pesadêlo torturante. A ponte prolongava-se negra e esfuziada pelo Espirito Santo fora, equilibrando o taboleiro como um estrado de carro funerario, balouçando o madeiramento ao sabor das vagas, dolentamente rumorejantes, abrindo fendas de taboa a taboa através das quaes se adivinhava a agua sombria e glauca. O rio, ao largo, estagnava-se n'um pégo sinistro, unido e lúgubre como o chão d'um cemiterio, onde os cascos dos navios figuravam mausoléos e as vergas atravessadas nos mastros as cruzes que os corôam.

— Parece que vamos para um funeral — balbuciou um dos soldados com a voz sumida.

— Talvez o de nós mesmos — redarguiu o outro no mesmo tom.

— Para o dos pretos é que é — accrescentou rapido o camarada da esquerda, zombeteiro, a rir.

Encontravam-se ahi mais cincoenta praças de caçadores 3, da Africa Oriental, dez da policia da cidade e duas peças de montanha. Embarcavam tambem o major da provincia Jayme Ferreira, official valente e de merecimento, e o alferes Sarrea.

No momento em que estas forças iam para descer para os escaleres, appareceram o capitão Eduardo Costa, chefe de estado-maior, o major Caldas Xavier e ainda outros officiaes a quem os seus deveres ou o acaso tinham conduzido até ahi, áquella hora adeantada da noite.

MAJOR DE ENGENHARIA ALFREDO AUGUSTO FREIRE D'ANDRADE

—Dê cá um abraço—disse Caldas Xavier para o tenente Rocha.

E o valente africanista, que não era dado a muitas effusões, estreitou durante largo periodo o seu camarada. Houve até quem porfiasse que vira uma lagrima teimosa a orvalhar os cílios do intrépido major.

*
* *

O *Neves Ferreira*, vapor de pequena tonelagem, ficara de todo a abarrotar com aquelle accrescimo de praças européas, que quasi não dispunham de espaço para se deitar. O navio, que não era deselegante, perdera a melhor parte das suas linhas estheticas para defender os tripulantes e passageiros quando seguia pelo Incomati a cima, varejado com furia insana pela fuzilaria dos rebeldes, acoutados na margem esquerda. Tabuões grossos, sobrepostos, constituiam uma ***blindagem sui generis*** a cada bordo, rasgada aqui e ali por setteiras, por onde se prolongavam os canos delgados das Kropatscheks, ou o feixe das guellas escancaradas das metralhadoras.

De madrugada, ainda tenebrosa e asphixiante, levantou ferro a embarcação para dobrar a Ponta Vermelha, que se erguia a prumo, n'um alcantil rendilhado de penedos, e ameaçava despenhar-se e esmagar quem lhe affrontasse a visinhança. A reboque seguia um batelão com mais soldados negros e basto material cujo destino ninguem conhecia.

Fora, na bahia, de terra a rastejar com a mareta em rebentação franjada de espuma phosphorecente, a escuridão ainda

era mais vaga, mais enigmatica, mais creadora de lendas supersticiosas. Além, um telão, como de densos crepes, corrido sobre o horisonte, a occultar o revôlto canal de Moçambique, o tragico scenario das *monomocaias*, que n'um instante desarvoram, avariam e afundam o mais alteroso barco. Dos lados, n'um amplexo arenoso, orlado de mangal, o contorno em hemicyclo da praia, vestibulo de envenenados paues, onde a cada hausto se absorve a peçonha das perniciosas fulminantes e o germen das anemias deprimentes.

O vapor singrava cauteloso, a tatear os parceis, deslisando pelos canaes acairelados de bancos, arrimado ao prumo como um cego ao bordão, sacudindo o helice como o mastim a cauda, ao farejar um covil de lobos.

— Para onde vamos? perguntavam entre si os soldados.

— Em busca do diabo que deve andar por esses brejos — respondia um mais expansivo.

E a machina continuava a resfolegar, n'um offêgo de cansaço, arrancando um queixume a cada junta, gemendo a cada solavanco, lavrando a areia com a quilha, doendo-se das guinadas, carpindo o obrigarem-n'o a navegar quasi sem agua.

CAPITÃO DE CAÇADORES 2 GREGORIO ROCHA

Amanheceu por fim. O tablado mudou de aspecto. O *Neves Ferreira* aproou á barra do Incomati, depois de costear a Xefina Grande, e entranhou-se nos meandros de verdura e nos labyrintos de escolhos da tortuosa via fluvial. Não foi longo o trajecto. Um traiçoeiro baixio entravou-lhe logo ahi a marcha. Nenhum energico esforço, nem recurso por mais heroico que fosse, do seu brioso commandante, o desarraigaram da fôfa cama de areia. Demorou-se ali tres dias. Ao cabo d'elles, depois de o alliviarem de quanto podia ser transferido para os batelões rebocados, lá seguiu rio acima, saudado ainda com mais furia pela metralha e doestos da negraria, que durante os tres dias da laboriosa faina.

O então capitão de engenharia Freire de Andrade, governador interino do districto, subiu para o *Neves Ferreira*, transportado de Lourenço Marques na lancha *Bacamarte*.

— Sabe o que vamos fazer? — perguntou o intrépido engenheiro ao tenente Rocha.

— Ignoro-o ainda — respondeu o interrogado.

— Estabelecer um posto no Marracuene.

— Como V. Ex.ª quizer — acquiesceu com a simplicidade da bravura o tenente de caçadores 2.

Freire d'Andrade com a sua indomavel pertinacia, que forma uma das mais singulares qualidades do seu caracter rijamente temperado, advogara sempre junto do commissario régio, conselheiro Antonio Ennes, a necessidade de occupar definitivamente o Marracuene, abandonado tres dias depois do glorioso combate de 2 de fevereiro.

No conselho, homens do denodo de Caldas Xavier, Henrique Couceiro, Eduardo Costa e Ayres de Ornellas, tinham-se opposto abertamente a tal temeridade. Freire de Andrade não desanimou. Insistia no seu plano favorito a cada hora, a cada minuto. A Antonio Ennes repugnava-lhe dar o seu consentimento para essa hecatombe em perspectiva. Servia-se de quantos argumentos a sua dialectica lhe suggeria.

VAPOR «NEVES FERREIRA»

Repellido até o ultimo reducto, entrincheirou-se no pesar das familias a quem tal catastrophe, quando succedesse, lançaria no lucto e no desespero.

—Eu adoro minha mulher e meus filhos e tambem vou; já V. Ex.ª vê que confio plenamente no bom exito da idéa — rebateu Freire de Andrade.

O commissario régio fôra vencido e o posto ia estabelecer-se. Caldas Xavier é que continuava a acreditar n'um desastre inevitavel, e essa crença levara-o a dar o demorado abraço, que citamos, e que presumia ser o ultimo, no tenente Gregorio Rocha, a quem se affeiçoara intimamente.

*
* *

A viagem principiou então a accidentar-se de peripecias. A oeste da Xefina Pequena o tiroteio dos rebeldes desencadeou-se n'um crepitar de granizo tempestuoso. As balas batiam no costado, chaminé e mastros da embarcação, como saraiva nas vidraças em noites de invernía. A ramagem do mangal intercallava-se de pequenos flocos brancos, como de algodão em rama, e logo zumbiam projecteis de todos os feitios e tamanhos, n'um examear de vespas de ferrão mortífero.

—É como chuva de pedra lá na minha terra! — commentava um soldado depois de conscienciosamente ter disparado a espingarda sobre o inimigo que não via.

—Parece mas é o varejo da azeitona— emendou outro.

E o vapor avançava cautelosamente, com a *Bacamarte* na frente, á guisa de podengo de boa raça, a farejar cada banco, a sondar os canaes, desconfiando da placidez das aguas, manobrando com pericia para se safar das rascadas e descarregando, a miude, por desfastio, meia duzia de tiros da sua veloz metralhadora.

As posições do *Finish*, onde qualquer renegado europeu amontoara quanto as sciencias militares conhecem de fortifica-

LOURENÇO MARQUES. — UM ASPECTO DO POSTO MILITAR DE CHINAVANE

ção passageira, era o Humaitá do Incomati. Ali perdera destemidamente o primeiro tenente Filippe Nunes a vida, ali tinham encontrado a morte do soldado bastantes expedicionarios, ali se concentrava o foco mais desenfreado e impune da revolta indigena.

Havia ordem terminante para que ninguem se mostrasse acima das amuradas das embarcações. O comboio fluvial singrava lentamente, a metralha dos negros redobrava de intensidade. As pranchas dos resguardos esburacavam-se n'um crivo, a atmosphera como escurecia da nuvem de zagalotes, escumilha, balas das Martini Henry, Colt e Winchester. Era um tal misto de projecteis, que se diria um certamen de arsenaes em experiencias de balistica. A curiosidade, que já perdera nossa mãe Eva, ia causar mais uma victima. Um cabo preto, suppondo haver um sector indemne por onde passasse o raio visual, espreitou. Foi varado.

Transpostas as ilhas da Benguelena, a dos Limões, percorridas as caprichosas voltas em que o rio se ennovela, calada a fuzilaria occulta e pertinaz da margem esquerda, ultrapassado o local onde se pelejara o formidavel combate de 2 de fevereiro, Freire de Andrade mandou parar a flotilha defronte d'um sitio de riba mais erguida e accessivel.

Foi determinado o desembarque para d'ali a horas. Comprehenderam então os soldados a missão que se lhes impunha. A totalidade acceitou com a simplicidade do heroismo o tremendo sacrificio, houve, porém, um, que não pertencia a nenhuma unidade européa, que objectou em voz baixa para os camaradas:

—Ó rapazes, nós eramos seiscentos da outra vez, aqui, e os negros por um triz que não nos despedaçam; somos agora menos de cem, que vamos fazer? Não sae de ahi um inteiro.

—Eu cá—atalhou de prompto um soldado de caçadores 2—quando sahi de Lisboa confiei a vida aos nossos officiaes; elles que façam o que entenderem d'ella.

— Se nós não quizessemos — insistiu a má cabeça—não nos podiam obrigar a desembarcar.

— Mas como elles vão na frente — interveiu um cabo — nós não havemos de os abandonar.

Este rapido dialogo fôra ouvido pelo tenente Rocha. O alferes França era de opinião que se mettesse sem demora uma bala nos miolos do alliciador. O tenente Rocha preferiu vigiar de perto o dementa-

LOURENÇO MARQUES. — O PRIMEIRO POSTO MILITAR DE INCANINE

do e punil-o com rigor se fosse necessario. Não houve mister de empregar medidas extremas. O poltrão de momento egualou-se depois aos companheiros em valentia. Foi a vertigem do medo, que nem sempre poupa os mais heroicos.

Da banda fronteira ouviam-se repetidos detonações, e após um silvo estridente, cahir, no ponto a occupar, uma ou outra folha cortada cerce pelos mortíferos arautos, que os rebeldes enviavam a cumprimentar os recemchegados. A acompanhar essas manifestações de cortezia cafreal estrugia um alarido diabolico, na lingua nativa e em portuguez arrevezado, onde as ameaças se enlaçavam com as vaias, as bravatas com os insultos, as imprecações com as mais tremendas promessas de total aniquilamento.

— Hemos de levar as cabeças de todos de *saguate* ao Gungunhana — diziam n'uma algazarra que causaria inveja a uma sessão legislativa no inferno.

Os nossos não ficaram tão intimidados que não saltassem em terra, n'um phrenesi de audacia. Os primeiros a galgarem pela encosta acima, empachada de arvoredo, enredada de matto, onde cada esteva poderia abrigar um negro, foram Freire de Andrade e tenente Rocha. Os demais officiaes permaneceram a bordo, por ordem, para vigiar o resto do desembarque.

Dois tiros esfuracam a pelle de dois soldados em ferimentos leves. Das embarcações a artilharia espreita attenta para onde ha de jorrar um furacão de metralha; a tropa arma baioneta e de dedo no gatilho remexe cada mouta, examina cada arvore, explora cada trecho de matto, investe com o arranco d'um touro de sangue nobre sobre tudo quanto lhe possa erguer um obstaculo.

Attingira-se a crista sem a minima aggressão d'esse lado; nem se divisara alma viva, nem vestigio de emboscada. Apenas a certa distancia, ao lado da mancha ennegrecida d'um acervo de madeiros carbonisados, se avistava um feixe de ossos humanos, alvos como se fossem caiados, limpos, expurgados de adherencias pela acção contínua de chuveiros torrenciaes. Era o jazigo, o monumento funerario, dos landins, exterminados pelas nossas armas no vendaval de fogo da madrugada de 2 de fevereiro.

*
* *

Principiou a tarefa da construcção do posto. A febre, que convulsionava muitos em arrepios de epilepsia, transmittiu-lhes a força nervosa de athletas invenciveis. Os machados relampejavam de encontro aos troncos nodosos das molambeiras, das acacias, dos mangues, e despenhava-os no solo com a velocidade e o poder de machinas titanicas; o milho, o matto, o tojo, quantas plantas a natureza pujante dos tropicos germinara, desenvolvera e fortificara, tudo foi ceifado, arrancado, posto com as raizes a descoberto, acamado em medas, rapartido em molhos, promptos a serem utilisados em lenha. Onde se enredava um brejo, valhacouto de feras ou de homens armados, que tudo significa o mesmo, de ramagem emmaranhada, de pernadas estendidas n'uma confusão de biblico cahos, de estevas revestidas de abrolhos, de capim aleivoso como o ósculo de Judas, alargava-se agora uma esplanada com razoavel campo de tiro e aplanara-se um caminho, que permittia trazer do rio á clareira, munições, viveres e material.

A ferramenta não dispensava a arma. Ao mais pequeno alarme, mangas emplumadas que se suppunham avistar ao longe, sons roncos e plangentes de buzina que o echo vinha trazendo de langua em langua, a serra ou a picareta era posta de parte e a baioneta scintillava ameaçadora de ponta virada para esses ruidos suspeitos.

Estes sobresaltos mais incitavam a actividade dos bellicosos operarios. Cada palmo de trincheira aberto era menos uma probabilidade de desastre e mais um elemento de victoria. Derrubavam-se os troncos e os ramos em abatizes; corria-se o arame farpado em redes de malhas apertadas e sobrepostas; erguiam-se parapeitos progressivamente mais espessos; cavavam-se fossos cada minuto mais profundos; delineavam-se e levantavam-se tambores de flanqueamento; sahia da terra, como por encanto, um reducto; recalcavam-se plataformas para assentar a artilharia; dispunham-se folhas de zinco, parallelas entre si, com os intervallos cheios de areia, o que formava magnificos abrigos; emfim, com essa vari-

UMA VEDETA

nha de condão, — a energia e a força de vontade — do nada sahia um especimen tão completo quanto possivel de castrametação africana.

—Mas eu não me contratei para vir para a guerra — protestava um carpinteiro, que recebia cinco mil reis diarios, mas a quem, parece, não houve tempo de explicar pormenorisadamente onde e como ganharia esse dinheiro.

—Que lhe ha de fazer agora?—respondia sorrindo, não sem certa ironia, o official interpellado. — Se suppõe que o enganaram volte para Lourenço Marques; ninguem o detem aqui contra sua vontade.

—Para os negros me matarem.

— Então deixe-se ficar.

— E se os landins apparecem?

— Defende-se.

— Mas eu não sou militar. Sabe Deus o susto que eu tive no porão do *Neves Ferreira*, quando foi o tiroteio do rio.

— Mas lá não chegavam as balas...

— Chegam aqui. Que hei de fazer?

— Trabalhar com alma para apromptar todas essas fortificações. Depois de concluidas, descance, que não entram cá.

—O' com a fortuna e eu que estive tanto tempo a dar á taramela.

E lançou-se ao trabalho com uma especie de phrenesi raivoso. O susto triplicara-lhe as forças. Era noite cerrada, não se via nada, e elle ainda lidava com desesperado afan, zangando-se e imprecando, quem, litteralmente extenuado, o não podia imitar.

Para sermos completamente justos devemos accrescentar que, mais para deante, se habituou ao duro serviço do posto. Ao primeiro alarme, e houve bastantes, munia-se d'uma espingarda e vinha para a trincheira esperar o inimigo como qualquer outro.

A coragem é contagiosa.

*

* *

O dia passara-se, mas a noite? O posto estava esboçado, tinham-se construido as defesas mais elementares, os parapeitos abrigavam até uma certa altura o busto dos defensores, as duas peças de artilharia postaram-se nos pontos fracos, mas o que se realizara até o entardecer era pouquissimo para resistir a um ataque em forma, e que a todos se afigurava inevitavel.

Cincoenta brancos e outros tantos angolas, dos mesmos que tinham cedido no quadrado do Marracuene, para resistir ás forças concentradas do Zichacha, do Mahazuli, robustecidas com diversas mangas vátuas do Bilene e de Gaza, era realmente uma temeridade.

Em redor do posto, a algumas dezenas de

LOURENÇO MARQUES. — POSTO MILITAR DE INCOLUANE

metros, accendera-se um semi-circulo de fogueiras. Apresentavam o aspecto lúgubre de tocheiros, esses clarões rubros, emmoldurados por densas e amplas espiraes de fumo, quasi tão negras como a escuridade que se prolongava pelo matto dentro. O serviço de segurança fôra organisado com o maximo rigor. Metade dos soldados ficavam de pé, na trincheira, de olho á espreita e ouvido á escuta; o seu cerrafila deitava-se atraz d'elle, vestido, armado, de espingarda á banda, e era desperto ao menor ruido suspeito. Revezavam-se de duas em duas horas. Os officiaes não dormiam, vigiavam o campo, e, muito especialmente, impediam que os outros dormissem.

A noite emergira do crepusculo n'um negrume pavoroso. Entre as camadas baixas da atmosphera e a immensidade do espaço correra-se como um enorme panno de lucto, dos que ornamentam os templos em dias de exequias nacionaes. Pesados e fuscos vapores, saturados de humidade, prenhes de ameaças borrascosas, contendo nos seus flancos suggestivos fluidos electricos, calafetavam de tal modo a cúpula do firmamento, que não transpareciam através d'elles nem um luzeiro, nem uma scintillação, nem uma claridade fugitiva, nada que recordasse qualquer fulgor astral. Aos lados, para além das fogueiras, o mesmo cortinado espesso e negro, as trevas profundas na sua opacidade afflictiva, a ausencia physica de qualquer manifestação de luz, a cegueira absoluta da natureza, a falta de formas nos objectos e nas coisas, a paizagem sem relêvo, o desenho sem perspectiva, os elementos fundidos, aniquilados, no cahos. E de hora a hora parece que a escuridão redobrava n'um accrescimo de tormento indefinivel.

O silencio, esse silencio austero e imponente das selvas, augmentava com a escuridão. Os olhos das sentinellas doíam-se de não ver, os ouvidos latejavam de não ouvir. A acuidade dos sentidos, na tortura da espectativa, causava perturbações delirantes e vertigens de endoudecer. O instincto da conservação dominava tudo.

A esta primeira phase de mutismo quasi absoluto, succedeu a dos mysteriosos ruidos do sertão. As vagens do arvoredo abriam-se n'um estalido sêcco, o do aperrar d'uma espingarda, e deixavam cahir as sementes que fecundariam terrenos distantes; os galhos debeis dos arbustos, vergados á qualquer occulto pêso, partiam n'um estralejar brando imitando o andar cauteloso de muitos homens; a folhagem, sacudida por uma tenue brisa, que não chegava até o posto, simulava o rastejar de guerreiros de pupillas felinas, que se preparavam para uma investida de tigre; o rumorejar dos milheiraes, no cicío das bandeiras, arremedava a marcha de mangas compactas, de rodellas embraçadas e de azagaias em punho; os reptís que se perseguiam e pretendiam acazalar-se, as aves que se aconchegavam no ninho, a seiva a vivificar as plantas, o verme a buscar o sustento, o insecto voejando

LOURENÇO MARQUES. — OUTRO ASPECTO DO POSTO MILITAR DE CHINAVANE

na labuta nocturna, todo esse conjunto de pequeninos sons que constituem como uma insólita orchestra das noites do matto, eram outros tantos e certos prenuncios d'um ataque imminente, causa de acerbos sobresaltos n'um prolongado e cruciante anceio.

De ora em quando, os cães esfaimados das povoações desertas, misto de lobos e de raposas, as hyenas sedentas, os chacaes sanguinarioss, os gatos bravos, quantos carnívoros por ali andavam á solta sem pasto sufficiente para a sua voracidade insaciavel, precipitavam-se n'uma carreira doida até perto das trincheiras, fugiam em seguida espavoridos e voltavam logo para tornar a recuar. Depois tudo mergulhava n'um silencio de tumulo, para d'ali a minutos atroar os ares uma lugubre e medonha rajada de uivos, latidos e rosnadellas, côro satanico do mais desenfreado sabbat, symphonia ululante e macabra que punha os cabellos em pé aos menos superstíciosos.

Sobre a madrugada foram-se extinguindo as fogueiras no bruxulear entre azulado e vermelho dos derradeiros clarões. Então, na lucta entre a vigilia e o somno, entre a energia e a modorra, entre a sensatez e a excitação nervosa, no limiar d'um horrendo pesadêlo acordado, descobriam-se sombras de contornos phantasticos a pular em esgares de idolos industanicos, figuras colossaes e hediondas que arrazavam os parapeitos, gnomos de risos escarninhos que arrebatavam as armas e inundavam a polvora, trasgos de feições convulsionadas que peavam os defensores e os entregavam inermes á ferocidade dos negros, titans de physionomia repugnante, munidos de thesouras enormes, a cortar o arame farpado, cyclopes, com o unico olho mais brilhante que um pharol, de gigantescos martellos, a encravar a artilharia.

Surgiu a manhan e com ella o sol, o chilrear da passarada, o fresco que acalma a febre, a luz que incita ao trabalho.

O posto não foi atacado. Salvara-o a formidavel lição do quadrado do Marracuene.

EDUARDO DE NORONHA.

LOURENÇO MARQUES. — POSTO MILITAR DE INCANINE NA MARGEM ESQUERDA DO INCOMATI

NOTA. — *clichés* d'este artigo, absolutamente inéditos, são do conselheiro A. F. de Andrade.

AO

Conde de Arnoso

Na morte de seu filho

Por sobre o mar salgado, um dia elle partiu,
Gentil como um Infante e audaz como um Crusado,
Tremia, no alto mastro, o seu brasão honrado,
E o sol dourava a estrada d'agua onde seguiu.

Tinha a alma de heroe dos Portuguezes duros,
N'um corpo delicado e esvelto de creança:
Não era a desatar alguma loura trança,
Que elle hoje ia correr, por mares pouco seguros...

Foi á de Portugal egual a sua historia:
Ambos foram ao mar com sede e amor de gloria,
Ambos viram depressa a morte da aventura!

E tu, infeliz pae do lindo Cavalleiro,
Planta, com ternas mãos, na sua sepultura,
Ao lado do cypreste, um ramo de loureiro!

Ostende, 18-VIII-06

A. D'OLIVEIRA SOARES.

A PONTE-AQUEDUCTO DA LOURICEIRA

A agua em Lisboa

UANDO D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros, os habitantes da «mui nobre e leal cidade» não disfructavam, como é facil de calcular, das vantagens inapreciaveis da agua encanada para suas casas, desconhecendo tambem as desvantagens d'esse producto da civilisação que se chama *contador* e que é, no actual momento historico, um dos mais terriveis flagelos dos chefes de familia que não disponham de grandes meios de fortuna.

N'esse tempo, a capital abastecia-se de agua pelo processo mais rudimentar: alguns particulares, utilisavam-se da que lhes forneciam os poços e cisternas existentes nas suas propriedades, e o grosso do publico da que brotava das nascentes situadas na base da collina de S. Jorge, ou da que saía penosamente de algumas fontes mandadas construir pelas municipalidades. A partir da segunda dynastia, os magistrados que tinham a seu cargo os interesses da cidade começaram a reconhecer a necessidade de melhorar este estado de coisas que, com o augmento da população, se agravava cada vez mais.

Mas fosse por falta de elementos, ou em virtude do systhema nacional de protelar a resolução de todos os assumptos, ainda os mais importantes e urgentes, o certo é que, no principio do seculo XVIII, a situação mantinha-se tal como no momento da fundação da monarchia: os 80:000 habitantes da capital dispunham para os seus usos de 360 metros cubicos de agua por dia.

Foi então que alguma coisa se fez. Já de longa data se pensava em utilisar para o abastecimento da cidade as aguas das nascentes de Carenque, mais vulgarmente conhecidas por «Aguas livres». Reconhecido bom esse plano, foi elle posto em pratica: em 12 de maio de 1731, um decreto regio ordenava a construcção do aqueducto que devia conduzir as aguas de Carenque a Lisboa. Devido,

A NASCENTE DO ALVIELLA

porém, á grandiosidade do projecto, a execução das obras foi de tal maneira demorada que só em 1748 começou a passar a agua pelo aqueducto, e como, entretanto, se resolveu prolongal-o e fazer-lhe diversas ramificações, a fim de aproveitar outras nascentes proximas, assim como construir galerias para a distribuição da agua pelos differentes bairros da cidade — os trabalhos só ficaram definitivamente concluidos em 1835.

A CASA DAS COMPORTAS, JUNTO DO ALVIELLA

Começou então a capital a receber a totalidade das aguas sucessivamente captadas e introduzidas nos aqueductos. Mas immediatamente se reconheceu que os gigantescos esforços feitos e as collossaes sommas de dinheiro dispendidas haviam tido resultados quasi nullos. Com effeito, o volume de agua de que, a partir de então, a cidade passou a dispôr, foi de 1:300 metros cubicos, apenas o triplo do que dispunha antes de 1748, e a população havia augmentado mais de metade, pois elevava-se já a 130:000 pessoas. Entretanto, as necessidades de momento podiam ser atendidas, e isso era o suficiente para os habitantes de Lisboa que, como bons portuguezes, não se preoccupavam com o dia seguinte.

Só ao fim de longos annos, quando, em virtude do sucessivo acrescimo da população, surgiram de novo as anteriores dificuldades, se voltou a pensar no caso. Viu-se que era urgente fornecer á cidade mais agua. E como, tanto o municipio como o Estado, não se encontrassem em situação financeira que lhes permittisse proceder por sua conta aos trabalhos necessarios, resolveu-se confial-os á industria privada.

Abriu-se um concurso, que ficou deserto. Aberto outro mais tarde, concorreu a elle um grupo de capitalistas portuguezes que constituiu depois a Companhia das Aguas de Lisboa, á qual o governo, por decreto de 28 de janeiro de 1856, deu a concessão. Por ella, a Companhia obrigava-se a augmentar o volume da agua em 11:300 metros cubicos por dia, pelo menos, e a construir reservatorios e a canalisação necessaria para a agua ser distribuida domiciliarmente em todos os bairros da cidade.

A Companhia encarregou o engenheiro francez Mary do plano da obra, dando-o elle por concluido em 31 de junho do mesmo anno. Segundo esse plano, para cumprir a condição do contracto relativa á aquisição de novas aguas, bastava captar as duas nascentes da Matta, no vale de Lobos, e as de outras proximas, e encanal-as para o aqueducto de D. João V. Pelo que respeitava á distribuição d'ellas em Lisboa, para evitar as pressões que fatalmente se exerceriam nos pontos baixos, sendo o serviço de distribuição uno, Mary dividia a area da cidade em trez zonas separadas, cada uma d'ellas com reservatorios e canalisações independentes. E como, para alimentar os pontos mais altos, era necessario que o reservatorio da zona superior ficasse 20 metros acima do nivel do aqueducto, Mary propunha o emprego de um syphão que conduzisse a agua até lá segundo as leis da gravidade.

EDIFICIO — SÉDE DA COMPANHIA DAS AGUAS, NA AVENIDA DA LIBERDADE

O plano foi aceite, a despeito da opinião do engenheiro portuguez Carlos Ribeiro, que declarou impossivel obter-se com o aqueducto da Matta, o volume d'agua necessario. As obras começaram; mas quando, em setembro e outubro de 1862, se procedeu a medições nas nascentes, reconheceu-se que o enge-

nheiro portuguez tinha razão: a quantidade d'agua de que se podia dispôr ficava muito áquem da que a Companhia se obrigara a fornecer. E, como a Companhia não encontrasse meio de obviar a esse inconveniente, o governo, por decreto de 23 de junho de 1864, retirou-lhe a concessão, rescindindo o contracto.

A Companhia liquidou, deixando concluidos, ou quasi, os reservatorios do Pombal, Penha, Arco, Patriarchal e Veronica; 72:901 metros de canalisação nas ruas mais importantes; o syphão alimentar do reservatorio do Pombal; o aqueducto da Matta e o seu tributario do Brouco, por meio dos quaes ella conseguira obter apenas 500 metros cubicos de agua diariamente.

A PONTE-SIPHÃO DE SACAVEM

Passando o serviço das aguas para o governo, fez elle construir o prolongamento do aqueducto das Francezas (uma das ramificações do aqueducto de D. João v), obtendo assim mais 120 metros cubicos de agua por dia. Isso, porém, não bastava; a falta de agua cada vez se fazia sentir mais. Segundo os entendidos, a solução definitiva do problema estava na captação das aguas do Alviela, mas as despezas a fazer com essa obra eram calculadas em 5:500 contos, e nem o governo nem o municipio podiam arcar com ellas.

Meteu hombros a essa empreza um grupo de capitalistas, tendo á frente o notavel jurisconsulto Pinto Coelho, e que foram os fundadores da actual Companhia das Aguas. Requerida pelo grupo a concessão d'esse serviço publico, o governo deu-lh'a, impondo-lhe como principal condição abastecer Lisboa com as aguas do Alviela. O contracto provisorio foi assignado em 27 de abril de 1867, sendo tornada definitiva a concessão em 2 de abril de 1868, quando já se achava constituida a Companhia.

Desde logo esta começou a executar o projecto d'essa obra gigantesca, devido aos engenheiros Pires de Sousa Gomes e Paiva Couceiro, mas desde logo tambem reconheceu que, devendo os trabalhos respectivos durar alguns annos, não podia a cidade continuar até á sua conclusão no mesmo regimen de escassez de agua em que até ahi vivera. E assim, poz immediatamente em execução o projecto do engenheiro Nunes d'Aguiar para elevar as *aguas baixas* (as das nascentes da

RESERVATORIO DAS AMOREIRAS — CASCATA

collina de S. Jorge) de maneira a serem utilisadas na zona inferior, obtendo d'esta maneira 1:800 metros cubicos por dia. Tambem, em virtude das séccas de 1874, o engenheiro Carlos Ribeiro por encargo do governo, conseguiu augmentar o abastecimento da capital em 720 metros cubicos de agua, que elle foi buscar ás cercanias do aqueducto da Matta, para o que teve de abrir algumas galerias subterraneas.

Com esses recursos poude a capital esperar, sem grande sacrificio, pela terminação da obra, o que só se conseguiu em 1880, sendo a sua inauguração solemne no dia 3 de outubro. A partir de então, os habitantes de Lisboa contaram com mais 30:000 metros cubicos de agua por dia,

INTERIOR DO AQUEDUCTO

quantidade mais do que sufficiente para atender a todas as suas necessidades.

Feito o historico do abastecimento de agua em Lisboa, vamos agora occupar-nos do seu funccionamento.

O distincto engenheiro da Companhia, sr. Borges de Sousa, a quem devemos os elementos indispensaveis á confecção d'este artigo, na excellente memoria que sobre o assumpto em questão enviou á Exposição de Paris de 1900, classifica as aguas com que a Companhia abastece a capital em trez grupos:

1.º — *As aguas baixas, ou orientaes*, que nascem no sopé da collina de S. Jorge.

2.º — *As aguas altas*, conduzidas pelo aqueducto de D. João V.

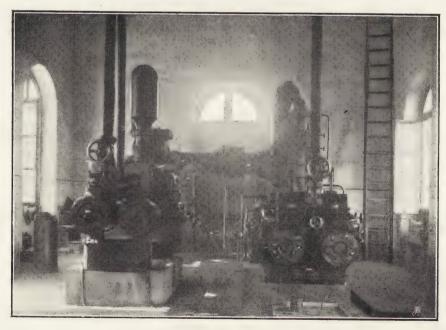
3.º — *As aguas do Alviela.*

AS AGUAS BAIXAS

As nascentes d'este grupo, de que a Companhia tomou posse quando se constituiu, alimentam os chafarizes de Dentro, da Praia, d'El-Rei e os lavadouros de Alfama.

O ESTABELECIMENTO ELEVATORIO E O RESERVATORIO DO ARCO

Distinguem-se estas aguas, sobretudo pela sua elevada temperatura que chega a atingir 34°, supondo-se que devam esta propriedade á sua longa circulação subterranea a uma grande profundidade. De todas as que a Companhia se utilisa, são as *aguas baixas* as mais mineralisadas e, pelas analyses feitas, reconhece-se que a proporção de alguns saes componentes excede os limites tolerados nas boas aguas potaveis. O seu uso, todavia, tem sido inofensivo.

Como já dissemos, tornou-se necessario aproveitar-se, durante os trabalhos de derivação do Alviela, a parte d'estas aguas que se perdia, escoando-se para o Tejo. Mas como ellas nasçam a uma altitude muito baixa, teve-se de as elevar, para o que foi construido o reservatorio da Praia e o respectivo estabe-

INTERIOR DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DO ARCO

lecimento elevatorio. O reservatorio, que tem a capacidade de 969 metros cubicos, communica por uma galeria com o poço d'aspiração das bombas, collocado ao centro do estabelecimento elevatorio. Este comprehende trez corpos:

O da esquerda, contiguo ao reservatorio, contem trez geradores de vapor, de 5 $^1/_2$ atmospheras;

O do centro comporta, no rez do chão, dois grupos de bombas simples, os condensadores das machinas, as bombas que alimentam as caldeiras e os reservatorios de ar nos tubos de aspiração e de esgoto; no primeiro andar, duas machinas a vapor, verticaes, de dois cylindros, accionando cada uma duas bombas collocadas symetricamente em relação ao eixo do balanceiro de transmissão;

O ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

O terceiro destina-se a alojamento do pessoal e a oficina de tubos de chumbo.

As nascentes, convenientemente isoladas, communicam com o estabelecimento elevatorio por um tubo de trez decimetros de diametro e 839 metros de extensão.

Com estes trabalhos gastou a Companhia 80 contos, capital que, póde dizer-se, tem empatado, porquanto, depois de terminada a derivação do Alviela, as *aguas baixas* só entram na distribuição geral rarissimas vezes: quando qualquer acidente faz interromper o serviço no Alviela.

AS AGUAS ALTAS

As *aguas altas* são as conduzidas pelo aqueducto de D. João v, e proveem de 58 nascentes diversas, das quaes as mais importantes são:

1.º — A da «Agua Livre», que determinou a construcção do aqueducto. Brota no vale de Carenque, a 172 metros de altitude, e tem a temperatura constante de 20º.

2.º — O grupo das que brotam na região superior do mesmo vale, que se estende até aos arredores de Caneças. Um systema de galerias condul-as ao aqueducto denominado «de Caneças» que, por seu turno, as leva ao aqueducto principal, á altitude de 161 metros.

3.º — As que nascem nos vales da Matta, de Brouco e de Lobos, e as que se obtiveram pela drenagem do sub-solo d'estes dois ultimos vales e do de Figueira. Todas ellas, estão encanadas para o aqueducto chamado «da Matta» que as conduz ao de D. João v, a 159 metros de altitude.

4.º — A de S. Braz, que brota cerca da Porcalhota.

5.º — O grupo das que teem a sua origem na região superior da bacia hydrographica de Algés e são levadas ao aqueducto principal pelo das Francezas.

Estas aguas são consideradas potaveis de boa qualidade e a sua temperatura varia entre 14º,6 e 20º. O seu volume total é muito variavel, segundo as estações, atingindo 25:500 metros cubicos por dia, durante a epocha das chuvas, e apenas 2:500 no verão.

Tendo dito rapidamente o que são as *aguas altas*, cumpre-nos agora referir ao aqueducto que as conduz a Lisboa, o celebre aqueducto de D. João v. Parte elle, como já dissemos, da nascente da «Agua Livre», á altitude de 172 metros, chegando a Lisboa á de 94^m,35. Interiormente, a galeria tem 1^m,56 de largura e 2^m,88 de altura. O chão é ocupado, ao centro, por um caminho que dá passagem aos empregados, e aos lados, por duas caleiras, de fundo semi-circular, com 33 centimetros de

PANORAMA DO RESERVATO

largura, destinadas á conducção da agua, podendo dar passagem a 8:700 metros cubicos por dia. Quando, porém, no inverno, se quer aproveitar todo o producto das nascentes, inutilisa-se a passagem central e a galeria funcciona como canal em toda a sua largura.

Nas 12 depressões de terreno que o aqueducto teve de atravessar foram construidas arcarias, das quaes a mais notavel é a que se eleva sobre o vale de Alcantara. Tem ella 35 arcos, medindo o maior $32^{m},5$ por 62^{m}. Em todo o seu comprimento ha, de cada lado da galeria, uma passagem descoberta de $1^{m},40$ de largura. Os «Arcos das Aguas Livres» constituem assim, um verdadeiro monumento architectonico.

Depois de percorrer $14:104^{m}$, o aqueducto vem terminar no reservatorio das Amoreiras, onde a agua cae em cascata. O reservatorio, que comporta 5:460 metros cubicos de agua, acha-se no interior de um edificio de construcção solidissima, que se eleva até á altura do tecto do aqueducto, e sobre o qual ha um vasto terraço d'onde se disfructa o explendido panorama d'uma grande parte da cidade e do Tejo

Para terminar, devemos dizer que só o Aqueducto das aguas livres importou em cêrca de 5:500 contos, e todos os outros que lhe são subsidiarios, galerias, etc. (construcções feitas pela actual Companhia, ou pelo Estado), em 1:000 contos.

AS AGUAS DO ALVIELA

A nascente do Alviela brota na base d'um alto rochedo, situado 10 kilometros ao norte da villa de Pernes e 2 kilometros a oeste da aldeia de Amiaes de Baixo, precisamente no ponto onde termina a margem esquerda do ribeiro dos Amiaes, que ali tem a sua foz. Como, na ultima parte do seu curso, este ribeiro passa subterraneamente atravez de rochas calcareas apresentando numerosas fendas que communicavam com os reservatorios da nascente, quando se quiz aproveitar as aguas d'esta para o abastecimento da capital, foi preciso, é claro, impedir essa communica-

S EM CAMPO DE OURIQUE

ção, o que se conseguiu tapando todas as fendas e construindo, a partir de certo ponto do subsolo, um solido muro que ficou separando completamente os reservatorios da nascente do leito do ribeiro. Feito isto, construiu-se um outro muro, em prolongamento da margem esquerda do ribeiro e até um pouco mais abaixo da nascente, destinado a evitar que ás aguas d'esta fossem juntar-se as d'aquelle. E como o canal de derivação tem o seu ponto de partida na margem opposta, houve necessidade de levar até lá as aguas captadas da nascente, o que se fez por meio de trez tubos de grande diametro que atravessam o leito do ribeiro, e vão finalisar n'um pequeno compartimento, d'onde as aguas seguem, por um cano de um metro de largura e 37 de comprimento, para uma bacia, que recebe tambem a extremidade de um quarto tubo, vindo directamente da nascente, e que permite a alimentação parcial do canal quando é preciso interromper o funccionamento dos trez outros tubos.

Esta bacia, contigua á casa das comportas de entrada no canal, tem o fundo mais baixo do que os escuadoiros d'aquellas, a fim de poder reter a areia e quaesquer outras materias que a agua traga em suspensão. A partir das comportas, o canal segue, n'um percurso de 114 kilometros, até Lisboa, terminando aqui ao nivel de 31^{m},661, inferior em 22^{m},669 ao da nascente.

Em todo este percurso foi necessario construir, para a passagem do canal, numerosas obras d'arte, entre as quaes : 201 pontes sobre ravinas, vales de pequena profundidade, ou regatos ; 94 tuneis, dos quaes o mais importante é o da Torre Bella, que mede 2:504 metros ; 50 syphões, sobre grandes vales ou profundas depressões de terreno ; e a ponte syphão sobre a ribeira de Sacavem.

Concluidos os trabalhos de derivação do Alviela, que importaram em 3:500 contos, foi necessario construir em Lisboa o reservatorio dos Barbadinhos, com a capacidade de 10:280 metros cubicos, destinado a receber as res-

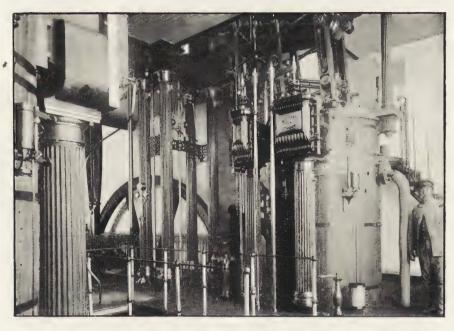
pectivas aguas, assim como o estabelecimento elevatorio do mesmo nome e o do Arco, para as elevarem aos reservatorios das trez zonas de distribuição.

O dos Barbadinhos, separado do reservatorio apenas pelo poço de aspiração das bombas, está montado n'um edificio de dois corpos, expressamente construido para esse fim. O primeiro, de 30 metros de comprimento por 11 de largura e 19 de altura, contem, no rez-do-chão, as bombas, e os reservatorios de ar de aspiração e de descarga; o andar superior é occupado pela sala das machinas. No segundo corpo, de 25 metros de comprimento, por 21 de largura e 9 de altura está alojada a bateria dos geradores de vapor e o deposito de carvão.

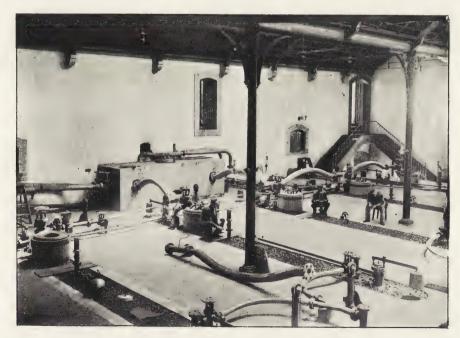
As caldeiras são cinco, dando cada uma cinco kilogrammas de pressão effectiva. O vapor que ellas produzem vae para um reservatorio commum, d'onde é distribuido pelas machinas. Estas, em numero de quatro, todas do mesmo typo, são verticaes, de balanceiro, com dois cylindros, camisa de vapor e expansão variavel. Cada uma d'ellas actua duas bombas verticaes, simples, collocadas symetricamente em relação ao eixo de rotação do balanceiro.

A machina n.º 3 faz apenas o serviço da pequena elevação, para a zona baixa, lançando no respectivo reservatorio 176 litros por segundo, o que representa um trabalho util de 100 cavallos vapor. As n.ºs 1 e 2, especialmente destinadas ao serviço da zona média, produzem cada uma o trabalho de 104 cavallos, sendo a quantidade da agua elevada 107 litros por segundo. A n.º 4 póde fazer indiferentemente os dois serviços: eleva 139 litros para a zona baixa e 117 para a zona média

A CASA DAS MACHINAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

Os canos de descarga teem 61 centimetros de diametro. O que serve a zona baixa, isto é, que vae alimentar o reservatorio da Veronica, mede 971 metros de comprimento. O que serve a zona média não se liga directamente com o reservatorio respectivo: depois de um percurso de 1:399 metros, finalisa n'uma cisterna de 60 metros cubicos de capacidade, situada no largo do Monte, d'onde a agua segue, por um syphão de 2:694 metros, para o reservatorio do Arco e, por uma ramifica-

UMA DAS MACHINAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

ção d'aquelle, de 470 metros, para o reservatorio de Campo d'Ourique.

Junto do reservatorio do Arco está installado o estabelecimento de elevação para a zona alta. Duas bombas a vapor, duplex, uma principal e outra auxiliar, servidas por duas caldeiras multitubulares, elevam a agua para um dos compartimentos do reservatorio, e impelem a, por um tubo de 50 centimetros de diametro e 992 metros de comprimento, para o

AS CALDEIRAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

TYPOS DE CONTADORES ACTUALMENTE EM SERVIÇO

reservatorio mais alto da cidade: o do Pombal, que está a 118^{m},5 acima do nivel do mar. Cada caldeira, dando 8 kilogrammas de pressão effectiva, vaporisa, em marcha normal, 600 kilogrammas de agua por hora. A machina principal é de triple expansão, com condensadores de superficie, fazendo elevar 120 litros de agua por segundo, á altura média de 26 metros. A machina secundaria, de escape livre, serve apenas nas ocasiões em que a primeira não póde funccionar e produz metade do trabalho d'esta.

O reservatorio dos Barbadinhos e os estabelecimentos elevatorios do mesmo nome e do Arco importaram em 350 contos, numeros redondos.

A DISTRIBUIÇÃO DAS AGUAS

Como acima dissémos, a distribuição das aguas na capital faz-se em trez zonas separadas, com reservatorios e canalisação distinctos, o que teve de adoptar-se em virtude de o solo ser muito acidentado, não ser conveniente sugeitar a canalisação dos bairros baixos a grandes pressões e haver necessidade de elevar-se mechanicamente a agua do Alviela.

O abastecimento da zona alta faz-se quasi todo por intermedio do reservatorio do Pombal, que é alimentado com as aguas conduzidas pelo syphão da Porcalhota e pelas que o estabelecimento elevatorio do Arco lhe envia

A CASA DA «CHEGADA DAS AGUAS» NOS BARBADINHOS

do reservatorio homonymo. Por meio de um syphão duplo, communica aquelle reservatorio com o seu auxiliar da Penha — uma cisterna de um antigo convento, adaptada convenientemente, e que serve para a distribuição da agua na parte oriental da cidade.

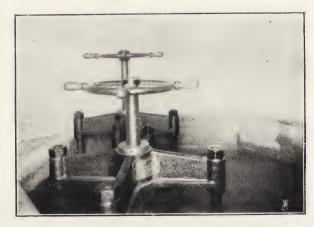
A zona média depende do reservatorio do Arco, alimentado pelas *aguas altas* ou, como já está dito, pelas que lhe enviam as machinas dos Barbadinhos.

A zona baixa dispõe de trez reservatorios: o da Veronica, o da Patriarchal e o das Amoreiras. Este ultimo não está ligado directamente á canalisação inferior, podendo só auxiliar a distribuição por intermedio do da Patriarchal; como, alem d'isso, o seu continuo funccionamento saía muito dispendioso, conserva-se normalmente fechado, servindo apenas em circumstancias excepcionaes Assim, o serviço da zona baixa é feito usualmente pelos outros dois, ligados entre si por um syphão, mas, sobretudo, pelo primeiro, alimentado com as aguas do Alviela, vindas dos Barbadinhos, e as *aguas baixas*, vindas por intermedio do estabelecimento elevatorio da Praia. Quando abundam as *aguas altas*, ou se interrompe o serviço do canal do Alviela, assume então o principal papel o reservatorio da Patriarchal, recebendo as aguas do aqueducto de D. João v, ou as dos reservatorios do Arco, das Amoreiras e de Campo de Ourique, com os quaes tem uma communicação especial. Este ultimo é quasi exclusivamente destinado a suprir a falta d'agua resultante da paragem forçada das machinas elevatorias dos Barbadinhos. Tendo a capacidade de 121:800 metros cubicos, e recebendo indiferentemente as *aguas altas* ou as do Alviela, póde, só por si, abastecer a capital durante quatro dias, alimentando a zona baixa por intermedio do reservatorio da Patriarchal, a zona média directamente, e a zona alta por meio do do Pombal, com o auxilio das bombas elevatorias do Arco. Todos estes reservatorios de distribuição e as suas repectivas canalisações importaram em cêrca de 500 contos de réis.

Cada um d'elles communica directamente com a rêde geral da canalisação de cada zona, da qual partem as ramificações que vão levar a agua aos edificios, fontes publicas, bocas de incendio, etc.

UM POUCO DE ESTATISTICA

Para se avaliar o extraordinario augmento do consumo que tem tido a agua em Lisboa, basta citar os seguintes numeros:

Em 1869, um anno depois da sua constituição, a Companhia tinha 976 consumidores particulares; em 1875, 10:951; em 1885, 30:749; em 1895, 41:316 e em 1905, 52:974. A agua por elles gasta foi respectivamente, 68:277 metros cubicos, pelos primeiros; 424:141, pelos segundos; 1.430:698, pelos terceiros; 1.493:260, pelos quartos e 2.618:674, pelos ultimos.

INTERIOR DA CASA DA «CHEGADA DAS AGUAS»

Alem d'este consumo, a Companhia tem de prover tambem ao de:

38 chafarizes, para alimentação do publico;

6 marcos fontenarios-bebedouros, collocados a expensas da Sociedade Protectora dos Animaes;

41 marcos-fontenarios, para uso dos transeuntes;

199 urinoes;

9 fontes decorativas nas praças publicas e avenidas;

1436 bocas de incendio, collocadas nos passeios das ruas e que servem tambem para a rega das mesmas;

24 jardins publicos;

9 lavadouros;

22 retretes publicas;

2 cemiterios;

31 estabelecimentos municipaes: repartições, escolas, azylos, mercados, bibliothecas, matadouro, quarteis de bombeiros, etc.;

396 estabelecimentos do Estado: ministerios, escolas, hospitaes, quarteis, prisões, etc.

Assim, o consumo total util, em 1905, foi de 11.912:762 metros cubicos.

Clichés de A. Lima.

Pelo seu contracto com o governo, a Companhia obrigou-se a fornecer gratuitamente ao Estado e ao Municipio a terça parte da agua de que dispõe; mas como essa quantidade não basta para atender ás necessidades publicas, o governo e a camara municipal pagam o excesso, mas por um preço mais baixo do que os consumidores particulares. No anno preterito o excesso pago pelo primeiro importou em 150.000$000 réis e pela segunda em 179.942$450 réis.

Até 31 de dezembro de 1905, as despezas extraordinarias da Companhia elevavam-se a 6.329:655$609 réis. As despezas ordinarias no anno preterito foram de 492:555$619 réis e as receitas de 827:144$711 réis.

Provam estes numeros que, descontando mesmo os gastos com a amortisação do capital empregado, a situação da Companhia é bastante prospera, o que dá direito ao publico a alimentar a esperança de que n'um breve praso a agua lhe seja fornecida por um preço inferior ao actual — que é bastante elevado, atendendo ás exigencias cada vez maiores da hygiene moderna.

O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque

NA INTIMIDADE

É na intimidade que melhor se conhecem os homens. O dictado «não ha homem grande para o seu creado de quarto», foi decerto inventado por quem servia um mediocre com prosapias de grandeza.

Não ha como a intimidade, em que se não afivelam mascaras, em que se não assumem attitudes posticas, em que se não pretende armar ao effeito, para se surprehender a cada instante os thesouros nativos da bondade, do caracter e da intelligencia dos que são verdadeiramente possuidores d'esses dons.

Mesmo para os homens que, como Luiz d'Almeida e Albuquerque, aborrecem todas as exteriorisações, e em toda a parte se apresentam tal como são, mesmo para esses, a luz da intimidade é a que põe em maior e mais nitido relevo as qualidades e as linhas da sua physionomia moral, que é a mais digna de analyse e de apreço em todas as individualidades. Foi sobretudo nos ultimos annos da sua vida, em que, arredado das luctas e trabalhos que haviam agitado o homem publico e o jornalista, passara a sentir em volta de si uma grande pacificação serena, dourada por uma rara e admiravel dedicação de filha, foi n'esses ultimos annos que melhor se accentuáram as suas qualidades, na livre expansão do que n'ellas havia de realmente sympathico e bom.

CASA ONDE NASCEU O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE EM SERPA

Os seus livros, que foram a paixão de toda a sua vida; os estudos que eram o seu unico entretenimento; os seus escriptos, quer sobre as sciencias que versava na sua cadeira de economia politica, quer para a imprensa, d'onde ficara com o habito de fallar ao publico, em effusiva communhão de ideias e sentimentos; as suas filhas, muito principalmente aquella que durante os ultimos 25 annos lhe consagrara toda a sua vida, e a quem dias antes de morrer dizia ser-lhe «indispensavel como o ar que respirava»; os seus netos, principalmente aquelles que tomara mais directamente a seu cargo, dirigindo-os, educando-os, vigiando-lhes os estudos e dando-lhes, a um, posição social, e a outra, um curso d'arte de que é solicita e intelligente cultora; os seus amigos, raros mas fieis, que até final o foram procurar ao seu retiro de Belver, — taes foram as predilecções d'aquelle coração e d'aquella intelligencia, que entre o amor pela cultura do espirito e o amor pela familia, dividiu as attenções, e viveu satisfeito alegre, de uma alegria communicativa e sã, que n'aquella physionomia de velho octogenario, sempre bem disposto e sadio, representava como que uma perenne aurora espiritual por entre os nimbos crepusculares da vida que ia chegando ao seu termo.

Até aos ultimos instantes, irradiaram na sua palavra as scintil-

lações d'uma graça exhuberante, que já fizera epocha em Coimbra, nos bancos das escolas e no turbilhão academico, onde só se destacam as individualidades bem accentuadas.

Não ha ninguem que o conhecesse que não repita os ditos e as graças de Luiz d'Almeida e Albuquerque.

A redacção do *Jornal do Commercio*, por elle fundada e por elle durante 30 annos dirigida, era n'esse tempo o centro de reunião dos homens mais eminentes do paiz, nas lettras e na politica. N'elle collaboraram todos, e d'alli sahiram alguns para os bancos do governo.

Havia um, mais tarde alta summidade politica, que não sabia escrever artigos sem os rechear de citações de auctores; ás vezes, a proposito das cousas mais insignificantes, era: — segundo Kant, segundo Machiavello, segundo Rosseau...

Uma vez, em pleno conclave de redactores, o nosso homem leu pomposamente o seu artigo. A cada instante ouvia-se:

— Segundo este... Segundo aquelle... Segundo aquell'outro...

Quando terminou, Luiz d'Almeida poz-se a troçar da abundancia das citações. O sabio jornalista não gostou. Travou-se discussão. Luiz d'Almeida, que era um argumentador arguto, levava constantemente á parede o adversario. Este, perdendo por fim as estribeiras, saiu-se com esta:

— Sabes que mais? és um tolo!

— Sim, retorquiu serenamente Luiz d'Almeida; sou um tolo; — mas, olha lá, segundo quem?

Imagine-se o exito d'este *coup de Jarnac*, da mais genuina e espontanea graça!

Uma outra vez, havia jantar de festa em casa de Luiz d'Almeida e Albuquerque, pelo seu anniversario; reuniram-se a familia e alguns amigos mais intimos. Uma d'essas philarmonicas que se occupam em ir cumprimentar pessoas por occasiões festivas, á caça de esportulas, soube do caso; e ao meio do jantar ouviu-se de repente, com extranheza de todos, romper no pateo o hymno da Carta. Quando este terminou, appareceu um creado apresentando n'uma bandeja um bilhete que dizia:

— *Fulano de tal, Director da Philarmonica tal, cumprimenta V. Ex.ª pelo seu anniversario natalicio.*

Luis d'Almeida endireitou os oculos, leu alto o bilhete, e entregando-o ao creado, respondeu muito serio:

— Dize a esse senhor que lhe fico muito obrigado, e que quando elle fizer annos lá irei tambem tocar-lhe á porta.

Era uma veia inexgotavel! E com a enorme quantidade de anecdotas e factos que armazenava na cabeça, fazia a delicia e o encanto de quantos o ouviam.

Sobrava-lhe o tempo para tudo. Levantava-se geralmento antes do sol; e, em seguida a um banho frio, punha-se a ler ou a escrever, até sair para a aula, que era sempre ás 8 da manhã, não faltando nunca, quer chovesse, quer ventasse, — ou até ao almoço, pelas 10 horas, á antiga

RETRATO DO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
Gravado por sua neta D. Magdalena d'Albuquerque Gusmão.

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
E SUA FILHA
D. LUIZA D'ALBUQUERQUE

portugueza. Em seguida, ou continuava trabalhando em casa, ou sahia para as suas multiplas occupações; e estas, apesar de bastantes para lhe absorver as attenções e a paciencia, davam-lhe azo para se occupar do ensino dos netos ou das creanças do seu conhecimento, para fazer versos engraçadissimos, para tractar dos negocios dos amigos, para se interessar pelos pobres e desvalidos, e para todas as noites dedicar umas horas ao casino em familia, paixão dos seus ultimos annos, mas sob color de querer entreter... os outros. Lá lhe parecia que era occupação pouco á altura de quem, emquanto se lhe não enfraqueceu a vista, até as horas nocturnas votara á leitura e ao estudo.

*
* *

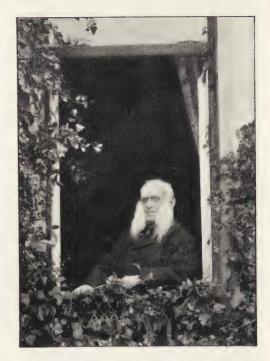
Entre a curiosa serie de illustrações d'este artigo vae a reproducção de um primoroso retrato de Luiz d'Almeida e Albuquerque, gravado pela sua neta D. Magdalena d'Albuquerque Gusmão, distincta alumna de gravura na Escola das Bellas Artes de Lisboa, que ao reproduzir a physionomia d'aquelle tão querido ente, poz n'elle toda a sua saudade e toda a sua emoção de artista. E' o primeiro trabalho, em gravura, d'esta senhora que apparece em publico, cumprindo aos *Serões* agradecer a honra da primicia.

Tocante é o quadro que reproduzimos representando Luiz d'Almeida e Albuquerque a ensinar o portuguez a uma sua amiguinha allemã, *frauleine* Adrianna von Brancas, no seu quarto em S. João do Estoril, — tão tocante que a mãe d'esta menina o quiz fixar n'um *kodak*.

O tinteiro que a nossa gravura representa, artistico trabalho da ourivesaria Leitão, foi

AURORA E OCCASO

O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque e a sua primeira bisneta Aline, filha de D. Valentina Gusmão Amaral. Elle com 80 annos de edade e ella com 19 mezes.

QUARTO DO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE NA SUA HABITAÇÃO EM S. JOÃO DO ESTORIL, CHALET ANCORA

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE A JANELLA ENRAMADA DA SUA SALA DA CASA DA RUA DE BELVER

offerecido em 1894 pelo corpo docente da Escola Polytechnica ao seu director quando este completou n'aquelle instituto 50 annos de professor. É em forma de meia esphera, em prata cinzelada, estylo D. João v, todo recamado de ornatos e flores. Na frente um escudo com concha e rocagens, e a gravura 1844 a 1894. Na tampa, redonda, no seu maior bojo, uma cercadura de ornatos, tendo a parte de cima, lisa, reservada a receber o monogramma gravado L. A. A placa lisa do fundo tem os seguintes dizeres gravados:

A
LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
DIRECTOR DA ESCOLA POLYTECHNICA
LEMBRANÇA AFFECTUOSA DOS SEUS COLLEGAS
AO TERMINAR O SEU 50.º ANNO DE PROFESSORADO

Segue-se a assignatura de todos os lentes da Escola n'aquella data.

As outras illustrações d'este ligeiro artigo consagrado á memoria do illustre professor,— que foi uma figura de tanto relevo no nosso meio intellectual, mas que hoje encaramos apenas no seu meio intimo, onde foi mais caracteristica a sua individualidade —, mostram-nos a casa onde elle nasceu em Serpa, na antiga rua das Capellinhas, hoje honrada com o seu nome desde os seus 80 annos e o quarto onde falleceu

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE E FRAULEINE ADRIENNE VON BRANCAS NA LIÇÃO DE PORTUGUEZ. *(Kodak de Madame Brancas).*

na rua de Belver; representam-no á janella enramada de verdura da sua salla de Lisboa; no seu interessante quarto, olhando para o mar, em S. João do Estoril, onde ha dois annos o foi cumprimentar, pelos seus 60 annos de professorado, o corpo docente da Escola Polytechnica, e em diversas outras scenas familiares, que mostram como elle era o centro e a alma de sua familia. Vemol-o n'um grupo com uma das suas filhas, uma neta e um bisneto, quatro

ouviria que os prazeres
que alegram minha velhice
são o carinho ineffavel
da tua santa meiguice.

Ouviria que se a vida
me corre sem amargura,
é que vela sobre mim
tua incessante ternura.

QUARTO ONDE FALLECEU O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE NA SUA CASA DA RUA DE BELVER, EM LISBOA

gerações reunidas; vemol-o, — occaso e aurora! — dando a mão a sua primeira bisneta elle com 80 annos, ella com 19 mezes; vemol-o abraçado pela filha que era a sua companheira desvelada, e de quem elle dizia pouco antes do termo da sua vida:

Se, em vez de só palpitar,
o meu coração fallasse,
e, repousando em meu peito,
teu coração o escutasse,

É isto um indiscreto levantar de cortina que nos deixa ver Luiz de Almeida e Albuquerque na intimidade do seu lar, aconchegado, querido, amimado por todos que o constituiam, e para quem elle era o enlevo, o estimulo e o orgulho legitimo.

As nossas gravuras representam tambem as suas duas casas, uma propria, em Collares, onde costumava passar o verão, e outra, a de S. João do Estoril, *chalet Ancora*, onde ia passar temporadas durante o anno, nos ultimos tempos. Da primeira deixou entre os seus papeis a se-

QUATRO GERAÇÕES
O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, sua filha D. Heloisa de Albuquerque Masiotti; sua neta D. Maria do Carmo Masiotti França, e seu bisneto Antonio França.

guinte descripção que reproduzimos, para mostrar o amor e a poesia com que elle se prendia ás cousas que o rodeavam:

«Quasi no sopé de um monte de suave pendor, debruçado sobre o vale onde serpeia a ribeira da *Varzea*, levanta-se a minha modesta habitação.

Das janellas que olham para o *N.* alargão-se as vistas sobre um vasto espaço que, descendo até o fundo do vale, d'ahi ascende e se dilata pelo lado opposto, quasi insensivelmente, até findar no longiquo horisonte, defendido pela linha ondeada de uma serra que de Cintra corre até ir findar, formando a costa aspera e escarpada, junto á Praia das Maçãs.

Forma este immenso espaço, como que um oceano de verdura, não de superficie plana e uniforme, mas cahindo ou elevando-se conforme se ajusta ás desigualdades do terreno, que ora surge ora se abate, em continuadas dobras.

Ali se distinguem as variegadas côres, desde o verde escuro dos tristes pinheiraes, até o verde alegre e claro do canavial, que cerca a espaços os vinhedos.

A linha esguia dos chopos vae marcando a margem da ribeira, e os pomares de todos os fructos matisam boa parte deste tão variado quadro.

Alvejam, emergindo dentre o arvoredo, aqui e ali, pequenos agrupamentos de modestas habitações ruraes, e alguns graciosos e modernos *chalets*, e, cortando a linha extrema e afastada do horisonte, avultam trez moinhos de vento.

Um muro espesso de folhagem perenne emoldura a minha casa por trez lados, deixando-a assente entre um nicho de arvoredo. Um sentimento de suave repouso é acalentado, n'esta socegada vivenda, pelo afastamento do povoado. Aqui, quando esmorece o romorejar das arvores, sôa apenas o canto do gallo vigilante, ou o chiar do carro occupado na labutação rural.

«*Deus nobis haec otia fecit*». Aqui vivo feliz. Para aqui me guiou a mão benigna de Deus, no declinar da vida; e hoje, na fraqueza da velhice, aqui passo dias consoladores, em que nem o horario, nem os silvos da machina me annunciam a chegada, — que não pode demorar-se — á estação *terminus*.

CASA EM S. JOÃO DO ESTORIL
Chalet Ancora

CASA EM COLLARES
De um desenho feito por sua neta

Neste florir e fresco verdejar da minha velhice, obrão, não só a solida constituição de resistencia physica de que me dotou a natureza, mas os incessantes disvelos que me cercão e me alentão, prevenindo, até as mais ligeiras exigencias, promovendo todos os confortos, e aquecendo-me a existencia d'aquelle sancto calor do affecto que brota do coração desinteressado e puro.»

Como se vê, encontrara Luiz d'Almeida e Albuquerque, no ultimo quartel da sua vida, aquella felicidade tão apetecida, mas por tão pouco achada, e sabida cultivar, — a alegria serena do lar!

A sua casa de Lisboa é pegada com a da redacção e typographia do *Jornal do Commercio*, de tão prestigiosas tradições. Como a de Collares mereceu-lhe longos annos de disvelo.

Do que elle foi como fundador d'este jornal, como jornalista, como professor, como homem publico, disse-o a imprensa, em unanime consagração, quando foi da sua morte; nós, dando aqui uma pallida ideia do que era o seu viver em familia, decerto lhe prestamos uma homenagem que, na modestia d'aquelle espirito seria — se elle ainda podesse assistir a ella, — de todas a mais agradavel e melhor acceite.

TINTEIRO OFFERECIDO AO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE, DIRECTOR DA ESCOLA POLYTECHNICA, EM 1894, PELO CORPO DOCENTE D'AQUELLA ESCOLA

Suprema realidade

(Ao sr. Maximiliano d'Azevedo)

Amortalhada! Rigida! Abraçada
Por quatro taboas... — Rio-me e supponho,
Que tudo aquillo é apenas mais um sonho
D'esta pobre cabeça fatigada...

Faltou-me não sei quê do que eu vivia.
A' tarde, ao som da musica do vento,
Entre graves senhores, em passo lento,
Meu triste corpo um funeral seguia.

Julgam-me doido, inspiro dó; notei
Isso; que importa?... é o sonho que persiste
Porque isto é um sonho, e o sonho, não existe,
E eu não devo chorar!... E não chorei.

Mas, se fosse ella, pensei eu, a Querida!
E, por instantes, tive que parar...
Faltou-me não sei quê, talvez o ar,
O ar... uma cousa semelhante á vida!

— Não sei que amor perdi... custa-nos tanto
Acreditar que nos morreu alguem
Que amámos muito, noiva, irmã ou mãe!
A tarde é que chorou todo o meu pranto. —

Ella!? Impossivel! O exiguo vão
De quatro taboas por eterno leito!?
Podia lá caber n'esse caixão
O que não coube nunca no meu peito!?

Ser este o seu enterro e estar o ceo
Tão negro, e o meu espirito tranquillo!?
E então sorri e pensei... pensei... n'aquillo...
N'aquillo... que de todo me esqueceu...

Mas eu vi-lhe marmorea a fronte pura,
Singrada de uma lagrima... Sentia-a
Inerme. — E a lagrima bebi-a
Como quem bebe um trago de loucura!

Não sei que amor perdi... custa-nos tanto
Acreditar que nos morreu alguem
Que amámos muito, noiva, irmã ou mãe!
— A tarde é que chorou todo o meu pranto. —

Descerram-lhe o caixão. Estou a vel-a...
N'isto uma voz: — Permitte uma pergunta?
Era o senhor o noivo da defuncta?
E eu nada respondi a olhar p'ra Ella...

E a voz continuou, pausadamente:
— De extranha formosura ali está o resto...
E dizer que o coveiro faz um gesto,
E outro, e outro, e a occulta eternamente!...

...Mas a primeira pá, fria e pesada
De torrões negros despejou-se; e n'isto
É que todo o meu ser exclamou: Existo!
Emfim, sentira a alma sepultada...

Depois... Depois... Recordo-me; corri
A terra a procurar-me e ainda prosigo.
Nunca mais poude estar a sós comigo,
Nem recuperar a alma que perdi...

1905

JOÃO GOUVEIA.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XVI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro.

CAPITULO XVII

A primeira experiencia

De novo Benita e seu pae se encararam perplexos, quasi desesperados. Estavam colhidos na ratoeira e privados de todo o soccorro; no poder de um homem a caminho da loucura. Clifford calou-se.

Estava velho e debilitado. Annos e annos, sem elle dar por tal, Meyer havia-o dominado, e nunca fôra maior esse ascendente do que n'essa hora de angustia e de perplexidade. Alem do que, esse homem ameaçara matal-o, e elle tinha medo, não tanto por si como por sua filha.

Se elle tivesse de morrer, que havia de ser d'ella, desamparada e sósinha com Jacob Meyer? A comprehensão tardia da sua loucura enchia-o de vergonha. Como tinha chegado a sua ruindade a ponto de metter uma rapariga n'uma aventura d'estas, em companhia de um

judeu sem escrupulos, de cujo passado elle nada sabia, a não ser que era equivoco e sombrio? Commettera um crime gravissimo, estimulado pela ancia do lucro, e o remorso paralysava-lhe a lingua e cerrava-lhe os labios; não sabia que dizer.

Por um momento se manteve egualmente Benita em silencio. Dentro d'ella desvanecera-se toda a esperança. Mas, como mulher intrepida que era, a coragem foi-lhe voltando gradualmente. A indignação, que lhe refervia no intimo, reverberava-lhe nos olhos negros. Virou-se de repente para Jacob, que se conservava sentado em frente d'elles, fumando o seu cachimbo e gozando a turvação dos companheiros.

— Pois atreve-se?... — perguntou ella em voz surda e concentrada — Atreve-se?... Cobarde!

Elle encolheu-se um pouco perante a colera e o desdem de Benita, depois pareceu cobrar animo e assumir uma attitude resoluta, como se sentisse imminente uma tremenda lucta, de cujo resultado tudo dependesse.

— Não se irrite comigo — redarguiu elle — Não posso supportar-lhe a colera. Ah! não imagina que mal me faz! Pois bem! Deixe-me dizer-lhe tudo, e deante de seu pae, que é mais digno assim. Atrevo-me, sim! atrevo-me... por sua causa.

— Por minha causa? Que beneficio me traz o ficar engaiolada n'este sitio horrendo, e na sua companhia? Preferia confiar-me aos makalangas, até mesmo — accrescentou ella com acerbo desprezo — até mesmo a esses sangrentos matabeles.

— Ainda não ha muito que fugiu d'elles a toda a pressa, Miss Clifford. Não me quer entender. Quando eu disse que era por sua causa, era por minha causa que eu queria dizer. Ora veja. Miss Clifford tentou outro dia apartar-se de mim, e baldou-se-lhe o intento. Para a outra vez podia ser mais feliz, e então que seria de mim?

— Isso não sei eu, sr. Meyer — e os seus olhos accrescentavam — nem me importa.

— Ah! mas sei eu! Da ultima vez ia-me quasi endoidecendo; para a outra vez fico doido de todo.

— Porque o sr. Meyer suppõe que por minha intervenção é que ha de achar esse thesouro com que sonha noite e dia...

— Tal qual — interrompeu elle com precipitação — Porque creio que em Miss Clifford hei de eu achar o thesouro com que sonho dia e noite, e porque esse thesouro se tornou necessario á minha vida.

Benita voltou-se promptamente para seu pae, que estava surprehendido com estas palavras, mas, sem dar tempo a qualquer d'elles para pronunciar uma palavra, Jacob passou a mão pela testa com ar esgazeado, e disse:

— Eu fallava mas era de...sim, do thesouro, d'esse incalculavel thesouro de ouro puro que está tão profundamente occulto, que tanto custa a descobrir e a empolgar, esse thesouro por emquanto inutil que tamanha alegria e gloria nos traria a nós ambos, se acaso o pudessemos haver ás mãos, e contal-o, e recontal-o, peça por peça, moeda por moeda, por essa vida fora.

Calou-se de novo, e depois proseguiu:

— É isso, Miss Clifford, tem toda a razão; foi por isso que me atrevi a fazel-a prisioneira, porque, como diz o velho molemo, o thesouro é seu e eu desejo alcançar o meu quinhão. Ora esse thesouro parece que não nos é possivel dar com elle, não é assim? apezar do penoso trabalho que tenho tido.

E olhou para as proprias mãos, delgadas, cheias de cicatrizes.

— É exacto, sr. Meyer. E' inutil procurar mais. Por isso, o melhor é deixar-nos ir para baixo, para a companhia dos makalangas.

— Mas é que ainda ha um meio, Miss Clifford, ainda ha um meio. Bem sabe onde está mettido o thesouro, e pode dizer-m'o.

— Se eu soubesse, dizia-lh'o logo, sr. Meyer, e n'esse caso podia apossar-se d'elle á vontade, e a nossa sociedade ficava dissolvida.

— Isso é que não, emquanto não o repartirmos onça por onça e moeda por moeda. Mas primeiro... primeiro ha de dizer-me onde elle está, conforme declarou e como pode.

— Essa agora, sr. Meyer! Eu não tenho pretenções a feiticeira.

— Mas é-o com effeito. Eu lhe direi como, em vista da sua promessa. Escutem-me ambos com attenção. Eu estudei muito. Conheço um grande numero de segredos, e no seu rosto leio que Miss Clifford possue o dom... Deixe-me fitar-lhe bem os olhos uns instantes, e Miss Clifford adormecerá mansamente e depois no seu somno, que nenhum damno lhe fará, ha de ver onde está escondido esse ouro, e dar-nos-ha parte do que vir.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Benita espantada.

«ACABE COM ESSA LOUCURA» DISSE ELLA

— O que elle quer dizer, bem sei eu — atalhou Clifford — Quer dizer que pretende hypnotisar-te, como fez ao chefe zulu.

Benita abriu a bocca para falar, mas Meyer disse promptamente:

— Espere! Ouça-me primeiro, antes de recusar. Miss Clifford possue o dom, o precioso dom de dupla vista, que tão raro é.

— Como sabe isso, sr. Meyer? Nunca em minha vida fui hypnotisada.

— Como sei, não importa. O que é certo é que sei. Tive a certeza logo da primeira vez que nos encontrámos, n'aquella noite, á beira do precipicio. Embora talvez n'essa occasião Miss Clifford nada sentisse, foi esse seu dom que fez vibrar o meu espirito e me conduziu alli, a tempo de os salvar, assim como foi elle que a avisou do desastre impendente sobre o navio... Sim, foi dos seus labios mesmo que ouvi essa historia. O seu espirito tem o poder de se soltar do corpo, de ver o passado e o futuro, de descobrir as cousas occultas

— Não creio em tal — respondeu Benita — mas em todo o caso não será o sr. Meyer que ha de soltal-o.

— Hei de, sim! — exclamou elle apaixonadamente, com os olhos a lampejarem sobre ella — Ah! isto tudo previa eu! Foi por isso que me determinei a trazel-a comnosco, para que, no caso que outros meios falhassem, pudessemos ter o seu poder como ultimo recurso. Todos falharam, com effeito. Não me faltou a paciencia, nada disse, mas agora não ha outro remedio. Pois será tão egoista, tão cruel, que se negue á experiencia, podendo enriquecer-nos dentro de uma hora, sem soffrer mal algum, apenas com um somno de instantes?

— Sim! — replicou Benita — Recuso-me a entregar a minha vontade á guarda seja de que homem fôr, e sobretudo nas suas mãos, sr. Meyer.

Elle voltou-se para Clifford com um gesto de desespero.

— Não será capaz de a convencer, Clifford? Ella é sua filha, ha de obedecer-lhe.

— N'esse ponto, não obedeço — disse Benita.

— Não — redarguiu Clifford — Não posso, nem queria, ainda que pudesse. Minha filha tem toda a razão. Alem d'isso, detesto essas manobras com geito de sobrenaturaes. Se não podemos encontrar o thesouro sem recorrer a esse expediente, então o melhor é deixal-o onde está, e acabou-se.

Meyer voltou-se de lado para esconder o rosto; mas logo em seguida olhou de novo para elles, e disse com toda a brandura:

— Tenho de acceitar a sua resposta; mas, quando falou de qualquer homem, Miss Clifford tambem incluia seu pae?

Benita abanou a cabeça negativamente.

— N'esse caso, consente que elle tente hypnotisal-a?

Benita desatou a rir.

— Pois sim, se elle quizer! — respondeu — Não me parece que a experiencia dê grandes resultados.

— Bem! ámanhã veremos. Agora estamos todos nós cançados. Vou pernoitar no meu novo acampamento, junto da muralha — concluiu elle intencionalmente.

*

* *

— Porque estás tu tão renitente contra a experiencia? — perguntou Clifford, apenas elle se afastou.

— Oh! meu pae! — respondeu ella — Pois não vê, não entende? Então, custa-me muito a explicar-lhe, mas não ha remedio. A principio, Meyer não ambicionava senão o thesouro Agora quer mais, quer-me a mim tambem. Eu tenho-lhe odio. Bem sabe que foi por isso que fugi. Mas tenho lido bastante a respeito d'essas materias de hypnotismo, e já assisti a uma ou duas experiencias, e quem sabe? Bastava que uma só vez eu consentisse em que elle me dominasse o espirito, para que, por muito que o deteste, viesse a tornar-me sua escrava.

— Agora entendo — disse Clifford — Maldita ideia minha, de te trazer aqui! Melhor fôra que nunca houvesse tornado a ver-te!

No dia seguinte fez-se a experiencia. Clifford tentou hypnotisar a filha. Toda a manhã, Jacob, que revelava agora conhecimentos praticos d'essa duvidosa arte, procurou instruil-o. No decurso da lição, informou-o que durante um certo tempo, em vista das grandes faculdades que em si reconhecera, fizera uso d'ellas como profissão, abandonando apenas o mister por ter percebido que lhe estragava a saude. Clifford observou que elle nunca lhe havia contado isso.

— Ha muita cousa na minha vida que eu

nunca lhe contei — replicou Jacob com um sorrisinho enigmatico — Por exemplo, uma vez hypnotisei-o eu, sem vossê dar por tal, e por isso é que sempre fez o que eu quiz, a não ser quando tem a sua filha a seu lado, porque a influencia d'ella é mais forte do que a minha.

Clifford encarou-o estarrecido.

— Não admire que Benita não lhe consinta que a hypnotise — disse elle laconicamente.

Foi então que Jacob reconheceu o seu erro.

— Vossê é mais ingenuo do que eu suppunha — disse elle — Era lá possivel que eu o hypnotisasse, sem vossê dar por isso? Eu disse isto a brincar.

— Não percebi que era brincadeira — replicou Clifford pouco satisfeito.

E a lição continuou.

N'essa tarde procedeu-se á prova, mesmo na caverna, onde Meyer parecia suppôr que eram propicias as influencias. Benita, que achava se divertia um pouco com a experiencia, estava sentada nos degraus de pedra abaixo do crucifixo, e havia uma luz accesa em cima do altar e outras duas aos lados d'ella.

Defronte estava seu pae, encarando-a fito e agitando as mãos mysteriosamente, em conformidade com os preceitos de Jacob. Tão ridicula era a sua attitude que Benita tinha grande difficuldade em conservar o seu serio. Era este o unico effeito que n'ella produziam as visagens e gestos de Clifford, embora ella mantivesse sem quebra uma apparencia de solemnidade, e até de quando em quando fechasse os olhos para o animar. Uma das vezes, ao abril-os de novo, percebeu que elle estava esfogueteado e esbaforido, e que Jacob o vigiava com tão desaprazivel pertinacia que ella tornou a fechar os olhos, só para não lhe ver a physionomia.

Foi pouco depois que de repente Benita começou a sentir o que quer que fosse, uma especie de penetrante poder que sobre ella escorria, algo de suave e subtil que parecia invadir-lhe o cerebro como a melopéa plangente com que sua mãe a embalava nos tempos nevoentos da infancia.

Começou a pensar que era um viandante perdido no meio das neves alpinas, envolto na neve que cahia em myriades de flocos, cada um dos quaes parecia ter um nucleo de fogo. Occorreu-lhe em seguida ter ouvido que este somno entre a neve era perigoso, o derradeiro dos somnos, e que as victimas deviam esforçar-se por despertar, aliás morreriam.

Benita despertou ainda a tempo; e ainda a tempo, porque era agora transportada sobre azas de cysnes que pairavam acima de um precipicio, e abaixo d'ella alastravam-se trevas por onde passeiavam vultos obscuros com luzinhas no logar dos corações. Ah! como lhe pesavam as palpebras! Era decerto um peso enorme que as premia, um peso de ouro. Emfim, abriram-se, e Benita viu. Viu que seu pae dera treguas aos seus esforços; esfregava a testa com um lenço vermelho; mas, por detraz d'elle, extendendo os braços inteiriçados, com os olhos rutilantes cravados no rosto d'ella, estava de pé Jacob Meyer. Benita fez um esforço, e ergueu-se sacudindo a cabeça, como um cão ao sahir de agua.

— Acabe com essa loucura — disse ella — Estou maçada.

Lançou mão de uma das candeias e correu precipitadamente para o meio da caverna.

Esperava ella que Jacob Meyer ficaria encolerisado e já se preparava para uma scena. Tal porem não succedeu. D'ahi a um instante approximavam-se os dois, apparentemente empenhados n'uma cavaqueira amigavel.

— Diz Meyer que eu não sou hypnotisador, minha querida — disse Clifford — E eu creio que elle tem toda a razão. Mas o que é certo é que esta brincadeira é de moer uma pessoa. Estou tão esfalfado como de quando nós nos safámos dos matabeles.

Ella riu-se e respondeu:

— A avaliar pelos resultados, concordo com meu pae. Decididamente não tem propensão para o occultismo. O melhor é deixar-se d'isso.

— Então não sentiu nada? — perguntou Meyer.

— Nada absolutamente — respondeu ella olhando-o com fixidez. — Isto é, nada, é inexacto.

Senti-me muito maçada e maguada por ver meu pae a fazer uma figura tão ridicula. Tolices d'estas não ficam bem aos cabellos brancos.

— Não ficam, não! — redarguiu elle. — Concordo comsigo; assim não!

E não se falou mais em tal.

Durante uns poucos de dias, Benita teve o consolo de não ouvir tratar de hypnotismo. Tambem, outra coisa havia que os preoccupava agora. Os matabeles, cançados de vadiar á roda da fortaleza e de cantar interminaveis hymnos de guerra, tinham-se resolvido a um assalto. Do seu miradouro na muralha supe-

rior, podiam os tres europeus vigiar os preparativos dos pretos. Estes cortavam arvores e transportavam-nas de muito longe, afim de construirem escadas toscas; andavam em volta da cerca espias á espreita de um ponto fraco para a defeza. Quando se approximavam demais, os makalangas faziam fogo e matavam alguns; os outros recolhiam-se ao acampamento, que haviam feito n'uma dobra de terreno a pouca distancia. De repente occorreu a Meyer que, apesar de os matabeles estarem alli a salvo das balas makalangas, o acampamento era dominado d'aquella grande eminencia, e, á laia de recreio, tratou de lhes dar cresta. A sua carabina era uma Martini de caça, e não lhe faltavam munições. Alem d'isso, era um atirador emerito, com uma vista penetrante como a do falcão.

Com alguns tiros de experiencia determinou o alcance preciso; andava por setecentos metros. E então, encetou as suas operações. Estendido no cimo da muralha, com a carabina apoiada a uma pedra, esperou que apparecesse a descoberto o homem que andava a superintender a fabrica das escadas, e então, com uma pontaria cuidadosa, fez fogo. O soldado, que era um selvagem de barba branca, deu um pulo para o ar e cahiu para traz, emquanto os companherios levantavam os olhos pasmados, procurando d'onde viria a bala.

— É bonito, não acha? — disse Meyer a Benita, que estava a mirar com um binoculo de campanha.

— Será — respondeu ella. — Mas eu não quero ver mais.

Deu o binoculo a seu pae, e desceu da plataforma.

Mas Meyer ficou, e de quando em quando ella ouvia-lhe as detonações da carabina. Á noite contou-lhe elle que matou seis homens e feriu mais dez, accrescentando que era aquelle o melhor dia de caçada de que em sua vida se podia recordar.

— Mas de que serve isso, sendo elles tantos? — perguntou ella.

— De pouco servirá — respondeu elle. — Mas incommoda-os a elles e diverte-me a mim. Alem d'isso, o nosso ajuste era auxiliarmos os makalangas, caso fossem atacados.

— Creio que o sr. Meyer gosta de matar gente — disse ella.

— Não é coisa que me afflija muito, Miss Clifford, especialmente se tentarem matal-a.

CAPITULO XVIII

A outra Benita

Uma que outra vez, quando não tinha outra cousa a fazer, Jacob entretinha-se no seu tiro aos homens, em que o acompanhava Clifford, embora com menos resultados.

Dentro em pouco se reconheceu com evidencia que os matabeles estavam sendo seriamente incommodados com a fatal certeza d'este tiroteio. Perda de vidas era cousa com que elles em abstracto pouco se importavam, mas como nenhum d'elles sabia quando lhe chegaria a vez de succumbir, sob estes terriveis tiros mergulhantes, o caso assumiu um aspecto differente. Deixarem o acampamento não lhes era facil, visto que tinham feito á roda d'elle uma *boma* de abrolhos, para os proteger caso os makalangas fizessem alguma sortida nocturna; alem do que, não era possivel acharem outro local conveniente. A consequencia d'isto tudo foi precipitarem o assalto, a que procederam, antes de terem aprestadas escadas em numero sufficiente para o tornarem efficaz.

Ao romper d'alva, no terceiro dia que se seguiu áquelle em que Clifford fizera a sua tentativa de hypnotismo, foi Benita despertada por um alarido e tiroteio. Vestiu-se á pressa, correu á luz tibia da madrugada para o ponto de baixo do qual parecia partir o ruido, subiu á muralha e ahi encontrou seu pae e Jacob já sentados, de carabina em punho.

— Os patetas estão a atacar o postigo por onde Miss Clifford sahiu a cavallo, o peior sitio que podiam ter escolhido; apezar de parecer mais fraca a muralha alli — disse Jacob — se os makalangas tiverem um bocado de arranco, devem dar-lhes uma lição mestra.

Surgia n'esse momento o sol, e elles puderam então ver os troços dos matabeles, transportando escadas, avançando na neblina da manhã até se occultarem na ondulação do terreno. Sobre estas companhias romperam fogo os dois brancos, sem que a claridade tibia lhes permitisse apreciar os resultados. D'ahi a um instante, um grande clamor annunciou-lhes que o inimigo alcançara o fosso e que dispunha as escadas. Até esse momento, os makalangas pareciam nada ter feito, mas foi então que começaram a atirar com rapidez de cima dos velhos bastiões que dominavam a entrada onde se concentravam os esforços do *impi*, e

COM ALGUNS TIROS DE EXPERIENCIA DETERMINOU O ALCANCE PRECISO

não tardou que atravez da nevoa espessa se descortinassem matabeles feridos recolhendo a manquejar ou de rastos para o acampamento.

Como já estava mais claro, Jacob não desperdiçou a occasião de ir cevando n'estes os seus appetites sanguinarios.

Entrementes, a velha fortaleza resoava toda com o medonho tumultuar do ataque. Era evidente que os matabeles repetiam a cada passo os seus esforços para escalar a muralha, e que a cada passo eram rechaçados pelo tiroteio persistente das carabinas. De uma vez, pareceu que um alarido triumphal annunciava a sua victoria. O fogo abrandou, e Benita empallideceu de terror.

— Os fracalhões dos makalangas estão a esmorecer — murmurou Clifford, pondo ancioso o ouvido á escuta.

Mas, se assim fôra, depressa lhes voltou o animo, porque o estampido das espingardas recomeçou mais forte e mais pertinaz, e os gritos selvagens de «Mata ! mata ! mata !» foram diminuindo até acabarem de todo. D'ahi a cinco minutos estavam os matabeles em plena retirada, levando comsigo um grande numero de mortos e feridos ás costas ou estendidos nas escadas.

— Os nossos amigos makalangas devem estar-nos gratos por essas cem carabinas — disse Jacob, carregando e disparando rapidamente, arremessando os seus projecteis para os pontos em que a mó de gente era mais espessa — Se não fosse isso, tinham a estas horas as guelas cortadas, porque com as azagaias não seriam elles capazes de conter aquelles selvagens.

— Sim ! e tambem nós as tinhamos antes de anoitecer — disse Benita com um arripio, porque o espectaculo da desesperada refrega e o receio de que acabasse mal tinham-lhe dado um desfallecimento — Graças a Deus que acabou ! Talvez que elles renunciem ao cerco e se vão embora.

Mas, não obstante a sua desastrosa derrota, pois que haviam perdido para cima de cem homens, os matabeles, receiosos de voltar a Buluwayo a não ser como vencedores, não se resolveram á retirada. O que fizeram foi cortar uma porção de caniço e de capim e mudar o acampamento para as margens do rio, em posição tal que não pudessem incommodal-os os tiros dos brancos. Ahi se installaram taciturnos, com a esperança de matar á fome a guarnição ou de achar qualquer outra maneira de entrar na fortaleza.

Ora como Meyer se vira forçado a pôr termo ao tiroteio por falta de alvo humano a que atirasse, visto que o inimigo já não se expunha, tinha de novo lazer para concentrar toda a attenção na procura do thesouro.

Como nada se encontrava dentro da caverna, elle começou as pesquizas no recinto exterior, o qual, como já se disse, estava erriçado de arvores e hervas e atulhado de ruinas. Nas ruinas de mais importancia começaram elles a excavar um pouco á toa, e tiveram a sorte de encontrar uma certa quantidade de ouro em fórma de contas e enfeites, e alguns esqueletos mais. Mas a respeito do thesouro dos portuguezes, nem signal. D'ahi proveiu irem-se de dia a dia tornando mais sorumbaticos, a ponto de por fim mal trocarem entre si umas palavras. Jacob tinha no rosto pintados o despeito e a colera, e Benita estava cheia de desanimo, por lhe parecer impossivel escaparem do carcereiro que em cima os prendia e dos matabeles que em baixo os aguardavam. Tinha alem d'isso outro motivo de anciedade.

A saude de seu pae, ha tanto tempo precaria, peiorou a olhos vistos, dando-lhe de repente um aspecto decrepito. Desamparou-o a força e a energia, e tão repleto de remorsos tinha o espirito, pelo que reputava o crime de ter mettido a filha n'aquelles trabalhos, tão cheio de pavor pela sorte que a ameaçava, que n'esses pensamentos apenas se absorvia. Não fazia outra cousa senão estorcer as mãos e dar gemidos, implorando a Deus e a ella que lhe perdoassem. Tambem cada vez se tornava mais evidente o dominio de Meyer sobre elle. Clifford supplicava-lhe, quasi com lagrimas, que desentaipasse a muralha e os deixasse descer para o meio dos makalangas. Chegou a tentar subornal-o, offereceu todo o seu quinhão no thesouro, se acaso se encontrasse, e, quando isso falhasse, as suas propriedades no Transvaal.

Mas Jacob respondia-lhe apenas com aspereza que se deixasse de asneiras, e que elles tinham de levar a cabo a empreza juntos. Depois afastava-se e ficava a ruminar sósinho, e Benita reparava que elle levava sempre comsigo a carabina e um revolver. Evidentemente receiava que Clifford o apanhasse de surpreza, e por suas mãos fizesse justiça com uma bala á queima-roupa.

Uma cousa comtudo lhe dava a ella um certo allivio : embora a vigiasse de perto, o judeu nunca tentava molestal-a por qualquer fórma

nem mesmo com a continuação dos seus amavios e falas enigmaticas. Gradualmente chegou a crer que tudo isso se lhe varrera do espirito, ou que elle tinha dado de mão ás suas tentativas, por infructiferas.

Passara uma semana sobre o assalto dos matabeles, e nada de novo succedera. Os makalangas não faziam caso d'elles, e Benita nunca dera por qualquer intento do velho molemo para trepar á muralha entaipada ou para de qualquer outra forma communicar com elles; e tão extranho lhe pareceu este facto, em vista da amizade que elle lhe consagrava, que chegou á conclusão de que o velho devia ter morrido por occasião do assalto. O proprio Jacob Meyer tinha-se deixado de cavar mais, e passava dias inteiros sentado a cogitar.

N'essa noite o repasto d'elles foi mesquinho, porque as victualhas iam escasseiando, e tristonho, porque nenhum d'elles dizia palavra. Benita não podia engulir bocado, já lhe fazia engulhos a carne seca, quasi o unico alimento que lhes restava, depois que Jacob entaipara a muralha. Mas por fortuna ainda havia café á farta. Benita bebeu duas chavenas, que Jacob preparou e lhe offereceu com grande polidez. Amargou-lhe o café, mas attribuiu esse amargor á falta de leite e de assucar. Finda a ceia, Meyer levantou-se e fez-lhe um cumprimento, resmoneando que se ia deitar, e d'ahi a minutos Clifford seguiu-lhe o exemplo. Ella acompanhou o pae á cabana por baixo da arvore, ajudou-o a tirar o casaco, operação que a elle lhe custava já a fazer sósinho, deu-lhe as boas noites e voltou para o pé da fogueira.

Solidão e silencio. Não se erguia o mais leve sussurro tanto do acampamento dos matabeles, como do dos makalangas. O luar, muito brilhante, parecia povoar aquelles sitios de sombras fantasticas que pareciam ter vida. Benita desabafou em choro, agora que o pae não podia vêl-a, depois, por seu turno, procurou refugio no seu leito de campanha. Era evidente que se approximava o desenlace, qualquer que fosse, e de pensar n'elle se lhe apertava o coração. Sentia um peso extranho nas palpebras, a tal ponto que, antes de acabar as suas orações, o somno prostrou-a e ella perdeu a noção das cousas.

Se ella se houvesse conservado espertinada, como aliás tantas vezes lhe succedera durante esses dias funestos, por volta da meia noite teria ouvido alguem que pé ante pé se dirigia á barraca, e teria visto o lençol de luar, que a travez da mal cerrada abertura se escoava, cortado pelo vulto de um homem de olhos lampejantes, cujos braços extendidos sobre ella se agitavam mysteriosamente. Mas Benita nada viu nem ouviu. Não percebeu que o seu somno, pesado de um soporifero, se convertia pouco a pouco n'um desfallecimento magico. Não percebeu que se levantava, que se embrulhava na sua capa, que accendia a sua candeia, e que, obedecendo aos acenos d'essa mão, deslisava para fóra da barraca. Não ouviu seu pae sahir estremunhado e tropego da sua choupana, desperto pelo som das passadas, nem as palavras que se trocaram entre elle e Jacob, emquanto elle, de candeia em punho, se erguia no meio dos dois como um espectro inane.

— Se se atreve a acordal-a — sibilou Jacob — affirmo-lhe que ella morrerá, e depois vossê — e apontou para o revolver que tinha á cinta.— Nenhum mal lhe succede, juro ! Siga-me e veja. Esteja calado, homem ; depende d'isso a nossa fortuna.

Então, dominado egualmente pela estranha fereza d'aquella voz e d'aquelle olhar, Clifford seguiu-o.

Dirigiram-se todos para o collo serpenteante da caverna, adeante Jacob caminhando ás arrecuas como um arauto da realeza, em seguida a mesma realeza sob a figura d'essa mulher de cabellos ondeantes e aspecto mortal, envolta n'um manto, segurando na mão a luz, finalmente o velho encanecido, como o Tempo, seguindo ao sepulcro a Formosura. Na grande caverna, desviando-se dos tumulos, do poço e do altar, postaram-se todos sob o crucifixo.

— Sentem-se disse Meyer.

A hypnotisada Benita sentou-se nos degraus aos pés da cruz, collocando a candeia no chão de rocha, em frente de si, e curvando a cabeça até os cabellos descahirem sobre os pés nus e tapal-os. Elle alongou as mãos uns momentos por sobre a cabeça d'ella, perguntando em seguida :

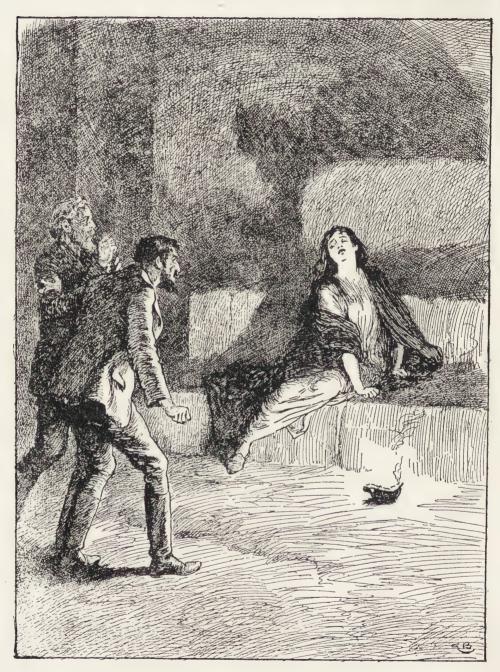
— Dormes ?

— Durmo — respondeu uma voz extranha e compassada.

— O teu espirito está desperto ?

— Está.

— Ordena-lhe que rotroceda pelos seculos fóra até ao começo, e dize-me o que vês aqui.

— Vejo um antro fragoso cheio de bravios moradores ; alem — e apontou para a direita — acha-se um velho moribundo ; vela-o uma mulher negra, com uma creancinha ao peito.

«DEUS DO CEU!» BRADOU MEYER «É PORTUGUEZ QUE ELLA FALA!»

Entra na caverna um homem, marido d'essa mulher. Empunha n'uma das mãos um archote, e com a outra traz um bode á trela.

— Basta! — disse Meyer — Ha quanto tempo é isso?

— Ha trinta e tres mil duzentos e um annos — foi a resposta, pronunciada sem a minima hesitação.

— Continua! — disse elle — Deixa passar trinta mil annos, e dize o que vês.

Seguiu-se um longo intervallo de silencio.

— Porque não respondes? — interrogou elle.

— Paciencia! Estou a viver por esses trinta mil annos; vidas sem conto, seculos e seculos, nada posso passar em claro.

Novo e prolongado silencio, até que finalmente falou:

— Tudo isso passou. Agora, ha tres mil annos, vejo este sitio mudado e menos grosseiramente afeiçoado, povoado por uma turba dada a ritos extranhos, com vestimentas singulares em que reluzem fivelas. Nas minhas costas ergue-se a estatua de uma deusa, de aspecto sereno e cruel, em frente do altar arde uma fogueira, e sobre o altar uns sacerdotes trajados de branco estão sacrificando uma creancinha que solta gritos estridentes.

— Passa avante! exclamou Meyer precipitadamente, como se aos olhos lhe houvesse saltado todo o horror d'aquella scena — Passa dois mil e setecentos annos, e dize-me o que vês.

Houve nova pausa, emquanto o espirito que elle tinha invocado no corpo de Benita vivia atravez dos seculos. Depois ella respondeu lentamente:

— Nada vejo: este logar está solitario e mergulhado em trevas, só os mortos dormem debaixo do chão.

— Espera até que reappareçam os vivos — ordenou elle — e depois fala.

— Eil-os! replicou ella d'alli a um instante — Monges tonsurados, um dos quaes dá forma a esse crucifixo; devotos que se prostram deante da hostia que está sobre o altar. Entram, saem... A quaes d'elles devo eu seguir?

— Conte-me dos portuguezes; d'esses que morreram aqui.

— Vejo-os a todos — redarguiu ella, passado um instante — São duzentos e tres. Esfarrapados, extenuados, famintos. Entre elles ha uma mulher, ainda moça. Acerca-se de mim, entra em mim. A ella convem perguntar... — e era em voz muito debil que ella falava — Deixei de ser eu.

Clifford tentou interromper, mas Meyer impoz-lhe rudemente silencio.

— Fala! — ordenou elle de novo.

E outra voz, que não a de Benita, respondeu n'outro idioma:

— Ouço, mas não comprehendo a vossa lingua.

— Deus do Ceu! — bradou Meyer — É portuguez que ella fala.

E por momentos ficou mudo e estarrecido perante o terror do facto, visto estar certo de que Benita não sabia portuguez. Conhecia-o elle, por ter vivido em Lourenço Marques.

— Quem és tu? — perguntou elle n'essa lingua.

— Sou Benita Ferreira. Sou filha do capitão Ferreira e de sua mulher Dona Christina, que n'este momento estão junto de vós. Voltae-vos e vel-os-heis.

Jacob estremeceu e olhou em torno de si com inquietação.

— Que disse ella? Não percebi bem — perguntou Clifford.

O judeu traduziu as phrases d'ella.

— Mas isto é magia negra — exclamou o velho — Benita não sabe portuguez, como é possivel que o fale?

— Porque já não é a nossa Benita quem está fallando, é outra Benita, a portugueza Benita Ferreira. Tinha razão o molemo quando disse que o espirito d'essa morta andava com ella, assim como o nome.

— Acabe com isso! — bradou Clifford — É uma impiedade o que está fazendo. Acorde-a, se não acordo-a eu.

— E mata-a. Basta tocar-lhe ou perturbal-a, e affirmo-lhe que morre — e apontou para Benita que em frente d'elles estava agachada, tão branca e immovel que já parecia morta — Cale-se! — accrescentou elle — Juro-lhe que não lhe advirá nenhum damno, e tambem que tudo lhe hei-de traduzir. Prometta, aliás nada lhe digo, e sobre a sua cabeça recahirá o sangue d'ella.

— Prometto — redarguiu Clifford com um gemido.

— Conta-me a tua historia, Benita Ferreira. Como vieram parar aqui tu e a tua gente?

— As tribus do Monomotapa rebellaram-se contra o nosso dominio. Mataram-nos muita gente nas terras baixas, sim, mataram meu irmão e aquella a quem elle devia desposar. O resto fugiu para o norte, para esta velha fortaleza, esperando evadirem-se d'aqui pelo rio

Zambeze. O Mambo, nosso vassallo, deu-nos aqui asylo, mas as tribus cercaram as muralhas com milhares e milhares de soldados, e incendiaram todas as almadias, não nos deixando meio de fugir pelo rio abaixo. Vezes sem conto os rechaçámos; encheu-se dos seus mortos o fosso, e por fim, acobardados, tiveram que pôr cobro aos assaltos.

«A fome começou então a apertar-nos, e elles apoderaram-se da primeira muralha. Cada vez nos alanceiava mais a fome, e elles tomaram-nos a segunda muralha, mas a terceira é que elles não puderam escalar. Nós iamos morrendo; um por um nos deixavamos cahir n'esta caverna e morriamos, até que fiquei eu só, porque a nossa gente, emquanto houve de comer, para mim o reservava, que era a filha do seu capitão. Sim! Sósinha me prostrei aos pés d'este crucifixo, junto ao cadaver de meu pae, supplicando a Nosso Senhor me desse a morte que não chegava, e aqui de joelhos desfalleci. Quando voltei a mim, cercavam-me o Mambo e a sua gente, porque as tribus, sabendo que todos nós haviamos perecido, tinham retirado, e aquelles que tinham ficado escondidos alem do rio, haviam voltado e conheciam o geito de escalar a muralha.

«Tiraram-me d'entre os mortos, deram-me de comer, e voltaram-me as forças. Mas de noite, como na minha ruindade eu me recusasse a viver, fugi d'elles, trepei á columna de pedra negra, e quando o sol se ergueu, elles viram-me ahi de pé. Rogaram-me que descesse, promettendo proteger-me, mas eu disse «Não!» pois que na maldade da minha alma eu não desejava senão morrer, para me ir reunir a meu pae e a meu irmão, e a outro que mais estremecia ainda do que todos no mundo. Perguntaram-me elles onde se occultava o grande thesouro...»

A estas palavras Jacob arquejou, depois traduziu-as rapidamente, ao passo que a figura que ante elles se erguia se reduziu ao silencio, como se sentisse que por momentos d'ella se retirava a vontade d'elle.

— Fala, mando eu — disse Meyer.

E a voz sonora e lenta continuou, deixando coar dos labios de Benita as palavras peregrinas que ella nunca entendera.

— Respondi-lhes que o thesouro estava onde estava, e que, se acaso o entregassem a alguem que não fosse a pessoa predestinada, á sua gente succederia a mesma sorte que á minha. Á sua guarda o confiei com effeito, até que eu outra vez voltasse, pois que á hora extrema meu pae me recommendara que a ninguem o revelasse, e eu cria que, prestes a morrer, nunca mais voltaria.

«Fiz então a minha ultima prece, beijei o crucifixo de ouro que n'este momento pende ao seio dentro do qual eu resido — e a mão de Benita erguera-se, com um movimento automatico, retirara de sob a capa o symbolo sagrado, expuzera-o por instantes á claridade, e deixara-o recahir no seu logar — Tapei os olhos com as mãos, e despenhei-me».

A voz calou-se, mas dos labios vinha ainda um som lugubre, como o que houvesse soltado alguem cujos ossos se dilaceravam nos rochedos, seguido por outros sons parecidos com os de pessoa que se asphyxia na agua. Tão horrendos eram de ouvir que Clifford esteve a pique de perder os sentidos, e o proprio Jacob Meyer vacillou e fez-se tão pallido como o rosto pallido de Benita.

— Desperte-a! Pelo amor de Deus, desperte-a! — bradou o angustiado pae. — Ella está moribunda, como essa mulher que ha centos de annos morreu.

— Não a acordo, emquanto ella não nos disser onde pára o thesouro. Cale-se, insensato. Ella nada sente, nada soffre. É o espirito dentro d'ella que revive o passado.

Novo silencio se seguiu. Parecia que toda a historia acabara, e que o narrador se fôra embora.

— Benita Ferreira — disse finalmente Meyer — ordeno-te que me digas, estás morta?

— Ah! oxalá que o estivesse, assim como o meu corpo! — gemeram os labios de Benita — Ai de mim! que este purgatorio padeço, e n'elle devo permanecer sósinha até ao dia predestinado. Sim! O espirito d'essa que foi Benita Ferreira deve residir isolado n'estas paragens. Tal é a sentença, velar por esse ouro maldito que á terra foi arrancado pela cubiça cruel e pago com as vidas de tantos.

— Ainda está seguro? — murmurou Jacob.

— Vou ver — e depois de uma pausa — Já vi. Lá está elle, todo inteiro, em saccos de couro, um dos quaes apenas cahiu e rebentou, um que é negro e vermelho.

— Onde está? — perguntou elle de novo.

— Não posso dizel-o, nunca, nunca!

— Alguem existe a quem possas dizel-o?

— Sim.

— A quem?

— Áquella em cujo seio habito.

— Dize-lh'o pois.
— Já lh'o disse, ella sabe-o.
— E pode ella dizer-m'o ?
— Que ella guarde o segredo, conforme quizer. Graças vos sejam dadas, ó meus Guardas ! Alliviei-me do meu fardo ; está expiado o meu peccado de suicidio.
— Benita Ferreira, foste-te embora ?
Não houve resposta.
— Benita Clifford, ouves-me ?
— Ouço ! — disse a voz de Benita em inglez, comquanto Jacob, por esquecimento, se lhe houvesse dirigido em portuguez.
— Onde está o ouro ?
— Sob a minha guarda.
— Dize-me, ordeno eu.
Mas nenhuma palavra se ouviu; embora repetisse uma e outra vez a resposta, palavra alguma se ouviu, até que por fim a cabeça d'ella descahiu sobre os joelhos e ella murmurou em voz debil :
— Liberte-me, senão morro !

(Continua.)

BANDOLIM

(N'um postal da illustrada signorita Clementina Moreira da Silva)

«Por uma noite enluarada e fria,
N'um barco, onde eu scismava olhando as aguas,
De uma janella, que p'ra o mar se abria,
Veio um som despertar as minhas maguas.

De um bandolim saudoso e dolorido,
Certo, mão de mulher vibrara a corda;
E então vivi um tempo já vivido,—
— Porque o passado esse instrumento acorda». —

*
* *

Não vibreis nunca o bandolim, senhora,
Nunca o façais vibrar gemendo assim,
Pois quando um bandolim palpita e chora,
Alguem *chora e palpita dentro em mim.*

Elle nos fôrça a amar o soffrimento
E traz do céo todos os sons que encerra...
Depois que appareceu esse instrumento
Foi que a saudade appareceu na terra.

Recife — Maio — 1906 **Moreira Cardoso**

Lendas Açorianas

SETE CIDADES

Vós sabeis todos, irmãos meus na lingua e na raça, da existencia de nove lindos rochedos, cercados pela vastidão azul do Atlantico, açoitados pelas tormentas, beijados pelo sol, e que são as mais lindas terras de Portugal — os Açôres.

No maior e mais lindo dêsses rochedos, em S. Miguel, ha um pedaço de terra deslumbrante, num profundo valle, na bocca duma cratera immensa, vestida de arvoredo soberbo com duas lagoas vastas lá em baixo, uma verde e outra azul, a espelharem o pedaço de ceu que as cobre.

Formadas pela mesma agua, que apenas estreita a meio pela configuração do terreno, sendo uma lagoa só, parecem realmente duas, a quem para baixo olha, do alto das cumiadas esplendidas. E maior se torna a illusão, ao vêr-se que são verdes metade das suas aguas, e que são azues as aguas da outra metade.

LAGOA DAS SETE CIDADES

Em toda a bella terra portuguêsa — acreditae-me! — não ha um cantinho de natureza que se lhe possa igualar: Têm muitos kilometros de circumferencia as cumiadas altissimas, por cujas ingremes encostas é tão abundante o arvoredo enorme — eucalyptus, incensos, pinheiraes gigantes — que até parece que já não ha espaço onde uma urze cresça!

Oh! as Sete Cidades!

Mas tambem é possivel que vós todos, irmãos meus na lingua e na raça, ignoreis a razão por que a esse precioso canto da terra michaelense se chama Sete Cidades, sendo uma simples, pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas encantadoras, e porque ellas, sendo uma só, metade das suas aguas são verdes, e são azues as da outra metade.

Pois eu vos conto a deliciosa e maravilhosa lenda.

— Escutae-me!

Aquelles nove rochedos, e muito mais terra que o fogo dos vulcões arrojou e o mar subverteu, formavam antigamente um vastissimo

EGREJA DAS SETE CIDADES

e formoso paiz, tão vasto que o seu rei não sabia ao certo o numero dos seus vassallos, dos seus castellos, das suas cidades e dos seus povoados!

Esse paiz, rico e phantastico, chamava-se a Atlantida.

Ora, o rei da Atlantida vivia tristissimo, por não ter successor á sua corôa e ás suas terras. E, por esse motivo, o seu coração, que era cheio de bondades, foi-se tornando tão mau, tão cruel, que já iniquamente tratava o rei os leaes vassallos que tanto o tinham amado!

Ao tempo em que assim andava, consumido por afflicções e por maldades, veiu uma noite em que elle, andando a vagueiar pelos jardins do paço em companhia da rainha, viu descer do alto, illuminando intensamente a treva da hora, a figura luminosa do anjo do bem, que desta sorte lhe fallou:

— Rei da Atlantida! Venho trazer a alegria ao teu coração! Dentro em breve serás pae d'uma filha, tão linda e tão virtuosa que será o orgulho e a honra do teu povo. É preciso, porém, para que tenha fim a tua maldade, que, durante vinte annos, nem tu, nem homem algum d'estes reinos, se approxime da princeza, que viverá a dentro dos muros de sete maravilhosas cidades, que eu farei erguer no mais lindo canto das tuas terras e onde só donzellas a servirão. Mas toma conta, rei da Atlantida! Se antes de passados os vinte annos ousares transpor as muralhas que hão de guardar lá dentro os encantos de tua filha, morto serás tu, arrasados serão os teus dominios!

Prometteu o rei fazer como a visão dissera; e a luz que a illuminava foi-se elevando no ceu, até de todo se perder, deixando a rainha e o rei petreficados de assombro, na escuridão profunda da noite, sob as arvores aromaticas dos jardins do paço.

Tempos depois, nasceu a princeza; e por muitos dias, pomposamente, andaram em festa todas as terras da Atlantida.

Iam passando os annos. A princeza crescia em maravilhas de formosura, rindo e cantando pelos jardins das sete maravilhosas cidades, rodeada pelo seu cortejo de virgens. Para esses passeios, levava ella sempre o seu lindo chapelinho azul celeste e os seus delicados sapatinhos verdes. E de tantas flores que a cercavam, de tantas estrellas que a cobriam, era ella a mais mimosa flor e a mais brilhante estrella!

No emtanto, consumido de saudades longe de sua filha, o rei da Atlantida, á maneira que os annos passavam, mais ardia em desejos de a ver. Emmagrecia, tornava-se cada vez mais colérico, cada vez mais opprimia os seus vassallos. E nesse estado de desespero, apesar de ter ainda bem presentes as palavras fatidicas da visão, decidiu ir bater ás portas das muralhas que guardavam a linda herdeira da sua coroa e das suas terras.

Mandou aprestar um grandioso sequito dos seus mais nobres guerreiros, e com elles se poz a caminho das sete cidades maravilhosas.

SETE CIDADES — CHALET DO DR. CAETANO D'ANDRADE

Durante a longa marcha, o ceu ia-se tornando cada vez mais negro, e das entranhas da terra sahiam vozes sinistras. Mas o rei caminhava sempre, num desvairamento, mandando avançar o espavorido sequito.

Os muros altos das sete cidades surgiram emfim, pesados e escuros na escuridão tragica do dia.

Cruzavam-se no ar linguas de fogo; a terra tremia ruidosamente, e a vóz rouca do mar, vinda de longe, semelhava o brado de agonia dum gigante!

Tôrvo, sombrio, el-rei ergueu a sua espada enorme, e bateu com ella violentamente a uma das portas das muralhas. Um trovão pavoroso estrugiu no ar, echoou lugubremente por toda a terra! E no mesmo instante abateram com fragor sinistro, sobre o rei e seus cavalleiros, os muros sombrios das sete maravilhosas cidades, emquanto um fogo terrivel se elevava da terra fendida, que desapparecia em chammas no seio do mar em furia! Depois, fez-se um silencio profundo na natureza.

Calou-se a voz do mar, e o sol, muito claro, poz-se do ceu azul a beijar com a sua luz fecunda os nove pedaços que restavam daquella terra vasta, que se chamara Atlantida!

No maior e mais lindo dêsses rochedos, que muitos seculos depois Gonçalo Velho descobriu, ainda existe o logar onde se erguiam nessas remotas eras as maravilhosas sete cidades, cujo nome ainda conservam, transformadas numa simples pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas encantadoras, que se espraiam no profundo valle, aberto pela terra que o fogo dos vulcões arrojou.

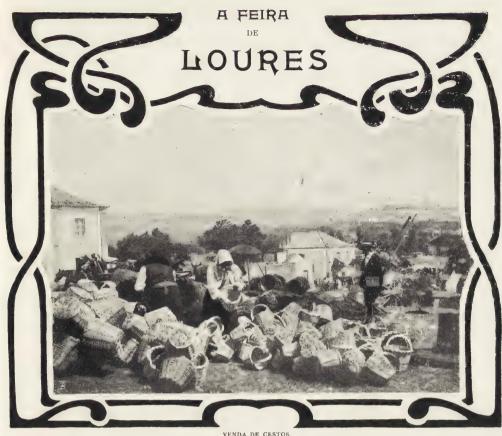
E a mesma agua que as forma é metade verde e metade azul, porque no fundo duma lá ficaram os lindos sapatinhos verdes, e no da outra o chapelinho azul celeste da mallograda princeza, tão fatalmente morta pelo mau tino do rei da Atlantida.

Lisboa, 1905.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

SETE CIDADES — UMA MARGEM DA LAGOA

A FEIRA DE LOURES

VENDA DE CESTOS

Todos os annos, no quarto domingo de julho, em Loures, povoação aprazivel, abundante em aguas, arvoredos e deliciosos fructos, costuma haver uma importante feira de gado onde concorrem negociantes de quasi todos os pontos do paiz.

N'uma extensão enorme de terreno, coberta de sol e fadiga, avistam-se acampados circundando as manadas, recuas e rebanhos, grupos numerosos de homens e mulheres formando barracas, acendendo lareiras, dispondo utensilios que vão chegando nas carroças que de longe em longe surgem na volta da estrada n'uma nuvem de poeira.

É deveras curioso o borborinho e a desordem que esta gente de negocio estabelece no mercado, cantando uns, n'uma desafinação propositada, ramalhando outros, chocalhos, latas, campainhas e ainda com esgares, momices e mais festas por vezes tão indecorosas, que o nosso avô do Matto certamente não teria. Todo este inferno que movimenta a feira tem uma visão unica — chamar a attenção do comprador.

É um verdadeiro campeonato do *réclame* na sua forma primitiva

Á medida que os curiosos, romeiros e mais gente vão enchendo o recinto, as exhibições dos feirantes recrudescem. Aqui, um cigano monta um cavallo em pello pinponeando a destreza e galhardia do bicho; acolá os marchantes e pastores, em fitas de terreno propositadamente levantado, dispõem as ma-

VENDA DE CESTOS

Fôra um camponio que depois de atirar muitas argolas conseguiu enfiar uma, recebendo como premio a navalha em que acertou.

Entretanto o homem de olhos terriveis continua a preguejar — Cada argola dez reis. Quem quer uma navalha? Quem quer uma navalha?

Outros jogos e outros espectaculos por ali se fazem, tudo n'uma alegria postiça da parte dos feirantes e n'uma ancia do vintem que chega a fazer dó.

nadas de fórma que as cabeças do gado fiquem n'um plano mais alto para assim lhes dar maior belleza e maior vista; alem, uma cachopa á porta de uma barraca, de carão tostado, saia curta, formas rijas e gestos provocantes, convida o populhacho ao peixe frito que ao fundo, na lareira, uma velha desdentada e de olhos pequeninos, vae tirando da frigideira de barro á medida que o vê loiro e cosido; perto, um homem de barba em carapinha e negra, olhos parados e terriveis de fazer medo a um salteador, apregoa em altos berros — Quem quer uma navalha? Cá está o jogo da navalha — e a um grupo de camponios que o escuta, vae offerecendo argolas que estes atiram para a prancha de madeira onde estão espetadas as navalhas.

—Arre diabo... até que emfim. Diz um do grupo.

—Ganhou. Pegue lá a sua navalha, accrescenta o homem do jogo.

A fraude, a audacia, a gatunice, ou menos criminosamente — o negocio da feira é um *sport* autentico, adquirido por uma educação especial e demorada por uma pratica de muitos annos chegando os mestres n'esta arte de furtar, em geral ciganos, a fazer prodigios, cousas inacreditaveis. Assim, ainda ha pouco tempo, um pobre homem foi á feira vender a um cigano um burro gasto e velho

CONDUZINDO O GADO Á FEIRA

por sete mil reis, afim de comprar um novo que aturasse mais serviço.

Como a feira demorasse uns dias acontece que o cigano, tosqueado o burro, muito limpo e bem alimentado durante o tempo em que o teve á mão, conseguiu pol-o em estado de poder fazer boa figura em apparencia.

Tendo voltado á feira o antigo dono do já fallado burro, para comprar um novo, o cigano agora seu conhecido offereceu-se immediatamente para lhe arranjar um bom animal e por um preço relativamente barato. Mostrou-lhe um burro que não era feio, esperto, trabalhando bem, por cinco libras. Comprou-o o nosso homem e não achou caro. Partiu para o seu casal contentissimo porque o bicho parecia de boa andadura.

— Deve ser novo, dizia elle.

Mas, qual o seu espanto, quando ao apear-se perto de casa, o burro novo, por sua alta recreação, sem que alguem lhe ensinasse o caminho, enfiou para a cabana que servia de estrebaria ao antigo. Admirado o homem com aquella sabedoria do bicho, entrou de examinal-o com cuidado e reconheceu que o burro novo era o velho, o mesmo que dias antes tinha vendido por sete mil reis.

PROVA DO VINHO

Só os ciganos conseguem fazer habilidades d'esta força e com tamanha perfeição.

Por processos hoje conhecidos de quasi toda a gente, elles conseguem fazer d'um cavallo ou qualquer outro gado, um animal capaz de ver-se. Para isso basta-lhes, durante alguns dias, alimental-o bem, deitando-lhe nas rações um pouco de sal commum misturado com uma dose, evidentemente pequena, de arsenico em pó; depois bem tosqueado limpo e escovado, o animal assim é capaz de enganar o mais pintado que não seja, é claro, bastante conhecedor do assumpto.

OUTRO ASPECTO DA VENDA DOS CESTOS

Por isso a desconfiança que se nota no comprador ao abeirar-se de um

cigano na feira para fazer negocio e a astucia d'este para impingir o que tem de ruim é cousa digna de ver e apreciar.

Quando o negocio vae realisar-se na venda dos animaes, este reveste um ar de cerimonia muito curioso e parece obedecer a um rito cheio de paganismo e de belleza: o vendedor se é um cavallo monta-o, e se é um boi avança para á frente da manada n'uma attitude aprumada, alteando o peito, salientando as ancas, firmando bem os pés e brandindo a aguilhada com que toca os bois redobrando de elegancia e destreza como se as quizesse transmittir aos animaes para melhor convencer o comprador.

Este, a certa altura do exame dá-se por satisfeito; ha um aperto de mãos, uma palavra sacramental e na proxima locanda ambulante bebe-se vinho e conta-se dinheiro.

A feira de Loures este anno, como sempre, foi muito concorrida vendo-se lindas e sadias raparigas que contrastam com as que estamos habituados a ver certos dias em Lisbôa, não só em formosura mas ainda em belleza de typo até com aquellas que se orgulham de o ter herdado de uma raça seleccionada e illustre.

UM ASPECTO DA FEIRA DE GADO

Em geral a nossa mulher da Extramadura e Alemtejo não é das mais bellas e foi para nós d'uma surpreza bem agradavel encontrarmos raparigas, cujos rostos, d'um rigor de desenho admiravel, atravessando a feira n'um ar simultaneamente altivo e timido que as tornava interessantes a valer. Os olhos mais indifferentes não podiam

deixar de parar agradados sobre aquellas figuras de mulher tão simples, tão naturaes, revestidas apenas do inedito e curioso encanto que tem a graça arisca do instincto.

A nota mais alegre e fresca da feira era, evidentemente, a que estas mulheres sadias e coradas deixavam na sua passagem em bandos.

O aspecto do recinto, pela tarde, quando o sol se despedia já, nas franjas do arvoredo, que ao longe se avistava, tornava-se mais agradavel, porque o calor e a poeira, que ali eram insupportaveis, concorriam bastante para que todos esses costumes caracteristicos e interessantes, irritassem a gente pouco habituada áquelle inferno.

Todos esses rumores e cantigas que pela hora do sol e da sede fazem horrores e desesperos, são agora motivos de piedade e ternura para esse povo distante da civilisação por tantos centos de annos e revelando por essa forma de viver e enganar a defesa legitima d'essa vida apenas farta de neccessidades e miserias.

Agora que o bem estar e a frescura da noute que se approxima nos abraça n'uma caricia, o jogador da navalha já não tem os olhos terriveis e patibulares, mas os de um pobre mendigo que põe ao serviço da fome toda a habilidade e intelligencia possivel para ganhar uns miseros dez reis.

Agora, a vida é outra, bem differente d'aquella que ha pouco era importuna; o gado parece mais bello e forte, os homens mais francos e bondosos, as questões são raras, os negocios fecham-se com uma certa rapidez, as barracas enchem-se de gente que bebe e come com apetite, ha como que um reconhecimento para com todos d'um certo bem que se trocasse.

Approxima-se a noute e afastamo-nos da feira. As luzes vão apparecendo pelo recinto que de longe lembram estrellas que do ceu cahiram, as manadas recuas e rebanhos já deitados, pelo escuro, confundem-se com a terra que parece leveda de cabeças a mecher. Pela estrada encontram-se ainda alguns retardatarios a caminho da feira que preferiram a noute para a viagem; e, n'uma carroça puxada por um boi e um cavallo lá vem uma familia com uma tribu de filhos a dormir sobre montes de lona, cestos, e mais trapos, destacando-se n'um ar de estatua da fome, uma figura de mulher amamentando um pequenito que de vez em quando chora talvez a seccura d'esses peitos. Ao lado, mas a pé, de aguilhão em punho segue o marido e pae d'essa familia ajudando o boi e cavallo a puchar por aquillo tudo.

(*Clichés* de Castello Branco)

As sete linguas d'ouro

TODOS os dias, ao entardecer, conduzia para casa um pastor o seu rebanho, tocando alegremente na sua flauta.

Ao atravessar uma collina sentia-se ferido sempre por sete picadas, o que, a principio, julgava ser uma illusão, reconhecendo mais tarde que era uma realidade.

E isso fazia-o scismar e tanto scismou que um dia pediu a seu irmão para atravessar o mesmo caminho a ver se sentia as mesmas picadas.

Passou e não sentiu, e isso espantou-o deveras.

E o pastor continuava a matutar, e não sabia se taes picadas eram um bom ou mau agouro.

Tinha elle um temperamento alegre, mas parecia que o sentimento não era dos mais delicados, pois tratava mal as suas ovelhinhas. Batia-as sem dó nem piedade e fazia chorar o coração ouvir-lhes os balidos de fome, sem as conduzir ás boas pastagens.

O irmão fazia justamente o contrario. Tratava o seu rebanho com todo o carinho, e a sua alegria era viva quando tinha boas forragens para lhe dar.

Era um regalo ver os bellos bois que apresentava nas feiras e que toda a gente admirava.

O pastor torturava-se com as picadas que sempre sentia no caminho e, quasi com colera, dizia elle ás vezes comsigo proprio:

— Ora deixa estar que mais tarde ou mais cedo heide desvendar este mysterio. Vou mudar de caminho.

E então saltava montes e valles, para que nem a sua sombra tocasse ao de leve na mysteriosa collina.

Mas tanto fazia isso como coisa nenhuma. Logo que elle chegasse a um caminho que ficasse em frente ou ao lado da tal collina, sentia sempre as mesmas picadas.

N'uma tarde em que elle se entretinha a dar com tojos nas suas ovelhinhas, viu approximar-se um homem muito alto.

— Que prazer sentes tu, ó pastor, — em tratar assim as tuas ovelhas? perguntou-lhe.

— Que tem você com isso, seu lobishomem? Ora vá em paz e deixe-me cá com a minha vida — respondeu o pastor encolerisado.

E o lobishomem, como elle o chamava, galgou o monte com dois gigantescos passos, proferindo bem alto, de maneira a serem ouvidas pelo pastor, estas palavras: *Fugir ao dever que o pagar é certo.*

Mas o pastor nada ouviu e dizia comsigo mesmo: — Irra! Que intromettido aquelle patusco é! Metter o bico onde não é chamado!

Á hora habitual, reuniu as sete ovelhas do seu pobre rebanho e lá partiu a caminho de casa.

A certa altura sentiu as mesmas picadas.

— Safa! que d'esta vez chegaram-me ao coração!

«QUE PRAZER SENTES TU EM TRATAR ASSIM AS OVELHAS?»

Desde esse dia, o pastor foi mais jovial do que nunca, talvez por se sentir acompanhado por um mysterio que considerava como bom annuncio.

Pouco depois tornou-se pensativo e reflectido, olhando o seu rebanho com compaixão, principiando os remorsos a atormenta-lo ao ver que as suas ovelhinhas não caminhavam, pelos maus tratos que recebiam.

Um dia viu-se obrigado a atravessar a mysteriosa collina, para encurtar caminho, pois o seu rebanho já não podia atravessar os montes que até alli passava.

O pastor sentia-se mais humano e reuniu forças e sangue frio para seguir caminho.

Mas o desalento apoderou-se delle e começou a chorar. Todavia, marchou com o rebanho.

Quando chegou ao meio da collina sentiu as mesmas picadas, e a cada picada que sentia, viu cair mortas, a seus pés, as suas ovelhas, uma a uma.

No meio d'um desespero sem limites, ouviu a voz do homem que lhe apparecera no monte, a dizer-lhe: *Fugir ao dever que o pagar é certo.*

Estas palavras aterraram-no e elle fugiu para casa, deixando, na collina, as suas ovelhinhas mortas.

Passaram-se dias e dias e elle a tudo ficou indifferente.

Não se importava do que via, nem fazia caso do que ouvia.

Mais tarde voltou á razão e comprou outro rebanho.

Eram umas ovelhinhas muito lindas e cuidava d'ellas com o mesmo desvelo com que o irmão tratava do seu gado.

APPARECERAM SETE LINGUAS DE OURO

Andava sempre á cata das melhores pastagens, mas, coisa singular! as ovelhinhas, em vez de se tornarem gordas, eram cada vez mais magrinhas, que até pareciam esqueletos.

Com isto se entristecia o pastor muito, vendo que ainda era o castigo a dilacera-lo, e passava horas e horas a chorar amargamente. E n'uma intima melancolia, a bocca traduzia-lhe estas palavras, que o coração lhe ditava:

— Ninguem se arrependa de fazer bem. Se eu o tivesse praticado, não era o destino tão cruel para comigo, enchendo-me de fel todas as horas e instantes. Como eu desejava agora ver as minhas ovelhinhas, gordas e lindas, fazendo a cubiça de todos os pastores!

*

* *

Uma noite, quando acabaram de comer a tigella de caldo, perguntou elle ao irmão:

— Porque é que o teu gado anda gordo e bonito e o meu não é capaz de engordar por mais esforços que eu faça?

— É o pasto que tu vês e nada mais — replicou o irmão, sem que a sombra d'um remorso lhe toldasse o rosto alegre.

No dia seguinte resolveu seguir o irmão, sem elle o saber, e viu que tomava a direcção da collina onde lhe morrera o rebanho.

Para que não fosse visto, aconchegou-se a uma arvore.

BAFEJOU O PASTOR ADORMECIDO

Viu que o irmão collocou a vara a um lado e da jaqueta fez travesseiro, deitando-se a dormir socegadamente, deixando o gado a pastar em liberdade.

Mas qual não foi o seu assombro ao ver que, quando o gado chegou á altura em que elle sentia as picadas, toda a collina ficou n'um brilho deslumbrador e no sitio onde as suas ovelhas cairam mortas appareceram sete linguas de ouro e de cada uma d'ellas brotava agua cristallina que os boisinhos beberam soffregamente. E á medida que iam bebendo tornavam-se gordos e luzidios, brilhando como a propria collina.

Apenas o gado acabou de beber, o brilho da collina começou a extinguir-se gradualmente e as sete linguas d'ouro desappareceram, como por encanto.

O pastor quasi delirava no meio daquelle quadro de tamanho esplendor e tão cheio de mysterio.

Depois o gado, como se porventura um instincto de bondade o animasse, bafejou o pastor adormecido. Quando acordou viu que a noite vinha tombando e que um sino lá ao longe já annunciava as Ave-Marias. Levantou-se e partiu para casa.

No dia seguinte disse o pastor para o irmão:

— Amanhã quero que o meu rebanho vá junto com o teu.

— Pois sim — replicou o irmão sem hesitar.

O pastor conheceu logo que elle desconhecia a mão mysteriosa que o guiava.

Ao outro dia, partiram juntos.

Quando o pastor viu que o seu irmão se dirigia para a collina, sentiu um estremecimento de terror.

— Não vou para ahi, porque me custa estar no sitio onde morreram as minhas ovelhas — observou elle.

— Então foi na collina?!

— Foi, sim.

— Pois não me lembro que o meu gado por aqui pastasse.

O pastor ficou admirado com o que acabava de ouvir ao irmão.

— Mas tu hontem estiveste na collina!

— Estás enganado. Onde eu estive foi n'aquelle campo que vês ao longe, a distancia de mais d'um kilometro.

Cada vez o pastor se sentia mais espantado e reconheceu que o irmão, apenas saira de casa, fora em sonho.

— Pois bem — replicou o pastor — Não consinto que subas ao meio da collina.

Palavras não eram ditas, já o gado que pertencia ao irmão corria, em debandada, pela collina fora, emquanto as ovelhas do pastor se sentiam attraidas por uma força desconhecida. Tentava penetrar no interior da collina, mas estacaram logo, como se uma grande barreira as detivesse.

E desta vez, sem que o pastor e o irmão sonhassem, enxergaram bem, com os olhos esbugalhados, a collina a brilhar em ouro. Lá estavam as mesmas sete linguas de ouro, a brotar agua cristallina e o gado a regalar-se com ella.

O pastor estava agora roido pelo remorso e fascinado com tanta riquesa.

O irmão, com passo firme, como quem nada teme, porque tinha a consciencia serena, penetrou na collina e a poucos passos, defrontou elle com uma grande pedra, que lhe causou extranha surpresa.

Achou o caso tão extraordinario que pegou no cajado e tocou-lhe. De repente a pedra transformou-se no mau homem que o pastor tinha visto.

E esse homem tomou o guardador do gado pela mão, conduzindo-o junto das sete linguas d'ouro.

— Sabes o que eu te quero mostrar? perguntou-lhe.

— Não — respondeu o pastor immediatamente.

— Pois olha — replicou o homem. Aqui encontras o quadro do teu destino — destino bom, ou destino mau. Tens sido bom, tens sido trabalhador, e por isso o teu futuro será de riquezas, de opulencias, se continuares como até hoje. Não succederá o mesmo ao teu irmão. Para elle serei continuamente a sua negra sombra. Nunca sentirá prazer de ver a sua vida engrandecida.

— De quem são estas ricas linguas d'ouro? perguntou o guardador.

— São das sete ovelhas que teu irmão matou á fome e á pancada.

O mysterioso homem, ao pronunciar taes palavras, passou o dedo em todas as linguas, que se transformaram logo em sete lindas ovelhas.

— Ahi tens essas ovelhas, são para ti — disse-lhe o homem.

— Não, não as quero. Não me pertencem. São de meu irmão. Ainda ha pouco me disseste que fosse bom, mas eu tornar-me-ia mau se com as ovelhas ficasse. Não, não as quero. O que posso é entrega-las já ao dono, que é meu irmão.

E AMBOS FORAM DITOSOS

O homem viu nestas palavras, pronunciadas com uma bella energia, a formosura do coração do guardador.

— Pois bem! Entrega-lh'as que eu, em compensação, dar-te-hei todas estas que vês por ahi alem.

Olhou em torno de si por toda a collina e viu-a coberta de bellos rebanhos, que pareciam um dourado formigueiro.

— Agora parte, na roda do destino e fica em paz — disse o homem.

— Senhor! — disse o guardador banhado em lagrimas — perdoae ao meu irmão e pretegei-o como a mim proprio.

E o homem, voltando-se:

— Pois tanta riqueza não terá elle, como tu, mas terá metade da tua bondade e isso acariciará a sua sorte.

O guardador voou ao encontro do pastor e contou-lhe tudo o que havia succedido.

E ambos foram ditosos, ambos bons, ambos dignos e ambos virtuosos.

Porto–5–Agosto–1906 MARIA PINTO FIGUEIRINHAS

Grandes topicos

Na Russia

Apeado da presidencia do conselho de ministros Goremykine, que, como toda a gente previra, nada conseguiu fazer, o czar substituiu-o por Stolypine — e desde logo se ergueu em toda a Russia um côro de imprecações contra o throno, a breve trecho apoiado pela voz unisona da imprensa mundial. Esse murmurio universal de protesto tinha toda a razão de ser porquanto Stolypine é, nem mais nem menos. um Goremykine.. .mais reaccionario ainda. Assim, comquanto se apresentasse como liberal, começou logo por suprimir tudo quanto havia sido concedido pelo manifesto de 30 de outubro: a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião e a inviolabilidade individual; por ultimo, violou os *ukases* constitutivos da Duma, fazendo promulgar pelo imperador os creditos que o parlamento se recusara a votar. Quer dizer, em pouco menos de dois mezes, arrebatou aos cidadãos russos as poucas garantias concedidas pelo czar, n'um momento de panico. Entretanto, continuava a affirmar com ostentação que fazia

STOLYPINE

Primeiro ministro da Russia

NA VESPERA DE DISSOLUÇÃO

O poder do povo russo bastou para içar a creança (Governo Parlamentar) até á borda do poço de sangue, mas ahi está o verdugo á espera para lhe dar o golpe mortal.

Do "*Pasquino*„

A DUMA: CARICATURA PROPHETICA

Do "*Lustige Blätter*„

SEMPRE NA ESTRADA VELHA!

O caminho da Liberdade Russa é calcetado de boas intenções

Do "*Kladderadatsch*„

governo liberal. «É um liberalismo que condemna a liberdade a trabalhos forçados», dizia ultimamente o *Temps*, apreciando a marcha da politica de Stolypine.

Em presença d'isto, não admira que os terroristas se lançassem de novo n'uma feroz campanha de exterminio que, dia a dia, assume proporções mais tragicas e ameaça transformar a Russia n'um montão de ruinas. Já d'ella mesma foi victima o proprio primeiro ministro, que, ainda ha bem pouco tempo, viu ir pelos ares, á força de dynamite, a sua casa de campo e nos escombros d'ella ficaram sepultadas 22 pessoas, contando-se entre os feridos os seus proprios filhos.

TRABALHADORES DILIGENTES
Podem falar á vontade, mas nada de comer
(Mostra os membros da Duma trepados á vinha onde ha cachos de rublos. Trepoff está em baixo com um knout)
Do "*Kladderadatsch*,,

A autocracia procura, é claro, defender-se do novo arranco revolucionario e, assim, das 87 provincias em que se divide o imperio moscovita, 82 estão já sujeitas á lei marcial. Mas estamos em crer que, a despeito de todos os seus esforços, nada conseguirá. Chegadas as coisas ao ponto em que se encontram, o dilemma está posto para ella: ou submette-se, ou morre!

A Egreja e a França

VOTADA pelo parlamento a lei de separação da Egreja do Estado, toda a França aguardou, com um natural interesse, as resoluções que, em presença do novo estado de coisas, tomaria a Curia romana. O parto foi laborioso — e só ao fim de longas hesitações, consultas e balões de ensaio, o papa deliberou dizer da sua justiça. Como? Prégando a resistencia. Pio X poz-se á frente d'aquelles que entendem dever explorar para fins politicos a lei de separação e que, sem se importarem com os interesses religiosos, só cuidam em excitar o fanatismo contra a Republica.

HERZENSTEIN
Membro da Duma, assassinado em Helsingfors

Tudo indicava ao pontifice o dever e a necessidade de ser prudente e de procurar tirar do novo regimen as vantagens que logicamente d'elle podia obter — porquanto a unica probabilidade da salvação para a Egreja em França estava na aceitação leal e sincera da lei. Em vez d'isso, porém, o papa, na sua encyclica aos catholicos francezes, preconisa a guerra religiosa, préga a hostilidade systematica ao governo republicano, não consentindo que se constituam as associações cultuaes, ás quaes deviam ser devolvidos os bens da Egreja. Não se lembrou que, d'essa maneira, colloca o clero

ABAFANDO O SINO DA LIBERDADE
O CZAR — *Preciso calar este badalo, dê por onde der*
Do "*Manchester Evening Chronicle*,,

O POVO E A AUTOCRACIA
Por mais manso que seja um cavallo, ponham-no defronte de uma mangedoura vasia e engordem-no com promessas de finissimos alimentos, que elle desatará aos couces, a não ser que intervenha a Sociedade Protectora dos Animaes.
Do "*Papagallo*,,

francez fóra da lei, e que o governo dispõe de meios praticos para o reduzir rapidamente á impotencia, como seja, por exemplo, a supressão das pensões.

Procedendo assim, o papa contou evidentemente com o generoso concurso dos fieis, mas n'isso consiste o seu principal erro, pois que, á hora presente, o sentimento religioso em França já não é de molde a conduzir a grandes sacrificios.

Foi, emfim, uma falta grande, que compromette irremediavelmente o futuro da Egreja em França. N'ella, decerto, não teria cahido o espirito lucido de Leão X...

Eduardo VII e Guilherme II

A entrevista, realisada a 15 de agosto, em Friedrichskoff, do rei de Inglaterra e do imperador da Allemanha, tem feito correr muita tinta por esse mundo de Christo. Diversos jornaes estrangeiros pretenderam ver n'ella o termo das hostilidades abertas ha longo tempo entre os dois paizes e o inicio de uma nova era de bom entendimento, porquanto, explicavam, foi a primeira vez, depois de dois annos, que Eduardo VII consentiu em encontrar-se com seu sobrinho, não o tendo sequer feito o anno passado quando atravessou o territorio germanico para ir fazer a sua habitual cura de aguas em

FELIZ AVÔ!

Linda creança, não é verdade? Sempre de bocca aberta, tal qual o avôsinho

Do "*Nebelspalter*,,

Marienbad. Mas a imprensa ingleza acudiu logo para, sorrateiramente, affirmar que a entrevista dos dois soberanos «não tivera o menor alcance politico».

Ao mesmo tempo, os jornaes francezes annunciaram, com uma tal ou qual ostentação, que, no seu regresso á Gran-Bretanha, o rei Eduardo deter-se-ia em Paris. A imprensa allemã, que até ahi conservara sobre o caso uma atitude dubia, não teve então remedio senão confirmar abertamente as declarações da sua confrade de alem-Mancha. A officiosa *Gazeta de Voss*, por exemplo, chegou a exprimir-se assim: «A entrevista resumiu-se n'isto: troca de cumprimentos e de apertos de mão».

Foi essa, em ultima analyse, a versão aceite por todos. Ella era, de facto, a mais racional, porquanto, a despeito de todos os protestos officiosos em contrario, a Allemanha e a Inglaterra *não se podem ver*. Sem duvida, a entrevista terá servido para atenuar, até certo ponto, o effeito produzido pelas mutuas aggressões—mas nada mais. Nem o povo allemão está identificado com os actos do kaiser, nem Eduardo VII, que molda rigorosamente os seus pelas indicações que em todos os actos da sua vida lhe dá o povo inglez, iria fazer uma coisa que a este profundamente repugnaria.

A Constituição do Transvaal

A Inglaterra cumpriu a sua palavra. Compromettera-se ella, ao saír victoriosa da guerra sul-africana, a dar, n'um futuro o mais possivel proximo, uma constituição ao Transvaal. Durante a estada no poder do partido conservador que tomara esse compromisso, não foi elle satisfeito, mas logo que assumiu a direcção dos negocios publicos o partido liberal, o chefe do governo *sir* Henry Campbell Bannermann, annunciou que se propunha saldar essa divida quanto antes.

Acaba de fazel-o. A camara dos communs approvou, ultimamente, em primeira leitura, e por 316 votos contra 83, o projecto que n'esse sentido lhe fôra apresentado pelo sr. Winston Churchill. Estabelece elle

O DRAGÃO DA ESQUADRA ALLEMÃ

Quanto mais se lhe dá, mais exige. Ha de acabar por nos devorar. Vêem-se os ministros allemães alimentando os dragões com sacos de dinheiro, que teem as inscripções: "imposto de cigarros", "imposto de propriedade", "imposto de automoveis".

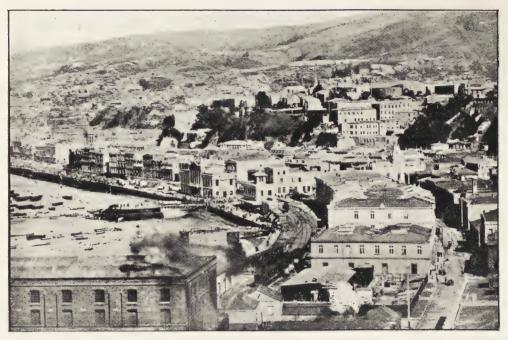
Do "*Wahre Jacob*,,

a egualdade absoluta entre boers e inglezes, que, por isso, gosarão dos mesmos privilegios e dos mesmos direitos.

É instituido um Parlamento, com duas camaras: a primeira comprehenderá 70 deputados, retribuidos, (34 pelo Rand, 6 por Pretoria e 20 pelo resto do Transvaal) eleitos por todos os cidadãos maiores de 21 annos, e que tenham mais de seis mezes de residencia no Transvaal. A camara alta compôr-se-ha de 15 membros que, para a primeira sessão legislativa, serão nomeados pela corôa, mas depois serão eleitos, como os deputados. As linguas officiaes no parlamento serão o inglez e o hollandez.

O projecto estabelece que o recrutamento da mão d'obra chineza cesse a partir do dia 13 de novembro, sendo abrogada a lei que o facultou.

O naufragio do «Sirio»

Um grande sinistro maritimo, dos maiores que a historia nautica regista, tornou tristemente celebre o dia 5 de agosto ultimo. Procedente de Barcelona e de Napoles, seguia pelo Mediterraneo, em direcção á Republica Ar-

VISTA GERAL DE VALPARAISO

gentina, o paquete italiano *Sirio,* quando, ao passar em frente de Cartagena, foi, por erro do commandante, de encontro ao baixio das Formigas, afundando-se immediatamente.

O *Sirio* transportava 800 pessoas, a maior parte das quaes emigrantes. E, apezar dos extraordinarios esforços dos tripulantes dos navios que acorreram em seu auxilio, não houve meio de evitar que 300 d'elles fossem tragados pelo mar.

Valparaiso destruida

ALEM da catastrophe do *Sirio,* uma outra, incomparavelmente maior, veiu assignalar o mez de agosto d'este anno. Referimo-nos ao pavoroso terremoto que no dia 16 destruiu quasi completamente a bella cidade chilena de Valparaiso, occasionando a morte de 2.300 dos seus habitantes. Os pormenores d'essa horrivel catastrophe, publicados nos jornaes, são de natureza a commoverem ainda os menos impressionaveis. Mas só o facto em si, laconicamente apontado, basta para fazer estremecer de horror toda a humanidade e despertar em todos os corações o mais puro e legitimo sentimento de piedade e sympathia por esse nobre e valoroso povo chileno que, com o seu esforço e a sua intelligencia, tem sabido conquistar na historia da civilisação um logar invejavel.

As eleições em Portugal

ENCONTRANDO-SE no poder o joven partido regenerador-liberal, cujo chefe e chefe do governo, sr. João Franco, atacara, na opposição, com a maxima violencia, a lei eleitoral vigente, feita por um ministerio progressista, suppoz toda a gente, a principio, que elle não se serviria d'esse diploma para regular a eleição do parlamento com que devia passar a governar. Todavia, o sr. João Franco declarou desde logo que não podia prescindir do concurso d'essa lei—porque não queria iniciar a vida nova da politica portugueza com uma dictadura. E foi assim que as eleições se effectuaram no dia 19 de agosto, seguindo-se á risca a lettra da lei progressista.

Entretanto, o presidente do conselho de ministros, talvez para honrar o seu programma de governo, mas decerto tambem para atenuar o pessimo effeito produzido na opinião publica por aquella determinação, que fôra recebida como um primeiro acto de vassalagem aos antigos processos governativos, afirmou solemnemente que, dentro dos limites, aliaz estreitissimos, marcados na lei, seriam respeitados no acto eleitoral os direitos de todos os partidos.

E foram — até certo ponto. Com effeito, o eleitorado da capital, que ha alguns annos vinha dando a maioria dos seus votos a candidatos republicanos, viu, pela primeira vez, que, *dentro dos taes limites,* a sua vontade era respeitada. E assim, sairam eleitos por Lisboa quatro deputados d'aquella côr politica.

A entrada d'esses quatro homens no parlamento portuguez, acalmando, por um lado, a irritação que vinha lavrando no partido republicano, não vem pôr em perigo immediato a existencia das instituições. Ao contrario, intelligentes e patriotas como todos elles são — e os seus proprios adversarios o reconhecem — poderão collaborar com ellas, em certa medida, na obra da regeneração de Portugal.

Vida na arte

CAROLINA FALCO

A actriz Carolina Falco

Mais uma individualidade artistica de valor acaba de nos arrebatar o Brazil. A actriz Carolina Falco, que se ligára á companhia de Angela Pinto, falleceu em Pernambuco, com 67 annos de edade e talvez meio seculo de vida artistica. Era muito considerada em palcos portuguezes, pela distinção da sua figura e pela antiga belleza de que ainda conservava brilhantes vestigios, e ainda pela sua adaptação a trabalhos dramaticos de diversa indole, embora, sobretudo nos ultimos annos, se notabilissasse principalmente em papeis de comedia. A sua perda determina uma lacuna, por emquanto difficil de preencher. E a sua memoria não é facil de apagar-se nos corações dos que intimamente a conheceram, pois que o seu valor artistico não sobrelevava á sua bondade.

Era mãe do illustre autor dramatico Augusto de Lacerda, que ainda na epoca passada teve em D. Maria um justificado successo.

A sua morte vem mais uma vez mostrar que toda a cautela é precisa n'estas *tournées* dramaticas organisadas para o Brazil, sujeitando os artistas a excessos de trabalho em climas pouco adequados ao viver dos europeus.

Dansas hindus

Uma bailarina original, Miss Ruth Saint Denis, americana como Loie Fuller, a creadora da serpentina, está fazendo furor em Londres com a reproducção das danses mysticas dos Brahmanes. Auxiliada por uma deslumbrante *mise-en-scène*, revestindo um traje da mais estricta conformação á magnificencia oriental, coberta de pedrarias e perolas, Miss Saint Denis figura a deusa Radha, a gloriosa esposa de Krishna, no seu pomposo santuario, adorada segundo o ritual por uma turba de sacerdotes. Ás orações dos fieis ella responde então n'uma dansa mystica, symbolisando a renuncia dos sentidos corporaes. É um bailado impressionante e suggestivo, dizem os criticos, como se fôra um sermão coreographado.

A lingua ingleza aos baldões

O Presidente dos Estados Unidos, á falta de topicos onde desenvolva a sua febril actividade, dirigiu agora a sua imperiosa attenção para a grammatica. Instigado pelo millionario Carnegie e estribado na opinião do professor Matthews, da Universidade de Columbia, Theodoro Roosevelt determinou, com a autoridade que lhe confere a constituição dos Estados Unidos, que se adoptasse officialmente a simplificação orthographica proposta por aquelle professor. Entende o Presidente que a lingua dominante no mundo hodierno deve despojar-se de todas as difficuldades que ainda hoje embaraçam não só os extrangeiros, mas os proprios anglo-saxões. E ao mesmo tempo previne os europeus da sua raça que, caso não se cinjam ás suas determinações, a lingua americana tomará logar distincto do velho idioma de Shakespeare e Milton.

É evidente que a imperiosa resolução do chefe dos Estados Unidos produziu na Grã-Bretanha um movimento de protesto, manifestado por phrases irritadas ou sarcasmos mordentes. Uma conceituada revista termina o seu artigo pelas phrases seguintes:

«Todas as muitas e variadas influencias que teem contribuido para a formação d'esse majestoso instrumento de linguagem humana que, fora dos Estados Unidos, ainda se conhece sob o nome de «lingua ingleza», teem de se traçar na orthographia que tanto apoquenta o professor Brander Matthews e mais o caturra de seu Instituto de Orthographia Simplificada; e nós não vamos romper taes vinculos historicos por amor de uma uniformidade vulgar e pedantesca. Sem duvida que se fosse aquella sociedade encarregada de fabricar a lingua ingleza, deveria ter feito obra muito mais aceiada; mas, tal como está, é ella que vigora ha mais de mil annos, e confiamos que arrostará com o zelo reformador de muitos professores americanos, com a autoridade de um Presidente dos Estados Unidos, e com a riqueza de um serralheiro millionario».

Com vista ao zelo dos reformadores philologos do portuguez.

MISS RUTH SAINT DENIS
Nos seus admiraveis bailados hindus

Vida no sport

Regata na Azambuja

PROMOVIDA pelo Real Club Naval, realisou-se no dia 5 do mez de Agosto a regata na Azambuja, que foi uma festa brilhante e que correu animadissima. Os premios foram disputados por barcos de 6, 4, 3 e 2 remos sendo as corridas cheias de enthusiasmo, tanto por parte dos corredores, como por parte dos espectadores. A concorrencia foi enorme e via-se no local da regata o que ha de melhor n'aquella villa, alem dos forasteiros que em grande numero concorreram de Lisboa e de outros pontos.

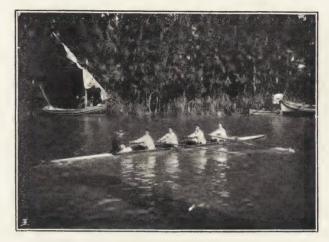
Os premios foram distribuidos á noite no meio de uma selecta concorrencia, na séde do Club, sendo offerecida aos corredores uma taça de champagne.

REGATA NA AZAMBUJA

O desenvolvimento do automobilismo em França

FOI um francez, Cugnot, o primeiro inventor de um carro automovel, construido em 1797, o qual ainda se encontra em Paris. A invenção não teve consequencias immediatas. Foi preciso quasi um seculo para que ella chegasse a resultados praticos, e foi exactamente um seculo depois, em 1897, que a corrida ganha por um pequeno carro Bollée consolidou em França a industria dos automoveis.

De então para cá, a construcção dos automoveis n'esse paiz ascendeu desde 1.850, com o valor de francos 8.300.000, em 1898, até 22.000, vendidos por 176.000.000 francos em 1904. Sem sombra de duvida, a França tomou a vanguarda no exercicio d'essa nova e prospera industria, chegando a exportar nos primeiros seis mezes de 1905 o valor de 49.035.000 francos em automoveis.

Possue a França mais fabricantes de automoveis do que todas as outras nações da Europa reunidas, como se pode ver na seguinte tabella, em que o nosso paiz infelizmente não figura:

Fabricantes de automoveis em

França	172
Grã-Bretanha	114
Allemanha	60
Belgica	36
Italia	19
Suissa	19
Austria	13
Russia	8
Hollanda	7
Dinamarca	6
Suecia e Noruega	5
Hespanha	3

A desproporção é ainda maior tratando-se dos manufactores e commerciantes de obra de madeira e de virolas para automovel. A' França, que figura com 164 entre os primeiros e 145 entre os segundos, seguem-se respectivamente a Belgica com 29 e a Allemanha com 49. E no fabrico de todos os outros accessorios, ainda a França se distanceia de forma notavelmente vantajosa de todos os seus competidores europeus.

Os negociantes de automoveis são em França 3357, ao passo que todos os restantes paizes da Europa teem apenas, ao todo, 1076.

Ha cerca de 20.000 automoveis em uso na Republica Franceza, os quaes representam um capital approximado de 8.000.000 libras. A industira dos automoveis abriu novo campo á aristocracia franceza excluida de diplomacia e dos altos cargos do exercito e da armada. E por isso vemos na lista dos que industrialmente se interessam pelo automobilismo nomes respeitados e illustres, como o marquez de Dion, o conde de Pourtalès, o marquez de Chasseloup-Loutat, o barão Zuylen, os condes Gontant de Biron, e muitos outros que figuravam na corte desde o tempo de Henrique IV.

Graças ao automobilismo, a França tem augmentado colossalmente, de anno para anno, a sua percentagem de visitantes extrangeiros, sobretudo americanos. Ha nove annos computava-se em 20.000 libras a quantia deixada annualmente pelos americanos em Paris. Hoje deve ser muito superior.

Mas não é só Paris que attrae os forasteiros, dentro das fronteiras da França. Todas as provincias são percorridas pelos automoveis, graças á excellencia das suas estradas que uma revista ingleza de especialidade considera as melhores do mundo, e á amabilidade hospitaleira dos habitantes.

Vida nos campos

SETEMBRO

No campo

TERMINADA a grande faina da colheita de cereaes em que o lavrador vê na eira qual foi o resultado das enormes canceiras do seu trabalho na cultura cerealifera, recomeça elle desde logo o rompimento das suas terras, que, viradas ainda antes do inverno, assim offerecem por maior espaço de tempo ao sol as suas entranhas, que elle, com todo o seu poder vivificador, prepára maravilhosamente para a grande transformação de semente.

É por isso que quem vive n'esta quadra do anno, accidental ou permanentemente, no campo tem occasião de assistir aos primeiros trabalhos de charrua, com a qual *pachorrentos bois vão lavrando*; e se fôr espirito culto ou, pelo menos, observador, não deixará de ser tocado pela grande poesia do scenario! É o anno agricola que começa, e o primeiro passo que o lavrador n'elle dá. Que o tempo lhe corra bem!

Na horta

COMEÇA n'esta quadra a refrescar o tempo, e o hortelão a descançar mais um pouco das fadigas das regas. Sem comtudo deixarem de ser indispensaveis, se não chove, podem pelo menos ser menos abundantes.

Uma das culturas mais vulgares na horta é o milho. É este o mez da sua colheita.

O milho é uma planta das mais uteis. Os americanos cultivam-n'a com grande interesse, e teem, para essa cultura, inventado grande numero de apparelhos que lhe teem barateado immenso a mão d'obra: semeiam á machina, sacham á machina, colhem, debulham e preparam a verdura da planta á machina. D'esta economia de mão d'obra resulta o alargamento da cultura, e por conseguinte o barateamento do producto, que para toda a parte é exportado lucrativamente. Entre nós infelizmente as coisas passam-se differentemente, e para equilibrar preços intervem a alfandega, que assim concorre para a manutenção da nossa tradicional enxada e mangoal.

DESCAROLADOR MECHANICO PARA MILHO

A nossa gravura representa uma machina americana para a debulha do milho, grande modelo dando um rendimento de 150 a 200 mil litros de milho em cada 10 horas! O milho em maçarocas é lançado á pá para a bocca do alimentador, que fica a pouca altura do chão, e que o recebe e o conduz ao interior da machina onde o grão é separado do carolo joeirado e limpo, subindo por meio de uma nora para sahir pelo tubo de descarga que se vê erguido ao centro do apparelho e assim despejado com facilidade para dentro de carros em qualquer ponto alcançado pela rotação do tubo. O carolo, completamente debulhado, é lançado por outro elevador á frente da machina.

Este descarolador pode ser movido com um manejo de oito cavallos, mas o mais apropriado é uma locomovel de 10 cavallos, facil de se encontrar em uma lavoura de importancia.

D'estas machinas, esta é a maior; inferior a esta fabricam os americanos grande numero de modelos até ao pequeno descarolador de manivela para um só homem.

E entendem elles que a cultura do milho tudo merece...

Na vinha

É n'este mez que em geral se faz a vindima no nosso paiz. Com este trabalho termina a primeira parte da cultura denominada *viticola*, e começa a segunda parte denominada *vinicola*.

A verdadeira occasião de vindimar deve ser indicada pela perfeita maturação da uva que pode antecipar-se ou atrazar-se conforme lhe corre o tempo; e como do estado da uva, ao ser vindimada, depende muito a qualidade do vinho, não

deve ser o calendario que se deve consultar para se proceder a esta operação.

Os cachos são cortados, em geral, com navalha que, sacudindo os bagos, faz cahir muitos, o que constitue prejuizo importante; o melhor meio é empregar tesouras especiaes baratas, conhecidas por tesouras de vindima.

As uvas são lançadas em cestos, conduzidas assim para o lagar quando este fica perto, e em dornas, sobre carros, quando haja mais caminho a percorrer.

Nos lagares é a uva esmagada e conduzido o liquido ou mosto para as cubas de fermentação, onde é transformado o assucar em alcool.

Nos vinhos tintos fermenta o mosto juntamente com a balsa para o completo aproveitamento da tinta que a pelle da uva contem. Nos vinhos palhetes e nos brancos é separado o liquido da balsa immediatamente depois do esmagamento da uva, que hoje é geralmente feito com apparelhos especiaes munidos de cylindros canelados.

A primeira parte da fermentação em que ha mais agitação no liquido é denominada fermentação tumultuosa e dura dois a tres dias e mais segundo as condições em que se dá.

No jardim

Começa a notar-se a decadencia da variedade de flores nos jardins. Uma das flores que maior ornamentação n'elles offerece n'este mez é a dahlia.

Esta flor, cujo nome deriva de Dahl, distincto botanico sueco, pertence ao genero das compostas. Ha d'ella varias especies, variando em côr. Foi importada da America onde era uma planta de flor singela, mas na Europa ganhou uma tão grande estima que a sua cultura tem sido estudada e aperfeiçoada de modo que hoje é uma das flores mais bonitas e variadas dos nossos jardins.

A reproducção obtem-se, em geral, por meio de tuberculos, que devem ser mettidos na terra em posição vertical Com a sementeira pode obter-se maior variedade de plantas, mas a sua cultura requer maiores cuidados.

A dahlia exige regas abundantes, mas junto ao pé, porque a agua prejudica muito a flor quando lançada sobre ella com agulheta ou regador.

Esta flor symbolisa *amor intenso*, de modo que se não sabe ainda se é pela significação se pela belleza da sua apparencia, que ella tem merecido tão grande predilecção.

Vida na sciencia e na industria

A nova machina de Santos Dumont

O inclito aeronauta brasileiro não descança do tenaz proposito de triumphar definitivamente na sua gloriosa campanha.

A recente machina voadora, de sua invenção, que em breve entrará no periodo experimental, deve ligar-se a um balão, de modo que seja facilmente actuada pela propulsão de um helice. Tem o feitio de uma ave immensa, com 11 metros de comprido e uma envergadura de azas de quasi 13 metros. É formada por fluctuadores cellulares cavilhados entre si. No centro ha um motor da força de 24 cavallos, com o helice na parte posterior.

A NOVA MACHINA DE SANTOS DUMONT

Explorações francezas na Africa

Deve ter sahido de França uma expedição sob o commando do major Lenfant, a qual deve preencher lacunas ao mapa de Africa. O itinerario da expedição começa em Brazzaville, segue por Nola, ponto de juncção do Mambere e do Kadei que formam o Sangha, sobe o Mambere até Bania, depois entra no deserto, em direcção ao lago Laka, tendo por principal objectivo a ligação fluvial, tanto quanto possivel, da bacia do Logone com a do Sangha. Esta ligação dispensará os colonos francezes de se abastecerem de gado, cavallos e burros, importados das colonias allemãs dos Camarões. O cannibalismo existente nas regiões do Alto Sangha e do Kadei ficará abolido, por isso que os indigenas não recorrerão á carne humana, logo que o gado, até hoje escasso, accorra da região do Laka.

O major Lenfant dispõe da somma de 185.000 francos para presentes.

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 »	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 »

Semestre 60 % } **Ao preço do anno**
Trimestre 40 % }

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de **Pequenos annuncios,** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

Typ. «A Editora»

SERÕES
EDITORA
Rachel

Summario

Correspondencia dos SERÕES

GUERRAS COLONIAES

Sob este titulo generico encetámos no numero ultimo uma serie de brilhantes artigos do nosso insigne collaborador sr. Eduardo de Noronha, relativos á expedição contra o Gungunhana, uma das mais gloriosas campanhas coloniaes de que pode orgulhar-se a historia militar portugueza.

Não se surprehendam os leitores se, sob o mesmo titulo generico, começamos desde já uma nova serie, interrompendo a encetada por aquelle illustre escriptor, conhecedor como poucos dos assumptos militares do Ultramar. Foi o proprio sr. Eduardo de Noronha que amavelmente concordou na immediata publicação d'esta outra narrativa, de palpitante actualidade, pois que se refere á campanha effectuada o anno passado ao Sul de Angola, sob os auspicios do então governador geral, conselheiro Ramada Curto, contra as tribus revoltadas d'aquella região, já assignalada pelo tragico desastre do Cunene.

Esta narrativa, devida á penna de uma testemunha presencial, o capitão de estado maior sr. Eduardo Augusto Marques, que tomou parte activa e brilhante na campanha, profusamente illustrada com photographias e desenhos, reveste um caracter de authenticidade official, sem perder o emocionante interesse que despertam as aventuras de guerra sertaneja. A primeira campanha contra os cuanhamas teve recentemente o seu epilogo na absolvição dada em conselho de guerra aos officiaes a quem se attribuiam as responsabilidades do medonho desastre. A presente narrativa representa a esplendida desforra tomada pelas armas portuguezas contra os indigenas que lhes infligiram occasionalmente uma derrota, que o tribunal militar limpou de toda a nodoa.

Foram estas considerações que nos levaram a interromper a serie de episodios com que o sr. Eduardo de Noronha quiz honrar os *Serões*, sendo este nosso amigo o primeiro a aconselhar-nos a interrupção. Não perdem com isso os nossos leitores, que, finda a magnifica narrativa do sr. Eduardo Marques, continuarão a ver admiravelmente preenchida por aquelles episodios a secção *Guerras coloniaes*, que já agora, em vista do interesse que desperta, procuraremos conservar nos *Serões* com caracter de permanencia.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Continuamos a receber varias solicitações para a publicação de artigos que obsequiosamente nos são enviados.

Não podemos responder senão o mesmo que repetidas vezes temos declarado n'este mesmo logar: isto é, que a ordem de publicação dos artigos tem de ser subordinada a circumstancias muito complexas, das quaes nem sempre pode assumir o logar predominante a ordem chronologica da sua recepção. A variedade dos assumptos tocados em cada numero, o seu grau de opportunidade, tudo isto são condições a que nos vemos forçados a attender e que não raro nos obrigam a preterir, muito contra os nossos desejos, alguns dos nossos estimaveis collaboradores espontaneos. Da demora forçada lhes pedimos novamente desculpa.

RETRATOS E BIOGRAPHIAS

Insiste um nosso amavel correspondente do Rio de Janeiro sobre a conveniencia de abrirmos todos os numeros com um retrato e respectiva biographia dos homens illustres de Portugal, nas sciencias, nas lettras, nas artes. Agradecendo cordealmente as observações, que denotam um lisonjeiro apreço pela nossa revista, assim como as phrases encomiasticas que as acompanham, insistimos em dizer que em parte tem sido cumprido o desejo do nosso estimado correspondente.

E, se não o fazemos de todo, é porque as exigencias de variedade, excellente collaboração e opportunidade a isso se oppõem.

Podemos annunciar-lhe em todo o caso que temos já em nosso poder e encommendados alguns artigos n'esse sentido, não só com respeito a portuguezes illustres, mas tambem a brazileiros illustres, pois que persistimos em considerar esse bello paiz da America do Sul como um prolongamento da patria portugueza.

Agradecemos ainda ao mesmo correspondente a honra que nos confere da sua collaboração, e em breve lhe demonstraremos o justo apreço em que a temos.

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de paizagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso, a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço da photographia : ....

....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.ª, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

CAXAMBÚ
AGUA DE MESA

Poock
Poock
Casa
Clausen
Rio de Janeiro

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coraçao de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

Ottoni. Silva & Cia.
Rua Primeiro de Março
13 e 15
·Telephone 912·
Rio de Janeiro
MOINHO PARA CAFÉ
BOMBAS
A PETROLEO·
PHOENIX
A LENHA
·MACHINA PARA CARNE·
Nº 12
ENTERPRISE TINNED MEAT CHOPPER
Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.
UTENSILIOS PARA COZINHAS
A GAZ

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Boletim da Real Associação Central de Agricultura Portugueza — n.º 4 — Abril de 1906 — Vol. III Summario: Distribuição de Culturas, por Jayme Magalhães Lima — A exposição do gado leiteiro em 1905, por José Miranda do Valle — Tratamento das Doenças Cryptogamicas da Videira, por A. Leforte — Commercio de vinhos — Movimento Agricola, por J. V. Gonçalves de Sousa — TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO, correspondencia, officios e documentos da direcção geral da marinha ácerca do fornecimento de azeite hespanhol — As analyses nos Laboratorios Dependentes da Direcção Geral de Agricultura — Informações e noticias.

Revista Pedagogica — *Orgão do professorado Açoreano* — Anno I — 15 de Julho 1906 — n.º 8 — Revista publicada em Ponta Delgada, muito interessante.

A Construcção Moderna — Revista illustrada — Anno VII — N.º 2 — Agosto de 1906 — Summario: Casa do sr. Alfredo de Magalhães Barros — Projecto do sr. Antonio do Couto — Legislação das construcções — Fundação Rothschild — O preço da força humana — Chaminés alemtejanas — O salto de quatro pulgas — Fossas inodoras mouras — As quedas da agua no Zambeze — Os gazes industriaes — Expediente — Fusão e dilatação — Segundo congresso internacional de saneamento e salubridade da habitação.

Educação Nacional — Semanario publicado no Porto — 10.º Anno — N.º 520 — 1906 Setembro.

Novos horisontes — Agosto 1906 — N.º 15 — Publicação mensal operaria de propaganda e de critica.

Echo Photographico — *Jornal Mensal de Sport Photographico* — Anno I — Setembro 1906 — N.º 4.

O Occidente — Revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro — 29.º Anno — Vol. XXIX — 1906.

A Renascença — Revista Mensal illustrada — Anno III — Julho 1906 — N.º 29 — Lettras — Sciencias e Artes — Impresso em bom papel e bem illustrada.

Arte — *Archivo de Obras de Arte reproduzidas pelos mais modernos processos* — Porto — Agosto de 1906 — 2.º Anno — N.º 20.

Echo Feniano e Girondino — *Revista Portuense d Arte e Acontecimentos* — Publicação mensal — Porto — Agosto 31 de 1906 — Anno I — N.º 7.

O Instituto — *Revista Scientifica e Litteraria* — Vol. 53.º — N.º 8 — Agosto 1906 — Summario: Alliança ingleza — Continuação por Affonso Ferreira — O Problema da Codificação do Direito Civil, etc., etc.

Os Annaes — Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria — Anno III — Rio de Janeiro, 16 de Agosto 1906 — N.º 94.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — 17.º Anno — N.º 17 — 1 de Setembro de 1906.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 3.ª serie — Setembro de 1906 — N.º 31 — Summario: O territorio de Manica e Sofala em 1905 — Continuação — Capitão de fragata Nuno de Freitas Queriol — Um artigo notavel, etc.

Boletim Photographico — N.º 77 — Maio de 1906 — 7.º anno — Summario: Photographia Estereoscopica — A Revelação lenta na photographia artistica, etc., etc.

Actualidades — *Actualidades, Artes, Sciencias e Lettras* — Revista Illustrada — Publicação quinzenal — Anno I — 5 de Setembro de 1906 — N.º 3.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — 3.ª Serie — Maio de 1906 — N.º 17.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Anno VII — N.º 5 — 1 de Setembro de 1906 — N.º 197.

Sermas — Cartas a Annibal Fernandes Thomaz, por Bonifacio Franco Ratos — Livro interessante de poesias e rimas, impresso em bello papel — (Empreza typographica Eborense).

Echo Photographico — *Jornal mensal de sport photographico* — Anno I — Outubro 906 — N.º 5.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — 3.ª Serie — Junho e Julho de 1906 — N.ºs 18 e 19.

Novos horisontes — *Publicação mensal operaria de propaganda e de critica* — N.º 4 — 1 de Outubro de 1906 — Artigos principaes: A recompensa do patriota — Torpe vingança — O lado vulneravel, etc., etc.

Boletim da Real Associação da Agricultura Portugueza — N.º 7 — Julho 1906 — Vol VIII — Summario: Estudo do Problema Vinicola — Resolução immediata da crise — C. Champalimaud.

Portugal Agricola — 17.º Anno — N.º 19 — Outubro 1 de 1906.

A Semana illustrada — 1.ª Serie — Setembro 29 de 1906 — N.º 1 — Recebemos este semanario que vem muito interessante tanto na parte litteraria como na musical, em que insere a musica e couplets da apreciada canção hespanhola «*La Pandareta*» — Está á venda em todas as tabacarias e kiosques e na Redacção e Administração, Rua Aurea, 165, 3.º — O proximo numero publicará uma romanza para violino e piano.

Rimas — João Penha — Um bello livro de versos primorosamente impresso em bom papel editado pela Casa Cruz & C.ª Editores de Braga.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de agricultura geral* — Anno XXI — Setembro 906 — N.º 9 — Artigos principaes: Conselho para a vindima — Vinificação — Chronica do Norte, etc.

Echo Feniano e Girondino — *Revista Portuense d'Arte e Acontecimentos* — Publicação mensal — Anno I — N.º 8 — Setembro 906 — Artigos principaes: Mez a mez — Politica alegre — Flor de Sangue, etc., etc.

O Instituto — *Revista Scientifica e Litteraria* — Vol. 53.º — N.º 9 — Setembro de 1906 — Artigos principaes: A alliança ingleza — O problema da Codificação do Direito Civil, etc.

Economia Domestica — Vêr os dizeres na capa da Arboricultura.

Primeiros soccorros a doentes — Vêr os dizêres na capa da Arboricultura.

Pombas feridas — Por Ondina — Sonetos e Rimas — 1 volume impresso em fino papel couché, illustrado com o retrato da auctora no frontispicio, trabalho em phototypia com 120 pag. — Paris, typographia Aillaud, editeur.

Poeiras — Por Carlos Frederico Parreira — Livro de versos de um novo, digno de particular menção pela seiva poetica e juvenil, lembrando muitas vezes a maneira singela e vibrante de Cesario Verde, com toques de originalidade e de frescura que deveras encantam.

CONTENTAMENTO!

Quadro de Peske

(a)

Caixas de rapé

(a) (b)

Como o sonêto volante impresso a oiro e historiado por um illuminista de côrte, a folha clandestina e o lorgnon modelado por Germain, representa a caixa de rapé, no conjuncto

(b)

da sua plastica, no dezenho dos seus medalhões, na vigorosa cinzelagem dos seus pequeninos fechos, um dos elementos mais typicos da arte preciosa e voluptuosa que entre pastorinhos da Arcadia parece ter tido por berço o regaço da Pompadour. Integrada no gesto galante do seculo XVIII como um dos attributos mais *vieille roche* do maneirismo das suas curvas, passada e offerecida como fina pedra de toque a explicar puras origens e nobres categorias, sublinhando conceitos ou confidencias no modo intencional da sua offerta, é a muda tagarella que promette ou recusa, sorri ou amúa, emquanto dedos finos dão pancadinhas discretas nos bofes de renda, enchendo com requintado ademan o silencio da contra-scêna.

(b)

(a) Da collecção do sr. Alfredo Guimarães.
(b) Da collecção do sr. Alfredo Keil.
(c) Do Museu Nacional de Lisboa.

(*b*)

E assim que a caixa de rapé, vivendo e namorando n'um meio todo *rocaille*, se adapta e ageita vestindo as lindas puerilidades do seculo, tomando, no cumplicado cinzelamento dos seus metaes, enrolamentos de voluta, recantos de gruta amaneirada, e bordando-se de phrases dizendo argucias de sala e requebros de sentimento. Nas suas faces paganisa-se com satyros gargalhando e nymphas fugindo por entre renques de choupos ou pela espelhante mansidão dos lagos; é mythologica, emblematica, ás vezes mystica, e no polido dos seus esmaltes desenrolam-se reducções infinitesimas dos tectos de Le Brun ou as mais moralistas fabulas de Lafontaine.

(*b*)

Cingidas por grinaldas ou festões que rosados anjinhos seguram entre porticos, quadras e Cupidos, a aljava e a cythara, emblemas sentimentaes onde se diz um amor lettrado que se declara em conceitos ou se alquebra em theatraes adeuses, adornam este minusculo objecto de arte passado de mão em mão, fazendo d'elle um eloquente capitulo illustrativo que completa a intima scenographia de uma sociedade.

(*b*)

O historiador de costumes, o erudito, o romancista encontram n'estas deliciosas composições tanto como em galerias e pergaminhos, o recatado factor que por uma intriga abalou sociedades e deu fórmas de governo, a illuminura d'esses *petits faits vrais* por Stendhal collecionados com tanto zêlo, para fazer a historia do coração humano.

Além de metrificar madrigaes e representar as scenas do Olympo, a caixa de rapé tambem era genealogica, e todos conhecem os retratos do seculo passado, delphins, cadêtes, gran-senhores, e pallidas faces de altivas ou melancholicas fidalgas, enchendo o caixilho d'oiro com a auréola dos seus collares de renda e a nobre attitude das suas cabelleiras empoadas. Rosas fenecidas, com tons de outomno ou de desgraça, quasi vincam o labio ainda vermelho n'um tragado chôro de irreprimivel saudade.

E sempre sujeita ás variantes do

(*b*)

(*b*)

(*b*)

gosto e á tyrania da moda, cinzelada com veneração e herdada como reliquia, a caixa de rapé, nos fins do seculo XVIII, começou a ter uso mais amplo e emprego mais democratico, passando da sala para as multidões, e do *Café Régence* onde o *ancien régime* joga caturramente o xadrez, para os botequins onde se vulgarisou a Encyclopedia e se improvisam endechas ás Musas.

(*b*)

N'esta impaciente e tumultuaria confusão de gerarchias, perde a linha heraldica que a tornava serva d'uma classe onde o gesto era de nascença como a funcção social, e começa a ter fórmas menos estheticas e intuitos menos cortezãos: passa então da casta para o anonymato dos idylios, das paixões e das apotheoses.

Nos primeiros annos do Imperio, a França, extravasando pela Europa, começa a entoar em todos os cantos a sua aria de redempção. E então a caixa de rapé, tendo feito a satyra da antiga dynastia, tendo sido irreverente para com Luiz Capêto, trajando á moda romana com os vellites do Consulado, e voltando á tradição realista com a ephemera resurreição bourbonica, — coifa-se á grega como Madame de Staël, eternisa a effigie do *parvenu* côrso, ora com o sêcco perfil de Arcole, ora como a cezarea face de Austerlitz, e povoa-se de cyprestes, de urnas funerarias, de disticos sepulchraes, como se toda se acolhesse á altiva tristeza littera-

(*b*)

(*b*)

(a)

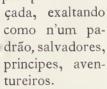
(b)

ria lançada sobre as almas pela melancholia de Chateaubriand.

É um dos seus periodos mais interessantes e mais typicos. Annuncia o Romantismo, e nas suas faces as vinhetas põem scenas ossianicas, coisas do Norte, brumas, columnas partidas: é a grande epocha da sensibilidade refeita por imagens, do amor concebido por litteratura, vergado a regras e phrases, participando a um tempo do gesto do *incroyable* e das renuncias do mosteiro.

(a)

Imperialista, a caixa de rapé encontra na Europa invadida a reacção das coleras autonomicas; e sobre os seus esmaltes, na mescla das suas tartarugas ou no negro dos seus azeviches, grandes legendas bramem pela patria ameaçada, exaltando como n'um padrão, salvadores, principes, aventureiros.

(b)

É um delicioso prazer para o curioso das nostalgicas antigualhas ver as caixas portuguezas dos principios do seculo passado, onde a influencia das scenas classicas, as evocações romanas das balbuciantes fórmas liberaes, todo um poetar de odes politicas e sonetos patrioticos se grava em lettras de oiro, entre emblemas de guerra ou de amor.

Não raro se encontra o perfil do glorioso manêta de Trafalgar, ou d'esse nobre Wellington que commandou os nossos soldados, e as datas memoraveis do Bussaco, do Vimeiro agrupam-se em vazo ou em cruz, com inflamados dizeres, rodeando capacêtes dos dragões de Chaves. E feita no exilio ou no carcere, pelo devotado amor d'algum enamorado jacobino prezo na Relação do Porto ou nas casamatas de S. Julião da Barra, rememora Catão, a cicúta de Socrates, holo-

(b)

(b)

(b)

caustos patrioticos da antiguidade, e geme em resignados prantos:

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

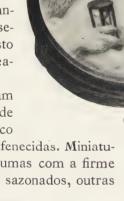
Alem das liberaes havia as caixas legitimistas, adoradas como uma hostia, com a donairosa face d'esse galhardo moço que foi D. Miguel, roçagando pomposamente o manto de arminhos e segurando com gesto firme o sceptro da realeza.

(a)

Os retratos formam uma vasta galeria onde paira o melancholico perfume de pétalas fenecidas. Miniaturas em marfim, algumas com a firme carnação de fructos sazonados, outras debruçando-se languidamente sobre uma saudade ou uma desillusão, accentuam certas deformações individuaes que sublinham temperamentos, paixões: em todas ha vigor cheio de intenção, todas evocam physionomias, e apezar de anonymos, esses perdidos rostos sumidos no passado lembram feições vivídas, e ao vêl-os, o espirito irresistivelmente diz: são retratos. Os olhos humedecem-se de sonho ou semi-cerram-se de ironia, as bôccas parece fazerem confidencias de desventuras, revelarem ainda influencias dominadoras...

(a)

(a)

(*c*)

(*c*)

Por fim, além da caixa idyllica, da caixa patriotica e da caixa genealogica, havia todo um decameron de caixas facetas onde se pinta a feição popular da satyra, na feira e na alcova, a gouache ou a oleo, especie pe farça em dois actos, o segundo dos quaes foge, recúa para o tampo interior.

Entram em scena o aboletado e o frade, irmãos gemeos da aventura licenciosa, ás vezes de braço dado como oscilantes escorços da bebedeira, triumphante aquelle em suas funcções de galan, este sempre fréchado pelo riso velhaco das multidões.

(*b*)

O aboletado, nesse incerto periodo de marchas e de campanhas, é a fagulha pertubadora que incende com o prestigio das vestes guerreiras, em sua vistosa polychromia, o coração da filha do estalajadeiro, *condotière* do amor facil, seduzindo, bebendo, fugindo. No primeiro quadro, na tampa, apresenta o papel da ordem, com piscadellas de olho á moça curiosa que torce o avental, pudibunda e de olhos baixos, ourada pelo brilho metalico das charlateiras; dentro, o epilogo da farça, em que ás vezes transparece o bom humor rabelaiseano de Brauwer ou de Steen. O frade, ou perseguindo entre bôjos de pipas um rumor de saias que

(*a*)

(*b*)

se escapulem, ou esperado pela multidão trocista, surgindo, rubro, de sob uma cama suspeita, é sempre a péla que rebóla entre gargalhadas e apupos, de cujo ruido se sente irromper um côro de quadras bocagianas.

Dizem os Goncourt, n'um dos seus conceitos lapidares sobre questões de Arte ou de Historia, que uma epocha de que não resta um fragmento de vestido, o espirito não n'a sente viver. O estudo de caixas de rapé, das suas decorações, dos seus emblemas, das suas physionomias, entra como um valioso elemento n'uma das facêtas da phrase synthetica dos romancistas-historiographos que levaram o adôrno, o movel, o utensilio, á alta significação documental do pergaminho, do obelisco, da chronica.

Porque certos objectos de emprego vulgar, sobre os quaes distingiu um pouco da atmosphera moral de uma epoca, e que injustamente se classificam na cathegoria das *artes menores*, são por vezes um claro espelho da luxuosa existencia das classes cultas que amaram, intrigaram, governaram, e caracterisam no povo as phases do seu humorismo, dos seus ingenuos enthusiasmos e das suas ephemeras adorações.

João Barreira.

ib

A evolução politica do Brazil

Desejando dar aos seus leitores um **aperçu** *bastante exacto do estado politico e social, economico e artistico, da florescente Republica de além do Atlantico, povoada pela raça portugueza e penhor de revivescencia para a lingua de Camões, a empreza dos* **Serões** *envidou todos os esforços para que os mais notaveis publicistas brazileiros lhe fornecessem autorisados elementos de estudo e francas opiniões sobre a sua bella patria.*

Correspondeu já ao nosso appello o eminente orador politico dr. Lauro Sodré, um dos estadistas de maior relevo nos Estados Unidos do Brazil. O seu nome, respeitado por todos, amigos e adversarios, representa uma esperança brilhante de futuro, que virá coroar um passado glorioso. Ainda ha menos de um anno, n'uma festa realizada no theatro Lyrico do Rio de Janeiro, lhe foi solemnemente offerecida uma espada de honra, como manifestação de apreço e de reconhecimento pelos serviços prestados pelo illustre cidadão á patria e á liberdade.

É esta gloria do Brazil moderno que honra os **Serões** *com a sua penna de ouro, dando uma ideia nitida e completa da evolução politica do seu paiz, e inaugurando assim esplendidamente a serie de artigos que acima promettemos.*

Não podemos furtar-nos a um caloroso agradecimento por esta prova de distincção concedida á nossa revista, e que é mais uma demonstração do carinhoso acolhimento que ella tem merecido na grande Republica nossa irmã.

Tamanha é a complexidade dos phenomenos sociaes, de tal modo apparecem aos nossos olhos os factos de ordem politica, que entre scientistas ha quem tenha por impossivel pôr ordem n'esse grande cahos, estendendo até esse superior degráo da escala do saber o principio fundamental de ordem e successão, que ata e relaciona todos os phenomenos naturaes, subordinando-os a leis fixas e invariaveis.

Para os que assim pensam nenhum valor teem os trabalhos dos que, seguindo as largas

e fecundas veredas abertas pelo eminente philosopho francez, a quem pôde conhecido e bem reputado homem de letras appellidar — *le roi de la pensée du XIX^e siècle* —, figuram operarios prestadios da obra genial, que Augusto Comte architectou quando creou a *Sociologia positiva.*

Deante d'esse feito scientifico, que por o seu nome fóra de par entre os maiores espiritos do seculo que findou, curvaram-se em preitos de sincera homenagem criticos de valor, que andaram a derrocar a sua obra philosophica, politica e religiosa.

Era um Stuart-Mill, nome que em todos os tempos fará o orgulho da Inglaterra, saindo a publico para proclamar que todos os que tiverem repugnancia em admittir a crença de vir a ser a philosophia da historia uma sciencia devem suspender os seus juizos até que tenham lido a obra magistral do incomparavel mestre.

Isso não tira aos phenomenos sociaes a sua natureza especial, que n'elles torna, mais do que em qualquer outro campo de exploração mental, difficil e muita vez impossivel a precisão, que é por toda parte a caracteristica essencial da sciencia.

Essa foi a grande e a maravilhosa conquista do seculo passado. O saber positivo ficou definitivamonte integralisado, completado o cyclo das sciencias, o que só tornou possivel a constituição de uma philosophia, que é filha das sciencias, destinada a subir até onde ellas subirem, a exercer a mesma influencia, que ellas exercerem, para redizer a palavra de um dos notaveis discipulos e sabedores das novas doutrinas.

Os que, rebeldes á lição dos que sabem, presumem que nas suas mãos está o encaminhar e dirigir, ao saber das suas vontades arbitrarias, os acontecimentos politicos e sociaes, são as mais das vezes victimas inconscientes dessa crença fallaz e d'essa ignorancia das leis que regulam a evolução natural, na ordem sociologica, como no dominio da biologia e da cosmologia.

A maior parte dos erros, que a historia registra, e que marcam tristemente os annaes da humanidade, são o resultado d'essa illusão dos que governam, na crença ingenua de que, onde não domina o dedo da providencia, que Bossuet ensinou a ver dirigindo os imperios, do nascedouro ao tumulo, prepondera o livre arbitrio do homem, a vontade absoluta do individuo, consagração dogmatica de uma metaphysica tão esteril como absurda.

E em bôa dose essa illusão, em que vivem os homens que figuram na politica, resulta da sua errada preparação scientifica, que faz com que em sociologia decidam os que não sabem arithmetica.

O Brazil, nem porque entre nós taes desacertos e desconchavos andam ás escancaras, figura o recanto do mundo em o qual taes cousas pareçam singulares ou excepcionaes. Do assombroso esolver da sciencia exactamente resultou, no discurso das ultimas decadas do derradeiro seculo, que ha no mundo policiado um nivel geral na ordem intellectual e moral, a que todos os povos facilmente e simultaneamente attingem, graças aos meios faceis de commercio e communicação, e ás feições novas das relações de toda ordem estabelecidas entre as nações do occidente e do oriente, do antigo e do novo continente, do norte e do sul da America. Hoje não ha porções do globo, em que vivam gentes cultas, cujo estado mental e social fique gráos e gráos abaixo do mais alto nivel a que tenham subido os povos mais adiantados.

A sciencia, multiplicando os factores de progresso e creando essa enormidade de recursos, que valeram o extraordinario desenvolvimento material, intellectual e moral do homem, tornou esse desnivelamento impossivel.

Como as correntes da atmosphera, que passam em derredor da terra toda, como a circulação dos mares, que por toda parte envolvem os continentes, como os movimentos scismicos, que vão de particula em particula, de bloco em bloco, de montanha em montanha, por toda a superficie do globo, denunciados nos maregraphos e nos instrumentos de precisão nos observatorios do meteorologista ou do astronomo, as idéas novas, as descobertas da sciencia correm de terra a terra, de homem a homem, de cerebro a cerebro, e illuminam por toda a parte os espiritos e guiam no mundo todo as consciencias abertas á luz.

E é erro a presumpção com que em paizes da Europa são estudadas e discutidas as cousas de outras regiões da terra, como se n'ellas não tivesse ainda chegado a luz da aurora, que se fez dia nos mais adiantados paizes do occidente.

Por isso é que não darão para espantar os nossos erros e as nossas faltas, os nossos desacertos e desvios das bôas regras da politica e das normas e sãos preceitos da moral

scientifica. O maior mal que nos afflige é um effeito de uma causa, que em todas as nações gera damnos e maleficios.

Derrocado o velho edificio das crenças theologicas e abaladas as instituições politicas, que com ellas faziam o solido e bello monumento da edade media, a humanidade ficou entregue á acção desencontrada de forças divergentes e oppostas, de onde se originou a anarchia intellectual, de que resultam, como naturaes corolarios, as desordens politicas, moraes e sociaes, que affligem e infelicitam todos os povos na hora presente.

DR. LAURO SODRÉ

O que nós aqui em bôa dose vivemos a padecer não é um mal só da nossa terra, nem é um mal só da nossa edade.

Sem que tenham no seio causas como as que entre nós estão dando tão desastrosos

effeitos morbidos, muitas nações do velho mundo vivem trabalhadas por tremendas crises economicas, politicas e sociaes, formulados por toda parte e não resolvidos graves e temerosos problemas.

Basta ver como, chegados ao seculo xx, quando parecia que a Humanidade ia entrar em nova phase de civilisação e de progresso, approximando-se cada vez mais e sempre d'esse ideal de fraternidade destinado a ligar todos os povos n'uma só e grande familia, feita a federação da Europa, e proclamado o codigo da justiça internacional, que poria remate ás guerras com que as nações agora deslindam os seus dissidios, por uma especie de regressão ou evolução *en arrière*, a que parecem sujeitos os organismos sociaes como os individuaes, succede essa volta aos institutos primitivos, o predominio desse espirito guerreiro, essa fome e sêde de conquistas, o principio retrogrado do *imperialismo*, que é a regencia absoluta da força, proclamado em logar da acção pacifica e progressiva do direito e da justiça.

Dir-se-ia que é agora entre as nações um duello universal. Teem ellas antes de tudo essa preoccupação dominante de armar-se, pondo em face dos exercitos estrangeiros e das esquadras de outros povos os seus grandes exercitos e as suas poderosissimas marinhas de guerra.

Infelizes os Estados pequenos ou pobres, que não podem chegar a tal situação de força material. Paira sobre elles a mais tremenda ameaça. E debalde invocariam os grandes principios solemnemente consagrados em retumbantes mensagens ou accordos e tratados internacionaes, creando tribunaes de arbitramento. A mão de ferro dos poderosos cairia pesada a esmagal-as se ingenuas e descuidadas confiassem na força do direito, recurso inutil contra o direito da força. É de vel-as impondo-se pelo possante canhão, pelo fuzil moderno, e por todos os multiplos e terriveis engenhos, que as artes da guerra foram haurir nos ferteis mananciaes das descobertas scientificas, que põem na mão do homem aperfeiçoados e centuplicados os instrumentos de destruição e de morticinio, ao mesmo tempo que cuidadosamente ensinam os meios de prolongar a vida humana, vencendo pelos recursos da hygiene publica e privada, dia a dia crescentes, e pelos novos e aperfeiçoados methodos e processos da arte de curar os mil e um empeços, que a natureza a cada hora levanta contra o sêr fragilissimo, que é o rei da creação, o deus mortal, o primeiro dos primatas, o descendente do *homo alalus*.

Dir se ia que nós estâmos a atravessar uma dessas phases historicas, em que a humanidade enfrenta e resolve um dos grandes problemas, cuja solução assignala a passagem de um periodo politico-social para um novo periodo, em que novos principios e idéas novas alumiam como pharoes radiantes e providenciaes as regiões indefinidas por onde imos a jornadiar, joguetes de todos os caprichos da natureza cega e inconsciente, que nos envolve de todos os lados, e contra cujas forças illimitadas e adversas nós não contamos senão com o auxilio da nossa razão impotente as mais das vezes, debil e sempre relativa, servida por orgãos, que são instrumentos physicos imperfeitos.

Dir-se ia que a nossa é uma dessas epocas, em que o espirito da revelação permanente e racional, que apregôa verdades novas e que erradica antigos erros, parece trabalhar mais profundameate as sociedades humanas, sacudindo-as e atormentando-as como quem das velhas nações faz que nasçam novos povos, para relembrar a palavra eloquente dessa mulher de genio, que antepoz ao livro admiravel de Charles Darwin um prefacio, que vale por um portico digno de tão magestoso monumento de saber scientifico e philosophico.

Pois até nós bateu a grande vaga do mar, que alastra e convulsiona o continente mais antigo. Como atravez dos ares, como por dentro do amago das terras, como pelo interior das massas densas d'aguas passam as ondas electricas, as correntes moraes e intellectuaes, as idéas, os pensamentos, os erros, as paixões nobres e generosas, as ruins e as baixas paixões vão atravez da materia, que constitue o meio social, continuo e uniforme, como um grande ser, ligado no tempo ás gerações já caidas e mortas, ligado no espaço como um só organismo, onde o homem individual figura a cellula de um extenso e multiforme tecido.

A essas causas geraes e mundiaes de turbação e desordem moral accrescem as que são peculiares nossas, oriundas do nosso passado, dos nossos antecedentes e da nossa historia, dos successos particulares, que no nosso seio se realisaram, a influir no nosso movimento relativo, effeito de causas especiaes e independentes da acção e dos successos gerados pelas

orças, que dão em resultado a marcha geral da humanidade tida como um só todo.

A revolução, que entre nós operou a transormação politica do paiz, derrocando o throno e pondo em vigencia as instituições republicanas proclamadas aos 15 de Novembro de 1889, foi um facto natural e previsto, occorrido á sazão propria, determinado por longos e poderosos e fataes antecedentes historicos.

Um dos escriptores do moderno Portugal, que tanto valia pelo seu saber como pela forma litteraria em que os seus pensamentos eram traduzidos, o Sr. Latino Coelho, precisou com vigor scientifico a radical e espontanea antipathia, que sempre fez entre nós a monarchia figurar como uma excepção no systema politico propriamente americano onde era quasi uma anomalia, como um typo organico em certa maneira dissonante da flora politica do Novo Mundo.

Não lograra entre nós o imperio crear fundas raizes. Por isso é que a observadores estranhos desajudados do fio conductor da historia, sem o conhecimento verdadeiro do nosso passado e da nossa vida, a revolução que der ribou o imperio pareceu um como milagre!

A verdade é que o imperio no Brazil nasceu, medrou, viveu e sumiu-se no meio de luctas e revoluções, de motins intestinos e de guerras estrangeiras, e que só descançou de bater-se contra as energias viris do povo brazileiro em 1848 para atirar a nação a essa guerra insensata e cruel contra o Paraguay. E mal iamos restaurando as forças gastas nessa lucta de tantos annos, feriu-se a campanha abolicionista rematada gloriosamente pela aurea lei de 13 de Maio de 1888, imposta ao imperador pela força da opinião triumphante escudada nas bayonetas do exercito partidario decidido da grande causa liberal e abriu-se com o manisfesto de 1870 essa guerra de francos atiradores contra a realeza, que só findou com a victoria de 15 de Novembro.

E porque assim foi, e porque a republica representa a realisação de legitimas e seculares aspirações democraticas, que em germen se encontram no espirito de gerações, que de muito precederam a que logrou a ventura de converter em facto a idéa professada por tantos brazileiros, e que semeou de martyres o terreno da nossa historia, rematado erro seria agora tentar esse recuo irracional, essa volta ao passado, de que nos saimos como quem passa naturalmente de um regimen politico para outro, que representa um degráo superior.

Se é certo que podemos considerar como illusoria a crença, que attribue á forma republicana uma sorte de virtude mysteriosa, segundo a qual bastaria só a proclamação d'essa forma de governo para realisar a felicidade do mundo, não é menos certo, em opposição a esses conceitos de um dos melhores espiritos da França contemporanea, que a republica é de toda evidencia o typo ideal e perfeito pelo qual tende a modelar-se toda organisação politica verdadeiramente liberal e popular. Essa a lição de Edward Freeman, que eu sigo e repito na defeza da minha fé politica, immutavel e firme atravez de todas as luctas em que tenho entrado contra os erros e abusos dos que tão mal comprehendem o regimen politico, que foi organisado pela Constituição de 24 de Fevereiro, fiado a mãos de falsos e incompetentes executores.

E eu tenho sobejamente esclarecido o espirito para ver com imparcialidade muitas das causas de que promanam em bôa parte, necessarios e inevitaveis, erros e males nossos.

Ainda que o movimento, que operou a substituição do velho regimen pelo regimen novo, foi de feitio a parecer antes uma evolução do que uma revolução, não ha como negar que nós padecemos mutações multiplas, adoptando normas de acção totalmente oppostas ás que entre nós eram seguidas. Despidas as roupagens realengas a democracia deu-nos moldes tão differentes dos obsoletos do imperio, que, mesmo os doutrinarios e evangelisadores da fé republicana triumphante, sentiram-se muita vez desageitados e esconsos, como quem mal poderia ficar a prumo em terrenos estranhos e impervios. E que dizer d'aquelles que tinham sido adversarios dos principios republicanos, até á derradeira hora ao serviço da corôa, e que por calculo egoistico e pelos caprichos da fortuna, que tanta vez acode em ajuda dos audazes, assumiram nas novas instituições funcção de mando, feitos executores de planos a cuja concepção e traça tinham sido de todo estranhos quando não contrarios?

Muito é o que valem os homens na ordem social. Nelles as idéas e os principios se objectivam e incarnam. Para não ficar esteril é necessario que todo concurso se resuma numa individualidade. O organismo social é um systema de forças. As leis fundamentaes

da mecanica põem de manifesto que só uma força exterior pode modifical-o.

Sem um orgão individual não pode haver funcção.

A palavra é do auctor do *Espirito das leis*, o notavel livro que marca os meiados do seculo XVIII como uma era nova do pensamento humano, de onde a philosophia entrou a seguir outros roteiros: nos primordios são os chefes das republicas que fazem a instituição; só mais tarde é que as instituições formam os chefes das republicas.

Temos vivido desajudados d'esses factores.

Desapparecida do scenario da vida publica a figura excepcional de Benjamin Constant, dir-se-ia que fados adversos, conspirando a nossa ruina, privaram-nos de contar nos primeiros tempos com o concurso de individualidades modeladas pelos Washingtons, pelos Cromwells, pelos Dantons, pelos Thiers.

E era porventura maior entre nós o passo a dar no terreno da evolução politica e social. O paiz mal vinha saindo da phase aguda da tremenda crise que o abalou, repondo o problema do trabalho nacional, após a lei incomparavel da abolição da escravatura, problema que a monarchia não enfrentou.

Saimos do regimen da mais ferrenha centralisação administrativa, que fazia das provincias corpos sem vida, organismos atrophiados, e graças á acção da lei natural da equivalencia, formulada por Newton, e que rege os phenomenos de natureza cosmologica como os de ordem moral, biologicos e sociaes, fomos ter á mais completa e absoluta descentralisação; transformadas as provincias em uns Estados quasi soberanos, feita a federação á moda americana, o que era entre nós um salto brusco, de que resultaram muitos erros e os maiores damnos.

Mal andaram muitos na comprehensão desse regimen novo, peor andam ainda os que desacertam na pratica delle, contribuindo para que os Estados brazileiros figurem, em face uns dos outros, como entidades estranhas, quebrados os laços de harmonia e fraternidade, que de nós fariam um grande todo forte e poderoso. Desmanchou-se a unidade nacional, e a figura da Patria, diluida em 21 pequenas patrias desenhadas, porque está quebrado o vinculo do direito e da justiça, esmaece e mingua, como se agora aqui para nós surgisse a phase, que viveram os Estados Unidos da America, cujas tradições historicas não eram as nossas, quando, consoante a pavra celebre de Patrick Henry, — todos os patriotas cessaram de pensar e sentir como americanos para tornar-se mais exclusivamente do que nunca, Carolinianos, Virginianos, Nova Yorkeses.

Não passámos só da monarchia para a Republica, da centralisação *à outrance* para a mais ampla federação, deixámos o regimen parlamentar e adoptámos as formas presidenciaes americanas, ainda não comprehendidas nem praticadas. O imperio era a ficção da irresponsabilidade da corôa, com a responsabilidade real e effectiva dos ministros. A Republica é o systema da responsabilidade consagrada na carta fundamental de Fevereiro, porque o chefe do Estado governa e administra, feita na realidade uma mera ficção.

E para completar a serie das mudanças mais radicaes que nós soffremos nessa transição de 1889, prolongada por toda a phase progressiva e organica da dictadura inicial, recordemos a separação do Estado da Egreja, que de modo cabal e perfeito marcou limites claros entre o dominio espiritual e temporal, emancipando as consciencias, e proclamando, ao menos em letras de leis expressas, todas as liberdades decorrentes dessa medida, que é ainda uma aspiração dos espiritos liberaes em muitas nações cultas do velho e do novo mundo, e que só agora, após trinta e cinco annos de vida republicana, apparece decretada em França.

A essas principaes, accedem como secundarias muitas outras causas determinantes dos embaraços e difficuldades que a republica tem tido que vencer, prolongando-se o periodo revolucionario, ainda não fechado o cyclo das resistencias e das crises politicas nesta longa phase de ajustamento da consciencia nacional aos novos moldes, alguns dos quaes ao parecer lhe são de todo exoticos e repugnantes.

O tempo corrigirá as demasias e asperezas, modificando as actuaes instituições no que ellas teem de errado. Para lograr esse *desideratum*, de muito valerá a acção dos homens politicos empenhados nessa tarefa de emendar e refazer a obra encetada.

Essa aspiração de reformas é hoje uma bandeira nacional, o programma de acção de um grande e forte partido. Nem isso é a phantasia de espiritos irrequietos, levados pela monomania de reformar. As creações humanas não são eternas. A lei universal é o *perpetuum mobile*. A vida é em todo o mundo organico

e super organico um movimento que não cessa, de tal modo que um dos celeberrimos creadores da sciencia moderna, póde definil-a — *uma morte constante.*

Somos um paiz novo, um povo cuja edade é relativamente curta. De par com as grandezas do nosso solo sem egual, tão extenso que delle não temos ainda bem a consciencia geographica para lembrar a expressão de Boutmy, com as riquezas naturaes do sub-solo, das nossas mattas, das nossas correntes fluviaes, taes e tantas que o notavel escriptor inglez viu nessa exuberancia de bens materiaes a causa determinante do nosso tardo progredir, como se *amid this pomp and splendour of Nature no place is left for man;* de par com essa abundancia de vida, em que se desata aqui a natureza, e que põe o Brazil *above all the countries of the earth,* na phrase de Thomas Buckle, o homem conta energias de caracter, que lhe asseguram no futuro a certeza da victoria nas luctas, em que ao presente está mettido em bem das garantias das suas liberdades e dos seus direitos.

Para que os nossos progressos materiaes sejam completos e dêem o unico resultado que devem dar, concorrendo para augmentar a somma de felicidade e bem estar do homem de todas as classes sociaes, é indispensavel que elles assentem sobre a larga base solida e indestructivel do nosso progresso moral, que será o fructo do alargamento e generalisação do ensino publico levado a todos, e comprehendido como deve ser, ensino moderno e integral, em que as luzes das sciencias physicas e naturaes formem os alicerces em que se esteiem as sciencias moraes, todas guiadas pelas mathematicas, que dão os methodos geraes e formam a verdadeira logica scientifica.

Disso a Republica cuidou na sua primeira hora.

Nesse tempo foi como se os encantadores arreboes de um diluculo apparecessem como seductores prenuncios de um intenso dia de clara e viva luz. Foi no paiz todo como um magico *sursum corda.* Viviamos como quem sentia vir soando a hora de uma mirifica palingenesia social e politica. A Republica surgia como uma alvorada doirada e rosea após a longa noite trevosa do imperio. Assim é que nós a saudavamos, os que nesse tempo iamos entrando na vida publica, geração nova, cujas almas ardentes viam o regimen nascente atravez de um prisma seductôr, que, pondo á mostra as côres irisadas do espectro, não deixa ver os raios calorificos e chimicos obscuros.

O ensino publico recebeu das mãos de Benjamin Constant, o mestre querido e sabio de nós todos, o impulso vigoroso da sua orientação scientifico-philosophica, completa e sã.

Das suas mãos saiu remodelado em todas as suas phases a instrucção popular, a superior a secundaria, a elementar.

Novos codigos foram decretados para as nossas escolas superiores em toda a Republica, civis e militares, de bellas artes e de sciencias ou letras. E em todos esses codigos ficou o traço de luz dessa alta mentalidade cujos largos descortinos entreviam um novo Brazil renascido das ruinas do antigo Brazil, refeita a nossa errada educação, levantado o nosso nivel moral, corrigidos os obsoletos habitos, esquecidas as praticas deleterias do regimen caduco, vencidas em summa todas as resistencias do meio bio-social.

O tempo desfez em grande parte essas illusões de uma outra edade. A imagem, que seduzia e encantava os idealistas de uma republica feita só de virtudes, de direito e de justiça, deparou se-lhes metamorphoseada n'essa realidade em que tantas vezes os vicios, as iniquidades, as violencias, os arbitrios, os abusos e os crimes geram desalentos, desfazem esperanças, desarreigam a fé de muitos e levam tantos erradamente a pôr os olhos no passado já remoto como quem vê n'elle edades mais felizes, dias de vida mais bem vivida, como quem acredita que nos organismos sociaes dominasse o principio da evolução reversivel como regra.

A republica é a fórma definitiva da nossa organisação politica. O nosso dever agora é emendar erros, corrigir senões e apagar nodoas onde tudo isso está, dentro dos limites traçados pela lei nova.

N'esse rumo é grande a fé que eu tenho nas gerações que vão agora surgindo, já nadas e a medrar sob o influxo dos novos principios, que elles saberão praticar melhor do que aquelles que trouxeram os máos vezos e os defeitos contrahidos no serviço de instituições politicas de todo ponto differentes, e que exigem normas de conducta diversas e oppostas.

A nossa indole e a força da tradição serão factores que servirão de auxiliar a nossa evolução moral. Somos um povo essencial e profundamente democratico. E tal é a força d'essa tendencia que a monarchia viveu em

nossa patria desacompanhada de luxos e espaventos, quasi rasteira e humilde, sem ouropeis e sem grandezas, sob a influencia do meio, rebelde e avesso a usos aristocraticos e em cujo seio impossivel foi que vingassem, divorciadas da massa popular e a ella totalmente alheias, classes de fidalgos feitos ao sabor d'el-rei.

Antes que a lei positiva viesse decretal-o por modo expresso, apagando o privilegio dynasta, a opinião soberana vivia em revolta contra a tentativa de implantar em terras da America o regimen de castas, pondo entre brazileiros distincções deprimentes, quaes as que não são baseadas sobre a superioridade das virtudes, do saber e do caracter.

Dos monarchas pode-se dizer como a distincta e conhecida escriptora disse dos deuses, que nós lhes devemos justiça, mas sómente justiça e nada mais, sendo que a imparcialidade com que os julgarmos será a melhor garantia da que formos capazes de usar nos nossos juizos ácerca dos demais homens.

Pois o ultimo representante da realeza no Brazil era no seu viver e no seu trato uma incarnação d'esses principios, bondoso e simples.

D'ahi é que resulta facil a obra de radicação das instituições republicanas. E somos uma democracia genuina, onde figuram eguaes e irmãos, gentes de todas as côres, homens de todas as raças, individuos de todas as condições e origens, em cujo seio debalde tentariam os cegos imitadores da plutocracia americana fazer decretar a inferioridade politica e moral do negro, que foi um factor do nosso desenvolvimento e que deu ás letras, ás sciencias e á politica, desde os mais remotos periodos da nossa historia, tão dignos e notaveis representantes.

O Brazil é hoje uma resultante de um conjuncto de factores de um systema de forças cuja acção lenta e continua operou a integração geographica do solo e fez a synthese da consciencia nacional.

Somos um povo, em quem o amor da familia produz typos de belleza moral incomparaveis, e que faz do culto da mulher a grande religião positiva e fecunda, de onde promana a força de resistencia moral que, desdados os laços que nos ennodavam os espiritos aos dogmas da theologia e da religião catholica, fez do casamento essa especie de sacramento civico, graças ao que a sua indissolubilidade persiste duradora contra as theorias juridicas, tidas como creações modernas da civilisação chegadas ás suas culminancias.

Somos uma nação onde o sentimento do amor da Patria é capaz de operar milagres.

E de tal terra e de tal gente ninguem dirá que um dia os aguarda o destino que é o quinhão reservado aos povos politicos e moralmente incapazes.

As grandes reservas de forças materiaes e as incalculaveis energias moraes que são o nosso patrimonio dão a cada um de nós a consciencia do que seremos e do que havemos de valer no concerto dos povos policiados.

Ha de operar-se naturalmente assim a evolução material, politica e moral que nos virá assegurar o papel, que tem por força de caber-nos no continente americano e em todo o mundo occidentalisado.

A' Republica está destinada essa missão providencial.

Façamos que nas nossas relações externas preponder uma politica francamente nacional que nos deixe fortes deante das nações mais fortes.

Saibam os brazileiros cumprir os deveres, que o patriotismo a todos impõe, encarando os problemas, que estão desafiando as actividades de todos, na ordem politica como na ordem economica e social, olhos postos na sentença do grande philosopho inglez: *prudens questio quasi dimidium scientiae*, applicavel em todos os dominios do saber.

E bom será que dos nossos espiritos saia de vez esse falso preconceito que entibia, amollenta e enerva, pregoando a nossa incapacidade moral e traduzida na sentença vexatoria e cruel que nos daria como incapazes de accommodar-nos aos principios republicanos, só dignos dos povos que se fizeram maiores, no dizer do poeta, como, só por vicio congenito, entre todos figurassemos como um povo excepcional e unico, nascido para a escravidão e refractario ao influxo benefico das virtudes civicas, que dão á gente a faculdade de gerir os seus proprios destinos fóra da tutelagem humilhante de despotas ou falsos semi-deuses.

É esse mesmo pregão deshonroso, que auctorisa a hypothese absurda de reservar-nos o futuro o destino de sermos o pasto em que venham saciar um dia a sua fome e sêde de conquistas as grandes nações do mundo,

retalhado o nosso sólo como cibalho sem vida entre possantes e vorazes aves de rapina.

Desventurada geração a nossa, se esse desenho da liquidação da Patria e do anniquilamento da nossa nacionalidade não desse rebate a todas as consciencias para chamal-as a postos na lucta pela defeza da vida e da honra.

Que outros sejam os ideaes e as perspectivas seductoras de futuro, que sorriam ás gerações que agora vão surgindo, e que de nossas mãos terão que receber, como legado do patriotismo e do brio, a Patria engrandecida e forte para fazel-a feliz. E hão de ser mais ditosos do que nós, se a ordem moral, baseada sobre o direito e a justiça, pelo reinado da liberdade em todos os dominios da actividade, servir de solidados alicerces, em que repousa estavel a ordem material que se ha de desdobrar n'um fecundo e indefinido progresso.

É necessario ensinar aos moços que muito embora tenhamos de seguir a lição dos povos mais avançados, recebendo os raios da luz, que os esclareceu e guiou a elles, não temos de que sentir-nos humildes e vexados.

O nosso passado e o nosso presente dão para que, em face de todas as nações, possamos sentir-nos orgulhecidos porque somos americanos, e ainda mais orgulhosos e felizes porque somos brazileiros.

5 de março de 1906

LAURO SODRÉ.

EM CASCAES

O Principe Real indo para o banho

Cliché de J. P.

GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

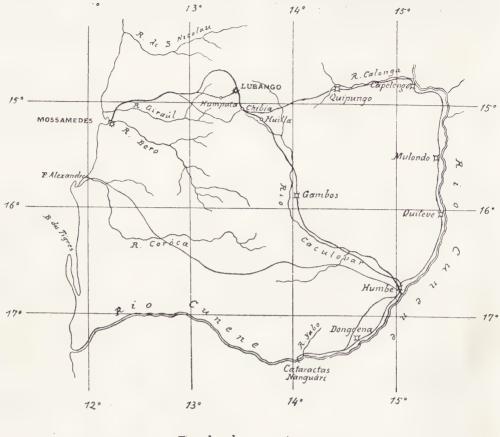
EM 1905

A situação em principios de 1905

QUADRO que apresentava o Sul da provincia de Angola, e em especial o districto da Huilla, nos primeiros mezes de 1905, era de molde a causar as mais serias apprehensões a quem residisse na região e a quem quer que tivesse a responsabilidade do governo d'aquelle territorio.

As correrias dos povos d'alem Cunene assolavam constantemente as regiões pacificas e fieis das Ganguellas e Ambuellas e de Caconda, no districto de Benguella, e a Dongoena, o Humbe, o Cafo, a Camba, o Quiteve e o Capelongo, no districto da Huilla, com incrivel menospreso da linha de fortes que marcava o limite da nossa occupação e que elles transpunham impunemente quantas vezes lhes appetecia. Na propria margem direita do Cunene, havia uma vasta região insubmissa — o Mulondo, — interceptando as communicações ao longo do rio e constituindo uma base d'operações para os salteadores da outra margem, um refugio de criminosos, e um perigo para a segurança de todos os territorios da margem direita; ás auctoridades era por alli vedada a passagem, e os europeus que obtinham licença para lá penetrar tinham que pagar tributo e conformar-se com as humilhações que lhes impunha o despotico e perverso senhor d'aquellas terras. Nos Gambos, a nossa soberania não se fazia respeitar senão até ao alcance da fortaleza do commando; o telegrapho era cortado a cada passo; e uma força que sahiu em apoio do soba, collocado pelo governo, teve que retirar, desfeiteada, e deixando mortos no campo um sargento e um soldado.

O gentio fiel d'áquem Cunene estava apavorado por suppôr não termos força para evitar os roubos de gente e gado, e as mortes, que as *guerras* do outro lado do rio frequentemente lhe estavam fazendo; e, por seu turno, a insolencia do gentio alastrava-se por toda a parte e os rebeldes impunes cresciam de audacia, multiplicando os assaltos e vindo adeante dos nossos fortes gritar insultos e desafios aos brancos. O commercio tinha desapparecido por completo; e, para tornar mais critica a situação, o temido *fidalgo* Luhuna, do Humbe, de accordo com Maquire e outros salteadores, andava a fazer pelas terras avassalladas proezas não menos de temer que as das *guerras* d'alem Cunene. Os boatos alarmantes eram de todos os dias, e tarde e difficilmente se podia apurar o que n'elles haveria de verdadeiro.

Ao passo que isto estava succedendo, o elemento não indigena preparava como podia a sua defeza e a segurança que as auctoridades lhe não podiam garantir: todos os gados se afastaram do Cunene, a importante povoação do Catequero ficou deserta, alguns residentes fortificaram-se com fossos e palissadas, os missionarios armaram-se e construiram no

Escala de $\frac{1}{3.000.000}$

Itinerario percorrido no reconhecimento

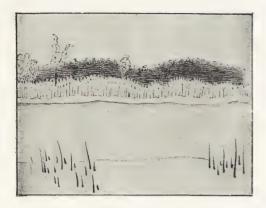
NOTA. — Os postos de Mulondo e da Dongoena não existiam na occasião e só foram estabelecidos depois das operações militares.

Chiapepe uma grande muralha para receberem gado e gente, e para se entrincheirarem em caso de ataque.

Contrastando com a arrogancia do gentio, triste e duro é confessal-o, o moral das tropas da guarnição estava abatidissimo; descriam do seu proprio valor e avolumavam fabulosamente o numero e a força de qualquer inimigo com que tivessem a defrontar-se. Do que as tropas então valiam, fallam os tristes episodios do Humbe e dos Gambos, ambos passados em 1905, um com uma força europeia de dragões e o outro com uma companhia indigena de infanteria.

O grande desastre do Cunene, de 25 de Setembro de 1904, os insuccessos do Humbe e dos Gambos, em principios de 1905, e a attitude de defeza passiva em que systematicamente nos estavamos mantendo haviam determinado este grave estado de cousas a que urgia dar remedio.

O reconhecimento do Cunene e das regiões visinhas

Na qualidade de chefe de estado maior da provincia, coube-nos o encargo de seguir para o districto da Huilla, afim de fazer os estudos necessarios á adopção de medidas tendentes a garantir a segurança nos territorios da mar-

O RIO CUNENE NO VAU DO PEMBE

gem direita do Cunene e á preparação de futuras operações na margem esquerda d'aquelle rio.

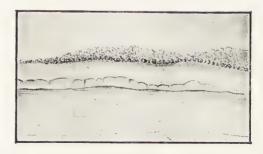
Durou a nossa missão desde 9 de Abril até 17 de Julho de 1905, e effectuámos durante este periodo o percurso que o mappa junto indica. Acompanharam-nos n'esta viagem, servindo de guias e de interpretes, o velho residente da Yoba, Antonio Carlos Maria, conhecido companheiro de Capello e Ivens na sua travessia de Africa, e um dos Vidigaes, o commendador José Antonio Lopes, homem que conhece a fundo aquelles territorios e que entre os indigenas gosa de um extraordinario prestigio.

O gentio dos Gambos não acatava então as ordens da auctoridade; mas, ao contrario do que suppunham alguns colonos do Planalto, não hostilisou a pequena expedição: o soba D João, com a vida ameaçada e abandonado dos seus, havia-se acolhido á fortaleza do commando; o pretendente Cander, senhor de quasi todo o sobado, andava em conferencias com o irmão Munguella e com Oorlog, chefe dos muximbas, sem se conhecerem precisamente os seus intuitos; as povoações proximas da estrada seguida estavam, em geral, abandonadas.

No Humbe e na Dongoena, fomos recebidos com agrado pelos differentes *secúlos* e chefes de povoação. Estes povos queriam que lhes dessem meios para se defenderem dos assaltos dos quamatos, e alguns *secúlos* da Dongoena pediram com instancia o estabelecimento de um posto militar nas suas terras. Ligações com os quamatos, parecia não as terem: as passagens do Cunene estavam guardadas com gente armada e defendidas por covas e estacas, algumas povoações fortificadas com fosso e palissada, os caminhos fechados com abatizes, e nas margens do rio quasi todos os dias se trocavam tiros entre o gentio de um e de outro lado.

O Cafo, o Pocolo, a Camba e o Quiteve, regiões de população pouca densa, onde residem alguns europeus e mestiços, estavam decididamente pelo lado dos brancos, assim como o Quipungo e o Capelongo, ao Norte, onde o gentio se mostrava extremamente docil e submisso.

O Mulondo mantinha-se na attitude que era de prever — o povo obedecia cegamente ao seu tyrannico soba Hangálo, e este não reconhecia a nossa auctoridade e não consentia ao pé de si delegados do governo nem nada que pudesse fazer sombra ao seu poder, ao mesmo tempo que abrigava nas suas terras os salteadores d'além Cunene, de cujos roubos compartilhava. Era um rebelde declarado e um perigoso inimigo com que havia a contar. O soba de Mulondo, comtudo, havia já em tempos consentido na visita do Rev. Padre Antunes, superior das missões do Planalto, e não se oppoz tambem agora a que atravessassemos as suas terras, recebendo-nos até na *embala*. Á entrevista que nos concedeu, faremos adeante referencia especial.

Dos povos da margem esquerda do Cunene, quanto tanto se podia ajuizar de informações incompletas, por vezes desencontradas, e sempre de pouca confiança, sabia-se estarem contra nós os dois Quamatos, Grande e Pequeno, a Hinga, a Quanqua e os quambes. O Quanhama parecia não querer envolver-se em questões que o compremettessem e mantinha-se desligado dos quamatos. O Evale conservava-se isolado, sem se unir aos quamatos nem aos quanhamas, parecendo desejar viver bem comnosco e desfazer a má impressão da morte do irmão Dionysio.

ASPECTO DA MARGEM ESQUERDA DO CUNENE
JUNTO AO VAU DE DAMA

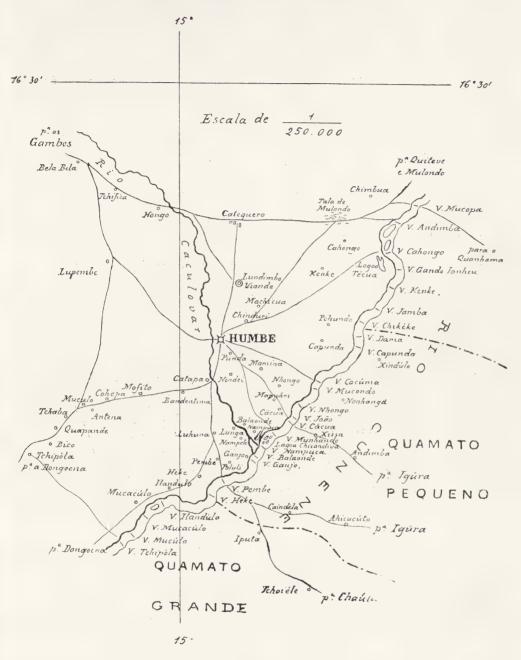
A população das tribus hostis e o numero de combatentes que ellas poderiam apresentar não era facil de calcular; comtudo, a estimativa grosseira que os dados obtidos permittiam formular dava 10:000 combatentes aos dois Quamatos, 1:000 aos pequenos povos da Hinga e Quanqua que d'elles dependem, 2:000 aos qualudes e quambes refugiados que se julgam solidarios com os quamatos na guerra contra os europeus, 5:000 aos auxiliares Quanhamas, Evales e de outras tribus, que independentemente da vontade dos respectivos chefes viessem unir-se aos quamatos, ou seja um total de 18:000 combatentes para o inimigo de além Cunene. Sobre armamento, diziam as informações que elles dispunham de umas 8:000 espingardas, sendo $^1/_8$ d'estas, armas aperfeiçoadas, e que as munições não faltavam. Sobre qualidades bellicas, os quamatos passavam por ser mais aguerridos que o gentio do Humbe, e muito mais que o do Quanhama.

O RIO CUNENE NAS CATARACTAS NANGUARI

A, B, C — Cursos seguidos pelos tres braços do Rio

Na margem direita do Cunene, o Mulondo dispunha de uns 2:000 combatentes, dos quaes 1.000 armados de espingarrda, sendo $^1/_3$ d'estas de precisão. Podia receber auxilio dos evales, e ainda dos quanhamas e dos quamatos, o que sem duvida augmentaria muito a sua força; mas não seria difficil impedir esse auxilio, dada a situação do rio Cunene e a existencia do deserto fronteiro ao Mulondo.

O rio Cunene, em todo o percurso do Mulondo á Dongoena, parece ser navegavel por embarcações de pequeno calado, pelo menos durante grande parte do anno; em geral, a margem direita conserva-se baixa, cortada de braços de rio e povoada de lagoas, alargando-se a *chana* ás vezes até 5 e mais kilometros, e a margem esquerda segue marginada de uma linha de pequenas alturas, que ora tocam no rio, ora se afastam d'elle. No Mulondo, deixa o rio de ser navegavel, começando os rapidos e apparecendo depois ao Norte as ilhas que os indigenas chamam *Quissuco*, e que são habitadas; a margem direita sóbe, sendo n'alguns sitios escarpada e com uma altura de mais de 50 metros. Para o Sul da Dongoena, e a partir do Monte Campiti, tornam a apparecer as ilhas, os rapidos e o leito pedregoso, e a margem direita a elevar-se. Toda a região que acompanha o rio para juzante do Monte Campiti é deserta e sem transito: os unicos caminhos que para alli se encontram são os dos elephantes, que abundam na região, ou, junto ao rio, os abertos pelo cavallo marinho. No sitio em que o Cunene vence o desnivel que vem pela serra da Chella correndo parallelamente á costa maritima, divide-se em tres braços e cahe a uma profundidade de 100 ou mais metros, formando as suas mais notaveis cataractas, conhecidas entre os indigenas pelo nome de Nanguári, cujo cachão se ouve a consideravel distancia. Os rapidos e as cataractas repetem-se para juzante até proximo da foz, que é desabrigada, perigosa e inaccessivel a navios de regulares dimensões, não podendo portanto alimentar-se a ideia de aproveitar o Cunene como via fluvial para as communicações e abastecimentos da região Orampo. N'aquella epocha e porque ha 4 annos pode dizer-se não chovia, eram innumeras as passagens a vau que o rio dava. Na carta das immediações da fortaleza do Humbe, vão indicados os principaes vaus d'aquelle sitio. A agua do Cunene é sempre uma agua potavel de optima qualidade.

Ao contario do que varias pessoas aqui no metropole suppunham, na margem direita da

CARTA DAS IMMEDIAÇÕES DA FORTALEZA DO HUMBE

Cunene, até algumas dezenas de kilometros tanto para montante como para juzante da fortaleza do Humbe, não se encontra elevação alguma propria para *testa de ponte*, nem posição que, como base para operações no Quamato, offereça vantagem sobre o local em que está a fortaleza do Humbe. O ponto dominante, salubre, farto d'agua e bem servido de communicações, que devia existir junto ao Cunene, e que chegou a ser apontado como ficando a uma hora para Nordeste da actual fortaleza, não existe: toda a margem direita do rio é baixa e pantanosa até grande distancia, e inundada na epocha das cheias, vendo-se das

gramineas e dos limos depositados nos troncos das arvores que o volume d'agua nas inundações chega a attingir, n'alguns pontos, 7 e 8 metros d'altura. Na epocha das cheias as communicações nas proximidades do rio fazem-se em barco; as povoações estão construidas nas partes mais altas do terreno, mas apezar d'isso muitas d'ellas são destruidas pelas aguas ou teem que ser abandonadas.

A margem esquerda do Cunene começa a ser povoada para juzante do vau de Chikeke, sendo occupada pelo Quamato Pequeno até ao vau de Heque, e pelo Quamato Grande até ao vau de Canama, seguindo-se depois a Hinga que chega ao vau de Chikende, e a Quanqua até á altura do monte Campiti, tornando-se d'ahi em deante deserta como o é a margem direita. As terras do Quamato Pequeno são conhecidas entre o gentio pelo nome de Umpungo, e as do Quamato Grande pelo de Nalohe-

POSTO DO QUIPUNGO

que. As embalas, que teem os nomes dos sobas, respectivamente Igura e Chaúla, ficam a cêrca de 30 e 45 kilometros das margens do Cunene.

Desde o Cunene até ás embalas não se encontra rio algum, e é grande a falta d'agua na epocha da estiagem. Indo do Humbe á embala do Igura, dizem os indigenas que se encontram as cacimbas de Ahicucuto, Mafuatimbendje, Mupaia e Vifito: as de Mupaia ficam proximamente a meio caminho, e as de Mafuatimbendje são muito pequenas. Do Humbe para a embala do Chaúla, encontram-se a cacimba de Ontinde, a cacimba de Tchoyele, que fica a meio caminho, e varias povoações com reservatorios de agua da chuva. O terreno em ambos os Quamatos é baixo, com pequenas ondulações, alagadiço na epocha das chuvas, e mais descoberto no Quamato Grande do que no Quamato Pequeno, onde as mattas são frequentes.

A margem direita do Cunene estava occupada com a fortaleza do Humbe e os postos militares de Quiteve e Capelongo: a communicação do Quiteve com o Capelongo só se podia fazer por intermedio da Chibia, em vista da rebeldia do soba de Mulondo. A fortaleza do Humbe deixava tudo a desejar como obra de fortificação; os postos do Quiteve e do Capelongo estavam regularmente construidos. Quanto a guarnição, era relativamente grande a do Humbe, onde se achavam duas companhias indigenas no seu effectivo maximo, um pelotão de cavallaria e uma secção de artilheria; no Quiteve havia umas 30 praças de infanteria; e no Capelongo 50 praças d'infanteria e os artilheiros indispensaveis á guarnição de duas boccas de fogo. Á retaguarda da linha do Cunene, havia o posto de Quipungo, bem construido e com uma guarnição igual á do Quiteve, e a fortaleza dos Gambos, em reconstrucção, guarnecida por uma companhia indigena e algumas praças d'artilheria. O armamento distribuido á infanteria era a espingarda Snyder, em muito mau estado, e, das boccas de fogo, só mereciam confiança as existentes no Humbe e nos Gambos.

O caminho que melhores condições offerecia [1] para uma columna que da costa tivesse que seguir para o Humbe era a estrada carreteira Mossamedes, Lubango ou Chibia, Gambos, Humbe. A *picada* aberta pela Companhia de Mossamedes, de Porto Alexandre ao Humbe, que em face da carta geographica poderia parecer mais vantajosa, quasi desappareceu já, e nem mesmo ao pequeno movimento do commercio do Humbe poude nunca servir: ao grande areial que tem de atravessar ao largar a costa, segue-se-lhe depois uma região absolutamente falta d'agua, que o gado não pode vencer na epocha da estiagem. O desenvolvimento da *picada* da Companhia de Mossamedes é de 448 kilometros, e o da estrada Mossamedes-Humbe (pela Bibala) é de cerca de 518 kilometros, distribuidos da seguinte maneira: 234 kilometros de Mossamedes ao Lubango, 151 do Lubango aos Gambos e 133 dos Gambos ao Humbe.

Esta ultima estrada, desde a Chibia até ao Humbe, segue mais ou menos a direcção do rio Caculovar, em que toca varias vezes; em alguns sitios, porem, como no Bizambundo, Cachana e Cavallána, a estrada afasta-se do Caculovar e as cacimbas de que se abastece o

[1] N'esta epocha ainda não haviam começado os trabalhos do caminho de ferro de Mossamedes, nem estava decretada a sua construcção.

transito habitual não poderiam bastar para uma columna de tropas, ainda que não fosse muito numerosa, tornando-se necessarias algumas obras para garantir o seu abastecimento d'agua. Comquanto esta estrada passe por povoações d'alguma importancia, como o Lubango, a Huilla, a Chibia e os Gambos, pode dizer-se que, sob o ponto de vista de commodidades a proporcionar á marcha de uma columna, tudo havia a fazer. A partir do Lubango, a região atravessada, especialmente os Gambos, é rica em mantimento (massambala, massango e milho), que dá optima ração para os solipedes e que em annos normaes permittirá alimentar com recursos locaes durante alguns mezes um grande effectivo de indigenas.

A travessia do Mulondo

Uma audiencia do soba

As terras de Mulondo estendem-se junto ao Cunene, desde a matta que corre para o Poente, na altura do vau de Caimone, ao Sul, até ao vau de Vitundo, ao Norte, n'uma região deserta. Governava as terras o soba Hangálo, que entrou na *embala* pela força, ha muitos annos, e que alli conseguiu manter-se mais pelo horror das atrocidades que commettia do que pela affeição dos seus infelizes vassallos. O Quipungo, o Quiteve e a Camba estavam cheios de fugitivos de Mulondo que, para salvar a vida, tiveram que escapar-se á furia dos seus instinctos sanguinarios; em compensação, no Mulondo, encontravam-se rebeldes fugidos á perseguição das nossas auctoridades, e ladrões e faccinoras que seriam mortos se apparecessem nas terras em que commetteram os seus crimes.

Para os europeus, a entrada no Mulondo só era permittida a quem pagasse sufficiente tributo e a quem não offerecesse suspeitas de espionar ou de tramar contra a vida e o poder de Hangalo. Esta permissão queria dizer que o viajante não encontraria opposição armada á sua entrada nas terras, mas de modo nenhum significava qualquer garantia á sua vida ou á sua propriedade emquanto lá estivesse. Assim negociantes que se aventuravam a ir *funar* no Mulondo, depois de pagar ao soba um não pequeno tributo de polvora, aguardente, fazendas e coral, tiveram algumas vezes, para salvar a vida, de se deixar espoliar pelos *lengas* e grandes da terra, entrar descalços na embala para pedir perdão de suppostas offensas, e... beijar os pés do soba, para conseguir que a ira d'elle se desse por applacada com as extorsões que já tinham soffrido!

Não estando nós em circumstancias de nos impormos pela força e desejando arredar difficuldades que nos impedissem de levar a cabo um reconhecimento da região do Mulondo, apressámo-nos em mandar com antecipação emissarios ao Hangalo, annunciando-lhe a travessia das suas terras sob o pretexto de estudo do curso do rio Cunene, e mostrando-lhe ao mesmo tempo desejo de ser recebidos na *embala*. Os emissarios deviam voltar com a resposta sobre a projectada viagem e com a noticia do que por lá tivessem visto e ouvido ácerca das verdadeiras disposições do soba.

No dia 12 de junho, á tarde, chegava a expedição á altura do vau de Cabale, já em terras do Mulondo, onde se acampou. Os emissarios não tinham ainda apparecido, nem d'elles havia noticia; mas, apesar d'isso, resolvemos continuar a viagem até que apparecesse algum obstaculo, e effectivamente na madrugada seseguinte punha-se em marcha toda a comitiva, que, alem dos dois guias Carlos Maria e José Lopes, era tambem constituida pelos residentes do Quiteve, Miguel e Bernardino, que quizeram aggregar-se, duas ordenanças de dragões, um carro boer, uma carroça e algum pessoal indigena.

Logo aos primeiros passos, foi-nos tomado o caminho por um grupo de gentios armados, que pela fogueira que ainda ardia se via terem passado alli a noite : eram gente de Muene Pango, *seculo* que tinha a seu cargo a guarda da entrada das terras, que vinham dizer que a comitiva não podia avançar sem que viesse ordem da *embala*. Com alguma argumentação e uma distribuição generosa de pannos e aguardente, consentiu Mueno Pango que entrassemos e fossemos seguindo a nossa viagem, mandando comtudo a toda a pressa um escoteiro ao Hangalo a participar-lhe o occorrido.

Ás 10 horas da manhã, chegava a expedição ao vau do Cácua, e alli a aguardava novo grupo de gentio. Não houve então remedio senão parar e esperar as ordens do soba, que pouco tardaram. Quando se estava preparando o almoço, chegava ao acampamento uma deputação de gente da *embala*, de chapeu na cabeça, uns com casacos, outros de camisa, todos armados de armas finas e cartucheiras á cintura : eram Muene Chassa, irmão do Hangalo, varios *lengas* (chefes de guerra), o

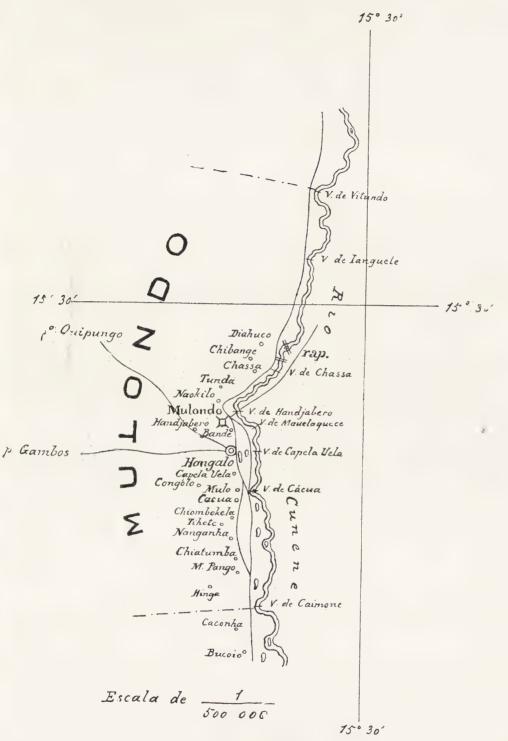
interprete Calenga, e o *chicaixeiro* (ajudante d'ordens do soba); e vinham tambem, desarmados, os dois emissarios que tinhamos mandado adeante e que elles não mais deixaram sahir.

O soba tinha effectivamente recebido o nosso recado, mas nada havia respondido por estar muito desconfiado: não comprehendia o que era esse estudo do rio Cunene, e ao mesmo tempo sabia que o parente do Muene Puto (como elle nos chamava) levava comsigo o *cabeça* do Humbe (commendador Lopes), o *cabeça* da Chibia (Carlos Maria) e o *cabeça* do Quiteve (Miguel), e não acreditava que se tivessem reunido estas pessoas simplesmente para o ver ou para estudar o rio Cunene. Succederam-se as duvidas e as explicações sobre o fim da visita; mas, certificados de que não traziamos mais gente do que elles alli viam, que era bem pouca para qualquer hostilidade, permittiram-nos que avançassemos até á porta da *embala*, onde o Hangálo resolveria definitivamente sobre a recepção. Tomaram conta dos presentes destinados ao soba, e lá seguiram com elles.

Emquanto os *lengas* e *fidalgos* se demoraram no acampamento, pediram de comer e sobretudo de beber, pediram pannos e tabaco, e foram tambem fazendo justiça a seu modo: em volta do acampamento tinha-se agrupado já um bom numero de indigenas do povo, gente desarmada, que vinha ver os brancos e trazia gallinhas e *fuba* (farinha), para a permuta de pannos; as gallinhas e a *fuba* foram logo confiscadas — não tinham licença para vender, diziam os apprehensores —, e o *sjamboch* (cavallo marinho) trabalhava, castigando um e outro que por gestos ou por palavras não tinham para com aquellas altas personagens o respeito devido.

O MEU ACAMPAMENTO NO HUMBE

Os tres homens em frente da barraca são, da direita para a esquerda, o commendador J. Lopes, o dono do carro que levava a bagagem e o interprete Carlos Maria. Sentados á meza, estão o auctor e o capitão Remedios da Fonseca, da 12.ª companhia indigena de Moçambique. O preto que está de chapeu, á esquerda, é o cozinheiro do auctor.

Depois d'almoço, seriam duas da tarde, a comitiva dividiu-se: os carros e os serviçaes indigenas continuaram seguindo junto ao rio, e nós tomámos com os cavalleiros na direcção

CARTA DAS TERRAS DE MULONDO

da *embala*, guiados por gentio de Mulondo. O caminho era todo a subir, e por entre matto espinhoso muito fechado; os guias fizeram-nos, ao que parece, dar algumas voltas escusadas, de modo que só ás 4 horas chegámos á *embala*, á porta chamada *djumbi*, que quer dizer *porta das armas*. Já alli estava o interprete Calenga, que nos annunciou que Hangálo receberia a visita, mas não consentia que entrassem na *embala* mais de tres pessoas, nós, o commendador Lopes e Calos Maria.

A embala, cuja grandeza se não podia bem avaliar d'aquelle ponto, era fechada por um espesso parapeito de terra, coroado de palissada, tendo á frente um fosso profundo; a porta, baixa e estreita, dava ingresso para um becco vedado de ambos os lados por sebe viva, que ia ter a outro recinto tambem fortificado, onde se penetrava por uma porta tão estreita como a primeira, mas mais baixa e com um degrau alto, parecendo antes um postigo do que uma porta. Tanto á porta exterior como a esta ultima, havia sentinellas armadas de espingarda Snyder, e algumas palhotas que pareciam destinadas a casa da guarda.

Depois de entrarmos no recinto interior, seguimos por um corredor que tinha varias communicações e dava muitas voltas, até um espaçoso pateo fechado por alta palissada, onde havia uma grande *mulemba* (arvore do genero *Ficus*, vulgar na região). Sentado n'um tamborete, junto ao tronco da *mulemba*, estava o *jota*, representante do soba, e em volta d'elle, acocorados e apinhados, uns duzentos homens robustos, todos de espingarda na mão e cartucheiras á cintura e nos braços. Era aqui a sala em que tinhamos de esperar que o Hangálo se apromptasse para nos receber.

Aquella gente fallava em voz baixa, mas havia constante sussuro no pateo e cruzavam-se os ditos e as chufas ás nossas humildes pessoas, que, a um canto e de pé, tiveram a paciencia á prova durante cerca de meia hora. Cançados de esperar, fizemos saber ao soba por intermedio do *jota* que era tarde e não nos podiamos demorar mais. Appareceu então o *chicaixeiro*, para nos conduzir á presença do Hangálo.

Tornámos a seguir por um labyrintho de corredores, e chegámos a outro pateo, onde não estava menos gente que no primeiro: os homens, acocorados e armados de Martinis e Snyders, formaram circulo em volta de um cacto arboreo, á sombra do qual estava o formidavel e obeso Hangálo, repotreado n'uma esteira, tendo ao pé de si vinte e cinco mulheres. O Hangálo estava vestido á européa, camisa de chita, grandes calças de bombazina presas por suspensorios, botas pretas de cano alto expressamente feitas para elle, chapeu de feltro, cachimbo na bocca, e chapeu de sol, aberto, ao lado. As mulheres estavam em traje de festa, pelle de boi preto á cintura, corpo untado de manteiga, penteado de orelha de elephante com tromba de coral, manilhas de cobre nos braços e nas pernas.

O primeiro dos visitantes a entrar foi o commendador Lopes. Ao vel-o, Hangálo exclamou «*Zuza*» (corrupção de José)! sentou-se, estendeu a mão, que José Lopes lhe apertou, e disse algumas palavras de cumprimento. Seguiamo-nos depois nós, que fomos apresentados por José Lopes ao Hangálo, como um enviado do governo portuguez que, andando em estudos pelas margens do Cunene, não queria deixar de passar pelas terras de Mulondo e de visitar um soba tão importante como elle: estendeu-nos tambem a mão e offereceu um caixote para nos sentarmos. Entrou por fim Carlos Maria (*Nongólo*, entre os pretos), a quem disse conhecer de nome já ha muito; mandou-o sentar no chão, assim como ao commendador Lopes.

Perguntou Hangálo o que desejávamos d'elle. Foi-lhe dito que vinhamos fazer-lhe uma visita de cumprimento, e aproveitariamos a occasião para fallar sobre alguns pontos de interesse tanto para elle como para o governo portuguez, como eram a passagem das *guerras* d'alem Cunene, e a abertura do caminho entre Quiteve e Capilongo atravez Mulondo. O simples enunciado d'estes assumptos mal humorou o soba, que rompeu n'um azedo aranzel, dizendo que nada tinha com a passagem das *guerras*, e que não permittia communicação nenhuma entre Quiteve e Capilongo, pois o que os portuguezes queriam era estabelecer uma fortaleza nas suas terras e tal nunca elle consentiria, que nas terras de Mulondo só elle mandava, que não queria saber do governador do Lubango nem do Muene Puto, que se lhe quizessem fazer guerra estava prompto para guerra, etc. Com a habilidade que lhe dá a pratica de lidar com o gentio, conseguiu o commendador Lopes acalmal-o, desviando a conversa d'esses assumptos e enveredando pelo elogio da sua sabia administração, das suas virtudes pessoaes, e pela admiração do seu

grande poderio. Em pouco tempo, Hangálo era outro homem, alegre e, se não amavel, ao menos indulgente com as suas visitas. Permittiu espontaneamente que entrassem na *embala* os outros brancos da comitiva, e fez approximar os presentes que lhe haviam sido offerecidos: examinou as fazendas, gabando um *panno da costa*, escolheu de dentro os coraes um fio de *noheba*, que poz ao pescoço, e mandou abrir os barris de aguardente e vinho branco. As primeiras canecas que se tiraram foram para os offertantes, praxe seguida nas *embalas* para garantia de que na bebida offerecida não ha veneno, e depois beberam os *lengas* e mais gente que alli estava; as mulheres do soba não beberam nada, e este, tambem á cautela, não quiz provar o liquido dos barris, acompanhando todavia a festa com copos de *macau* (cerveja indigena), do fabrico de sua casa, que lhe eram servidos pela mulher favorita.

Hangálo não se fartava de fallar, elogiando a sua pessoa e contando historias da sua valentia e da sua destreza. Cada palavra que Hangálo dizia era coberta de applausos pela multidão. As maiores semsaborias eram ditos engraçadissimos. Pêtas chapadas eram a pura expressão da verdade. Toda a gente via que a obesidade do Hangálo não lhe deixava dar dois passos e muito menos andar a cavallo; pois uma das historietas que elle contou é que, na lua passada, tinha sahido a cavallo, á caça do elephante, e que no mesmo dia matou dois elephantes, «dois valentes machos», dizia elle para a sua côrte, «não é verdade?» «*Quêto! Quêto!*» respondia a carneirada que o rodeava, convencido cada um de que realmente tinha visto os elephantes mortos, e pondo-se a discutir uns com os outros o comprimento que tinham as pontas dos taes elephantes... imaginarios!!! A côr do Hangálo era pouco mais uo menos a de um tição; e uma exclamação

PRETOS DE MULONDO

O do centro é o Hangalo, soba de Mulondo. A' direita estão duas das suas mulheres. A' esquerda está o Calenga, interprete d'elle, e o pae.

d'elle, frequente, era: «Eu sou branco! Pois não sou?» «*Quêto! Quêto!*» respondia sempre o côro, com a maior das convicções! Hangálo babava- se e cuspia muito, e as mulheres que estavam mais perto tinham que fazer a limpar o cuspo com a mão, ou, como ellas dizem, a *apagar o cuspo.*

Na sua preoccupação de se mostrar pessoa civilisada, Hangálo mandou servir café ás visitas, mandou buscar um harmonio que deu a um dos rapazes para tocar, uma caixa de musica que moeu todas as peças do repertorio, e até um relogio d'algibeira a que elle propio esteve dando corda.

Quando ia começar a escurecer, mostrámos desejos de nos retirar, mas o soba instou para mais um bocado de demora, e percebeu-se logo para que era: atravessavam d'alli a pouco o pateo da recepção quatro cavallos, e o soba não queria que perdessemos aquella outra amostra da sua grandeza.

Á despedida, o Hangálo disse-nos que, em retribuição dos presentes recebidos, tinha dois *garrotes* (bois pequenos) para nos offerecer; um mandaria immediatamente ao acampamento, para ser comido n'aquella noite, e o outro, o mandaria no dia seguinte, para a viagem.

Como já tivesse anoutecido, e nenhum de nós conhecesse alli os caminhos, veiu comnosco o *chicaixeiro*, para nos conduzir ao logar em que estavam acampados os carros. O caminho era todo atravez de emmaranhada matta de espinheiros, e contornava a celebre lagoa *Biri*, povoada de jacarés, onde eram sacrificadas as raparigas que concebiam antes de ter passado pelo *mufico* (cerimonia da festa annual da puberdade).

Chegámos ao acampamento, appareceu logo a seguir o primeiro *garrote* promettido pelo soba, e algum gentio da *embala* e das immediações que matou o animal e o fez em mil

pedaços para que a todos chegasse a *nhama* (carne), de que tão avidos são; o outro *garrote* nunca appareceu. Um dos gentios, que pelo cabello e traje se conhecia ser quanhama, poz-se a dizer que os brancos haviam de ser todos mortos antes de sahir do Mulondo, e que estava a chegar uma *guerra* que o Hangálo tinha chamado para os atacar no caminho: estava ebrio, e ninguem fez caso do que elle dizia; de resto, a insolencia para com os europeus era corrente n'aquellas paragens.

A noite passou-se sem novidade, e na manhã seguinte retomava a comitiva a sua marcha ao longo do Cunene. Passámos pelas libatas de Bande, pae do Hangálo, e Chassa, seu irmão e successor ao sobado, e fomos acampar perto do vau de Diahuco, onde a população começa já a rarear.

Seriam 2 horas da madrugada, todo o acampamento acordou, com o ladrar insistente dos cães: era um cavalleiro que chegava; dizia vir da *embala*, de mandado do Hangálo, prevenir a expedição de que tinha pela frente uma grande *guerra* de quanhamas, e que devia esperar alli um dia para dar tempo a que ella passasse, sem o que o soba não se responsabilisava pelo que pudesse succeder-nos. O pessoal branco estava deitado dentro dos carros, porque o frio era muito, e quando sahimos para segurar esse cavalleiro e colher d'elle esclarecimentos, já o não vimos. Os caçadores e creados que estavam em volta dos carros começaram commentando o caso de varios modos; mas o commendador Lopes entendeu que a demora que o Hangálo queria que alli tivessemos era uma cilada que nos armava, e que a *guerra* de quanhamas ou de mulondos não estava pela frente mas sim pela retaguarda, e propoz, o que foi acceite, que a expedição se puzesse immediatamente em marcha e a andar quanto pudesse. Como os bois tinham ficado presos ás cangas e todo o pessoal estava acordado, foi um instante emquanto carros e cavalleiros largaram o acampamento.

Com um bocado de esforço estavam os carros ás 11 horas da manhã para alem do vau de Vitundo, já fóra das terras de Mulondo e a uma grande distancia das suas ultimas povoações. A *guerra*, que o soba dizia que a expedição tinha na frente, não foi encontrada.

(Continua.)

EDUARDO AUGUSTO MARQUES
Capitão do serviço de estado maior.

EDIFICIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO

A Bibliotheca Publica do Porto

I

SUA FUNDAÇÃO E INSTALLAÇÃO

D'UM portuense, e portuense illustre por benemerencia litteraria e artistica, dimanou a primeira idéa da creação d'uma livraria publica na segunda cidade do reino; pois, havendo os lentes da Academia Real de Marinha e Commercio do Porto, João Baptista Ribeiro e Raymundo Joaquim da Costa, escripto para Paris em 1818 uma carta ao Morgado de Matheus, D. José Maria de Sousa, louvando o modo por que elle se desvelara em elevar um monumento á memoria do poeta immortal da nacionalidade, de Paris em 22 de setembro do mesmo anno lhes respondeu, captivadamente agradecido, o preclaro editor, que apenas acabada sua edição lhes declara que um dos seus primeiros cuidados fôra indagar se no Porto existia uma Bibliotheca Publica, para fazer-lhe a offerta devida e pedir-lhe depositasse o exemplar, que era sua mente remetter-lhe, na sua collecção. Mas não sem magoa soubera que o Porto carecia de um similhante estabelecimento; observou então que este objecto não pode ser esquecido e addita que se persuade que, se a Academia, a cujo corpo docente pertenciam os destinatarios da sua carta, fizesse a proposição á Camara, esta não deixaria de empenhar-se em promover uma fundação tam util, terminando por consignar o desejo de que a um portuense desculpada fôsse a expressão dos votos que acabara de exarar.

Não se esqueceu João Baptista Ribeiro do honroso encargo moral que, por assim dizer, lhe commettera o Morgado de Matheus, antes d'elle se lembrou em momento que lhe pareceu azado e propicio, por isso que durante o heroico cerco do Porto e em uma das entrevistas em que por vezes se encontrara com o duque de Bragança, aconteceu ter elle occasião de submetter á leitura do Imperador aquella carta que o insigne promotor da luxuosa edição Camoneana de Paris, em 1818, lhe dirigira a elle e ao seu collega, lente de gravura, Raymundo Joaquim da Costa, e na qual o delicado patriota lembrava a creação de uma Bibliotheca Publica no Porto.

Alguns dias depois, durante os quaes

UM RECANTO DO CLAUSTRO — PARTE DA SECÇÃO DE ARMORIAL

João Baptista Ribeiro se encarregou de sondar e preparar a opinião dos que então geriam os negocios do municipio, appareceu, na data do primeiro anniversario da entrada do exercito liberal no Porto, o decreto instituidor da bibliotheca publica portuense. Esse decreto é referendado pelo ministro do reino, Candido José Xavier; seu art. 4.º determinava que a livraria publica do Porto seria instituida na casa que servia de hospicio dos religiosos de Santo Antonio de Val de Piedade, sita na Praça da Cordoaria, edificio acanhadissimo onde se estabeleceu ao depois a «Roda dos Expostos». Para ahi se mandou recolher as livrarias das ordens religiosas, e na casa da viuva Carneiro, alquilador, onde funccionava o «Correio Geral», as livrarias sequestradas pertencentes aos diversos cidadãos de opinião absolutista que, tendo-se ausentado do Porto durante o cerco, fôram considerados proscriptos, ficando, ainda assim, a maior d'essas livrarias no local onde se encontrava, a do Paço Episcopal, por ser propriedade do bispo D. João de Magalhães e Avellar, que tambem se tinha ausentado da cidade. O bibliothecario Eduardo Allen dá nota que estas livrarias particulares fôram ao depois todas pagas a seus donos: a do bispo, avaliada em vinte e quatro contos de reis por Alexandre Herculano e outro perito, paga pelo Estado, bem como a de Alexandre Garrett e as de alguns outros; pela Camara, poucos annos havia á data em que o rememorava Eduardo Allen, a do visconde de Balsemão.

INTERIOR DO CLAUSTRO — SECÇÃO DE EPIGRAPHIA LAPIDAR

Ao cabo de algumas hesitações, optou-se por serem todos os livros que formavam a nova Bibliotheca removidos do restricto edificio da Cordoaria, aliás escolhido outrosim para alojar a entidade tambem nova do Tribunal Commercial. Destinou-se-lhes o Paço Episcopal, incorporando-se todos os volumes recolhidos na livraria do bispo e ficando no andar terreo do mesmo paço.

Ahi começou a faina da escolha e collocação dos setenta a oitenta mil volumes que a Bibliotheca Portuense em seu prin-

cipio possuia, e já mesmo da sua catalogação se encetou, cuidando com probidade, cumprindo os empregados da casa a laboriosissima tarefa, que durou desde 1835 até 1840.

Entretanto dava-se um conflicto entre a Camara e o prefeito do Douro, Manuel Gonçalves de Miranda, homem de iniciativa e de firmeza—*the right man in the right place*, a caracteristica Allen lh'a applica e attribue, — visto como a Camara preferia para a Bibliotheca o Paço do Bispo, em contra do judicioso alvitre do prefeito, que lhe destinara o edificio onde actualmente ella se encontra, o convento de Santo Antonio da Cidade, sito a S. Lazaro.

Ahi, depois de convenientemente installada, em dous vastos salões, com uma galeria um pouco acima do meio e correndo a todo o comprimento d'elles, forrado tudo de estantes de alto a baixo, se inaugurou a livraria publica portuense no dia 8 de dezembro de 1842, pronunciando, em presença de todas as auctoridades e innumeravel concurso de pessoas das classes illustradas do Porto, o discurso de abertura o segundo bibliothecario João Nogueira Gandra. O ensejo se aproveitou para egualmente inaugurar o retrato, a oleo e corpo inteiro, de D. Pedro, pintado por aquelle João Baptista Ribeiro, então director da Academia de Bellas Artes.

Quando se creara a Bibliotheca, escolheram-se immediatamente para ella seu primeiro e segundo bibliothecario; logo, a 10 de julho, foi nomeado primeiro bibliothecario Diogo de Goes Lara de Andrade, que fôra redactor da *Gazeta de Lisboa* e que estivera preso, porque, deixando-se illudir pela falsa assignatura do marquez de Loulé, auctorisou a publicação n'aquella folha official do annuncio para a arrematação das bestas que tinham puxado o carro de D. João VI na sua volta de Villa Franca em junho de 1823. Celebre a esse annuncio chama um actual douto inquiridor das antiguidades modernas do Porto e celeberrima resoara, de facto, a coeva retumbancia da audacia tam escandalisante quam perigosa.

SALÃO DE LEITURA, VISTO DA ENTRADA

No dia 17 foi feita a nomeação do segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, ao qual no immediato dia 22 de Fevereiro

SALÃO DE LEITURA, VISTO DO FUNDO

d'esse pelejado anno de 1833 se lhe mandou coadjuvar o bibliothecario mór na assiduidade de effectivo serviço. Era elle um simples soldado do batalhão dos voluntarios da rainha; porém da maneira como se havia portado nas refregas sanguinolentas do anno anterior, o commandante da terceira companhia, o capitão José Joaquim Esteves Mosqueira, disse que «teve sempre uma conducta, civil e militar, irreprehensivel e digna do maior elogio, grangeando a devida consideração de todos os seus companheiros de armas pelo distincto e singular comportamento com que se houve em todas as occasiões de fogo, realçando, pela sua bravura e denodado valor, entre os demais». De um homem que assim se assignalava—entre os demais—no batalhão de voluntarios da rainha, ninguem poderia suppôr (justiceiramente o pondera o illustradissimo investigador portuense) que se afastava das fileiras para escapar aos perigos; mas, se essa suspeição poderia haver, em termos bem precisos a desmente um attestado official, assignado pelo capitão Joaquim Antonio Nogueira, que foi subalterno da 1.ª companhia dos voluntarios e, com referencia a esse voluntario, duas vezes glorioso, pois, então pelas armas, ao deante pelas lettras, se expressa n'estes honrosos termos: «Dispensado de todo o serviço, não houve um só fogo nas linhas de defeza em que elle espontaneamente se não unisse á 1.ª companhia, batendo-se com o maior sangue-frio e chamando os seus irmãos á gloria, porque foi sempre um dos primeiros a avançar contra o inimigo».

Este voluntario da rainha chamava-se Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo; e, sobrevindo a revolução de setembro de 1836, por lealismo para com a Carta, que, com o novo juramento exigido á superveniente constituição politica do paiz, elle não quiz perjurar, se exonerou do seu cargo de segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, como, por identico motivo, se demittiu o primeiro bibliothecario Diogo de Goes Lara de Andrade, que foi substituido por Francisco Velloso da Cruz.

Através das consecutivas fluctuações politicas que marcam o periodo da implantação do systema representativo em Portugal, proseguiu invariavelmente prestando seus serviços aos estudiosos a Bibliotheca Publica do Porto, para a qual

elaborou um regulamento em 1856 o conde de Samodães (Francisco), regulamento que não logrou a approvação do assiduo leitor na livraria publica portuense, por então, Augusto Soromenho. Verberou-o, no seu estylo aspero, em dois folhetins do *Portugal*, folha absolutista, de que eram redactores o dr. Casimiro de Castro Neves e Luiz Ribeiro de Sottomaior. Em defeza do seu trabalho e replicando ás criticas de Augusto Soromenho, algumas das quaes eram manifestamente improcedentes, acudiu o elaborador do regulamento censurado, retorquindo em outro folhetim do mesmo periodico, no n.º de 27 de novembro do referido anno de 1856, onde consigna que sua mente estivera em que a Bibliotheca não fôsse um gabinete de leitura, porém sim de estudo.

De estudiosos se nobilitou, com effeito, desde logo da sua installação a concorrencia da livraria publica portuense e seria curioso percorrer as laudas dos livros de inscripção dos frequentadores da casa, no fito de apartar os nomes que se assignalaram nas lettras e nas sciencias portuguezas, desde sua abertura em deante. Curiosa seria a comparação das graphias das assignaturas d'aquelles leitores distinctos que, de moços e successivamente, alli quasi sem interrupção se foram instruindo e educando. Surprezas nos dariam as designações das occupações que se reconhecem alguns d'esses leitores, á medida que avançam na vida, as situações materiaes e moraes mudam, as responsabilidades e as legitimas satisfações da consciencia se substituem ou se fixam. Assim, emquanto Guilherme Braga se nos confessa humildemente como um mero «empregado publico», Pedro de Amorim Vianna constantemente addita ao seu nome a sua qualidade de «professor»; mas o seu antagonista na fé religiosa, começamos por o vêr como «estudante theologico»; depois se nos affirma «jornalista»; finalmente revindica-se «escriptor»: Camillo Castello Branco.

Visitantes outrosim os tem tido illustres a Bibliotheca Publica do Porto, pela situação social, reis, principes, ministros: o rei D. Pedro V e o rei D. Luiz I, ainda quando duque de Bragança um e duque do Porto o outro, em 2 de maio de 1852; a princeza Augusta de Montléart, em 30 de maio de 1854; em 18 de agosto de 1865, o principe Amadeu de Saboya, proximo e ephemero rei de Hespanha; a

SEGUNDO SALÃO

28 de dezembro de 1889, o desthronado imperador do Brazil, que já alli estivera em 1 de março de 1872 com sua esposa Thereza Christina, a qual n'esse borrascoso triste dia de 1899 expirava no *Hotel do Porto;* o marquez de Loulé, o visconde da Carreira, Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, Anselmo José Braamcamp, Carlos Bento da Silva, á hora remota em que é ainda o que atrazadamente se subscreve, simples «funccionario».

Na sequencia da ordem por cujo criterio disciplinamos esta exposição, cumpria que reservassemos um pequeno espaço a ser occupado pelos offertantes, que os tem tido a Bibliotheca Publica do Porto, tanto do paiz como de fóra d'elle, desde o quasi portuguez J. Charles d'Almeida, iniciador do *Journal de Physique pure et appliquée,* de Paris, até o benemerito Émile Guimet, fundador na capital franceza do suggestivo museu das religiões que lhe perpetúa o nome; o sr. Guimet fôra um dos visitantes da Bibliotheca do Porto, pela occasião da viagem scientifica que ao norte do paiz emprehenderam alguns dos membros do congresso anthropologico em 1880 effectuado em Lisboa, mercê da iniciativa do illustre geologo nosso portuguez Carlos Ribeiro.

Por fallecimento d'um seu guarda-sala, a Bibliotheca adquiriu uma collecção apreciavel de grammaticas, vocabularios e outros tomos didacticos sobre a lingua arabe; de commentarios e volumes de critica litteraria sobre obras arabicas e traducções d'estas; de historiadores arabes originaes e de livros de historia e geographia da Arabia por auctores modernos; de obras impressas em arabe. Esta collecção proveio do espolio de José Pereira Leite Netto, que falleceu em 1882, na edade de quarenta e quatro annos. Sua viuva, possuidora do manuscripto de um trabalho *(Guia de conversação portuguez-arabe, acompanhada da pronuncia do arabe figurada em caracteres latinos e de notas relativas á grammatica)* que elle deixara inedito, requereu ao governo para mandal-o publicar. Foi ouvida sobre esse requerimento a Academia Real das Sciencias, cujo parecer lhe resultou favoravel; e em presença d'elle mandou o governo que

TERCEIRO SALÃO

fôsse impressa a *Guia de conversação portuguez-arabe* na Imprensa Nacional, de cujos prelos sahiu, com effeito, a lume em 1902, precedida de uma advertencia redigida pelo Conde de Samodães. Já em 1882, tambem na Imprensa Nacional, em Lisboa, se estampara o *Catalogo das moedas arabes existentes no Museu Nacional Portuense*, descriptas, classificadas e ordenadas pelo referido J. Pereira Leite Netto, a rogo do director do dito Museu, que o era egualmente da Bibliotheca, o hoje egualmente fallecido Eduardo Allen. Este, no fasciculo 2.º do Supplemento geral impresso ao catalogo da Bibliotheca Publica do Porto, contendo as acquisições posteriores á sua fundação, em obras compradas e offertadas, registra a inscripção manuscripta que se encontra no exemplar de offerta do editor das *Noticias archeologicas de Portugal*, pelo dr. Emilio Hübner, traduzidas do allemão e publicadas, em 1871, por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. O editor foi aquelle Augusto Soromenho, e sua inscripção manuscripta diz assim:

GABINETE DO DIRECTOR

«A' Bibliotheca Publica do Porto, onde fez os seus primeiros estudos e á qual deve a melhor parte dos seus actuaes conhecimentos».

Como que timbraram em briosa porfia os empregados da livraria publica portuense por proporcionar aos trabalhadores, portuguezes e brasileiros, — sahindo, assim, mesmo já do ambito restricto de sua repartição,—elementos de consulta e subsidios de informe, que facilitassem as buscas e esclarecessem e simplificassem os estudos. A affirmativa patentea-se clara chamando-se a attenção para o relevante serviço prestado por um modesto opusculo, impresso no Porto em 1871 e intitulado *Indice alphabetico dos nomes proprios de familia (appellidos) dos auctores incluidos no Diccionario Bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva* (Volumes I — VII, e 1.º do Supplemento). Este fatigante e proveitosissimo trabalho dá-se, no rosto do folheto, como tão só para uso da Bibliotheca do Porto; porém elle circulou desde a data de sua publicação entre o publico culto de todo o paiz; abre-o uma dedicatoria com que em setembro do anno de 1869 Eduardo Allen Junior o offerece ao honrado e promotor presidente da Camara Municipal do Porto então, Francisco Pinto Bessa, em signal do afervorado seu reconhecimento pela permissão que no Março preterito, lhe concedera de na livraria publica portuense fazer serviço gratuito de guarda-sala supra-numerario durante a molestia e impedimento de alguns guardas-salas effectivos.

Este *Indice alphabetico* antecede de quinze annos o «Guia» (I e II) que constitue a parte principal do tomo decimo-primeiro, ou quarto do Supplemento, do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, o qual se publicou em 1884; elle contém, de abertura, a tabella dos appellidos, sem a qual a obra de Innocencio é inmanuseavel, redundando esteril tanta fadiga e inutil tanto saber. Segue-se uma Taboa de referencias entre os diversos appellidos dos auctores mencionados n'esse indice, complemento indispensando da faina encetada e que

d'est'arte se antolha quasi que completa e perfeita.

Ao auctor do *Diccionario Bibliographico*, Eduardo Allen Junior tributa, na Advertencia final do seu opusculo, vivos e sinceros agradecimentos pela urbanidade e indulgencia com que para com elle se houve Innocencio, accedendo ao seu pedido de licença para emprehender indice similhante e distinguindo-o com uma carta amavel, em que o animava á publicação do seu trabalho, de que o sr. Brito Aranha, diligente e dedicado continuador da obra de Innocencio, deu conta no tomo terceiro do Supplemento, ou seja o primeiro a seu cargo.

Outro trabalho, n'este prestante typo, nos corre a obrigação de attender e registrar (com o louvor que lhe é legitimamente cabido), oriundo da iniciativa e da operosidade d'outro empregado ainda da Bibliotheca Publica do Porto; alludimos ao *Manual bibliographico portuguez*, grosso volume in-4.º, editado, em 1878, no Porto, pela livraria Portuense; seu auctor é o fallecido Ricardo Pinto de Mattos, de quem, em abril d'aquelle anno de 1878, dizia o revisor e prefaciador do seu livro: «O sr. Ricardo Pinto de Mattos exercita o seu emprego na bibliotheca publica do Porto. Ha annos que lida com livros e com o pensamento na organisação modesta e proveitossa d'este *Manual*. Compulsou de espaço as preciosidades d'aquelle estabelecimento; pouco a pouco, foi avolumando as notas dos seus estudos; e, por vezes, transpondo as balizas de mero informador, colheu uteis noticias de livros extrangeiros, correlativos aos assumptos versados nas obras nacionaes que inventariou». O revisor e prefaciador do *Manual bibliographico* de Ricardo Pinto de Mattos foi Camillo Castello Branco. Em sua Advertencia, o auctor exara que, na confecção do seu volume, teve presentes muitos dos livros que possue a Bibliotheca Publica do Porto e que os indicou com um asterisco, circumstancia, crê, que aproveitará, de futuro, não só á Bibliotheca mas ainda ao publico em geral.

GRANDE ESTANTE CORAL QUE SE SUPPÕE TER PERTENCIDO AO EXTINCTO CONVENTO DOS LOYOS NO PORTO

O publico em geral seguramente que aproveitará tambem com a enumeração que, em seus idoneos catalogos, publicados respectivamente em 1883 e em 1885, lhe forneceu o official guarda-sala Bento Vieira Ferraz de Araujo, para as obras existentes na livraria publica portuense e respeitantes ás secções de mathematica e philosophia, comprehendendo não só os livros do fundo primitivo como os das novas acquisições, em parte effectuadas pelo producto da venda de duplicados, os quaes se aleiloaram em 1867 em hasta publica.

Em 1884 o referido official bacharel Bento Ferreira Ferraz de Araujo organisara e publicara uma mui util «Taboa geral methodico-alphabetica» das obras enumeradas nas taboas analyticas dos qua-

tro fasciculos que compoem o primeiro volume do Supplemento Geral (acquisições desde 1841 a 1883) aos catalogos de todas as classes da Bibliotheca Publica do Porto, segundo a classificação adoptada. Das varias especialidades contidas na livraria municipal portuense, catalogos parcellares existem ainda, consoante o de Geographia pelo empregado João d'Almeida Allen; os da Camoneana e Camilliana, pelo conservador José Pedro de Lima Calheiros, etc. A cabo do catalogo especial de Philosophia, seu compendiador poz-lhe como remate, extrahindo-o de Brunet, um indice vantajoso dos nomes alatinados dos logares d'impressão das obras d'esse catalogo, com a sua traducção nos nomes com que modernamente são conhecidos.

Recapitulando, parece não ser temerario o asserto de que amplamente, por em todo o sentido, fôram satisfeitos os votos que com alvoroço patriotico sabemos desde 1818 formulados pelo portuense José Maria de Sousa, Morgado de Matheus.

ESTANTE CORAL QUE PERTENCEU AO EXTINCTO CONVENTO DE SANTA CLARA, NO PORTO

Lamentavel coisa fôra que antes de 1833 não houvesse tido o Porto uma bibliotheca publica. Luiz Maximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, 2.º visconde de Balsemão, vendo esta miseria na segunda capital do reino, teve a generosidade de franquear ao publico a sua grande e escolhida livraria, estabelecida no seu palacio da Feira das Caixas ou Praça dos Ferradores», conforme o relembra, em seus amargos dizeres, o diccionarista Pinho Leal, que explica a seus juvenis leitores que essa Feira das Caixas ou Praça dos Ferradores era, no anno em que elle escrevia—1876,—a praça de Carlos Alberto e o palacio propriedade estava sendo do visconde da Trindade. Agora trinta annos volvidos, se a praça ainda é de Carlos Alberto, o palacio é que já não é do visconde da Trindade, fallecido de longa data, conde a quando de seu obito, como fallecido é já tambem o 2º visconde do titulo referido.

Desde 1842 que o publico estudioso ou méramente curioso possue, a S. Lazaro, uma livraria excellente a seu dispôr e onde consultar com abundancia e em todos os generos da applicação mental ou esthetica, scientifica, historica, litteraria e artistica. Lêmos que Camillo Castello Branco escreveu que alli existem *preciosidades*. Será exaggero? Ou assim passará, de feito?

Assim é. De relance, e a espaços individuadamente, fallar d'essas preciosidades constituirá o particularisado objecto do artigo immediato. Ahi nos occuparemos dos incunabulos e paleotypos na livraria publica portuense existentes e d'algumas d'essas bellas especies detidamente trataremos, tanto quanto nol-o consinta a penuria da propria insufficiencia. Ahi de passagem rememoraremos um lamentavel episodio da historia do estabelecimento, de que elle foi a victima.

Mas d'estas annunciativas linhas não se deprehenda que a Bibliotheca Publica do Porto seja, tão só e exclusivamente, um repositorio de velharias e raridades, que de nenhum prestimo pratico sirvam ao homem actual, absorvido na sua technica e carecendo, sobretudo, da ajuda litteraria especialisada e profissional. A livraria publica portuense está magnificamente apetrechada com o material positivo necessario ao estudioso e ao trabalhador, tam util redundando, pois, para o commerciante e industrial, para o engenheiro e o medico, como para o jurisperito e para o simples jornalista. Ella é frequentada e aproveitada pelos alumnos das escolas superiores que alli se vão habilitar na licção dos mais modernos e mais completos expositores, ao mesmo tempo que os operarios fabris alli recorrem aos manuaes, resumos e diccionarios technologicos.

De par e passo na Bibliotheca Publica Portuense existem os monumentos estheticos de todas as litteraturas, nos originaes e nas versões celebres nos idiomas accessiveis da cultura geral; alli se encontram as vastas collecções classicas, como a greco-latina de Firmin-Didot; as encyclopedias afamadas, a britannica, as duas francezas modernas; os grandes historiadores fundamentaes, Michelet, Mommsen Bancroft; as revistas philosophicas, de philologia, de anthropologia, de archeologia; toda a producção, litteraria e scientifica, do Portugal moderno e da Hespanha contemporanea.

Assim, a livraria publica portuense não se confina n'uma zona particularisada; ella serve amplamente todas as urgencias do espirito, desde os debates aridos da economia e da finança, já nos volumes que constituiram a collecção Guilhaumin, attinente a publicistas e a economistas, acabando nas mais recentes theorias do socialismo marxiano, até ás puras, independentes e abstractas especulações da metaphysica e da moral.

Não soffrem os poetas as durezas platonianas na Bibliotheca Publica do Porto, que, longe de os repudiar, lhes offerece acolhida sympathica; e a estante das novellas contemporaneas, dos estudos criticos, das viagens e das impressões artisticas está preenchida por tudo quanto ha de melhor n'esses varios, delicados e captivantes generos.

ASPECTO GERAL DO CLAUSTRO

Preciosidades opulentam, pois, em todo o typo, a livraria publica portuense. Todavia, o genero d'aquellas a que mais particularmente quiz alludir Camillo Castello-Branco, quando á Bibliotheca Publica do Porto se referiu, será o que mais impressivamente nos affectará em o, como este, modesto artigo, immediato.

J. Pereira de Sampaio *(Bruno).*

A estatua de Dumas

(filho)

ARIS, 13-6-06. — Tres horas da tarde. Na praça Malesherbes, emergindo como um oasis discreto de verdura e sombra entre as duas longas avenidas dardejadas pelo sol faiscante, agglomera-se n'uma impaciencia mal contida por policias de luva branca o *Tout-Paris-badaud*, que não falta a um enterro de sensação ou a uma inauguração d'estatua — os dois espectaculos favoritos d'este povo para o qual um dos maiores attractivos é contemplar as suas celebridades, todas essas creatuas d'excepção que, pelo talento authentico ou pela voga ephemera, conservam ainda, n'esta epocha democratica, o prestigio romanesco e o privilegio raro d'uma aristocracia á parte.

Dos automoveis trepidantes e dos landaus de luxo, cujas portinholas batem com estrepito insolente, apeiam-se, mostrando as meias de seda entre o turbilhão d'espuma dos *dessous* de rendas, damas do mundo e semi-mundo, em *toilettes* claras, maquilhadas e floridas como para uma *matinée*.

Na grande tribuna descoberta, verde e oiro, que as folhas em cocar das palmeiras e massiços azues e roseos de hortencias decoram, o sol aviva as manchas cloridas das umbrellas abertas e dos immensos chapeus da ultima moda, equilibrados como açafates de rosas e de plumas, sobre os altos *chignons* em cascata, que dão ás elegantes d'este verão o ar das marquezinhas futeis e preciosas das tellas de Watteau e de Lancret. Ao seu lado, sentados nos bancos estofados de carmezim, destoam n'um contraste de mau gosto as manchas pretas das sobrecasacas mal talhadas, — porque em França, na maioria, os homens celebres vestem deploravelmente. Ao fundo das escadas tapetadas, junto da meza coberta com um panno de velludo já coçado pelo uso de tantas exhibições identicas, quatro guardas municipaes, com os seus capacetes d'oiro empennachados de vermelho e a excentricidade vistosa do seu uniforme d'operetta, perfilam-se na pompa hirta das suas poses marciaes.

Em torno do monumento velado ainda por um panno branco, como uma surpreza, o enxame innumeravel dos photographos, de machinas assestadas, espera.

No circulo dos curiosos que se apinham á volta da praça, ha impaciencias, empurrões, protestos. As damas coquetteiam, com risinhos impertinentes, e como n'um intervallo do *Vaudeville*, flirtam para matar o tempo, n'este scenario de comedia intellectual e mundana. Reporters apontam os nomes de todo esse publico d'assignatura que veiu menos para honrar a memoria do ironista implacavel do *Demi-Monde* do que para ser visto. Com um grande manto sobre os hombros d'estatua, Mademoiselle Bartet faz uma entrada theatral, entre um sussurro de curiosidade.

De repente, um novo murmurio, um movimento na multidão :

— *Les voilà, les Immortels ! les voilà !...*

Rebate falso... São apenas quatro ou cinco empregados de banco que a turba confundiu

com os academicos, pela analogia dos seus chapeus de bicos.

Na verdade, o espectaculo vae-se demorando. Esses senhores do Instituto de França fazem-se esperar com mais insolencia do que os seus collegas da *Comedie Française!* O sol arde. Sobre as faces transpirantes tremúla a palpitação viva dos leques. Da avenida, onde as campainhas estridulas dos tramways retinem, vem a espaços o echo dos pregões vibrando no ar parado, em que nem a mais leve aragem arripia a folhagem empoeirada dos castanheiros densos e dos altos platanos. No passeio, uma velha de touca bretã apregôa limonadas...

Mas eil-os emfim! Empertigados nas casacas bordadas de verde acido, como papagaios, os espadins inoffensivos batendo-lhes as pernas claudicantes, os Immortaes desfilam em bicha, tomam os seus logares nos fauteils da primeira fila. Na crueza ironica da luz que lhes revéla as rugas da pelle pergaminhada de velhice, dir-se-ia uma exposição imprevista e comica das figuras de cera do Muzeu Grévin! Hirtos, em *pose* deante das machinas dos photographos, mas com o ar de nem sequer as verem, como todos esses geniaes fantoches teem o ar duro de bonzos, o desdenhoso olympismo de manipansos das Lettras, apezar d'esse sorriso permanente e immovel, como o das bailarinas, com que correspondem aos cumprimentos das «preciosas ridiculas» que deante d'elles se curvam em salamaleks servis.

Palmas... Do outro lado da praça, um velhote de frack rapado e de côco triste puxa o cordel que prende o envolucro do monumento. E, na crua e nitida alvura do marmore esculpido pelo cinzel de René de Saint-Marceaux, destaca emfim, na rutilancia d'oiro do sol que a nimba, a figura poderosa do Mestre ainda hoje sem par no theatro moderno.

Envolto na ampla blusa de trabalho, sentado n'um banco de pedra, Dumas filho ergue a cabeça severa n'uma attitude a um tempo de força tranquilla e de contemplação commovida como se escutasse as vozes dolorosas e inspiradoras das quatro mulheres que gravitam, n'um grupo symbolico de todas as emoções femininas, em torno do pedestal da estatua. Uma d'ellas, encarnando a maternidade e o abandono, levanta, para o defensor das humilhadas, o filhinho nu. Outra, mensageira florida da primavera, tem nas mãos erguidas um ramo de rosas e na bocca desabrochante, como ellas, o sorriso luminoso da adolescencia. Na attitude melancolica e romantica da renuncia, Maria Duplessis desfolha as suas camelias nos dedos exangues de tysica amorosa. Esvoaçante na clamide que o gesto de perdão dos braços estendidos abre n'um movimento d'azas angelicas, a ultima figura parece unir o abandono, a esperança e o sacrificio das suas tres irmãs de marmore no mesmo culto de gratidão adorante por aquelle que soube amal-as, evocal-as e eternisal-as no Theatro e no Romance.

Aos pés do Mestre jaz a mascara de Thalia, da Musa inspiradora das verdades novas a que o seu genio deu voz. E na mão que gravou em paginas impereciveis os seus pensamentos de moralista, tem o estylete acerado que, mais que uma penna, foi um bisturi de anatomista do coração humano, até ás suas fibras mais intimas. Entre ramos de louro, os titulos da longa obra que immortalisa a sua gloria estão gravados na outra face da columna. E no ultimo dos tres degraus em que ella se apoia, esta simples inscripção:

ALEXANDRE DUMAS

SOUVENIR D'UN AMI

E os discursos começam, esses infindaveis discursos que tanto tedio inspiravam ao ironista das *Ideias de Madame Aubray*, que ao morrer os prohibiu sobre o tumulo e pediu que as cerimonias do seu enterro se realizassem n'um silencio humilde. Elle mesmo não pronunciou senão dois durante toda a sua vida: o primeiro, á beira da cova da actriz Aimée Desclée, a interprete admiravel das suas creações, que sentiu por Dumas uma paixão romanesca a que elle só correspondeu com uma amizade casta; e o segundo, obrigatorio, no acto da sua recepção academica.

Entretanto, na assistencia espectante, chius!... tosses abafadas delicadamente nos lenços... todos os surdos rumores do publico que se prepara para saborear, com regalo, nobres imagens e adjectivos solemnes.

— Mr. Henry Roujon! annuncia o mestre de cerimonias.

E um cavalheiro de bigode encalamistrado á Napoleão III n'uma physionomia burocratica de chefe de repartição attencioso, com seu attestado de bom comportamento no trapo vermelho da Legião d'honra que lhe condecora a casaca mal feita, pousa com devoção o chapeu alto sobre o tapete velho da meza, tira do bolso um rôlo branco e, voltado para sua

MONUMENTO DE ALEXANDRE DUMAS (FILHO)

Excellencia o sub-secretario d'Estado das Bellas Artes, que o encara n'um sorriso protector começa a ler, com o ar modesto e facil de quem o não fez, o discurso de Victorien Sardou, a quem a operação d'um anthraz impossibilitou de o pronunciar, em pessoa.

N'um parallelo rhetorico e scenographico, segundo os preceitos classicos do bom Quintiliano, o tremendo melodramaturgo da *Tosca*, confronta as obras dos dois Dumas, na litteratura franceza.

— Dumas pae recusa-se a ver do presente tudo quanto possa entristecel-o. Não se importa com o futuro. Do passado nada mais conhece além dos seus aspectos legendarios, pittorescos e amenos... Dumas filho ignora e desdenha o passado. A sua preoccupação constante é o futuro, o que o interessa apenas no presente são as suas tristezas e os seus problemas perturbantes... Um dissuade-nos de pensar. O outro incita-nos e obriga-nos a pensar. O pae é todo invenção e imaginação.

O filho é todo observação e reflexão. As unicas coisas que considera realmente dignas d'interesse são os factos ao seu alcance... Lentamente, com pausas reverentes, n'uma voz monotona e diligente, o illustre maçador continua sempre, voltado para Sua Excellencia — emquanto ao longo da avenida os tramways deslizam nos rails estridentes.

Na luz fulva do sol que tons terrosos de caveira teem alguns d'esses Immortaes veneraveis Um, velhissimo, todo calvo, pequenino, catracego, tem o ar demasiado attento de quem não ouve uma palavra. Recostado no alto espaldar vermelho, lembra uma mumia n'um sarcophago, veneravel reliquia!... De sobrecasaca condecorada (está claro!), seu collete de setim sarapintado de pintinhas roxas. François Copée agita nos dedos enluvados de amarello a bengala rica, de castão de prata — e na sua mascara rapada de sacrista janota, os labios franzidos exprimem o mais evidente e catholico desdem por aquelle *factotum* do seu collega Sardou.

— *Quel raseur!* — dizem claramente os olhos esverdeados e felinos de Paul Hervieu, ao seu lado, constrangido na sua casaca nova de membro do Instituto. E que eloquente scena muda na attitude de sacrificadas das *preciosas* que fingem escutar, como n'um templo, ao mesmo tempo que espreitam com o canto do olho os photographos que dispõem as machinas para apanhar o aspecto das tribunas...)

— Da formula de Dumas — vae dizendo o outro — devemos reter sómente o que é justo e louvavel, e o que elle resolutamente poz em pratica: a demonstração, na scena, de certas verdades desconhecidas, contrarias ás opiniões acceites, e que é preciso fazer acolher por um publico mais ou menos recalcitrante...

(Positivamente, Jules Claretie está soffrendo uma crise epathica, com aquella côr biliosa que lhe esverdeia afflictivamente a cabeça descarnada de santo d'egreja d'aldeia, pobre martyr! Como elle inveja, n'este instante, o anthraz providencial de Sardou, que o livra da estopada, com um calor assim!...)

— Os Dumas amaram sempre a lucta (prosegue o manga d'alpaca, n'um tom imperturbavel de quem lê um officio.) O avô, o general, lançava-se na refrega e espadagava austriacos como um simples soldado. O filho passou a vida a debater-se, alegremente, de resto, contra as difficuldadaes com que se comprazia em obstruil-a. E o mesmo espirito batalhador vamos encontrar no gosto do filho pela controversia e pela polemica, no seu desdem pelas ideias correntes e no seu *parti pris* de advogar no palco as causas antecipadamente mais desacreditadas, tomando como clientes habituaes a virgem seduzida, a mãe solteira, a mulher galante e a mal-casada... A virgem seduzida, culpada d'uma fraqueza de que a accusam com crueldade, ao passo que todos consideram com indulgencia aquelle que a provocou! — A mãe solteira, a quem o seductor deixa todo o encargo da sua triste maternidade, sem que a lei o obrigue a associar-se-lhe e testemunhe o menor interesse pelo filho, nascido d'uma falta de que elle é irresponsavel! — A mulher galante, a peccadora arrependida, que elle quer rehabilitar pelo verdadeiro amor e pela dedicação maternal! — E finalmente *(uff!)* a esposa abandonada, traida, e que em seguida esquece os seus deveres, para quem elle reclama a mercê das circumstancias attenuantes e do perdão evangelico! São estes arrojados pleitos que fizeram dizer com uma intensão d'ironia muito injusta, segundo o meu modo de ver... (e egualmente de Mr. Lepine, o prefeito da policia, que abana a cabeça, approvativo!)... que cada peça de Dumas é uma these...

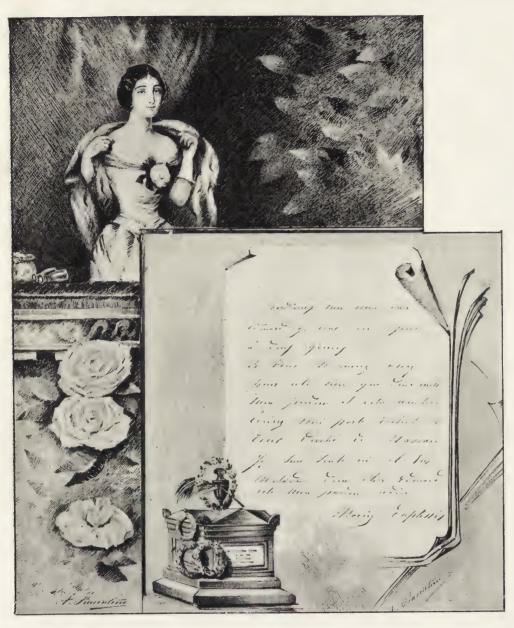
(Na poltrona d'honra, ao sol, Sua Excellencia o sub-secretario das Bellas Artes sua como um heroe... o suor corre-lhe em bica pelas bochechas, pelos refegos do cachaço taurino, sem que elle tenha a fraqueza d'um gesto para o enxugar. E na cadeira ao lado, o velho jarreta, com a calva de mumia descaida sobre o hombro, resona, o bemaventurado!)

— O que a sua linguagem um pouco brusca, a sua amizade um pouco rude, a sua beneficencia um pouco rispida encobriam de verdadeira bondade, só o podem dizer aquelles que viveram na sua intimidade e a quem elle honrou como a mim com a sua amizade...

— *Sacredieu!* É odioso de declamação, de sonoridade esganiçada! ilva Henri Lavedin, entre os dentes contraidos, com o ar furioso de quem tem uma bota de verniz a aperrear-lhe um callo.

— *Tordant!* accrescenta o visconde de Vognë, com odio.

Mas de repente, ha uma esperança. A voz gorgoleja, enfraquece, hesita com gosma... O homem começa a cuspinhar. Fecha a bocca. Sempre é o fim?...

Palmas estalam. O publico tem a impres-

A DAMA DAS CAMELIAS
Retrato authentico, autographo e tumulo

são momentanea de saír d'uma secretaria onde cheira a bafio e a rato. Mas oh deuses immortaes! É uma falsa esperança. Manga d'alpaca parára apenas para tomar folego. E eil-o que de novo, como a agua d'uma gotteira sobre um passeio, a voz continua, obsidiante, tragica, immutavel, eterna...)

— Quando a estatua do avô, do soldado patriota se erigir sobre esta praça, entre as do filho e do neto, saudaremos n'elles a conjuncção dos dotes mais preciosos da intelligencia e do coração: a bravura e a caridade, o odio de toda a oppressão, de toda a injustiça; o bom humor, o bom senso e o espirito ao serviço de todas as boas causas! E nenhum povo poderá offerecer á admiração do mundo

inteiro uma praça comparavel á dos *Tres Dumas.*

— *Bravo torero!* exclama Victor Marguerite, n'um sorriso de gavroche.

Alguns não querem crêr ainda, mas d'esta vez sempre é certo. O supplicio terminou. E as palmas, a ovação de todos esses joviaes tartufos, ha momentos tão mordazes, e que agora dizem alto: «Esplendido! magnifico!» — n'uma d'essas reacções de enthusiasmo que devem sentir aquelles que caíram ao poço, ao entrever de novo a luz.

Se fosse só aquelle! Mas faltám ainda oito, mais oito, Pae celeste!

Por traz da meza vermelha, ja outro Demosthenes surge, entre os guardas perfilados, de espada desembainhada. Em nome do Conselho Municipal, o sr. Tintet, na ausencia de M. Chautard (outro feliz!), agradece em nome da cidade de Paris a «preciosa offerta do monumento», n'uma voz que guincha, estridula, entre o rolar dos trens e das carruagens. O que elle sabe, o que elle diz, o sujeito de lunetas, com a facha tricolor sobre o ventre conspicuo! Porque n'estas solemnidades, estes senhores da Burocracia são sempre os mais espicaçados pela abelha d'oiro da Rhethorica, como se quizessem, na sua facundia, provar aos homens das lettras: — «Não são só vocês que teem direito de maçar os outros ouvintes!

— Quando a estatua do general Alexandre Dumas se erigir em face das do filho e do neto (já o terrivel orador precedente o disse pouco mais ou menos, mas que importa!) esta praça será sem duvida a mais original do mundo inteiro e tambem a mais evocadora. Ella dirá ao transeunte que uma mesma familia, durante tres gerações successivas e por formas diversas, augmentou a irradiação gloriosa da patria franceza!

— Rataplan! plan!...

E logo outro, M. de Salves, prefeito do Sena, tristissimo, icterico, o aspecto d'um perú nostalgico, lê uma estirada perlenga, emphatica e aphoristica, a que o reporter que a vae notando com odio chamará inevitavelmente *admiravel* no seu jornal:

— Alexandre Dumas filho projectou a mais viva luz sobre vicios profundos da nossa sociedade. Fez obra util e grande. O seu objectivo foi sempre nobre e elevado. É um grande antepassado, um verdadeiro gentilhomem de lettras. E nós saudamos respeitosamente a sua imagem!..

As noites que aquillo lhe levou a redigir, e as vezes que o digno homem deve ter relido aquelle periodo á pobre da senhora! Mette por fim as tiras no bolso da casaca, religiosamente, e cae nos braços abertos dos admiradores.

E n'um burborinho sympathico das velhas damas que se arrebitam para o ouvir, Bourget, gorducho, molle, *poseur,* na sua casaca de papagaio do Instituto, chapinhada de medalhas, as pontas do bigode caídas á ingleza sobre o beiço sensual, de monoculo nas palpebras papudas, sem nada, comtudo, do dandy que nos afizemos a conceber atravez da leitura dos seus romances archimundanos, começa sem gestos, n'uma voz branca e acida de snob, cheia de tedio impertinente:

— Na Academia Franceza, «n'esta calma atmosphera d'estudo», Dumas não contava senão admiradores e amigos. Assim, a inauguração da sua estatua é para a nossa Companhia alguma coisa mais do que uma festa official, como o dia 30 de novembro foi alguma coisa mais do que um luto d'apparato. Todos aquelles que conviveram intimamente com Dumas hão de comprehendel-o...

(Ha sobretudo uma velha condessa, espartilhada n'um vestido *princesse* côr de pombo, tasquinhando bombons com um sorriso de macaca extasiada, e cujo cocar de plumas se agita a cada movimento admirativo da cabeça maquilhada, que está positivamente apaixonada pelo romancista favorito das *Mensonges!* Deante d'elle, na primeira, Mr. Lepine, com um dedo huguesco na testa de féto, escuta-o compenetrado, como ao representante official das Boas Lettras. E nada mais definitivo do que essa homenagem da Ordem pelo defensor da tradição e do Nacionalismo!)

— Ha, meus senhores, (continua Bourget) uma phrase de poesia singular, d'aquella poesia que os antigos sabiam encontrar, simples e tão humana, penetrada de ingenua familiaridade e tão impregnada de profunda significação. Athenea, que acaba de absolver Orestes, accusado perante o seu tribunal pelas furias vingadoras do parricidio, justifica a sua indulgencia: «Eu amo os homens, diz ella, como o jardineiro ama as suas plantas.» Um sentimento muito analogo parecia despertar-se em Dumas quando descobria n'um recem-chegado uma promessa viva, a germinação sagrada do talento e das obras futuras. Aos seus antecessores não pudera offerecer senão a sua admi-

ração, aos seus emulos senão a sua estima: aos seus cadetes tinha o direito de dar alguma coisa mais: um soccorro, um apoio, uma direcção, e com que delicia elle desempenhava este privilegio de illustre antecessor. Submet-

ALEXANDRE DUMAS (PAE)
Lithographia de 1860

tia-lhe algum debutante uma peça nova? Fazia mais do que lel-a, mais do que conversar acerca d'ella com o seu auctor. Se lhe parecia que a obra valia a pena d'isso, corrigia-lhe o scenario, retocava-lhe o dialogo, redigia-lhe de novo paginas, scenas, actos...

(A velha reliquia dorme sempre, com a careca de mumia descaida sobre a gola verde da casaca. Na rua, os tramways continuam deslisando, cheios de gente alegre; os automoveis e as victorias batem já para o *Bois*. Que bella sombra deve fazer á fresca, sob as folhagens da Avenida das Acacias e á volta do Lago!)

Mas Bourget prosegue, de monoculo:

— A assembléa que hoje se congrega em torno d'este monumento attesta a communidade de todos quantos se assignalam em França em prestar a sua homenagem a este honesto grande homem de lettras tanto pelo seu caracter como pelo seu genio. N'esta hora d'apotheose, e no momento em que acaba de desvelar-se esta imagem de pedra devida ao cinzel d'um artista illustre, queriamos poder tambem desvelar nós todos, os seus amigos, para a contemplar e para a mostrar, a imagem moral que de Dumas trazemos no santuario da nossa memoria. E sobre o pedestal gravariamos estas simples palavras, nas quaes estão resumidas as virtudes que fizeram d'elle um confrade excellente e um mestre incomparavel e, como direi? se synthetisa o sentido secreto da sua obra inteira: «Ajudou-nos a todos a valer mais.»

Oh! a salva de palmas das *preciosas!* A velha de côr de pombo deixa cahir o sacco dos bombons para o applaudir, de pé, delirante, devorada de paixão, com as plumas d'arara a tremer-lhe sobre o edificio dos cabellos tingidos. E magestoso como a encarnação do Estado, Sua Excellencia aperta-lhe as mãos, n'uma venia de homenagem official.

Bem engravatado, bem brunido, com a sua physionomia gelada e correcta de antigo diplomata, sem um cabello desalinhado na obra prima do penteado de dandy, queixo duro de prognatha irreprehensivelmente escanhoado,

ALEXANDRE DUMAS (FILHO)
Lithographia de 1860

Paul Hervieu é mais uma vez colhido nas chapas dos photographos de cartões postaes. Em nome da Sociedade dos Auctores Dramaticos, n'uma eloquencia reflectida e nitida, com a ironia grave do seu talento de psycho-

logo, um pouco superficial mas brilhante, o auctor das *Tenailles* faz a analyse rapida do theatro de Dumas, a cuja memoria agradece «por ter mantido e fortalecido a altiva tradição, segundo a qual os espectaculos da arte dramatica podem reivindicar, sempre que se queira, o serem alguma coisa mais que um passa-tempo amavel ou uma simples distracção para os ociosos.»

Referindo-se á ultima peça que Dumas, no seu testamento, prohibiu publicassem, tem estas phrases d'effeito:

— Chegado ao cume da experiencia e da fama, emprehendeu, emfim, mais uma obra ainda, cuja publicação d'anno para anno foi retardando. Porque já então começasse a desinteressal-o dos resultados d'este mundo um legitimo orgulho? Ou devemos nós suppor que no coroamento da sua vida radia a mais imponente timidez? O facto é que emquanto ia proseguindo na sua «Route de Thèbes» Alexandre Dumas foi detido pela esphinge da morte.

Logo a seguir, sem intervallos (cinco horas e meia da tarde, *sapristi!*) Paul Marguerite, o presidente da Sociedade dos homens de lettras, forte, corado, louro, o sorriso intelligente e vivo, orgulhoso da sua força mascula e do seu talento, vaidoso talvez de ser ainda o *beau-mâle* que as mulheres amam de certo ainda pelo que é e não pelo que foi, como a esses velhos antepassados da Academia, declama de papo, sobre a influencia social e moral do auctor do *Ami des femmes*:

—Elle mesmo pôde constatar, não sem justo orgulho, nas notas da *Princesse de Bagdad:* «O que ninguem pode negar-me é o direito que tenho de dizer a mim mesmo, em face de certos progressos realisados, o que dizem os operarios ao passar ao domingo nos bairros novos: *J'ai tout de même travaillé à ces maisons-là!*»

Em nome da Associação da Critica, o senhor Camillo Léque, um cavalheiro baixinho, com um ar de mocho triste, a luneta na ponta do bico, meia duzia de cabellos lambidos sobre um craneo lizo de cachorrinho recem-nascido, debita n'uma voz choramingas e fanhosa, de quem péde para a cêra do Santissimo, uma bem elaborada lenga lenga, que ninguem escuta.

Jules Claretie, representando a Comédie Française (o que elle deve soffrer realmente do figado, com aquella côr de desenterrado, por um calor d'estes!), géme mais do que pronuncia um pequeno discurso em que se revela o seu talento anecdotico e impressionista de *chroniqueur*, e céde emfim, depois das palmas do estylo, o logar ao «*ultimo*».

Esse benemerito, que em nome do governo fecha finalmente essa orgia declamatoria, deante de cujo desaforo até o grande morto no seu pedestal, parece enjoado, é o sub-secretario Dujardin-Beaumetz, que trombeteia, pathetico e convicto, com os olhos globulosos de peixe fora das orbitas, as veias do cachaço entumescidas e o ventre resfolegando como um folle de forja, n'um tom de desafio e de ameaça, como se repellisse algum ultrage pessoal, estas coisas afinal inoffensivas:

— Dumas tinha uma concepção muito nobre da vida e da justiça social. A sua rectidão, por vezes inflexivel, correspondia a um sentimento particularmente elevado da honra. N'elle, o caracter e o espirito egualavam a obra que nos legou.

E o fragôr das ultimas syllabas do seu discurso são tão tonitruantes, que o pobre antepassado, no seu fauteil, acorda de repente, espavorido.

Mas é o fim, o anciado epilogo d'este melodrama oratorio em nove actos. Oh! o allivio, o consolado suspiro de desabafo de todos esses pobres martyres da pose official. Todos aquelles senhores do Instituto de França encaram-se com jactancia, consideram a sua tarefa emfim cumprida e decidem-se a recolher ao seu museu d'antiguidades. N'um cacarejar espevitado e estridulo d'araras, as preciosas, por tanto tempo condemnadas ao silencio, retomam os seus automoveis e as suas victorias, com a vaidade satisfeita pela pequenina comedia intellectual que representaram. Mademoiselle Barthet fez a sua saída tão theatral como a sua entrada.

E na pequena praça Malesherbes, d'ahi a pouco deserta, o ironista severo do *Demi-Monde* fica emfim solitario, no desdem olympico do seu isolamento, sobranceiro aos ridiculos e ás vaidades d'esta sociedade que elle escalpelizou com mão de mestre.

Justino de Montalvão.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XX

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro. Meyer insiste com Benita para se deixar hypnotisar, crendo que ella revelará o segredo do thesouro. Faz-se sem resultado a primeira experiencia, a qual se repete apezar da reluctancia de Benita e seu pae. Então o espirito da portugueza, morta ha seculos, fala pela bocca de Benita, contando a historia tragica dos seus companheiros e o seu proprio suicidio.

CAPITULO XIX

O despertar

Jacob Mayer ainda hesitava. Ficara por saber-se o grande segredo, e, caso se não aproveitasse o ensejo, posivel era que nunca viesse a revelar-se. Clifford é que não hesitou comtudo. O conhecimento de que sua filha corria perigo, a convicção de que a vida d'ella se ia mysteriosamente escoando sob a pressão do magico quebranto que a transportava, excitavam-no até á loucura. Voltou-lhe a força e a virilidade. Saltou n'um impeto ás guelas de Meyer, apertando-as n'uma das mãos e com a outra sacando da cinta a sua faca de matto.

— Demonio! — arquejou elle — Desperta-a, aliás morres com ella!

E brandiu a faca.

Jacob cedeu então. Desembaraçando-se do assaltante, encaminhou-se para Benita, e, emquanto o pae, por detraz d'elle, erguia ameaçador a faca, começou a fazer uns passes extranhos sobre ella, murmurando palavras de intimativa. Longo tempo passou sem que ellas tivessem effeito; ambos os homens chegaram quasi a persuadir-se de que ella expirara. O desespero apoderara-se do pobre pae, e Meyer tão violentamente se extenuava na pratica da sua negra arte que o suor lhe rebentava da testa e em pingos enormes escorria no chão.

Ah! até que emfim, até que emfim ella se agitou! A cabeça ergueu-se-lhe ao de leve, o seio ondulou.

— Graças a Deus que a salvei! — resmungou Jacob em allemão, continuando nos passes.

Abriram-se os olhos de Benita; suspirou e ergueu-se. Mas nada disse; com modos de somnambula, dirigiu-se para a entrada da caverna, precedida por seu pae que levava a candeia. Sahiu em direitura da sua barraca, onde se atirou immediatamente para cima da cama e cahiu logo n'um somno pesado; como se se houvesse restabelecido o poder da droga soporifera, por uns momentos sobrelevado por esse outro poder mysterioso, invocado por Jacob.

Meyer esteve algum tempo a vigial-a, depois disse a Clifford:

— Não tenha receio e não tente perturbal-a. Ella despertará por si de manhã.

— Assim espero por amor de nós ambos — volveu Clifford, encarando-o com firmeza — Aliás, um de nós ambos, ou ambos nós cerraremos a vista para o outro.

Meyer não deu importancia a estas ameaças; tão extenuado parecia que a custo se sustinha de pé.

— Estou que não posso comigo — disse elle — Agora que ella está salva, bem me importa a mim o que me succederá. Preciso descançar.

E sahiu da tenda, a passos titubeantes, como um ebrio.

Fóra, no sitio onde costumavam tomar as refeições, sentiu-o Clifford engulir umas goladas de genebra. Depois nada mais ouviu.

Todo o resto da noite, e durante as primeiras horas da manhã, se manteve o pae de vela junto do leito de Benita, comquanto, vestido de leve como estava, o frio da madrugada o regelasse até aos ossos. Finalmente, já o sol ia alto, ella soergueu-se no leito e descerrou os olhos.

— Que está fazendo ahi, meu pae? — perguntou ella.

— Vim ver onde estavas, queridinha. A estas horas, costumas já andar lá por fora.

— Creio então que dormi demais — replicou ella com ar fatigado — Mas parece que o somno nem por isso me descançou muito. Doe-me a cabeça. Ah! agora me lembro! — accrescentou ella com um sobresalto — Que sonho horrivel que eu tive!

— Com que sonhaste? — perguntou elle com o modo mais indifferente que poude simular.

— Não me recordo bem, mas entrava n'elle Jacob Meyer — e teve um arripio — Afigurou-se-me que tinha cahido em poder d'elle, de corpo e alma, e que elle me obrigara a revelar todos os segredos.

— Que segredos, Benita?

Ella abanou a cabeça.

— Já não sei, mas nós andámos ambos por meio de gente morta, e foi ahi que eu lh'os disse. Ó meu pae, tenho medo d'aquelle homem, um medo terrivel! Proteja-me contra elle.

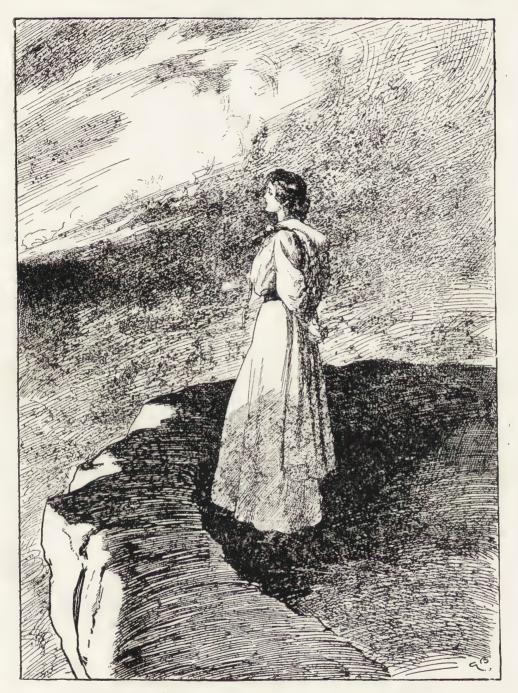
E começou a chorar levemente.

— É claro que hei de proteger-te, queridinha. Estás com os nervos excitados. Vamos, veste-te, e não tarda que te esqueças d'isso. Eu vou accender a fogueira.

D'ahi a um quarto de hora, Benita veiu ter com elle, com aspecto pallido e abatido, mas de resto conforme o costume. Tinha uma fome tremenda, e devorou com sofreguidão o biscoito e a carne seca.

— O café tem um sabor muito differente d'aquelle que eu tomei hontem á noite — disse ella — supponho que elle tinha o quer que fosse, que me produziu estes sonhos maus. Onde está Meyer? Ah! já sei! — e tornou a levar a mão á cabeça — Está ainda a dormir junto da muralha.

— Quem t'o disse?

— Não sei, mas é certo. Não apparece aqui antes da uma hora da tarde. Graças! sinto-me agora muito melhor. Que havemos nós de fazer, meu pae?

FICOU IMMOVEL, Á ESPERA DE QUE OS RAIOS DO ASTRO PASSASSEM POR SOBRE ELLA

—Sentarmo-nos ao sol e descançarmos, creio eu, meu amor.

—Pois sim! Vamos para o cimo da muralha. D'ahi poderemos ver os makalangas, e sempre é uma consolação termos a certeza de que ha outros entes humanos alem de nós e de Jacob Meyer.

Assim fizeram. Do sitio d'onde Meyer

costumava alvejar o acampamento matabele, avistavam os makalangas em movimento, lá em baixo, dentro da primeira cerca. Com o auxilio do binoculo, Benita até julgou reconhecer Tamas, embora não fosse muito facil distinguil-o entre individuos muito parecidos de aspecto. Em todo o caso, esta descoberta alvoroçou-a muito.

— Tenho a certeza que é Tamas — disse ella — Ah! quem me dera que nós estivessemos lá em baixo ao pé d'elle, apezar de estarmos mais proximo dos matabeles! Antes elles, mesmo assim, que Jacob Meyer!

Ficaram um instante silenciosos, até que ella disse abruptamente:

— Meu pae está-me guardando segredo de qualquer cousa. Começa agora a aclarar-se-me a memoria. Diga-me: eu esta noite fui a algum sitio em companhia de Meyer, e tambem com meu pae?

Elle hesitou, com ar penitente; faltavam-lhe qualidades de actor.

— Bem vejo que é certo, bem vejo. Diga-me lá. É preciso, é indispensavel que eu saiba.

Então elle cedeu.

— Eu não queria dizer nada, queridinha, mas afinal talvez seja melhor contar-te. É uma historia muito extraordinaria. Promettes não te excitares?

— Prometto não me excitar mais do que estou agora — redarguiu ella com um risinho triste — Conte lá.

— Lembras-te de Jacob Meyer querer hypnotisar-te?

— Podia lá esquecer-me!

— Pois a noite passada hypnotisou-te.

— Como assim? Pois elle?... Que horror! Agora percebo tudo! Mas quando foi isso?

— Quando estavas pegada no somno, creio eu. Pelo menos, a primeira cousa que eu percebi foi um ruido que me acordou. Sahi da cubata, e vi-te a seguil-o como uma morta, com uma candeia na mão.

Em seguida contou-lhe todo o episodio, que ella escutou aterrada.

— Que audacia a d'esse homem! — arquejou ella quando seu pae terminou — Que odio que eu lhe tenho! Chego quasi a ter pena de que meu pae não o tivesse matado!

Enclavinhou as mãos franzinas, e agitou-as no ar.

— Isso não é muito christão da sua parte, Miss Clifford! — disse uma voz por detraz d'ella — Mas já passa da uma hora, e visto que ainda estou com vida, venho preveni-los que são horas do *lunch.*

Benita deu uma viravolta sobre a pedra que lhe servia de assento. De pé no meio das moutas, a pouca distancia do sopé da muralha, estava Jacob Meyer. Encontraram-se os olhares dos dois: o d'ella lampejante de desafio, o d'elle repleto de um poder consciente.

— Não quero lunchar, sr. Meyer — disse ella.

— Mas ha de lunchar, com certeza. Tenha a bondade de descer, para o *lunch.* Tenha a bondade de descer.

Humilde, quasi supplicante, era o tom das palavras, mas para Benita pareceram uma ordem. Lentamente, com reluctancia, desceu da desmoronada muralha, seguida por seu pae, e todos tres, com Jacob á frente, se encaminharam calados para o seu acampamento.

Depois de comerem, ou de fingir que comiam, Jacob tomou a palavra.

— Vejo que seu pae tudo lhe contou, Miss Clifford. Ainda bem! A mim custava-me muito dizer-lh'o, pois que tenho grandes perdões a pedir-lhe. Mas que havia eu de fazer? Já sabia, desde o principio que sei, que não era possivel encontrar o thesouro senão com o seu auxilio. Foi por isso que lhe ministrei uma droga que a adormecesse, e hypnotisei-a, aproveitando-me d'esse somno, e depois... já sabe o resto. Tenho grande experiencia d'essa arte, mas nunca vi nem me consta caso identico ao que se deu, e espero nunca mais ver similhante cousa.

Tinha-o Benita escutado em silencio, mas n'este ponto a vehemente indignação e a curiosidade levaram de vencida a vergonha e o odio.

— Sr. Meyer — exclamou ella — commetteu uma acção indigna e criminosa, e desde já lhe affirmo que nunca lhe perdoarei.

— Não diga isso, supplico-lhe que não diga isso — interrompeu elle com expressão de sincera angustia — Attenda ás circumstancias em meu favor. Precisava saber, e não havia outro recurso. Miss Clifford é vidente de sua natureza, um exemplar que

surge entre dez mil; foi a minha arte que m'o deu a entender, e bem sabe os importantes interesses que estavam em jogo.

— Refere-se o sr. Meyer a uma porção de onças de ouro.

— Refiro-me á grandeza que o ouro pode dar-nos, Miss Clifford.

— Grandeza que lhe pode arrancar uma semana de febre, ou a azagaia de um matabele, ou a vontade de Deus. Mas o passado é passado, e cedo ou tarde o peccado terá castigo. O que eu desejo agora é fazer-lhe uma pergunta. O sr. Meyer não crê em cousa alguma; assim m'o tem affirmado repetidas vezes. Diz o senhor que isto de espiritos é uma historia, que, quando nós morremos, morremos de vez, e acabou-se. Não é isso?

— Exacto, assim creio.

— Então diga-me lá: qual foi a voz que a noite passada me sahiu da bocca, e como se explica que eu, sem saber portuguez, lhe falasse n'essa lingua?

Elle encolheu os hombros.

— A pergunta é intrincada, é certo, mas creio que tem resposta satisfactoria. Não existe essa cousa a que chamam espirito, uma entidade que sobrevive á morte. O que existe realmente é o eu sub-consciente, que faz parte do principio animico do universo, e, caso se lhe desvendem as fontes do conhecimento, sabe tudo que se tem passado e tudo que se passa no universo. Se Miss Clifford algum dia ler as obras do meu compatriota Hagel, n'ellas achará tratado este assumpto.

— Isso nada explica.

— Já vou explicar, Miss Clifford. A noite passada dei a força da liberdade ao seu eu sub-consciente, esse que tudo sabe, e por isso elle viu o passado tal como decorreu n'este sitio. Miss Clifford já conhecia a historia d'essa tal rapariga Benita Ferreira, e foi essa historia que reconstituiu, falando a lingua de que ella se servia, como teria falado grego ou qualquer outro idioma que fosse o d'ella. Não foi o espirito d'essa creatura qua a animou, mas a sua propria sciencia subjacente, que a sua imaginação humana poz a descoberto e revelou. Sem duvida que é uma coincidencia extraordinaria pertencer ás duas o mesmo nome, Benita, mas de mera coincidencia não passa. Tambem não ha prova alguma de que assim fosse, a não ser o que disse no estado de transe.

Benita, pouco disposta a uma argumentação philosophica, redarguiu apenas:

— Talvez que algum dia tambem o sr. Meyer veja um espirito, e pense então de outro modo.

— Se algum dia vir um espirito e tiver a certeza de que é um espirito, então decerto que acreditarei em espiritos. Mas de que serve falar n'essas cousas? Não é de espiritos que eu ando á procura; o que eu procuro é o ouro dos portuguezes. Ora eu affirmo-lhe que Miss Clifford nos pode dizer onde pára esse ouro. Tel-o-hia dito a noite passada, se não lhe fallecesse a força nervosa, por não estar habituada ao estado de transe. Assumindo a individualidade de Benita Ferreira, declarou-nos que via o thesouro e descreveu-nos a condição d'elle. Foi então que não poude, ou não quiz, accrescentar mais nada, e tornou-se necessario que a acordasse. Miss Clifford, é preciso consentir que eu a hypnotise outra vez, por uns minutos apenas, porque então não desperdiçaremos tempo em historias do passado, e encontraremos o ouro. A não ser — accrescentou elle reflectindo e encarando-a com fixidez — a não ser que já saiba onde elle está, e n'esse caso não preciso incommodal-a.

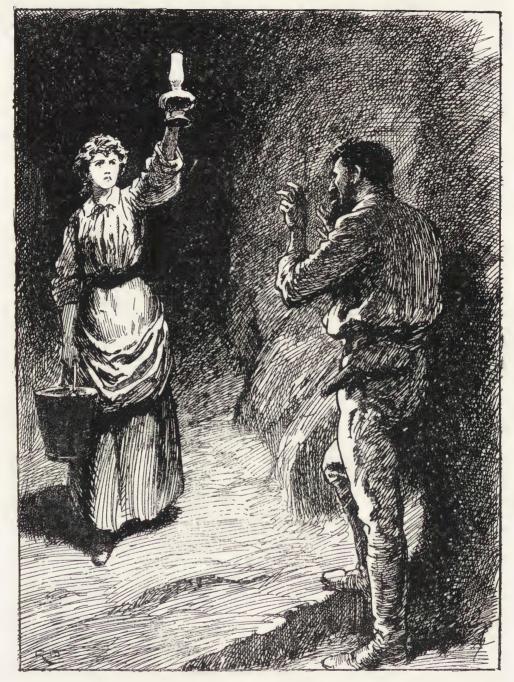
— Não sei, sr. Meyer. De cousa alguma me recordo com respeito ao ouro.

— O que prova a minha theoria. Aquillo que pretendia ser o espirito de Benita Ferreira affirmou ter passado o segredo para o seu cerebro, mas agora Miss Clifford, no estado de vigilia, não conhece esse segredo. O que é facto é que ella não lh'o revelou tal, por isso que realmente elle não existia. Mas no estado sub-consciente, Miss Clifford ha de sabel-o. Por isso é que é indispensavel que eu torne a hypnotisal-a. Não digo já já, mas d'aqui a uns dias, quando se sentir restabelecida de todo. Na quarta-feira, por exemplo, d'aqui a tres dias.

— Não torna a hypnotisar-me, sr. Meyer.

— Decerto que não, emquanto eu tiver vida — atalhou Clifford. — que tinha escutado em silencio toda esta discussão.

Jacob curvou a cabeça com mansidão.

— Julgam isso agora, mas eu sou d'outro parecer. O que eu fiz a noite passada foi

ERGUEU A LUZ ACIMA DA CABEÇA, E Á SUA CLARIDADE DISTINGUIU UM VULTO DE PÉ ENTRE ELLA E A ENTRADA DA CAVERNA

contra a sua vontade, e isso posso eu tornar a fazer, até com muito mais facilidade. Mas preferia que de boa mente accedesse, visto que não é só por meu interesse que trabalho, mas por interesse de nós todos. E agora o melhor é não falar mais em tal, para não nos zangarmos.

N'isto ergueu-se e afastou-se.

Passou Benita os tres dias seguintes em sustos continuos. Em si propria conhecia o dominio que sobre ella adquirira Jacob Meyer, a horrenda intimidade que entre os dois se travara. Tinha rebate dos pensamentos d'elle; assim, antes que elle o pedisse, achava-se ella á meza ou n'outro qualquer sitio, a passar-lhe um objecto que elle desejava, ou respondendo a uma pergunta que ainda não lhe acudira aos labios. Alem d'isso, tinha elle o poder de a attrahir de pequena distancia. Duas ou tres vezes aconteceu, andando ella a passeiar á roda do recinto que lhe servia de prisão, como era costume seu para fazer exercicio, perceber que os pés a arrastavam para um ou outro ponto, onde era certo encontrar Jacob **Meyer.**

— Perdoe-me tel-a aqui trazido — dizia elle com o sorriso perverso que lhe era habitual, erguendo cortezmente o chapeu — mas desejava perguntar-lhe se não mudou de tenção a respeito de ser hypnotisada.

Algum tempo a prendia então com o olhar, por forma que os pés d'ella pareciam enraizar-se no chão, até que afinal como que cortava a trela que a sustinha, e por acto de sua vontade a libertava. Então Benita, suffocada de rancor e cega de lagrimas, fugia d'elle como de uma fera.

Mas se para ella eram maus os dias, que fariam as noites? Vivia n'um terror constante de que elle tornasse a ministrar-lhe alguma droga na comida ou na bebida, e lhe aproveitasse o somno para sobre ella lançar novo quebranto. Para se defender do primeiro perigo, não engulia cousa alguma que perto d'elle houvesse estado. Pernoitava agora na cubata de seu pae, ficando este á porta, de carabina carregada ao lado. Clifford protestara com effeito sem rebuço a Jacob que, se o apanhasse nas suas praticas mysteriosas, lhe daria um tiro. O judeu ria-se porem d'essa ameaça, pois que não tinha medo do velho.

Velavam os dois alternadamente, durante as longas horas de treva, descançando um d'elles emquanto o outro espreitava e tinha o ouvido á escuta. Nem sempre era baldada esta vigia; por duas vezes, pelo menos, ouviu Benita uns passos furtivos em derredor da cubata e sentiu jorrar sobre ella esse brando e medonho influxo. Despertava então seu pae, murmurando:

— Elle está alem, bem o sinto.

Mas emquanto o velho se erguia penosamente, abatido como estava e atacado pelo rheumatismo ou molestia identica, emquanto se arrastava para fora da cubata, tudo se sumia. Apenas na escuridão se sentia o rumor de passos que se afastavam e o som de uma risada surda e zombeteira.

Assim decorreram esses afflictivos dias, até chegar a manhã temida, a de quarta-feira. Antes de romper o dia, Benita e seu pae, nenhum dos quaes pregara olho n'essa noite, tiveram um estirado e serio colloquio sobre o apuro em que se achavam, pois bem sabiam que se approximava a crise.

— Parece-me que o melhor é tratar de o matar, Benita — disse o velho — A minha fraqueza augmenta terrivelmente de dia para dia, e se eu deixar passar o tempo, arrisco-me a perder de todo as forças, e tu ficas á mercê d'elle. Não é difficil dar-lhe um tiro quando elle esteja de costas voltadas, e comquanto eu abomine uma cobardia d'estas, creio bem que mereço perdão. Se não mereço, deixal-o. No que eu devo pensar é nos meus deveres para comtigo, e não em mim proprio.

— Não, não! — respondeu ella — Consinto lá em similhante cousa! Embora elle o tivesse ameaçado, isso era um assassinio. Afinal de contas, meu pae, eu supponho que o homem está meio doido, e portanto irresponsavel. Entreguemo-nos ao destino e confiemos em Deus. Se Elle não nos salvar — accrescentou ella — eu sei em ultimo caso onde encontrar a salvação.

E levou a mão ao revolver que noite e dia trazia comsigo.

— Seja assim! — disse Clifford, suspirando — Oremos para que Deus nos livre d'este inferno e nos conserve as mãos limpas de sangue.

CAPITULO XX

Jacob Meyer vê um espirito

Calaram-se uns momentos, depois Benita exclamou.

— Meu pae, não será possivel afinal que tenhamos meio de nos evadir? Talvez que esses degraus da plataforma não estejam

tão entulhados que nós não possamos passar por elles.

Clifford acudindo-lhe á mente a pouca flexibilidade das suas articulações e as dôres que sentia nas costas, abanou a cabeça e redarguiu:

— Não sei; Meyer nunca me deixou ver isso de perto.

— Então porque não vae observar? Bem sabe que elle agora não madruga, porque anda tresnoitado. Leve o binoculo e examine o topo da muralha de dentro d'esse casebre que fica ao pé. Elle não o verá nem ouvirá, mas se eu me approximar, presente-me logo e acorda com certeza.

— Pois se queres, meu amor, eu experimento. Mas tu, que vaes fazer emquanto eu me afastar?

— Trepo ao pilar de granito.

— Dar-se-ha caso que tu?...

E Clifford deteve-se.

— Descance, não é nada d'isso. Não tenciono seguir o exemplo de Benita Ferreira, a não ser que não haja outro recurso. O que eu quero é observar, ora ahi está. D'alli avista-se até grande distancia, e eu preciso ver se ha novidade. Talvez que os matabeles se tenham ido embora, ha bastante tempo que nada sabemos d'elles.

Vestiram-se pois, e apenas houve claridade bastante, sahiram da choupana e separaram-se. Clifford, de carabina em punho, foi coxeando para os lados da muralha, e Benita dirigiu-se para o grande obelisco. Por elle trepou com facilidade, e poz-se em pé na pequena depressão, em forma de taça, que se cavava no altissimo pinaculo, á espera de que o sol, erguendo-se, dispersasse as nevoas que pairavam sobre o rio e as margens.

Ora, qualquer que fosse exactamente a serventia ritual que a este pinaculo davam os antigos, não havia duvida que de alguma forma se prendia com o culto do sol. A prova era que, pelo menos n'aquella estação do anno, os primeiros raios do sol nascente batiam em cheio sobre essa ponta. Succedeu pois que Benita se achou de repente banhada n'uma luz tão viva e intensa que o seu vestido branco, embora desbotado, lhe dava a apparencia e o brilho de uma imagem de prata. Durante uns minutos, esses dardos de fogo aureo a encandeiaram a ponto de não a deixar ver cousa alguma. Ficou immovel, á espera de que os raios do astro, já mais alto, passassem por sobre ella. Com effeito, assim aconteceu; e á medida que a luz inundava o valle, começou a dissipar-se o nevoeiro. Então ella olhou para baixo, ao longo da linha do rio.

Não se via o acampamento dos matabeles, situado n'uma cova quasi aos pés da fortaleza. Para alem erguia-se comtudo uma ondulação de terreno, a cousa de uma milha do ponto em que ella estava. Sobre a crista percebeu Benita o que quer que fosse parecido com um carro toldado, em redor do qual se moviam uns vultos. D'ahi vinha tambem um alarido, que lhe chegava no meio do silencio de uma manhã africana.

A' medida que a neblina foi aclarando, Benita reconheceu sem sombra de duvida que era um carro, porque viu a longa enfiada de bois, e que tinha sido capturado pelos matabeles, os quaes se agglomeravam em volta d'elle. N'esse momento, comtudo, pareciam estar distrahidos com outro assumpto, porque apontavam com as azagaias para o obelisco de Bambatse.

Occorreu então a Benita que, exposta como estava á luz violenta, tendo apenas por fundo o firmamento, devia ser perfeitamente visivel da planicie inferior, e que poderia bem ser a figura d'ella, pousada como uma aguia entre a terra e o ceu, que excitasse o interesse dos selvagens. Era assim com certeza; porque, alem d'elles, surdia agora um branco, que para ella assestava um objecto que tanto poderia ser uma espingarda como um oculo. Que era um branco, percebia ella pela camisola de flanella vermelha e pelo chapeu desabado; e para elle, quem quer que fosse, ia toda a sua alma. No seu desamparo, mais aprazivel não lhe fora quasi a visão de um anjo do ceu.

Mas decerto que estava sonhando. Como teriam ido parar áquelle sitio um homem branco e um carro boer? E porque não teriam desde logo os matabeles dado cabo d'elle? Eis o que ella não podia explicar, mas o caso é que elles não pareciam ter intenções sanguinarias, visto que continuavam a gesticular e a conversar entre si, emquanto elle assestava para cima o oculo, se é que era um oculo. Essa situação man-

teve-se largo tempo, desatrelando-se entrementes os bois, até que chegaram mais matabeles, os quaes conduziram o branco, apparentemente a seu pezar, para o acampamento onde desappareceu. Então, não havendo mais que ver, Benita desceu da columna.

Junto da base encontrou logo seu pae, que tinha vindo buscal-a.

— Que ha de novo? — exclamou elle, percebendo-lhe a excitação no aspecto.

— Oh! — disse, ou antes soluçou ella — Está lá em baixo um carro com um homem branco. Vi os matabeles captural-o.

— Nesse caso, pobre d'elle, que deve estar morto a estas horas! — respondeu Clifford — Mas que tinha alli que fazer esse branco? Só se é algum caçador, que foi cahir n'uma ratoeira.

O rosto de Benita teve uma expressão de desanimo.

— E eu que esperava que elle pudesse soccorrer-nos! — disse ella.

— Tambem elle deveria esperar que nós o soccorressemos a elle. Agora, acabou-se. Deus lhe fale n'alma, que nós temos as nossas penas em que pensar. Lá fui observar a muralha; é tolice tentar sequer passar para o lado de lá. Nem que fosse pedreiro de officio, Meyer teria entaipado melhor a sahida. Não me espanta que nunca mais puzessemos a vista em cima do molemo; para chegar cá, só se fosse passaro.

— Que é feito de Meyer?

— Está a dormir embrulhado n'uma manta, debaixo de um abrigo de ramada, ao pé dos degraus. Pelo menos assim se me afigurou, embora não seja nada facil distinguil-o no meio da sombra. O que eu vi distinctamente foi a carabina d'elle encostada a uma arvore. Vamos lá almoçar. Não tarda que elle appareça por ahi.

Pela primeira vez depois de domingo, Benita comeu com appetite o seu repasto de bolacha ensopada em café. Apezar da segurança com que seu pae affirmava que elle devia ter perecido sob as azagaias matabeles, a vista do branco e do carro infundia vida nova em Benita, pondo-a de novo em contacto com o mundo. Afinal, não podia sem que elle houvesse escapado?

Durante todo este tempo, não houve signal de Jacob Meyer. Isto aliás não os surprehendeu, porque elle agora comia sósinho, tirando os mantimentos do pequeno armazem, e cozinhando-os n'uma fogueira que elle proprio accendia. Terminado o almoço, notou Clifford que elles já não tinham agua potavel, e Benita dispoz-se a ir encher um balde ao poço da caverna. Offereceu-se seu pae para acompanhal-a; ella porem respondeu que era inutil, pois que tniha força bastante para o içar sósinha. Lá foi, portanto, levando o balde n'uma das mãos e um candieiro acceso na outra.

Ao descer pelo ultimo dos zig-zags que conduziam á caverna, parou um instante por lhe parecer que vira uma luz, e depois seguiu, visto que, ao dobrar o cotovello, só trevas se lhe depararam na frente. Evidentemente enganara-se. Chegou ao poço e pendurou o balde na ganchorra de cobre, pensando no sem numero de pessoas que o mesmo tinham feito desde remotissimo preterito, como accusava o desgastado e adelgaçado do metal massiço da ganchorra. Deixou correr a roldana, e o retinir da corrente echoou lugubremente sob aquellas abobodas vasias. Por fim o balde bateu na agua, e ella começou a içal-o lentamente, parando de quando em quando, porque a altura era grande e a corrente pesada. O balde surdiu. Benita puxou-o para a borda do pôço, e desprendeu-o do gancho; em seguida agarrou no candieiro para se ir embora.

Como sentisse ou visse alguma cousa, sem perceber bem o quê, ergueu a luz acima da cabeça, e á sua claridade distinguiu um vulto de pé, entre ella e a entrada da caverna.

— Quem está ahi? — perguntou ella.

Do meio das trevas respondeu-lhe uma voz suave, a voz de Jacob Meyer.

— Causa-lhe incommodo demorar-se uns minutos, Miss Clifford? Tenho aqui papel, e desejava fazer um esquisso. Não imagina que linda que está, com essa luz acima da cabeça, illuminando os recessos da caverna e o rosto do crucifixo, coroado de espinhos. Bem sabe que, quaesquer que tenham sido os baldões da minha fortuna, eu sou artista de nascença, e nunca em minha vida vi quadro como este. Dia chegará em que este quadro me dê fama.

«Bella estatua teu vulto se afigura,
«A lampada sustendo na mão pura.»

Eis o que eu escreveria debaixo do painel; conhece estes versos, não é assim?

— Conheço; mas o que eu receio é que o sr. Meyer tenha de pintar o quadro dispensando o modelo, porque eu não posso mais aguentar o candieiro. Já me doe o braço. Não sei como veiu aqui ter, mas, como me seguiu, supponho que me fará o favor de levar este balde.

— Eu não a segui, Miss Clifford. Comquanto não me visse, eu tinha entrado na caverna antes, para tirar umas medidas.

— Como é que tira medidas ás escuras?

— Não estava tal ás escuras. Apaguei a luz apenas a avistei, aliás era certo que fugiria, e a sorte favoreceu-me. Miss Clifford veiu até aqui, como era meu desejo. E agora conversemos. Já mudou de parecer? Bem sabe que o prazo acabou.

— Nunca mudarei de parecer. Deixe-me passar, sr. Meyer

— Não deixo, emquanto não me attender. Miss Clifford é deveras cruel para mim, muito cruel. Não comprehende que eu preferia morrer mil vezes a causar-lhe o minimo damno.

— Eu não lhe peço que morra; o que lhe peço é que me deixe em paz, o que é muito mais simples.

— Mas como a posso eu deixar, se é uma parte do meu ser, se... se a amo! Aqui tem, a verdade é esta, e agora diga o que quizer.

Benita levantou o balde de agua; o peso parecia dar-lhe firmeza. Mas em seguida pousou-o de novo, visto que era impossivel escapar-se. Via-se forçada a encarar resolutamente a situação.

— Nada tenho a dizer, sr. Meyer, a não ser que não o amo, nem a homem vivo tenho amor, e nunca terei. Agradeço-lhe a distincção, e acabou-se.

— Nenhum homem vivo! — repetiu elle — Quer dizer que ama um morto, esse Seymour que se afogou. Não admira que eu lhe tivesse odio desde a primeira vez que meus olhos o viram, ha annos, muito antes de Miss Clifford intervir em nossas existencias. Ahi tem outro exemplo de presciencia, do eu sub-consciente. Digame: de que serve ter amor aos mortos, áquelles que para sempre deixaram de existir, aos que voltaram ao barro de que foram formados e que nunca mais terão ser? Tem uma vida apenas, Miss Clifford; volte-se para os vivos e enchel-a-ha de venturas.

— Não concordo com o sr. Meyer. Para mim os mortos vivem ainda; um dia chegará em que os encontre de novo. Agora deixe-me sahir.

— Não deixo. Pleitearei e luctarei comsigo, como na velha fabula esse meu homonymo da minha raça luctou com o anjo, até que me dê a felicidade. Despreza-me por eu ser judeu, porque tenho tido aventuras sem conto e não tenho sido mimoso da sorte; porque me julga doido. Pois eu affirmo-lhe que ha dentro de mim o germen da grandeza. Pertença-me, e tornal-a-hei grande, porque conheço agora que a sua posse era o que eu necessitava para supprir as lacunas da minha personalidade. Alcançaremos a opulencia, e juntos dominaremos...

— Até morrermos de fome um dia d'estes ou até que os matabeles dêem cabo de nós. Deixe-se d'isso, sr. Meyer.

E tentou abrir caminho, desviando-o. Elle porem extendeu os braços e deteve-a.

— Escute! — disse elle — Tenho estado a discutir com cortezia, como cumpre a um homem para com uma mulher. Agora, visto que me desdenha e se levanta entre mim e a loucura, o caminho é outro. Domino-a, a sua vontade é serva da minha; ordeno que me obedeça.

Fitou os olhos nos d'ella, e Benita sentiu que começavam a esmorecer-lhe as forças.

— Ah! disse elle — Agora é minha escrava, e para o provar vou dar-lhe um beijo nos labios; em seguida hei de adormecel-a, e ha de dizer-me o que eu preciso saber. Mais tarde nos desposaremos, quando me aprouver. Escusa de pensar que seu pae a defenderá. Se elle se atrever a intervir, mato esse velho imbecil, que até hoje só por amor de si tenho poupado. Lembre-se que se me irritar, com certeza o mato, e o sangue de seu pae recahirá na sua cabeça. Agora vou beijal-a.

Benita levantou a mão para procurar o revolver que tinha á cinta. Mas a mão descahiu sem força. Sentia-se paralysada como um passarinho fascinado por uma serpente, que não pode abrir as azas e voar, e alli fica á espera da morte. Estava nas

mãos d'esse homem a quem odiava. Deus permittiria tal horror? E emquanto lhe passavam pela mente estes pensamentos tenebrosos, os labios d'elle iam-se acercando do seu rosto.

Mal tocaram nos d'ella, sem que Benita jamais entendesse o porquê nem o como, o encanto quebrou-se. Foi-se todo o poder do judeu, ella voltou ao que era d'antes, mulher livre, senhora de si propria. Desdenhosamente o empurrou para um lado, e, sem sequer se dar ao trabalho de correr, ergueu o balde de agua e encaminhou-se para a sahida.

Não tardou que tornasse a ver a luz do dia, e foi com jubilo que apagou o candieiro. A extranha realidade é que a alma de Benita, que tão perturbada deveria ter ficado em seguida á scena em que tomara parte, estava pelo contrario repleta de felicidade e de paz. Assim como esse esplendido sol irrompera aos seus olhos, assim se lhe erguera no intimo outro clarão de liberdade. Já não tinha medo de Jacob Meyer; esse osculo cobarde despedaçara os grilhões que a elle a tinham prendido. O seu espirito avassallara-se ao d'elle; agora porem que entrara em jogo a individualidade physica do judeu, a sua parte mental perdera sobre ella todo o influxo.

Ao acercar-se da choupana, viu seu pae á entrada, sentado n'uma pedra; tão fraco e enfermo estava o pobre velho que não podia suster-se muito tempo de pé. Ao vel-o, Benita recordou-se das ameaças de Meyer, e esvaiu-se-lhe toda a recuperada alegria.

Ella estava a salvo, d'isso tinha a certeza; mas seu pae? Se Meyer não conseguisse o que queria, é provavel que não faltasse á sua palavra e que o matasse. Teve um arripio, mas depois recobrou animo e adeantou-se com firmeza, levando o balde de agua.

— Tardaste tanto, minha querida! — disse Clifford.

— Foi Meyer que encontrei na caverna e me demorou.

— Como é que elle lá entrou, e que pretendia de ti?

— Como entrou, não sei eu; supponho que de gatas, sem nós darmos por isso. Mas quanto ao que elle pretendia, eu lhe conto, meu querido pae.

E contou-lhe passo a passo o que succedera. Ainda não chegara ao fim, já Clifford estava quasi suffocado de raiva.

— Asqueroso judeu! Canalha! — arquejou elle — Nunca me passou pela ideia que elle tentasse similhante ultraje. Deixa-o comigo! Graças a Deus, eu ainda posso pegar n'uma carabina. Em elle sahindo...

— Meu pae — atalhou ella com brandura — esse homem está doido. Não é responsavel pelas suas acções; e por isso, a não ser em defeza propria, não pense meu pae em tal cousa. Quanto ao que elle disse a seu respeito, são ameaças vãs. Por mim escusa de receiar cousa alguma; o seu poder sobre mim desvaneceu-se como um relampago, apenas me tocaram os seus labios — e esfregou a bocca como para apagar n'ella qualquer nodoa — De nada mais tenho medo. Acredito... sim! acredito que o velho molemo tinha razão, e que tudo acabará pelo melhor.

N'isto, Benita ouviu por detraz de si um rumor confuso, e voltou-se para ver d'onde provinha. Extranho espectaculo se lhe deparou. Aos tropeções, arrastando os pés pelas pedras e pela relva, adeantava-se para elles Jacob Meyer, com o rosto livido, a queixada pendente como a de um cadaver, os olhos arregalados e cheios de horror.

— Que lhe aconteceu, homem? — perguntou Clifford.

— Vi... vi... vi um espectro — balbucionou elle — dar-se-ha caso que tivesse voltado á caverna — accrescentou apontando para Benita, que fez um gesto negativo.

— Que espectro foi? — perguntou Clifford.

—Não sei. Apagou-se-me o candieiro, e começou logo uma luz a brilhar nas minhas costas. Voltei-me. Nos degraus do crucifixo, vi uma mulher ajoelhada. Com os braços se agarrava aos pés da imagem, e sobre estes pousava a testa. Tinha os cabellos negros cahidos sobre o vestido branco, e a luz provinha do seu corpo e da sua cabeça. Voltou-se lentamente e encarou-me... Ah! Deus do Ceu! que rosto aquelle! — e tapou os olhos com a mão, gemendo — Como era lindo! mas que medo fazia, tal qual o de um anjo vingador! Desatei a fugir, e a luz.. a luz só...veiu a acom-

panhar-me pela caverna adeante... ainda á entrada havia alguma. Vi um espirito, eu que não acreditava em espiritos, vi um espirito; e affianço-lhes que nem por todo o ouro do mundo tornarei a pôr os pés n'aquelle sitio.

Em seguida, sem lhes dar tempo a replicarem, como se o terror o houvesse empolgado de novo, Jacob deu um salto repentino e deitou a fugir, irrompendo atravez das moutas e saltando de rochedo em rochedo como um cabrito espantadiço.

(Continúa.)

SEIOS

Curvas divinas, curvas de alabastro,
Abobadas celestes invertidas
Onde fulgura em cada polo um astro!

Zimborios de reconditas ermidas,
Docéis de mysteriosa synagoga,
Aras divinas ante o amor erguidas!

Fontes da vida, onde se nutre e afoga
Seus primeiros vagidos, a criança;
Vagas sobre que a vida inteira voga!

Travesseiros do arminho onde descança
O terno amante a fronte fatigada
Na eterna lucta em que o labor o lança!

Cofres gentis de capa assetinada
Que encerram dentro em si a paz e a guerra
E onde tanto mysterio se arrecada!

Escrinios onde o odio e o amor se encerra,
Montes de neve com vulcões no fundo,
A cujas vibrações se abala a terra!

Deus, formando a mulher, mytho profundo
Que o homem decifrar procura em vão,
Poz-lhe o symbolo de arbitra do mundo:

Dois hemispherios sobre o coração!

Accacio Antunes.

Graphologia

Estudo do caracter pela escripta

É a GRAPHOLOGIA uma sciencia relativamente nova, mas que já conta, entre os seus mais devotados cultores, individualidades como Lombroso, Héricourt, Crepieux Jamin, Eugen Kirchner e outras, cujos nomes bastam a acredital-a. Os «SERÕES» dão hoje, devido á penna do nosso collaborador Sr. Cruz Andrade, um desenvolvido artigo sobre esta sciencia, que no estrangeiro tem conseguido apaixonar um grande numero de estudiosos e que, por certo, despertará entre os nossos estimaveis leitores o mesmo interesse.

Em Portugal ainda hoje ha muito quem sorria, apiedado, do que em sua presença affirme que pela escripta se pode avaliar das qualidades, defeitos e tendencias, educação ou estado physico da pessoa que escreve. Todavia, quem assim procede demonstra sómente um espirito illogico ou superficial, porque todos nós constatamos ou podemos constatar que, em determinadas circumstancias, a nossa propria lettra soffre modificações sensiveis. É ainda devido a estas frequentes modificações que alguns julgam a graphologia incapaz de traduzir a individualidade psychica, porque, dizem: «eu escrevo de differentes maneiras; a lettra em que começo uma carta é raras vezes egual áquella em que a termino». Isto é certo, em parte. Com effeito, os individuos de grande sensibilidade e de grande imaginação offerecem esse exemplo, que em nada desvalorisa a theoria, porque, se bem observarmos, notaremos que essa differença consiste apenas nos traços accessorios e nunca nas formas geraes da escripta; estas revelam, por consequencia, ao graphologo os traços fundamentaes do caracter e aquelles as disposições accidentaes.

Illustremos a theoria: O leitor acaba de receber uma noticia que o encheu de jubilo e vae por sua vez communical-a a uma pessoa querida. A lettra, habitualmente sobria e horisontal, apresenta-se agora dynamogenea, (1) movimentada, *ascendente*, isto é, tendendo a afastar-se da horisontalidade habitual, (fig. 1). Contrariamente, se a communição a fazer procede d'um profundo sentimento de desgosto, d'anniquilamento, a escripta será inhibida (2), hesitante, contrahida e *descendente*, (fig. 2). Isto porque, no primeiro caso, houve augmento d'actividade, traduzido por movimentos expansivos, centrífugos, e, no segundo, um enfraquecimento, que se denuncia por movimentos inhibitorios, centrípetos.

Ora a escripta não é senão uma série de pequenos gestos, um conjuncto de movimentos exteriorisados,—prolongamento do movimento cerebral que constitue a vida psychica.

Possuindo cada individuo um modo especial de gesticular, em harmonia, é claro, com o processo de reacção do seu organismo, assim tambem por cada individuo existe uma physionomia, um typo especial de escripta, em

(1) São dynamogeneas, segundo Bronw-Séquard, as irritações nervosas que, mais ou menos instantaneamente, por uma maior ou menor duração nas partes nervosas ou contracteis mais ou menos distantes do logar da irritação, exageram mais ou menos uma potencia ou uma funcção.

(2) São inhibitorias, segundo o mesmo auctor, as irritações nervosas que, mais ou menos instantaneamente, por uma maior ou menor duração nas partes nervosas ou contracteis, mais ou menos distantes do logar da irritação, fazem desapparecer mais ou menos uma potencia ou uma funcção.

Subentende-se que a escripta é inhibida, accidentalmente, relativamente á dynamogeneidade habitual.

harmonia não só com as suas tendencias, mas tambem com as suas faculdades.

Partindo d'estas conclusões admitte-se que, para cada sensação, exista um typo de reacção e um gesto correlativo, e que, se pela vontade podemos suffocar no trato quotidiano a manifestação externa d'esses movimentos, na escripta, que é, repetimos, uma série de pequenos gestos espontaneos e instinctivos quasi sempre, é isso totalmente impossivel. A graphologia é, desde logo, a sciencia d'observação

Fig. 1

que maiores compensações offerece no estudo da psychologia humana porque, se é certo que um simples gesto revela a um olhar investigador um determinado estado d'alma, é evidente a superioridade do gesto escripto, que tem sobre aquelle, inapreciavel muitas vezes por falta de comparação, a vantagem de ser permanente e permittir a analyse d'estados semelhantes.

Teem a mais cabal applicação em graphologia as seguintes conclusões a que chega o Dr. Héricourt, no seu estudo sobre a manifestação exterior dos sentimentos:

«É d'observação corrente, quer se trate de gestos espontaneos, inconscientes, ou d'uma mimica sabiamente estudada;

Que a energia da vontade se traduz por gestos pesados, fortemente accentuados;

Que a uma exposição clara e limpida corresponde o gesto ponderado e nitidamente desenhado;

Que as pessoas sensiveis tomam, como se diz vulgarmente, uns ares inclinados (air penché);

Que o egoismo parece sempre designar-se por movimentos centrípetos, que lhe são habituaes;

Fig. 2

Que o homem franco possue um gesto aberto e nitido;

Que a dissimulação tem o gesto fugitivo como o olhar e que os seus movimentos, como as suas phrases, parecem estar sempre incompletos;

Que o exaltado se conhece de longe pela amplitude dos seus movimentos;

Que o homem alegre e saudavel tem os gestos vivos e ascendentes, emquanto a tristeza faz inclinar a cabeça e pender os braços;

Que o amavel evita os movimentos angulosos, sempre quadrados ou ponteagudos no homem rude e de trato desagradavel;

Que a graça arredonda os movimentos e descreve circulos;

Que o homem simples se faz notar pela sobriedade e egualdade das suas maneiras.»

Basta, pois, subordinar ao termo *escripta* os termos *gesto*, *attitude* e *movimento*, para se possuir a base da theoria que forma o objecto d'este estudo.

A energia da vontade denuncia-se na escripta por traços fortes e seguros;

A sensibilidade pela inclinação da lettra;

O egoismo por curvas reentrantes e traços sinistrogyros, isto é, dirigidos da direita para a esquerda especialmente no fim das palavras.

A franqueza é caracterisada pela abertura das lettras;

A dissimulação revela-se por palavras terminando em ponta, frequentemente illegiveis;

A exaltação amplifica os traços;

A alegria dá os traços vivos, leves e ascendentes;

A amabilidade apresenta a lettra arredondada, com ausencia de curvas reintrantes; e,

Finalmente, a simplicidade revela-se pela simplicidade e egualdade da escripta.

Isto basta para fazer comprehender a grande utilidade d'este estudo e para que se justifique a importancia que a graphologia adquiriu já n'alguns paizes, especialmente na utilitaria Inglaterra, aonde é frequentemente solicitada a dar o seu conselho em negocios do maior interesse.

Edificante sob este ponto de vista a seguinte anecdota: (1)

«O casamento de M.^{lle} de Duras com o marquez de Custine devia effectuar-se em breve. Uma manhã a duqueza de Duras tinha no seu salão, alem dos noivos, o conde de Nieuwer-

(1) *Mémoires du comte Horace de Viel Castel sur le règne de Napoléon III.*

kerke, o barão de Humboldt e outras pessoas. O barão pretendia que para conhecer o caracter lhe bastava ver a escripta da pessoa, e esta pretenção, já confirmada por bastantes experiencias, era n'essa manhã o assumpto de conversação.

— Vejamos, diz subitamente M.me Duras, entregando-lhe uma carta que lhe haviam passado, vejamos sr. de Humboldt, se podeis julgar pela escripta d'essa carta o caracter de quem a escreveu.

O barão, como um grande sabio allemão que era, concentra-se, examina, começa uma dissertação sobre a forma das lettras, a sua physionomia e sua singularidade; depois começa a demonstrar que a creatura de quem ellas procedem é um ser extraordinario, de gostos estravagantes, de imaginação corrupta, immoral... Emfim, traça um retrato abominavel, apezar dos esforços da duqueza para o interromper (mas não se interrompe com facilidade um sabio allemão), porque a pessoa julgada era nem mais nem menos do que o proprio marquez de Custine.

O casamento não se effectua. Custine casa com M.lle de Courtomer, e torna-se o ser in-

seja com tanto precipicio e excesso, como chora a ruina de muitas familias, em que os filhos primeiro se vêem deserdados que orphãos, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas em logar de dotadas roubadas. É prognostico certo, confirmado pela experiencia, que virão a não ter que comer os que frequentarem o diabolico invento do jogo."
Agora raciocinando nós sobre isto vemos logo que collaboramos n'um erro e esse fatal erro far-nos-ha destruir, sendo pae, o patrimonio de nossos filhos, sendo

Fig. 3

alguns litterarios mas — o jornal [illegible], esperando que V. Ex.ª me relevará da minha mania. Tambem me lembrei com os desejos de V. Ex.ª Já hontem me puz em campo para obter as photographias de que V. Ex.ª me falla e espero enviar-lhas amanhã a V. Ex.ª. Obtive photographias (positivos) de peças do Museu (as que pertenceram á Rainha Santa), da estatua antiga, da estatueta, etc., e mandei photographar duas curiosas gravuras: a tal illuminura e um notavel desenho e copia de Columbano.

Fig. 4

qualificavel que conhecemos. O sr. de Humboldt não se havia enganado».

Quantos desgostos se poderia evitar se se conhecesse melhor as pessoas com quem privamos diariamente e quantos amigos... figadaes não seriam por esta forma desmascarados!

A utilidade d'este estudo estende-se a todas as circumstancias da vida social; em familia, para orientar os paes sobre o modo de vida que mais se harmonisa com as qualidades e aptidões dos filhos; no commercio, para se conhecer o valor moral dos correspondentes e empregados (meio de informação muito praticado actualmente na Inglaterra); em questões de casamento, para conhecer as qualidades ou defeitos dos noivos; no professorado, como ramo precioso de psychologia pedagogica; aos medicos-legistas, para verificação da inculpabilidade dos accusados e do seu grau de responsabilidade; e, emfim, no trato quotidiano, para conhecermos as pessoas com quem tratamos, o que tambem vale alguma coisa.

Fig. 5

Fig. 6

*
* *

Vamos, pois, fornecer aos nossos leitores umas breves mas claras noções da nova sciencia, que lhes permittirão emprehender, desde já, um estudo que tem tanto de util como de agradavel.

Antes, porém, umas ligeiras observações ácerca da escolha dos documentos a analysar, e convem analysar muitos, porque a faculdade de observação afina-se e desenvolve-se, como qualquer outra, pelo exercicio. Os documentos são, sob o ponto de vista graphologico, bons ou maus. São bons os que revelem naturalidade e espontaneidade: cartas intimas em que o individuo se mostra como é, ou rascunhos, quando não estejam illegiveis. São maus os escriptos a lapis, porque o lapis deforma certos traços de grande importancia, as copias officiaes, autographos lithographados, escriptas commerciaes, calligraphicas, ou escriptos em papel ordinario que modifique a lettra por uma rapida absorção da tinta, com penna incapaz e, finalmente, com má posição do braço. Deve evitar-se tambem os que denunciem grande agitação, porque podem ser mais o producto d'uma exaltação passageira do que o d'um estado permanente do espirito. N'este caso devemos procurar autographos differentes da mesma pessoa, e, se em todos se observa a mesma perturbação, poderemos concluir que o individuo é portador de qualquer doença mental, — as resultantes dirão qual é. Nunca nos devemos pronunciar, quando não possuamos uma longa pratica, sobre uma escripta apenas e, muito menos, sobre um traço isolado, ainda que muito significativo, porque frequentemente são destruidos por outros ou pelas resultantes psychologicas de que mais adeante fallaremos, o que significa, em taes casos, lucta entre as varias tendencias, com triumpho por parte da que fôr dominante.

*
* *

Sendo a carta intima o melhor documento, admittamos que é sobre ella que temos de fazer o nosso estudo. Em primeiro logar, notaremos a marginação, de que ha seis especies principaes; a primeira (fig. 3) distingue-se pela ausencia, o auctor como que receia que o papel lhe venha a faltar e economisa-o. É

Fig. 7

signal d'avareza e tanto maior se as lettras estão como que empilhadas e as palavras sem a separação normal. (1)

A pequena margem (fig. 4) mostra ainda um individuo economico, mas d'uma economia menos sordida, proveniente d'uma comprehensão mais intelligente das necessidades da vida; todavia, não é generoso.

A margem crescente (fig. 5) é vulgar nas pessoas de poucos meios e com habitos de despeza; significa a victoria d'estes habitos.

A grande margem (fig. 6) revela grandeza de vistas, se os signaes de cultura são fortemente accusados; e, d'uma maneira geral, generosidade, que pode ir até á prodigalidade se os outros signaes concordam.

A margem de crescente (fig. 7) indica simplesmente o triumpho da economia sobre a despensividade. É a margem dos chefes de familia, que sacrificam ás necessidades domesticas os seus habitos de despeza.

Por ultimo, temos a margem em enquadramento (fig. 8), que indica um espirito claro e muito sensivel á harmonia da forma. É a margem dos poetas e dos artistas em geral.

Notaremos em seguida o conjuncto, que exprime o processo mental do escrevente, sob os pontos de vista da legibilidade, dimensão das lettras, nitidez, direcção das linhas, ligação, plasticidade e sobriedade da escripta.

Legibilidade. A escripta bem legivel indica franqueza, abertura d'alma, quando não é exclusivamente calligraphica, porque n'este caso significa nullidade ou preciosismo. A escripta legivel a que nos referimos é aquella que, sendo-o eminentemente, se afasta das regras calligraphicas (fig. 9). A escripta illegivel indica naturalmente o contrario.

Grandeza. A lettra mede nos nossos dias dois millimetros, approximadamente, a minuscula e um centimetro a maiuscula. A lettra normalmente grande (fig. 10) diz aspirações elevadas, concentração, timidez, orgulho, generosidade, concepção lenta ou presbytia.

A lettra pequena (fig. 11) mostra um juizo

Fig. 8

(1) É preciso não perder de vista que um signal não tem por si mesmo significação absoluta; procederia imprudentemente quem pela marginação da carta (fig. 3) decidisse que o seu auctor é um avarento. A lettra pertence a um espirito superior e esse defeito de temperamento encontra-se modificado por outros traços. Tanto esta como as outras cartas encontramol-as aqui, unicamente sob o aspecto da marginação.

analytico estreito com tendencia a perder-se nos detalhes, sem dar jamais um pensamento completo ; é tambem um indicio de minuciosidade, de finura ou de myopia.

Fig. 9

Nitidez. A escripta nitida (fig. 9) significa energia, precisão, clareza e ordem nas idéas.

A confusa, devido principalmente ao entrelaçamento das lettras e ao seu grande movimento, revela confusão nas idéas, imaginação viva e desregrada ; quando muito apertadas umas contra as outras, indica tambem egoismo e avareza.

A direcção das linhas, segundo a expressiva imagem do eminente graphologo francez Marius Decrespe, está para o escrevente como o barometro para as variações da pressão atmospherica, mostra o humor com que elle encara os acontecimentos.

A escripta ascendente (fig. 1) diz enthusiasmo, ambição, triumpho, ardor, alegria, agitação, sensibilidade exagerada, reacção contra um estado depressivo.

Escripta descendente (fig. 2). Tristeza, «surmenage» intellectual, sensibilidade doentia, falta de confiança em si mesmo, fadiga.

Escripta horisontal, — sensibilidade minima ou, então, vontade persistente de homem que vae direito ao seu fim, sem enthusiasmos, mas tambem sem hesitações.

Serpentina (fig. 12) diz trabalho de pensamento, sensibilidade, hesitação, cultura de espirito. Na escripta grosseira é tambem um signal de malicia.

Fig. 10

Ligação. Um dos resultados mais interessantes da graphologia é o de poder conhecer pela ligação da escripta o valor mental de quem escreve e é ao mesmo tempo um meio de apreciação de que a critica psychologica não pode dispensar-se. A escripta pode ser ligada semi-ligada ou justaposta.

A ligação das lettras nas palavras, e ás vezes as proprias palavras ligadas entre si (escripta ligada fig. 12), indica um espirito deductivo, logica, sequencia nas idéas com tendencias para o positivismo intellectual ; se coexistem sensibilidade, vivacidade de concepção e imaginação, resultará um exagerado para quem os factos mais insignificantes revestem proporções assombrosas.

A ligação das palavras indica mais especialmente actividade d'espirito, precipitação. (1)

Lettras ligadas por grupos (escripta semi-ligada) mostra um espirito assimilador, apto a todos os estudos, mas sem grande superioridade em nenhum d'elles, eccletismo, actividade de espirito.

A escripta justaposta, aquella em que as lettras estão separadas na palavra (fig. 13), diz sensibilidade e impressionabilidade intellectuaes, espirito de systema, intuição.

Fig. 11

A inclinação corresponde ao grau de emotividade do escrevente. É um dos pontos mais importantes da graphologia ; convém por isso prestar-lhe detida attenção. Para melhor comprehensão, extrahimos do precioso livro do dr. Eugen Kirchner, «Geistiges Training», copia do seu graphometro (fig. 14), que temos por muito pratico e sobretudo de facilima applicação. Basta reproduzir a figura em papel vegetal e ajustar depois á linha da escripta a linha A-B do graphometro.

Em graphologia, como em todas as sciencias de observação, ha lacunas que ao observador compete preencher. Por exemplo, applicado o gaphometro, a lettra projecta-se entre o angulo «sensibilidade» e o angulo «paixão» ; isso revela, naturalmente, uma sensibilidade mais viva. Se ficar no angulo «sensibilidade» mais proxima do angulo «frieza», indicará, pois, uma sensibilidade menos viva e mais contida.

(1) A ligação nas escriptas inferiores indica falta de ideação, trabalho difficil de pensamento.

A escripta vertical indica clareza, razão, inflexibilidade, frieza e algumas vezes dureza de coração.

FIG. 12

A escripta habitualmente inclinada para a esquerda diz dissimulação, reserva, sensibilidade contida. Accidentalmente inclinada para o mesmo lado: desconfiança, dissimulação; ordem e clareza, quando se trata de documentos officiaes. Nota-se que, se pretendemos disfarçar a lettra, instinctivamente a inclinamos para a esquerda. As cartas anonymas são geralmente escriptas n'esta lettra.

A plasticidade accusa o grau de sentimento esthetico. Com effeito, a lettra não é bella porque seja perfeita no sentido calligraphico do termo,—nota-se até que a letttra assim é quasi sempre monotona e inexpressiva, — é bella quando denuncia mais ou menos a individualidade do auctor. A lettra da figura 15 é, calligraphicamente, imperfeita; é bella, porém, sob o ponto de vista graphologico, por muito expressiva da cultura artistica do auctor.

FIG. 13

A escripta agradavel (fig. 9) indica talento, affabilidade, sentimento da fórma. É a escripta das pessoas ao lado das quaes se passa o tempo depressa.

A desagradavel (fig. 16) póde ainda revelar talento, o que é frequente, mas será um talento sem relevo, que não interessa nem procura interessar; póde tambem indicar bondade, se outros signaes concordam; o que nunca poderá indicar é affabilidade, habitos de sociedade, doçura de maneiras.

A escripta excentrica, se agradavel (fig. 15), diz sentimento da fórma, horror do vulgar, orgulho hierarchico, sensibilidade artistica;— se desagradavel ou banal (fig. 19) loucura, infantilidade, pretenciosismo.

A escripta banal (fig. 18) indica naturalmente uma intelligencia sem relevo, incapaz de possuir idéas e até de as assimilar.

A sobriedade indica a importancia que o escrevente dá ás particularidades e ás coisas essenciaes.

A escripta sobria é a que não tem excessos nem faltas, diz ordem, prudencia, espirito de rotina, reserva, desejo de approvação. Quando os signaes da vontade não são muito accusados, póde significar tambem modestia e simplicidade.

A escripta secca é a que não apresenta traço algum desnecessario, que parece mais dezenhada do que escripta,—ausencia de affectividade e de imaginação; se com tal escripta as lettras são angulosas, estamos em presença d'um egoista e de um avarento, capaz de rivalisar com a celebre personagem de Molière.

A escripta ornada de floreados e traços accessorios inuteis (fig. 19) accusa futilidade, pretenção, fatuidade; e coqueteria na mulher.

A escripta pastosa (fig. 20) revela sensualidade grosseira, gulotoneria, materialidade de gostos.

*
* *

Vamos dar algumas indicações sobre os signaes de cultura na escripta. Ninguem, medianamente instruido, confunde a lettra d'um intellectual com a letra inesthetica, embora calligraphica, d'um individuo vulgar. Ha, porém, certas particularidades que permittem reconhecer, scientificamente, se é ou não culto o individuo a quem a escripta pertence. A do homem inferior é geralmente confusa, lenta, sem relevo e sem harmonia; a do homem intellectualmente superior é, ao contrario, quasi sempre nitida, firme, sobria, muitas vezes em excesso, como na fig. 2, e harmonica. Ao passo que a primeira é pesada e sobrecarregada de traços inuteis, a segunda apresenta-se rapida, por excessivamente dextrogyra, e simplificada. Ninguem decerto hesitará, ante a

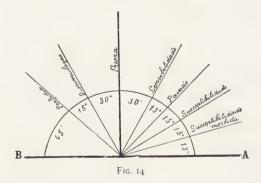



FIG. 14

fig. 2, eminentemente simplificada e rapida, e a fig. 20, pastosa, lenta e sem relevo, em declarar qual d'ellas denuncia a cultura de espirito.

Fig. 15

Muitos signaes de cultura são-o tambem de intelligencia, como nas seguintes palavras o explica o sabio graphologo Crepieux-Jamin: «a nitidez da escripta, que indica a nitidez da concepção psychologica, é signal de intelligencia; indica tambem a faculdade de transmissão do pensamento pela escripta e, em tal caso, é um signal de cultura». Todas as modificações na fórma da lettra que a simplifiquem e abreviem pódem ser consideradas signaes de cultura. O *d* ligado á lettra immediata, por meio da haste que descreve uma curva para a esquerda e se lhe vem depois ligar, o *f* e o *e* de *fazer* e o *p* da fig. 2 são o que possa haver de mais simplificado e dextrogyro. As lettras de fórma typographica são, ao mesmo tempo que um signal de cultura, um indicio de sentimento esthetico.

Fig. 16

Vejamos agora o sexo na escripta. Para muitos graphologos da escola do abbade Michon, o glorioso fundador da graphologia, não ha signaes que revelem claramente o sexo do escrevente comtudo, concordam em que ha escriptas das quaes se póde dizer á simples vista que pertencem a um ou a outro sexo. É um illogismo como qualquer outro, porque, sendo essa differença notavel, ha de, necessariamente, poder-se determinar pela analyse e pela comparação quaes os signaes que revelam a feminilidade e quaes os inherentes ao sexo contrario. Jamin faz notar que do sexo resulta uma grande differença social, que a mulher tem uma actividade differente da do homem, outras aspirações e, portanto, outras preoccupações; e Marius Decrespe chega a formular um conjuncto de regras, apoiadas n'uma paciente observação e n'uma logica incontestavel, pelas quaes se póde determinar ao primeiro exame o sexo do escrevente.

Fig. 17

«Notaremos, antes de tudo, diz elle, que todas as coisas se resolvem em duas polaridades: o activo e o passivo, o positivo e o negativo, o masculino e o feminino. Estas duas polaridades são faceis de estudar na escripta e podemos resumir todas as fórmas possiveis n'um pequeno numero de traços principaes, na significação dos quaes se decomporão todas as observações que se puderem fazer:

Polo positivo, activo, masculino ou centrifugo		Polo negativo, passivo, feminino ou centripeto	
Traços verticaes	Angulos ([3])	Traços horisontaes	Curvas
» descendentes	Lettras pequenas	» ascendentes	Lettras grandes
» para a direita ([1])	» ligadas	» para a esquerda	» justapostas
» espessos	Linhas horisontaes	» finos	Linhas sinuosas
» curtos ([2])	» ascendentes ([4])	» longos	» descendentes
» rectilíneos	» concavas ([4])	» sinuosos	» convexas
» sobrios		» complicados	

([1]) Especialmente nas escriptas europeias que vão da esquerda para a direita.

([2]) Tudo o que indica o movimento é feminino; tudo o que indica a materialidade é masculino; um traço espesso e curto é, por consequencia, activo e um traço fino e longo passivo.

([3]) Os angulos e as curvas voltadas para cima ou para a direita (A, D, etc.) indicam o polo positivo com relação aos angulos e curvas voltadas para baixo ou para a esquerda (V, U, C, etc.) e que significam a negatividade.

([4]) A direcção das linhas tem uma significação inversa da direcção dos traços, porque os traços isolados exprimem antes uma tendencia, uma aspiração, ao passo que as linhas indicam a realisação.

Manuel de Graphologie Appliquée, pag. 43.

Taes são os principaes signaes que se deve recordar, que servem para explicar todos os outros; poderia, evidentemente, encontrar-se um maior numero, mas estes chegam para a pratica corrente, como vamos explicar:

O homem é a razão, a pratica, a realisação, a concentração individual, o movimento que evita o centro commum, o odio, a força (sobre-

Fig. 18

tudo material); a mulher é a imaginação, o ideal, a theoria, a expansão do *eu* para a universalidade das coisas, é o amor e a fraqueza intellectual e physica, mas é a força moral, a paixão, da mesma fórma que o homem é a acção apathica (no sentido de sem paixão), e voluntaria; a mulher sonha e deseja, o homem trabalha e effectua, — como na fabula *O cego e o paralytico*, a mulher indica a estrada e o homem caminha.

Mas de que serviria o seu sonho se lhe fôsse impossivel a realisação? Para que serviria o trabalho do homem se a idéa não viesse guial-a e fecundal-a? Um individuo que não tivesse senão as faculdades masculinas ou sómente femininas seria uma monstruosidade incapaz de fazer coisa alguma. A Providencia quiz, pois, que a força de uma e outra polaridade fôsse repartida pelos dois sexos da seguinte maneira:

HOMENS	MULHERES
Espirito-Razão (faculdade masculina).	Intuição (faculdade feminina).
Alma-Enthusiasmo (faculdade feminina).	Bom senso (faculdade masculina).
Corpo-Sexo masculino.	Sexo feminino.

São os typos normaes e vê-se que o homem não é mais completo sem a mulher do que a mulher sem o homem. Existe, porém, um grande numero de typos nos quaes a proporção supra não é guardada; todavia, como o espirito, a alma e o corpo, que reciprocamente se influenciam, devem sempre manter um certo equilibrio, e como nós não podemos mudar de sexo á vontade, emquanto encarcerados no corpo material, é impossivel que um individuo do sexo feminino, por exemplo, tenha *exactamente* todas as qualidades ou defeitos que poderia ter um homem, e reciprocamente.

Resulta do que precede que, n'uma escripta, na mão ou n'uma physionomia qualquer, deve sempre encontrar-se um certo numero de signaes masculinos e femininos, e que um homem, por muito effeminado que seja, apresentará sempre maior numero de signaes masculinos, assim como no mais rude dos viragos será maior o numero dos signaes femininos. A egualdade perfeita não se realisaria senão nos hermaphroditas e ainda, n'um grande numero de casos, um sexo prevaleceria sobre o outro.» As figuras 10, 17 e 20 dão-nos typos acabados de escripta feminina.

Uma das qualidades que importa conhecer no individuo é o seu grau de vontade, quer se pense como Schopenhaur, que ella é a base do caracter, ou como Fouillée, que todos os phenomenos intellectuaes, sensação, projecção exterior, consciencia do eu, e da sua existencia continua, sem ella se explicam. É certo que as manifestações do caracter se inscrevem n'um triangulo cujos vertices são a intelligencia, a moralidade e a vontade e que toda a classificação do caracter baseada apenas n'um d'esses vertices seria insufficiente e anti-scientifica; não obstante a vontade, que presuppõe um certo grau d'adaptação mental a um fim proximo ou remoto, mas consciente e necessario, é já um indicio seguro de intelligencia. Com effeito, não podemos conceber mais facilmente um Napoleão sem vontade, do que um Balzac ou um Wagner; cada um na sua esphera d'acção triumpha pela sua energia; ora, a propria energia não se torna querer senão quando obedece a um plano intelligente. Vejamos, pois, quaes os signaes mais caracteristicos da vontade: são naturalmente todos os que dependem d'um movimento especial e estão por consequencia menos subor-

Fig. 19

dinados á tendencia da escripta, pontuação, accentuação, sublinhamento e traço trasversal do *t*, a que chamaremos, como os francezes, *barra*.

A barra do *t* fina e curta exprime fraqueza de vontade ou vontade nulla, quando, na escripta que as apresente, uma ou outra vez brilhem pela ausencia; a barra forte e curta ao

meio da haste e em cruz diz vigor, vontade forte e conciliadora; a resolução revela-se por uma barra em fórma de fuso, projectando-se á direita da haste e apoiando n'ella a parte mais fina; o *t* cortado por um traço forte,

FIG. 20

curto e descendente indica teimosia, significação que raras vezes é destruida por outros signaes. A barra longa e fina diz fraqueza ou vivacidade; regular e collocada sobre a haste, auctoritarismo ou orgulho; se forte, despotismo; posta á esquerda da haste, hesitação, timidez ou reflexão lenta; á direita, decisão, iniciativa, audacia e algumas vezes, tambem, estouvamento. O espirito critico e a ironia mordaz são-nos revelados por uma barra fusiforme, cuja ponta se projecta á direita da haste. São signaes de tenacidade a barra, formando como que um nó em volta da haste ou, simplesmente, formando com ella um angulo agudo, a que se apresenta com uma pequena curva nas extremidades, e, finalmente, a que, de qualquer forma e habitualmente, marque um movimento mais pesado.

A pontuação cuidada indica minuciosidade, boa memoria e naturalmente cultura d'espirito. Os sublinhados frequentes revelam uma tendencia ao exagero e são tambem a marca d'um espirito futil ou pretencioso. A ausencia

FIG. 21

de pontuação, n'uma escripta intelligente, denuncia estouvamento, abstracção, especialmente quando se trata do ponto sobre o *i*, a lettra que no dizer de entendidos forneceu o primeiro elemento de observação no estudo do caracter pela escripta.

*
* *

O estudo de cada lettra na escripta ornece tambem muita luz e convem por isso prestar-lhe uma attenção especial. As lettras são, como sabemos, maiusculas e minusculas e medem, como dissemos, um centimetro as primeiras e dois millimetros as ultimas, pouco mais ou menos. Aquellas que excedem d'uma maneira notavel o limite de grandeza ou notavelmente o reduzem serão *grandes* ou *pequenas*.

As maiusculas grandes junto de minusculas naturaes ou pequenas dizem orgulho, convencimento d'um grande valor pessoal; as maiusculas pequenas dizem, ao contrario, grande humildade, modestia, que nem sempre exclue a idéa de valor pessoal, mas em tal caso é uma prova de affabilidade e de extrema cortezia. As maiusculas de forma typographica indicam o litterato e em geral o homem de gosto, possuindo um grande sentimento da fórma e da harmonia.

O *A* da fig. 21 indica simplicidade, bom humor; tendencias aristocraticas o da fig. 22, e orgulho o da 23.

Devido a grande variedade das suas fórmas, offerece o *B* um grande numero de significações. É-nos, porém, impossivel, devido ao pequeno espaço de que dispomos, multiplicar os exemplos. O da fig. 23, que parece mais um numero, indica menos o habito de lidar com algarismos do que uma certa excentricidade, que se acompanha d'um tal ou qual sentimento artistico; o mesmo poderemos dizer do *B* (fig. 25).

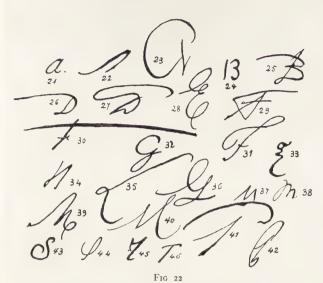
Do *C* pouco se póde dizer, a não ser do que affecta a figura d'um semi-circulo e passa abaixo da linha, que revela franqueza, instinctos de protecção e é quasi sempre um dos mais seguros indicios d'um caracter expansivo.

O *D* offerece, como o *B*, muitas variedades de fórma: o da fig. 26 dá-nos um egoista que se compraz na vida intellectual intensa e interior, e o da fig. 27 um romanesco todo idealidade e imaginação.

É pobre de significação o *E*, devido a que, se não toma o traçado approximado da fig. 28, affecta a fórma typographica de significação egual para todas as lettras.

Indica energia, decisão, espirito nada accessivel a coisas de sentimento o *F* (fig. 29); o da fig. 30 é, ao contrario, a lettra d'um altruista, ou melhor d'um egoista benemerito, a quem lisonjeia a convicção de que é util ao seu semelhante. O da fig. 31 diz serenidade d'animo, espiritualidade de gostos e nobreza de sentimentos, com um tudo nada d'orgulho, porque a perfeição não é d'este mundo.

O *G* da fig. 32 indica razão lucida e são

Fig 22

equilibrio das faculdades mentaes; o da fig. 33 grande originalidade e uma alta educação artistica; é o *G* do grande Theophile Gautier, um dos mais delicados cultores da fórma, que a França tem produzido.

Nada tem de interessante o *H*; como indicio, porém, de simplicidade na escripta culta, apresentamos o exemplo vulgar da fig. 34.

I, *J* e *K* são pouco notaveis, especialmente a ultima, devido á sua raridade no nosso idioma.

Indica orgulho da posição o *L* da fig. 35, junto a um certo grau de infantilidade; diz ainda orgulho o da fig. 36, e, especialmente, desejo de ostentar.

O *M* da fig. 37 indica intellectualidade, denunciada pela simplificação e pela fórma quasi typographica; os das fig. 38 e 39 dizem tendencias aristocraticas, pura aristocracia da idéa, que póde acompanhar-se dos sentimentos mais democraticos, diz especialmente desejo de não ser confundido na turba anonyma pelo convencimento de meritos proprios. Diz orgulho de nome ou da obra comprida o da fig. 40.

Tem o *N*, com formas semelhantes, as mesmas significações do *M*.

Nada de apreciavel no *O*.

Dá-nos o *P* da fig. 41 um espirito dominador, mas generoso e affavel; o da fig. 42, complicação d'espirito, desejo d'agradar e tambem ausencia de sentimento artistico.

Q, lettra pouco notavel.

R, o mesmo que *B* e *P*.

S, o da fig. 43 diz sentimento da forma e o da fig. 44 singeleza de maneiras, raiando na frivolidade.

T, o da fig. 45 exprime claramente gostos materiaes e pretenções aristocraticas; cultura d'espirito o da fig. 46.

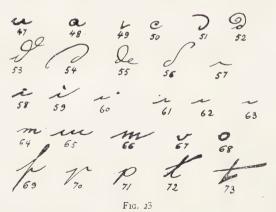
U, *V*, *X*, *Y* e *Z*, todas pouco interessantes, a não ser sob o ponto de vista da energia do escrevente, que convem observar na energia do traço e na tendencia da curva a formar angulo.

As lettras minusculas são mais interessantes ainda, pela frequencia da sua repetição; comtudo, daremos apenas a significação das principaes, deixando ao leitor o prazer de descobrir pela analogia as significações que não damos.

O *a* aberto por cima diz franqueza; excessivamente aberto (fig. 47), irreflexão, difficuldade de calar um segredo; contrariamente, o *a* fechado diz impenetrabilidade, precaução; o da fig. 48 diz, além d'isso, egoismo.

O *c* da fig. 49 pertence á escripta angulosa, cuja significação é energia; o da fig. 50 á escripta arredonda, que revela brandura, sentimentalidade.

Das lettras minusculas é o *d* a mais importante. Damos seis exemplos nas fig. 51, 52, 53, 54, 55 e 56, que significam, respectivamente: intellectualidade, franqueza e sentimento da forma; — futilidade, pretenciosismo e desejo de agradar; — enthusiasmo e imaginação desregrada; — egoismo; — trabalho e cultura de espirito, bondade natural ou adquirida, consoante o genero de escripta em que se encontra; — finalmente, descontentamento, senti-

Fig. 23

mento de impotencia para a realisação da obra sonhada.

O *e* da fig. 57 é um magnifico exemplo d'actividade d'espirito e d'intellectualidade.

O *i*, lettra muito interessante por causa do seu ponto, da fig. 58 diz materialidade de gostos, grosseria, sensualidade baixa e sentimentos do mesmo tom; diz ainda sensualidade o da fig. 59, gostos mais elevados e actividade d'espirito; o da fig. 60 diz intuição, concepção prompta, mas pouca ou nenhuma elevação d'ideas; a fig. 61 indica, ao contrario, um espirito lento, concepção difficil e tardia, mas exactamente egual ao anterior em questões de moralidade; a fig. 62 é um bello exemplo d'intuição e d'idealidade; e a 63, de estouvamento, falta de methodo d'attenção e talvez mesmo de memoria se se apresenta n'uma escripta em que haja faltas semelhantes, como, por exemplo, numa carta que tenho presente, em que um illustre escriptor fala d'um tal Trancisco Simoes.

O *m* da fig. 64, que pertence a uma escripta arredondada, indica um caracter molle e sem relevo; o da fig. 65 doçura de caracter, temperado comtudo por uma boa dóse d'energia, o que se vê do numero d'angulos egual ao de curvas; o da fig. 66 indica um caracter inflexivel, de antes quebrar que torcer; é a lettra dos homens d'acção, dos que triumpham; é um signal terrivel na escripta do egoista.

O *p* da fig. 69 indica o individuo que confia em si proprio, ambicioso de honras e de poder; a fig. 70 diz intellectualidade, franqueza e simplicidade; diz impenetrabilidade o da fig. 71, que, não obstante, se acompanha d'uma certa bonhomia, denotando tambem tendencias estheticas.

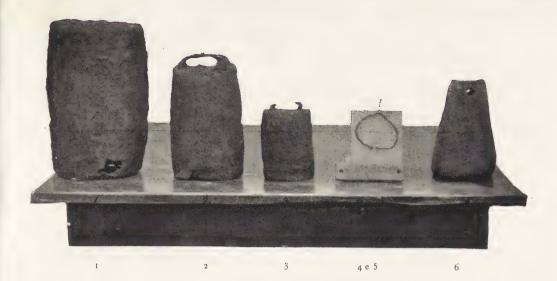
Se o leitor tem relações com um individuo que traça o seu *t* como o da fig. 72, é d'amigo aconselhal-o a que as evite; é a marca do criminoso impulsivo e sem escrupulos. Tive occasião de a notar em mais de meia duzia de assassinos celebres; Tropmann, Lacenaire e Koningstein, o conhecido Ravachol, tracejavam-no semelhantemente.

*
* *

Pelas indicações acima, deve o leitor estar habilitado a ajuizar do caracter approximado de qualquer individuo pela sua escripta, — é apenas uma questão de criterio o resto. Não deverá perder de vista que um traço isolado nada significa se não é confirmado por outros do mesmo valor e que frequentemente coexistem signaes que correspondem a sentimentos oppostos. Quando tal succede, deve haver extrema cautela na apreciação. Se, por exemplo, n'uma escripta encontramos signaes de auctoritarismo, de despotismo mesmo e ao mesmo tempo de sensibilidade, concluimos racionalmente que estamos em presença d'um egoista. Com effeito, o egoista é sensivel... pela sua pessoa e pelo que lhe diz respeito. Outro exemplo: se n'uma escripta banal, que indica um espirito commum, encontramos signaes de sensibilidade e de imaginação, concluimos que o escrevente possue um juizo falso; comprehende-se bem que um espirito commum, sensivel e imaginativo seja, por isso mesmo, conduzido a erros de apreciação; o contrario seria illogico. O criterio falso do escrevente, como o egoismo, no primeiro caso, não existem denunciados por signaes visiveis, apparecem como resultantes d'outros signaes.

N'um dos proximos numeros publicaremos alguns retratos graphologicos de homens eminentes nas lettras e nas artes, insistindo n'esse trabalho de resultantes, que é, certamente, o mais difficil, mas não o menos interessante da graphologia.

CRUZ ANDRADE.

1 2 3 4 e 5 6

Antiguidades Romanas

A actual aldeia de S. Miguel de Machede, freguezia do concelho de Evora, no caminho da villa do Redondo, é a representante de uma, que mui perto lhe ficava em tempo de romanos, com nome desconhecido hoje.

Machede é voz arabica que, segundo o auctor dos *Vestigios da Lingua arabica*, significa *impeto*, *acommettimento*.

No sitio em que esteve a antiga povoação *(vicus)* a Herdade da Toura, voz hebraica, que significa os cinco livros de Moysés, o Pentateuco, é que deveria ter estado a destruida povoação.

Dividida em 208 courelas, de um hectare de terra cada uma, teem os foreiros procedido á limpeza da terra, e no ponto mais elevado da Herdade encontrado vestigios palpaveis de casas e outras cousas.

Com muitas moedas de cobre, a maior parte frustas, do Imperador Probo (276 a 282 de Christo), de Valentiniano (364 a 375), Theodosio (379 a 395), e de Honorio (395 a 423) tem apparecido mais de uma campanha de gado *(pecus)* o chocalho actual *(tintinabulum)* e muitos pesos de terra cocta (*pondus*) que damos nas gravuras 1, 2, 3 e 6.

São estes tintinabulos raros de encontrar hoje, sendo estes os primeiros que vimos, perfeitamente romanos, não differindo muito dos usados ainda.

Os pesos são vulgares e acham-se muito no Alemtejo, 6.

Rarissimo é o bracelete prehistorico *(armilla)*: o que representa a estampa 4 foi achado em sepultura, junto á villa do Cano, n'esta Provincia.

Dos objectos que mostramos aos leitores, o mais curioso é, sem duvida, o amuleto prehistorico, celtico talvez, de ardosia, 5, encontrado partido pelo meio no fundo de uma sepultura, proximo da aldeia e freguezia de S. Manços, no concelho de Evora. Os dois orificios lateraes claro mostram que, pendente do pescoço por tira de couro ou de outra materia textil, que não conhecemos hoje, andaria pendente sobre o peito, talvez na região subclavicular.

Com tal forma, outro amuleto de ardosia nunca viramos!

Evora.

A. F. Barata.

O escravo e o leão

ELA calçada ia trepando com difficuldade uma carroça. A carga era muito grande e a mula, velha e magra, a custo arrastava o enorme peso. Já por duas vezes tinha cahido sobre as pedras, rasgando em uma d'ellas o joelho direito, d'onde escorria um ligeiro fio de sangue, que se empastava no pêlo. Apezar de tudo, a mula não parava de puxar, a carroça ia subindo sempre, empuxada pelo carroceiro e por outro homem.

Mas a calçada tinha agora maior inclinação e as pedras escorregavam mais.

O pobre animal não poude ir para diante.

Desesperado, praguejando, o carroceiro apertou o travão, poz uma pedra a calçar a roda mais proxima, e, de chicote bem apertado na mão, foi-se á mula e bateu-lhe desalmadamente, bateu-lhe até se cançar.

Se até se foi juntando gente!...

Na primeira linha estavam parados dois pequenitos, que vinham do collegio, com os livros e a pedra amarrados com uma correia, e que tinham dado n'aquelle dia muito bem as suas lições, tanto de leitura como de escripta e de contas.

Mas esqueciam-se tanto do que muitas vezes lhes ensinava o professor, que, vendo a maldade que estava a fazer o carroceiro, não sentiam pena da mula, e riam a bandeiras despregadas com as pragas que soltava o brutamontes.

Afinal appareceu um policia e prendeu-o, o que fez espanto a ambos os pequenitos, deslembrados de que fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter e merece castigo, e de que elles mesmos tambem incorriam em censura por estarem presenciando com gosto uma tal selvajaria.

Podemos aprender a gratidão pelos serviços que os animaes nos prestam, nos frequentes exemplos que elles nos dão pagando com amizade extremosa o bem que o homem lhes faz.

Deixem-me contar-lhes uma historia verdadeira, em que se mostra que até as feras sabem ser gratas.

Na Roma antiga havia o costume de fazer luctar, para divertir o publico, os homens com os leões, os tigres, os ursos e outros animaes ferozes. Os homens escolhidos para isto eram escravos, de quem os seus senhores dispunham como de coisa sem valor, e assim os mandavam para uma morte quasi certa.

Ainda hoje se faz coisa semelhante nas praças de touros, em que se consente que homens arrisquem a vida e martyrisem pobres animaes, que tão uteis nos são.

Quando vires um touro escorrendo sangue, lembra-te da utilidade que tiramos dos animaes d'aquella especie. São elles que puxam as charruas e as carroças, fazem mover as noras e desempenham mil outros trabalhos para nosso bem.

Em Hespanha ainda a crueldade é maior, não só com o touro, que depois de martyrisado é sempre morto, mas tambem com os cavallos. Este animal, tão

FOI-SE Á MULA E BATEU-LHE DESALMADAMENTE

bom e prestadio, vemol-o n'um dos taes divertimentos ser levado para junto do touro, que d'ali a pouco lhe enterra as pontas nas ilhargas, dando-lhe morte afflictiva. Ha touradas em que são mortos vinte e cinco e trinta cavallos!

Pois no tempo em que havia nos circos romanos combates de homens com feras, aconteceu um caso, que nos ensina, como já se disse, que os proprios animaes ferozes são reconhecidos ao bem que o homem lhes fizer, assemelhando-se portanto aos animaes domesticos, que tamanha amizade nos tomam ás vezes. Pois não tem havido cães e gatos que morrem de pena com a morte do dono?

É contado o tal caso por um notavel escriptor latino, chamado Appiano, que foi d'elle testemunha presencial.

A arena cobriu-se de uma multidão de animaes de tamanho e ferocidade terrivel. Entre elles, chamou todas as attenções um enorme leão, que saltava a grande altura, sacudindo a juba e dando rugidos medonhos.

Os proprios espectadores estavam cheios de susto, apezar de ser alto o muro que rodeava a arena.

No meio dos infelizes que iam disputar a vida contra aquelles animaes esfaimados, appareceu um homem chamado Androcles, antigo escravo de um proconsul. Este nome dava-se ás auctoridades que governavam as terras por onde se estendia o dominio do povo romano. Portugal foi um d'estes paizes, assim como a Inglaterra, a França e a Hespanha.

Apenas o leão viu o escravo, parou de repente, cheio de espanto. Depois avançou para elle com mansidão, como se o tivesse reconhecido. Abanou a cauda, imitante um cão a fazer festas, vem roçar-se pelo corpo de Androcles, meio morto de medo, e acabou por lhe lamber as mãos.

As caricias do medonho animal chamaram á vida o desgraçado, que abriu os olhos a pouco e pouco e os fitou no leão. E como se renovassem conhecimentos, o homem e a fera mostraram a mais viva alegria e o mais terno affecto.

Ao ver isto, a multidão que enchia o circo soltou gritos de pasmo, e o imperador, tendo mandado que o escravo se lhe approximasse, perguntou:

— Porque és tu o unico que escapou á furia d'esse monstro?

— Dignae-vos ouvir a narração do que me aconteceu, disse Androcles. No tempo em que o meu senhor governava a Africa, vi-me obrigado a fugir, tão maltratado era por elle todos os dias. Para escapar á sua vingança, fui em busca de uma solidão inaccessivel no meio das areias do deserto, resolvido a matar-me se me faltassem os alimentos. O sol era tão ardente que tive de ir buscar abrigo n'uma caverna muito funda e sombria. Mal me tinha deitado a descançar, vi apparecer aquelle leão. Coxeava, pondo a custo no chão uma das patas, d'onde corria sangue. As dôres que a ferida lhe causava arrancavam-lhe gritos e rugidos pavorosos. Ao ver o monstro entrar no covil, fiquei gelado de terror. Logo, porém, que elle deu com os olhos em mim, em vez de me fazer mal, approximou-se mansamente e estendeu a mão que tinha ferida, como se quizesse pedir-me soccorro. Dominando o medo, examinei a ferida e arranquei d'entre as garras da fera um grande espinho, que lá estava cravado. Atrevi-me até a espremer a ferida, fazendo sahir toda a materia e sangue corrupto, e depois enxuguei-a. O animal, já alliviado das dôres insupportaveis, deitou-se ao pé de mim e adormeceu. Desde aquelle dia vivemos juntos na caverna, pelo espaço de tres annos. O leão encarregou-se de alimentar-me e trazia-me a melhor parte das presas, que fazia. Como não tinha lume, assava-as ao calor ardente do sol. Farto da companhia, e de viver d'aquelle modo, fugi da caverna uma manhã em que o leão tinha ido para a caça, mas fui tão infeliz que no dia seguinte cahi em poder dos soldados romanos. Da Africa trouxeram-me para Roma e apresentaram-me ao meu senhor, que logo me condemnou a ser devorado pelas feras, no circo. É o que me aconteceria, se o acaso não me fizesse encontrar o leão que soccorri, e que de certo foi apanhado pelos caçadores que andam por Africa em busca de feras para o coliseu de Roma.

O imperador, apenas ouviu estas palavras, que Appiano diz terem sido proferidas por Androcles, mandou-as escrever e communicar ao povo.

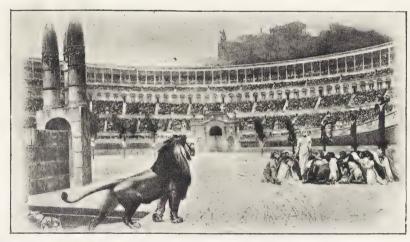
Os espectadores pediram em altos gritos que fosse perdoada a vida ao escravo e que se lhe desse o leão.

Assim se fez.

E d'ahi por diante, viu-se pelas ruas de Roma Androcles levando ao lado o seu libertador, seguro unicamente por uma simples correia.

O povo cobria-o de flores e dava-lhe dinheiro.

Como este, poderiam contar-se muitos outros casos de animaes reconhecidos aos beneficios que receberam dos homens.

Só se nos quizermos collocar abaixo d'elles, é que desceremos a maltratal-os e abusaremos cobardemente da força que Deus nos cencedeu dotando-nos de intelligencia.

APENAS O LEÃO VIU O ESCRAVO, PAROU DE REPENTE

Grandes topicos

O novo Papa negro

De 1 a 8 de setembro esteve reunido em Roma o conclave dos 78 provinciaes da Companhia de Jesus, para proceder á eleição do sucessor do padre Martin, o Geral ha pouco fallecido

Contra toda a expectativa, foi eleito, por 42 votos, o padre allemão Francisco Xavier Wernz. E dizemos contra toda a expectativa, porque quem parecia reunir maior numero de sufragios era o padre Freddi, indicado pelo fallecido Geral para seu sucessor — e segundo a praxe estabelecida e seguida até agora, os conclaves obedeciam sempre a essa indicação suprema.

A escolha de Wernz foi, segundo se afirma, por um lado, o resultado dos esforços n'esse sentido feitos por Guilherme II, que pretende conquistar as boas graças da Companhia de Jesus, a fim de se assegurar o apoio incondicional do Centro Catholico, e, por outro, uma homenagem prestada pelo proprio conclave ao kaiser, que ha tempos fez abrogar a lei que interdizia aos jesuitas a sua permanencia na Allemanha.

O padre Wernz é um dos mais considerados membros da Companhia de Jesus. Nascido em Rothwein (Wurtenberg), em 1842, entrou para a Ordem em 1881, tornando-se a breve trecho notado pelas manifestações do seu grande talento. Indo para Roma em 1884, era pouco depois nomeado professor de direito canonico da Universidade Gregoriana, cargo que exerceu até agora. Escreveu um Manual de direito canonico que os entendidos consideram uma obra prima.

PADRE WERNZ

Novo geral dos Jesuitas

AO SAHIR DE FRANÇA

«Soceguem, meus filhos; ainda que esta porta (França) fique fechada, tenho uma chave para abrir a do visinho (Allemanha).»

Do *«Nebelspalrte»*

A Egreja e a França

A encyclica *Gravissimo*, em que o papa aconselhou os catholicos da França á resistencia á lei de separação, começa a surtir os seus effeitos. Esperava-se, a principio, que os bispos francezes, conhecendo perfeitamente a situação e estando portanto em condições de avaliarem melhor do que o pontifice as consequencias d'essa politica, o levassem a transigir um pouco — o *quantum satis* para se conseguir uma *entente* entre os dois poderes em conflicto. Em vez d'isso, os prelados, que alias se vangloriavam de ser «primeiro francezes e depois romanos», publicaram collectivamente uma carta aos fieis, recommendando-lhes o mais absoluto desprezo pela lei.

O resultado d'esta attitude não se fez esperar: declarou-se logo um schisma no catholicismo francez. Numerosos catholicos de representação, tendo á frente o conhecido jornalista Henry des Houx, dirigiram uma proclamação «aos catholicos praticantes de toda a França», incitando-os a unirem-se n'uma liga destinada a constituir as associações cultuaes creadas pela lei de separação. E a este apello responderam immediatamente milhares de pessoas.

Eis a situação, tal como se apresenta á hora a que escrevemos. Como ella se resolverá não é facil prever, mas quasi póde afirmar-se que não será por forma a deixar mais fortalecida a Egreja romana. Antes pelo contrario!

Na Russia

Decididamente os dirigentes russos perderam a cabeça — e isso é o peor que póde succeder a quem se propõe dirigir povos. Com effeito, só assim se explica a sua systematica teimosia em pretenderem abafar com actos da mais feroz violencia, não já os protestos mas os queixumes do escravisado povo russo. Fazendo successivas promessas de, alias estreitissimas concessões, successivamente tem o governo faltado a ellas, e á mais pequena manifestação de desagrado da opinião publica, manda que o povo seja, indistinctamente, castigado, a golpes de sabre ou a tiros de carabina, quer pelos cossacos, quer pela tropa, quer ainda pelos membros d'essas verdadeiras associações de malfeitores que se constituiram com o pretexto de defender a intangibilidade do poder autocratico.

Ultimamente, por exemplo, queixando-se a municipalidade de Odessa, ao general Kaulbars, governador da cidade, das extraordinarias violencias commettidas pelos membros d'uma d'essas associações — a União do povo russo — o general respondeu que o governo considerava esses elementos como utilissimos ao paiz. E como os pobres edis lhe observassem timidamente, que as victimas d'essas violencias eram quasi sempre creaturas inoffensivas, o governador retorquiu: «Lamento muito isso, mas devo dizer que, n'esse caso, a população é justamente punida por tolerar no seu seio os revolucionarios, em vez de os entregar ás auctoridades. Suponho que não haverá mais conflictos, mas se qualquer dos membros da União apparecer assassinado, Odessa será immediatamente afogada em sangue»!

Lê-se isto e não se acredita que semelhantes palavras possam ser pronunciadas por um representante do governo, por um fiscal da lei, por quem tem por missão manter a ordem! E não só o foram, como traduzem fielmente o espirito que anima o governo, explicando ao mesmo tempo os actos que diariamente são praticados na Russia por sua ordem. Assim, não admira que, por seu turno, os revolucionarios se desforrem, dando cada vez mais incremento á campanha de exterminio em que andam empenhados. A ella succumbiu ha pouco o general Trepoff, um dos maiores responsaveis da actual situação da Russia, e a ella decerto succumbirão todos aquelles que procurem impedir por semelhantes processos a libertação do imperio moscovita.

OBSERVA, REFLECTE... E TEM PRUDENCIA!
Da «*Campana de Gracia*»

GENERAL TREPOFF

SACRIFICIO VÃO!
Emquanto o demonio da desordem paira sobre a Russia, as autoridades ainda são cumplices no morticinio dos judeus. Um judeu prophetisa ao Czar que o sacrificio da sua raça não satisfará o monstro.
Do «*Melbourne Punch*»

A constituição persa

Ha um mez que a Persia é um paiz constitucional. Mouzaffer-ed-Dine, o soberano asiatico que mais conhece a Europa, resolveu-se finalmente a dar uma constituição ao seu imperio, cedendo, por um lado, ao desenvolvimento das ideias modernas que n'elle tem sido espalhadas pelo elemento joven, educado á européa e ás reclamações populares, por vezes violentas, resultantes das exacções de todo o genero commettidas pelo gran vizir Amel-Daoulé, e, por outro lado, reconhecendo talvez que o regimen constitucional, applicado de uma certa maneira... não faz perigar os thronos.

Assim, a Constituição persa é uma constituição... oriental. Outhorgando-a, o *schah* não se despoja da sua soberania, para se converter em mandatario da vontade do povo: resolve-se a convocar uma assembleia nacional, mas prescindindo o mais possivel do elemento popular. Essa assembleia que reunirá «quando as circumstancias o exijam» e contra cujas decisões poderão oppôr o seu *veto* o *schah* e o gran-vizir, comprehenderá: um grupo de principes; a delegação dos *hadjars* (membros da tribu d'onde provém a dynastia

imperial); a delegação dos *mollahs* (sacerdotes); negociantes, membros de diversas corporações e proprietarios.

A assembleia é eleita por todo o cidadão que saiba ler e escrever, tenha mais de 30 e menos de 70 annos e possa apresentar folha corrida. Para o effeito eleitoral, a Persia é dividida em 13 circumscripções, cada uma das quaes elegerá de 6 a 19 representantes, excepto a que é constituida pela capital que elegerá 60. Os deputados em numero total de 156, serão eleitos por 2 annos e inviolaveis.

As eleições serão para dois graus na provincia e directas na capital.

FAUSTO (O REI EDUARDO VII)

MARGARIDA (ALLEMANHA) — *Mal me quer, bem me quer, muito...*

Em Cuba

CONTA-SE que, ao assumir a presidencia da Republica cubana, o velho patriota Estrada Palma, conhecendo bem a indole dos seus concidadãos, dissera tristemente: «Vou ocupar um cargo que ninguem mais, depois de mim, ocupará.» Diz o adagio que ninguem é propheta na sua terra, mas o facto é que essa estranha prophecia está tendo, á hora a que escrevemos, um começo de realisação.

Em fins de agosto o telegrapho annunciava-nos que em Cuba rebentara uma insurreição. A principio ninguem ligou grande importancia a esse facto, muito vulgar nas republicas americanas de origem hespanhola; mas a breve trecho começou a notar-se que o governo cubano era impotente para suffocar a revolta que, de dia para dia, tomava maior incremento, ameaçando alastrar-se para toda a ilha. E, convergidas então as attenções mundiaes para a Perola das Antilhas, averiguou-se que o movimento revolucionario havia sido fomentado, entre os liberaes, por meia duzia de aventureiros despeitados que, tendo tomado parte, mais ou menos importante, na campanha da emancipação de Cuba, se supunham, por isso, com direito a um futuro cheio de benesses e honrarias, com o que o governo constituido não esteve d'accordo.

Adquirindo, finalmente, a certeza de que o governo não lhe satisfaria as ambições, os despeitados pegaram em armas, e para melhor acentuarem que não era uma questão de justiça ou de patriotismo o que os movia, não se limitaram a atacar as tropas fieis: começaram fazendo verdadeiras razzias nas propriedades americanas, causando prejuizos avaliados em alguns milhões de dollars.

O QUE APOQUENTA A COREA

JAPÃO — *Maltrapilho ingrato, vê de que eu te livrei!*

COREA — *Sim, e agora quem me livrará de ti?*

Do «*Minneapolis Journal*»

D. QUIXOTE E O MOINHO DE VENTO

Terrivel ataque do Presidente Rosevelt contra a lingua ingleza.

Do «*Manchester Evening Chronicle*»

CASTELLOS DE AREIA DE BÜLOW

Aguentar-se-ha a Triplice Alliança quando a maré subir e lhe baterem as ondas bravas e insaciaveis?

Do «*Ulk*»

PELA PRANCHA FORA

A prancha (Despezas navaes) está a vergar. Paramos ou vamos ao mar (Desastre)?

Do «*Manchester Evening Chronicle*»

DESCOBERTA

Caricatura do quadro "Desembarque de Colombo,, de Vanderlyn. Allusão ás reivindicações dos americanos No estandarte está inscripta a phrase. "A terra é nossa,,

Do "*Life*,,

Deu-se o que era de prever: a intervenção dos Estados Unidos, garantida a este paiz no artigo 3.º do tratado concluido com a Republica cubana, pelo qual a independencia d'ella foi proclamada. Intervindo, porém, os Estados Unidos assumiram apenas, a principio, o papel de mediadores, e isso mesmo com manifesta repugnancia. N'uma carta enviada ao ministro cubano em Washington, com o caracter de mensagem ao povo cubano, o presidente Roosevelt escrevia:

«Conjuro todos os patriotas a unirem-se, a esquecerem questões pessoaes e a lembrarem-se de que o unico meio de ser conservada a independencia da sua republica é evitarem a necessidade de uma intervenção estrangeira para a arrancar á anarchia e á guerra civil.»

Os revolucionarios não fizeram caso d'estas nobres palavras e, aggravando-se cada vez mais a situação, o presidente Estrada Palma pediu a sua demissão ao Congresso, que lh'a aceitou. N'esse mesmo dia, 29 de setembro, o sr. Taft, ministro da guerra dos Estados Unidos, proclamou-se governador de Cuba e fez desembarcar na ilha tropas americanas.

Eis, pois, novamente, os Estados Unidos na posse de Cuba. Em que qualidade? Evidentemente na de simples protectores. O exemplo das Filippinas tirou á grande nação americana a vontade de se metter n'outra aventura do mesmo genero. E esse protectorado, razoavelmente imposto á pequena republica antilhana, terminará decerto quando ella se mostrar digna da sua independencia. Em todo o caso, a acção dos Estados Unidos é encarada suspeitosamente por muitas potencias, que attribuem propositos de imperialismo, onde porventura apenas existem interesses commerciaes.

A CARGA DOS ARMAMENTOS

John Bull acha a corrida tão fatigante que precisa descançar. O que é perigoso é que elle caia a dormir e que os outros lhe passem adeante

Do "*Kladderadatsch*"

Vida na sciencia e na industria

ALVO REGISTRADOR

Alvo registrador

É esta uma engenhosa invenção que favorece os atiradores com uma consideravel economia de tempo. O alvo a que se atira está em communicação electrica com um disco mais pequeno collocado no local d'onde partem os tiros, como se vê na figura que reproduzimos. Os tiros que acertam no alvo são automaticamente marcados n'esse disco.

Novo apparelho de sondagem

A roda de sondagem, inventada pelo sr. Earle, de Washington, permitte conhecer não só o relevo do fundo, mas tambem obter um traçado graphico dos levantamentos effectuados. Compõe-se de uma haste comprida inclinada, ligada á prôa do navio por meio de uma especie de mosquete ligado exteriormente á amurada. A haste penetra na agua, inclina-se para ré e está ligada a uma roda sempre em contacto com o fundo. D'essa roda parte uma segunda haste, que termina n'um carril situado á popa, depois de passar por um guiador fixado ao navio. Esta ultima haste é graduada, permittindo ler em qualquer occasião a altura da agua.

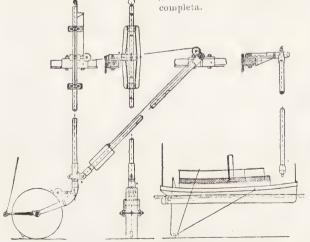
Ha uma campainha automatica actuada por dois dentes praticados na roda e que fazem mover um braço junto da campainha, a qual accusa assim o contacto constante entre a roda e o fundo. Finalmente, um systema de registro automatico inscreve as sinuosidades n'uma tira de papel enrolada n'um tambor.

Affigura-se-nos este um elemento importantissimo para os estudos oceanographicos.

Cura da lepra

O Dr. Desprez considera que o oleo puro de Chaulmoogra é, se não um remedio especifico, pelo menos um meio de curar a lepra em grande numero de casos. O Dr. Vauthain applica de 100 a 150 gotas de oleo depois das refeições, e tem notado melhoras depois de tres mezes de tratamento. Outros clinicos cita o Dr. Desprez, assim como um grande numero de casos de cura pela applicação d'este oleo. Mas a pureza d'elle é uma condição *sine qua non*. O oleo pode applicar-se em injecções subcutaneas ou em beberagem. Dentro de 15 a 20 dias pronunciam-se melhoras. Os doentes recobram o appetite e a sensibilidade, começam a fortalecer-se, e digerem melhor os alimentos. Passado um anno ou dois é completa a cura.

Tratamento do cancro

Um novo e simples agente therapeutico foi descoberto nas folhas da violeta. Parece que, comquanto não esteja plenamente reconhecido o seu effeito curativo sobre o cancro, é indubitavel a sua acção lenitiva. Em alguns casos tem-se obtido a cura completa.

APPARELHO DE SONDAGEM EARLE

A vida nos campos

OUTUBRO

No campo

Depois da colheita das uvas, ou vindima, segue o lavrador com a colheita da azeitona e começo dos trabalhos do fabrico do azeite.

Não só entre nós, como tambem n'alguns paizes estrangeiros, e onde os processos culturaes se acham mais bem estudados, se emprega a vara na apanha da azeitona. Fazemos esta observação para nossa desculpa. O varejamento da oliveira é operação tão condemnavel, que expõe quem a pratica ou consente a juizos bem pouco lisonjeiros. Embora haja opiniões que procurem a approvação do processo, basta examinar-se minuciosamente uma oliveira, utilissima arvore merecedora de todo o carinho, depois de mandada açoitar barbaramente pelo dono, para que *largue alli* todo o seu rendimento!

Uma desolação! Comprehende-se logo a razão da *contra-safra*, ou falta de rendimento de um olival alternado com a *safra*, ou rendimento normal; os germens da fructificação alli ficam completamente destruidos pelo cacete ou vara! Emfim, contentemo-nos com o facto de se ver apparecer aqui e alli, a pouco e pouco, quem vá pondo a rotina de parte e lançando mão dos processos racionaes.

Colhida a azeitona á mão ou á vara, é apanhada do chão por mulheres, que aos ranchos acompanham a sua lida com as caracteristicas cantigas da região, ora lisonjeiras, ora deprimentes, para amigos ou inimigos que, não ficando atraz, alimentam com interessantes replicas a animação da scena. Não quer isto dizer que o trabalho da *apanha* sempre assim corra animado, pois que isso depende da jovialidade do pessoal, que nem sempre é o mesmo.

A azeitona é levada para o lagar, onde toma logar nas tulhas ou caixas de madeira ou alvenaria, enfileiradas junto á parede.

Crêem quasi todos os lagareiros que quanto mais tempo a azeitona ahi se demorar mais azeite produz. É mais um preconceito merecedor de uma lucta insistente.

Se a azeitona demorada nas tulhas apresenta maior facilidade em ser esmagada no moinho, é porque começou a sua decomposição, e esse estado é o primeiro passo para a fermentação e acidez do azeite, que hoje não é admissivel senão até um grau muito inferior.

Se a azeitona pudesse ser trabalhada, como as uvas, á medida que vão sendo colhidas, o producto seria invariavelmente tão perfeito quanto o permittisse a qualidade d'ellas.

Como para isso é necessario uma importante transformação do lagar, que não póde ser rapida, tem de se fazer esperar o fructo amarzenado.

Para isso é necessario estendel-o em camadas de menos de palmo de altura, em sitio arejado. O mais commodo é estabelecer estrados sobrepostos, n'um pavimento por cima do lagar, para onde seja facil fazer cahir a azeitona dentro da tremonha do moinho. O arejamento mais perfeito é uma corrente de ar graduavel segundo as necessidades, e obtida por meio de janellas oppostas.

Colhida e armazenada a azeitona, segue o trabalho da extracção do seu oleo, de que nos occuparemos no mez seguinte.

Na vinha

Na vinha trata n'este mez o viticultor de fazer as primeiras cavas preparatorias para o inverno, enterrando as parras que ficaram soltas depois da vindima.

É, no emtanto, na adega que se concentra mais a sua attenção, por estar a acabar a fermentação dos mostos, e com isso o completo desdobramento do assucar e sua transformação em alcool. Esta evolução, chamada fermentação lenta, dá-se em geral nas vazilhas, onde o vinho se vae aclarando ou limpando pelo assentamento das borras.

Os cuidados que o vinho necessita, a attenção que se torna necessaria para acompanhar todo o processo da sua formação, constitue difficuldades que nem todos vencem, mas que dão origem a uma predi-

lecção tão profunda por este ramo de industria agricola, que só com isso se pode explicar o assustador alargamento dos vinhedos no nosso paiz.

No jardim

PLANTA-SE n'este mez toda a especie de plantas bolbiferas, taes como iris, jacinthos, auriculos, junquilhos, etc.; e recolhe-se das geadas no inverno aquellas que teem de ser mettidas na terra mais tarde, como dahlias, boas noites, caladios, etc.

Tambem n'este mez se muda para vasos as estacas das flôres que, retiradas para sitio abrigado, podem alegrar-nos os tristes dias do inverno com as suas flôres mais ou menos vistosas e de variegadas côres e com os seus deliciosos aromas.

No numero d'estas conta-se as cinerarias, asteres que a nossa gravura representa, e que de uma variedade de côres nas suas petalas, circumdando o botão central amarello, produzem um aspecto alegre em qualquer salão.

Tambem começa n'este mez a apparecer o crysanthemo ou despedidas de verão, uma das flores que mais trabalho dá.

Vida no sport

A BARQUINHA DE SANTOS DUMONT NO CONCURSO DA TAÇA GORDON-BENNETT

A taça aeronautica Gordon-Bennett

REALISOU-SE no dia 30 de setembro em Paris o grande concurso aeronautico para disputar a taça Gordon-Bennett. Sete nações se fizeram representar: Inglaterra, Hespanha, Italia, America, Belgica, Allemanha e França. O premio pertencia á maior distancia percorrida. Foram dezeseis os balõe que se elevaram do jardim das Tulherias. O vencedor foi o sr. Frank Lahm, campeão da America, o qual desceu 15 milhas ao norte de Scarborough (Inglaterra). O segundo foi o sr. Vonwiller, n'um balão italiano, e o terceiro o conde de La Vaux (francez).

O illustre aeronauta Santos Dumont foi victima de um ligeiro desastre, tendo que desistir da corrida. O seu aerostato tinha uma construcção especial. Era o unico que possuia um appendice automatico. Alem d'isso, a barquinha era munida de dois helices ascensionaes para evitar a demasiada despeza de areia, d'onde resultou fazer a elevação com muito maior facilidade que os outros concorrentes.

Contra a poeira da estrada

ESTÁ-SE experimentando em Inglaterra um preparado, chamado *Hahnite*, para evitar a poeirada nas estradas, que, sobretudo com a crescente circulação dos automoveis, se vae tornando um terrivel flagello. É uma emulsão de natureza oleaginosa, e pode misturar-se com agua. Os fabricantes allegam em seu favor a efficacia em apagar o pó, a duração, a relativa barateza, o não se estragar com a chuva e evitar a lama, a preservação que dá ás estradas, e o ser um desinfectante efficaz. O custo da primeira rega, para cerca de seis semanas, anda pelo mesmo que com agua não diluida, mas depois não passa muito de metade. As nossas illustrações mostram como se emprega a solução por meio de um carro de regas vulgar e um automovel passando sobre a estrada já preparada.

CONTRA A POEIRA DA ESTRADA

Estrada preparada — *Como se faz a rega*

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 »	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 »

Semestre 60 %
Trimestre 40 % } **Ao preço do anno**

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de **Pequenos annuncios,** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

Typ. «A Editora»

SERÕES

NOVEMBRO · DE · 1906 ≈ N.º 17

Summario

Correspondencia dos SERÕES

O NOSSO TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO

Terminou em 31 de outubro o praso para a remessa das provas para este concurso.

No momento em que escrevemos, o jury competente trata de as analysar e classificar com todo o escrupulo.

As decisões publicar-se-hão no proximo numero. Podemos desde já lisongear-nos com a affluencia de concorrentes que continua a mostrar o bom acolhimento dos *Serões* em todas as provincias de Portugal. E ao mesmo tempo congratulamo-nos pelo excellente serviço que julgamos prestar á arte photographica, desenvolvendo-se entre os amadores e dando-lhe o cunho verdadeiramente artistico, que a caracterisa actualmente no estrangeiro.

A nossa ambição seria tornar os SERÕES um brilhante e permanente campo de concurso para os photographos do paiz.

CAIXAS DE RAPÉ

O artigo que com este titulo publicámos no nosso numero 16 deu logar a uma justa reclamação do nosso amigo sr. Alfredo Guimarães, que graciosamente se havia promptificado a conceder-nos a reproducção de alguns dos preciosos exemplares de sua collecção. Algumas das caixas de rapé, attribuidas á collecção do nosso amigo sr. Alfredo Keil, pertenciam á do sr. Alfredo Guimarães. Um equivoco do photographo occasionou o erro involuntario, que aliás cremos escusar uma rectificação pormenorisada, visto que os dois illustres colleccionadores não teem razão de se maguar, nem de receiar competencias. A ambos n'este logar tributamos a sincera expressão dos nossos agradecimentos, assim como ao sr. Carlos Reis, director do Museu Nacional das Janellas Verdes, que nos proporcionou amavelmente a reproducção dos exemplares alli existentes.

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA
CAXAMBÚ

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

SEROES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

The Teikokugaho Au illustrated monthly Magazine—The Fuzanbo, Publishing Co—Tokio Japan—Novembro de 1909.

El Despertar Hispano — *Publicacion Semanal de caracter absolutamente independente* — Ano II — Buenos Aires — Octubre 1906 — n.os 6 e 7.

A Aurora do Porvir — Publicação mensal, Recreativa e Instructiva. — Anno III — n.º 29 — Novembro de 1906.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Anno VII — n.º 8 — 1 de Outubro de 1906 — n.º 200 — *Artigos principaes:* O atelier de um artista — Architecto, sr. Tertuliano de Lacerda Marques — Cooperativa predial Portugueza, etc., etc. — n.º 9 — 10 d'Outubro de 1906 — n.º 201 — *Artigos principaes:* Casa e atelier de artista — Legislação da Construcção etc., etc.—n.º 10—Outubro 20 de 1906 — n.º 11 — 1 de Novembro de 1906 — n.º 203.

A Parodia — n.º 166 — 27 de Outubro e 3 de Novembro de 1906.—Jornal humoristico semanal illustrado.

A Saude — Revista mensal — IX anno — n.º 97 e 98 Agosto e Setembro de 1906.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e agricultura geral* — Anno XXI — Outubro 1906 — n.º 10 — Artigos principaes: Chronica e noticias — Chronica do Norte — Os vinhos do Minho. etc.

A Renascença — *Revista mensal illustrada, letras, sciencias e artes.* — Outubro 906 — Anno III — n.º 32 — Artigos principaes: Eugene Corrière — O instituto de Manguinhos — Enforcado etc., etc.

Para a Vida — Augusto Casemiro — Um livro de versos, impresso em bom papel e editado pela casa João de Maria Marques de Coimbra.

Echo Photographico — *Jornal mensal de sport photographico* — Anno I — Novembro de 1906 — n.º 6.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 3.ª Serie — Outubro de 1906 n.º 32 — *Artigos principaes:* O caminho de ferro e o porto da Beira — junta consultiva do Ultramar — Inclinação e declinação magnetica da Beira, etc etc. — 3.ª serie — Novembro de 1906 — n.º 33 — *Artigos principaes:* — Florestas, — Inspecção ás escolas da Beira — Rebocador Marquez de Fontes, etc. etc.

La Mujer Ilustrada — *Revista Ibero Americana* Madrid — Septiembre de 1906 — n.º 11.

Os Annaes — *Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria* — Anno III — Rio de Janeiro — 20 e 27 de Setembro — n.os 99 e 100.

Revue d'Italie — Troisième année, dixième livraison Octobre — *Sommaire:* — Raphael Michel Auge et Leonardo — H. Mererd — L'eutente Cordiale Alphonse de Lamartine, etc. etc.

Historia do Brazil (illustrada) — por José Francisco da Rocha Pombo — Vol. I — de cerca de 600 pag. — N'este bello trabalho historico, ha referencias a obras portuguezas de alto valor, entre ellas o trabalho do sr. Fortunato da Fonseca, estabelecendo a prioridade do descobrimento do Brazil por portuguezes.

Criminosos loucos — por Paulo Osorio — Porto, 1906 — curioso estudo de criminalogia moderna, com applicação a Portugal.

Dolores — por Ribeiro de Carvalho — 43 pag. — segunda edição de um poemeto, que a seu tempo recebeu merecidos applausos da critica.

Lagrimas — por Aguiar Novaes — Porto, 1906 — opusculo de um brazileiro — Grito de tristeza sobre o desastre do «Aquidaban».

Notas de reportagem — por Luiz Derouet — Viuva Tavares Cardoso, Lisboa — 116 pag. — interessante e espirituosa narrativa da excursão dos estudantes portuguezes a Paris.

Instrucções para o tratamento das hemorrhoidas — por Francisco José da Costa — Vol. de 190 pag. cuja descripção consta do titulo.

Pombas feridas — por Oudina — Aillaud, Paris — 115 pag. — Poesias, repletas de sentimento e imaginação.

Peregrino (O) por Orlando Marçal — Fol. de XIX pag. — Coimbra — Trechos de um poema dramatico, com leves incorrecções de technica, mas denunciando aptidões brilhantes.

Livro de viagem — por Gonçalves Maia — Empreza do «Amazonas», Manáos — 359 pag. — Interessante e vivida — sympathica observação de monumentos e usos de Portugal, feita por um brazileiro.

Pallium — *Revista mensal* — Anno I — Recife — Agosto e Setembro de 1906 — n.º 3 e 4 — *Artigos principaes:* — Dr. Clovis Bevilaqua e D. Amelia de Freitas Bevilaqua — Cronica — O cyclone, etc. etc. — Fausto Cardoso — Cronica — Ultimo canto — Historia de um cenaculo, etc. etc.

A mocidade no claustro

Quadro de A. Roesler

ANTONIO CARNEIRO

Esboço para o estudo de uma obra atravez de um temperamento

A quem olhar, mesmo de relance, a obra que este artista realisou n'estes ultimos annos, avulta desde logo á evidencia um avanço evolutivo verdadeiramente inesperado.

E já não quero referir-me aos progressos da technica, ao que poderia chamar-se evolução da fórma. Essa, como em todos os artistas de raça, produziu-se n'um sentido já previsto, o da maxima simplificação e sobriedade. Quero sobretudo referir-me ao avanço evolutivo no dominio concepcional. Ahi é que a evolução se fez n'um sentido absolutamente inesperado.

Eu me explico.

N'uma exposição que Antonio Carneiro realisou ha quatro ou cinco annos, o seu temperamento artistico parecia definitivamente polarisado. N'esse momento, que parecia marcar d'um modo decisivo a sua orientação, o artista poderia definir-se como sendo um pintor retratista, que de quando em quando pintava paizagens d'uma grande intensidade emocional, mas ainda pelo mesmo processo que pintava retratos, porque eram paizagens onde a expressão de estados subjectivos era a nota predominante. Então, quem comparasse um dos muitos retratos que o artista expunha com uma das telas chamadas de composição, não deixaria de notar uma desproporção, flagrante, enorme. Ao passo que os retratos revelavam um artista proximo da maturidade, prestes a attingir uma perfectibilidade inconfundivel que é o cunho de todos os grandes ar-

ANTONIO CARNEIRO
(desenho do proprio)

ESTUDOS PARA O QUADRO «A CEIA» (1904)

sempre a figura central, eram um pedaço expressivo de paizagem vaga, onde as figuras fluctuavam fundidas na mesma luz silenciosa e indecisa das cousas e pareciam irromper do sólo como vultos de arvores. A «Rachel», mais do que a evocação d'um trecho biblico, exprimia a sensação d'um trecho melancolico de paizagem: um dorso de collina banhada pela claridade baça da lua nascente á hora tranquilla do anoitecer. Os estudos para a «Ceia», esses então eram d'uma precisão demonstrativa. Essas cabeças d'apostolos, tão humanamente plebeias, vistas destacadamente, em estudos, tinham uma tal intensidade

ANTONIO PATRICIO *(desenho a carvão)* (1904)

tistas quando estão plenamente possuidos de todos os recursos da sua arte, — os seus quadros de composição pareciam dizer d'um modo inilludivel que esse seria um genero de pintura em que o artista estava condemnado a falhar sempre. Depois, a tornar mais nitida e accentuada esta desproporção, vinha juntarse o facto de certos estudos que o pintor fizera para esses quadros serem obras notaveis de retratista, ou pedaços magnificos de natureza, coados sempre, é preciso não esquece-lo, atravez do temperamento pessoalissimo do artista e por conseguinte impregnadas d'uma emoção intensamente subjectiva.

Os estudos para o «Baptismo», mais do que uma acção onde o homem é

de expressão, eram desenhadas com uma tal largueza e segurança, e sobretudo tinham uma tal individualidade, de tal modo viviam em si mesmas, que a ninguem (ou quasi ninguem) era possivel vêr n'esses fragmentos de vida outra coisa senão retratos, esplendidos retratos de typos rudes, de fé rude, é certo, mas retratos todavia. Depois esses estudos sobrepujavam de tal maneira a tela definitiva, que não só era legitimo, mas era forçoso concluir que Antonio Carneiro era essencialmente um pintor de retratos.

RACHEL *(quadro a oleo)* (1905)

Pois bem: essa desproporção desappareceu; o dominio concepcional do artista amplificou-se na sua faculdade de traduzir e amplificou-se até á qualidade maxima, typica do genio creador, que é o poder de crear figuras syntheticas, attingindo a generalidade de symbolos humanos e de realisar n'uma expressão a synthese d'uma infinidade de expressões. E para certificar d'um modo absoluto e claro de quanto o genio creador de Antonio Carneiro é capaz de realisar, bastaria apontar essa tela prodigiosa, inolvidavel como uma obsessão,— o «Christo» —onde o artista n'uma figura isolada conseguiu exprimir a synthese d'um grande drama collectivo.

Antes de mais, é preciso friza-lo bem, o «Christo» não é uma tela religiosa, banhada de fé e espiritualidade christans. Tão pouco é, como á primeira vista poderia suppor-se n'um artista d'estes tempos de enfebrecido atheismo, uma tela anti-religiosa, depreciativa, condemnatoria d'esse conjuncto de factos que foi a irrupção original do Christianismo. É sobretudo — uma tela humana. Em qualquer dos dois sentidos, o Christianismo é um thema d'arte definitivamente esgotado. Já não pode inspirar senão obras d'arte hybridas, deficientes, incompletas. Para ser fecundo, como thema d'arte, é preciso ser encarado

pelo seu lado exclusivamente humano. E assim, o Christo doentiamente bondoso, avido de soffrer pelos outros, que se fez matar n'uma crise de passividade, n uma ancia exaggerada, pathologica, de amor ao proximo, o Christo-deus, vestido com os lendarios esplendores do mytho solar da redempção — para o conceber, sentir e realisar, seria preciso que revivescesse a crença morta das gerações extinctas ha seculos já. O outro Christo, tal como era concebido no polo opposto da religiosidade mystica e christan, o reivindicador da plebe, o fanatico criminoso da ralé, o apostolo da abjecção humana das coleras nietzscheanas, podia ser e foi um thema da arte de ha algumas dezenas d'annos. Hoje não. Hoje o Christo é apenas um symbolo humano, na expressão de Emerson — *um representective man*. Elle foi o Homem, o Homem que representou a humanidade atravessando uma crise lenta de transformação, o homem collocado no espaçoso limiar que separa dois mundos, um mundo que desaba em ruinas e um mundo que se forma. Simplesmente o Christo assim concebido, em vez de viver alguns annos, viveu alguns seculos.

CLAUDIO *(sanguinea)* (1902)

Não será bem, como Carlyle pretendia para o mytho scandinavo d'Odin, um heroe real, um homem de *carne e osso*. Uma humanidade de carne e osso indubitavelmente foi-o. Foi uma ideia viva e como tal abrange a latitude d'um symbolo humano. É esse homem-ideia que é a figura central d'um grande drama, mixto de lenda e de realidade, drama de quasi tres seculos, que a humanidade viveu ha perto de dois mil annos. Consequentemente, essa figura resume condensadamente em si toda a acção d'esse drama complexo: ella é o symbolo vivo d'uma das mais bellas ondu-

RETRATO DE MARCOS GUEDES *(a oleo)* (1898)

dor romano, collocando o gallileu, manietado, em face dos que o accusam, diz: — *eis o homem.* O Homem de facto: o Homem que é réu d'um crime monstruoso, absurdo, o — crime do ideal. É claro: o que avulta menos é o caso historico: o que avulta essencialmente é o facto humano. Para o ponto de vista artitisco, o que importa menos é saber se ha perto de vinte seculos um gallileu sobre-humano era accusado por uma multidão fanatica e enraivecida de andar a semear um ideal novo: o que importa principalmente é o conflicto do Homem, messianico e incomprehendido, com os homens, porque d'esse conflicto depende o destino da humanidade. A intensidade emocional d'esse drama do passado não deriva senão do quanto n'elle existe de drama quotidiano. Não se trata só d'um episodio dramatico da vida de Jesus: trata-se sobretudo d'um episodio dramatico da vida do Homem que ultrapassa a humanidade do seu tempo, do Homem que no dizer de Nietzsche é Sobre-homem.

lações do pensamento humano. E assim despojada de todos os accessorios lendarios, das alegorias mysticas e depurada de todos os traços defeituosos que a realidade historica parece attribuir a certo agitador da Gallileia, essa figura adquire um relevo maximo. Fica mais abstracta, é certo, mas tambem fica mais largamente humana, porque abrange uma maior porção de humanidade. É que deste modo esse Christo-ideia é simultaneamente o Homem, resumo d'uma humanidade de tres seculos.

Eis o fundo concepcional da tela de Antonio Carneiro. A dentro d'esse drama extranho, o artista escolheu o episodio nodal, aquelle em que a acção parece concentrar-se e aquelle que, sendo de todos os tempos e de todos os logares, é por conseguinte o mais humano. É aquelle em que o impera-

Poucas telas conheço onde um assumpto esteja realisado com tanto vigor. O desenho, a expressão, a attitude da figura são d'uma sobriedade magistral, d'uma unidade perfeita e sobretudo d'uma pujança emocional obsessiva, inolvidavel. O corpo erecto, envolvido n'uma luz diffusa, ou, como diria Leonardo da Vinci, «illuminado pela luz universal do ceu e pela sombra universal da terra». A cabeça n'um gesto de altiva tranquillidade. Os olhos fundos, serenos como consciencias sem medo, desfocados, ou melhor — abrangendo (e reflectindo-o até) todo um mundo vasto que o condemna e o não

comprehende. Em summa: a expressão e attitude estoicas do homem que se colloca orgulhosamente acima de si mesmo, á altura do seu Ideal, do Homem que no espelho da propria consciencia se sente e vê — Sobre-homem.

ESTUDO PARA O QUADRO «O BAPTISMO»

Eu disse que em Antonio Carneiro se operou uma evolução *inesperada*. Não quer isto, comtudo, significar que essa evolução não seja explicavel. É-o até bem singelamente, hoje sobretudo e principalmente para quem, como eu, conhe-

cer bem o artista, o seu temperamento, o seu processo de trabalho e a sua obra. De resto, explicar essa evolução é uma coisa que resulta mais do conhecimento do temperamento do artista do que do conhecimento da propria obra.

O «BAPTISMO» (GRUPO CENTRAL) *(sanguinea*

Diz-se que «a obra d'arte é sempre um pedaço de natureza atravez d'um temperamento» É exacto. Simplesmente ha temperamentos que reflectem a natureza depois de elaborada e ha-os que a reflectem apenas: n'um caso a

ESTUDO DEFINITIVO PARA O QUADRO «CHRISTO» *(sanguinea)*

Antonio Carneiro, não resulta apenas d'um acto unico — reflectir; mas sim d'um trabalho duplo: interpretar e exteriorisar. Em face da natureza, antes de tudo elle sente necessidade de a interpretar. Interpretar a natureza é descobrir-lhe uma lei modeladora. Para o artista essa lei chama-se alma (pouco importa o termo) e interpretar a natureza é buscar, por entre as formas, a expressão reveladora d'essa alma. Uma vez interpretada, uma vez achada a alma (ou lei) que a modela, começa para o pintor um outro trabalho de elaboração intima, de gestação silenciosa, de verdadeira creação interior, que consiste em converter a expressão esthetica, tornando-a evidente e sensivel aos que d'antes a não viam ou não sentiam, em summa em traduzir a natureza em obra d'arte.

Em face d'isto, toda a obra de Antonio Carneiro se explica natural e espontaneamente. Sendo n'elle a obra d'arte o resultado directo d'um estado subjectivo, o valor esthetico de cada tela explica-se e pode medir-se até pelo grau de intensidade emocional creadora e pela qualidade da emoção que o assumpto produziu na alma do artista. Demais, apezar de Antonio Carneiro conhecer maravilhosamente todos os recursos technicos da sua arte, na sua obra nunca a expressão technica consegue ultrapassar a emoção crea-

obra d'arte é expressão a subjectiva da natureza, n'outro caso a sua expressão objectiva. É Antonio Carneiro um artista que só realisa *quanto sente e pensa* e não apenas quanto *vê*. É um subjectivo, em summa, e para elle a obra d'arte é a expressão d'um estado subjectivo. A creação esthetica, em

dora. Elle não sabe á custa d'um excessivo poder de realisação encobrir uma emoção apagada. É um artista que apenas realisa como sente. E assim se explica o facto paradoxal de certos estudos, da «Ceia» e do «Baptismo» por exemplo, serem d'um valor artistico bem superior ao da tela definitiva. A «Ceia», abstrahindo mesmo de que ella significa um traço mythico das religiões primitivas, afflorando em pleno Christianismo, e encarado á luz da philosophia christan, é um assumpto gasto e não pode agitar fortemente a sensibilidade d'um artista de hoje. O mesmo não aconteceu com os estudos para esta tela. Pedaços da vida real, da vida de hoje, o artista tratou-os com todo o carinho de quem está inteiramente possuido d'esses themas fragmentarios, esquecido da emoção que devia imprimir á tela definitiva a sua unidade, sentindo-os em si mesmos, desligados do conjuncto que deviam formar. Ao integral-os no assumpto central da tela que o artista não podia sentir fortemente, porque representava uma emoção extincta, transplantou-os para uma outra luz, para uma outra vida, e toda a harmonia expressiva que elles continham isoladamente, na luz do seu meio, dentro da sua vida, se perdia, apagada, abafada, como n'um ambiente de asphyxia. Claramente: esses estudos são bellos pedaços d'arte, porque o artista os sentiu, porque os foi buscar e escolher á vida; a tela definitiva fica muito aquem d'estes estudos, porque o artista não podia sentir, ou, quando muito, sentia fracamente, esse velho assumpto d'uma religião morta.

No «Baptismo» semelhantemente. Ha a accrescentar que no «Baptismo» a emoção creadora, dominante, era principalmente uma emoção contemplativa: uma emoção de paizagem biblica. Mais do que uma acção dramatica, o pintor evocava um trecho da Palestina, onde os vultos das figuras, indecisas e esbatidas como vultos de arvores, se perdiam na luz frouxa e triste do entardecer á beira do lago adormecido. Quando o artista quer recortar e perspectivar a acção, a dentro d'esse ambiente de luz vaga banhando um pedaço de natureza silenciosa, elle não faz senão afrouxar o que a emoção contemplativa creou.

Mas mesmo no pintor retratista se observa um phenomeno identico da creação subjectiva: são sempre mais perfeitos os retratos em que o artista está senhor do assumpto. O assumpto n'um retrato, é, claramente, a personalidade do retratado. Sendo Antonio Carneiro um artista que se conhece a si mesmo, que se interpreta, que se explica, um consciente da propria individualidade, logicamente conclue-se que o melhor de todos os retratos seria o que elle pintou de si mesmo. De facto é uma tela notavel, da qual Guerra Junqueiro me dizia «ser uma obra d'arte que lembrava e valia qualquer das melhores telas dos grandes mestres hespanhoes». Esse retrato, d'um caracter accentuadamente contemplativo na sua tonalidade vagamente melancolica, reflecte intensamente a ultima phasse, sonhadora, idealista, da mocidade do pintor.

Mas rigorosamente documentativos, sob este ponto de vista, são os dois retratos de Antonio Patricio, que o artista fez em epocas differentes, separados pelo intervallo espaçoso de alguns annos. Esses retratos dão simultaneamente a medida da amplificação evolutiva do artista e do seu processo

de trabalho. O primeiro d'estes retratos, posto que não seja uma obra mediocre, e já accuse uma maneira de pintar francamente pessoal, não é todavia de molde a sustentar uma comparação com alguns retratos que Antonio Carneiro pintou por essa epocha, menos ainda com os que executou depois, como é o de Dona Beatriz Mourão, e até nem mesmo com alguns que o artista pintara anteriormente, como o de Alfredo Coimbra, apezar de este retrato se resentir ainda da influencia de alguns pintores hespanhoes, de Ribera sobretudo. Porém, o ultimo retrato de Antonio Patricio é uma obra perfeita, completa, uma d'estas obras d'arte que, vistas uma vez, não esquecem mais. Esse retrato é mais do que o retrato d'um homem: é a expressão pastica d'um typo humano. E é singela a razão da distancia que vae d'um retrato ao outro: é que não só o pintor evoluiu, mas tambem, na epocha em que pintou o primeiro d'esses retratos, elle conhecia deficientemente Antonio Patricio, ao passo que, ao tempo que desenhou o segundo, já não conhecia a mesma coisa. E para isso creio ter concorrido poderosamente o facto de Antonio Patricio, durante o intervallo de tempo que vae de um retrato ao outro, ter publicado o «Oceano», livro que, alem de ser uma especie de auto-monographia psychologica do poeta, feita em linguagem d'arte, é tambem a expressão subjectiva, intensamente sentida, d'uma grande crise da alma contemporanea. E é por isso mesmo que esse retrato, como obra d'arte, attinge a latitude d'um typo humano.

De resto, é esta a qualidade predominante de Antonio Carneiro e aquella que revela accentuadamente o seu genio creador, mesmo como pintor de retratos: é retratar individuos, dando-lhes ao mesmo tempo, sem lhes apagar o caracter que lhes imprime individualidade, a maxima generalidade possivel de typos.

Cada homem abrange em si e representa uma porção de humanidade: cada individuo contem em si um typo. Antonio Carneiro, nos seus retratos, não exprime exclusivamente a individualidade do retratado, exprime tambem a amplitude representativa. Isto, que affirmo, podia ainda ser exemplificado com o retrato do snr. Francisco Cardoso, — uma obra d'arte poderosa, impressiva, que dirieis desenhada com uma sobriedade leonardesca. De resto, o «Christo», que é senão um retrato ideal d'um homem universal, que abrange e representa uma humanidade, o retrato do Homem?

ERNESTO *(carvão)*

Como paizagista, é ainda e sempre o mesmo subjectivo: mais do que pedaços da natureza, o artista pinta sobretudo as proprias sensações, o que vulgarmente se chama estados d'alma. Fitae de relance uma d'essas paizagens: a natureza em si parece perdida n'uma bruma longinqua e o que avulta e resalta vigorosamente é a sensação do artista, o seu estado su-

bjectivo no momento da creação artistica. As paizagens de Antonio Carneiro são notaveis sobretudo pela luz. Ellas não emocionam principalmente pelo desenho, pela linguagem simples das linhas, emocionam sobretudo pela linguagem luminosa. E comprehende-se que assim seja. A luz é a mais expressiva linguagem das coisas. O mesmo objecto, illuminado diversamente, exprime coisas diversas, falla de coisas diversas, desperta sensações differentes. Esta affirmação minha tornar-se-ha evidente um dia breve em que o artista expuzer uma soberba collecção de marinhas, pintadas ultimamente, surprehendentes pelos effeitos de luz.

Se na trajectoria evolutiva d'este artista as telas e os desenhos definitivos marcam os pontos essenciaes d'essa evolução, os estudos — sobretudo os desenhos — representam nas suas minudencias toda a linha evolutiva do artista.

Eu creio poder dizer, sem receio de que me accusem de hyperbolico, que em Portugal se não desenha melhor.

E a demonstra-lo melhor do que eu — está ahi toda a sua obra, desde os estudos da «Ceia» até aos retratos de Antonio Patricio e do snr. Francisco Cardoso, onde Antonio Carneiro attingiu a plenitude da perfeição.

MANUEL LARANJEIRA.

O BERGANTIM

A Macedo Papança

N'um bergantim doirado — audaz e temerario —
Fiz-me rumo do Amor... As brancas vélas pandas,
— Infladas como outróra as vélas de um corsario, —
Transportaram-me, em breve, o barco áquellas bandas.

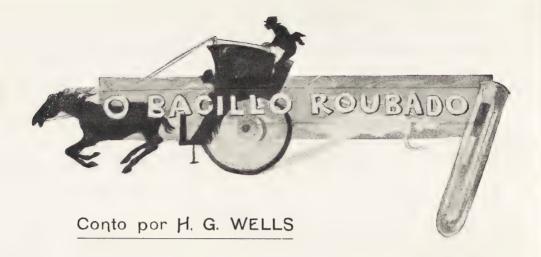
Era um paiz formoso! Immenso Sanctuario,
Patria de virgens mil... Nas doces fallas brandas,
Nos meigos corações, eu — louco visionario! —
Revia as que eu amei Imagens Venerandas!

Amei, gosei, vivi... Depois, deixando o amor,
Sulquei de novo o Mar, em busca do caminho
Das Indias do Milhão — el-Rei nosso Senhor!... —

Depois... tombei exhausto! E hoje, só, com o Passado,
Deduzindo o Futuro, eu vivo tão sósinho,
Sem virgens, sem Amor, sem bergantim doirado...

Rio de Janeiro — Outubro de 1906.

FERNANDO NÉRY.

Conto por H. G. WELLS

EJA agora isto! — disse o bacteriologista, collocando um vidrinho sob o microscopio — Isto é nada mais nada menos que uma preparação do afamado bacillo do cholera, o germen d'essa terrivel doença.

O homem espreitou; mas evidentemente não estava costumado áquillo, e levou a mão branca ao olho que estava fora da ocular.

— Não vejo quasi nada — disse elle.

— Ande com o parafuso — retorquiu o bacteriologista — talvez que o microscopio esteja fora de foco para a sua vista. A vista varía muito. Basta um tudo nada para a direita ou para a esquerda.

— Ah! agora vejo! — exclamou o visitante — Que, a dizer a verdade, não ha lá muito que ver. Uns traçosinhos de nada, umas nodoasinhas vermelhas. E no emtanto, estas particulas insignificantes, estes simples atomos, podem multiplicar-se e devastar uma cidade inteira! É pasmoso!

Tirou o vidrinho do microscopio e ergueu-o, pondo-o á luz da janella.

— Mal se vêem! — disse elle, examinando o preparado. E depois de hesitar um momento, proseguiu — E estes estão vivos? São perigosos, assim como estão?

— Não! — replicou o bacteriologista. — Esses foram coloridos e mortos. Quem me dera a mim que nós pudessemos colorir e matar todos que existem por esse mundo fóra!

— Supponho — disse o homem pallido, com um sorriso imperceptivel — que os senhores não se dão ao incommodo de mexer com cousas d'estas no estado de vida ou de actividade?

— Pelo contrario! — respondeu o sabio — somos obrigados a tel-as. Olhe, por exemplo — e atravessou o gabinete e pegou n'um de entre varios tubos sellados — Aqui tem uns com vida. É a cultura das bacterias authenticas e vivas — e hesitou um momento — Cholera engarrafado, por assim dizer.

No rosto pallido do homem appareceu por um instante um vislumbre de jubilo.

— É um perigo de morte uma cousa d'estas nas suas mãos — disse elle, devorando com os olhos o exiguo tubo.

O bacteriologista reparou no morbido prazer denunciado nas feições do visitante. Interessava-o, exactamente

pelo contraste das suas disposições, aquelle homem que n'aquella tarde se lhe apresentára com uma recommendação de um amigo velho.

O cabello corredio e negro, os olhos pardos e profundos, o esgazeado aspecto e os ademanes nervosos, o alvoroço intermittente do visitante, tudo formava um contraste novo com as fleugmaticas deliberações do coadjuvador scientifico que fazia de ordinario companhia ao bacteriologista. Era porventura natural, em presença de um ouvinte evidentemente tão impressionavel aos effeitos mortiferos do bacillo, encarecel-os o mais possivel.

Com ar meditabundo, o sabio levantava o tubo na mão.

— É como lhe digo, está aqui presa a peste. Basta partir um tubosinho d'estes dentro de um reservatorio de agua potavel, dizer a estas particulas minusculas de vida que só se tornam visiveis tingindo-as e usando do poder maximo do microscopio, particulas que nem affectam sequer o olfacto ou o paladar... basta dizer-lhes: «Vamos, crescei e multiplicae-vos, desenvolvei-vos por essas cisternas», e sobre esta cidade se soltará a morte, morte mysteriosa e impenetravel, rapida e terrivel, cheia de agonia e de vileza, morte que se alastrará á procura de victimas. Aqui arrebatará o marido á esposa, alem o filho á mãe, mais longe o estadista ás suas lucubrações ou o operario ás suas fadigas. Seguirá pela canalisação, rastejando ao longo das ruas, desolando as casas onde se esqueceram de ferver a agua potavel, coando-se para os depositos dos fabricantes de agua mineral, insinuando-se nas lavagens das saladas, entorpecida temporariamente no gelo. Espreitará o ensejo de ser absorvida pelos cavallos nos tanques, e por descuidosas creanças nos marcos fontenarios. Embeber-se-ha no solo, para reapparecer em fontes e poços em milhares de sitios inesperados. Dêem-lhe o primeiro impulso dentro do deposito da agua, e antes de lhe podermos pôr cerco e apanhal-a de novo, terá dizimado a metropole.

Calou se abruptamente. Lembrou-se de que o accusavam de um defeito: o amor á rethorica.

— Mas por agora está aqui seguro, não ha que receiar.

O homem pallido fez um aceno. Brilharam-lhe os olhos. Aclarou a garganta.

— Esses anarchistas... uma sucia de bandidos... — disse elle — são tolos de todo... pedaço de patetas, a servirem-se de bombas, quando podem lançar mão d'este expediente. Quer-me parecer...

Sentiu-se na porta uma pancada leve, um ligeiro bater de dedos. O bacteriologista abriu-a.

— Chega aqui um instante, tem paciencia — segredou-lhe a esposa.

Quando voltou ao laboratorio, estava o visitante a consultar o relogio.

— Não me passava pela ideia que lhe tinha feito perder uma hora de um tempo, que lhe é precioso — disse elle — Faltam doze minutos para as quatro. Devia ter-me ido embora ás tres e meia. Mas estas cousas realmente eram tão interessantes! Decididamente, não posso demorar-me nem mais um instante. Tenho onde estar ás quatro.

Sahiu do laboratorio reiterando os seus agradecimentos, e o bacteriologista acompanhou-o até á porta, e depois voltou pensativo pelo corredor fora. Scismava nos caracteres ethnologicos do visitante. Com certeza que aquelle

homem não era um typo teutonico, nem um vulgar typo latino.

— Um producto morbido é o que é, afinal de contas! — disse o bacteriologista com os seus botões. — A ternura com que elle examinava estas culturas de productos pestiferos!

Abalou-o um pensamento apprehensivo. Foi á banca que estava ao pé do banho de vapor, e d'ahi volveu apressadamente á secretaria. Depois procurou atabalhoadamente nas algibeiras, e em seguida precipitou-se para a porta.

— Querem ver que o deixei na mesa do *hall!* — exclamou — Minnie! — gritou elle em voz rouquenha correndo para fora.

— Que queres? — respondeu de longe uma voz feminina.

— Eu levava alguma coisa na mão, quando estive a falar comtigo, agora mesmo?

Uma pausa.

— Não, não tinhas nada. Até me lembro...

— Com mil demonios! — bradou o sabio, desatando a correr como um doido para a porta da rua e galgando os degraus n'um impeto.

Minnie, ouvindo a porta bater com violencia, chegou muito assustada á janella.

Na rua, enfiava para dentro de um *cab* um homem magro e esgrouviado. O bacteriologista, sem chapeu e em chinellos, corria e gesticulava desorientado na direcção d'este grupo. Cahiu-

O BACTERIOLOGISTA... CORRIA E GESTICULAVA DESORIENTADO NA DIRECÇÃO DO GRUPO

lhe um chinello, mas elle nem pensou em apanhal-o.

— Endoideceu! — disse Minnie — Foi aquella horrenda sciencia que lhe deu volta ao miolo. E, abrindo a janella, dispôz-se a chamal-o a gritos.

O homem magro voltara-se de repente, e pareceu impressionado com

VINHA-LHE NA PIUGADA...

a mesma ideia de transtorno mental. Apontou rapidamente para o bacteriologista, disse umas palavras ao cocheiro, estalou o chicote, sentiu-se o tropear dos cavallos, e n'um momento, o *cab* mais o bacteriologista, que lhe ia loucamente no encalço, tinham desapparecido ao voltar de uma esquina.

Minnie ficou uns instantes debruçada á janella. Depois recolheu a cabeça, estarrecida.

— Lá excentrico é elle! — meditou — Mas isto de correr pelas ruas de Londres, cheias de gente, é demais a mais de chinellos!

Occorreu-lhe uma excellente ideia. Poz o chapeu a toda a pressa, agarrou nos sapatos do marido, tirou do cabide o chapeu d'elle e o sobretudo mais leve, sahiu á porta, e enfiou para um *cab* que opportunamente passava.

— Bata por ahi fora na direcção de Havelock Crescent, e veja se vê um sujeito a correr com um casaco de belbutina e descarapuçado.

— Casaco de belbutina, e descarapuçado. Sim, minha senhora.

E o cocheiro fustigou logo os cavallos com a maxima naturalidade, como se todos os dias estivesse habituado a uma corrida assim.

D'alli a pouco, o grupo de cocheiros e de vadios, que costuma estar reunido na praça de trens que ha em Haverstock Hills, observou surprehendido a passagem de um *cab*, puxado por uma pileca côr de ganga, correndo á desfilada.

Ficaram calados emquanto elle passou, e logo depois disse o alentado cocheiro conhecido pelo Tio Tootles:

— Olha quem elle é! É o Harry Hicks. Quem diabo leva elle no *cab?*

— Safa! Vae nas horas de estalar, lá isso é que elle vae! — disse o rapaz da estrebaria.

— Olé! — exclamou um velhote, o Tommy Biles — Ahi vem outro que tal. Que sucia de malucos!

— É o velho George — disse o Tio Tootles — Dizes bem, a modo que leva tambem algum doido. Parece que salta para fora do *cab*. Querem ver que vae a correr atraz do Harry Hicks!

O grupo animou-se. Ouviu-se um coro, cortado por vozes isoladas:

— Anda-me com elle, George! — É uma regata! — Vê lá se o apanhas! — Força com o chicote!

— Vae nas horas de estalar! É um catita! — disse o rapaz da estrebaria.

— Agora é que eu estou banzado! — bradou o Tio Tootles — Ahi vem outro. Estou a ver que todos os *cabs* de Hampstead perderam hoje a tramontana.

— D'esta vez é uma serigaita — notou o rapaz.

— Vae no encalço do typo! — disse o Tio Tootles — Quasi sempre é o contrario!

— Que diabo leva ella na mão?

— Parece a modo uma cartola.

— Olha o ronceiro! Eu cá vou pelo velho George! Um contra tres! — bradou o rapazote.

Minnie passou entre estrondosos applausos. Não lhe agradou muito a manifestação, mas, conscia do dever conjugal que estava cumprindo, foi seguindo por alli fora, em turbilhão, com

os olhos sempre fitos nas costas abauladas do cocheiro George, que tão incomprehensivelmente lhe ia arrebatando o marido por ares e ventos.

O passageiro do *cab* deanteiro ia agachado ao canto, com os braços febrilmente cruzados, agarrado ao pequeno tubo que continha tamanhas forças de destruição. Nos seus ademanes havia um mixto singular de medo e de jubilo. O seu principal receio era que o apanhassem antes de elle realizar o seu intento, mas atraz d'isto havia um terror menos definido mas mais vehemente, causado pela hediondez do seu crime.

Mas a sua exultação sobrepujava muito todos os receios. Não houvera até então anarchista algum que tivesse concebido similhante ideia. Ravachol, Vaillant, todas essas illustres personalidades cuja fama elle invejara, ficavam a perder de vista ao pé d'elle.

Bastava apenas que elle chegasse ao reservatorio das aguas, e lhe despejasse para dentro o conteúdo do tubo. Com que engenho formulara elle aquelle plano, forjara a carta de apresentação, alcançara entrada no laboratorio, e com que pericia elle soubera aproveitar-se do ensejo propicio!

Até que, afinal, o mundo ficaria sabendo quem elle era. Toda essa gente que o olhara d'alto, que o desdenhara, que se rira d'elle, que por outros o havia preterido, que se esquivara á sua companhia, toda essa gente havia de tel-o d'ora ávante em consideração. A morte, a morte, a morte! Tinham-no sempre tratado como pessoa de pouco mais ou menos. Haviam todos conspirado para o pôr na sombra. Ia ensinar a todos as consequencias de isolar um homem.

Que rua era esta? Bem a conhecia: Saint Andrew Street. Exacto! Em que alturas iria a carreira? Debruçou-se para fora do *cab*. O bacteriologista vinha-lhe na piugada, á distancia de cincoenta metros, quando muito. Mau! Era capaz de o agarrar e de lhe tolher ainda o proposito. Metteu a mão ao bolso, e achou meia libra. Extendeu o braço e mostrou-a ao cocheiro.

— Dou-te mais — berrou elle — se não nos apanharem.

O dinheiro foi-lhe de prompto arrancado da mão.

— Prompto, patrão! — bradou o cocheiro.

E o chicote extendeu-se pelo dorso luzidio do cavallo. Houve um solavanco, e o anarchista, que ainda não se sentara bem, poz a mão contendo o tubosinho de vidro sobre o batente

VIVE L'ANARCHIE!

do *cab*, afim de se manter em equilibrio. Sentiu então um estalido, e o fundo do tubo telintou no chão do carro. Cahiu no assento a praguejar, olhando com desalento para as duas ou tres gotas de liquido cahidas no batente.

Teve um arripio.

— Deixal-o! Serei eu o primeiro! Safa! Serei um martyr! Já isto é alguma cousa; mas em todo o caso, é uma morte immunda. Será tão dolorosa como dizem?

De repente occorreu-lhe uma ideia. Procurou entre os pés. Havia ainda uma gota no fundo quebrado do tubo. Sorveu-a, por sim por não. Melhor era não estar com duvidas. Ao menos assim não falhava.

Lembrou-se então de que já não havia necessidade de fugir ao bacteriologista. Chegado a Wellington Street, deu ordem ao cocheiro para parar, e apeiou-se. Sentia a cabeça a modo atordoada. Era de effeitos rapidos o tal toxico do cholera. Disse adeus ao cocheiro, como quem se despedia da vida, e deixou-se ficar no meio da rua, de braços cruzados, á espera do sabio. Havia na sua attitude algo de tragico. O sentimento da morte imminente dava-lhe uma certa dignidade. Acolheu o seu perseguidor com uma gargalhada de desafio.

— *Vive l'Anarchie!* Chegou tarde, meu caro amigo. Bebi a mistela. O cholera anda á solta!

De dentro do seu *cab,* o bacteriologista vibrou-lhe um olhar de curiosidade atravez dos oculos.

— Bebeu! Um anarchista! Agora já percebo.

Ia accrescentar o que quer que fosse, mas conteve-se. Ao canto da bocca appareceu-lhe um sorriso. Abriu o batente do *cab* como se quizesse apeiar-se; n'isto o anarchista dirigiu-lhe um aceno de tragica despedida e encaminhou-se para a ponte de Waterloo, roçando cuidadosamente o corpo infectado por toda a gente que apanhava a geito.

Tão preoccupado estava o bacteriologista com este espectaculo que nem sequer deu o minimo indicio de surpreza á apparição de Minnie, na rua, com o chapeu, mais os sapatos e mais o sobretudo.

— Fizeste muito bem em me trazer tudo isto — disse elle.

E ficou embevecido no vulto do anarchista, que se afastava.

— É melhor entrares no *cab* — disse elle — sempre embasbacado.

Minnie convenceu-se então de todo de que elle endoidecera, e tomou a responsabilidade de dar ao cocheiro o endereço da casa.

— Que calce os sapatos? Pois sim, sim! disse elle.

O *cab* começou a andar, e escondeu-lhe dos olhos o vulto negro e ondulante, que a distancia amesquinhava.

Depois occorreu-lhe uma lembrança grotesca, e desatou a rir. Em seguida explicou-se:

— O caso é serio, afinal de contas. Não sei se sabes que aquelle homem veiu ter comigo ao laboratorio, e é anarchista. Nada de cheliques, senão não posso contar o resto. Eu o que quiz foi assombral-o, sem saber que elle era anarchista, e então peguei n'uma cultura d'aquella especie nova de bacterias, aquella de que te falei, que inficcionam e creio que produzem umas nodoas azues em varios macacos; e por brincadeira, disse-lhe que era o cholera asiatico. Vae elle, desatou a correr com o tubo, na ideia de envenenar as aguas de Londres, e o que elle ia fazer era surdirem cousas azues aos

olhos d'esta civilisada metropole. E agora enguliu tudo. Vá lá saber agora o resultado! Não sei se te lembras que aquillo poz o bichano azul de todo, e fez umas malhas nos cachorros, e o passarinho ficou azul que era uma belleza. Mas o que me rala é a maçada e a despeza que eu vou ter para arranjar mais. Queres que vista o sobretudo? Pois vá lá! Apezar do dia estar quente... Emfim! se é por causa das visitas...

Trad. do inglez de H. G. WELLS.

Reminiscencias do Alem

Onde achar esse pouzo ambicionado,
essa doce mansão, que anciosa aspira
minh'alma — Prometheu acorrentado —
fitando o ceo, translucida saphira?

Onde achar esse paramo sonhado,
distante, bem distante da mentira,
deste drama da vida, este enredado
drama triste em que o mundo nos admira?

Clamo, peço, interrogo e a propria sciencia
um allivio não tem, uma esperança,
para a dôr dessa negra contingencia!...

Esquece, oh, alma inquieta, e emfim descança;
esquece essa fatal reminiscencia
— esse pouzo, esse céo, essa lembrança!

Rio de Janeiro — 1906

Domingos Magariños.

GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

EM 1905

II

A campanha no districto da Huilla, seu objectivo Preparativos e disposições adoptadas

omo tivemos occasião de dizer ao tratar da situação do districto da Huilla, nos principios do anno de 1905, o gentio de além Cunene, arrogante pelo desastre infligido ás nossas tropas em setembro de 1904, andava em correrias e depredações pela margem direita do rio e ameaçava os nossos fortes, ao mesmo tempo que os indigenas das terras consideradas submettidas e até os da parte alta da região de Mossamedes estavam desrespeitosos para com a auctoridade e insolentes para com os europeus, a ponto de ser receiada por estes uma sublevação geral dos povos de áquem Cunene.

A independencia em que se conservava o sobado de Mulondo, valhacouto de salteadores e terra que já tinha derrotado as nossas armas, e onde o sanguinario e soberbo Hangalo se jactava de não consentir a entrada da auctoridade portugueza, era um desprestigio flagrante á nossa soberania e uma manifestação da nossa impotencia. Porque constituia um incentivo á revolta dos povos fieis, e ainda porque a alliança que tinha com os rebeldes da outra margem era um perigo para a segurança dos territorios da margem direita do Cunene, tornava-se urgente acabar com esse lendario poder de Hangalo e assentar uma fortaleza nas terras de Mulondo, que fosse padrão incontestavel do nosso dominio e que nos desse a posse de toda a margem direita do Cunene. Eis o primeiro e o principal dos objectivos que certamente devia ter a campanha a emprehender.

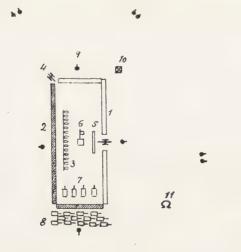
Nos Gambos, algumas alterações tinha havido na situação como atraz a descrevemos: a necessidade de conjurar o perigo, que parecia imminente, da revolta dos mugambos e dos muchimbas, e a falta de elementos militares de confiança tinham levado o governo local a transigir com o gentio, depondo o soba D. João e acceitando na *embala* o pretendente Cander a quem aliás foram impostas algumas condições

indicativas da sua fidelidade e submissão á auctoridade. Uma vez, porém, collocado na *embala*, Cander nenhuma d'essas condições cumpriu, e proclamou ao seu povo que foi pela força que conquistou aquelle logar, que não ia á fortaleza, que não recebia ordens do commandante, e que sobre o povo dos Gambos era elle quem mandava. Aos emissarios do commandante militar, fallava Cander n'um outro tom dizendo que não ia á fortaleza por ter medo e que não cumpria as ordens do governo porque não podia — elle era escravo do povo e só podia fazer o que o povo quizesse. Submetter a região dos Gambos, castigando aquelles que mezes antes tinham feito fogo sobre as nossas tropas, e em geral o gentio que depois apoiava o soba na sua rebeldia, era necessariamente outro objectivo que a campanha tinha a realisar.

Ao mesmo tempo que se consolidava assim o nosso dominio nos territorios de áquem Cunene, era complemento indispensavel para a segurança e tranquillidade da região e para o levantamento do nosso prestigio entre o gentio mostrar aos povos de alem Cunene que não mais estavamos dispostos a assistir impassiveis ás suas correrias pelas terras fieis: as grandes operações projectadas para mais tarde haviam, é facto, de derrotar os quamatos, dominal-os completamente e occupar-lhes o territorio; mas até lá preciso era contel-os e abater-lhes a soberba, entrar-lhes pelas suas terras mostrando-lhes que o podemos fazer tão bem ou melhor do que elles quando veem razziar nas nossas, matar-lhes gente e tirar-lhes gado, e sobretudo fazel-os consumir munições, que é o golpe mais certeiro que á sua força se póde vibrar. Foi este o terceiro e ultimo objectivo da campanha.

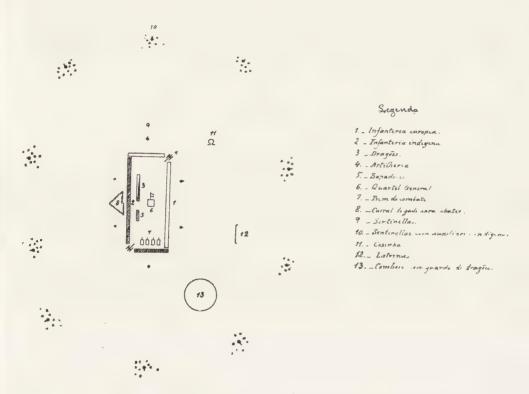
A columna destinada a desempenhar a missão que fica indicada era composta de um pelotão de sapadores, uma secção d'artilheria, dois pelotões de dragões, uma companhia europea d'infanteria, uma companhia indigena d'infanteria (a 12.ª de Moçambique completada com um pelotão da 11.ª), um corpo franco de auxiliares boers, auxiliares indigenas, serviço de saude e da administração militar, e comboio; com um effectivo total de 641 homens de tropas regulares, dos quaes 308 europeus, 77 auxiliares boers, 1:000 auxiliares indigenas, 2 boccas de fogo, 192 solipedes, 14 viaturas e 264 bois de tracção.

O commando da columna foi confiado ao governador do districto da Huilla, capitão do serviço d'estado maior José Augusto Alves Roçadas, que nos escolheu para seu chefe de estado maior. Os serviços administrativos e de

BIVAQUE NA CACHANA

Legenda

1. — Infanteria europea
2. — Infanteria indigena
3. — Dragões.
4. — Artilheria.
5. — Sapadores.
6. — Quartel General.
7. — Trem de combate.
8. — Comboio.
9. — Sentinellas.
10. — Observatorio sobre uma arvore.
11. — Cosinha.

saude ficaram respectivamente a cargo do tenente da administração militar Antonio Domingos Ferreira e facultativo de 2.ª classe Manuel Gomes Barreto; commandava o comboio o alferes de infanteria Germano Dias; e as unidades eram commandadas, a infanteria européa pelo capitão Alberto Salgado, a infanteria indigena pelo capitão Antonio Luiz dos Remedios e Fonseca, a cavallaria pelo tenente Antonio Mendes Serra, a artilheria pelo alferes de bivaque até á acquisição de viveres e ao abastecimento da extensa linha d'etapes que a columna tinha de percorrer. Tal foi a actividade desenvolvida, que em 19 de setembro podia ser dada a ordem que fixava a organisação da columna d'operações e determinava a respectiva mobilisação, e tres dias depois era dada a ordem de marcha para o dia immediato — 23 de setembro —, em que effectivamente a columna sahiu do Lubango.

BIVAQUE NO MUCOPE

Manuel Augusto Rodrigues, e o pelotão de sapadores pelo tenente d'infanteria Viriato Lopes Ramos da Silva.

O capitão Roçadas, que acabava de chegar á provincia e que assumiu em 12 de agosto o governo do referido districto, começou desde logo os preparativos para a organisação da columna.

Houve então, no Lubango, um periodo de trabalho sem descanço, em que se desenvolveu muita dedicação e boa vontade para vencer no mais curto praso essa enorme tarefa que ia desde a instrucção das tropas e preparação de munições, equipamentos, arreios e material

Ás praças européas foi distribuido armamento Kropatscheck, ás indigenas Martini. O corpo franco ia armado com Mausers e Martinis; os auxiliares indigenas com espingardas Snyder e de piston.

O municiamento da infanteria, européa e indigena, e dos dragões, foi de 220 cartuchos por praça, indo 100 com o individuo; as boccas de fogo iam municiadas com 80 tiros cada uma, levando 36 no armão e os restantes no trem de combate. Aos auxiliares boers foram distribuidos 100 cartuchos por homem, e 20 aos auxiliares indigenas.

Para a alimentação das tropas foi adoptado,

ACAMPAMENTO NA LAGOA DE YÔHA

como principio, o systema das tres refeições, sendo a segunda fria, confeccionando-se comtudo, sempre que possivel, as refeições quentes.

As tropas regulares e parte dos auxiliares indigenas seguiriam o itinerario pelo Humbe e subiriam o Cunene; os boers e os restantes auxiliares indigenas iriam pelo caminho do Quipungo ao Capelongo, descendo depois pela margem direita do rio.

Na comprida linha de etapes Lubango, Humbe, Mulondo, extensa de mais de 400 kilometros, estabeleceram-se postos principaes na Chibia, nos Gambos, no Humbe e no Quiteve. Os postos d'etape intermedios eram subordinados á existencia de agua, e as suas distancias entre si variavam entre 9 e 24 kilometros. Para o abastecimento d'esta linha, foram reunidos 15 dias de viveres e forragens nos Gambos, 30 dias no Humbe e 16 no Quiteve.

Marcha sobre Mulondo

A marcha do Lubango até á *embala* do Mulondo effectuou-se em 32 dias, tendo-se posto a columna em movimento no dia 23 de setembro, e indo acampar no vau do Cácua a 24 de outubro. D'estes 32 dias, 9 foram de descanço, e n'aquelles em que se marchou a média das etapes, do Lubango ao Humbe, foi de 17 kilometros, e do Humbe ao Mulondo de 12 kilometros, sendo os menores percursos feitos n'esta segunda parte do trajecto devidos á necessidade que a columna tinha de ganhar tempo, afim de não chegar em rente da *embala* antes do dia ajustado com os auxiliares para o ataque.

Em geral, a marcha de cada dia era feita de uma só vez, de manhã, começando ao romper do dia; ao cabo de duas horas de marcha, havia um alto de meia hora, e succediam-se depois pequenos altos de 10 minutos, de hora em hora, ou nos locaes em que havia agua ou boa sombra. O comboio, emquanto se esteve longe do inimigo, marchava com algumas horas de antecedencia, quando não podia seguir de vespera.

A formação de marcha em territorio inimigo era a columna dupla com os carros do comboio a dois de frente, coberta a distancia não excedente a um kilometro pela rede dos auxiliares indigenas A formação estabelecida para o caso de encontro com o inimigo era uma reserva em quadrado, e o resto da força em linha, amoldando-se ao terreno e adoptando disposições offensivas ou defensivas conforme as circumstancias.

Nos locaes d'etape, a columna bivacava: as praças armavam as suas tendas abrigos, e os officiaes dormiam em barracas. Nas proximidades do inimigo, o bivaque era sempre em quadrado, e o comboio formava geralmente *laager* circular na direcção de uma das diagonaes. O serviço de segurança do bivaque era constituido por grupos de auxiliares em volta do quadrado, sentinellas ás faces e patrulhas permanentes de cavallaria, alem das rondas dos chefes de auxiliares e dos officiaes

de serviço; nos logares de maior perigo estava sempre em armas uma parte da força.

A partir do Catequero, houve varios exercicios de combate e toques de alarme tanto em marcha como em estacionamento. No alarme do bivaque da lagoa Yôha, a cavallaria gastou 5 minutos a apparelhar, a infanteria em 2 minutos estava armada e equipada e a artilheria em 3 minutos tinha todo o pessoal e gado a postos.

Os soldados, sobretudo os europeus, aguentaram brilhantemente a marcha, chegando quasi sempre ao logar d'etape frescos e a cantar. A unica nota discordante foi a dos soldados indigenas da 11.ª companhia, de Moçambique, que se incorporaram na columna desde o Lubango até ao Humbe: muitas d'estas praças feriam-se nos pés por falta de alpercatas, outras sentiam-se sobrecarregadas com o peso que transportavam e não podiam aguentar a volocidade da marcha, outras ainda, talvez pelo seu pouco tempo de praça, tentaram desertar, o que por vezes conseguiram apezar da vigilancia dos seus officiaes. Os soldados da 12.ª companhia, tambem indigenas de Moçambique, que não eram recrutas e que já estavam aclimados, pois ha cerca de um anno se encontravam de guarnição no Humbe, acompanharam sempre a tropa européa, fazendo boas marchas.

O comboio teve alguns bocados maus a atravessar: ainda não tinha havido grandes chuvas, e por isso não havia atoleiros no caminho; mas havia algumas extensões de areal, que muito fatigavam o gado. Apezar de tudo, o comboio nunca se deixou atrazar, aguentou muitas vezes a marcha da columna e chegou a vencer a distancia de 20 kilometros em um unico *treck*.

A artilheria teve que ir tirada por bois até ao Catequero, por estarem no Humbe as muares que lhe eram destinadas: a sua marcha foi muito difficil nas partes d'areia, sobretudo á sahida da fortaleza dos Gambos, onde demorou notavelmente o andamento da columna. Do Catequero ao Mulondo, seguiu bem.

O estado sanitario das tropas foi em toda a marcha muito bom, para o que certamente concorreu em grande parte a sua magnifica alimentação, distribuida com regularidade, e quasi sempre cozinhada no proprio local

ALARME NO BIVAQUE DA LAGOA YÔHA

Mercê das disposições adoptadas pelo chefe dos serviços administrativos, poucos foram os dias em que deixou de haver ração de pão.

O abastecimento d'agua não se pode dizer que fosse igualmente bom: a escassez e a sua má qualidade n'alguns sitios não podiam ser vencidas pelo zelo dos officiaes a quem este serviço estava commettido. A zona mais difficil para o abastecimento d'agua foi a de Birambundo ao Catequero, tendo sido necessario, alem da abertura e limpeza de cacimbas, transportar com antecedencia agua em barris para a Cachana e para a Cavallána. O alumen foi empregado com exito na beneficiação da agua. Do Catequero para o Mulondo, a columna tinha sempre á disposição a magnifica agua do rio Cunene.

Foram tomadas as precauções que se to-

mam em territorio hostil ao atravessar as terras dos Gambos, e em toda a marcha ao longo do Cunene, mas não houve ataque nem alarme algum em todo o percurso. Nos Gambos, o gentio tinha abandonado as libatas visinhas da estrada, em algumas das quaes se viam bandeirolas azues e brancas, que consta terem sido distribuidas pelos missionarios. Nas terras do Humbe, a columna foi bem acolhida pelos indigenas, que vinham em massa aos locaes de estacionamento, e que

O gentio do outro lado do rio deixou em paz a columna durante toda a sua marcha; e á fortaleza do Quiteve veiu até um grupo de 57 evales, armados de espingardas finas, que o soba Cavanguelua mandava pôr á disposição do governador e que effectivamente acompanharam a columna e tomaram parte nas operações: foram-lhes em todo o caso distribuidos distinctivos bem differentes dos dos outros auxiliares, para acautelar qualquer caso de traição.

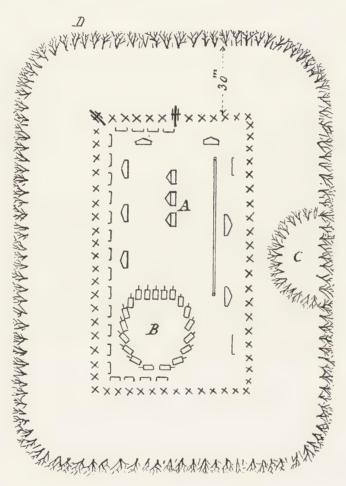
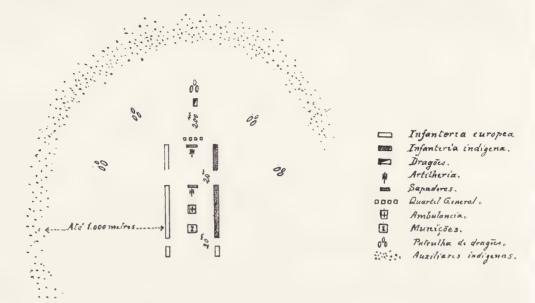
SOBA DA CAMBA COM AS SUAS MULHERES

se offereciam com insistencia para acompanhar a columna: poucos d'estes offerecimentos foram acceites, por haver já auxiliares de sobra. Na Camba, veiu o proprio soba, com o seu trajo de gala, de sobrecasaca, saiote de zuarte e chapeu d'aba voltada, offerecer os seus serviços ao governador e trazer-lhe o tradicional presente, um lindo boi amarello. No Quiteve, quasi toda a gente eram emigrados, fugidos á tyrannia de Hangálo, e enthusiasmaram-se com a passagem da columna, que lhes havia de abrir as portas da sua terra.

Um contratempo, que muito inquietou a columna e que podia ter sido de gravissimas consequencias, foi o incendio que se manifestou no capim, perto do acampamento do Gonga. Ainda bem não tinha sido installado o bivaque, nos *arimos* do soba da Camba, quando se pronunciou com violencia o incendio, do lado do Sul, que avançava assustadoramente e se alastrava ameaçando de envolver o quadrado. Officiaes e soldados e os numerosos auxiliares da columna deitaram-se todos a combater o fogo e a preparar a defeza do bi-

vaque : em volta do quadrado e do comboio, limpavam os soldados uma larga faixa de capim, ao mesmo tempo que com moras verdes d'arvore atacavam os indigenas bravamente o incendio, conseguindo dominal-o e apagal-o do lado que elle mais podia incommodar. Ao cabo de tres quartos de hora de fatigante trabalho, estava conjurado todo o perigo e voltava-se á normalidade do serviço do bivaque, sem que comtudo tivesse ficado extincto o

Bivaque da columna

no vau do Cacua

A. – Quartel General
B. – Laager
C. – Sambo do gado para abater
D. – Abatiz
⬭ Barraca d'official
⊔ Barraca de praças de pret
═ Corda de piquete

Formação de marcha da columna no dia do ataque á embala

incendio, que n'uma outra direcção lá continuou lavrando todo o dia e toda a noite, e ainda se avistava de madrugada quando a columna levantou o bivaque. Descuido d'um carreiro do comboio, que atirou para o capim um phosphoro acceso, foi a causa de tanto incommodo e de tão grande perigo.

A tomada do Mulondo

Logo que a columna chegou ao Quiteve, passou o rio o chefe d'auxiliares Carlos Maria, com gente da localidade e cerca de 300 muchimbas, para se ir postar entre os vaus do Cácua e do Handjabero, a tomar as passagens do Cunene e evitar não só a chegada de qualquer reforço da outra margem, como a fuga de gente e de gado de Mulondo.

A columna avançava lentamente: tendo chegado a 19 de outubro ao Quiteve, alli descançou os dias 20 e 21, e seguiu depois para Chilongo e Caimona, fazendo étapes de 10 e 6 kilometros. Assim era necessario para que o ataque á *embala* tivesse logar no dia combinado — 25 de outubro.

Ao caminho tinham vindo apresentar-se alguns fugitivos de Mulondo: dois d'elles, pae e filho, que tinham conseguido escapar-se da *embala*, deram informações interessantes das disposições adoptadas pelo Hangálo, da quantidade de gente que elle tinha em volta de si, do terreno que rodeava a *embala* e dos caminhos que lhe davam accesso. Foram dois valiosos guias que nunca mais a columna largou.

Na manhã de 21, em marcha de Chilongo para o vau de Caimona, ao passar uma matta, encontraram-se varias cortaduras de pequenos abatises, e riscos na areia do caminho de distancia a distancia: era a entrada das terras de Mulondo. Aquelles obstaculos e signaes, que materialmente nada valem, teem comtudo uas importancia para o espirito dos indigenas, para os quaes é um desafio acceite romper uma cortadura e feitiço que quebra as pernas passar por cima dos riscos. Os chefes d'auxiliares passaram adeante, para mostrar que os riscos lhes não quebravam as pernas, e logo com vozearia e saltos passou o cordão de indigenas da exploração.

Pouco se tinha avançado, quando n'um terreno descoberto foi avistado ao longe um grupo de indigenas que vinham do lado do rio, e que a correr se mettiam na matta que ficava para nascente. Os auxiliares não os puderam alcançar, mas seguiram-lhes os rastos e viram

que aquella gente tinha passado a noite á beira do caminho, sendo naturalmente vedetas do inimigo.

A's 7 horas da manhã bivacava a columna sem outra novidade, perto do rio, entre os vaus de Caimona e de Cabale. Tinha-se já entrado na parte povoada das terras de Mulondo, os auxiliares indigenas estavam anciosos pelo saque, e por outro lado não havia noticias de confiança sobre a situação do inimigo, ainda que as informações obtidas concordavam em dizer que toda a gente estava concentrada na *embala*. Resolveu então o commandante da columna que o chefe d'estado maior sahisse de tarde em reconhecimento, com a força de dragões e os auxiliares. Tendo partido ás 3 horas, voltavam ao escurecer, depois de chegar até Nanganha e Inhoca e de ter revistado mais de 30 libatas: todas as libatas estavam abandonadas e nem rastos frescos se viam, sendo unicamente encontrado pelos auxiliares um indigena occulto no matto, que foi trazido como prisioneiro para o bivaque; creação raras vezes se encontrava, e objectos aproveitaveis muito poucos; as tulhas é que abarrotavam de mantimento, mas os auxiliares pouco caso d'elle fizeram. Na sua furia de encontrar que roubar, escapavam-se aos chefes, e, a despeito dos esforços d'estes, espalharam-se por uma area enorme, que era accusada pelos rolos de fumo das palhotas que incendiavam.

A noite passou-se em socego, e na madrugada seguinte punha-se a columna em marcha para o vau do Cácua, onde chegava ás 9 da manhã. Este local de estacionamento havia sido de antemão escolhido para que no dia do ataque as tropas pouco tivessem que andar e pudessem entrar frescas em combate. O comboio bivacou em *laager* circular dentro do quadrado, e este foi cercado por abatizes de espinheiros, faina que levou muito tempo, apesar de n'ella trabalharem todos os auxiliares. Quando se estavam cortando os espinheiros, por duas vezes houve algazarra dos indigenas: de uma das vezes, atravessou o campo uma lebre, e da outra mataram uma giboia, factos que elles muito festejaram como de bom agouro para as operações do dia seguinte — a lebre significava que o Hangálo tinha que fugir, e a giboia queria dizer que haviamos de encontrar carne que fartasse (boa presa de gado).

FORMAÇÃO DA COLUMNA DE ATAQUE Á EMBALA DE MULONDO

De tarde foi dada a ordem de combate para o dia seguinte, que determinava que o comboio ficasse no logar do bivaque e a columna marchasse directamente ao ataque da *embala*

EMBALA DO MULONDO

de Mulondo; e á noite, como a columna não havia podido pôr-se em contacto com os boers nem com a gente de Carlos Maria, foram deitados alguns foguetes de signaes para lhes indicar a nossa presença.

No dia 25 de outubro sahiu a columna do bivaque ás 6 horas da manhã. Os abatizes que defendiam o quadrado haviam sido dispostos em volta do comboio, que ficou escoltado pelo pelotão da 11.ª companhia indigena de Moçambique, e pessoal dos carros, e cuja defeza ficou sob o commando do alferes Germano Dias.

A formação da marcha era a que vae indicada na estampa. Commandava a guarda avançada o capitão Salgado, da companhia européa; o grosso da columna, o capitão Fonseca, da 12.ª companhia de Moçambique; e a guarda da retaguarda, o tenente Zuchelli, da companhia européa. A columna seguiu pelo caminho do rio até ao sitio denominado Potengue, que, segundo as informações dos fugitivos de Mulondo, era o melhor ponto para o ataque; metteu então para o lado da *embala*, começando a subir por um caminho estreito aberto em matto de espinheiro que nada deixava ver e embaraçava a marcha, e ás 7 horas e 15 minutos rompia um nutridissimo fogo no flanco esquerdo, acompanhado de grande algazarra e da conhecida *cúa*. Sentiam-se silvar as balas por cima da nossa cabeça, mas a columna proseguiu na sua marcha sem vacillar e nenhum soldado foi ferido: o fogo era entre os auxiliares flanqueadores e o gentio que, emboscado, esperava por alli a columna.

A's 7 horas e 27 minutos desemboccavamos n'uma vasta clareira em declive suave, tendo no alto algumas arvores frondosas; disseram os guias que era n'aquelle alto a *embala*, e effectivamente começou a divisar-se a palissada que a cercava e o barro vermelho do seu parapeito. A columna passou á formação de combate. Dois pelotões da companhia européa, respectivamente sob o commando do tenente Montes Martins e do alferes Elias, e um pelotão da 12.ª companhia indigena sob o commando do alferes Pires, estenderam em atiradores á distancia de 600 metros da *embala*. O pelotão indigena ficou no centro, o do tenente Martins na direita e o outro na esquerda. A primeira peça tomou posição á esquerda do pelotão da direita sob o commando do alferes d'artilheria Rodrigues. A força de dragões e um pelotão indigena, sob o commando do tenente Tavares, seguiram a tomar posição a Este da *embala*, ameaçando

OUTRO ASPECTO DA EMBALA DO MULONDO

a retirada do inimigo. As restantes forças, sob o commando do capitão Fonseca, formaram em quadrado, proximamente 200 metros á retaguarda.

Ao desenvolvimento das forças da columna, correspondeu o mesmo fogo vivo da *embala* em toda a extensão que a clareira descobria. Do nosso lado, a artilheria rompe o fogo com granada ordinaria. O primeiro tiro de peça foi comprido; o segundo atravessou o parapeito de barro e foi rebentar dentro da *embala*, levantando uma nuvem de poeira e fumo. Houve uma interrupção momentanea no fogo do inimigo, para logo depois recomeçar com igual ou maior intensidade; a *cúa* e a algazarra augmentavam. Novos tiros de peça produziram o mesmo effeito.

Quando os atiradores tinham avançado até uns 400 metros da *embala*, começou o fogo da infanteria, em toda a linha, por descargas. A artilheria continuava fazendo bons tiros; a infanteria, que tinha principiado com pontarias baixas, ia-as corrigindo e tornando o seu fogo mais certeiro.

Ha novo avanço; um pelotão da 12.ª companhia indigena, sob o commando do alferes Gomes Ribeiro, é mandado reforçar a linha d'atiradores, prolongando-a no flanco esquerdo; e entra na linha de combate a segunda peça. Precisamente n'este momento inutilisava-se a primeira peça, por se lhe haver partido o eixo.

Toca a cessar fogo e em seguida a avançar, movimento que é executado por toda a linha menos a peça inutilisada. O escalão de reserva, que n'esta altura é constituido por dois pelotões da companhia européa, respectivamente sob o commando do tenente Zuchelli e alferes Lopes, e pelo pelotão de sapadores sob o commando do alferes Caeiro, acompanha o avanço da linha de fogo, reduzindo a distancia a que estava.

O fogo do inimigo era vivissimo, ainda que desordenado, conhecendo-se pelo estampido dos tiros e pelo sibillar das balas que tinham espingardas de todas as qualidades, desde as mais rudimentares ás mais aperfeiçoadas. As suas pontarias, que a principio eram altas, estavam a baixar: cahiu-nos morto um soldado da 12.ª indigena e appareceram alguns ferimentos.

Dá-se novo avanço; estamos a uns 100 metros da *embala*. O commandante da artilheria diz que está fóra de combate a segunda peça. Sem um momento de demora, e antes que as tropas chegassem a sonhar que estavamos sem

artilheria, o commandante da columna, n'um rasgo de decisão, manda avançar o escalão de reserva, e manda ao mesmo tempo armar bayoneta, avançar, carregar...

Ao toque de carregar, toda a linha, com o commandante á frente, se precipitou sobre a *embala*, correndo e gritando: o reluzir das bayonetas, a gritaria de excitação dos soldados e o impeto do avanço atemorisaram por tal fórma os defensores, que estes quasi por completo abandonaram o parapeito em que estavam entrincheirados. Descem os nossos ao fosso, trepam pelo parapeito, enfiam as armas pela palissada, e em pouco tempo tinhamos uma linha de fogo varrendo o interior da *embala*. O inimigo, repellido, toma uma nova linha de resistencia. Alguem descobre uma das portas de entrada; os sapadores e muitas outras praças tratam de arrancar as traves que a vedavam, conseguindo abrir uma brecha por onde se pode entrar a um de fundo; os atiradores do parapeito abrem outra brecha na palissada, e todos, corajosamente, entram desembaraçando-se d'aquelles que tentam oppôr-se-lhes. A linha é reformada, mais alguns momentos de fogo, e são postos em debandada os ultimos defensores da *embala*. A fechada matta em que os fugitivos se internaram não permittiu uma perseguição ordenada, pelas tropas regulares; mas os auxiliares indigenas ainda cahiram n'elles, matando bastante gente.

CONTINENCIA Á BANDEIRA NACIONAL HASTEADA NO CENTRO DA EMBALA

Eram 9 horas e meia da manhã, estava tomada a *embala*, tocando a reunir. As nossas baixas foram: um soldado indigena morto, dois soldados indigenas feridos, um soldado europeu ferido e uma muar morta; auxiliares indigenas, 12 mortos e 8 feridos. As baixas inimigas foram calculadas em mais de 200 mortos e de 300 feridos.

Cahem depois, de todos os lados, dentro da *embala*, os auxiliares indigenas, que começam a saquear: tem que se estabelecer sentinellas ás portas e que impedir á força a sahida de gado e de armas; mas o perimetro da *embala* é vastissimo, e elles lá vão saltando a palissada com o que podem levar.

São reunidos os prisioneiros n'um dos cercados interiores, o gado é junto a outro lado, e passam a ser revistadas as palhotas, pateos e esconderijos da residencia do soba. Este não é encontrado, e os prisioneiros, interrogados, dizem que fugiu ferido.

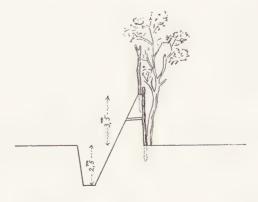
Os prisioneiros, na quasi totalidade mulheres e creanças, eram em numero approximado de 600. O gado encontrado dentro da *embala* foram 377 cabeças de gado bovino, 344 de gado caprino e lanigero, e 4 de gado cavallar. Reuniram-se tambem, conseguindo salval-as da rapacidade dos auxiliares indigenas, uma carabina Kropatscheck, uma espingarda Mauser de repetição, sete espingardas Martini, cinco espingardas Snyder, varias armas de piston, muitas peças de armas rebentadas,

machinas de carregamento, algum chumbo em barra e cerca de 1:500 cartuchos de differentes systemas. Nas mãos dos soldados viam-se varios objectos apanhados por elles, que lhes

PLANTA DA EMBALA

1. – Currai
2. – Lupáli do Jota (pateo habitual de recepção)
3. – Lupáli (pateo d'audiencia do soba)
4. – Pélombe (residencia do soba)
5. – Palhota da Tembo (primeira mulher)
6. – Residencia das mulheres do soba.
7. – Muné Bundi (porteiro)
8. – Outeiro em cuja base o soba guardava o marfim.

foram dados e que elles guardavam orgulhosos como tropheus: entre esses objectos estavam as phenomenaes botas altas que o Hangálo calçava quando mezes antes nos deu audiencia, e a caixa de musica que na mesma occasião ouvimos tocar.

O espectaculo que offerecia o interior da *embala* era emocionante: o chão d'aquelle vasto recinto estava juncado de esteiras, *quimbundos*, cabaças e utensilios gentilicos, uns objectos entornados, outros despedaçados, bem mostrando a massa de população que alli esteve reunida e a grande confusão que se estabeleceu; a um e outro lado viam-se cadaveres de homens, mulheres e creanças, e sitios havia em que os cadaveres estavam em monte; com os corpos humanos misturavam se animaes mortos, bois, ovelhas, cabras e até cães; por debaixo dos mortos, havia feridos, ainda com vida; aqui viam-se creanças a mamar em mães que já tinham morrido; acolá patenteavam-se

Perfil do muro exterior da embala.

BIVAQUE NA MARGEM DO CUNENE

os estragos das granadas — palhotas em estilhas, corpos horrivelmente mutilados...

As tropas bivacaram dentro da *embala*, e começou-se logo na grande faina do tratamento dos feridos e do enterramento dos mortos. O fosso que o inimigo tinha aprofundado foi a valla que recebeu os seus cadaveres.

Estabeleceu-se a communicação com os boers e com Carlos Maria, que estavam a pequena distancia e que mandaram gente ao nosso encontro depois do combate.

Pelas 5 horas da tarde, todas as forças da columna, formadas, prestavam a continencia á bandeira nacional solemnemente hasteada no centro da *embala*. O commandante da columna fez então ás tropas a seguinte allocução:

«*Camaradas da columna: foi hoje um dia de* «*gloria para nós e para o exercito portuguez;* «*25 de outubro será um dia memoravel da his*«*toria patria portugueza, porque os valentes* «*soldados e officiaes da columna do Mulondo,* «*depois de uma marcha sem exemplo em dis*«*ciplina e resistencia, acabaram de tomar na* «*ponta da bayoneta a embala do soba. Chama*«*vam-nos creanças, diziam as informações do* «*gentio, e as creanças, ao passo de carga, ar*«*rancaram-lhe á mão as traves da palissada* «*que o defendia. Morreu-nos um valente da* «*12.ª companhia indigena e cahiu gravemente* «*ferido um da companhia européa; todos os* «*lastimamos. Vivam os soldados da companhia* «*européa! Vivam os soldados da companhia indigena! Vivam os bravos do Mulondo! Viva a columna! Viva a patria! Viva o nosso rei!*»

As tropas utilisaram n'este dia a ração de reserva que transportavam, e passou-se muita sêde, sendo necessario enviar por turnos soldados, prisioneiros e gado, a uma boa hora de distancia, ao rio, a dessedentar-se.

Pouco depois de anoutecer, houve um alarme no acampamento: as sentinellas indigenas, que diziam ter visto gentio no lado exterior da palissada, fizeram varios tiros e logo a seguir o pelotão que estava de guarda deu algumas descargas. Como a força fosse pequena para guarnecer a *embala*, resolveu-se mudar o bivaque para o campo exterior, operação esta que só ficou terminada depois das 11 horas, por a noite estar muito escura e pela difficuldade da remoção do gado e dos prisioneiros.

No dia seguinte, ás 5 1/2 horas da manhã, todas as forças disponiveis e os auxiliares se dirigiram para a *embala*, a destruir as construcções e defezas que n'ella se encontravam e a deitar-lhes fogo. Ao cabo de duas horas, estavam as palhotas e palissadas em chammas, e as tropas voltavam ao quadrado.

Levantou-se o bivaque, assistimos ao enterro do soldado indigena que na vespera havia sido morto em combate, e puzemo-nos em seguida em marcha para o local onde havia de ser construido o posto militar de occupação d'aquellas terras.

Eram 11 horas da manhã, bivacava a columna na margem do Cunene, junto ao vau

de Handjabero. Alli foi, mais tarde, reunir-se a parte do comboio que tinha ficado no Quiteve. N'este dia fez-se a distribuição do gado apprehendido, metade para o governo e metade para os auxiliares; receberam-se os prisioneiros feitos pelos boers e pela gente de Carlos Maria, e sahiram varios grupos de auxiliares em busca do soba, que todos diziam estar ferido, affirmando uns que elle se conservava internado no matto, e outros que elle passára o rio e seguia de tipoia para o Evale. Falleceu-nos o soldado europeu que na vespera havia sido ferido em combate, e morreram alguns auxiliares indigenas que tambem tinham recebido ferimentos.

Em 27 de outubro, começaram os trabalhos da construcção do posto militar, cujo local foi escolhido n'uma altura sobranceira ao rio, dominando o vau de Handjabero, e muito perto do sitio em que nos encontravamos bivacados. E na tarde do dia immediato, 28, um grupo de boers veiu ao nosso acampamento trazer a noticia de que o soba havia sido encontrado morto no interior de uma emmaranhada matta de espinheiros; o adeantado estado de decomposição não permittia o transporte do corpo, mas no dia seguinte viriam trazer a cabeça para confirmação. A noticia correu logo entre os prisioneiros, que manifestaram com ella grande alegria, e parece que já se tinha espalhado entre o gentio que andava a monte, pois que n'essa mesma tarde muita gente se veiu apresentar, protestando submissão ao governo.

Effectivamente, no dia seguinte, os boers traziam, como prometteram, ao nosso acampamento a cabeça de Hangálo e tambem a carabina Kropatscheck que o acompanhava e o cinto — cartucheira de seu uso, o que tudo foi exposto ao exame de prisioneiros e auxiliares e por elles reconhecido como do proprio Hangálo. Tiraram-se photographias da cabeça, e foi lavrado do reconhecimento o competente auto.

As apresentações de gentio continuavam, e, sendo muito difficil o sustento e guarda de tão grande numero de prisioneiros, ao mesmo tempo que nenhum inconveniente havia já na sua soltura, pois o que toda a gente das terras queria era a paz e a protecção do governo, resolveu o commandante da columna dar a todos a liberdade e permittir-lhes que voltassem para as suas terras, depois de lhes fazer saber que não havia mais soba em Mulondo, e que a unica auctoridade alli com poderes passava a ser o commandante do posto militar.

Passou-se do periodo das hostilidades ao da cordealidade de relações: os ex-prisioneiros batiam palmas, atiravam-se ao chão e levantavam terra, em demonstração de agradecimento; muitos voltaram nos dias immediatos ao acampamento, trazendo comsigo parentes,

A CABEÇA DE HANGÁLO

e pouca vontade mostravam já de deixar a columna, junto da qual parece se sentiam bem; diziam-se felizes por não ter soba — o Hangálo matava-os, escravisava-os, tirava-lhes as mulheres e as filhas, ficava-lhes com os melhores productos dos seus *arimos*, com o marfim e com a cera que apanhavam.

No dia 3 de novembro estava concluida a construcção do posto, e teve logar a cerimonia da sua inauguração, sendo n'elle içada a bandeira nacional, com assistencia do gentio e formatura geral das tropas. A cabeça do Hangálo ficou enterrada no baluarte em que estava hasteada a bandeira. A guarnição dada ao posto foi de um pelotão de infanteria indígena, e uma bocca de fogo com a respectiva guarnição européa.

(Conclue.)

Eduardo Augusto Marques
Capitão do serviço de Estado-Maior.

TRISTE CANÇÃO

(A' Maria, virgem débil)

Correm-te os dedos divinaes de fada
Nas teclas de marfim.
Toca essa estranha e espiritual Balada
[illegible] me arrebata e me transporta a mim;

[illegible] me transporta a um país distante
Cheio d'estrêlas e scintillações...
Toca essa história linda e deslumbrante
De dous leaes e ingenuos corações.

Oh! não ha como a musica, Maria,
Para se recordar e se viver
Tudo o que era um passado d'alegria,
Tudo o que nós tivemos de perder!

Ouvil'a é como que escutar, sonhando,
Nitidamente, docemente a voz
D'alguem que ao lado nos está mostrando
Todo um passado que passou por nós.

Olha: lá vae atravessando aquella
Que ha tantos annos tu não vias já...
Maria, chama de vagar por ella...
Mas se não ouve... não responderá...

Oh, tão vélhinha! e como vem cançada!
Parece mesmo (é uma loucura isto?)
Que vem de longe p'ra te vêr — coitada!
Pobre de Christo!

E ella que tinha tanto medo á mórte...
E veiu a mórte e lá se foi tambem!...
(Maria, é esta a lei cruel, a sórte
Que todos temos como a tua mãe.)

Para longe de mim este desgôsto;
Deixa essa musica enervante e estranha;
Ama a alegria como um sól d'agôsto.
Antes tocasses, filha, a malagueña.

Carlos Frederico Parreira.

DUAS PAGINAS DA ARTE DE ARITHMETICA POR BENTO FERNANDES

Impressa no Porto em 1555 por Francisco Correia

A Bibliotheca Publica do Porto

II

OS IMPRESSOS

M 1856, pelos fins do anno, appareceu em successivos folhetins da gazeta que Camillo Castello-Branco viria a capitular de «retrograda», *O Portugal*, uma circumstanciada noticia ácerca de algumas obras raras existentes na Bibliotheca Publica do Porto. Uma d'essas que, a juizo do folhetinista, merecia especial menção era, por sem duvida, o volume intitulado *Liber chronicarum*, impresso em Nuremberg, em 1493, em folio grande, obra em duas partes dividida, sendo a primeira um compendio de historia e a segunda um compendio de geographia; e Bernardes Branco assignala, a proposito, uma incoherencia notavel de Brunet, doutor maximo aliás em bibliographia.

A 29 de dezembro d'esse anno de 1856, o folhetim accusa no investigador um d'estes desanimos entristecidos a que estão sujeitos com frequencia os homens de lettras. «Parecerá talvez inutil — Manuel Bernardes Branco exclama — o dar uma noticia tam minuciosa das obras existentes na Bibliotheca d'esta cidade, que tam pouco frequentada é!»

Porém logo readquire confiança, na justificação que depara para o desprimoroso aban-

VITA CHRISTI. LUDOLFO DE SAXONIA — LISBOA, 1495

dono: «Um dos motivos — elle explica — da sua pequena frequencia é o ignorarem-se geralmente as obras preciosas que n'ella existem. E quantas pessoas, mesmo das mais dadas á leitura das obras raras, sabem que n'ella teem a *Vita Christi*, o Cataldo, o *Liber Chronicarum*, o *Amadis de Gaula*, a primeira edição de Homero e de Quintiliano, e o celebre *Quinto Curcio* traduzido na lingua valenciana, obra da qual a propria Bibliotheca Real de Paris, apezar de immensas diligencias, não pôde encontrar um exemplar em bom estado, e que n'esta está tam bem conservada que parece nova?!»

Consequentemente, para que constasse quaes os thesouros litterarios que no Porto havia, tencionava, segundo o exara, Bernardes Branco dar d'elles uma noticia a mais circumstanciada que possivel lhe fôsse; e, com effeito, á hora em que o consignava, já copiosamente havia discorrido do Cataldo Siculo; e no lance promettia tratar em seguida do *Catholicon*, impresso em 1497.

Tratou, com effeito, em 27 de janeiro do immediato anno de 1857, dizendo que, ajudado por João de Meydenbach e Conrado Humery, estabelecera Guttemberg, pouco depois de dissolvida a sociedade que tivera com Fust e Schæffer, outra typographia em Moguncia, d'esta nova officina chegando até nossos dias a obra intitulada *Catholicon*, que é uma especie de encyclopedia classica, contendo uma grammatica, uma rhetorica e um diccionario latino, tudo sob o seguinte titulo: *Summa grammaticalis valde notabilis, quæ Catholicon nominatur* e nada mais restando de Guttemberg, que, elevado á categoria de nobre pelo eleitor de Moguncia, o qual tambem lhe concedeu uma pensão, abandonou a arte, deixando a typographia aos dois irmãos Bechtermunzse, Spyes e outros, os quaes em 1467

La vida del Rey Alexandre scrita per aquell singulariffiz hystorial Plutarcho fins en aqlla part on lo Quinto curcio ruffo comença. Alexandre entr etant.

Prohemi.

d El Rey Alexandre la vida eñ aquest volum scriure proposant per la grane deles gestes sues: donar als qui la le giran escusacio volem, perque de repr sio no siam fets dignes; si totes les co ses molt famoses largament aci no ex plicam. Car deixats los grans fets solament la vid scriure hauem delliberat. Maiorment q̃ los actes grã deles uirtuts o vicis no perfetament fan demostracio Ans ales voltes vna minima cosa paraula o icch me deles condicions de algu en coneixençans porten: qu hauer morts en batalla infinits enemichs e grandissi mes hosts vençudes o expugnades ciutats. Dench leixades les altres coses com fan los pintors; qui sola ment dela cara don lo iudici dels costums es conegut prenen les similituts sols los senyals del animo de A lexandre per los quals significaz la uida sua nos deu e ser admes scriure les grans hystories e actes bellicoso als altres deixant.

Dela generacio concebiment e natiuitat de Alexandre.

c Erta creença es de Caran⁹: lo paternal linatge dalexandre derucles venir. E diu E acus: lo maternal dela generacio de Neptolomus esser. Era Phelip en adolescencia amant Olimpia ensemps en Samotracia sancta vida

a.1.

CURTIUS RUFUS (QUINTUS) LA HYSTORIA DE ALEXANDRE. BARCELONA, 1481

imprimiram em Elfe'd o *Vocabularium ex quo*, que é um diccionario latino-allemão A edição, porém, que existe na Bibliotheca do Porto não pertence ás primeiras, pois que seja a de Veneza de 1497, se bem que, comtudo, é uma não vulgar e mereça, portanto, mencionar-se.

O primeiro dos estudos consagrados por Manuel Bernardes Branco a algumas das obras raras existentes na Bibliotheca Publica do Porto teve por objecto as de Cataldo Siculo, das quaes o unico exemplar que lhe constava existir em Portugal era o que está na livraria publica portuense, infelizmente falto de frontispicio e de duas ou tres folhas no fim, lendo-se na primeira folha o rotulo seguinte: *Cataldi aquile primus ad Emanuelem philosophantissimum portugalie regem: ethiopie maritime et indie*, livro que, além de se tornar digno de muito apreço pela sua raridade, se torna tambem muito apreciavel por ser um monumento do progresso da arte typographica em Portugal.

CHRONICA DE NUREMBERG — HARTMAN SCHEDEL — NUREMBERG, 1493

Na *Miscellanea Litteraria*, revista impressa no Porto em 1860, apparece por Bernardes Branco estudado o volume de Cataldo Siculo, «de que existe — escreve Innocencio — um raro e precioso exemplar na Bibliotheca Portuense», bem como, na categoria dos primeiros monumentos da typographia portugueza, ahi se estudam as primeiras constituições do bispado do Porto, de que o ensaio critico o exhibira já Bernardes Branco outrosim em 1856 no mesmo jornal politico, onde eruditamente folhetinisava. No exame das obras de Cataldo Siculo, déra elle a traducção em portuguez da carta que o referido Cataldo escrevera ao rabbi de Napoles para o converter á fé catholica, a qual, se não seja argumentativamente suasoria, é mui interessante como modelo dos improperios com que na epocha, á má cara, se buscava captar as convicções. Ella se encontra transcripta na verba a Cataldo Siculo dedicada no primeiro volume da compendiosa obra *Portugal e os Extrangeiros*, ulteriormente por Manuel Bernardes Branco começada a dar á estampa em Lisboa em 1879.

Uma é das 17 reproducções no texto em facsimile (n.º 66) que illustram a nova edição (1904) do catalogo de incunabulos, coordenado, em 1897, segundo a ordem alphabetica e seguido d'algumas notas bibliographicas, pelo amanuense da Bibliotheca Publica do Porto sr. Arthur Humberto da Silva Carvalho. As outras respeitam, successivamente, á *Ordo precum*, Lisboa, 1498, de David Abu Derahim; á *Biblia Sacra*, 1479; á *Sũma de Arithmetica, Geometria, Proportioni & Proportionalita*, de Fr. Lucas Paccioli de Burgo ou Borgo, Veneza, 1494; á primeira edição rarissima das obras de Julio Cesar, Roma, 1469, sendo curioso o ex-libris (ms.) que diz assim: *Este libro he do Senhor Antonio Mendez a que Eu devo avida*; ás Constituições Sinodaes do Bispado do Porto, ibi, 1496; á *La hystoria de Alexandre per Quinto Curcio, per Luis de Feudlet en lengua valenciana transferida*, Barcelona, 1481; á primeira edição, muito rara, da obra conhecida sob o titulo de *Chronica de Nuremberg*, de Hartmann Schedel livro, que é um dos monumentos mais importantes da xilographia allemã do seculo XV; á edição, outrosim muito rara e que é a primeira traducção latina *(per*

Tratado da sphera
com a Theorica do Sol & da
Lua. E ho primeiro liuro da
Geographia de Claudio Pto
lomeo Alexádrino. Tirados nouamen
te de Latim em lingoagem pello Doutor
Pero Nunez Cosmographo del Rey dõ
João ho terceyro deste nome nosso Se
nhor. E acrecẽtados de muitas annota
ções & figuras per que mays facilmente
se podem entender.

¶ Item dous tratados q̃ o mesmo Dou
tor fez sobre a carta de marear. Em os
quaes se decrarão todas as principaes
duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do
mouimento do sol: & sua declinação. E o
Regiméto da altura assi ao meyo dia: co
mo nos outros tempos.

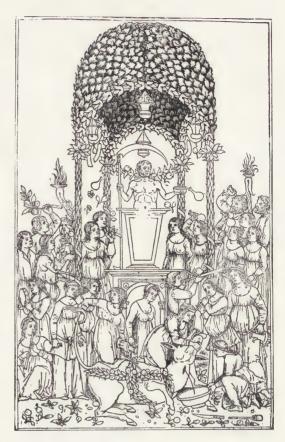
COM PREVILEGIO REAL.:.

TRATADO DA ESPHERA DE PERO NUNES
Impresso em Lisboa em 1537

Laurentium Valleus) em prosa da *Iliada*, de Homero; á famosissima *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxonia, traducção nossa lusitana de fr. Bernardo de Alcobaça, monge cisterciense, cuja descripção no tomo VIII das *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, após acurado confronto, o sr. Humberto de Carvalho declara ser mui fielmente conforme com o exemplar existente na Bibliotheca Publica do Porto; á edição rarissima dos *Epigrammas* de Marcial, de Roma, 1473; á bella e mui rara edição das *Vidas dos Varões Illustres* de Plutarcho, Veneza, 1491; á primeira edição (Veneza, 1499) de uma obra assás singular e rara, da qual noticia succinta que se encontra collada no volume da livraria publica portuense diz por este teor: «Todos os bibliographos affirmão que o romance intitulado *Hypnerotomachia* — palavra composta de tres vozes gregas, que querem dizer — Peleja d'amor em sonho, porque effectivamente se descreve um sonho amoroso, é sem duvida a obra mais extravagante e fantasiosa que tem apparecido na Italia, depois do renascimento das letras. *Poliphilo* significa amante de Solia, nome supposto com que o A. quiz encobrir o proprio que era Fr. Francisco Colon-

na, da Ordem dos Prégadores em Veneza. É notavel o modo com que pretendeu occultar-se, empregando em cada cap. uma letra inicial, que depois de juntas formão a divisa seguinte: *Poliam Frater Franciscus Columna peramavit;* áquella primeira edição de Quintiliano *(Institutionum oratoriarum ad Victorium Marcellum liber XII,*—Roma, 1470) que, actualmente muito conhecida sob o nome de Campanus, seu editor *(ex recensione Joannis Antonii Campani)*, póde ser considerada, frisa-o o catalogador, como uma obra da maior raridade; ás *Regulo Ordinis S. Benedicti, S. Basilii, S. Augustini, S. Francisci, collectœ et ordinatœ per J. Fr. Brixianum*, Veneza, 1500; á edição, rara e preciosa pela sua antiguidade, que, executada em bellos caracteres gregos ligados e considerada como uma das mais perfeitas das sahidas da typographia dos *Aldos* (Veneza, 1495), é a primeira da mór parte das obras que contém e são de Theocrito, Phocylides, Theognis, Pythagoras, Hesiodo, notadamente; emfim, á primeira edição completa, muito perfeita e de extrema raridade (Roma, 1471) do tratado de Lourenço Valla *De Elegantia Latinœ Lingnœ*, tendo o corpo do volume 220 folhas. O numero das verbas da escrupulosa resenha do sr. Humberto de Carvalho attinge o montante de 206; o catalogo sahiu dos prelos da Imprensa Portugueza; os *facsimiles* executaram-se nas officinas de Marques Abreu & C.ª

Posto que, na totalidade das obras que formam o seu novo catalogo de 1904, algumas haja das quaes não pôde averiguar com exactidão a data, ainda assim o collector as incluiu como no primeiro, de 1897, que não continha senão 165 numeros. Entendeu que, mesmo que ellas não fôssem impressas até o anno de 1500, limite do periodo que abrange o intuito do seu catalogo, não lhe prejudicariam a indole: não sómente porque a data da sua impressão não poderá ir muito além dos principios do seculo XVI, mas tambem porque alguns bibliographos ainda consideram *incunabulos* todas as obras impressas antes de 1536.

Em 1510 impresso, a retentiva, aqui infiel, de Alexandre Herculano imaginou o exemplar do *Amadis de Gaula*, existente na Bibliotheca Publica do Porto e, n'esse engano, discorreu em Lisboa no tomo II do *Panorama*, a pag. 134. Ao ler esta noticia, em 1857 noticía Pascual de Gayangos que correra immediatamente ao

HYPNEROTOMACHIA POLIPHILI — VENEZA, 1499

seu amigo marquez de Pidal, que, pela secretaria á sazão a seu cargo, mandou que para o Porto se pedissem as competentes noticias em averiguação d'esse dado bibliographico. Porém o consul hespanhol na cidade do Porto não encontrou na sua Bibliotheca Publica outra edição alguma mais do que a de 1519, da qual remetteu para Madrid uma minuciosa descripção, um *fac-simile* da sua portada gravada e todas quantas noticias se podiam desejar.

Na especie bibliographica de «livros de cavallarias», preciosidade que de Hespanha lhe foi extorquida possuia a Bibliotheca Publica do Porto com possuir um exemplar do *Tirant lo Blanch* (Barcelona, 1497), cuja descripção o sr. Humberto de Carvalho copía da *Bibl. Hesp.*, de Gallardo, perfeitamente egual ao volume que na Bibliotheca Publica do Porto não existe já. A primeira edição d'este livro é de Valencia, de 1490, e ha uma traducção castelhana, de Valladolid, 1511, da qual um exemplar se encontra citado no

AMADIS DE GAULA — TRATADO DE CAVALLARIA
Impresso em 1519

Catalogo Gaignat, e outro, falto de folhas, se vendeu em Londres em 1854, procedente da livraria de lord Stuart de Rothesay. Da edição de Valencia (1490) conhecem-se tres exemplares: o que pertenceu ao conde de Saceda, descreve Mendez e se conserva hoje em dia no Museu Britannico de Londres; o do collegio da Sapiencia de Roma; e, finalmente, o da Universidade da propria Valencia. Quanto á edição de Barcelona (1497), toma Pascual de Gayangos a descripção resumida que lhe fornece Brunet e frisa que Brunet a exara, *sin citar ejemplar alguno de esta edicion de Barcelona, lo cual no deja de ser extraño, conociendo-se ya tres de la primera.*

E Vicente Salvá, na sua *Bibliotheca*, vol. I, pag. XIII, do prologo, fallando dos livros raros, diz, depois de citar o *Tirant lo Blanch*, impresso em Valencia: *Para mi todavia es más rara la edicion de Barcelona, que nunca he visto.*

Esta é a que a Bibliotheca Publica do Porto possuia. Brunet, fallando da edição de 1490, diz ser ella excessivamente rara e a primeira que appareceu com o texto limosino ou catalão d'este celebre romance de cavallaria; o unico exemplar que se apresentara no mercado para vender fôra adquirido por 300 guineos pelo afamado bibliophilo Rich Heber; e no catalogo de Quaritech, novembro de 1900, acha-se marcado um exemplar da mesma edição pelo preço de 500 libras.

O exemplar do *Tirant lo Blanch*, unico conhecido da edição de Barcelona de 1497, foi pedido á Bibliotheca Publica do Porto por portarias do ministerio do reino de 3 de dezembro de 1859 e 5 de janeiro de 1860, dizendo-se n'ellas que, logo que estivesse cumprido o fim para que era reclamado, seria immediatamente devolvido a essa Bibliotheca, para onde aliás nunca mais voltou.

A correspondencia official, trocada entre os varios poderes publicos por occasião da remessa para Lisboa d'aquelle preciosissimo exemplar, bem como os extractos das sessões do parlamento e a opinião dos jornaes concernentemente ao suggestivo facto, já fôra publicada em *Supplemento* á primeira edição do *Catalogo das Obras do* XV *seculo pertencentes á Bibliotheca Publica Municipal do Porto* (1897); porém, como á data esse additamento se encontrasse esgotado, o sr. Humberto de Carvalho novamente o deu á estampa, na altura idonea de seus *Incunabulos*, de 1904.

A collecção ajuntada pelo sr. Humberto de Carvalho consta de documentos officiaes, extractos de debates parlamentares e artigos dos periodicos em 1860 e 1861. O atado de documentos comprehende officios do chefe da direcção geral de instrucção publica, José Maria d'Abreu, 1.º bibliothecario Anthero Al-

bano da Silveira Pinto e secretario geral do governo civil do districto do Porto, Augusto Cesar Cau da Costa. Intercala-se chronologicamente uma maliciosa noticia, cheia de subentendidos e realçada de equivocos transparentes, cortada do *Jornal do Porto*, de 14 de março de 1860; em nota se appensa o que tambem sobre o assumpto disse Camillo Castello Branco na sua *Gazeta litteraria do Porto*, de 1868, n.º 16; em segunda nota corrige o sr. Humberto de Carvalho o engano de Camillo Castello Branco, quando este se refere á verba para a edição de Valencia, 1490, consignada no nº. 1.217 do *Ensayo de una biblioteca española de libros raros y curiosos*, quando queria referir-se ao n.º 1.218, que seja o attinente á edição de Barcelona, 1497, que era a que pertencia á Bibliotheca Publica do Porto.

Logicamente se segue a correspondencia trocada entre o presidente da Camara Municipal do Porto, visconde de Lagoaça, e o 1.º bibliothecario, Silveira Pinto. Na mesma data, o 1.º bibliothecario officia a José Maria d'Abreu, chefe da Direcção Geral de Instrucção Publica, enviando-lhe copia do officio que recebera do presidente da Camara do Porto e bem assim outra da resposta que dera a esse officio, na qual ao visconde de Lagoaça participára que a elle Abreu tudo assim lhe communicaria. No desgosto que promove a leitura das peças officiaes subsequentes, o curioso distrae o tedio d'um momento com o apuro, em replica a uma evasiva, de que constava vagamente que o romance *Tirant lo Blanch*, da marcação L-12-22, pertencera á livraria dos Carmelitas de Villa do Conde.

Em 1887, o vice-presidente da municipalidade portuense, Francisco Pinto Bessa, reclama com urgencia copias authenticas dos documentos e portarias em virtude das quaes foi entregue o livro perdido, pois a Camara Municipal deliberara representar ao governo pedindo a devolução do volume distrahido, havia annos, da Bibliotheca Publica do Porto; esta iniciativa não logrou exito, porém; a obra sonegada, sonegada ficou.

Os documentos parlamentares compoem-se de um extracto da sessão de 28 de março de 1860 da Camara dos Deputados; interpella Alves Martins, depois bispo de Vizeu e ministro d'Estado, responde o ministro do reino, Fontes Pereira de Mello; e intervem José Estevão, corroborando a censura de Alves

ב
עזר אלהי קדם שוכן
מעונה : אחל לפרש
תפלות כל השנה ::

DAVID ABU DERAHIN — ORDO PRECUM — LISBOA, 1498

Martins, ao que retorque ainda Fontes Pereira de Mello, allegando o exemplo de precedentes similares. Vem depois um extracto da sessão de 30 do mesmo mez e anno da Camara dos Pares; apresentou o visconde de Fonte Arcada um requerimento para que pelo ministerio do reino se pedisse ao governo copia da portaria ou ordem expedida por aquelle ministerio para mandar vir da livraria da cidade do Porto a obra rarissima, *Tirant lo Blanch*, e para que se dissesse se este livro

precioso já fôra devolvido á referida livraria ou em que mãos parava por então; o visconde de Balsemão rogou-lhe permittisse licença de accrescentar áquelle requerimento que pelo mesmo ministerio se informasse como fôra adquirido pela Bibliotheca aquelle livro. Na mesma Camara, em sessão de 2 de abril, o marquez de Vallada declara desejar fazer algumas considerações sobre a portaria a que alludira o visconde de Fonte Arcada; e em sessão de 10 do mesmo mez aproveita a presença do ministro do reino para fallar sobre o livro *Tirant lo Blanch,* que aquelle ministro permittira sahisse da Bibliotheca do Porto, ao que redargue o ministro que, sempre que fôr prevenido do dia em que se lhe pretenda dirigir alguma interpellação, tratará de comparecer prompto para responder.

A interpellação effectua-se na sessão de 16 de maio; é, pelo presidente, entrando-se na ordem do dia, concedida a palavra, para a fazer, ao visconde da Fonte Arcada; responde o ministro do reino, Fontes Pereira de Mello; replica o interpellante, visconde da Fonte Arcada; intervém, de novamente, o visconde de Balsemão; falla o conde da Taipa; volta a retorquir Fontes Pereira de Mello, a que contesta aquelle conde da Taipa, encerrando-se o debate com uma declaração em prol do personagem (o duque de Saldanha) que fizera retirar até suas mãos o exemplar do *Tirant lo Blanch* existente na Bibliotheca Publica do Porto. Essa declaração categorica do ministro do reino, a camara a saúda com apoiados e vozes de applauso.

QUINTILIANUS (M. F.) INSTITUTIONE ORATORIA — ROMA, 1470

Na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de fevereiro de 1861, Alves Martins requer que, pelo ministerio do reino, fossem remettidos esclarecimentos sobre a portaria do mesmo ministerio do reino que ordenou a sahida do livro de cavallaria *Tirant lo Blanch* da Bibliotheca do Porto, sobre o recibo do cavalheiro a quem se entregara o livro, finalmente quaesquer informações que habilitassem os representantes do paiz a saberem o destino que teve o *Tirant lo Blanch.* Á sessão de 17 de agosto de 1861, da mesma Camara, cabe a nota de interpellação do deputado José de Moraes Pinto de Almeida, pretendendo interpellar o ministro do reino, com a maior urgencia possivel, além d'outro ponto congenere, sobre o destino que tivera o livro *Tirant lo Blanch*, que pertencia á Bibliotheca do Porto. No restante da sessão legislativa de 1861 não encontrou o sr. Humberto de Carvalho verificada esta interpellação; parece-lhe provavel que o fôsse em alguma das sessões parlamentares dos annos seguintes; porém, para não demorar a publicação de seu catalogo, desistira pelo entretanto de procurar essa verificação; de longos annos, de resto, que tencionava reunir e fazer estampar estes documentos que apresentava assim colligidos já; mas faltara-lhe sempre o tempo necessario para se fazer pesquiza similhante.

Mui distante da data da sahida do *Tirant lo Blanch* da Bibliotheca do Porto e bem proximo de nossos actuaes dias, recebeu o bibliothecario do Porto, Eduardo Augusto Allen, uma carta do bibliothecario-mór da capital, Antonio Ennes, escripta em 11 de fevereiro de 1887, communicando-lhe que os livreiros, de Londres, Sotheby, Wilkinson & Hodge haviam annunciado para os ultimos dias d'aquelle mez a venda em leilão d'uma bibliotheca de Mello, pertencente ao finado barão Seillière, e que no catalogo d'essa bibliotheca figurava um *Tirant lo Blanch*, que Antonio Ennes suspeitava ser o exemplar que em tempos sahira do Porto, por emprestimo feito ao marquez de Salamanca.

Não era; era a edição de Valencia, de 1490, e que, vendida no indicado leilão pelos livreiros Sotheby, Wilkinson e Hodge, foi alli comprada por outro liveiro, Bernard Quaritch, que a registou no seu catalogo n.º 148, de fevereiro de 1895, pondo-lhe o preço, já apontado, de 500 libras esterlinas. Não appareceu comprador immediatamente; no catalogo n.º 202, de novembro de 1900, ainda lá se encontra marcada, a pag. 51, n.º 489, pela referida conta de £ 500.

Em 1904, o sr. Arthur Humberto de Carvalho aventava o alvitre de o governo comprar essa 1.ª edição de Valencia, dado que ainda á cata de adquiridor se encontrasse em Londres, destinando-a, e a fito de a resarcir, á Bibliotheca Municipal do Porto. Esta compensação se consideraria, tão só, interina, até que apparecesse o paradouro e se conseguisse a restituição da que lhe foi subtrahida. N'este caso, passaria o exemplar comprado para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, á qual erroneamente, no seu Supplemento, de 1880, em Brunet vem attribuida a posse primitiva do exemplar, pertencente á opulenta collecção do barão de S..., e que appareceu, na Exposição Universal de 1878 em Paris, no Museu Retrospectivo, do Trocadero.

Conſtituiçõees que fez ho Senhor dom diogo de ſouſa bp̃o do porto. As quaaes forom pobricadas no ſinado que çelebrou na dita çidade. a vinte ⁊ quatro dagoſto de mil ⁊ quatroçentos ⁊ nouenta ⁊ ſeys annos.

QUANTA obrigaçam os prelados tenham a trabalhar ⁊ fazer que ſua uida ⁊ obras mereçam o carreguo ⁊ dignidade pera que os d's eſcolheo. a todos eſta craro ⁊ manifeſto. Ca nom he couſa jnota aos ruſticos ⁊ jnorãtes Quanto mays a vos outros reuerendos jrmaãos ⁊ amigos Os quaaes em parte da meſma uocaçõ ⁊ offiçio em q̃ ſomos chamados o ſooes. Como dado q̃ todollos homeẽs ſejam deuedores a d's aſſy da propria natureza q̃ delle reçeberom como dos outros beẽs corporaaes ſpirituaaes exteriores Por que ſegundo o apoſtollo Todo ho bem que temos reçebemos ⁊ como de reçebido nos deuemos delle gloriar Nos os saçerdotes ⁊ prellados deuemos a noſſo ſenhor mays q̃ neguem. Ca nõ ſoomente reçebemos delle os beẽs açima ditos em geeral. Mays em particular outros muito mayores ⁊ de mayor obrigaçam pera nos a que ſam dados Por que aalem de nos fazer homeẽs ⁊ verdadeiros xp̃aãos q̃ he o prinçipal benefiçio a nos conçedido Quis n⁹ poer por paſtores ⁊ regedores de ſeu pouo A qual couſa em p̃ña ⁊ proueito aſſy noſſo como do dito pouo xp̃aão foy prometida Ca ſe nam peccaramos abaſtara a cada huũ ſua propia uida ⁊ regimento Mas peccando comprio dar d's quem dos peccados purgaſſe ⁊ abſolueſſe os peccadores. ⁊ querer elle ſem noſſos mereçimentos pera tal offiçio nos eſcolher ⁊ tamanha merçee q̃ non menos defeituoſos ⁊ minguados nos eſtimamos ao conheçer com palauras. q̃ com ſuiço ⁊ obras. Ca temeraria couſa ſeria cuidar homẽ de pagar ſeendo homẽ fazello d's ſenhor dos homẽs ⁊ julgador Nam ſoomente d⁹ corpos q̃ aos Reys ⁊ prinçipes he cõçedido Mas aynda das almas q̃ a ſoo d's pertẽçe. ⁊ darnos poder q̃ aos anjos nom foy dado. o qual he cõſagrarmos o ſeu v̄dadeiro corpo ⁊ ſangue ⁊ fazermos q̃ elle meſmo d's ⁊ homẽ nom menos preſente ſeja a nos ſob aq̃llas eſpeçias que cõſagramos do q̃ era aos apoſtollos cujos v̄dadeiros ſuçeſſores ſomos E por yſſo trazendonos d's a eſte bp̃ado por uoſſo bp̃o ⁊ jrmaão quiſem⁹ çelebrar eſte ſanto ſynado pera que nelle me uiſees ⁊ conheçeſees ⁊ vos decraraſſe minha tençam. açerqua do que compre a regimẽto meu ⁊ uoſſo ⁊ aſſy deſta ygreja. Deſejo çerto muito nõ ſeer do cõto daquelles q̃ eſcõderom o dinheyro que lhes ſeu ſenhor deu pera ganharem cõ elle. ⁊ nom fezerom delle frupto.

CONSTITUIÇÕES SINODAES DO BISPADO DO PORTO — PORTO, 1496

J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO).

PONTE DO RIO DE UJI

Ora, meus senhores: se é bem certo que o tendeiro tantas vezes abusa da boa fé do seu freguez, enganando-o no peso da manteiga; se, com identica falta de escrupulos (oh, doces recordações da patria!...), a varina vende por fresco o linguado pescado ha sete dias; vou-me eu agora convencendo, por experiencia e peccadilhos proprios, que de todos os traficantes d'este mundo será talvez o homem de lettras quem mais abuse da boa fé dos seus clientes. Escutem-me, e concluam: aqui vou eu agora encher de prosa algumas paginas, buscando assumpto em uma excursão sentimental que ha poucos dias realizei, a qual (prosa ou excursão) poderá ter muito valor para a minha affectibilidade pessoal, mas não por certo para a curiosidade dos leitores.

Trata-se, com effeito, de uma peregrinação a Uji, a terra do chá, a pequena cidade provinciana onde ha alguns annos colhi inspirações para um livrinho sobre o chá, que foi impresso e garridamente illustrado em Kobe, e depois expedi á minha terra, onde, graças a alguns amigos, se lhe deu benevola acolhida. Ao livrinho, quero muito, por intimos motivos. Quanto a Uji, não mais alli voltára depois de publicado o livro. A gratidão, quando não outros impulsos, ia-me aconselhando a lá tornar. Emprehendi pois recentemente este passeio, em epocha propicia — em maio, — quando em plena colheita das preciosas folhas; e estão os senhores imaginando o alvoroço, o amor com que eu ia relanceando paizagens e rostos conhecidos, aspectos de labuta aos quaes prestára já olhos attentos, todo o conjuncto emfim a que devêra a realização, tão feliz quanto possivel, do meu capricho litterario.

Do tal passeio, resa o presente artigo. Volvêr a fallar do chá é insistencia que pelo menos merece os qualificativos de importuna, de enfadonha,

YOROZUYA

coisa orçando por burla imposta á ingenuidade do leitor. Proponho-me ser conciso, todavia; e, como diversão, substituo as illustrações phantasistas do livrinho por photographias authenticas dos logares, possivelmente com agrado d'aquelles que preferem ao impressionismo do pincel a veracidade da placa sensitiva.

*
* *

Chegada ás 11 horas. Sol radioso. Chilreada de pardaes. Animação nas ruas e nos campos. Ligeiro repoiso na hospedaria. Yorozuya (a casa de dez mil annos), pittorescamente debruçada á borda da ribeira. Bebo uma chavena de chá novo, com o travo delicioso das folhas ainda mal curtidas; engulo um frugal almoço e salto para os campos, todos verduras tenras, salpicadas de matizes de mil e mil flores silvestres. Vae servindo-me de guia uma rapariguinha, Yoné (Bago-de-arroz), de maneiras gentis e obsequiosas e com a bocca cheia de sorrisos. Visita ao velho

ENTRADA DO TEMPLO DE BYODO-IN

SCENAS DO RIO DE UJI

templo de Byodo-in, que data do anno de 1052, e obolo piedoso lançado na caixa das esmolas. Depois, atravessámos o rio de Uji numa barca de passagem e eis-nos em plena região das culturas de chá.

Agora, alguma minucia nos detalhes. Moirejam bandos de mulheres, velhas e raparigas, em fatos domingueiros, toalhas em volta dos cabellos, alguns homens tambem, todos colhendo chá. Aqui, além, caras conhecidas me sorriem, dão-me os bons-dias; e tão á vontade me supponho, que me misturo aos grupos e começo tambem a trabalhar, arrancando as folhas viçosas dos arbustos e atirando-as a uma ceira. A velha O-Haru (a Primavera... o nome fica sempre, mas os alvos cabellos melhor accusam os invernos), a velha O-Haru canta, a meu pedido, algumas canções apropriadas, para animar as raparigas a imital a. Porque, segundo a praxe, ellas estavam cantando, sendo de estylo acompanhar a faina de descantes; mas haviam-se calado, ao darem fé de mim. Canta a velha:

Uji no shiba-buné
Hayasé wo wataru.
Watashiya kawa-buné dé
Watare yuku!...

Uji wa chá dokoro,
Chá wa en dokoro.
Musumé yaritaya
Muko hoshiya!...

CULTURA DO CHÁ — UM ASPECTO

Não perceberam? Eu traduzo:

Os barcos d'Uji navegam,
Contra a corrente luctando.
Eu vou sem rumo, ao capricho
Dos desejos, vagueiando!

Uji é a terra do chá,
E o chá é casamenteiro.
Moços e moças em faina...
Que lidar tão feiticeiro!...

Após, houve pausa nas cantigas, O-Haru começou então dando largas á palestra, permittindo-se, como as outras, o regalo de alguns minutos de preguiça, em honra do estrangeiro. Ia dizendo ella que O-Ai (a Amores), O-Ai, a rapariga mais bonita de todas que colhiam chá nos campos de Uji, casára, vivia agora em Osaka com o marido, e já tinha um filho, — um ou dois — não se lembrava ao certo. Alem, via eu a apanhar chá aquella mocita graciosa, rosada como um pecego, Sué (a Ultima), que era a irman, a *ultima* irman, de O-Ai. O-Ito (a Meada-de-linhas), O-Ito deixára a vida da lavoira para entrar n'uma escola superior na cidade de Kyoto, onde aprimorava agora o seu espirito...

Eu ia ouvindo estas historias, sinceramente interessado nos destinos de O-Ai, de O-Ito, das quaes bem me recordava. A scena que tinha diante dos meus olhos tambem se offerecia interessante. Relanceada de surpresa e para um estranho no paiz, poderia fazer suppôr que alguma tribu de bohemios alli se achava, em acampamento provisorio, entre as culturas. O solo,

encharcado de recentes chuvadas, fôra coberto de palha, fofa e secca, sobre a qual se estiraçavam garotos galhofando. Aqui, além, gentis vultos de *musumés*.

Algumas soberbas velhas, alvas guedelhas cahidas sobre a fronte, mãos esqueleticas em gestos, com ares de bruxas dos bosques, não distantes, reunidas ali em magno concilio. Mães com filhitos cerca, ou ás costas, ou dando-lhes o seio durante curtos instantes de descanço; particularmente enternecia o rostinho requeimado de uma menina de onze mezes, sobre o regaço materno, palpebras cerradas, adormecidas, sobre as quaes as moscas vinham poisar teimosamente. Dois ou tres rapagões, na flor da vida e na força dos musculos, tambem iam lidando na colheita, mordendo de quando em quando as raparigas com a pupila afogueada.

* * *

Mas esquecia-me de notar a impressão mais commovente que colhi do meu passeio a Uji. Foi em Yorozuya, a hospedaria assente junto da ribeira e guarnecida de estacadas, evocando no espirito não sei que canto de paizagem remota de extincta povoação lacustre, onde pedi agasalho, como disse. Eu conhecia de longa data aquelle poiso, o mais afamado do logar. Havia cerca de dois annos estivera lá por ultima

OUTRO ASPECTO DA CULTURA DO CHÁ

vez. Então apparecêra-me, com as criaditas de mistura, uma moça gentil, mais mimosa do que as outras, acarinhando um rapazito. Servindo-me o chá, de joelhos sobre a esteira, disse-me ella ser a esposa do proprietario da estalagem e que aquella creança era seu filho; e accrescentou com ar apprehensivo — julguei mesmo vêr-lhe nos olhos bailarem duas lagrimas, — que o marido partira para a guerra, como soldado reservista, havia poucos dias... o seu espirito de mulher, embora japoneza e por conseguinte resignada a todos os sacrificios que a patria reclamasse, soffria com os perigos da guerra, com os riscos que o marido ia correndo... Pois confesso que, ao entrar agora na estalagem, sentia-me receioso, commovido. Reverencias risonhas das criadas. Deixo á porta os sapatos e subo ao primeiro andar, installo-me no aposento que me foi designado, e eis que me apparece, meio escondido por detraz de um biombo, espreitando, curioso de vêr a cara de um estrangeiro, o sobredito rapazinho, mas com dois annos a mais, espigado como um pé de milho quando duas semanas decorridas. Pergunto-lhe abruptamente: — «Como está o teu pae? já voltou?...» — Respondeu-me que estava alli em baixo na cozinha, tendo voltado da guerra, são e salvo, o mez passado. Respirei. — «E a tua mãe?...» — Respondeu-me: — «Morreu.»

Kobe — Maio de 1906.

W. DE MORAES.

BENITA

Romance africano

POR

H. RIDER HAGGARD.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XX

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu paeem Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Cliffor de Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro. Meyer insiste com Benita para se deixar hypnotisar, crendo que ella revelará o segredo do thesouro. Faz-se sem resultado a primeira experiencia, a qual se repete apezar da reluctancia de Benita e seu pae. Então o espirito da portugueza morta ha seculos, fala pela bocca de Benita, contando a historia tragica dos seus companheiros e o seu proprio suicidio. Meyer, cujo espirito se acha um pouco perturbado, continua a exercer influencia hypnotica em Benita, contra vontade d'esta, no intento de conhecer o sitio onde se acha o thesouro. Tem uma allucinação dentro da caverna, onde jura nunca mais entrar, e quasi se lhe acaba de transtornar o juizo.

CAPITULO XXI

A mensagem da morta

MEYER sempre affirmou que não acreditava em espiritos — disse Clifford scismando.

— Pois agora acredita! — respondeu Benita com um risinho. — Mas, meu pae, o pobre homem está doido varrido, esta é que é a verdade, e nós não devemos prestar attenção ao que elle diz.

— O velho molemo e mais pessoas da sua gente, Tamas por exemplo, declaram ter visto a alma de Benita Ferreira. Dar-se-ha caso que elles tambem estejam doidos, Benita?

— Eu sei cá! Vá lá saber isso! Tudo isto é um mysterio. O que eu sei é que nunca

COMEÇA ENTÃO A EPOCA MAIS TERRIVEL DA VIDA DE BENITA

vi um espectro, e duvido que alguma vez o veja.

— Mas o que é certo é que, quando tu estavas em estado de transe, houve alguem, que não eras tu, que por tua bocca falou, e esse alguem disse que era a tua homonyma, a outra Benita. Com effeito dizes bem: não nos é dado profundar estas

cousas, especialmente n'um demonio de um sitio como este, que parece encantado. Mas o que não me offerece duvida é que não temos muito mais a receiar de Jacob.

— Isso é que eu não sei, meu pae. Em doidos não ha que fiar.

Não tardou muito a reconhecer-se que Benita tinha toda a razão. Pela hora da ceia reappareceu Jacob Meyer, com aspecto pallido e acabrunhado, mas no mais, sem differença do seu estado normal.

— Eu esta manhã tive uma especie de ataque nervoso — explicou elle — resultado de uma allucinação que se apossou de mim quando a luz se me apagou. Lembro-me que julguei ter visto um espectro, e afinal sei perfeitamente que tal cousa não existe. Fui victima de decepções, de anciedades, e de outras commoções mais fortes ainda — e olhou para Benita — Por conseguinte, rogo-lhes o favor de se esquecerem de tudo quanto disse ou quanto fiz e... Tem a bondade, dá-me de ceiar?

Benita assim fez. Elle comeu em silencio, com algum appetite. No fim, enguliu duas ou tres goladas de genebra, e falou de novo:

— Bem sei que não me acolhem de braços abertos, mas vim aqui para tratar de negocios — disse elle em voz serena e despreoccupada. — Estou farto de aqui estar, e parece-me que é tempo de chegarmos ao fim que nos trouxe, isto é, de encontrar o thesouro escondido. Isso, como sabemos, não se pode fazer senão de uma maneira, por meio das faculdades videntes de uma pessoa presente e do poder hypnotico de outra. Miss Clifford, rogo-lhe me permitta pôl-a em estado de transe. Tudo nos disse já, excepto o esconderijo do thesouro, e é necessario que o saibamos.

— E se eu recusar, sr. Meyer?

— N'esse caso, muito a meu pezar, ver-me-hei forçado a empregar os meios de que disponho para a compellir á obediencia. Com grande repugnancia minha, ver-me-hei obrigado — e n'isto rebrilharam-lhe ferozmente os olhos — a executar seu pae, cuja obstinação e cuja influencia se levantam entre nós e o esplendor da fortuna. Eh! Clifford! — accrescentou elle — Escusa de extender a mão para a carabina, porque eu tenho o revolver armado na algibeira, e no instante em que a sua mão tocar na carabina, faço fogo. Pobre velho! Pois imagina um momento, doente e encarangado como está, que pode luctar contra a minha dextreza, a minha intelligencia e a minha força? Deixe-se d'isso! Matava-o doze vezes antes que vossê pudesse levantar um dedo contra mim. Por esse Deus em que eu não creio lhe juro! Se sua filha não for mais submissa, mato-o!

— Isso agora é que havemos de ver, meu amigo! — disse Clifford rindo e mostrando que o não desamparava a coragem — Esse Deus em que não crê talvez que primeiro lhe dê a morte!

N'isto Benita, que tinha estado a reflexionar, levantou os olhos e disse de repente:

— Muito bem, sr. Meyer! Consinto, consinto... porque é esse o meu dever. Amanhã de manhã dou-lhe licença que me hypnotise, se puder, no mesmo logar, defronte do crucifixo, dentro da caverna.

— Não! — redarguiu elle promptamente — Ha de ser aqui, aqui é que eu quero. Esse logar de que fala não me é propicio; era capaz de falhar a tentativa.

— Foi esse o logar que escolhi — respondeu Benita com teimosia.

— Mas o que eu escolhi foi este, Miss Clifford, e a minha vontade deve prevalecer sobre a sua.

— Porque o sr. Meyer, que não crê em espiritos, tem medo de entrar na caverna, não se torne a dar o caso...

— Não se importe se eu tenho medo ou não tenho! — replicou elle furioso. Escolha: ou cumprir a minha vontade, ou matar seu pae. Amanhã de manhã, virei saber a resposta. Se continua n'essa teima, dentro de meia hora estará elle morto, deixando-a a sós comigo. Ah! pode chamar-me á vontade perverso e facinora. Mas quem é perversa é Miss Clifford, que me força a este acto de justiça.

E sem dizer mais palavra levantou-se de salto e afastou-se ás arrecuas, apontando sempre para Clifford o revolver que sacara da algibeira. A ultima cousa que elles viram foram os olhos d'elle, lampejando para elles na obscuridade como os de um tigre.

— Meu pae — disse Benita, depois de se certificar que elle estava longe — esse doido intenta realmente matal-o; não pode haver duvida.

DEANTE DE SI, TINHA O SACCO REBENTADO, E A CÔR DO ENVOLUCRO ERA A DESCRIPTA

— Decerto, minha querida. Se eu amanhã á noite fôr vivo, é que tenho sorte, a não ser que o mate a elle primeiro ou possa pôr-me a salvo.

— Pois bem! — disse ella precipitadamente — Creio que pode. Tenho uma ideia. Elle tem medo de pôr os pés na caverna, tenho a certeza. Pois escondemo-nos lá.

Podemos levar mantimentos, e agua não nos falta, ao passo que elle, a não ser que chova, não terá que beber.

— E depois, Benita? Nós não podemos ficar eternamente ás escuras.

— Não, mas podemos esperar até que se dê qualquer mudança. Tenho presentimento que alguma se dará. A doença d'elle ha de aggravar-se; pode ser que venha a ter furias e dê cabo de si. Ou pode ser que elle tente atacar-nos, embora não seja provavel, e n'esse caso defender-nos-hemos conforme pudermos. Ou talvez que de alguma banda nos venha soccorro. O peior que pode acontecer-nos é morrermos lá dentro, como morreriamos cá fóra. Vamos lá, aviemo-nos, se não elle é capaz de mudar de ideia e saltar-nos de novo em cima.

Clifford accedeu, percebendo que, ainda quando tivesse energia bastante para se resolver a matar Jacob, tinha todas as vantagens por si esse homem vigoroso e agil. Uma lucta d'essas terminaria decerto pela sua propria morte, e Benita ficaria então sósinha com Meyer e as suas exaltadas paixões.

A' pressa transportaram para a caverna a sua insignificante bagagem. Primeiro levaram a maior parte das provisões de bocca que ainda restavam, os tres candieiros e todas as velas, de que havia apenas um pacote. Depois voltaram para levar o balde, as munições de guerra e o fato. E por fim, como Meyer não dava signal de si, atreveram-se a arrastar para dentro da caverna a barraca que servisse de abrigo a Benita, e toda a lenha que haviam apanhado para o lume. Foi esse um trabalho arduo, porque as achas eram pesadas, e Clifford, tolhido como estava, não podia com grandes pesos. Viu-se Benita forçada afinal a levar sósinha a tarefa a cabo, emquanto elle manquejava ao pé d'ella com a carabina, com receio de que Jacob os surprehendesse.

Quando tudo acabou, já passava muito da meia noite, e tão extenuados estavam ambos que, sem se importarem com o perigo, atiraram-se para cima da barraca de lona, a qual ficara n'uma trouxa no extremo da caverna, ao pé do crucifixo, e pegaram logo no somno.

Quando Benita despertou, tinha-se apagado o candieiro, e estava escuro como breu. Por fortuna, ella lembrava-se onde tinha deixado os fosforos e a lanterna com uma vela dentro. Accendeu a vela e olhou para o relogio. Eram quasi seis horas. Lá fóra devia estar rompendo a aurora, e d'alli a uma hora, duas o maximo, Jacob daria pela falta dos dois companheiros. Caso a raiva levasse de vencida o terror e elle obedecesse ao impulso de os perseguir, elles não o perceberiam senão quando o rosto do judeu apparecesse no circulo de claridade mortiça. E até do meio das trevas podia atirar sobre seu pae. Que podia ella fazer para prevenir este caso? Occorreu-lhe uma ideia.

Agarrou n'uma das cordas da barraca e na lanterna, emquanto seu pae dormia a somno solto, desceu até á entrada da caverna, e no extremo do ultimo zig-zag, onde d'antes houvera uma porta, tratou de amarrar com segurança uma das pontas da corda a um gonzo de pedra que estava a cousa de meio metro de altura do solo, e a outra ponta a um olhal aberto na rocha para receber uma tranqueta de madeira ou de ferro. Meyer, sabia ella que não dispunha de candieiros nem de azeite, mas apenas de fosforos e talvez de poucas velas. Por conseguinte, se elle tentasse entrar na caverna, é provavel que tropeçasse na corda e assim lhes desse aviso. Depois voltou para dentro, lavou a cara e as mãos na agua que na vespera tinham tirado para matar a sede, e arranjou-se o melhor que poude. Feito isto, como seu pae ainda dormisse, preparou os candieiros, accendeu um d'elles, e deitou uma vista de olhos em redor de si.

Era realmente medonha a sua nova residencia. Acima das suas cabeças torrejava o enorme crucifixo branco; a um canto estavam empilhados os restos dos portuguezes. Uma caveira, da qual pendia ainda uma cabelleira basta, arreganhava para ella os dentes, alongava-se uma mão mirrada como para a empolgar. Ah! não admirava que n'um sitio d'estes Jacob tivesse visto espectros! Em frente d'ella escancarava-se tambem o sepulcro onde elles tinham encontrado o frade; ainda dentro estavam os ossos d'elles, que Jacob para alli atirara, envoltos em roupagens negras. Para alem, em derredor, tudo era escuridão e silencio profundo.

Quando finalmente seu pae acordou, ella sentiu-se contente por ter uma companhia humana. Almoçaram umas bolachas e agua, e depois, emquanto Clifford vigiava á entrada com a carabina, Benita foi-se occupando em pôr em ordem as suas cousas. A barraca, tratou de a escorar de encontro á parede da caverna com alguns dos toros de madeira que tinham trazido. Por debaixo extendeu uns cobertores, para que a ambos lhes servissem de dormida, e fóra arrumou os mantimentos e outros objectos.

Entrementes, ouviu rumor á entrada da caverna. Jacob Meyer, ao tentar penetrar, cahira por cima da corda. Ella correu, de lanterna em punho, para seu pae, que, de carabina assestada, gritava:

— Se entra, metto-lhe uma bala no corpo!

Ouviu-se a resposta de Jacob, retumbando pelos reconcavos do antro:

— Eu não preciso entrar; fico á espera que saiam para fora. Não podem ahi viver muito tempo; o horror da escuridão ha de matal-os. O que eu tenho a fazer é sentar-me ao sol e esperar.

Depois riu-se, e elles sentiram o som dos seus passos que se afastavam pelo corredor fóra.

— Que havemos de fazer? — perguntou Clifford com desalento — Sem luz não podemos viver, e se tivermos luz, elle com certeza que se ha de arrastar até á entrada da caverna e ha de fazer fogo sobre nós. Elle agora está doido varrido; percebo isso pela voz.

RECUOU AOS TROPEÇÕES, E LOBRIGOU UM VULTO ENORME NA ESCURIDÃO

Benita meditou um instante, e replicou:

— Temos de entulhar o corredor. Olhe! — e apontou para os pedregulhos que a explosão da mina fizera desabar do tecto e para os pedaços de cimento que elles haviam arrancado do chão com o pé-de-cabra. — Depressa, depressa! — proseguiu ella — Elle não voltará senão d'aqui a algumas horas, talvez que só á noite.

Puzeram mãos á obra, e nunca Benita

trabalhou com tanto afan como n'aquelle dia. As pedras com que podiam, levavam-nas os dois juntos em peso, outras rolavam-nas com o auxilio do pé-de-cabra. Horas e horas levou aquella tarefa. Felizmente para elles, a passagem não tinha mais de um metro de largo por pouco mais de dois metros de altura, e não lhes faltava material. Antes de chegar a noite tinham-na elles entaipado completamente com um muro de respeitavel espessura, o qual escoraram pela parte de dentro com achas de lenha atravessadas nos velhos gonzos e buracos dos ferrolhos, ou apoiadas obliquamente de encontro a elle.

Feito isto, contemplaram com orgulho a sua obra, comquanto se afigurasse provavel estarem construindo o seu proprio tumulo. Em consequencia de ficar n'um cotovello do corredor, sabiam que a Meyer não era possivel tentar derrubar o muro com uma tranca de madeira. Alem d'isso, não havia já polvora solta, e portanto o unico recurso d'elle era tratar de o despedaçar á mão, o que os dois julgavam tarefa acima das suas forças. Em todo o caso, quando elle o tentasse, elles tinham tempo e mais que tempo de se precaver. Comtudo, não devia passar aquelle dia sem outro desgosto.

No momento em que rolavam e collocavam no seu logar um grande penedo alongado, destinado a evitar que os extremos das escoras resvalassem pelo chão de cimento, Clifford soltou uma exclamação, e disse logo:

— Dei um gesto nas costas. Doe-me muito — Ajuda-me a ir para a barraca. Preciso deitar-me.

A passos lentos, com grande custo, arrimando-se a Benita e a uma bengala, foi Clifford andando pela caverna fora, até que, chegando finalmente á barraca, se deixou quasi cahir sobre os cobertores, e para alli ficou tolhido de movimentos.

Começou então a epoca mais terrivel da vida de Benita. O pae peiorava de hora para hora. Já antes de se refugiarem na caverna elle estava completamente quebrado de forças, e agora, depois d'aquelle desastre, começou a padecer muito. O rheumatismo, ou a sciatica, fosse o que fosse, parecia ter-se localisado nos musculos contusos do dorso, causando-lhe taes dores que mal podia dormir dez minutos seguidos. Alem d'isso, custava-lhe a levar o grosseiro alimento de que Benita dispunha para lhe preparar; apenas podia engulir um pouco de bolacha ensopada em café, que ella fervia n'uma fogueirita arranjada com a lenha que tinham trazido, e uma vez por outra umas gotas de caldo muito desenxabido, feito apenas com carne secca e temperado com sal.

Havia ainda dois outros terrores contra os quaes ella tinha de luctar: a escuridão e o medo de Jacob Meyer. A escuridão era talvez o peior. Viver no meio de pavorosas trevas, com um só candieiro a illuminal-os toda a noite, á laia de estrella, para economisar o oleo, só quem por isso tivesse passado podia imaginar tamanho horror. Aqui o enfermo, mais alem os esqueletos de dentes arreganhados, em volta a escuridão e o silencio, e ainda para lá uma morte miseravel, ou então Jacob Meyer. Mas d'este não havia novas; só uma ou duas vezes se afigurou a Benita ouvir-lhe a voz desvairada da banda de fóra do muro que elles tinham levantado. Se assim era, ou elle não tentava derruil-o, ou receiava porventura que, se o conseguisse, seria acolhido por uma bala. Parecia pois que elle renunciara a pensar em tal. Se elle acaso abrisse caminho para o interior da caverna, teria ella de affrontar a situação o melhor que pudesse. E entretanto as forças de seu pae iam-se deprimindo rapidamente.

Assim passaram tres dias terriveis, e o fim ia-se approximando. Por mais esforços que fizesse, Benita não podia engulir alimento bastante para lhe manter as forças. Entaipada como estava a entrada do antro, a atmosphera, adensada com o fumo que ella era obrigada a produzir, ia-se tornando mephitica e suffocava-a. Extenuava-a a falta de somno, esmagava-lhe o vigoroso espirito o terror do que poderia vir no dia seguinte. Começou tambem a enfraquecer, vendo que se acercava o momento em que deviam morrer ambos juntos, ella e seu pae.

De uma vez, estando a dormitar á beira do enfermo, acordou com um gemido d'elle e olhou para o relogio. Era meia noite. Ergueu-se, e no brazido da fogueira aqueceu um pouco de caldo e vasou-o n'uma la-

A PATINHAR NO LODO DAS MARGENS INCOGNITAS DO ZAMBEZE, FUGINDO DE UMA MORTE PARA OUTRA

ta. A custo o obrigou a engulir umas gotas, e depois, sentindo uma debilidade repentina, bebeu ella o resto. Deu-lhe isto forças para pensar, emquanto seu pae dormia um somno agitado.

Mas de que servia pensar? que havia a fazer? Só na oração lhe restava esperança. Excitada, agarrou na lanterna e começou a percorrer a caverna. O muro que elles tinham levantado permanecia intacto; ah!

pensar que alem d'elle corria ar livre e brilhavam estrellas bemditas! Voltou para traz, bordejando as covas que Jacob Meyer tinha aberto, e o sepulcro do velho frade, até chegar aos degraus do crucifixo. Ergueu a lanterna, e olhou para a fronte do Christo, coroada de espinhos.

Era maravilhosamente esculpido esse rosto moribundo e cheio de piedade. Não se compadeceria d'ella Aquelle que alli estava figurado? Ajoelhou no degrau superior, abrangeu com os braços os pés traspassados, e começou a rezar com fervor, não por si mas pela salvação de seu pae. Rezou como nunca tinha rezado, e a rezar cahiu em torpor ou em deliquio.

Pareceu a Benita que este seu somno adquirira vida; n'elle viu um grande numero de cousas. Por exemplo, viu-se a si propria sentada em estado de transe n'esse mesmo degrau onde agora ajoelhava, e defronte d'ella estavam seu pae e Jacob Meyer. Uma voz falava dentro d'ella; não a podia ouvir, mas afigurava-se-lhe ver as palavras escriptas nos ares em sua frente. E eis quaes eram as palavras:

«Abraça os pés do Christo e desvia-os para a esquerda. A passagem que por baixo se descobre communica com o aposento onde está escondido o ouro, e depois com as ribas do rio. Eis o segredo que, antes de partir, eu, a Benita morta, te revelo a ti, a Benita viva, conforme as determinações supremas. Na vida e na morte a paz seja com tua alma.»

Tres vezes pareceu repetir-se esta mensagem na consciencia de Benita. Depois, tão de repente como adormecera, despertou com todas as lettras impressas na memoria. Sem duvida que era sonho, nada mais que sonho occasionado pelo facto de estar abraçada aos pés do crucifixo. Que rezava a mensagem? «Desvia-os para a esquerda?»

Assim fez, sem resultado. Repetiu o esforço, e nada. Era um sonho, está claro. Porque surgira a zombar d'ella? N'uma especie de insana irritação, ella concentrou toda a força que lhe restava sobre esses pés de pedra.

Deslocaram-se ao de leve; depois, subitamente, sem mais esforço da sua parte, giraram sobre si até á altura dos joelhos, onde a roupagem pendia, occultando as juntas. N'esse movimento giratorio, descobriram o cimo de uma escada, d'onde ascendia uma aragem fresca, deliciosa de respirar.

Benita ergueu-se, arquejando. Depois agarrou na lanterna e correu para a barraca onde estava seu pae.

CAPITULO XXII

A voz do vivo

Clifford estava acordado.

— Onde tens estado? — perguntou elle em voz debil e queixosa — Precisava de ti.

Depois, como a claridade da lanterna incidisse sobre ella, notou a alteração das suas feições pallidas, e accrescentou:

— Que succedeu? Morreu Meyer? Estamos livres?

Benita abanou a cabeça.

— Ha poucas horas ainda elle estava com vida. Ouvi-o a disparatar e aos urros para além do muro que levantámos. Mas, meu pae, voltou-me tudo á memoria; creio que encontrei.

— O que é que voltou? Que cousa encontraste? Endoideceste tambem, como Jacob?

— Aquillo que uma voz me disse quando eu estava em transe, e que depois esqueci, mas de que me lembro agora. E achei a passagem que communica com o esconderijo do thesouro. Começa por detraz do crucifixo, onde ninguem sonhava em procural-a.

Este assumpto do thesouro não parecia interessar Clifford. No estado em que elle estava, bem lhe importava todas as riquezas sepultadas no solo africano. Aborrecia-lhe ouvir sequer falar n'esse maldito thesouro, que os estava levando a tão misero fim.

— Para onde vae essa passagem? Viste? — perguntou elle.

— Ainda não; foi a voz dentro de mim que disse... por outra, sonhei... que ella segue até á margem do rio. Se se encostasse a mim, não poderia andar?

— Não dava um passo — redarguiu elle — Aqui onde estou hei de morrer.

—Não diga isso, não diga isso. Agora que encontrei o caminho, podemos salvar-

nos. Ah! se meu pae pudesse, se pudesse andar ou se eu tivesse força para o levar!

Estorceu as mãos e desatou a chorar, tão fraca estava.

O pae olhou para ella com ar inquisitivo. Depois disse:

— Pois, meu amor, não posso, acabou-se. Mas podes tu, e o melhor é ires-te embora.

—Que diz? E deixal-o? Nunca!

— Deixar-me, sim. Olha! Já resta pouco oleo e poucas velas. A bolacha acabou-se, e nenhum de nós pode já levar essa carne de viver? Se te fores, pode ser que consigas arranjar soccorro que ainda me venha a tempo. Se realmente ha alguma passagem, o mais provavel é que, embora ninguem tenha conhecimento d'ella, venha a acabar em qualquer ponto junto da muralha da primeira cerca, onde estão os makalangas. Se assim for, podes encontrar o molemo, ou, á falta d'elle, Tamas ou algum outro, que venham em nosso auxilio. Vae, Benita, vae quanto antes.

— Nunca pensei n'isso — replicou ella

«BENITA! BENITA! VIESTE ACASO PARA ME CHAMAR A TI?»

secca. Eu creio que estou a morrer, e a ti, n'esta escuridão, vão-te faltando rapidamente as forças e a saude. Se te demoras aqui, não tardará que me sigas. E se assim não fôr, que destino te espera? Esse louco que está lá fora, caso tu ainda encontres força para derribar esse muro, o que é duvidoso. O melhor é ires-te embora, Benita.

Mas Benita recusou-se de novo terminantemente.

— Pois não vês—accrescentou elle—que é essa a unica probabilidade que me resta com voz alterada. — Com effeito, assim deve ser, se é que a passagem leva lá abaixo. Pois bem! Pelo menos posso ir verificar, e voltarei para lhe dar parte.

Então Benita collocou o resto do oleo mesmo ao pé de seu pae, para que elle pudesse encher o candieiro, pois que ainda podia fazer uso das mãos. Approximou d'elle tambem as migalhas de bolacha que ainda restavam, alguma carne secca, um frasco de genebra e um balde de agua. Feito isto, revestiu-se da capa, encheu uma das algibeiras com carne secca, e outra com fos-

foros e tres das quatro velas que ainda havia. A quarta, insistiu ella em a deixar á beira do leito de seu pae. Depois, ajoelhou ao lado d'elle, beijou-o, e no seu intimo ergueu uma prece para que os dois tornassem a encontrar-se com vida, embora bem escassa se lhe antolhasse a esperança de tal ventura.

E pensava comsigo que nunca mais horrivel situação se deparara a dois entes, ao olhar para seu pae alli cahido, que ella tinha de desamparar n'aquelle antro medonho, em lucta solitaria com a Morte, emquanto ella ia affrontal-a nas entranhas mysteriosas da Terra!

Clifford leu-lhe os pensamentos.

— É certo — disse elle — Extraordinario é este apartamento, tremenda a tua missão. Mas quem sabe? Talvez que praza á Providencia que a leves a cabo sem percalço. Se não... se não, depressa se acabarão nossos cuidados.

Mais uma vez se entre-beijaram, e, sem se atrever a dar mais palavra, Benita afastou-se precipitadamente. Transpoz a porta formada pela parte inferior do crucifixo, e parou um momento para examinar a passagem e collocar uma pedra de forma que elle não se pudesse cerrar atraz d'ella. Suppunha que a porta girava por meio de qualquer mola, mas foi então que percebeu que assim não era, pois que a enorme masse estava presa a tres gonzos de pedra admiravelmente dissimulados. A poeira e a corrosão dos seculos, difficultando a abertura da porta, enchendo os espaços minusculos entre ella e a moldura, tinham tornado as fendas absolutamente imperceptiveis. Com tal perfeição fôra executado o trabalho, que ninguem, a não saber do segredo, daria com elle, ainda que o procurasse mezes e annos.

Comquanto n'essa occasião Benita não reparasse muito em taes pormenores, a passagem em que entrou e a escada que d'ahi descia manifestavam a mesma perfeição de mão de obra. Evidentemente este caminho secreto datava não do tempo dos portuguezes, mas dos phenicios ou de outro povo da antiguidade, a cujo erario conduziam, abrindo-se no seu santuario ao qual ninguem era admittido, a não serem os summos sacerdotes. A passagem, que tinha quasi dois metros e meio de alto por metro e meio de largo, tinha sido talhada na rocha viva, porque ainda se distinguiam nas paredes milhares de vestigios deixados pelos escopros. O mesmo acontecia na escada, que pouca serventia tivera e estava ainda intacta como se fôra concluida na vespera.

De lanterna em punho, ia Benita contando os degraus á medida que descia. Ao decimo terceiro chegou a um patamar. Foi ahi que divisou os primeiros rastos do thesouro por via do qual tanto haviam padecido. Alguma cousa lhe brilhou deante dos pés. Baixou-se e apanhou. Era uma barra pequena de ouro, pesando duas ou tres onças, a qual sem duvida cahira alli por acaso. Deitou-a outra vez ao chão, e com grande desalento viu deante de si uma porta de madeira com ferrolhos de ferro. Mas os ferrolhos nunca tinham sido corridos, e ao primeiro impulso a porta rangeu sobre os gonzos enferrujados, e abriu-se. Estava no limiar do erario!

Era quadrangular, de tamanho mediocre, atulhado por todos os lados até ao tecto baixo e abobadado de saccos pequenos de envolucro grosseiro, mal arranjados. Mesmo ao pé da porta, um dos sacos tinha resvalado e rebentara. Estava cheio de ouro, parte em barras, parte em grãos irregulares, o qual para alli estava lampejando em monte. Ao baixar-se para o examinar, occorreu a Benita o que seu pae lhe dissera: que ella, em estado de transe, referira ter rebentado um dos saccos, cujo envolucro era preto e vermelho. E de feito, deante de si tinha o sacco rebentado, e a cor do envolucro era a descripta.

Teve um arripio. O facto era assombroso e terrivel. Assombroso era egualmente ver na poeira espessa, que no decurso de vinte ou mais seculos se accumulara no solo, pégádas das ultimas pessoas que alli tinham entrado. Duas eram ellas, um homem e uma mulher, e não eram selvagens porque andavam calçadas. Benita poz o pé na pégáda da mulher, e viu que se adaptava exactamente, como se fosse sua propria. Talvez, pensou ella, que essa outra Benita tivesse alli descido com seu pae, depois que os portuguezes haviam escondido as suas riquezas, afim de ficar sabendo onde ellas estavam e em que consistiam.

Mais um volver de olhos a esse ouro exorbitante de valia e fautor de desgraças, e Benita seguiu ávante, ella que andava á procura do ouro da vida e da liberdade para aquelle que lá em cima a aguardava. Dar-se-hia caso que alli terminasse a escada? Parou, olhou em volta de si, mas não lobrigou outra porta. Para ver melhor, abriu o vidro da lanterna. Nada ainda distinguiu, e ficou descoroçoada. Mas porque é que a chamma tremeluzia tanto, e porque era tão fresco o ar n'aquellas profundezas? Deu mais um ou dois passos, e depois reparou de repente que as pégádas que ia seguindo desappareciam mesmo em frente d'ella. Parou de novo.

E parou a tempo. Mais um passo que desse, e despenhar-se-hia pela bocca de um abysmo. Em tempos cobrira-o uma pedra, mas essa pedra fôra removida e nunca tornara a ir para o seu logar. Lá estava ella arrimada á parede do cubiculo. Ainda bem! porque as escassas forças de Benita não bastariam para mexer aquelle enorme bloco, caso ella houvesse descoberto a sua existencia debaixo do pó.

Pelo poço abaixo, descobriu ella que havia uns degraus de pedra muito estreitos e precipitosos. Sem hesitar começou a descer. Desceu, desceu, cem degraus, duzentos degraus, duzentos e setenta e cinco degraus, e por alli abaixo, onde se accumulara a poeira, eram visiveis as pégádas do homem e da mulher. Havia uma enfiada dupla, umas que desciam, outras que voltavam para cima. Estas ultimas cobriam muita vezes as primeiras. Porque teriam voltado esses mortos? scismava Benita.

A escada acabara. Achou-se n'uma especie de caverna natural, porque tecto e paredes eram irregulares e escabrosos; alem d'isso, d'elles gottejava e escorriaa agua. Não era muito ampla a caverna, e tinha um fetido horrivel a lodo e outras immundicies. Tornou a procurar á debil claridade da vela, mas não percebeu sahida. Sentiu um como rumor de queixadas colossaes, uma pancada violenta nas pernas que por um triz a não derribou; recuou aos tropeções, e lobrigou um vulto enorme e asqueroso que se sumia na escuridão. A rocha em que ella suppunha ter pousado os pés era um jacaré, e era aquelle o seu antro! Deu um grito, e precipitou-se para a escada. Com a morte contava ella quasi ... mas ser devorada por jacarés!

Comtudo, emquanto se quedava offegante, desabrochou-lhe no peito uma bemdita esperança. Se alli entrava um jacaré, é que tambem podia sahir, e por onde se escoasse esse bicho colossal, poderia certamente seguil-o uma mulher. Alem d'isso, a agua devia estar perto: aliás, o jacaré nunca poderia ter escolhido similhante toca. Cobrou animo, deu umas palmadas e agitou a lanterna para espantar outras feras que por acaso alli andassem, e, como nada mais visse nem ouvisse, desceu para o sitio onde pizara o reptil. Era evidentemente alli a cama d'este, porque o seu corpo enorme se imprimira sobre o lodo, e viam-se em volta restos de animaes com que elle se alimentara. Alem d'isso, mesmo n'aquella meia obscuridade se distinguia pelo rasto o caminho que elle costumava seguir.

Benita seguiu por esse caminho, que apparentemente esbarrava n'uma parede massiça. Percebeu então o motivo por que haviam voltado atraz as pégádas dos mortos; houvera alli uma portada, que em eras remotas fôra entaipada de blocos de pedra e cimento. Como sahia pois o jacaré? Benita curvou-se e procurou; distinguiu então, uns poucos de metros á direita da porta, um buraco que parecia desgastado pelas aguas. Julgou comprehender. A rocha era mais macia n'esse ponto, e seculos de marezia a haviam carcomido, abrindo um rompimento que os jacarés tinham successivamente alargado. Por alli foi de rastos, sempre com a lanterna em frente de si, percorrendo o que parecia uma asquerosa sargeta. E de subito... ah! de subito sentiu a aragem fresca nas faces, e o restolhar dos caniços, e o marulhar da agua, e viu, como uma lampada pendente da aboboda azul, uma estrella, a estrella d'alva! Teve vontade de chorar, de a adorar, mas sahiu do meio das penedias, e achou-se no meio de um canavial alto, com os pés dentro de agua. Tinha chegado ás ribas do Zambeze.

Immediatamente, como por instincto, apagou a luz, receiando que a atraiçoasse; o perigo constante dera-lhe astucia. Ainda não rompera a aurora, mas a lua declinante e as estrellas davam bastante claridade. Parou a ver. Acima d'ella torreava

a muralha exterior de Bambatse, que as aguas lambiam, a não ser quando, como agora, o rio estava muito baixo.

Por conseguinte, contra o que esperava, achava-se fora da fortaleza. Que lhe restava fazer? Voltar para traz? Que utilidade trazia isso para seu pae e para ella? Seguir ávante? Arriscava-se a cahir nas mãos dos matabeles, cujo acampamento ficava um pouco mais abaixo, como acontecera a esse desventurado branco que ella avistara do seu poiso sobre o obelisco. Ah! esse branco! Se elle vivesse ainda, se acaso ella pudesse acercar-se d'elle! É possivel afinal de contas que não o tivessem trucidado. Era loucura, mas alguma cousa a impellia á tentativa arriscada de o descobrir. Se fosse infeliz e conseguisse fugir, talvez que então pudesse chamar em seu auxilio os makalangas, os quaes lhe atirassem uma corda e a içassem do cimo da muralha antes que os matabeles a empolgassem. O que ella não queria era voltar com as mãos vasias, para morrer no medonho antro com seu pae. Antes morrer aqui ao ar livre e á luz das estrellas, ainda que fosse de uma azagaiada dos matabeles, ou de um tiro do seu proprio revolver.

Olhou em roda para se orientar, caso lhe fosse ainda necessario voltar á entrada da caverna. Não era difficil. A cousa de uns trinta metros acima da sua cabeça, no sitio em que a superficie rugosa do penhasco tinha uma pequena saliencia, e no qual a tradição affirmava ter batido na queda o corpo de Benita Ferreira e lhe fôra arrancado o collar que a viva Benita usava então, crescia de uma fenda da rocha uma mimosa enfezada. Para marcar o caminho do jacaré, acachapou uma porção de caniços, accendeu uns poucos de fosforos que espalhou pelo meio d'elles, para que o cheiro do enxofre afastasse o animal caso intentasse voltar, e collocou a lanterna por detraz de uma pedra junto á bocca da caverna.

Começou então a sua jornada, a qual, se o rio estivesse alto, não lhe seria possivel senão nadando. N'aquelle momento, comtudo, havia uma larga margem de vasa entre o rio e a encosta alcantilada do monte d'onde se elevava a grande muralha, e por ahi fez Benita seu caminho. Nunca mais deveria sahir-lhe da memoria essa excursão. Sobre ella gottejavam os altos canaviaes o seu orvalho, a ponto de a encharcarem toda; umas aves compridas, de cauda negra, a que os indigenas chamam *saccaboolas,* levantavam-se espantadas e fugiam para a outra banda do rio; esvoaçavam mochos espavoridos, estridulavam alcaravões, á approximação do dia. Das grandes poças saltavam peixes... ou seriam jacarés? Antes o não fossem; Benita já tinha para aquelle dia a sua conta de jacarés.

Que extranho era aquillo tudo! Pois seria ella a mesma mulher que ainda não ha um anno andava de passeio com suas primas pelas ruas de Londres, contemplando as montras elegantes? Que diriam essas primas se a vissem agora, pallida, esgazeada, angustiosa, a patinhar no lodo das margens incognitas do Zambeze, fugindo de uma morte para outra!

Ávante proseguia com resolução, tendo sobre a cabeça o ceu perleo em que se iam desvanecendo as estrellas, em torno de si o canavial ensopado, e invadindo tudo a neblina pesada e baixa da madrugada. Dera volta ás muralhas, e achava-se afinal em terreno secco, onde os matabeles haviam feito o seu acampamento. Mas no meio da nevoa não viu signal de matabeles; provavelmente as fogueiras tinham-se apagado, e ella tivera a fortuna de passar por entre as sentinellas. Mais por instincto que raciocinio, encaminhou-se para o mouchão sobre o qual vira o carro do europeu, na vaga esperança de que elle ainda ahi estivesse. Foi andando, andando, até esbarrar n'uma cousa macia e tepida, que reconheceu ser um boi amarrado a uma corda, alem do qual se distinguiam outros bois e a carapuça alvejante de um carro.

O carro estava pois ainda alli! Mas o homem branco onde estaria? Atravez da nevoa espessa, Benita acercou-se do carro. Como nada visse nem ouvisse, trepou para a frente do chedeiro, ajoelhou, afastou as sanefas, e espreitou para o interior. Ainda o cacimbo não lhe permittia ver cousa alguma, mas ouviu a respiração de um homem adormecido. Sem saber porquê, veiu-lhe á ideia que era um branco; um cafre não respirava assim. Quedou-se ajoelhada, sem atinar com o que faria. Pareceu-lhe que o homem começava a dar pela sua presença, porque resmoneou umas palavras

que decerto eram inglezas. Depois, de repente, elle accendeu um fosforo e com elle uma vela, que estava á sua beira n'uma garrafa de cerveja. Ella não poude ver-lhe o rosto emquanto accendia a vela, porque o braço d'elle o escondia e a chamma crescia tibiamente. Mas logo a seguir, o que ella viu foi o cano de um revolver apontado para ella.

— Amigo preto — disse uma voz jovial — salta d'ahi para baixo, senão faço fogo. Um, dois . . . Oh! meu Deus!

A luz da vela, espevitada, batia em cheio no rosto branco e suave de Benita, cujos longos cabellos negros cahiam em ondas sobre os seus hombros; os olhos d'ella reverberavam-n'a. E offuscada, não podia soltar uma palavra.

— Oh! meu Deus! — repetiu a voz — Benita! Benita! Vieste acaso para me chamar a ti? Aqui me tens, meu amor, meu amor! O que eu desejo agora é ouvir a tua resposta!

— Sim! — murmurou ella.

E, avançando de rastos, Benita cahiu-lhe nos braços.

Porque o reconhecera emfim — morto ou vivo, que lhe importava? — reconhecera-o, e do inferno ascendia para elle, que lhe era ceu!

(Conclue.)

Dahlia de Prata e Rosa de Ouro

ERA uma vez um rei que era casado com uma mulher chamada Dahlia de Prata, e que tinha, do primeiro casamento, uma filha chamada Rosa de Ouro.

Um dia foram as duas passeiar para um grande jardim, e chegaram ao pé de um tanque onde havia uma truta.

E Dahlia de Prata disse á truta:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade — respondeu a truta.

— Qual é então a que julgas mais bonita?

— A tua enteada Rosa de Ouro.

Dahlia de Prata voltou para o palacio furiosa. Deitou-se na cama e jurou que não tornava a levantar-se emquanto lhe não dessem a comer o coração e o figado de Rosa de Ouro.

Á noite el-rei voltou da caça e, quando lhe disseram que Dahlia de Prata estava muito doente, foi-lhe perguntar se lhe tinham feito mal.

— Só uma coisa me pode dar allivio, respondeu a rainha.

— Se estiver na minha mão, podes crer que a farei.

— Quero comer o coração e o figado de Rosa de Ouro. Só assim ficarei boa.

Ora aconteceu que d'ali a pouco chegou o filho do rei de outra nação e pediu Rosa de Ouro em casamento. O pedido foi logo satisfeito e ambos se foram embora.

O rei então mandou tirar o coração e o figado a um cabrito que tinha morto na caça e mandou-os apresentar a Dahlia de Prata, que logo os comeu e ficou boa de todo.

Passado um anno Dahlia de Prata voltou ao jardim e chegando ao pé do tanque perguntou á truta:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade.

— Qual é então a que julgas mais bonita do que eu?

— Rosa de Ouro, tua enteada.

— Mas essa ha muito que não vive. Vae fazer um anno que lhe comi o figado e o coração.

— Tanto não morreu, que está casada com um principe estrangeiro.

Dahlia de Prata voltou ao palacio e pediu ao rei que mandasse apromptar um navio, e disse: «Quero ir ver a minha querida Rosa de Ouro, de que tenho muitas saudades.»

O navio apromptou-se e fez-se ao mar.

Dahlia de Prata ia ao leme e guiou tão bem o navio, que a viagem durou pouco tempo.

DAHLIA DE PRATA FALANDO COM A TRUTA

Quando chegou, o principe tambem andava á caça.

Rosa de Ouro conheceu logo o navio de seu pae e disse para a creadagem:

— Ai! É minha madrasta que vem matar-me.

E uma creada velha, que já era muito amiga de Rosa de Ouro, acudiu:

— Não mata, que vamos fechar-vos n'um quarto, onde ella não poderá entrar.

Assim se fez, e Dahlia de Prata foi ter ao pé do tal quarto e começou a gritar da parte de fóra:

— Anda ver a quem está no logar de tua mãe. Tinha tantas saudades tuas, que atravessei o mar para poder ver-te.

Rosa de Ouro respondeu-lhe que não podia sahir d'ali, porque estava fechada á chave.

— Mette ao menos o teu dedo mendinho pelo buraco da fechadura, para eu o beijar, disse Dahlia de Prata.

Ella assim fez, sem desconfiança, e a madrasta feriu-a com um punhal envenenado, fazendo Rosa de Ouro cahir logo morta.

Quando o principe voltou e achou morta a mulher, teve uma grande paixão, e, vendo-a ainda mais bonita do que era em vida, não a mandou enterrar e fechou-a á chave no mesmo quarto, ordenando que ninguem lá pudesse entrar.

Passado tempo casou com outra princeza, a quem deu licença para ir a todos os quartos do palacio menos ao que tinha fechado á chave.

Ora em certo dia o principe esqueceu-se da chave debaixo do travesseiro. A nova princeza encontrou-a, abriu a porta do quarto e viu adormecida a mais linda mulher que seus olhos tinham admirado. Pegou-lhe na mão para a acordar, e deparou ainda aberta a ferida do punhal. Fechou-a, e Rosa de Ouro tornou logo a viver, tão linda como d'antes.

Ao anoitecer o principe voltou a palacio, muito cançado por ter andado á caça todo o dia.

— Que me dareis, meu senhor — perguntou-lhe a segunda mulher — se eu vos der uma grande alegria?

— Não podia ter uma grande alegria senão vendo Rosa de Ouro viva outra vez.

— Pois então alegrae-vos que ella está viva, no quarto que tinheis fechado á chave.

Quando o rei viu que Rosa de Ouro estava realmente viva, ficou cheio de contentamento e começou a beijal-a como doido.

A segunda mulher fugiu d'ali e nunca mais se soube d'ella.

Passado um anno Dahlia de Prata foi passeiar ao jardim, e, chegando ao pé do tanque, perguntou:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade, respondeu a truta.

— Qual é então a que julgas mais bonita?

— Rosa de Ouro, tua enteada.

— Essa já não vive. Ha um anno que lhe enterrei no dedo mendinho um punhal envenenado.

— Estás enganada. Rosa de Ouro não morreu.

Dahlia de Prata voltou a palacio e pediu ao marido que mandasse apromptar outra vez um navio. O navio apromptou-se e fez-se ao mar. Dahlia de Prata ia ao leme e tão bem guiou o navio que a viagem durou pouco tempo.

— METTE AO MENOS O TEU DEDO MENDINHO PELO BURACO DA FECHADURA

O principe andava á caça. Rosa de Ouro conheceu logo o navio de seu pae e disse para a creadagem:

— Ai! É minha madrasta que vem matar-me.

Dahlia de Prata desembarcou e disse á enteada:

— Anda cá, meu amor, que trago, para te dar, uma bebida deliciosa.

E Rosa de Ouro respondeu:

— É costume n'este reino, quando se offerece de beber a alguem, beber primeiro umas gotas.

Dahlia de Prata, para que a enteada não desconfiasse, levou o copo á bocca. e logo a tal creada velha lh'o emborcou de modo que ella, sem querer, bebeu quasi tudo e cahiu morta ali mesmo.

Levaram-na para o navio, que se fez de vela promptamente.

Rosa de Ouro viveu até muito velhinha, sem nunca perder a belleza que mettia tanta inveja á madrasta.

E o povo d'aquelle reino, contando a historia, acabava-a sempre assim:

— Nunca o invejoso medrou, nem quem a par d'elle morou.

Grandes topicos

Escandalos na Allemanha

A Allemanha anda, como diz o vulgo, em maré de azar. Depois dos escandalos coloniaes, em que se revelaram concussões e brutalidades e que tiveram como resultado a queda do respectivo ministro, a publicação das memorias posthumas do principe de Hohenlohe veiu lançar a confusão e a desconfiança nos arraiaes da politica interna e internacional.

Como se sabe, Hohenlohe desempenhou durante a sua vida os mais elevados cargos: embaixador em Paris, *statthalter* da Alsacia-Lorena, chanceller do Imperio. Tinha por habito notar todos os incidentes e formular por escripto as suas opiniões sobre as differentes e elevadas personagens politicas com quem esteve em contacto. São estes apontamentos, com bastantes cartas suas, que constituem o livro das memorias. Alem de picantes observações em que nem o proprio imperador é poupado, contem elle revelações palpitantes sobre varios episodios da politica imperial, cuja inconsistencia e duplicidade se mostra aos olhos do mundo. O episodio do brusco licenciamento de Bismark, por exemplo, em resultado do plano, concebido pelo chanceller de ferro, de auxiliar a Russia em detrimento da Austria, se por um lado mostra o desejo do Kaiser de não trahir a sua alliada, não deve conciliar muito a Russia com a qual na actualidade se planeiam approximações, e põe de sobreaviso os alliados da Triplice.

Guilherme II, naturalmente irritado com a publicação das memorias, dirigiu um aspero telegramma ao filho mais velho de Hohenlohe, o qual declinou a responsabilidade para seu irmão Alexandre. Este, que exercia um alto cargo na Alsacia-Lorena, pediu immediatamente a sua demissão, não sem dar a entender que, livre das peias officiaes, a sua

FATAL EQUIVOCO

TIO SAM — *Os ladrõesinhos cuidam que vão ser photographados, quando a verdade e que me estou preparando para lhes dar um tiro.*

Do «*Nebelspalter*»

A CHORAR PELA ANNEXAÇÃO

MATRONA CUBA — *O tio, eu creio que a creança está a chorar, porque quer ir para o seu collo.*

Do «*Mianneapolis Journal*»

QUEM ME AVISA ..

TIO SAM — *Ó meninos, d'aqui em deante tenham cuidado e não façam desordens, aliás ponho-lhes o chapeu em cima.*

Do «*International Syndicate*»

O CAPITÃO BURLADOR DE KÖPENICK
Do «*Lustige Blätter*»

defeza daria novos alentos á curiosidade universal.

Parece moldado para desviar as attenções d'este retumbante incidente o episodio heroi-comico, succedido ha pouco n'um dos suburbios de Berlim. Um engenhoso ratoneiro vestiu a farda de official do exercito, ordenou a soldados de dois destacamentos encontrados na rua que o acompanhassem, e com esta escolta invadiu a casa da camara de Köpenick, onde prendeu o burgomestre e o thesoureiro e se apossou de todo o dinheiro encontrado nos cofres. Para tudo isto invocou o nome de seu imperial amo, e bastou a sua palavra ousada e a sua prestigiosa farda para que soldados e auctoridades civis se submettessem aos seus mandados.

Este caso, embora muite original, é na apparencia um simples episodio de ladroeira; mas é certo que excitou a gargalhada universal á custa do militarismo allemão, e mereceu honras de artigos de fundo nos principaes jornaes do mundo civilisado. «Não ha outro paiz», assevera o circumspecto *Times*, «para á quem da fronteira russa, onde um trama d'estes podesse ter as mais longinquas probabilidades de exito, por momentaneo que fosse.» A submissão cega á farda prova com effeito a deploravel educação civica do allemão. «Este fetichismo», observa um jornal de Berlim, «não só é inintelligivel para as sociedades democraticas do occidente da Europa, mas até para a Allemanha meridional, onde teem predominado ideias absolutamente differentes sobre os direitos civis, desde que foram importados de França nas varias revoluções do seculo passado.»

Invoca-se para um assumpto d'estes a penna de Aristophanes ou o estro *buffo* de Offenbach.

Á hora de entrar na machina o nosso jornal, está preso o criminoso, o sapateiro Wilhelm Voigt, cujo aspecto boçal mais espantoso torna o embuste de que foi heroe.

FOLHA VOLANTE ALLEMÃ
allusiva ao episodio heroe-comico de Köpenick

NO ATOLEIRO COLONIAL
PRINCIPE BULOW — *Valha-me Deus! O carro nunca se atolou tanto como agora!*
Do «*Wahre Iacob*»

CAVANDO A PROPRIA SEPULTURA
Do «*The Sidney Bulletin*»

A crise franceza

Como era de prever, a figura culminante de Clemenceau ascendeu ao posto que lhe era naturalmente indicado. Por motivos de doença, Sarrien pediu a demissão de presidente do conselho, e foi Clemenceau o encarregado de formar o novo ministerio. Desviados os elementos moderados que figuravam no ultimo gabinete, o actual apresenta-se mais homogeneo e portanto mais forte para arcar com as varias responsabilidades que sobre elle impendem, a principal das quaes é a execução da lei de separação da Egreja e do Estado. Senhor do poder, tendo conservado, entre outros, o seu mais dedicado collaborador, Briand, é de suppor que Clemenceau resista triumphantemente á conspiração dos elementos

NÃO HA MUDANÇA DE TRAVESSEIRO QUE ALLIVIE O CZAR DOENTE
Do «*The Brooklyn Daily Eagle*»

reaccionarios, dirigidos pelas influencias romanas, e porventura estimulados pela tortuosa diplomacia germanica, sempre alerta para crear difficuldades á sua rival de áquem Rheno.

Duas feições interessantes do novo gabinete são a creação de um novo ministerio intitulado do Trabalho e de Previdencia Social, que revela desde logo as tendencias humanitarias e democraticas da situação, e a entrada, como ministro da guerra, do general Picquart, o principal agente militar da reparação feita a Dreyfus. E o primeiro passo importante é deveras sympathico: o presidente Fallières acaba de assignar o projecto para a abolição da pena de morte. Deve regosijar-se com isto especialmente o nosso paiz, que ha tantos annos introduziu na sua legislação criminal este humanitario progresso. A parte radical das camaras apoia o ministerio; os socialistas conservam-se em expectativa benevola.

TIO E SOBRINHO

— *Sempre a trabalhar, sobrinho! Que estás fazendo?*
— *Um navio maior do que o seu, tio.*
— *Isso não é trabalho para soldado. Toma o conselho de um velho lobo do mar, deixa-te d'isso!*

Do «*Pall Mall Magazine*»

AVISO DE AMIGO

FALLIÉRES — *Nicolau, devias usar um chapeu de seda, como eu; o metal attrae o raio.*

Do «*Jugend*»

Pela Russia

O movimento revolucionario tem affrouxado, posto que ainda se manifeste com frequencia em assassinios de auctoridades civis e militares, e em audaciosos roubos á mão armada. O governo aproveita o recalmão para preparar as eleições da futura Duma. Favorece-o a desorganisação que se pronuncia no partido constitucional democratico, que formava a enorme maioria da Duma dissolvida. Os reaccionarios oppõem ao movimento revolucionario a sua acção terrorista, que ameaça as classes liberaes e particularmente os judeus. Os estudantes do partido avançado continuam a manifestar-se, sem embargo de violentas repressões. Emfim, o throno de Nicolau II continua abalado e o imperio moscovita em confusão.

Prova dos receios geraes dos reaccionarios foi a opposição feita á projectada homenagem que alguns liberaes inglezes quizeram prestar á fallecida Duma, homenagem que circumspectamente se mallogrou para não prejudicar as relações entre a Inglaterra e a Russia, as quaes tendiam a melhorar, depois da crise a que deu logar a guerra do Extremo Oriente.

Em todo o caso, como se deprehende de algumas caricaturas que extrahimos de conceituados jornaes do genero, a Russia continua a despertar as attenções geraes, como o ponto em que sobretudo se degladiam as duas tendencias politicas da humanidade: progresso e reacção

A ELEIÇÃO DO PAPA NEGRO

Cousa exquisita! Ao contrario das leis da physica, o papa Negro é a sombra do Papa Branco

Do «*Pasquino*»

Vida na arte

ADELAIDE RISTORI

A actriz Ristori

A marqueza del Grillo, cujo titulo aristocratico occultava o grande nome artistico de Adelaide Ristori, acaba de fallecer na Italia. Foi uma das maiores celebridades dramaticas do seculo XIX. Em França, o meio intellectual do segundo imperio commoveu-se altamente com a sua presença, estabelecendo-se uma rivalidade entre ella e a grande actriz Rachel, com partidarios do maior prestigio nos dois campos. O seu talento dramatico, muito malleavel, prestava-se ao desempenho de papeis tragicos de differente indole, como era o de Isabel de Inglaterra e da sua rival Maria Stuart. No theatro de Shakespeare, o seu maior exito foi a personagem de Lady Macbeth, que causou furor em Londres. Para corresponder á amabilidade britannica, a Ristori representou-o uma vez em inglez. Tambem em Paris desempenhou em francez o papel n'uma peça de Legouvé.

O seu proposito, como ella propria declarou, foi sempre conciliar a declamação emphatica italiana com a sobriedade franceza. Foi isso que lhe deu effectivamente um grande renome.

Por occasião do centenario dantesco houve na Italia uma representação da tragedia de Silvio Pellico *Francesca da Rimini*, em que entraram as tres maiores summidades da scena italiana: Salvini, Rossi e a Ristori. Essa recita ficou na memoria dos contemporaneos como um acontecimento artistico de transcendente importancia.

Retirada ha muitos annos da scena, a individualidade da marqueza del Grillo era objecto de veneração particular dos seus compatriotas. Ainda ha poucos annos, por occasião do seu anniversario natalicio, lhe fizeram uma manifestação apotheotica, em que tomaram parte as mais eminentes personalidades do mundo litterario e artistico.

MASSENET

A nova opera de Massenet

Com a sua nova opera, provou Massenet que a sua prodigiosa fecundidade não excluia a mestria do trabalho. Muitos criticos consideram a sua obra-prima a *Ariane*, que acaba de ter um exito colossal em Paris. Escolhendo para assumpto a lenda classica da princeza de Creta, já tão decantada em poemas e operas de todos os tempos, o compositor francez encontrou um excellente collaborador em Catulle Mendès, cujos admiraveis versos contribuiram decerto para lhe levantar a inspiração. Pela sua parte, a scenographia e a enscenação contribuiram para fazer valer o bello trabalho do poeta e do musico. Citam-se verdadeiros milagres de arte scenica, como por exemplo a viagem para Naxos, em que o navio parece navegar realmente á vista do espectador.

Em summa, a pobre Ariadna, desamparada por Theseu, alcança no seculo XX da era christã um ruidoso triumpho perante o publico mais artistico dos modernos tempos. Sirva isto de consolação aos manes da filha de Minos.

O novo drama de Gabriel D'Annunzio

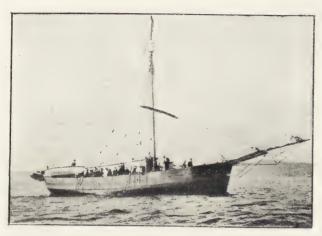
Quando se trata da obra de uma personalidade eminente, é doloroso noticiar um *fiasco*. Mas não ha duvida de que o publico de Roma condemnou severamente o novo drama de D'Annunzio, *Piú che l'amore*. Inspirando-se na philosophia de Nietsche, o illustre poeta italiano elaborou uma peça que peca pela sua falta de theatralidade e pela pobreza de observação psychologica. Mais uma prova de que as faculdades de grande poeta não implicam forçosamente qualidades de dramaturgo.

NO ASYLO DE ACTORES DE PARIS

COQUELIN — *Não lhe parece que devia haver um asylo para actrizes edosas?*

SARAH — *Actrizes edosas! É coisa que não existe!*

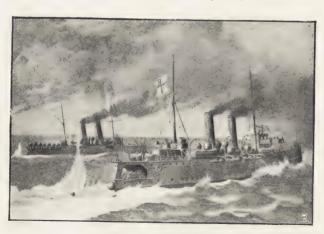
Do «*Ulk*»

Vida na sciencia e na industria

O NAVIO QUE REALISOU A TRAVESSIA DA PASSAGEM DO NORDESTE, E O SEU CAPITÃO AMUNDSEN

A passagem do noroeste

Depois de mais de quatro seculos de explorações, um capitão norueguez, Amundsen, na pequena chalupa Gjöa, conseguiu atravessar do Atlantico para o Pacifico pela passagem do noroeste. Esta passagem, cuja travessia foi tentada em 1497 por João Cabot e desde então tem custado a vida de tantos navegadores, estava aliás já explorada a partir de cada um dos extremos, sendo toda ella conhecida pelos geographos, mas nunca tinha sido atravessada de lez a lez por um navio. O capitão norueguez, a que alludimos, partiu da Noruega a 1 de junho de 1903, n'um barco de 40 toneladas, especialmente construido para a navegação arctica, robustecido de taboado de carvalho, e provido de um motor de petroleo da força de 13 cavallos, capaz de lhe dar uma velocidade de tres milhas em mar chão, embora dependesse sobretudo do velame. O principal proposito da expedição era approximar-se do polo magnetico e fazer observações n'uma estação fixa durante um prolongado prazo. Para isso ia excellentemente fornecido de instrumentos magneticos. A 1 de junho de 1905 descobriu-se o polo magnetico. Marcaram-se na carta muitas ilhas novas entre a Terra do Rei Guilherme, a Terra Victoria e a costa americana. A expedição invernou em 1903 e 1904 ao sul da Terra do Rei Guilherme, a qual fica a oeste da Peninsula de Boothia Felix. No verão passado proseguiu a viajem para oeste. Só o anno passado se completou a passagem, mas o inverno veio cedo, e a expedição ficou bloqueada pelos gelos a oeste da foz do rio Mackenzie. Sete membros a compunham, e o custo total não chegou a 5000 libras.

Navios lança-minas

A experiencia da guerra russo-japoneza mostrou a conveniencia do lançamento de minas, não só para defeza de portos, mas tambem no mar alto. Os inglezes, a exemplo sobretudo dos russos, estão fazendo experiencias de barcos especialmente destinados áquelle mister. Transformou-se em lança-minas o cruzador *Iphigenia*, que transporta as minas aos dois lados da tolda. Estes apparelhos de des-

NAVIO LANÇA-MINAS

trução são depois postos por debaixo do painel de popa, sobre duas plataformas abertas na popa, e d'ahi se deixam cahir na agua, onde ficam á espera dos inimigos audaciosos, como semeiadores da morte.

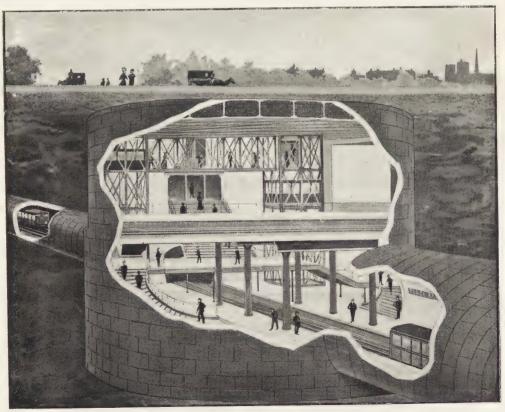
Cadeirinha de ambulancia A cadeirinha de ambulancia Hathaway é um engenhoso apparelho que se adapta a uma sella de cavallaria, dando a possivel commodidade a um ferido. A cadeirinha abraça a cintura do doente e fixa-o na sella. Se póde fazer uso das mãos, é elle proprio que guia o cavallo; no caso contrario é este conduzido pela arreata.

Na cavallaria ingleza estão-se fazendo experiencias bastante favoraveis d'este apparelho, que parece destinado a prestar valiosos serviços nas guerras futuras, visto que longe está ainda a epoca de as supprimir.

CADEIRINHA DE AMBULANCIA

O Metropolitano de Paris ADEANTAM-SE rapidamente as obras das novas estações do Metropolitano de Paris. Está quasi completo o arcabouço do *caisson*, e pode-se definir facilmente o tunnel. A gravura junta dá excellente ideia de uma das novas estações na Place Saint Michel. Veem-se as duas largas escadarias e os elevadores pelos quaes os passageiros subirão das plataformas para uma galeria subterranea que dá accesso á rua. Vê-se o *caisson* elliptico, que unirá uma secção do tunel á estação. As plataformas são construidas de 16 metros de profundidade, e as escadas teem cerca de 100 degraus. Adoptou-se o typo *caisson* em vez do tunnel ordinario de tubo por causa da natureza alluvial do terreno. Encontra-se agua a 9 metros da superficie (nivel do rio) e até a 4 ou a 5 quando ha cheias. Com o auxilio do ar comprimido executa-se a obra com mais segurança e rapidez, do que perfurando um tunel segundo o methodo ordinario e construindo uma aboboda bastante vasta para incluir dois caminhos permanentes.

Alem d'isso a despeza é menor.

N'outras secções do Metropolitano, por exemplo na travessia do Sena junto á praça da Concordia, não se julgou necessario profundar verticalmente *caissons*, adoptando-se a construcção ordinaria do tunnel.

CORTE DE UMA ESTAÇÃO SUBTERRANEA NO METROPOLITANO DE PARIS

Vida no sport

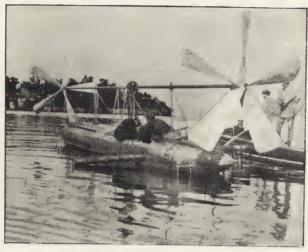
Barco hydroplano

Um novissimo meio de propulsão foi inventado pelo engenheiro italiano Forlanini. Barco hydroplano chama elle a um barco destinado a vogar á superficie da agua com o auxilio de dois propulsores de cinco abas que se movem no ar em vez de se moverem na agua. O motor tem a força de 70 cavallos. Nas experiencias feitas no lago Maggiore, o barco portou-se perfeitamente, obtendo uma velocidade de 43 milhas por hora.

O inventor considera o seu apparelho apenas a titulo de experiencia, e espera construir uma machina dirigivel de toda a confiança.

O cavallo arabe em Inglaterra

Os cavallos arabes tendem a rarear. Mas tanto os governos como os amadores começam a convencer-se de que o arabe é a todos os respeitos preferivel nos serviços que demandam um cavallo ligeiro ao inglez *pur-sang*, a não ser para caça e para corridas.

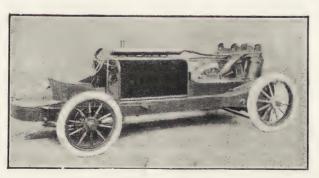
Um poeta e viajante inglez, grande amador de cavallos, Mr. Wilfred Scawen Blunt, é o maior creador de cavallos arabes do Imperio Britannico. A sua caudelaria em Sussex é a origem que os governos de muitos paizes procuram para renovar as suas remontas. Mr. Blunt pode gabar-se de que a maioria dos melhores arabes do mundo passaram pela sua caudelaria.

BARCO HYDROPLANO FORLANINI

O sultão de Mascate tambem possue uma importante caudelaria, e alguns sobreviventes entre os antigos principes da Arabia são senhores de magnificos cavallos; mas Mr. Blunt é de opinião de que hoje em dia ha menos de 3000 eguas creadoras na Arabia, e talvez 5000 em todo o mundo.

Fazem-se os maximos esforços para evitar a extinção de uma raça tão apreciada na equitação.

Preço de uma viagem aeronautica

Diz uma revista ingleza que, em comparação com o automobilismo, a aeronautica é um passatempo barato e pouco perigoso. Um balão para quatro pessoas custa apenas (em Inglaterra, está claro) 150 libras, e pode-se encher por cerca de 10 libras, incluindo o gaz e a remuneração ao technico. É certo que as viagens demandam mais algumas despezas. Se o vento é um pouco forte, é preciso um certo numero de auxiliares para a ascensão, aliás o balão é capaz de ir esbarrar com a primeira arvore ou edificio proximos. Tambem no fim da viagem se tornam indispensaveis os auxiliares. É verdade que elles acorrem logo de todos os pontos do horizonte, sem mira de interesse material; mas em todo o caso, sempre é conveniente untar-lhes as mãos.

Ha tambem a despeza do transporte que pode ser consideravel se o balão fôr parar muito longe do ponto de partida. Mas, incluindo tudo, o importe medio da viagem regula entre 12 e 13 libras. Ignoramos se estas considerações são applicaveis ao nosso paiz; mas o desenvolvimento do *sport* levá-nos a chamar a attenção para este novo genero, sem grande esperança de que se vulgarise por emquanto.

AUTOMOVEL DE QUATRO CYLINDROS

Automovel de quatro cylindros

O automovel Christie, cuja gravura apresentamos, venceu ultimamente o *record* do mundo para automoveis de quatro cylindros. Percorreu uma milha em 35⅕ segundos. A sua construcção é muito curiosa. Não tem machina logo junto das rodas deanteiras, e não tem apparelho de transmissão.

O orthoptero

Assim se chama um aerostato, inventado por tres belgas, com a forma e a apparencia de uma abelha gigante, coberto de belbutina escura para augmentar a similhança. Não é propriamente um balão, mas uma verdadeira machina voadora, mais pesada que o ar, a qual por meio das azas e dos propulsores se eleva e se sustenta. Tem um motor de 60 cavallos que imprime aos propulsores a velocidade tremenda de 30.000 revoluções por minuto. Tem uma dupla revestidura, com um espaço intermedio cheio de ar, e tem na cauda tres enormes balas de ar como uma especie de almofada para amortecer o choque da descida. Os passageiros teem logar dentro do corpo, o qual contem egualmente todo o mechanismo, e é illuminada por quatro janellas quadrangulares. O modelo está em exposição no Palais du Cinquantenaire de Bruxellas.

Ignoramos se já se fez experiencia definitiva d'este novo apparelho voador. Caso elle dê bons resultados, a nossa fantasia já nos pinta o espaço atmospherico povoado de enormes apparelhos de todos os feitios roubados á fama voadora, aves gigantescas, e insectos colossaes, solcando os ares em todas as direcções.

Mergulho monstro

O acrobata Schreyer, o *Dare Devil* (o diabo atrevido), tem executado na America e ultimamente em França uma façanha verdadeiramente temeraria. Parte de bicycletta de uma plataforma a 36 metros do solo. Corre por uma pista

O ORTHOPTERO

em forte rampa, de 75 metros de comprido e $0^{m},80$ de largo, cortada bruscamente a uma altura de 18 metros. D'ahi deve ainda percorrer uma distancia de 37 metros, para ir cahir n'um tanque cheio de agua, com o fundo de $1^{m},50$.

Para realizar este prodigio, recebe a linda somma de 5000 francos, que, em vista do enorme risco, se podem considerar bem empregados. Com vista á direcção do Colyseu dos Recreios.

APPARELHO DO ACROBATA SCHREYER

O bilhar para as mulheres

Uma das razões, senão a unica, que até hoje tem obstado a que a mulher se torne eximia no jogo do bilhar é a falta de induzimento ou de opportunidade, visto que as mezas de bilhar não estão vulgarisadas como moveis domesticos.

No entanto, o bilhar é um passatempo eminentemente adaptavel ao sexo feminino, e lá fora começa a desenvolver-se esse jogo nos clubs das senhoras da alta roda.

Madame Strebor (anagramma de Roberts), tratando de popularisar o bilhar entre as senhoras, não só tem jogado partidas em publico, mas affirma que esse jogo está estreitamente alliado á graça feminina. Prova-o pela sua propria experiencia.

Aeroplanos e dirigiveis

A 24 de outubro, Santos Dumont, fez voar um apparelho que pesa perto de 388 kilogrammas com o seu passageiro. Provou-se que com um apparelho como os papagaios e um helice poderoso actuado por um motor ligeiro, o «mais pesado que o ar» pode elevar-se por si e deslocar-se voando com estabilidade satisfatoria. Assim ganhou Santos Dumont a taça Archdeacon. A sua victoria é tambem a do motor Levavasseur, de 8 cylindros, da força de 50 cavallos, e pesando apenas 72 kilos.

Novos dirigiveis se acham em experiencia: o *Ville-de-Paris*, de M. Deutsch de la Meurthe e o *Zeppelin*, do allemão que tem este nome. Este ultimo evolucionou perfeitamente sobre o lago de Constancia, virando, ascendendo, descendo, e fazendo todas estas manobras com uma precisão extraordinaria.

Annuncios dos Serões

A empreza dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10$000 rs.
1/2 »	5$500 »
1/4 »	3$000 »
1/8 »	1$500 »
1/16 »	$800 »

DESCONTOS

Anno 20 %, semestre 15 % e trimestre 10 %.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150$000 rs.
1/2 »	100$000 »
1/4 »	70$000 »
1/8 »	50$000 »
1/16 »	35$000 »

Semestre 60 %
Trimestre 40 % } **Ao preço do anno**

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empreza estabelece ainda uma secção de **Pequenos annuncios,** os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

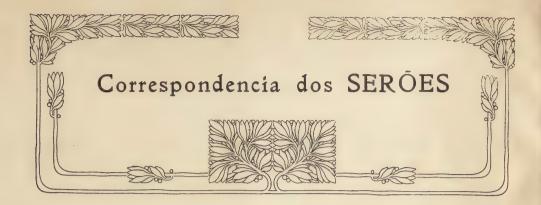
DEZEMBRO 1906
N.º 18
Serões
Salve!
Cordeaes saudaçoẽs de boas festas e de anno prospero enviam os Seroẽs aos seus collaboradores, assignantes e leitores, com calorosos protestos de gratidão pelo favoravel acolhimento que ha anno e meio sem interrupção lhe tem dispensado o publico de Portugal e Brazil.
Mil prosperidades caiam sobre cada um d'aquelles a quem os Seroẽs devem a sua.
LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA & OLIVEIRA L.DA
LISBOA
RUA AUREA, 132 a 138

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (30 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

Correspondencia dos SERÕES

A MUSICA DOS SERÕES DO N.º 17

Por um equivoco, que em cousa alguma pode influir na consideração que nos merecem seus talentos, classificámos como *um distincto musico de provincia* o sr. Joaquim Ferreira da Silva, que com a sua formosa «Canção triste» mimoseou os leitores dos *Serões*. O nosso equivoco, filho de uma similhança de nomes, não tem porém importancia dentro do nosso meio musical, onde o illustre compositor é de sobra conhecido, pelo brilhantismo dos seus estudos e pelas gratas esperanças que a sua mocidade inspira aos amadores de boa musica. Em Lisboa nasceu e tem habitualmente vivido o sr. Ferreira da Silva. Esta rectificação não representa mais do que uma homenagem á verdade, e nunca uma desculpa, pois que de nem do mais leve vislumbre de aggravo nos póde n'um caso d'estes accusar a consciencia.

CONCURSOS PHOTOGRAPHICOS

Damos no presente numero a decisão relativa ao terceiro concurso photographico, e publicamos com summo gosto as tres photographias que mereceram premio. Nos numeros seguintes iremos successivamente publicando as que tiveram menções honrosas.

Chamamos a attenção dos amadores photographicos para o novo concurso que abrimos agora, e que esperamos terá um resultado tão brilhante como os realisados ate hoje.

AOS NOSSOS AMAVEIS COLLABORADORES

Não nos cansamos de pedir aos estimaveis escriptores e artistas, que nos honram com a sua collaboração, nos relevem o não podermos de prompto satisfazer a justa anciedade que teem na publicação das suas producções. Repetimos o que mais de uma vez temos dito: nem que os *Serões* tivessem o duplo ou o triplo da materia, poderiam andar a par com os innumeros artigos que diariamente lhe remettem. Isto, se por um lado nos lisonjeia pela confiança e benevolo acolhimento com que honram a nossa revista, por outro lado nos colloca muitas vezes em embaraços, receiosos de involuntariamente melindrar quem tão amavel é para comnosco.

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte :

Uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paizagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço da photographia : ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação : Quarto concurso photographico.

Poock
POOCK
CASA CLAUSEN
RIO DE JANEIRO
P. Marinho gr.
Moraes

PHONOGRAPHOS
E
CYLINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS
SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRSILEIRA
REPRESENTANTE DO CENTRO PHONOGRAPHICO PORTUGUEZ
RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARÁ e RIO GRANDE DO SUL

Peixoto
PASTA DENTIFRICIA SALICYLADA
Peixoto
LISBOA
PREÇO 200 rs
SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.
DEPOSITO
Rua Nova do Almada, 84, e Rua do Carmo, 83
LISBOA

CASTELLO
MOURA
MOURA
PORTUGAL
ASSIS & C.
123 R. da Conceição
LISBOA

A EQUITATIVA

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

GRANADO

& C.ª

Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12

End. Teleg. «GRANADO»

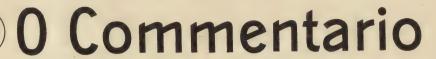
Grande Laboratorio Chimico e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

O Commentario

DESDE **1903** publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista,** original e util aos contemporaneos e aos futuros perscrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que occorre na capital brazileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de opportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros; a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.ª serie, principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia dos seus collaboradores, e pela superioridade dos conceitos que emitte

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Portugal e a guerra das nações — por Bruno (José Sampaio) — Livraria Chardron, Porto — Volume de 508 paginas, em que o insigne pensador formula as ideias sobre a situação politica de Portugal no mundo moderno.

Heroe (O) de Chaimite — por Eduardo de Noronha — Empreza de «O Primeiro de Janeiro», Porto — Vol. de 480 pag. Estudo apotheotico sobre a campanha que immortalisou o nome de Mousinho de Albuquerque — Prefacios do actual ministro da marinha, sr. Ayres de Ornellas, e do sr. Paiva Couceiro — Pode chamar-se uma epopeia patriotica em prosa.

Cantigas da minha terra — por Santos Luz — Lisboa 1906 — Folheto de 63 pag. — Collecção de trovas de caracter accentuadamente portuguez, cheias de melancholia e de voluptuosidade.

Halos — por Aurelio Dominguez — Bahia, 1906 — LXVII pag. — Poesias, na sua maior parte sonetos, de uma bella factura.

Sombras — por Presciliano Duarte de Almeida — Rothschild & Comp.ª, S. Paulo — Lindo vol. de versos de 183 pag. — Nova e valiosa contribuição do já riquissimo exercicio lyrico do Brazil.

A Aurora do Porvir — Publicação mensal, Recreativa e Instructiva. — Revista Illustrada — Anno III — n.os 29 e 30.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Anno VII — n.º 13.

Echo Photographico — *Jornal mensal de sport photographico* — Anno I — n.º 7.

La Lectura — *Revista de Sciencias y de Artes* — Año IV — Outubro de 1906 — n.º 70 — *Sumario:* Algumas consideraciones sobre la literatura hispano-americano: A proposito de un libro peruano — D. Juan Valera (La personalidad), etc. etc.

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria* — Vol. 53 — n.º 10 — Outubro de 1906 — *Artigos principaes:* — Historia de Beneficencia Publica em Portugal — A Alliança Ingleza etc. etc,

A Semana Illustrada — 1.ª Serie — Lisboa 13 de Outubro 1906 — n.º 3 — *Artigos principaes:* — Divagando — Amor a concurso etc. etc.

Boletim Photographico — n.º 78 — Junho de 1906 — Setimo anno — *Artigos principaes:* Papeis de carvão — Luz de magnesio — Productos e material novo etc. etc.

Boletim Photographico — Julho de 1906 — n.º 79 — *Artigos principaes:* — Photographia estereoscopica — O Acido borico no banho fixador, etc. etc.

Actualidades — *Artes, Sciencias e Lettras* — Revista Illustrada — Publicação tri-semanal — Anno I — n.os 10, 11 e 12.

A Cidade e os Campos — Revista mensal illustrada — Anno I — n.º 6.

Alma errante — por C. de Pina Machado — Lisboa, livraria Ferreira & Oliveira, 1906 — Bella edição — Versos cheios de harmonia e sentimento.

Arte — Archivo de obras d'arte — n.º 23 — Porto — Director e gravador, Marques Abreu — Bella publicação artistica. Traz as seguintes gravuras: Flora, Conselheiro Castro Mattoso, Venus Anadegamena, com artigos interessantes.

A Semana Azul — *Publicação de luxo illustrada* — *Arte, Litteratura, Critica, Novidades* d'interesse e notas elegantes — Anno III — n.º 16.

Echo dos Fenianos e Girondinos — *Publicação mensal* — Anno I — Poreo — n.º 10 — Summario: Mez a Mez — Publicação Alegre — O meu senhor — Trovas do Povo — Sua excellencia, a cidade — Soneto — Soneto — O carnarval Portuense no seculo passado — Sonetos — Cartas do Seminario — Os esquecidos — Guerra Junqueiro — Marianna — De Lita.

El Despertar Hispano — *Publicacion semanal de caracter absolutamente independente* — Se occupa de Critica, Sociologia y variedades — Año II — n.os 8 e 9 — Buenos Aires.

Eça de Queiroz — questão de naturalidade — Porto, 1906 — com a gravura da lapide affixada na Povoa de Varzim — o fac-simile de uma carta do pae de Eça de Queiroz. Reivindicação de honra da naturalidade do grande romancista á Povoa de Varzim.

Horas de Ocio — *Revista semanal illustrada e litteraria* — Aano I — n.º 5 — Fundão.

Illustração Portugueza — n.º 38 — Edição semanal do «Seculo».

SOLICITUDE MATERNA

Quadro de W. Bouguereau

NA ILHA DA MADEIRA

A Ilha da Madeira, tem o nome generico de *Festa* o periodo de tempo que decorre entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, — Os Reis.

Este nome de *Festa,* simples e alegre, singello e grande, a nenhuma outra solemnidade se concede por ser esta realmente a maior, a que abraça toda a christandade no mesmo tempo, aquella emfim que sae do culto ritual dos templos e se estende ao culto em familia, erguendo um altar em cada casal: — A Lapinha. —

Lá, para o sul, em pleno Atlantico, na communhão da Natureza mais esplendorosa, os Ilheus costumam dar ainda toda a candura e caracteristicos primitivos aos festejos do nascimento do *Menino Jesus*, como se ouve então em todas as boccas.

São as velhinhas, myrradas pelo tempo mas ingenuas pela graça de Deus, que se encarregam de contar ás creanças, em meiga cantilena, o drama das palhinhas de Bethelem:

Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lo gallo cantava,
Chorava o menino.
E la mãe lhe disse
Mui cheia de dor:
—«Calae-vos, meu filho,
Jesus, meu amor;
Dormide no feno,
N'esta laja fria,
Qu' eu não tenho berço
Nem no furtaria» —

Ai, Senhor do Mundo,
Tão pobre que estaes,
Deitado no feno
E entre animaes.

E os anjos, de olhos muito abertos, escutam deliciados e repetem.

Meia noite dada
Meia noite em pino... etc.

O natal na Madeira é sobretudo a festa das creanças. Livres da Escola, são ellas que presidem ao amoroso arranjo dos presepios pelas mães. Os fructos, n'esses dias, andam á discrição das gulosas boccas infantis e todos os caprichos lhes são satisfeitos. Por toda a parte emfim, o Natal é o tempo das vaccas gordas, em que ha sempre, até nos mais humildes casaes, uma relativa abundancia, que faz abrir o riso, que dispõe bem, que dá saude!

O primeiro rebate do Natal, que tem o quer que seja de pagão, é o *critar* afflictivo dos porcos - a victima immolada - que esturge os ares na madrugada de 24 de dezembro. É o toque d'alvorada sangrenta que vem annunciar o proximo dia do nascimento da mais suave creatura que ainda existiu sobre a terra.

A festa do Natal anda pois intimamente alliada á matança dos porcos, e tanto, que o Natal e a morte do porco são synonymos na Ilha, isto por motivos que, de compridos, não cabem n'uma descripção que pretende ser impressionista e leve.

Termina a faina da matança, que tem muito

de pinturesco, ao romper o sol do dia 24, e começa então o segundo rebate, aquelle que mais se nota e que é um estralejar ininterrupto de bombas, de *trip-trapes*, mais o chiar dos foguetes que sulcam a atmosphera com azulados cordões de fumo.

Desde muito cedo, ha um desusado movimento pelas ruas do Funchal, em regra silenciosas e pacatas. Nas proximidades do mercado de D. Pedro V, Praça do peixe, Rua dos Tanoeiros, Chafariz, etc... estacionam as camacheiras e mulheres do Santo da Serra, caracteristicas pela sua estatura meã e redondeza, a venderem festões de alegra-campo — baraços de folhagem verde-escura — laranjas, nozes, ouriços de castanheiro, pequenos fetos, avencas, e mais a fructa que é uma especialidade *Camacha*, as maçãs sadias e appetitosas, que parecem ter com as vendedeiras o parentesco de primas... afastadas pelo menos.

Pelas locandas, onde a aguardente põe um cheiro particular a *fleugma*, que só ali se nota, ramalham estridentes as violas d'arame na sua monotonia de 3 notas, a acompanhar as trovas que os *villões* (1) se botam encostados ao balcão, onde brilham os *meios grogues* (2) que em breve se despejam e substituem.

A cantiga é sempre espontanea e continuação da antecedente.

UMA LAPINHA

(1) Nome generico que na Madeira se dá aos homens dos campos.

(2) Termo que determina a quantidade de aguardente, 5 cl.os proximamente.

Duas trovas que nos recordam para exemplo:

Deixei em casa as cuécas,
Venho de calças compridas:
Compadre, guarde o dinheiro
Que eu pago agora bubidas.

Compadre, não se arrenegue;
Quem fala aqui em dinheiro?
As bubidas são de graça
Quando canta um caniceiro.

Vem a proposito das trovas dizer-se que, em geral, o Ilheu só canta quando bebe. Para o homem do campo, sobretudo, o vinho é a mola propulsora de todas as suas manifestações: a canção é vinho, o amor é vinho e até o trabalho é vinho porque sem elle não se trabalha. De resto, que culpa teem elles que a terra seja tão fecunda e excellente nos nectares do esquecimento e da alegria?

UMA LAPINHA

Na manhã de 24 de dezembro, as mães de familia vão pessoalmente dirigir a compra de viveres e guloseimas — por tradicional costume — rodeadas da pequenada, que mal dorme a sonhar com a desejada manhã. O mercado ás 6 horas regorgita de mamãs e de bébés, n'uma esturdia desuzada, sem exemplo, por entre cabazes de frescura e de appetite, que outra cousa não são os fructos amontrados.

Os olhares infantis parecem ficar encantados principalmente pelo oiro das laranjas, anciando todos pelo prazer, logo satisfeito, de as ver de perto, entre as mãositas.

Feitas as compras, variadas em extremo n'esse dia, espera-os em casa, onde começa a chiar na frigideira e a cheirar *divinamente* a tradicional carne de porco de vinho e alhos, que tem na Ilha um especial e conhecido sabor.

Almoço acabado, procede-se á construcção da Lapinha, que corresponde á arvore do Natal: o encanto das creanças.

Quasi decorre o dia n'esse arranjo carinhoso, por entre o chilrear dos bébés, que em tudo mexem e tudo querem saber, sempre a descascar a competente laranja, a partir nozes ou a dentar as maçãs, que por um pouco lhes não escondem o rosto quando as mordem com a boquita do tamanho d'um beijo.

A Lapinha é um altar. Sobre um supporte resistente assenta o presepio em forma d'encosta rochosa, d'ante mão construida com sóccos de cannas vieiras ligadas, em monte, que offerecem anfractuosidades inprevistas, sobre as quaes se assentam algumas camadas de papel molhado, que se adapta. Sobre esta construcção, que tem o nome de Rochinha, imitam-se ribeiras e quedas com arame prateado, dispõe-se pastores e ovelhas de barro, pequeninas arvores, estradas e praças liliputianas, casitas brancas, emfim, todo um ridente povoado n'uma encosta de montanha em miniatura.

Ao fundo o alegra-campo cobre a parede de alto a baixo, todo salpicado de flores de enceião, que destacam o seu amarello doentio de astros poentes no ceu de folhagem verde-escura.

Aos lados da Rochinha algumas cannas doces abrem pacificamente as palmas verdes-claras.

No alto, dominando meigamente, com a mãosita côr de rosa aberta em benção, o Menino Deus resplandece no seu trage singello feito da flor do linho.

Á noite, tocam os sinos, as egrejas resplan-

decem de luzes, os orgãos entoam canticos propheticos.

Vae começar a missa do Gallo, a missa que tem não sei que sympathia das mulheres que a ouvem em lagrimas : as que são mães, talvez, por se lembrarem do nascimento dos queridos filhos, que soffrem, que as fazem soffrer, que estão distantes ou mortos! As solteiras talvez, porque vagamente tudo isso adivinham atravez d'um olhar que as contempla amoroso por detraz d'uma columna ou do angulo sombrio e discreto d'uma capella.

As creanças, essas, já tontinhas com somno, abrem de quando em quando os olhitos espantados e perguntam se já veiu o Menino Jesus que acaba de nascer.

O dia de Natal contrasta muito com a vespera : é silencioso, recolhido e grave. Só de longe em longe se ouve estalar uma bomba ou algum foguete perdido.

As ruas ficam desertas, o ambiente mudo, e o mar, quasi sempre tranquillo, deserto de barcos.

* * *

FREGUEZIA DO FAYAL

Com diversa apparencia apenas, mas com o mesmo fundo de candura, decorre o Natal nos campos da Ilha da Madeira.

A alma semi-primitiva dos camponezes poetisa e reveste de mais exterioridades o dia do nascimento de Jesus Christo. É o antropomorphismo que cresce na razão indirecta da intellectualidade.

Nas humildes choupanas, cobertas de palha, cheirando a linho e a saude, onde a mobilia consta de uma arca, um leito grosseiro e largo, uma commoda nos mais ricos, uma simples mesa de pinho nos mais pobres, ha n'esse dia um meticuloso asseio que enternece, e dir-se-hia que por milagre se alargou a sua exigua area, afim de installar pomposamente o Menino Deus na lendaria Lapinha.

Ainda fica porém *terreiro* para as visitas e para a exhibição dos comicos (dois apenas), que representam um minusculo auto com geral agrado.

Depois das trindades, que echoam pelas serras e outeiros o seu lamento de appello á oração, ajoelha toda a familia deante do Menino para rezar o terço.

Se entre elles existe algum que saiba ler, ouvem-se então os versiculos do *Novo Testamento* e os passos de Christo, por entre exclamações enternecidas e admiradas das boas ve-

Em casa espera-os a *cerimonia ritual* da canja e do calice do velho vinho, em cuja virtude pousam os votos de mutua felicidade.

Os velhos enxugam uma lagrima, recordando as dezenas de nataes que lhes nevaram as cabeças, gelando-lhes primeiro as illusões, depois a mocidade e finalmente a vida.

As mães lançam olhares ternos e anciosos sobre os fructos do seu ventre, evocando a Virgem para que os proteja e os faça á imagem do seu Bemdito Filho.

Os paes recordam a sua mocidade e tudo perdoam á mocidade dos filhos.

lhinhas, que quanto mais se approximam da cova mais crentes se tornam.

Terminadas as orações, recordam-se os ausentes, aquelles que um dia desappareceram no pequeno cemiterio, ou os que, n'uma manhã de sol, beijaram as mãos paternas e se sumiram na volta da estrada com destino ao Brazil.

Quinze dias... vinte dias de viagem sobre as aguas salgadas para lá chegar!

Quanta saudade, quantos arrependimentos e, sabe Deus, quanta fome na terra extranha, para aquelles que um dia abandonaram a casa de seus paes e se foram em busca de fortuna?

E lê-se a ultima carta: Um, está de saude, achou um patrão que o estima, manda algumas libras... Exultam os paes do trabalhador afortunado! Outro andou longo tempo sem trabalho, o clima é insupportavel, não póde, teve febres, quer voltar mas não tem recursos!... É a hora do sacrificio... vende-se a terrinha que fica ao pé da rocha; dá boas batatas, uns almudes de aguardente... O prior já falou n'ella, mostrou desejo de a possuir... vende-se, conclue-se o negocio.

O pobre pae derrama algumas lagrimas sobre a terra que regou com o seu suor, e volta para casa apertando com mão convulsa umas dezenas de *patacas* que leva na jaleca.

Eis o Natal d'alguns!

*

* *

É a hora de visitar as Lapinhas.

Organisa-se uma *companhia*, formada de dois comicos, um *villão* e um *preto*.

Trazem cabaças a tiracollo e um pequeno caco para donativos.

Entram em scena:

Villão: (avançando)

Eu venho da serra, de longe, cançado,
Por vel'o Menino deixei o meu gado.

Preto:

Tambem iô lá deixei tudo o que la tinha,
Só por vir agora ver esta Lapinha.

Villão:

Eu venho da serra, d'alem do penedo
Com meu machetinho folgar no folguedo.

Preto: (apontando o villão)

O bruto dos campos, olha a fidarguia (1)
Que vem da cidade trajando cerguia (2)

Villão:

Sou branco de raça, geração limpinha,
Vim vel'o Deus nado que está na Lapinha.

Preto:

Tu diz vens ver nado lo Deus na Lapinha,
Tu vens p'ra comer bacalhau e sardinha.

Villão:

Cal'te lá mau preto; tu m'o pagarás,
No anno que vem tu não falarás.

Em coro:

Meu Menino Deus do meu coração,
Amar-te sim sim, deixar-te não não.

Assim termina a ingenua *comedia*, que apenas por curiosidade pinturesca apontamos.

O dono da casa offerece a lobata pela distincção e amabilidade da visita, e enche seguidamente os copos grossissimos d'um vinho topaziado e fino.

Deixando e levando votos de ventura, partem os *actores*, seguidos do rapazio pelas estradas terreas, entre vinhas ou pinhaes, sob um ceo claro, escorrendo sonhos e mais sonhos, pelo crivo luminoso das estrellas que picam o azul.

É meia noite. A companhia ambulante terminou o seu giro pelos casaes.

As portas cerram-se, apagam-se as luzes e tudo dorme em silencio... mas não é raro, n'um ou n'outro casal onde ha raparigas, ouvir-se um ligeiro rumor... Abre-se uma janella, a mais alta, e apparece uma cabeça lyrica de moça, cujos olhos cheios de presagios parecem interrogar a mudez do ceo. Sobre o peitoril da janella brilha um copo cheio d'agua... A mão da moça, tremula, benze a agua tres vezes lentamente.

Dir-se-hia que vamos assistir a uma scena de magia. Murmura uma oração occulta, que

(1) Corrupção de fidalguia.
(2) Corrupção de Cerguilha, tecido grosseiro.

facilmente se adivinha. Honesta e boa, tem um amor no coração, um enlevo nos olhos e um *Manuel* na bocca!... e quer saber o que o futuro lhe reserva... Então, quebra um ovo na borda do copo e lança-o na agua. A clara do ovo, em parte coagulada, esboça dentro da agua uns arabescos, que os olhos avidos procuram decifrar.

Se fica um laivo branco que termina á tona d'agua n'uma bolha, é um mastro de navio .. é que o Manuel parte... é que o Senhor não escutou as suas orações... É o desespero! Se fica em fórma de corôa, é a sua grinalda de noiva... é a felicidade!

Emfim, todas as infinitas e mal distinctas formas que pode apresentar a albumina coagulada teem a sua interpretação n'essas febris imaginações de vinte annos.

*
* *

Dia primeiro de Janeiro.

É quasi sempre um d'esses magnificos dias de inverno — na Ilha — dia primaveril de serras claras, ceo profundo e mar de azeite.

Estralejam foguetes e bombas todo o santo dia, mas a noite, é a noite do Fogo por excellencia, a noite chimerica, que apenas se conserva na memoria como uma confusão de myriades de estrellas a cahir, a cruzar o espaço em correrias doidas.

Não temos conhecimento de que se faça em outra parte do mundo mais soberba apotheose ao anno novo que nasce. De resto, as condições naturaes e topographicas do Funchal, suburbios e encostas auxiliam e compõem á maravilha o quadro feerico da Noite do Fogo.

A cidade do Funchal, pousa n'um amphitheatro natural; nasce junto do mar, estende-se em curta planura e monta pela encosta em semicirculo, coroada de montes, formando um todo a que a arte não parece isenta.

É uma maravilha de scenario que seduz e encanta os olhos mais habituados ás bellezas naturaes.

A bahia, semicircular, é limitada pela ponta do Garajau e pelo «Ilheu», Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição.

Na linha d'agua, quasi, nasce a cidade ridente de casas brancas e de verduras saudaveis.

Á noite, apenas se adivinha a larga garganta pelas luzes que salpicam os caminhos naturalmente sobrepostos pela elevação em que a cidade se estende.

Na memoravel noite de Anno Bom, uma insolita illuminação apparece depois do crepusculo, annunciadora do enthusiasmo luminoso que ha de singrar o ceo ao bater da primeira badalada da meia noite.

As familias, cujas casas são melhor situadas

ILHA DA MADEIRA — SANTANNA

para disfructar o espectaculo, recebem outras, e entretêm a noite na paz do Senhor, entre libações do melhor vinho e do melhor licor, á espera da hora.

A meia noite approxima-se. O estralejar das bombas cresce, e todos correm ás janellas, aos eirados, aos planaltos...

Subitamente, longinquamente, a torre da Sé atira ao vento a primeira badalada... Então, como se a terra se abrisse e vomitasse faiscas de todas as côres, a cidade esplende coroada de luz.

São os foguetes de lagrimas, os foguetes electricos, que illuminam poderosamente trechos da cidade ridente. São os potes de côres vivas, as rodas de fogo, as mil formas luminosas que a pyrotechnia inventou para deslumbrar a vista, tudo isto entre o ruido ensurdecedor das bombas, dos *trip-trapes* e das granadas, que expludem ao alto como relampagos seguidos do trovão que se repercute pelos cem echos naturaes do amphitheatro.

Cinco minutos de demencia luminosa, reflectida pelo espelho do mar que dorme a somno solto.

Em cinco minutos tambem, as luzes apagam-se, os ruidos calam-se, o ceo fica sereno e mudo, a cidade adormece, e o novo anno começa a viver na tranquilidade radiosa d'essas paragens abençoadas.

João Gouveia

Instantaneo

A Antonio Bandeira

O sol cahia por detraz dos montes
Doirando os campos e doirando as fontes,
No extremo adeus...
Tinham seus raios uma tal doçura,
Que eu comparava á lyrial candura
Dos sonhos meus.

As alvas garças, em nitente bando,
Passavam tristes, pelo azúl voando,
Desconsoladas...
E as juritys, nas solidões sosinhas,
Gemiam tristes como as creancinhas
Abandonadas.

Ao longe echoavam, na mudez da estrada,
Os sons dolentes da canção magoada
De uma serrana;
E o sertanejo, ao recolher o gado,
Acompanhava no arrabil doirado
Bella tyranna.

Oh! paz bemdita que me cantas n'alma,
Ness'hora augusta, divinal e calma
D'Ave Marias...
Faz' de meus versos triumphaes psalterios,
Com que eu celébre teus subtis mysterios
Todos os dias.

Rio de Janeiro, 28-III-906.

Alipio Machado.

O chapéo é um Protheo que reveste todas as formas, disse Mercier no seu *Tableau de Paris*, em 1783. Effectivamente, desde os fins do seculo XVIII que o chapéo é um Protheo multiforme, que ora se alonga em capota desmedida sob o Directorio, ora toma proporções de barretina com os vestidos esguios do Imperio, ora se achata para comprazer ás importações inglezas de 1815, ora se eleva no cocuruto da cabeça para se abaixar até á raiz dos cabellos no dia seguinte, prestando-se, em todas estas mudanças, a centos de denominações, qual d'ellas mais burlesca ou mais patusca.

Os espiritos avisados e assisados notaram sempre que a moda é um eterno recomeço. Qualquer que seja o nome do chapéo: *Trianon*, *Lamballe*, *Gainsborough*, *Paméla* ou *Rembrandt*, o chapéo de 1797 é o de 1830, o de 1879 e o de 1890. A *Charlotte* phantasista das mulheres de Debucourt é o chapéo das *grisettes*, e o chapéo das elegantes *pschutteuses* é o chapéo das *gommosas*. Se dos chapéos derivarmos para outros artefactos, notaremos o mesmo phenomeno. Assim, o peitilho *à La Vallière* entrou novamente em moda no anno de 1820, as mangas do tempo de Catharina de Médicis rebrilharam em 1824 e em 1894, os tacões á Luiz XV readquiriram a sua voga no tempo de Napoleão III, as verdugadas reviveram na *crinoline*, os escarpins do Imperio e da Restauração voltaram na terceira republica, as altas sombrinhas de 1786 reappareceram em 1875, os tricornios á Luiz XV coroaram os cabellos frisados das mulheres de 1865 e de 1898, e os fins do seculo passado lograram a ventura de vêr a reimplantação da realeza do *lorgnon*, que, por seu turno, as *leôas* de 1830 haviam pedido ás damas vaporosas do seculo XVIII — esse immortal folhetim de Cythera. Razão tinha, pois, a insigne modista Bertin, quando dizia a Maria Antonietta, que a censurava por lhe ter confeiçoado um vestido segundo gravuras antigas:—«Só se encontra novidade no que está esquecido.» *Madame* de Genlis exprimia a mesma engenhosa verdade por meio d'estas palavras: — «Nossas modas assemelham-se mais ás modas de nossas avós do que ás de nossas mães.» E Worth, o creador de tantas obras-primas, chegou a uma nova esthetica da *toilette*, porque o seu modernismo se inspirou na Historia.

A Moda ainda não encontrou o seu Mommsen, o seu Grote ou o seu Herculano, embora os primordios da sua historia estejam esboçados no versiculo VII do capitulo III da Biblia. A historia da Moda não é uma coisa tão futil como parece ao commum dos mortaes, porque, para se ajuizar de uma epoca ou se aquilatar um povo, á mingua de annaes seguros, basta muitas vezes, não diremos a chronica integral das suas modas, mas o menor capitulo da historia das suas botas, das suas meias ou dos seus chapéos. Desde Eva, colhendo a sua primeira camisa n'uma figueira, até ás deusas Razão, passeiando a sua impudentissima nudez, e desde as cortezãs romanas, luzindo

a sua tunica de seda de Cos no tumulto empoeirado da Via Appia, até ás modernas lisboetas, expondo as suas *toilettes* na cinematographia risonha da Avenida, quantas relações curiosas a assignalar!...

Mercier affirma que lhe dera na tinêta de apontar todas as modas novas, mas que, no termo de oito dias, desistira da empreza, porque, accrescenta n'outra passagem, o parisiense muda, com a mesma facilidade, de systema, de ridiculos e de modismos. Com effeito, só uma penna que tivesse as azas de Mercurio poderia acompanhar os velocissimos cambiamentos da Moda, que, afinal de contas, é como Saturno — devora os proprios filhos.

Antigamente, havia menos mudanças nas modas, ou, por outras palavras, as oscillações da Moda, entre os seus dois polos, tinham menor amplitude. Hoje, porém, mudam com a rapidez de um catavento. Eis o motivo de Grosse dizer no seu magnifico livro *Les débuts de l'art:* — «A mudança das modas modernas não é um phenomeno physiologico, mas pathologico; é um symptoma e uma consequencia da nossa sobreexcitação nervosa e da nossa louca procura de excitantes, cada vez mais originaes e mais fortes.»

A Moda, para desenvolver todo o seu espirito inventivo, parece necessitar da instigação de uma mulher superior, quer seja uma soberana, quer seja uma cortezã. Este papel incitativo foi exercitado por Montespan, Fontanges, Maintenon, Pompadour e Dubarry, que evocavam a flor de belleza grega, de que se perfumava o seculo de Pericles. Depois das reaes comborças, surge uma rainha pelo sangue, pela formosura e pela mocidade, Maria Antonietta, e é em torno d'ella que a Moda espalha, a fluxo, todas as suas ninharias; ao finalisar o Terror, quem empunha o sceptro da Elegancia é a Tallien, a inspiradora dos tribunos e dos politicos; e, na manhã do seculo XIX, é ainda uma mulher de escol, a imperatriz Josephina, quem exerce a dictadura da *toilette.*

A observação dos factos levanos, portanto, ás seguintes conclusões: 1.ª, que a democracia é nefasta á influencia feminina; 2.ª, que existe uma realeza que nenhuma revolução póde derrubar — a da Moda.

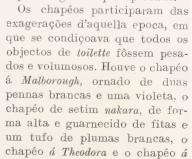
No decurso do seculo XIX, a metropole franceza legisla em questões de distincção, tem a supremacia das elegancias, porque, na phrase conceituosa de *Madame* de Girardin, Paris é o arsenal das *toilettes.* Tambem é axiomatico que só as parisienses sabem adornar-se, ao passo que as outras mulheres se resignam a vestir-se. Sabemos egualmente que todo o mundo culto se encontra escravisado ás modas francezas, porque, se a belleza e a arte não teem patria, a graça tem uma, que é Paris. Ha ainda outro motivo determinante d'aquella escravisação, e é a superioridade do gosto, que ninguem pensa em contestar ás modernas athenienses, essas fascinadoras beldades que são animadas pela essencia de uma graciosidade superfina, em que o coquettismo de raça e a elegancia nervosa se alliam n'uma indefinivel expressão de vida intensa e multipla. Por isso Hanotaux, um perspicaz estadista francez, escreveu que a conquista do mundo se faz, talvez, mais seguramente pelo gosto do que pela força das armas. Em ultima analyse, o parisianismo na *toilette* é o titulo menos controvertivel das glorias, que o Destino outorgou á França.

O chapéo é o heroe da *toilette* feminina, é o primor de arte das modistas. Da mesma fórma que o penteado, tambem o chapéo

altera singularmente a physionomia. Nota-se que cada geração apresenta um typo diverso, o que se não póde attribuir a uma modificação da raça, mas simplesmente a um capricho da moda, a qual, variando o penteado e os chapéos, modela alternativamente a mascara humana e nos dá a nobre severidade das patricias da Renascença, as carinhas picantes do seculo XVII, a linha antiga das medalhas imperiaes, o rosto languido e sonhador das heroinas romanticas ou os ares masculinisados d'essas *leôas*, de que Musset foi o padrinho nominal. O chapéo feminino promana do masculino. Appareceu, pela primeira vez, no seculo IX, sob a forma de chapéo redondo de aba estreita, de accordo com a moda masculina do tempo. Mas este ensaio não teve exito, porque o chapeu feminino foi posto de banda e só tornou a apparecer timidamente no seculo XVI, revestindo a forma de um feltro de abas largas, levantadas atraz e formando uma viseira na frente, á qual se prendia uma especie de véo. Primeiro que o chapéo entrasse e se fixasse, de vez, na *toilette* da mulher, houve um largo compasso de espera, porque só dos começos do reinado de Luiz XIV em deante se tornou indispensavel esse objecto, que, em nossos dias, attingiu as alturas de uma maravilha de graça fremente.

As revolucionarias da Fronda usavam um feltro de aba erguida de um só lado e copa alta, com umas plumas bellicosas, á laia das *garçotas* que os portuguezes do seculo XVII traziam nos sombreiros. Reduzindo a copa e levantando as abas, chegou-se ao chapéo de tres bicos, de que a moda fez uma segunda edição em 1865 e uma terceira em 1898, e cujo aspecto nos recordava esse seculo espirituoso,

de que Voltaire foi o folhetinista. No tempo de Luiz XV, os bonets sobrelevaram aos chapéos, que pouco se usaram, a não ser os de palha. Em 1750, os chapéos *á pastora* reentraram na côrte e obtiveram um tão assignalado triumpho, que, por um instante, os bonets foram constrangidos a abater suas bandeiras á vista dos triumphadores. A victoria, porém, foi passageira como o raio, porque os bonets retomaram o seu alto posto, até que as modas inglezas invadiram os costumes francezes, queremos dizer, no fim do reinado de Luiz XVI. N'este minuto historico, appareceram os chapéos *á Duqueza*, de forma alta e direita, abas largas e plumas ondulantes como fumo de leite, um digno ornato d'essas damas de perfil bourbonico, uma digna corôa da bella cabeça de Luiza de Saboya Carignan, princeza de Lamballe, que viria a voar nos turbilhões do cyclone revolucionario. Na epoca de que falamos houve um momento em que as morenas perderam o seu prestigio deante das loiras, assim como as loiras perderam depois deante das ruivas. A figura *sentimental* conquistava-se a todo o transe, chegando *Madame* d'Esparbès a fazer-se sangrar para adquirir a pallidez suspirada. A mesma coisa se conta do famoso Jorge IV, de Inglaterra, que se fazia sangrar tres vezes ao dia, para ir depois, descorado e fraco, enternecer os corações que elle esperava ganhar pela piedade.

Os chapéos participaram das exagerações d'aquella epoca, em que se condiçoava que todos os objectos de *toilette* fôssem pesados e volumosos. Houve o chapéo á *Malborough*, ornado de duas pennas brancas e uma violeta, o chapéo de setim *nakara*, de forma alta e guarnecido de fitas e um tufo de plumas brancas, o chapéo *á Theodora* e o chapéo *á*

Palais-Royal, os bonets *á Captivo* e de gaze de Italia, os capacetes á romana e *á Bellona*, etc. Assim como a Convenção Nacional decretava o triumpho, tambem a conspicua modista Bertin, o *ministro das modas*, decretava a celebridade no reino da Elegancia. O gosto artistico d'esta modista, cujas manufacturas chegaram a transpor as nossas linhas raianas e a mirar-se nos espelhos do Paço de Queluz, dava-lhe o ousio sufficiente para exclamar, ao sahir das antecamaras de Versailles: — «Estive a trabalhar com Sua Magestade!»

Em Lisboa, as *françaas* ou *secias* traziam cabelleira e chapéo desmarcado, *qual tecto de cabana*, como escrevia a penna chistosa de José Daniel, eram o enlevo d'esses bonifrates, a quem o Garção chamava n'*A Assembléa*:

... manequins empanturrados,
Que passeiam as ruas de Lisboa.

Os penteados consistiam em perfeitas torres, cuja edificação era descripta n'estes termos por certo poeta pedestre:

Começa a pôr-lhe em cima a bateria,
Brilhante vidro, falsa pedraria,
Fôfo volante em nova architectura,
Choróes de côr azul, vermelha e escura,
Escossias, plumas, renda e emfim, por bella,
Muda a cabeça em loja de capella;
E armada então a esplendida marmota,
Por penteado tem uma gaivota.

E como o proloquio estabeleceu que, bem penteada, não ha mulher feia, as peraltas tambem collocavam:

Os girasoes de fitas na cabeça,
Que de todas foi sempre a melhor peça.

A Revolução não podia deixar de ter as suas Saturnaes da *toilette*. Foi a petulancia do trajo exacerbada até ao paroxysmo. As mulheres da epoca não estavam aptas para comprehender aquelle pensamento de uma senhora de atilado espirito: — «A moda ideal é a que descobre mais com mais decencia e a que deixa adivinhar mais com mais discreção.» Vê-se que as modas não se recommendaram pela fixidez e que os chapéos descambaram na excentricidade, porque as suas formas e as suas denominações surgiam de todos os lados como os foguetes n'um fogo de artificio.

Sob o Directorio, as modas eram filhas da volubilidade e do zephyro. Os vestidos gregos foram perfilhados pelas mulheres jovens e esbeltas, o que levava um escriptor inglez, que então visitou Paris, a asseverar que todas ellas tinham a apparencia de cabos de vassouras, emquanto os petimétres tinham a apparencia de avestruzes. E como cada epoca tem o trajo em harmonia com o seu caracter, a nudez esteve a ponto de se tornar o uso favorito das esquipaticas *maravilhosas*, que, dando alôr e azas á bazófia, decidiam, em materia de modas, com o aprumo de um decretalista em materia canonica. No *Le Moniteur Universel* de 13 do brumario do anno VIII, publicava-se esta noticia, curiosa por mais de um titulo: — «Bonaparte mandou proceder a escavações sob as muralhas de Alexandria, tendo-se descoberto uma estatuasinha de mulher, vestida como as nossas mulheres da actualidade, e penteada como ellas, com leves differenças.»

Estava-se na epoca em que a Tallien era a arbitra suprema do tom em Paris, emquanto Georgina Gordon, amante do duque de Bedford, o era em Londres. As suas acirrantes *toilettes* levantavam os clamores admirativos, e quando ella entrava n'um salão, conforme asseverava o maes-

tro Auber, fazia o dia e a noite — o dia para ella e a noite para os outros. A libertinagem perfumada, a immoralidade quintessenciada, o paganismo resuscitado, o luxo insolente das mulheres encharcadas no peccado, e o grandioso esplendor da carne junto ao desprezo da vida, tudo isto fez dos quatro annos do Directorio uma epoca singular, em que as bellezas coroadas da Revolução se apaixonavam pelos coroneis de vinte e generaes de trinta annos, e em que as venus-vagas, ebrias de amor e de Champagne, galopavam doidamente e esmagavam os burguezes nas sombras elyseas do Bosque de Bolonha. O Directorio decompunha-se, porém, no meio de uma sociedade putredinosa, quando Bonaparte appareceu e fez contra-vapor nos desmandos, embora, como diz Lanfrey, abafasse, debaixo do ruido dos tambores, os gritos da liberdade agonisante.

Ao romper da alva do seculo XIX, o chapéo de palha *á ingleza* tornou-se a grande moda das lisboetas senhoris, que peraltavam nas noites estivaes do Caes da Pedra ou nas alegres burricadas para Bemfica. Um poeta, particularmente aborrecido de Bocage, troçava assim os chapelinhos e mais enfeites de palha, «que deram em usar as senhoras de Lisboa»:

Fizestes bem, madamas de Lisboa,
Em guarnecer de palha as vossas testas
Se algum critico não vos chamar bestas,
Logo em vosso favor lhe estou na prôa.

Um tal adorno não foi posto á tôa,
Nem sem pensar se fazem cousas d'estas,
Brilhar nas procissões, brilhar nas festas,
Com esse palheiro, que sem pezo vôa.

O que temo é que os bois, burros e machos,
Contra vós armem desegual batalha,
Se o comer lhes roubaes para os pennachos.

Mas emfim, não sintaes por isso falha,
E as flores, chapelinhos, fitus, cachos,
Fazei de c., se vos faltar a palha.

Já expirara o chapéo *caleche* e o chapéo *cabriolet*, que as suas portadoras podiam abaixar á vontade, mediante uma guita, a fim de oppôr uma vedação á curiosidade morbida dos indiscretos. Tiveram como succedaneos os chapéos de palha, que se defrontaram com um rival temivel — o turbante engalanado por um feixe de plumas. Nos bailes da côrte de Londres, os homens apresentavam-se de penteados *á Bruto*, e as senhoras de penteados *á Grega*, *á Tito*, curtos e frisados, e empavezados de plumas gloriosas. Em 1801, realisou-se um baile em *Buckingham-Palace*, a que assistiu a 6.ª condessa de Pombeiro, esposa do ministro portuguez, cuja *toilette* produziu sensação e era assim composta: vestido de setim branco ornado de folhagens doiradas, tendo ao lado direito um filete de diamantes com bolotas de oiro, pendentes, e as mangas e o peitoral de crépe de oiro, um manto de velludo papoula bordado, e bandó e cinto de diamantes. Rodados dois annos, os enigmas andavam tanto na bérra, que a moda franceza ideou uns chapéos que tapavam a cara e se intitulavam chapéos *á enigma*.

Em 1805, o uso dos chapéos de palha continuava a vigorar em Lisboa, onde o jugo da Moda apertava com tanta violencia, que um poeta das duzias o criticava d'este feitio:

Por moda se ha de falar,
Á moda se ha de comer,
Por moda se ha de trajar,
Á moda se ha de viver

Nas proximidades da primeira invasão franceza, as modas lisbonenses revestiram um caracter de tão decotada franqueza, que roçava pelo das modas de Paris, onde as mulheres tinham a apparencia de sahir da banheira e

deixavam transparecer as formas atravez dos vestidos diaphanos como o esplendor nebuloso das rendas. O chapéo de velludo *á Aggripina* constituiu a moda das modas para essas bellezas suaves, que expunham as suas elegancias ao sorriso resplandecente do cariz de Lisboa, em 1808. Mas nas festas do mundanismo e nos poucos bailes *á epoca,* que Junot offereceu, as plumas tremiam nas cabeças das lisboetas como as luxuosissimas plumas brancas no capacete de Murat. Em França, na Restauração, as *toilettes* teem a brancura do candido peplum das Panathenéas, e os chales veem lançar uma penumbra encantadora sobre as fresquidões dos vestidos de Leroy e de Despaux, emquanto Chardin e Dulac deterioravam a cutis das bellas com o branco de perola, o oxydo de bismutho e o carbonato de chumbo.

Depois de 1815, a moda alliou-se, muitas vezes, á politica, á litteratura e ao theatro. Os dois grandes successos do tempo foram os chapéos Bolivar e Morillo, que se usaram, quasi inalteraveis, de 1818 até 1824. O primeiro era um chapéo alto com as abas direitas e extraordinariamente largas, e com bridas á cara, e o segundo distinguia-se por umas gigantescas abas, que circumdavam o rosto, de maneira que este apparecia como um marfim florentino no interior de um grande funil. O chapéo Morillo resistiu, com varias alterações, até 1834, em que o topamos chrismado com o nome de *Bibi.* Em 1818, havia uns chapéos de velludo negro com guarnições de perolas de aço, e o penteado era um edificio complicadissimo, que exigia nada menos de sete pentes. As alfacinhas vintistas sentiram que o amor á liberdade ascendia n'ellas com o impeto da seiva no coração magnanimo dos robles e collocaram os chapelinhos azues e brancos, ou *á Constituição,* sobre o azeviche tepido e luzidio dos seus cabellos. Dois annos depois, em 1822, usavam os chapéos de setim *á fichu,* guarnecidos de blonde e plumas, e os chapéos *á la Berton,* assim como nos bailes da Assembléa Portugueza se viam brilhar, á luz das velas, os enfeites de plumas *á Independente* ou *á Tupinamba* e os toucados *á turca.* Um chronista d'*O Toucador* desapprovava as toucas á franceza, essas mesmas toucas que mereceram o seguinte improviso de Mendes Leal, em 1865, quando lhe deram o mote — *A touca da minha avó,* n'um *pic-nic* a que elle assistiu nas Caldas da Rainha.

Não é só no toucador
Que póde toucar-se a gente,
Toucas ha, que de repente,
Qualquer em si póde pôr.
As toucas são de rigor,
Ainda que seja uma só;
Todos, porém, tenham dó,
Que eu não sei — oh, perola rara! —
Em qual das cabeças pára
A touca da minha avó.

A arte da modista consistia, frequentemente, em applicar nomes esdruxulos a tecidos e a productos olvidados sob a poeira do passado, como aconteceu em 1822 com as fazendas côr de *lagarto morto de amor* e de *lagarto surprehendido pelo sentimento.* Aos chapéos Bolivar e Morillo succedeu o chapéo *Bergami,* a curto trecho desthronado pelo chapéo *á amazona.* Em seguida, vieram os chapéos marcados com os nomes de heroinas de novella ou de opera, ou assignalando qualquer acontecimento notavel da moderna Athenas. Assim, vemos os chapéos *á Solitario, á Renegado, á Elodia* e *á Ourika,* titulo de um romance que fez furor em 1824. De todos os astros da pleiade romantica, o visconde de Arlincourt foi aquelle com

que a moda gostou mais de se illuminar. As mangas *de prezunto*, que deviam ser feitas com uma só costura, muito justas do cotovello ao punho e desmedidamente anchas em cima, constituiam a prova incontrastavel do talento das costureiras, que talhavam os vestidos em stokolina, popelina, alhambra, meotida, mandarina, silenia, zinzolina, pekin, *gros* de Oriente e velludo de Ispahan.

A modista deve ser psychologa como um romancista moderno, porque os chapéos devem harmonisar-se não só com as linhas physionomicas, mas tambem com o estado de alma da epoca. No tempo do romantismo, a *toilette* offerecia uma tão languida simpleza, que parecia espalhar a felicidade deleitosa de uma vida, que deslizava sem contratempos, cantante e jovial. E a moda dos chapéos foi atacada de uma crise nervosa. foi uma romantica torturada pelos vapores dos nervos. 1830 trouxe os casacos *á Grandison* e restaurou os chapéos *á Paméla;* e 1834 trouxe os chapéos *á Bibi,* que o Chiado conheceu em todas as cabeças lirós: desde a da duqueza da Terceira até á da Eugenia de Magalhães— a Margarida Gautier da nova Lisboa constitucional. No entretanto, a Herbault e a Alexandrine — as Cassandras da Moda — procuravam adivinhar os segredos da deusa e delatal-os ás modistas lisboetas: a Levaillant, a Botto, a Doraison, a Gérard e a Burnay — fundadora da dynastia Burnay. A implantação do Constitucionalismo não representou simplesmente uma transformação do regimen politico, representou tambem uma transformação do nosso modo de ser social. A classe média entrou na camada dirigente, a imprensa, que era um punhal. tornou-se uma espada, bolearam-se as arestas dos cosmes, abriram-se os salões e crearam-se as assembléas philarmonicas e os clubs recreativos, outros tantos centros de convivencia mundana e de omnimoda permuta intellectual. E as mulheres, até alli bloqueadas pelos gelos polares da clausura caseira, vieram espanejar-se ao sol da liberdade.

As modas de Lisboa podem então dividir-se em dois periodos: de 1833 a 1835 e de 1836 em deante. No primeiro periodo, os vestidos não teem folhos, e os chapéos teem grandes abas e guarnições de plumas e de fitas. No segundo periodo, os vestidos enchem-se de folhos e o chapéo mais em uso é o *Bavolet,* que, com variantes, dominou em França durante o reinado de Luiz Filippe, o Ulysses moderno, como o alcunhou Henri Heine. Seria prolixo enumerar todos os chapéos que se usaram até 1851, chapéos que as modistas confeccionavam com o mesmo carinho com que os esculptores gregos cinzelavam os frisos do Parthenon. Falaremos dos principaes, ao correr do aparo.

A *toilette* de uma mulher é uma confissão delicada, indirecta e sincera do seu gosto e do seu espirito. Vejamos, pois, qual foi o gosto e o espirito feminino durante o largo trecho que decorre de 1836 a 1851. Aos chapéos de palha de arroz, em que as aves do Paraiso faziam poleiro no anno de 1836, succederam os chapéos de *gros* de Napoles côr de rosa, os de escomilha branca ornada de flores, os de seda côr de rosa ou verde pallido, os de setim branco, os de velludo branco com plumas brancas, os de setim preto enfeitado de velludo rosa, os de setim côr de cinza e côr de castanha ornados de plumasinhas côr de margarida, ame-

thista, verde-acantho ou azul sueco, com a copa e as abas grandes. Nos theatros e nas assembléas, viam-se muito os bonets de cassa *á Babet* e *á Carlota Corday.* N'este mesmo anno, abandonaram-se completamente as romeiras e os roquetes, mas usaram-se os lencinhos ou fichús *á camponeza.* O grande tom foi o estofo *Memphis,* os roupões caseiros *á D. Maria II* e as rendas *á Rainha de Portugal.* Em 1837, vieram os chapéos de velludo verde com duas plumas da mesma côr, os de setim azul claro guarnecidos de pelles, os de velludo verde *á Gabriella,* com a aba levantada do lado direito e com plumas brancas pendendo para o mesmo lado, os de velludo côr de rosa desmaiada, com plumas, os de seda verde enfeitados com espigas de trigo e anemonas brancas rajadas de vermelho, os de *gros de Tours* côr de palha com ramos de lilazes brancos cahindo sobre o lado esquerdo, os de melania côr de palha, e, para baile, os turbantes *á Judia* bordados a oiro e adornados de pedras preciosas. No verão d'esse anno, a aba dos chapéos cresceu, e os chapéos de setim côr de canna, enfeitados de plumas, foram o ultimo suspiro da moda. Tambem se usaram os chapéos brancos, enfeitados com duas rosas de musgo, os de palha á ingleza, os de crépe branco enfeitados com uma grinalda de madre-silva, os de cambraia franzidos e com um ramilhete de aveia, e os de filó enfeitados de pervincas. O inverno trouxe os chapéos de velludo branco com plumas brancas junto com os chales de setim preto bordados de diversas côres e as capas *á russiana,* fechando adeante com um grosso cordão de oiro. Mas os chapéos mais usados foram os de velludo pardo, tendo enfeites de blonde e flores sob as abas.

No anno de 1838, entraram novamente em moda os chapelinhos *á Gabriella,* que pediam os vestidos de velludo branco com enfeites de setim. Mas em Maio, quando o sol celebrava a mocidade nupcial da terra, entraram em uso os grandes chapéos de setim com marabús, os franzidos de seda com quadradinhos côr de rosa e branco, e os de *gros* de Napoles côr de rosa, até que, no verão, as abas dos chapéos augmentaram de tamanho e appareceram com plumas brancas e verdes. Os figurinos de 1839 trouxeram os chapéos de palha de Italia com fitas carmezim e verde-gaio, que se usavam com chales de setim côr de groselha e preto, e com cabeções e punhos de cassa bordada e guarnecida de rendas de Inglaterra, botinhas de duraque, imitando hollanda crúa, e umbrella de seda ondeada côr de perola. Depois veem os chapéos de palha de Monaco, os chales de setim turco *á Rainha* e os penteados *á Varsoviana,* que consistiam nos cabellos apartados ao meio e inclinados para traz, os chapéos de velludo roxo com flores, as capas de flanella estampada côr de cinza e forradas de seda verde, e as luvas côr de pão torrado. Em 1840, arvoram-se os chapéos de crépe branco com enfeites de alecrim do Norte, os de cordãosinho côr de canario e os de setim azul claro com plumas eguaes; mas, no inverno, usam-se os chapéos de velludo verde-salsa com duas borlas de oiro ao lado direito e as capas cachemira branca, forrada de setim carmezim. Em 1841, ha os chapéos de rendas de Inglaterra e os penteados em triangulo, com ornatos de rosas de Alexandria. No anno seguinte estylam-se os chapéos de escumilha côr de canna, e as

romeiras *á cardeal*. E em 1843, apparece a moda dos chapéos *Penelope, Condessa, Izabel de Baviera* e *Duqueza*, este ultimo emplumado de marabús, e que foi expressamente creado para a duqueza de Nemours. As senhoras que se entregavam ás alegrias emocionaes do *sport* hippico traziam *amazonas* de cazemiriana com botões de oiro. Até 1851, seguem-se successivamente os chapéos de pellucia com marabús trementes como as azas do Amor, os de velludo baunilla com uma penna de angorá, os *Clarisse Harlowe*, etc., etc. Especialisaremos os chapéos das amazonas de 1846, que eram de feltro branco, aba larga, copa baixa e uma pluma branca serpenteando em volta, como a cauda de uma hydra. Todos aquelles chapéos punham uma nota crepitante nas *toilettes* das mulheres coetaneas, cuja vera elegancia só era comparável á das deusas habituadas a pizar o azul celeste ou as neves olympicas... Entretanto, o luxo proseguia no seu curso ascencional, com uma bravura semelhante áquella com que as notas musicaes da Alboni subiam, em seus cothurnos de oiro, as escadas crystallinas da gamma chromatica.

As modistas de Lisboa, mais agglutinadas ás francezias, republicaram as formas de todos os chapéos que citámos, chapéos que figuraram nos camarotes de S. Carlos e da Rua dos Condes, e nas estações de verão em Cintra, Bemfica, Lumiar, Campolide e Santa Apolonia, os sitios predilectos da melhor roda d'aquelles tempos.

Depois de 1836, principiara a notar-se a tendencia dos vestidos para a exageração em forma de sino. «Para onde caminhamos nós?» perguntavam a *Madame* de Staël em 1799, pergunta a que a escriptora respondia: — «Para a asneira!» Outro tanto se podia dizer em 1855, no tocante a modas. Então, penetrou nos usos a antojadiça *crinoline*, posta em moda pela imperatriz Eugenia e pelos satellites que gravitavam ao redor da estrella imperial.

Em Lisboa, a primeira senhora que se apresentou com a *crinoline*, no Passeio Publico, foi a Seisal, esposa do Esteves Costa, o *Petit-Janota*, sobrinho do visconde das Picôas. Mas viu-se em talas, porque a piolharia da janotagem promoveu-lhe uma assuada medonha e a pobre senhora teve de buscar escápula n'um *tivoli* de praça, que partiu nas horas de estalar. Ainda não decorrera um mez sobre esta scena marroquina, e já todas as janotas da alta gomma andavam com a *crinoline* ou o balão, que a musa popular tomou logo á sua conta:

Eu fui e vim e cá 'stou,
Eu hei de ir e hei de voltar,
E inda as meninas da moda,
Co'os balões a dar a dar.

O balão d'esta menina
É como a roda d'um carro,
Afasta, janota, afasta,
Que o balão já vae quebrado.

És bonita como o sol
E clara como o carvão,
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.

Delicada da cintura
Como as abas d'um ceirão,
Menina, queres formosura?
Usa saia de balão.

Os balões adquiriram uma grandura fabulosa e concitaram os lapis vesicatorios dos caricaturistas e as pennas facetissimas dos imberbes de folhetim. Na comedia *Les toilettes tapageuses*, representada no D. Maria, em Março de 1857, apparecia uma dama com balão, que provocava esta critica de seu marido: — *Oh! les femmes! Ce sont de bien gentis animaux, mais çá mange énormement d'étoffe!* No anno de 1867, em que o balão ia já no declinio, supprimiram-n'o nas *toilettes* de baile e substituiram-n'o por uma saia de crina

com um ou dois arcos. E, em 1869, o balão foi eliminado do rol dos vivos.

A imperatriz Eugenia teve as suas *toilettes* politicas, e, durante o Segundo Imperio, o poder conseguiu impor uma moda, encaminhar o gosto n'um sentido determinado, mas não conseguiu corroborar a phrase de Thiers: — «O poder dá elegancia!»

O acto selvagem que a cainçalha da janotaria lisbonense praticára em 1855 repetiu-se por causa de um chapéo em 1860. Tendo-se apresentado no Passeio Publico uma senhora, vestida de amarello e com um chapéo *Paméla*, alguns pandilhas causticaram-n'a com motejos, o que fez com que os guardas reclamassem o auxilio da municipal, para a dama ser obrigada a retirar-se. N'este mesmo anno, vieram os chapéos *Tudor* e *Mosqueteiro*, ambos elles baixos e de abas reviradas. Tambem vieram outros, cujas abas rodeiavam a cabeça, adeantando-se um pouco sobre a fronte. Os figurinos de 1863 trouxeram os chapéos côr de laranja com fitas pretas e plumas côr de fogo, os chales côr de rosa e as luvas azues claras, luvas que se tornaram a usar em 1870, por occasião de se inaugurar o monumento de D. Pedro IV, no Rocio. No verão e no outomno de 1864, estiveram em uso os chapéos ornamentados de plumas e pingentes de missanga, e com meio véo bordado a palhetas de aço, prata ou oiro. Eram acompanhados pelas capas á *Patti* e pelos paletós *Piccolomini*, em cachemira ou velludo de riscas brancas e pretas, e pelos casacos *Lavallière*, guarnecidos de franjas e passemanteria.

1855

Pelo que toca aos chapéos, notaremos que elles foram diminuindo de tamanho, até chegarem ás dimensões de um pires ou de uma frigideira imperceptivel, cosida a um penteado descommunal e atada debaixo da barba. A este proposito, discorria um annalista de modas de 1867: — «Os chapéos, esses planetas que, seguindo as phases da moda, gravitam á roda da cabeça feminina, conservam-se ainda no estado telescopico, não podem ser observados de longe com a vista desarmada.» Estava-se na maré viva do *chic*, estava-se no plenilunio dos *petit-crévés* calamistrados como estatuas assyrias, estava-se na edade aurea dos cabellos côr de manteiga, dos *suivez-moi jeune homme*, das cuias, das altas botinhas atacadas adeante e com uma borlinha, das caudas pleonasticas, dos cãesinhos fraldiqueiros, e dos tacões amarellos, dos penteados e dos chapéos *á Benoiton* — essa comedia em que Sardou satyrisou os frivolos costumes da Paris de Napoleão III. De todas aquellas modas, a que teve mais longa existencia foi a das cuias, que se prolongou até 1872. As alamodas das rainhas do ... *Benoiton* soffreram apepinação em uma quadra, oriunda das ruas lisbonezas:

Estas modinhas d'agora
São modas de tri-ló-lé,
Não ha dama em balão
Sem cuia e tótó ao pé,

Em 1867, os mirões do Passeio Publico tiveram ensejo de admirar certa catita, cujo chapélinho era assim formado: uma rosêta de renda, tendo em cima outra de seda, e, no meio, um enfeite de perolas, do qual sahiam dois fios de perolas que desciam pelos lados até ao peito. Dois annos depois, em 1869, a excentrica americana Murray compareceu n'uma festa em Versailles, levando os seus loiros cabellos adornados com um chapéo simplesmente constituido por uma ave do Paraiso, cuja cauda lhe circuitava o *chignon* e cahia pelas costas.

1855

Eram da mais alçapremada elegancia os chapéos *Watteau, Diva* e *Bergère*, invencionices da modista Herst.

No verão d'aquelle anno, a rainha D. Maria Pia andou, uma noite, no Passeio Publico com um chapéo *Fanchon*, engrinaldado por um festão de flores que lhe cahia sobre o hombro esquerdo, e

com largas fitas de tulle branco que lhe envolviam os cabellos.

A modista parisiense Virot, cujo gosto impeccavel merece um logar á parte na historia da moda, teve a intuição da falta de gosto artistico das suas notaveis antecessoras, as modistas Barenne e Ode, e inventou os chapéos de alto estylo, ao deante consagrados sob os nomes de *Gainsborough*, *Van-Dick*, *Rembrandt*, *Girondino*, *Lasquenet*, etc. Aquella modista reformatriz desgarrou do trilho das outras, saltou a pés juntos por cima dos preconceitos, destruiu as normas classicas das modas e arranjou uns chapéos de copa alta, mais consentaneos com os traços physionomicos das bellas. Os chapéos de copa alta produzem sempre um admiravel effeito, e a prova está em que ainda hoje os vemos sem nos provocarem o riso, ao passo que uma ou outra forma antiquada nos parece caricatural. Seja-nos, porém, licito opinar que, em materia de modas, não ha caricaturas, isto é, não ha senão coisas em moda e coisas passadas de moda.

1856

Vem a ponto notar dois factos interessantes.

O primeiro é que, na actualidade, a mulher não é apreciada pelos seus sentimentos ou pela sua intelligencia, mas pela sua elegancia e pela sua belleza. E o segundo é que, em Lisboa, as mulheres cuidam mais dos chapéos do que das botas, ao contrario dos homens, que se preoccupam mais com os pés do que com a cabeça, e tanto assim, que os transeuntes masculinos das ruas olham muito para as botas uns dos outros, ao passo que não reparam para os chapéos.

Na ultima decada do seculo XIX, os chapéos femininos deixaram de ter denominações. A imaginação creadora de um Carlier ou de um Lewis phantasiava um chapéo airoso, adornava-o ao sabor do seu alvedrio e creava assim uma obra nova do trinque, que os nossos chronistas da especialidade descreviam com phrases ressabiadas de estrangeirice. No tocante á chapeleria feminina, o cabo do seculo passado distinguiu-se por uma completa ausencia de direcção, com o que a arte nada padeceu.

Para os espiritos feminis, a forma dos chapéos continúa a ser um assumpto contencioso, um thema para cogitações profundas. Discutem-n'a com a mesma subtileza dialectica com que os philosophos espiritualistas demonstram a existencia dos attributos quiescentes e operativos da alma humana, debatem-n'a com a mesma virtuosidade arguciosa com que os sophistas argumentam nas controversias casuisticas. E as mulheres da alvorada do seculo XX podem repetir o que a irrivalisavel modista Bertin dizia no cahir da noite do seculo XVIII:

1905

«O que ha de mais grave no mundo não é a forma dos governos, mas a forma dos chapéos.»

PINTO DE CARVALHO *(Tinop)*.

GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

EM 1905

III

Viagem ao Evale
Negociações com Cavanguélua

Evale fica ao Norte do Quanhama, e, comquanto terra pequena, é muito povoado. Governam alli dois sobas, Cavanguélua e Ihanguélua, occupando este a parte mais ao Nascente, e aquelle a parte que volta para o Cunene. Os dois sobas são irmãos, mas inimigos declarados, e aspira cada um d'elles a desfazer-se do outro e apossar-se de toda a terra.

A divisão em que os evales estão, por um lado, e por outro as boas disposições de Cavanguélua, que havia posto espontaneamente á nossa disposição 57 homens armados, e a circumstancia tambem favoravel da importante victoria que acabávamos de obter, suggeriram ao governador do districto a conveniencia e opportunidade de fazer uma tentativa para a occupação pacifica e immediata do Evale. Com o fim principal de entabolar a este respeito negociações com Cavanguélua, tivemos ordem de para alli seguir logo apoz a tomada do Mulondo; levariamos ainda a missão de agradecer ao soba o auxilio por elle enviado, e de lhe entregar um cavallo como presente.

No dia 28 de outubro, á tarde, largávamos o acampamento de Handjabero, em direcção ao Evale. Acompanharam-nos o commendador Lopes, companheiro da nossa primeira viagem de prestimo bem conhecido em empresas d'esta ordem, Jacob Erickson, relacionado com Cavanguélua e conhecedor da região, e dois soldados de dragões, como ordenanças; serviam os carregadores os evales que regressavam ás suas terras e se prestaram a transportar as nossas cargas, e completava a comitiva um grupo de caçadores e creados de José Lopes.

As informações diziam que o caminho que sahia da Camba era n'aquella epocha o melhor que tinhamos a tomar, por n'elle se encontrar ainda alguma agua. Assim, começámos a marcha por seguir rio abaixo.

No dia da partida, fizemos uma digressão de ruinas da *embala* de Mulondo e viemos ficar junto á lagoa de Liangungo; no dia 29, ficámos na lagoa Inamúcua; no dia 30, na *fidalga* Camana; e no dia 31, na *embala* do soba da

Camba, onde deixámos dois carros que tinhamos trazido.

No primeiro de Novembro, pela 1 hora da tarde, reduzida a bagagem ao indispensavel e aligeiradas as cargas quanto possivel, sahiamos da *embala* da Camba. Passámos pelas lagoas Qualúa e Tchimbéri, encostámos ao Cunene ás 2 horas da tarde e pouco depois estávamos no vau de Porúro, onde se tinha de passar o rio. Aqui havia, ao longo da margem, grandes buracos abertos no chão e algumas linhas de abatizes de espinheiros, que tivemos de romper: o soba da Camba havia-nos já prevenido d'estes obstaculos, por elle mandados preparar para defesa contra as *guerras* d'além Cunene, que costumavam com frequencia visitar aquellas terras e que ainda ha poucos dias lhe tinham levado nada menos de sessenta pessoas e vinte e sete cabeças de gado bovino. Com a nossa gente, e com alguns pretos dados pelo soba, depressa se abriu passagem, podendo estarmos na margem esquerda do rio com os animaes e as cargas, promptos a recomeçar a marcha, ás 2 horas e meia da tarde.

O CONSELHEIRO RAMADA CURTO
Governador Geral d'Angola em 1905

A parte do rio que levava agua devia ter n'este sitio uns 100 metros de largura, o leito era de areia, e os fundos não superiores a 1 metro. As margens, tanto a direita como a esquerda, deviam ter entre 2 e 3 metros d'altura sobre o nivel da agua.

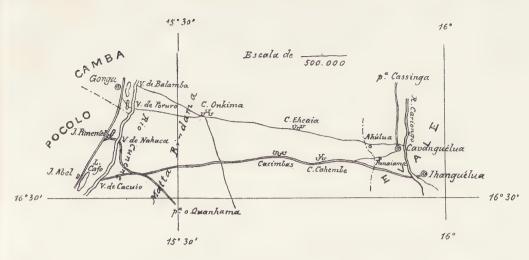
Mettemos por um trilho de gentio, com a direcção geral ao Nascente, seguindo primeiro por entre arborisação fraca de *mutiati*, e entrando depois da notavel matta *Bindama* que chega até ás terras do Evale. Esta matta, que, com maior ou menor profundidade, acompanha o curso do Cunene em dezenas de kilometros, é de espinheiros e muito fechada, e só pode ser atravessada nos sitios em que ha caminhos propositadamente abertos.

Passámos pelas *cacimbas* (poços) de Uélekéxe, seccas, e ás 5 horas e meia da tarde parávamos nas *cacimbas* de Onkima, para descanço dos carregadores e tomarmos uma refeição. N'estas *cacimbas* não havia mais que alguma agua lamacenta e mal cheirosa, que os indigenas beberam; nós servimo-nos da bella agua do Cunene, que levávamos nos nossos saccos (1). Caminhámos das 8 ás 10 e meia da noute, e dormimos no meio da matta.

Recomeçámos a marcha ás 4 e meia da madrugada. Ás 6 horas passámos pelas cacimbas de Uhiuhecáia, que tinham muito pouca agua e má, e continuámos sempre a andar por entre matta mais ao menos fechada, entremeiada de clareiras e lagoas seccas, até que ás 10 horas e um quarto da manhã se chegou a uma forte vedação de abatizes formados de grossas arvores derribadas, recheiadas de espinheiros, que marcava o limite da terra habitada dos evales.

O caminho até aqui era todo de areial, e a falta d'agua, como dissemos, quasi absoluta.

Penetrámos por uma entrada em zig-zag e deparámos a pouca distancia com duas grandes *cacimbas*, d'onde sahiam algumas mulheres. O calor apertava já, e como a agua do Cunene se tinha acabado na vespera e a sêde de todos era muita, resolvemos fazer alli um alto. Apeando-nos, porém, reconhecemos logo que era impossivel dar agua aos animaes, e vimos que as *cacimbas,* que aliás tinham 8 a 10 metros de profundidade, só apresentavam no fundo escassas gottas de agua barrenta,

(1) Todo o viajante, no interior, usa saccos de lona para transportar a agua e refrescal-a.

Das margens do Cunene ao Evale.

que mal chegava para encher as cabaças dos que estavam á vez. Resignámo-nos a continuar a marcha até ao rio do Evale, que as informações diziam não estar já muito longe. Jacob Erickson sahiu adiante, para a embala, a annunciar ao soba a nossa visita, e nós seguimos direitos ao rio.

Depois das *cacimbas*, acabou a matta; encontrámos logo a libata de Ahútua, irmão do soba, e depois muitas outras libatas quasi que pegando uma com as outras. O terreno era em geral descoberto, e todo muito plano.

Ao meio dia avistava-se a linha verde d'arvores, que borda a agua, e um quarto de hora depois chegávamos ao rio do Evale. Chamam-lhe n'este sitio Rio Cariongo, é fundo, tem as margens altas e uns 20 metros de largura; a agua, que não tinha corrente, era barrenta, mas fresca e de sabor agradavel.

Mas não tinhamos acabado de matar a sede, appareceu um *lenga* dizendo que o soba desejava que fossemos acampar junto da *embala*. Para lá seguimos, e estabelecemo-nos á sombra de uma grande arvore que ficava a meia distancia entre o rio e a *embala*.

Momentos depois, veio o soba cumprimentar-nos, acompanhado de seu irmão e conselheiro Ahútua e de Jacob Erickson. Cavanguélua tem um ar distincto, que muito o faz destacar dos sobas d'aquem Cunene; vestia á europea e com aceio, vinha bem calçado, e trazia na cabeça um chapeu de feltro cinzento, com uma linda pluma branca de abestruz. Trocada ligeira conversa, ficou de voltar mais tarde, quando eu tivesse descançado, para fallarmos sobre o objecto da visita.

Effectivamente, ao escurecer, voltava Cavanguélua, com Ahútua e o *lenga* Namoia. Em volta do nosso acampamento estava já muito gentio, e por proposta de Cavanguélua fomonos sentar debaixo de uma arvore afastada, para podermos fallar á vontade sem ser ouvidos do povo.

Agradeci-lhe a remessa dos auxiliares que elle tinha mandado ao Quiteve, entreguei-lhe o cavallo, e abordei a questão do posto militar: o posto teria vantagens reciprocas, era um signal de occupação para o governo portuguez, que impediria que outras nações alli pretendessem ter direitos, e era para elle, Cavanguélua, a garantia de sua auctoridade sobre o Evale, pois, provada a amizade d'elle, o governo não só o manteria no sobado contra as pretensões de Ihanguélua, mas appoiaria até as suas pretensões ás terras que este hoje possue.

Cavanguélua agradeceu o presente, com que pareceu ficar satisfeito, e disse que, sobre o estabelecimento do posto militar, ia pensar para no dia seguinte dar resposta, pois o assumpto era muito importante e não o queria resolver sem ouvir alguns dos seus conselheiros. Não tomou nada de comer nem de beber, nem acceitou o convite que lhe fiz para almoçar comnosco no dia seguinte.

De manhã cedo, mandou-nos um soberbo boi soba, que foi logo morto e distribuido pela gente da *embala*, pelos nossos pretos e por

todos os mais que appareceram. E, pelas 10 horas, apresentava-se no acampamento, com os mesmos personagens que na vespera o acompanharam, para dar a promettida resposta.

A conferencia foi longa, mas nem por isso a nossa argumentação conseguiu levar o astuto soba a qualquer accordo satisfatorio. A recusa de Cavanguélua, todavia, não era aberta: elle não dizia que se oppunha ao estabelecimento do posto militar, nem mesmo que fosse contrario a elle; dizia até que o desejava, mas que o seu povo é que não estava preparado para o receber; queria o estabelecimento de uma missão catholica, e chegou de uma das vezes, como transigencia, a propôr a admissão de 1 official e 10 praças residindo junto d'elle, mas apresentava sempre argumentos para se recusar a receber nas terras qualquer fortaleza ou qualquer nucleo de individuos que tivesse força para se impôr.

Separámo-nos visivelmente descontentes com a teimosia do soba, e resolvemos não demorar a retirada. O soba, por seu turno, tambem não ia satisfeito.

Como elle disse que voltaria a despedir-se de nós, prevenimol-o antes da partida; mas nem elle appareceu, nem tão pouco se via no nosso acampamento um só dos muitos evales que constantemente o rodeavam. Era evidentemente a má disposição de Cavanguélua a manifestar-se. Estávamos, assim, sem um carregador, e sem um guia, que tambem fazia falta, pela confusão que causava a multiplicidade de caminhos em volta da *embala*.

Valeu-nos a gente de José Lopes, que, comquanto não fossem pretos carregadores, lá dividiram entre si as cargas que havia. Erickson tambem se comprometteu a pôr-nos n'um caminho por elle proprio aberto que nos iria levar á margem do Cunene, sem dependencia de guias evales.

Á 1 hora e meia da tarde, do dia 3 de Novembro, iniciávamos a marcha de regresso. Tocámos na *embala*, com esperança ainda de fallar ao soba ou a alguem, mas só vimos uns curiosos á porta, que nos disseram que o soba não tinha podido ir despedir-se, por estar doente.

A passar junto da *embala*, reparámos que esta devia ter approximadamente a mesma area que a de Mulondo; apresentava uma fórma polygonal com salientes á maneira de baluartes, e era tambem envolvida por um parapeito coroado de palissada, não parecendo comtudo, pelo seu aspecto, que parapeito e palissada tivessem grande valor defensivo; o fosso era de pequenas dimensões e descontinuo, havendo porções de frente com fosso e outras sem elle. O terreno em volta da *embala* era todo plano e horisontal, e, dos lados de Norte e Nascente, livre d'arvores e de matto até 500 ou mais metros de distancia.

Fomos encontrando muitas libatas e *arimos*, até aos batizes da *borda da terra*, que atravessámos ás 3 horas da tarde. Começou ahi a matta, que não mais nos deixou, mas que em todo o trajecto era menos densa que no sitio em que da outra vez a haviamos passado.

Ás 4 horas, demos com rodeiras de carro: era o caminho do Cáfo ao Ihanguélua, que Erickson procurava e por onde logo mettemos. Passámos pelas *cacimbas* de Cahenque, onde tivemos um descanço, e acampámos ás 8 horas da noite. Choveu mais ou menos durante toda a tarde, e de noite supportámos mal abrigados uma chuva torrencial.

Ainda escuro, pozemo-nos em marcha. Tivemos depois um dia de sol e de calor, mas a agua então não faltava nas lagoas e poças que se encontravam a cada passo.

Ás 10 horas e meia da manhã, chegámos ao Cunene. O caminho que acabávamos de seguir havia já sido percorrido por um carro e estava regularmente aberto, mas era como o da Camba todo em areial. Calculo que entre o Cunene e a *embala* percorremos 59 kilometros na ida e 68 no regresso.

Atravessámos o rio e dirigimo-nos para a *embala* da Camba, onde tinhamos deixado ficar os carros.

No outro dia de manhã, eramos surprehendidos pela chegada de um grupo de evales. Eram emissarios de Cavanguélua e vinham dizer-nos que o soba lhes tinha dado ordem a elles e a outros que ficaram para traz, para carregarem as nossas cargas e servir-nos de guias, mas que tão depressa tinhamos nós andado que elles nos não puderam alcançar; e vinham tambem da parte do soba pedir desculpa de este não ter apparecido á nossa partida, o que succedeu por doença, e dizer que Cavanguélua accedia a todos os nossos desejos e o governador podia lá mandar fazer a *casa* quando quizesse.

Sem entender se esta *casa* se referia á missão ou á fortaleza, pois de ambas tinhamos fallado, disse-lhes que assumptos d'aquella

ordem não podiam ser tratados com quaesquer pessoas. Se Cavanguélua tinha propostas a fazer, que mandasse algum *fidalgo* e que trouxesse o recado bem explicado; mas que andasse depressa, pois o governador estava a chegar com a columna, de Mulondo, e era conveniente que a questão estivesse esclarecida antes da passagem d'elle.

Dava-se isto na manhã de 6 de Novembro. Os emissarios de Cavanguélua voltaram logo com este recado; mas no dia 8 chegava a columna á Camba e não havia ainda novas do Evale. A columna não esperou; na madrugada de 9, continuava a sua marcha para o Humbe, onde chegou a 12.

Cavanguélua, comtudo não se havia descuidado; no dia 13, á tarde, chegava tambem ao Humbe uma embaixada que elle enviava ao governador: vinha o Ahútua e o Namoia, já nossos conhecidos, e vinham mais uns 30 evales. Esta gente tinha ido direita á Camba, e não encontrando já alli a columna, desceu o rio ao seu encontro.

O Cavanguélua mandava pelo Ahútua assegurar ao governador que era escravo do Muene Puto, que tinha bandeira portugueza na *embala*, e que acceitava a fortaleza nas suas terras e cumpria tudo que o governador ordenasse. Enviava de presente um abestruz e duas vaccas amarellas nascidas e creadas na *embala*. Ao mesmo tempo, porem, Ahútua dizia que nada se fizesse sem ir ao Evale nova missão, pois o soba precisava de saber o que é que resolvia o governador, para prevenir a sua gente e tomar as disposições que fossem necessarias.

Sem grande esperança d'exito, houve ainda esta tentativa. Foram enviados ao Evale os dois auxiliares Machado e Amaral, com um presente de gado e aguardente, e levaram instrucções escriptas sobre o que haviam de dizer ao soba. Este, porem, que estava informado de que as tropas se não achavam já na frente das suas terras, voltou á primitiva argumentação: — o povo não estava educado para receber o posto militar e só podia admittir nas terras uma missão. Tratou bruscamente os enviados, que voltaram queixosos.

Repetiu-se a scena que se tinha passado com a nossa visita. Atraz dos enviados, veio terceira embaixada do Cavanguélua, trazendo uma ponta de marfim, a pedir desculpas e a protestar a amisade do soba, que continuava a confessar-se escravo do Muene-Puto. A columna, comquanto não estivesse defronte das terras do Evale, não tinha passado do Humbe, conservava-se ainda alli, e por isso comprehende-se que Cavanguélua, defendendo-se de receber o posto, procurasse cuidadosamente evitar o rompimento de relações.

Sendo a epocha má para a travessia dos 60 kilometros d'areial que medeiam entre Cunene e a *embala*, e não dispondo a columna de abastecimentos e materiaes d'artilheria que lhe permitisse n'aquella occasião uma manifestação de força no Evale, foram acceites como boas as explicações de Cavanguélua, a quem retribuimos os presentes, e reservada para melhor opportunidade a projectada occupação.

Razzias nos Quamatos

De ha muitos annos que os quamatos vinham fazer depredações nas terras da margem direita do Cunene; mas nos ultimos tempos, e sobretudo depois do desastre que soffremos no Pembe, as suas correrias tinham-se tornado frequentes e augmentado extraordinariamente de audacia. O Humbe acabava de ser atacado duas vezes, chegando de uma d'ellas os quamatos a 1 kilometro da fortaleza; o Cáfo e o Pocólo tambem lhes soffreram as incursões; e emquanto a columna se dirigia ao Mulondo, uma *guerra* devastou a Camba e outra a Dongoena levando d'aqui entre os captivos o principal *secúlo* da terra. Os nossos fortes não podiam impedir estas correrias, nem castigar os salteadores, porque a rapidez com que appareciam e retiravam tornava impossivel qualquer perseguição.

O gentio fiel da margem direita, tão duramente assolado, queixava-se das circumstancias em que o governo o deixava não lhe permittindo, por um lado, adquirir armas nem munições para se defender, nem lhe garantindo, por outro, a segurança da vida, do lar e dos haveres. Effectivamente a situação creada e o regimen em vigor collocavam-o em manifesta inferioridade em relação aos cuamatos, ao mesmo tempo que davam a estes todas as vantagens: os humbes e dongoenas, desarmados e divididos por toda a margem do rio, que tinham a vigiar, haviam de ser fatalmente fracos em toda a parte; os quamatos, bem armados pelo contrabando de Benguella, que podiam generosamente pagar com os bois roubados, não guardavam o rio porque não tinham

GRUPO DOS OFFICIAES DA COLUMNA

incursões a receiar, e podiam, concentrados, cahir de chofre no ponto que lhes appetecesse.

A egualdade de condições era a reclamação dos humbes, dongoenas e demais victimas: que lhes dessem armas e munições para saltarem no Quamato, como os quamatos saltaram no Humbe; quando os quamatos tivessem que guardar a sua casa, não poderiam assaltar a casa alheia, e quando lhes fizessem gastar as munições, elles não haviam de valer mais do que os pretos da margem de cá. As vistas do gentio fiel e queixoso estavam n'este ponto de accordo com as do commandante da columna, que trazia as razzias no Quamato como um dos seus objectivos, e que bem tinha ponderado o grande alcance que podiam ter.

Lançar os auxiliares da columna, engrossados com o gentio sequioso de vingança, e usar das forças regulares, ora para attrahir o inimigo, ora como appoio das forças irregulares, foi o systema seguido nas razzias.

A columna chegou ao Humbe a 12 de Novembro. No dia 13, apresentaram-se ao chefe do concelho o soba da região, varios *secúlos*, donos de portos e outros influentes indigenas, a offerecer os seus serviços, sabendo-se por elles que os quamatas contavam que a columna os fosse atacar e preparavam a sua defeza. No dia 14, distribuiram se armas e munições aos auxiliares, que foram organisados em dois grupos, um, o dos boers, a cargo de Wœllen Venter, Andries Alberts e Bartholomeu de Paiva, e o outro, quasi exclusivamente constituido por indigenas, a cargo de Carlos Maria, José Lopes e Jacob Erickson. Logo na tarde d'esse mesmo dia, ambos os grupos sahiram em direcções differentes.

Os dois grupos d'auxiliares deviam de noite ter-se reunido nas alturas do vau de Ilandulo, e ao romper do dia penetrar juntos no Quamato Grande, ao mesmo tempo que a columna ameaçava o Quamato Pequeno; mas, por um equivoco de lastimar, os grupos ficaram isolados, penetrando o dos bœres no Quamato Grande, e o outro no Quamato Pequeno, pelo vau do Heque.

Os auxiliares que penetraram no Quamato Pequeno começaram o fogo pouco depois da passagem do rio e encontraram resistencia seria, conseguindo ainda assim dominar o inimigo e fazel-o internar; estiveram no local em que no anno anterior tinhamos sido destroçados e ainda viram pelo caminho os signaes da catastrophe. O tiroteio, que era intenso ás

7 horas da manhã, tinha cessado por completo ás 9 horas. Tivemos na refrega 4 auxiliares mortos e 1 ferido, não se podendo ajuizar das baixas do inimigo, que deviam ter sido importantes. A columna sahiu pelo caminho do vau do Cácua, estacionou perto do Cunene, enviando os dragões na direcção em que se ouvia o fogo, e retirou para o Humbe, depois de a lucta estar terminada.

Do grupo dos boers, nada se soube.

No dia immediato, 16, alguns boers que tinham ficado no acampamento do Humbe, desceram o rio á procura de noticias dos companheiros, mas, talvez porque se não affastassem sufficientemente, voltaram sem conseguir obtel-as. Os auxiliares do outro grupo reabasteceram-se de munições, e sahiram á tarde pelo caminho da Jamba.

Na madrugada de 17, estava a força de dragões na margem do Cunene, no vau do Pembe, e os auxiliares, que tinham dormido na margem do rio, passaram-o ás 5 $^1/_2$ da manhã no vau de Cacúma, avançaram até ás primeiras libatas, que foram incendiando, mas depois appareceu-lhes um troço do inimigo, com que tiveram de sustentar fogo: este troço simulou que retirava, e, sendo perseguido pelos auxiliares, viram-se estes envolvidos por dois outros grupos muito mais numerosos que o primeiro, com que travaram rijo e demorado combate. O inimigo tentou cortar a retirada dos nossos e ainda conseguiu perseguir até ao rio uma fracção de auxiliares indigenas que se desmembrou; mas o grosso das forças bateu o inimigo com grandes perdas em outros pontos, e, tornando a subir o rio, veio a retirar pelo mesmo vau de Cacúma por onde tinha penetrado. A's 8 horas e meia da manhã, tinha cessado completamente o fogo, e pouco tempo depois a cavallaria retirava para o Humbe. A lucta correu muito accesa para que houvesse facilidade de recolher tropheus, mas, ainda assim, d'este combate trouxeram os nossos uma carabina Kropatscheck e a respectiva cartucheira, de um *fidalgo* quamato que mataram: a carabina era das que haviamos perdido no desastre de 25 de setembro, e os cartuchos eram, parte, dos sahidos do nosso arsenal, e parte, recarregados com polvora ordinaria e bala de chumbo afeiçoada á navalha. Tivemos n'esta incursão cerca de 40 auxiliares mortos, quasi todos muchimbos. As baixas do inimigo, pelo que os auxiliares disseram e pelas noticias que depois chegaram, foram em muito maior numero: *lengas*, ou chefes de guerra, averiguou-se que perderam os quamatos quatro.

Na noite d'este mesmo dia 17, recolheram os auxiliares boers que andavam por fóra. Como a noite estava escura e a sua passagem não tivesse sido annunciada, o gentio do Humbe assustou-se, disparando alguns tiros e batendo a *cúa* com violencia, o que deu logar a que no bivaque se tocasse a alarme. Os boers faziam-se preceder do rebanho do gado apprehendido, que constava de 60 cabeças de gado bovino e 150 cabras e ovelhas, e traziam mais, como prisioneiros, 6 homens e 3 mulheres.

Soube-se então que na madrugada de 15 o grupo dividiu-se á passagem do rio, attravessando uns effectivamente o Cunene no vau de Handulo, como estava ajustado, os quaes chegaram a internar-se até 3 horas da margem do rio, outros repassando o rio para seguir um rasto de gado; e que na noite de 16 para 17 saltaram todos na Hinga, tornando outra vez a internar-se no Quamato Grande. De ambas as vezes encontraram fraca resistencia, por estar a terra quasi deserta, dizendo o gentio apanhado que as mulheres e o gado tinham sido levados para os lados do Quanhama, e que parte dos homens estava na *embala* e parte se tinha ido juntar ao Quamato Pequeno. Alem das presas de gado, e dos prisioneiros que fizeram, trouxeram umas 35 espingardas de piston e incendiaram nas duas razzias cerca de 100 libatas. O povo da Hinga não os hostilisou, nem tão pouco elles lhes fizeram mal, restituindo até os boers um rebanho de gado bovino que tinham apprehendido e que a gente da Hinga disse pertencer a um *secúlo* da terra.

O terreno no Quamato Grande foi encontrado livre de mattas e em geral descoberto; os *arimos* são alli em grande numero e por vezes pegando uns com os outros. No Quamato Pequeno, os auxiliares internaram-se muito menos, mas do terreno que atravessaram vieram dizendo ser, em geral, coberto e abundarem n'elle as mattas de espinheiro. Em ambos os Quamatos tinha já chovido e começava a haver poças onde o gado podia beber.

Na madrugada de 19, sahiram ainda os auxiliares boers, que projectavam attrahir os quamatas á margem direita do Cunene. Passaram o rio na altura do Quamato Pequeno, e exploraram o terreno tanto para montante como para juzante do ponto de passagem; mas tive-

ram de retirar sem disparar um tiro, porque as margens estavam completamente desertas e não viram ninguem.

Os dias 20, 21 e 22 de Novembro foram de descanço e preparativos para as operações subsequentes, e na tarde de 23 a columna retirou do Humbe.

Castigo e submissão dos Gambos

As terras dos Gambos estendem-se a um e outro lado do Caculovar, desde as terras do Hae e da Quihita, ao Norte, até ás terras do Humbe, ao Sul, limitando pelo Nascente com a linha d'alturas que corre parallelamente ao Caculovar e indo do lado do Poente até ás montanhas de Compocóllo e Chiamibira. O aspecto da região é muito diverso do do Humbe e em geral de toda a região visinha do Cunene: o terreno apresenta-se accidentado e pedregoso, o espinheiro é alli menos vulgar, mas em compensação é mais frequente a arborisação de porte alto. A sua população é densa, e afamada a riqueza de gado e a grande producção de mantimento, passando os Gambos por ser o celleiro do Planalto. O indigena é trabalhador, cultivando largos tratos de terreno, mas é pouco docil e não convive com o europeu, como o gentio do Humbe.

Estas terras constituiam um unico sobado, á testa do qual acabava de ser collocado Cander, antigo desterrado politico e ex soldado, que tinha o appoio dos muchimbas e era o escolhido de todos os mugambos. A sua entrada na *embala*, comquanto tivesse tido o assentimento do governo, pode bem dizer-se que foi pela força e contra vontade d'este: Cander e toda a gente dos Gambos o sabia, lembrava-o sempre que havia opportunidade e mantinha a arrogancia e insubmissão proprias da situação independente em que se encontrava.

Tinhamos n'esta região, no local da Chibemba, que é a sede do commando militar, uma fortaleza guarnecida por uma companhia indigena de infanteria e 2 boccas de fogo. A despeito, porem, d'esta guarnição relativamente importante, o nosso dominio nos Gambos reduzia-se praticamente ao local da fortaleza, não sendo a auctoridade do commandante militar reconhecida entre os indigenas, nem se aventurando já o commandante a tentar pela força fazer-se obedecer d'elles.

Estavam presentes na memoria de todos, o roubo e o assassinato de um soldado indigena que atravessava as terras em serviço, o ataque á *embala* do antigo soba D. João, defendida pelas nossas forças, onde ficaram mortos 2 soldados indigenas e 1 sargento, e os constantes desacatos que soffriam pelas povoações os enviados do commandante militar quando este mandava transmittir qualquer ordem ou pretendia usar da sua auctoridade. A transigencia do governo com o cabeça da revolta não havia melhorado a situação, antes tinha concorrido para augmentar a arrogancia de Cander que, ligado a Munguella e Oorlog, chegou a reunir em volta de si toda a gente de guerra, dizendo uns que se dispunha a atacar a fortaleza dos Gambos e outros que se preparava para dar combate á columna na sua passagem para o Sul.

A rebeldia de Cander não o impedia, porem, de protestar de quando em quando intenções pacificas e de fazer promessas de fidelidade aos emissarios do governo, nas negociações que até final se sustentaram para evitar a guerra. Era n'uma d'estas phases de protestos gratuitos e promessas que não cumpria, que estava a politica de Cander quando a columna largou do Humbe, e quando foi resolvido extinguir o sobado dos Gambos, castigar os aggravos recebidos e submetter pelas armas todo o gentio á auctoridade do commandante militar, que ficava sendo d'alli em deante a unica reconhecida n'aquella região.

Era de suppôr que Cander não quizesse medir forças com quem tinha tomado o Mulondo e com quem se havia batido no Quamato, e contava por isso o commandante da columna com a sua fuga, logo que se denunciasse a intenção de o atacar. A natureza do terreno dos Gambos e a visinhança das montanhas Cubaes por um lado e da matta que vae até ao Quipungo e ao Mulondo por outro, tornaram impossivel qualquer perseguição efficaz, sendo por isso resolvido fazer uma tentativa de prender Cander antes da approximação das forças da columna. A tentativa foi effectivamente feita; mas, apesar de se ter escolhido para a pôr em pratica quem melhor a podia desempenhar, o seu antigo alliado Oorlog, não deu ella resultado, porque na cilada armada, em que aliás foram mortos alguns importantes adeptos de Cander, este teve a inspiração de não apparecer.

Estando em duvida se teria havido entendimento entre Oorlog e o governo, e desejando

COMMISSÃO DE FESTEJOS DA CHIBIA E OFFICIAES DA COLUMNA

saber noticias da attitude d'este, ou talvez suppondo que com promessas e esperanças pudesse continuar a ludibriar as auctoridades, não fugiu logo Cander, e mandou emissarios á fortaleza, perguntar ao commandante militar quando podia ia prestar vassalagem. Parece, porem, que os emissarios perceberam que a situação tinha mudado; e, sem esperar resposta, foram avisar Cander, que estava com a sua gente a pequena distancia, o qual se poz immediatamente em fuga não voltando para a *embala* e ficando a monte.

Passava-se isto a 28 de Novembro. A columna achava-se acampada na Cavallána, e eram n'este dia dadas ordens para que as forças fossem divididas em tres fracções que bateriam toda a região dos Gambos: as forças regulares seguiriam pela estrada Humbe-Lubango, os auxiliares boers e muximbas pela margem direita do Caculovar, e os auxiliares portuguezes e muhumbes pela margem esquerda do mesmo rio. As povoações da margem direita eram as mais insubmissas e deviam ser guerreadas indistinctamente; na margem esquerda, salientavam-se as povoações de parentes de Cander e algumas que tinham contas antigas a liquidar com o governo, devendo ser poupadas todas as outras.

No dia immediato, 29, marchavam as forças como estava determinado. Os auxiliares da margem esquerda do Caculovar descobriram rasto de gado que vinha do outro lado do rio, e levados por elle foram encontrar um grande rebanho escondido n'uma matta; houve combate com os pastores e com o gentio que estava embuscado nas immediações, sendo tomado o gado, que foi todo levado para o acampamento da columna, no Binguiro: era a presa, de 774 cabeças, entre bois, vaccas e vitellos; os rebeldes soffreram muitas baixas e nós tivemos 2 muhumbes mortos e 1 gravemente ferido. N'esse mesmo dia, outro grupo d'auxiliares apprehendeu cerca de 1.500 cabeças de gado bovino na missão de Chiapepe, por suspeitar terem sido para alli levadas pelos rebeldes, que assim procuravam salvar os haveres. Pelo motivo d'esta apprehensão, veio ao Binguiro conferenciar com o commandante da columna o Rev. Padre Severino, superior da missão do Chiapepe; a outra presa tambem

havia dado logar a reclamações de alguns indigenas, que diziam ser amigos e ter gado seu entre o apprehendido: como não eram questões que alli podessem ser esclarecidas, seguiu o gado todo para a sede do concelho, onde o respectivo chefe escutaria os interessados e resolveria como de justiça.

Na marcha da Cavalláua ao Binguiro encontraram-se desertas as povoações aos lados da estrada. No Binguiro, de tarde, foram presos tres indigenas desconhecidos, que se haviam mettido entre o gado e que parecia andarem espionando; e á noite via-se do bivaque o clarão das libatas incendiadas pelos auxiliares e ouviram-se por vezes tiros a distancia.

Em 30, de madrugada, poz-se a columna em marcha para a fortaleza dos Gambos (Chibemba). Houve um grande alto na missão de Chiapepe, onde foi offerecido um almoço ao commandante e seu estado maior, e onde as tropas cosinharam a segunda refeição do dia. A's 5 horas e um quarto da tarde, chegava a columna á Chibemba, bivacando em quadrado, junto da face Oeste da fortaleza.

No dia 1, a columna esteve estacionada nos Gambos. Alli foram apresentar-se muitos *secúlos* e gentio das terras, declarando-se fieis ao governo e desligados de Cander a quem imputavam as responsabilidades da situação creada, e promettendo não o acoutar nas suas terras e entregal-o se elle lhes cair nas mãos. Os auxiliares da margem direita do rio limparam o terreno até á altura da fortaleza dos Gambos, incendiando muitas libatas, tomando cerca de 200 cabeças de gado bovino e aniquilando o inimigo nos sitios em que elle offereceu resistencia. As reclamações sobre o gado apprehendido no Binguiro e no Chiapepe só no dia seguinte é que poderam ser resolvidas porque, em consequencia da falta d'agua, o rebanho teve de ir para o Chiquenguero, e alli tiveram tambem de ir o chefe do concelho e os interessados: foram, ao todo, restituidas 216 cabeças, com o fundamento de pertencerem a convertidos da missão ou a gentio que não havia motivo de punir.

Nos dias 2, 3 e 4, marchou a columna, passando por Cachana, Birambundo e Vimanha. Salvo um ou outro excesso, inevitavel, dos auxiliares indigenas, não se disparou em todos estes dias um unico tiro na margem esquerda do Caculovar: as libatas, em geral, estavam abandonadas, algumas d'ellas mostravam bandeirolas azues e brancas, e d'outras côres, e nos acampamentos continuaram as apresentações do gentio. Da Vimanha, foram mandados alguus auxiliares em reconhecimento á serra da Lufira, onde estava a libata de uma tia de Cander e onde se suspeitava que houvesse resistencia; mas não encontraram nenhuma preparação de defeza nem viram ninguem, e voltaram deixando a libata a arder. Na margem direita, ainda houve alguma resistencia no dia 2; mas no dia 3 todo o gentio tinha dispersado e era ignorado o paradeiro de Cander: a região podia considerar-se batida e os auxiliares boers e muximbas passavam o Caculovar e vinham reunir-se á columna trazendo cerca de 300 cabeças de gado, e 8 prisioneiros entre os quaes um filho de Cander. Esta fracção, quando recolheu, tinha perdido 10 muximbas e trazia 1 gravemente ferido, e calcula-se que tivesse feito ao inimigo mais de 100 mortos.

Na manhã de 5, antes de levantar o bivaque da Vimanha, sentiu-se um tiroteio a pequena distancia, chegando a sahir para o lado d'onde se ouvia o fogo a força de dragões e a companhia europea d'infanteria: foi o caso que algum gentio, que se havia misturado com os auxiliares, tentava roubar uma das manadas de gado apprehendido, que andava ao pasto, e fez fogo sobre os pastores que tiveram de se defender. As tropas, porem, não chegaram a intervir, porque a simples apparição dos boers, cujo acampamento estava perto, fez sumir os assaltantes.

Na tarde de 5, a columna e todos os auxiliares marcharam para a Quihita. Um incidente houve ainda ao deixar as terras dos Gambos: o grupo d'auxiliares boers, que precedia a columna a distancia, encontrando na missão da Quihita cerca de 800 cabeças de gado bovino, que suppoz gado dos rebeldes alli refugiado, apprehendeu-as; estabeleceu-se discussão azeda, recebendo uma bofetada um irmão leigo, e acto continuo o superior da missão, Rev. Padre Braz, arriou no edificio a bandeira portugueza arvorando a franceza. Á chegada do commandante, foi primeiramente reposta a bandeira portugueza no seu logar, e, considerada depois a questão do gado, foi este restituido por ter na quasi totalidade a marca da missão.

O bivaque do dia 5 foi já estabelecido fóra das terras dos Gambos. Ahi se distribuiram as presas subsistentes, cabendo ao governo 1.138 cabeças de gado bovino. Estava terminada a missão da columna, que só teve depois a re-

AUXILIARES BOERS QUE TOMARAM PARTE NAS OPERAÇÕES

colher ao Lubango da fórma menos penosa ás tropas e com o andamento que lhe permittia o mau estado dos caminhos.

Regresso da columna — Festejos Effeito das operações

A marcha da columna, que desde a retirada do Humbe não era sem difficuldades, tornou-se mais penosa no trajecto dos Gambos para o Lubango : as chuvas tinham-se pronunciado, e d'ahi o mau estado dos caminhos, o pouco e por vezes nenhum andamento dos carros, o cançaço dos animaes, a fadiga do pessoal e o aggravamento do seu estado sanitario que até então se podia considerar muito satisfactorio.

Logo á sahida da Quihita, uma peça se atolou, dando grande trabalho para a safar. Os carros, que nem já transportavam metade da carga primitiva, deixaram de acompanhar a columna e encravavam-se a cada passo, só conseguindo aguentar a marcha as carroças da ambulancia. Foi preciso ir gado fresco da Chibia, para que o comboio pudesse fazer em 5 dias o trajecto Quihita-Chibia, que na ida, carregado, tinha feito em 2.

No dia de partida da Quihita, a columna chegou muito de noite ao bivaque, e as tropas para alli dormiram sobre o chão molhado, sem abrigo de qualquer especie. No dia immediato, depois da penosa marcha da vespera com um desconfortavel rancho frio e a noite de intemperie que se lhe seguiu, lá se puzeram em marcha as tropas, de madrugada, sem haver tomado uma gotta de café ou de aguardente, começando logo por atravessar o rio Chipumpunhime com agua pela cintura. Uma força, o pelotão de sapadores, teve de ficar para traz para acompanhar o comboio : essa mais soffreu, porque mais demorada teve a marcha, não lhe faltou trabalho em ajudar a arrancar os carros, e, afastada e dispersa como os carros iam ficando, algumas privações teve que passar.

A pequena distancia a que as tropas estavam do quartel, que aos proprios doentes fazia cobrar forças, e o descanço de 3 dias na Chibia, que permittiu reunir o comboio á columna, fizeram com que, a despeito de todas as difficuldades, a columna desse entrada no Lubango completa e em tão boa ordem como de lá tinha sahido tres mezes antes.

As colonias do Planalto e as missões da Huilla e do Munhino, festejaram enthusiastica e ruidosamente as tropas, no seu regresso.

A Chibia tinha as ruas ornamentadas com arcos de verdura, bandeiras e tropheus. Toda a população veio receber a columna, saudando-a phreneticamente ; subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, ao mesmo tempo que a magnifica banda de musica da missão da Huilla tocava o hymno nacional e os vivas se

succediam ininterrompidos. As senhoras lançaram flores sobre as tropas, quando ellas entraram na povoação, e a commissão municipal e a associação commercial vieram em corporação apresentar ao commandante da columna mensagens de boas vindas. Houve no dia da chegada um soberbo banquete, offerecido pelos habitantes e servido gentilmente por senhoras; no dia immediato um baile, e illuminação á veneziana nas tres noites em que a columna alli permaneceu.

Os missionarios da Huilla haviam-se tambem preparado para nos receber festivamente. O grande recinto dos edificios da missão estava enfeitado de bandeiras e verdura, e ostentava dois grandiosos arcos triumphaes onde se liam em lettras douradas allusões aos trabalhos da columna. Os alumnos do seminario formavam alas á porta do estabelecimento e soltavam vivas com o enthusiasmo que só julgávamos existir na mocidade europea; um d'elles, dos mais pequenos, leu um engraçado discurso de saudação ao governador e de felicitação ás tropas victoriosas. Houve Te-Deum em acção de graças pelos resultados da campanha, e um banquete em que o superior, Rev. Padre Pereira, discursou com muito patriotismo e eloquencia. Os officiaes foram hospedes da missão emquanto alli estiveram, e todos os soldados poderam disfructar um abrigo, o que era inestimavel n'uma epocha como aquella, de chuvas torrenciaes.

Os habitantes da povoação da Huilla, que dista meia hora da missão, sabendo que a columna não podia alli ter demora, e não querendo que a mais antiga colonia do Planalto deixasse de figurar nas manifestações de regosijo pelas victorias das nossas armas, vieram de vespera convidar o commandante, officiaes e chefes de auxiliares, para uma visita á povoação, e alli nos receberam com as ruas enfeitadas, musica, foguetes e um opiparo lunch.

Na missão do Munhino, a columna não poude fazer senão um pequeno alto de 10 minutos; mas o superior, Rev. Padre Visée, lá estava na estrada, acompanhado dos educandos que soltavam vivas com enthusiasmo igual ao dos seus collegas da Huilla. Havia bandeiras e foguetes e celebrou-se uma ceremonia na espaçosa egreja da missão, a que todavia só poude assistir o commandante e alguns officiaes.

Do Lubango, vieram esperar a columna ao rio Capitão, em trens e a cavallo, a commissão dos festejos, as principaes auctoridades, varios residentes e officiaes da guarnição. A' entrada da villa achava-se a banda de musica da Huilla, que acompanhou a columna até ao largo dos quarteis, marchando á frente das tropas e tocando o hymno nacional. Toda a povoação estava embandeirada, e nas ruas do trajecto havia arcos e grinaldas de verdura e flores. No largo dos quarteis, quando as tropas faziam a continencia á bandeira nacional antes de destroçar, era enorme a multidão de gente, que não cessou de soltar vivas e acclamações emquanto houve na rua um soldado. Teve logar no dia da chegada um banquete organisado pela commissão dos festejos, a que tambem assistiram pessoas vindas da Humpata, e houve no dia seguinte Te-Deum e marcha *aux flambeaux*.

Os habitantes do Planalto, que desde quasi um anno viviam sob a enorme depressão moral causada pelos successivos desastres das nossas armas, ameaçados a cada passo na sua segurança e soffrendo a insolencia do gentio que desdenhava do poder do europeu, davam assim largas ao seu enthusiasmo, ao sentirem-se reanimados pelas ultimas operações militares, em que elles não viam só a affirmação do valor do soldado portuguez, mas o restabelecimento por todo o sertão do prestigio do branco. Tem valor a opinião d'essa gente, que está habituada a guerras, que vive entre os pretos, que com os seus carros corta o paiz d'um lado a outro, que vae levar o commercio aos pontos mais afastados, e que soffre e sente em primeira mão as consequencias da arrogancia ou do abatimento do gentio.

Não falhou, de facto, o conceito dos habitantes do Planalto sobre a efficacia e o alcance das operações militares realisadas: os factos passados até áquella data e os que depois se lhe teem seguido, não teem feito senão provar a salutar e energica acção da campanha de 1905.

O territorio de Mulondo, onde em tempo haviam sido desfeitiadas as nossas armas, foi completamente submettido, depois de morto o soba e batido o gentio n'uma brilhante victoria; lá ficou levantada uma bem guarnecida fortaleza, que garante a segurança e a ordem na região, e á sombra da qual se está repovoando a terra, que já hoje conta maior população do que no tempo do tyrannico Hangálo. A Dongoena, que conservava uma tradicional independencia, foi occupada militarmente, sem disparar um tiro, e até com o concurso dos

habitantes, que vieram offerecer os seus serviços e trazer gallinhas, bois e madeiras para o posto. A linha do Cunene ficou-nos completamente nas mãos, occupada do Norte ao Sul do districto, e limpa de rebeldes que ameacem ou difficultem a livre communicação ao longo d'ella.

Os quamatos foram escorraçados da margem do rio. Os nossos auxiliares, entrando-lhes varias vezes pela terra dentro, bateram-os em varios recontros, mataram-lhes alguns dos seus *lengas,* comprometteram-lhes o seu aprovisionamento de munições e quebraram esse encanto de intangibilidade que tinha a terra de alem Cunene. O Humbe, a Dongoena, o Cafo e a Camba, respiraram, e de então para cá teem gosado de um socego absoluto.

O gentio dos Gambos foi reduzido á obediencia. O soba rebelde deixou prisioneiro um filho e fugiu abandonado, e a região voltou á vida tranquilla, restabelecendo-se a segurança. O proprio Jau e Mucuma, que á sombra da rebeldia dos Gambos e do seu afastamento viviam insubmissos, e onde aliás se não estendeu a guerra, vieram tambem apresentar-se e protestar obediencia á auctoridade.

E, a sommar a tão assignaladas vantagens, accresce ainda o admiravel levantamento realisado no moral das nossas tropas, que logo após a tomada de Mulondo ficaram cheios de orgulho e confiantes em si, a ponto de não fallarem senão em saltar no Quamato os mesmos soldados que tempos atraz se apavoravam deante da idea de se approximar do Cunene.

EDUARDO AUGUSTO MARQUES
Capitão do serviço do estado maior.

COLOMBINA

É MATERIA assente que os por nós impropriamente chamados irracionaes têm faculdades emotivas: amam, odeiam, têm antipathias e sympathias, alegrias e tristezas: são factos por todos observados, e até scientificamente verificados por todos os escriptores que, realmente sem elevação philosophica, se têm occupado da psychologia dos animaes.

JOÃO PENHA

Tambem é materia averiguada que, entre animaes de certa especie e os de outra, ha odios, antipathias innatas, cujas causas determinantes são ainda hoje um mysterio. Assim, o gato odeia o cão: todo se arrepia e encrespa, cheio de horror, ao contemplal-o: o espadarte detesta a balea, e, esqualo relativamente pequeno, não deixa esse enorme cetáceo sem o destruir; o tanjasno não póde vêr o jumento: *rostro et unguibus,* espicaça-o, morde-o, arranca-lhe o pêlo; e, finalmente para não alongar demasiadamente este relatorio,—a coruja odeia o homem: com os olhos accêsos em ira, bufa-nos, quer morder-nos, morde-nos. Do mesmo modo, como ha antipathias entre as especies, ha sympathias, e até profundo sentimento de amizade, como, por exemplo, entre o cão e o homem: o de Ulysses morre de alegria, segundo Homero, ao vel-o depois de vinte annos de ausencia, e muitos se têm deixado morrer de fóme e de tristeza junto ás campas que encerram aquelles, de quem foram companheiros na vida.

O que, porém, ainda não foi discutido e estudado é se entre um animal de especie inferior e outro de especie superior póde existir um sentimento que, pela sua natureza especial, como a paixão do amor, não póde, á primeira vista, existir senão entre seres da mesma especie.

Poderá, por exemplo, uma gata ter por um homem um como que amor de mulher?

Póde, porque eu mesmo fui assim amado por nada menos de tres.

Referirei um só d'esses casos, absolutamente authentico, e presenceado por diversas pessoas.

Antes, porém, estabelecerei alguns principios, que esclarecerão toda a materia que vae ser objecto d'este ligeiro escripto.

Esses principios não são meus senão quanto á especialidade das suas conclusões: são os em que assenta a religião ou philosophia de Buddha.

Todo o homem tem de viver tantas existencias quantas sejam necessarias para que expie, pela dôr, as faltas e pec-

cados das existencias anteriores, e a sua alma, assim purificada, dispa os invólucros materiaes, ascenda á vida eterna, ao Nirvana, e se consubstancie na Alma suprema, infinita, em Deus.

Esta philosophia, que está sendo adoptada por muitos espiritos superiores, não é, como á primeira vista poderá suppor-se, a da transmigração das almas: n'esta philosophia, a alma d'um ser que se extingue passa para outro já existente, o que não póde acceitar-se por absurdo; na do buddhismo já assim não succede: a alma, livre do seu invólucro carnal, aggrega a si, pela força, intelligencia e sensibilidade que a constituem, novas substancias rudimentares, que a collocam em condições de, quando o momento psychologico lhe chegue, segundo as determinações de Deus, entrar n'uma nova existencia organica.

Seria necessario que a nossa misérrima intelligencia fosse a propria Intelligencia infinita para que podessemos determinar e fixar a lei a que obedecem as transformações materiaes dos seres, quanto á sua fórma exterior, inherentes á pena da expiação, e ás suas novas condições de vida. Não me parece, porém, desarrazoado, e isto o apresento como simples postulado, ainda assim apoiado em factos experimentaes, assentar como lei divina das resurreições buddhistas, que, se um ser cumpre em absoluto a lei da expiação, morre, mas não torna a nascer, porque entra na vida eterna; se só a cumpre em parte, tem de soffrer uma nova existencia, mas sob uma forma mais perfeita, e talvez n'um mundo superior: é a ascenção aos ceus de que falla Christo; se, finalmente, a não cumpre ou a nega, soffrerá ainda outra existencia, mas sob uma fórma inferior, em que o soffrimento seja mais intenso, e talvez n'um mundo peor: é a descida aos infernos, *ad inferos*, de que falla o velho testamento.

Assim, e segundo estes principios, póde muito bem succeder e realmente succede, que um ser, que actualmente tem o aspecto de um homem, fosse na sua existencia anterior um simples jumento, que cumprisse a lei; e, pelo contrario, que um jumento já tivesse attingido, anteriormente, a fórma, relativamente superior, do chamado rei da creação.

Factos estranhos, constantemente observados por sabios que olham ao largo e ao alto, mas que têm dado origem a systemas erróneos, como o de Darwin, factos para elles obscuros, mas para os verdadeiros adeptos claros, levam-nos á conclusão de que para a nova fórma dos seres passa o quer que seja da sua existencia anterior, não só quanto ao aspecto, mas tambem quanto a certas idiosyncrasias.

Assim, nada mais vulgar do que encontrarem-se animaes da nossa especie, com traços bem caracteristicos em suas figuras de animaes inferiores, como de corujas, chimpanzés, bulldogs, fuinhas, e de muitos outros; e até com muitos dos seus habitos. E porque? Porque o foram.

Assim, póde, por exemplo affirmar-se que os que se entregam á arriscada profissão de gatunos, foram pêgas; os Tenorios, macacos; os oradores, papagaios; os poetas, rouxinoes ou gralhas, segundo as circumstancias.

Eu, pelas observações que tenho feito recahir sobre a minha propria pessoa, pertenci, n'uma das minhas existencias anteriores, á raça felina, gato, tigre, leão?

Do estranho acontecimento que passo a narrar, e a que já me referi, alguma cousa poderá concluir-se a este respeito.

Havia, e supponho que ainda ha, em Coimbra, um largo solitario, chamado das Olarias. Era ahi que o illustre Campos, o Homem do Gaz, tinha a já agora lendaria taberna. Este importante estabelecimento, onde unicamente se vendia o sumo da uva, sem vitualhas, estava dividido em duas partes distinctas e separadas. N'uma, vasta quadra, com uma mesa de castanho ao centro, e um bico de gaz por cima, só eram admittidos estudantes, quasi sempre os mesmos, porque, pela sua categoria academica, pelo seu renome, e mêdo que inspiravam, affastavam os outros; — a exposição ao consumo publico era na outra, mas essa mesma era frequentada por homens distinctos ou conhecidos, como o Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, o Anastacio, do *Braz Tizana*, o Herculano Santa-Barbara, um dos primeiros tacos da provincia, o Galeão, que faria a barba têsa ao Gargántua de Rabelais, o tenor Portugal, que por vezes fazia ouvir algumas arias do seu reportorio, pouco selecto, e diversos outros. Estas duas secções nunca se communicavam, mas Campos, que todos estimavam pelas suas bellas qualidades, e respeitavam pela sua força hercúlea, permittia ás

vezes á segunda que, pela entreaberta da alta porta divisoria, ouvisse as terriveis discussões da primeira. Muitas vezes eu vi ahi a luzirem os grandes oculos de prata de Martins de Carvalho.

Campos tinha uma bonita gata branca, de raça, chamada Colombina, e que elle tinha em grande aprêço. Como gostei sempre de gatos, pequenos tigres em miniatura, cujos distinctos habitos independentes e nobremente egoistas admiro, quando ella apparecia punha-a em cima da mesa, acariciava-a, coçava-lhe a cabeça, e quando me sentava para ler os jornaes, collocava-a no sofá dos meus joelhos. Ahi fazia o seu ninho, mas logo, inquieta, estendia-se-me pelo peito acima, e ficava-se a olhar-me com um olhar estranho, prescrutador. Para breve, certos movimentos, certas manifestações mysteriosas de Colombina chamaram todas as minhas attenções: passei a observal-a como philosopho. Logo que eu apparecia na vasta quadra, em que eu muitas vezes era o unico conviva, apparecia ella, e quantas vezes eu andasse d'um lado para o outro, costume proprio de doentes imaginarios, segundo Molière, tantas vezes me seguia como um cão, miando de quando em quando, com doçura. Se eu parava, roçava-se-me voluptuosamente pelas pernas, de cauda erguida, e como de ordinario, em gatos, este movimento representa um pedido de vitualhas, uma noite, em que ella assim se roçava por mim, chamei o Campos.

— Colombina quer comer.

— Qual! respondeu o colosso; tem o papo cheio: ainda ha pouco manducou uma boa sopa de leite.

— Então, que quer ella? Ora veja.

E puz-me a andar de um lado para o outro.

— Parece um cão atraz do seu dono, ponderou o homem. É exquisito! O que é certo, continuou elle, é que nem de dia, nem de noite a vejo; não sei onde se mette, mas logo que o senhor doutor apparece, surge ella, de repente, não sei d'onde, e ninguem a tira d'aqui. Naturalmente, concluiu o bom do homem, ganhou-lhe amizade, mas que amizade!

Eu, porém, suspeitava outra cousa, e as minhas suspeitas em breve se transformaram, em resultado d'um estudo mais attento da enfêrma, n'uma irrecusavel certeza.

Quando eu, depois dos meus passeios de cá para lá, me sentava á larga mesa central, de que fallei, e ahi estendia, para o ler, o *Diario Popular*, logo Colombina, d'um salto, me surgia defronte, aninhava-se sobre o proprio jornal, e na postura do antigo Esphinge, se embebia na contemplação do meu rôsto. Nos seus bellos olhos, d'um verde glauco, via eu uma expressão estranha: a d'um profundo amor feminil, expressão em que havia o quer que seja de vago, como a de quem olha para um passado longinquo, feliz. Que leria ella em meus olhos? Que mysterios tentaria decifrar?

Depois, como movida por um impulso interno, irresistivel, perdido todo o recato, todo o pudor feminil, formava de subito um pequeno salto, e roçava voluptuosa o seu delicado rosto pelo meu. Eu, longe de a repellir, acariciava-a, olhava-a compadecido, porque bem sabia o que se passava n'aquella pobre alma enamorada.

Colombina, porém, queria mais, e o modo como o revelou, causou-me uma extraordinaria surprêsa, porque, apesar das minhas ideas, que expuz no principio d'este rapido estudo psychologico, nunca tinha imaginado que em entes, apparentemente inferiores ao homem, a paixão do amor attingisse a intensidade de que até agora só se julgavam susceptiveis as nossas fêmeas, as grandes amorosas, como (além da infinidade das anonymas) Francesca de Rimini, Clarisse Harlowe, Heloisa, Cleoptra, a Alcoforado, e tantas outras, de que reza a chronica e a lenda.

Ao fundo do vasto salão, porque assim se lhe podia chamar, havia uns caixotes vasios, sobrepostos, e que me chegavam á altura de cinta. Quando eu, nos meus passeios de cá para lá, chegava até junto d'esses caixotes, Colombina, que me seguia, saltava rapidamente para cima, e soltando umas pequenas vozes como de quem soffre, e em que havia supplica, aninhava-se para que eu mais suavemente a acariasse. Eu bem percebia os seus intimos desejos, mas, pela força maior das circumstancias, via-me na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

Repetia-se isto todas as noites, sem que ella uma só vez desanimasse, sem que desistisse do seu intento: o seu pensamento de todas as horas, o ideal, de certo, da sua alma apaixonada.

Mas estava para breve o desenlace fatal d'este poema d'amor.

Foi n'uma noite aziaga. Cahira sobre a cidade uma terrivel tempestade. Os relampagos, quasi ininterruptos, dardejavam pelas frestas e por baixo das portas uma luz branca, sinistra. Os trovões semelhavam, por vezes, o estrondo que faria a abobada celeste ruindo em estilhaços sobre os tectos das casas, e em meio d'esse tremendo cataclismo, ouviam-se as vozes confusas da natureza agonizante: gemidos de moribundos, uivos de monstros longinquos, silvos de serpentes : todo o horror dos sons que, em noites funestas, sáhem dos antros do inferno.

N'essa horrivel noite, em que não obstante, e segundo o meu costume, eu me sentara para ler o *Diario Popular*, e em que Colombina, tambem segundo o seu costume, se aninhara irreverentemente sobre o artigo que eu me propunha ler, — sem reflectir, enervado, repelli-a brutalmente :

— Safa-te d'aqui !

Mas, logo me arrependi, indignado contra mim mesmo.

Tenho ainda impresso, em minha alma, o olhar que ella me deitou : havia n'elle a expressão d'uma dolorosa surprêza, de exprobação. Depois, vi apagar-se-lhe nos seus bellos olhos como que a luz interior que os animava.

Desceu da mesa, silenciosamente. Chamei-a, com doçura : «Colombina, Colombina !»—mas debalde.

Ao transpôr a porta, ainda se voltou, olhando-me demoradamente. Depois desappareceu.

Nunca mais a tornei a ver.

Passados tres dias, Campos irrompeu furioso:

— Não sabe ? vociferou elle, mataram-me a Colombina !

— E quem a matou ? perguntei eu dolorosamente surprehendido.

— Os oleiros. Só elles seriam capazes de o fazer. Como os coelhos são caros, comem todos os gatos da visinhança. Ha tres dias que ella não apparece. Está morta e bem morta. E comtudo, eu tinha dito que se alguem a matasse não me sahiria vivo das mãos !

Pobre Colombina !

Eu, porém com o coração oppresso pelo remorso, pensava outra cousa. Não, Colombina não fôra assassinada : suicidara-se na noite funesta em que indignamente a repelli. O seu olhar, ao transpor a porta, foi o seu ultimo adeus. Perto, corria o Mondego : foi ahi que ella, offendida em seus brios, e perdida toda a esperança de ventura na terra, se lançou. Desditosa Colombina !

Durante tres dias examinei attentamente a margem do rio, para ver se descobria o vestigio de seus passos, e, effectivamente os descobri, mais accentuados na terra humida, onde ella, para formar o salto mortal, se firmara.

O seu corpo, porém, esse, não appareceu. Queria piedosamente sepultal-o junto d'um arbusto florido, para que, emquanto a sua alma gentil esperasse nas sombras do infinito a hora da sua resurreição para uma nova existencia, purificada pela acção mysteriosa da natureza, desde que logo entrasse na vida geral da creação, constituisse o involucro de mil outros delicados seres.

A onda tranquilla do rio, porém, pouco avara do seu thesouro, a foi levando, nova Ophelia, como n'um berço de espuma, para os abysmos do profundo mar, menos profundo que o seu amor.

Colombina não cumpriu a lei da expiação, porque a sua paixão era mundana, mas, por esse mesmo amor, soffreu dores acérbas, e a dor resgata e redime. Deve, pois, soffrer ainda uma nova existencia, mas sob uma forma superior, a d'uma encantadora mulher.

E quantas vezes, em noites silenciosas de luar, meditando incerto sobre os problemas do universo, eu me fico a pensar se a alma de Lydia, tão mysteriosamente apaixonada, será a da desditosa Colombina !

Ella, uma vez, disse-me :

— «Tenho uma como que consciencia vaga de que já nos amámos n'uma existencia anterior.»

E mais tarde :

— «Tenho quasi a certeza !»

E sem saber porquê, baixou honestamente os olhos, tingiram se-lhe da côr ardente d'uma rosa as suas faces, brancas de neve.

Tambem as minhas assim se tingiram, ao lembrar-me de que Lydia, por uma pallida visão retrospectiva, poderia talvez recordar-se, embora indecisa e vagamente, das scenas, em que, pela força maior das circumstancias, me vi na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

12 – XI – 05. JOÃO PENHA.

Incoherente

Quando recordo aquelle amor tenaz
Que me inspiraste, sinto palpitar
Em mim, de novo, um coração capaz
De ter esp'ranças e poder amar...

E ha tanto tempo que isto foi, ha tanto!
Que hoje, se te vires ao espelho,
Notarás que perdestes o meigo encanto
Como eu noto que estou hediondo e velho...

Sob a saudade que me enluta, o odio
Vem suscitar-me as ancias mais secretas,
Calmo e cruel como o punhal d'Harmodio
Encoberto n'um ramo de violetas!

Comtudo vê — estupida irrisão!
Pensar em ti é ainda o meu enleio
E não sei se te amava mais então
Do que hoje, conhecendo que te odeio!

CRUZ ANDRADE.

LIVRO DE HORAS
Codice membranaceo em latim com bellas illuminuras

A Bibliotheca Publica do Porto

III

OS MANUSCRIPTOS

Desde 1835 que as pessoas illustradas tiveram noticia da valia e importancia dos manuscriptos que se encontravam n'este estabelecimento, então nascente, e que formavam já uma collecção preciosa; «salvos, por assim dizer, no meio do estrondo das armas, elles poderam escapar de um total naufragio, á força dos incessantes cuidados que se lhe dedicaram.» Taes são as palavras, vibrantes ainda do abalo passado, com que fixa a situação moral o 2.º bibliothecario da Bibliotheca do Porto, Alexandre Herculano, no introito que antepoz á serie dos artigos que se propuzera redigir ácerca dos manuscriptos recolhidos n'essa publica livraria.

Esses artigos principiaram a publicar-se no n.º 14 do *Repositorio Litterario da Sociedade Litteraria Portuense*, respeitante á quarta-feira 1.º de Maio d'aquelle anno. Encetou tarefa Alexandre Herculano com o Livro de Duarte Barbosa, contendo a sua viagem por todo o oriente portuguez desde o cabo de S. Sebastião até o paiz dos Lequios, o qual fôra publicado pela Academia das Sciencias em 1813; e sua analyse critica é, como sempre, minuciosa e rigorosa.

O segundo dos artigos por Alexandre Herculano dedicados aos manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto sahiu no n.º 18 do referido *Repositorio* e trata da chronica d'El-Rei D. Sebastião, existente na livraria portuense, codice em folio contendo 201 folhas. Quem seria o auctor d'este livro?

Não só para a historia litteraria de Portugal mas tambem para saber em que grande estimação devemos têl-o, reputa Alexandre Herculano importante esta questão. E annuncia que dará o resultado de suas indagações, que

outros mais eruditos do que elle, modestamente convém que poderão, aproveitando-as, levar talvez mais longe. No numero immediato, de 15 de Julho, Alexandre Herculano, proseguiu em seu estudo, concluindo por indicar em frei Bernardo da Cruz mais um escriptor dos que escaparam ás indagações do laborioso Barbosa e que devem entrar em qualquer futura bibliotheca ou historia de litteratura portugueza.

Entrou: no primeiro tomo do *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, em sua altura idonea, visto como em Lisboa, em 1837, Alexandre Herculano e o doutor Antonio da Costa Paiva lhe publicaram a *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, por meio do concurso de subscriptores, cuja lista sobe ao numero de seiscentos e tantos, «circumstancia assás notavel entre nós», pessimistamente pondera Innocencio, já em 1858.

Outro erudito inquiridor de nossas gloriosas antiqualhas historicas, um portuense illustre, Diogo Kopke, capitão de artilharia e lente de mathematica na Academia Polytechnica, se deu ao afan de ordenar e dispôr, reconhecer e catalogar os manuscriptos da Bibliotheca do Porto; e de seu labor preparatorio resultaram proveitosas achegas para a historia e geographia nossa geral. Assim, em 1838, publicou Diogo Kopke, n'uma bella edição, adornada de retrato, fac-simile, uma carta geographica e um frontispicio lithographado, o *Roteiro da viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez D. Vasco da Gama em 1497; segundo um manuscripto coetaneo, existente na Bibliotheca Publica Portuense;* o *Roteiro* finda a pag. 119; d'ali até o fim do volume seguem-se notas e elucidações do editor. Sua edição é precedida de um erudito prologo, onde se ventilam diversas questões relativas ao assumpto e se expoem os argumentos e conjecturas que induzem a crêr que o auctor d'este escripto fôsse Alvaro Velho, um dos que fôram com D. Vasco da Gama na sua primeira viagem, em descobrimento da India, nada mais se sabendo de suas circumstancias pessoaes e não fazendo Barbosa d'elle menção na sua *Bibliotheca;* todavia, é julgado, consoante ficou dito, com fundamento plausivel, auctor da obra que passados 340 annos se imprimiu no Porto, graças a Diogo Kopke e áquelle doutor Antonio da Costa Paiva, e que, segundo o informe de Innocencio, era em Lisboa mui pouco vulgar. A diligencias ainda do mes-

LIVRO DE HORAS
Codice membranaceo, copia attribuida aos Benedictinos Francezes em 1428
Com figuras illuminadas

L'IMAGE DU MONDE
Codice membranaceo in 4.º com illuminuras

mo benemerito Kopke se deve a publicação d'outro manuscripto importante da Bibliotheca Publica do Porto; refiro-me ao *Tractado breve dos rios da Guiné* etc., de André Alvares d'Almada, com mappa geographico; é certo que este livro tinha sido já publicado por industria do Padre Victorino José da Costa, porém muito transtornado; e, para se aferir de sua valia, bastará consignar que esta obra serviu como um dos fundamentos apresentados por Portugal na questão de Bolama.

A quando da organisação operosa e sabia dos *Portugaliæ Monumenta Historica*, varios dos codices manuscriptos da Bibliotheca Publica Portuense fôram chamados, á consulta, a Lisboa, á Academia Real das Sciencias, como o n.º 125, que contém uma Miscellana referida ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde se encontra uma copia do *Livro de Noa;* como o n.º 41, que é a *Chronica de D. Affonso Henriques*, por Duarte Galvão.

CHRONICA MANUSCRIPTA DE D. AFFONSO HENRIQUES
POR DUARTE GALVÃO
Fol. pergaminho frontispicio e iniciaes illuminadas

Da Academia das Sciencias, em 30 de Maio de 1862, voltou á Bibliotheca Publica do Porto o n.º 103, d'onde Alexandre Herculano tirou, para a *Portugaliæ Monumenta, Scriptores*, vol. 1.º, fasc. 1.º, «Chronicas breves e Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra», quatro dos Monumentos ahi archivados, promettendo publicar mais algumas das memorias que o codice encerra relativas aos seculos XIV e XV. Tambem para Lisboa fôra o n.º 29, d'onde voltou depois de impressa sua primeira parte *(Vita Beatissimi Domini*

Theotonii primi Prioris Monasterii Sctae. Crucis Colimbricensis) nos mesmos *Portugaliæ Monumenta*, de Alexandre Herculano, *Scriptores*, vol. 1.º, pag. 79-88, e fac-simile do principio d'este manuscripto no começo do referido volume.

Se os opulentos recursos da collecção dos manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto não escaparam á attenção dos eruditos, pelo que concerne aos primordios de nossa existencia politica differenciada, não lograram esquivar-se-lhes, egualmente, no que toca ao periodo da avançada dissolução de um organismo outr'ora concatenado e poderoso. Assim, quando a curiosidade de Camillo Castello-Branco foi attrahida para a epocha da crise que succede á morte de D. João IV, reconhecendo a capital importancia, para a historia dos costumes e para o entendimento das paixões, d'aquelle inestimavel diario de factos interessantes que succederam no reino de 1662 a 1680, até nossos modernos dias, com o titulo sensacional de *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, infundadamente attribuido ao benedictino fr. Alexandre da Paixão, tractou de revisar a copia que possuia pelo cotejo com os dois primorosos codices existentes na livraria publica portuense. Adeantada relativamente a impressão, desistiu Camillo Castello-Branco de vulgarisar pela estampa aquelle documento não menos curioso que educativo; e não mais feliz foi em Lisboa o erudito Graça Barreto, que, de sua banda, se empenhara no mesmo afan e que se finou quando estava já quasi a terminar a impressão do volume, a que o editor deu em 1888 publicidade.

PLANO DA CAPITAL DE VILLA BELLA DO MATTO-GROSSO

E ainda para o apuro da evolução ideativa e esthetica de nossa gente lusitana, a Bibliotheca Publica do Porto comprehende diplomas que cumpre discriminar escrupulosamente; assim, do fasciculo do Indice preparatorio, attinente aos membranaceos, apartemos um só instante o n.º 101. No alto da guarda do principio, por lettra egual á do texto e com vinheta:

a duas columnas, encadernado em taboa, coberta de carneira, muito usada. Ora, d'essa *Côrte Imperial*, tratando, em a segunda epocha (seculo XV), dos poetas palacianos, e vindo a occupar-se da erudição latinista, o dr. Theophilo Braga, estabelecendo o valor de varios livros caracteristicos, diz que por este se pode

averiguar o estado do conhecimento das obras arabes em Portugal. Elle mereceria um exame especial.

N'este ensaio compete-me, determinadamente, apontar as origens de informação e, de seguro, que n'este ponto o logar primacial cabe ao Indice elaborado pelo erudito fallecido bibliothecario Eduardo Augusto Allen. No segundo fasciculo (mss. chartaceos), sua primeira secção occupam-a os geographicos. O terceiro fasciculo é o dos manuscriptos nobiliarios; d'este ha duas edições, a primeira datada em 1888, a segunda de 1900; em uma e outra apparece, como addenda e corrigenda do facisculo 2.º, seguida de extensas ponderações de Eduardo Allen, uma carta a este endereçada pelo dr. Pereira Caldas, de Braga, na qual novamente se inscreve contra a suggestão de Diogo Kopke, dando Alvaro Velho como o auctor plausivel do *Roteiro* do Gama. N'esta secção dos mss. nobiliarios da Bibliotheca do Porto se guarda aquella *Pedatura Lusitana*, de Christovão Alão de Moraes, obra abundantissima e insubstituivel; a proposito, na materia, é interessante o episodio por Innocencio relatado na verba respectiva.

PSALMOS EM LATIM
Codice Membranaceo com iniciaes illuminadas

Quanto ao 4.º fasciculo *(Mss. «proprie» historicos)*, o organisador doutissimo do cata-

MISSAL FESTIVO DAS SOLEMNIDADES MAIORES EM SANTA CRUZ DE COIMBRA
Fol. gothico, pergaminho, nitidamente illuminado

logo dividiu-o em duas partes, referentes a primeira á historia de Portugal desde a fundação da monarchia até á enthronisação da Casa de Bragança. N'este rol devemos considerar os codices que contêm a Chronica de D. João I, de Fernão Lopes. Por elles se pódem corrigir os innumeros enganos e contrasensos da edição publicada em Lisboa em 1644; na primeira parte a edição publicada transtorna, mesmo, a ordem dos capitulos, de modo que a sequencia narrativa parte-se e a certa altura, não ligando, o texto torna se inintelligivel. Ha até um capitulo inteiro que falta na edição publicada, do que resta aliás indicio no indice. Os codices da Bibliotheca do Porto são formosissimos e credores se antolham da attenção dos estudiosos. Na parte segunda, attinente agora á dynastia de Bragança, destacarei os dois volumes, 4.º gr., da *Anti-Catastrophe;* tal importantissima «historia verdadeira da vida e dos successos d'el-rei D. Affonso VI, escripta por um official das tropas de Portugal, que o acompanhou na sua fortuna e na sua desgraça», do hespanhol para portuguez, foi publicada em 1845 no Porto por Camillo Aureliano da Silva e Souza, por manuscripto que possuia e que comparou com o mss. hespanhol que obteve da Bibliotheca Publica de Lisboa, e outro do dezembargador Norton, não sabendo o collector do Indice do Porto se viu o exemplar da livraria portuense, ou o precedente, incompleto, que tem parte do texto original hespanhol e foi, pelas razões allegadas a respeito d'outros, da Livraria Balsemão. A parte terceira dedica-se á chronologia e historia geral. N'esta zona da historia extrangeira, notaremos a *Fastigimia*, de Thomé Pinheiro da Veiga, obra curiosa por mais de um titulo; ainda ultimamente, a quando do centenario quixotino, um illustradissimo escriptor hespanhol, n'uma serie de valiosos artigos insertos nas columnas de *La Illustracion Española y Americana*, de Madrid, tratava de, a golpes de argucia, erudição e engenho, resolver um problema extravagante, qual o do Quixote antes do Quixote, a que uma copia do livro de Veiga em Londres, no Museu Britannico vista pelo insigne arabista e philologo, litterato e critico, Pascual de Gayangos, lhe dera margem, suscitando-lhe o interesse e incitando-lhe a perspicacia.

Temos no 5.º fasciculo registrados os ma-

TE igitur clementissi
me Pater, per Iesum
Christum filiū tuū
Dominū nostrū, sup
plices rogamus, ac
petimus. Hic osculet
altare: & deinde erectis manibus
dicat. uti accepta habeas, & benedicas
Hic ter signet tā super hostiā, quā
super calicem, hęc dona, hęc
munera, hęc sancta sacrificia illi
bata: in primis quę tibi offerimus pro
ecclesia tua sancta catholica: quam
pacificare: custodire, adunare, &
regere digneris toto orbe terrar
una cū famulo tuo papa nr̄o.
& me indigno famulo tuo,
& omnib' orthodoxis, atq catho
licę & apostolicę fidei cultoribus

MISSAL FESTIVO
Fol. pergaminho, com illuminuras — Seculo XVI

nuscriptos militares; esta collecção, quasi toda reunida pelo 1.º Visconde de Balsemão, fazia parte das obras que haviam sido confiscadas em 1832, quando as familias realistas retiraram do Porto, conjunctamente com o resto da sua livraria. Como, porém, esses sequestros, depois da terminação da guerra civil, ficaram sem effeito, foi-lhe restituido, consoante já aqui se disse, pela Camara Municipal do Porto o valor dos mesmos livros, tanto impressos como manuscriptos. Os n.ºs 551, 551 A e 551 B contêm um diario dos successos da guerra do Roussillon, escripto pelo tenente-coronel do regimento de Cascaes, Antonio José de Miranda Henriques; e o fasciculo do Indice completa-se com uma nota apropriada pelo mallogrado poeta e romancista historico portuense Alfredo Alves.

O 6.º fasciculo comprehende a litteratura: primeiramente, a didactica; depois, a amena ou inventiva, poesia (com alguma prosa occasionalmente) e prosa (exclusivamente). Aqui, com motivo da 1.ª e 2.ª parte da *Chronica de Belliandro, imperador da Grecia, e dos principes Bellifloro e D. Belindo de Portugal*, quiz a extrema bondade de Eduardo Allen citar meu humilde nôme; elle crê, com effeito, achado um exemplar do livro *Dom Belindo*, por D. Leonor Coutinho, filha de Ruy Lourenço de Tavora, que casou com o conde da Vidigueira em 1606 e 1.º marquez de Niza. D'este manuscripto falla Gayangos, no seu «Catalogo razonado de los libros de Caballerias», (edição Ribadeneyra do *Amadis)* como mencionado por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana;* e tambem se dizia na *Historia Genealogica da Casa Real*, vol. x, pag. 565; os codices da Bibliotheca Publica do Porto provêm do legado, em 1877, do Conde de Azevedo, com que se desgostou Camillo Castello-Branco, que nos *Narcoticos* moteja d'esse destino. Tambem do legado de 1877 proveio para a Bibliotheca Publica do Porto o livro completo das obras poeticas do dr. José Anastacio da Cunha; elle traz no principio uma advertencia de João Baptista Vieira Godinho, assignada com as iniciaes, mas que depois o Conde de Azevedo interpretou, lançando por extenso o nôme. É o codice cuja perda menciona Innocencio; outrosim a *Revista Trimen-*

MAPPA DA AMERICA MERIDIONAL

BIBLIA SACRA
Copia nitidissima do seculo XIII

sal do Instituto Historico e Geographico, do Rio de Janeiro, em 1845, fallara no desapparecimento d'este livro, cuja existencia na Bibliotheca Publica do Porto eu vim a significar, quando de passagem me occupei do maravilhoso genio lyrico do mathematico Anastacio da Cunha. Indicada essa minha nota pelo dr. Theophilo Braga ao sr. Rodolpho Guimarães, distincto official de artilharia, que tem tractado proficientemente da historia das mathematicas em Portugal e da biographia dos mathematicos portuguezes, elle, em subsequente estudo no *Instituto*, de Coimbra, registrou a parte de minha iniciativa na divulgação d'estes factos litterarios desconhecidos.

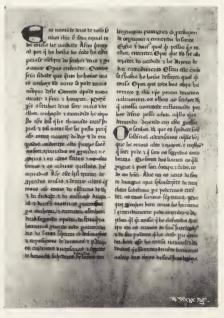
Em um tomo, se consignou a noticia succinta dos manuscriptos monasticos e religiosos (comprehendendo as Ordens monasticas em geral, S. Agostinho, S. Bento, S. Francisco, S. Domingos, a Inquisição, a Companhia de Jesus, o Oratorio de S. Philippe Nery, a Confraria dos Loyos, a Irmandade do Terço e Caridade, do Porto). Na secção II entram Mitras e Cabidos, Capellas e Padroados, e as Missões. A secção III consta da Universidade. Seguem-se as obras respeitantes á Historia Sacra ou Ecclesiastica, á Theologia, Litteratura Sacra ou Religiosa, e Sermões (propriamente ditos). Egualmente o 7.º fasciculo, que se encerra com verbas supplementares do legado do Conde de Azevedo.

O 8.º fasciculo inclue os manuscriptos juridicos, tanto canonicos como civis e politicos; elle abre com a *Historia do Direito Canonico em Portugal*, 1791, pelo dr. José Manuel Ribeiro Vieira de Castro.

Eis-nos, 9.º fasciculo, em plena Philosophia; porém a collecção não tem importancia, são apontamentos de aula e dissertações que caducaram.

O 10.º — e ultimo — fasciculo é dedicado aos manuscriptos scientificos e industriaes (astronomicos e astrologicos, geographicos, medicos, pharmaceuticos, veterinarios, agricolas, botanicos, metallurgicos, industriaes e de commercio).

Depois vem ainda um appenso, para variedades, polygraphia e bibliographia. Porém, o notando n'este fasciculo outro appenso é, que assignala a collecção manuscripta, na livraria publica portuense existente, de Estatutos ou Compromissos de diversos Officios ou Mesteres, e de Irmandades ou Confrarias.

Especifiquemos, de passagem, correndo.

CÔRTE IMPERIAL
Fol. pergaminho gothico — Seculo XV

Do officio de carpinteiro, por exemplo, existem na Bibliotheca do Porto, n'esta secção dos manuscriptos, os Estatutos e Compromisso, no anno de 1691; bem assim o compromisso de 1785, sendo juiz Manuel de Araujo; ainda o regimento do officio de carpinteiro dos jogos de carruagens da cidade do Porto e seu termo, de 1820, «sendo presente o Regimento do mesmo officio da côrte e cidade de Lisboa». De pedreiros e taipeiros da cidade de Lisboa e sua comarca, alli existe o respectivo Regimento, e estatutos da confraria da gloriosa virgem e martyr Santa Luzia, sua protectora, collocados na Sé Cathedral da mesma cidade.

Essa collecção de Estatutos e Compromissos, Regimentos e Estatutos, comprehende, entre outros, ourives d'ouro e cravação (1822, 1691, 1634), dos ourives de prata (1746), tendo tambem o Regimento para os ensaiadores dos officiaes dos ourives do ouro e da prata; dos cruzeiros (ou canteiros), 1806; dos ferreiros, serralheiros e anzoleiros, feitos no anno de 1593 e addidos, declarados e ampliados em differentes epochas; dos espingardeiros (1788) dos officiaes de folha de Flandres, dos caldeireiros (1775), dos botoeiros (1742), dos pintores e douradores, á excepção dos Mestres Painelistas, por pertencerem a diversa Arte, dos azuladores e apavonadores (1674), dos sapateiros, surradores e tamanqueiros, na irmandade administradora do hospital dos palmeiros, sito na Ponte de S. Domingos *(Mui contrangidos pela obrigação que temos aos bemaventurados Santos Chrispim e Chrispiniano, a cuja honra fizemos este Estatuto)*, do officio intitulado de tamanqueiros, emquanto annexo á confraria de S. José e S. Braz, «extrahido de uma certidão... de uma sentença obtida pelos sapateiros contra os tamanqueiros, a qual se acha no cartorio de S. Chrispim d'esta cidade» (1786), dos picheleiros (1790), dos selleiros (1708), dos torcedôres de retroz, feito em 1759 e addido em 1816, dos cordoeiros (1746), dos sirgueiros (1815), dos tanoeiros (1621), dos cerieiros (1717), dos esteireiros (1751), dos fuzeiros (1802), dos sombreireiros (1804), dos correiros (1622), dos torneiros e polieiros (1783) («Os officios de torneiro e polieiro são encabeçados com os de carpinteiro, enxamblador, esculptor, violeiro e caixeiro — fabricante de caixas — na confraria de S. José e S. Braz, erecta no convento de S. Francisco d'esta cidade...»), dos barbeiros (1816), dos Professores das Artes de Ferrar e Alveitaria (1737), dos officiaes de pastelleiro, emfim, que de si mesmos dizem que, estando todos juntos em capitulo com o juiz Luiz da Costa Barros e o escrivão João Ribeiro, concederam se applicassem todas as condemnações para Nossa Senhora do Desterro, «que é a devoção que temos, e damos o andor da mesma Senhora em dia de *Corpus Christi*» (1683).

Dos codices manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto, restaria a considerar um aspecto, que não foi aqui frisado ainda, e esse é o artistico, como logo para o n.º 1, d'entrada do Indice Preparatorio (manuscriptos membranaceos, com illuminuras ou sem ellas). Este *(Testamentum vetus*, de Sancta Cruz de Coimbra, mesmo n.º 1 do seu Catalogo) apresenta as letras iniciaes, cubitaes e semicubitaes, formando tarjas ou inclusas em tarjas, lavores *apaquifados*, com mistura de animaes phantasticos, lettras tambem onciaes; na guarda do principio, em lettras ornadissimas: *Incipit Prologus Beati Hieronomi Presbiteri inquinque Libros Moisi;* no fim ha sete folhas a maior, tendo cada uma cinco columnas pintadas a côres diversas, pousando um baseamento tambem colorido e ornado e coroadas por uma especie de architrave com arabescos, assente em arcos mouriscos, contendo cada um uma figura symbolica (dos quatro Evangelistas), ficando entre as ditas columnas quatro espa-

JOANNES DE MURIS — TRATADO DE MUSICA
Seculo XV

ços vasios (em branco), provavelmente — julga-o o Indice Preparatorio — destinados para se escrever um Indice ou «Concordancia». As pastas de encadernação d'este codice, como de quasi todos os de Santa Cruz, são de taboa, cobertas por fóra, de couro. O sr. Robinson, do Museu de Kensington, visitando a Bibliotheca em 1866, admirou as illuminuras, ficando de as mandar copiar em photographia, o que não realisou, talvez porque pouco tempo depois deixou de fazer parte do pessoal do dito Museu.

Afóra uns catalogos impressos geraes, a Bibliotheca publica do Porto possue tambem publicados alguns catalogos especiaes, como sejam o de sua Camoneana e o de sua Camilliana, bem assim os catalogos de Philosophia, Mathematica, o *De Re Militari*, o concernente á Marinha e Ultramar, o de theses e dissertações medico-cirurgicas, o de jornaes (do Porto), emfim, o de geographia.

Ora, em um appendice d'este se consigna que, além das obras e mappas referidos nas laudas a esse appendice anteriores, possue mais a Bibliotheca umas cinco pastas, que todas contem um certo numero de mappas e alguns muito curiosos.

Tanto na segunda como na terceira pasta se encontram mappas manuscriptos e desenhos. O catalogo enumeradamente os especifica, notando aquelles dos mappas que são impressos.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

SONETO

Fui leal para ti, fui dedicado,
só me pagaste com ingratidão!
Que esse crime d'amor seja vingado
e nunca possas ter consolação.

Que não encontres para o teu peccado
palavras de ternura ou de perdão;
com lagrimas de dôr seja amassado
e comido com lagrimas, teu pão!

Se amares, que ao teu amor lhe falte brilho,
e, se casares, que tenhas a má sorte
de não ser mãe, de não gerar um filho!

E quando emfim já velha e combalida
peças descanço a Deus, peças a morte,
— que Deus prolongue mais a tua vida!

1905 — Coimbra.

Ladislau Patricio.

CAPITULO XXIII

A resposta de Benita

— A resposta, Benita! — disse Roberto em ar de sonho, porque sonho se lhe afigurava isto tudo.

— Não a dei eu já ha mezes? Ah! bem me recordo! no meu coração estava ella, não em meus labios, quando aquella terrivel pancada me prostou! Depois constou-me o que tinha feito e estive a pique de morrer! O meu desejo era morrer para que nos reunissemos, mas não foi possivel, que não m'o consentiu a minha saude. Percebo agora o porque. Ambos nós estavamos com vida, ao que vejo, e succeda o que succeder, eis a minha resposta, se algum valor lhe dá ainda. Uma vez por todas, quero-lhe muito. Não me envergonho de o declarar, porque d'aqui a pouco é possivel que pela ultima vez fiquemos separados. Mas agora não se trata d'isso. Foi para salvar meu pae que vim aqui ter.

— Onde está elle, Benita?

— A's portas da morte, n'uma caverna alem, no cimo da fortaleza. De lá desci por um caminho secreto. Os matabeles ainda estão por aqui?

— Se estão! — redarguiu ella — Mas ha novidade. O meu guarda acordou ha cousa de uma hora para me informar que viera um emissario do rei Lobengula, e estão agora conferenciando sobre a mensagem. Foi por isso que Benita conseguiu escoar-se até aqui, aliás as sentinelas tel-a-hiam azagaiado, sucia de selvagens!

Puxou-a a si, e pela primeira vez lhe deu um beijo apaixonado; depois, como envergonhado, deixou-a afastar-se.

— Tem alguma cousa de comer? — perguntou ella — Eu cá... eu cá... estou a morrer de fome. Até aqui não dei por isso, mas agora...

— A morrer de fome? A Benita? e eu... Olhe! aqui está uma porção de carne fresca que eu não pude levar a noite passada, e que puz de parte para os cafres. Valha-me Deus! ter eu de alimental-a com os sobejos dos cafres! Mas a carne é boa... Coma, coma.

Benita agarrou com os dedos no pedaço de carne, e enguliu-o com avidez; ha que dias que ella se nutria apenas com uma pouca de bolacha e um tudo nada de carne secca. Soube-lhe deliciosamente; parecia-lhe que jamais comera iguaria tão gostosa. E entrementes elle contemplava-a com os olhos brilhantes.

Como tem animo de me olhar assim? — disse ella afinal — Eu devo estar horrenda; tenho passado a vida ás escuras e a arrastar-me pelo lodo. Até pizei um jacaré!

E disse isto com um arrepio

— Como quer que esteja, eu nunca desejo vel-a differente — redarguiu elle lentamente — Para mim, nenhuma existe mais bella.

Ainda n'essa conjunctura, apezar da situação, a pobre Benita córou de pejo; orvalharam-se-lhe os olhos que ergueu, dizendo:

— Obrigada. Agora já não me importa com o que me acontece, e o que aconteceu lá vae. O que importa é saber se nos poderemos escapar.

— Isso é que eu não sei — respondeu elle — mas duvido. Deixe-se ficar sentada na almofada do carro uns instantes, emquanto eu me visto, e veremos o que se pode fazer.

Benita assim fez. O nevoeiro ia-se dissipando, e atravez d'elle deparou-se-lhe um espectaculo que lhe abateu o animo. Entre ella e o monte Bambatse jorravam matabeles para o acampamento á beira do rio. Tinham pois as communicações cortadas. D'ahi a momentos Roberto acercou-se, e ella fitou-o com olhares anciosos, á claridade crescente da madrugada. Elle parecia mais velho de que por occasião do seu apartamento no *Zanzibar;* e mudado tambem, porque a physionomia era mais grave, e usava agora a barba crescida; alem d'isso, coxeava um pouco.

— Receio muito que chegassemos á ultima extremidade — disse ella, apontando para os matabeles.

— Com effeito, tambem me parece. Mas direi como Benita disse ha pouco: que nos importa agora? — e pegou-lhe na mão, acrescentando — Gozemos da nossa felicidade emquanto podermos, embora seja por poucos minutos. Não tarda que elles estejam comnosco.

— Mas que faz aqui, Roberto? — perguntou ella — E' prisioneiro?

— Exacto. Andava na sua piugada quando elles me capturaram; porque já aqui tinha entrado e sabia o caminho. Iam dar cabo de mim, conforme o seu costume, vae senão quando ocorreu a um d'elles mais intelligente do que os outros, que eu, sendo branco, talvez fosse capaz de lhes ensinar como poderiam levar a praça de assalto. Ora eu tinha a certeza que Benita estava alli; tinha-a visto em pé n'aquella cupula, embora elles julgassem que era o espirito de Bambatse. Por conseguinte não tinha grande vontade de os auxiliar, por isso que . . . bem sabe o que succede quando os matabeles assaltam qualquer logar! Mas, como Benita ainda vivia, tambem não tinha grande vontade de morrer. Por conseguinte instiguei-os a que, com as suas azagaias e outras ferramentas afiadas, tratassem de abrir um buraco no granito. Já furaram seis metros e meio, e calculo que não lhes faltam menos de uns quarenta e cinco a cincoenta. A noite passada estavam já cansadissimos com a obra do tunnel e de novo falaram em me mandar d'este para melhor, caso eu não lhes ensinasse algum plano mais pratico. Agora andam todos em polvorosa, e não sei o que está para acontecer. Olá! lá veem elles! Esconda-se no carro depressa!

Benita obedeceu. Ao abrigo do toldo onde não podia ser vista pelos matabeles, foi espreitando e prestando ouvidos. O grupo que se aproximava compunha-se de um chefe e de uns vinte homens, que marchavam atraz d'elle como uma escolta. Benita conheceu o chefe. Era Maduna, o capitão de sangue regio cuja vida ella havia salvado. A seu lado vinha um Zulu do Natal, carreteiro de Roberto Seymour, o qual falava inglez e servia de intreprete.

— Branco — disse Maduna — chegou-nos recado do nosso rei. Lobengula vae empenhar uma grande guerra e precisa de nós. Ordena-nos que deixemos esta reles peleja, esta lucta contra cobardes que se escondem atraz das muralhas, os quaes teriamos exterminado um por um, com certeza, se aqui nos demorassemos até envelhecer. Por conseguinte, d'esta vez deixamol-os em paz.

Roberto respondeu com toda a compostura que estimava muito isso, e que lhes desejava uma feliz jornada.

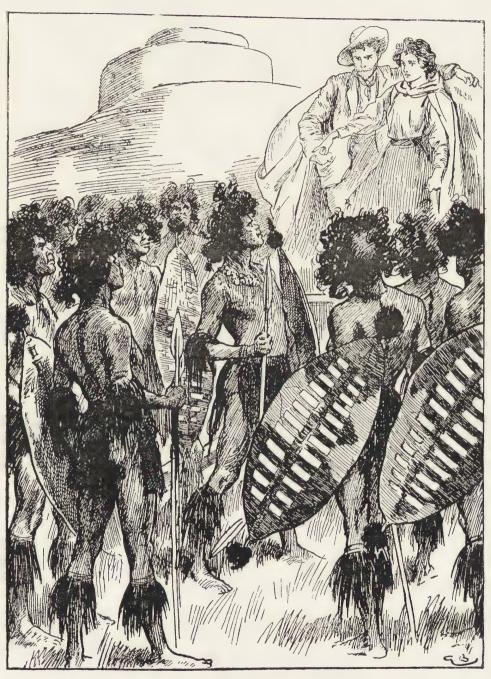
— Feliz jornada, deseja tu antes para ti, branco — responderam-lhe com rudeza.

— Ora essa! Quereis então que vos acompanhe á presença de Lobengula?

— Não! Onde tu tens que ir na nossa deanteira é ao Kraal d'esse rei negro que é maior ainda que o filho de Moseli-Katse, d'esse rei que se chama Morte.

Roberto cruzou os braços e disse simplesmente:

— Continua.

— Branco, prometti-te a vida se acaso nos ensinasses como haviamos de transpôr ou de escalar essas muralhas. Tu porem escarneceste de nós. Pozeste-nos a furar a rocha á lança e a machado, a cavar na pedra como se fôra terra solta, tu que com a sabedoria de tua gente podias ensinar-nos outro meio melhor. Temos pois de voltar deshonrados á presença do nosso rei, visto que não cumprimos as suas ordens, e portanto tu, que de nós zombaste, tens de morrer. Desce d'ahi; queremos matar-te sem barulho, para saber se tu és ou não um valente.

— QUEM FOI QUE VOS DEU A VIDA, A TI E A TEU IRMÃO?

Foi então que, emquanto a mão do seu noivo ia empunhar o revolver que trazia escondido no casaco, Benita, n'um movimento rapido, emergiu do carro e se ergueu ao lado d'elle na almofada.

— Ah! — bradou o chefe — E' a Virgem Branca. Como veiu ella aqui ter? Por arte magica, com certeza. Uma mulher pode lá voar como um passaro?

E todos elles a fitaram estarrecidos.

— Que importa o modo por que vim aqui, chefe Maduna? — respondeu ella em Zulu — Mas o motivo que me trouxe, vou eu dizer-t'o. Foi para evitar que ensopasses a tua azagaia em sangue innocente e afastar da tua cabeça a maldição que por isso n'ella recahiria. Responde-me tu agora. Quem foi que vos deu a vida, a ti e a teu irmão, lá dentro d'aquellas muralhas, quando os makalangas ameaçavam fazer-vos em pedaços, como fazem as hyenas a uma cabra montez? Fui eu, ou quem foi?

— Inkosi-Kaas, mulher chefe — replicou o induna, erguendo a larga lança em tom de saudação — Foste tu, ninguem mais.

— E que me prometteste então, principe Maduna?

— Virgem de alta estirpe, prometti-te a vida e quanto possuisses, se acaso alguma vez cahisses em meu poder.

— E' possivel que um chefe dos Amandebeles, um principe de sangue real, minta como um escravo mashona ou makalanga? Peior ainda! que diga apenas meia verdade, á laia de um chatim que rouba no preço ajustado? — perguntou ella com desprezo — Maduna, não foi uma vida que tu me prometteste, foram duas, duas, com tudo quanto essas duas creaturas possuissem. Pergunta alem a teu irmão, que é testemunha d'estas palavras.

— Deus do Ceu! — murmurou Roberto Seymour, olhando para Benita que se erguia de mão estendida e olhos fuzilantes — Quem diria que uma mulher abatida e quasi inane se abalançaria a jogar por tal forma a vida?

— E' como affirma a filha dos chefes brancos — respondeu o homem para quem ella apellara — Quando nos livrou dos colmilhos d'aquelles perros, tu prometteste-lhe duas vidas, meu irmão, uma em troca da tua, outra em troca da minha.

— Ouvel-o? — proseguiu Benita — Duas vidas me prometteste, e como guarda o promettido um principe de real prosapia? Quando eu e meu velho pae d'ali sahiamos pacificamente, despejou sobre nós as suas azagaias; correu em nossa perseguição. Mas foi o caçador que cahiu na armadilha, não a caça.

— Virgem — respondeu Maduna, com expressão envergonhada — a culpa foi tua, não minha. Se para mim houveras appellado. eu ter-te-hia deixado seguir ávante. Mas vós matastes a minha sentinella, e foi então que começaram a perseguir-vos; antes que eu soubesse quem tu eras, já a minha gente estava fora do alcance da voz.

— Pouco tempo tinha de meu para te pedir misericordia, mas seja assim — disse Benita — Conformo-me com o que dizes, e perdôo-te a offensa. Mas cumpre o teu juramento. Vae-te, e deixa-nos a ambos em paz.

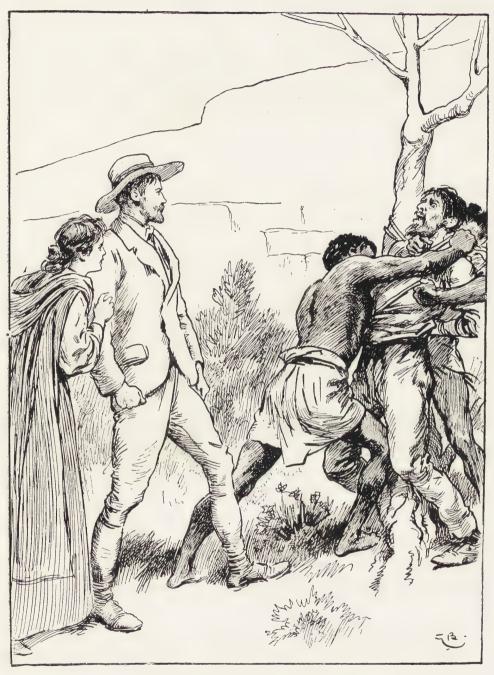
Maduna hesitava todavia.

— Tenho de contar tudo ao rei — disse elle — Que vem a ser para ti esse branco, para que eu o poupe? Dou-te a tua vida, a vida de teu pae, mas não a d'este branco que nos logrou. Se elle fosse teu pae, ou teu irmão, era outro caso. Mas não passa de um extranho, e é a mim que elle pertence, não a ti.

— Maduna — interrogou ella — acaso as mulheres como eu se encerram com um extranho no mesmo carro? Este homem é para mim mais do que pae ou irmão. E' meu marido, e tenho direito de reclamar a sua vida.

— Ah! — exclamou o lingua — agora percebemos tudo. Ella é mulher d'elle e sobre elle tem direito. Aliás não estaria dentro do seu carro. E' evidente que ella falla verdade, embora ignoremos como veiu aqui parar, a não ser que seja feiticeira, como cremos — e sorriu á sua propria esperteza.

— Inkosi-Kaas — disse Maduna — convenceste-me. Dou-te a vida d'esse raposo branco, que é teu esposo, e o que desejo é que elle não venha a zombar de ti como zombou de nós, e te ponha a cavar na rocha em vez de cavar na terra — e olhou para Roberto com colera — Dou-t'o, e mais tudo que a elle lhe pertence. E agora, tens alguma cousa a pedir?

— Tenho — redarguiu friamente Benita — Vós possuis uma grande somma de gado

MEYER FOI DESARMADO E AMARRADO A UMA ARVORE

que roubastes aos outros makalangas. Os meus bois comeram-se, e eu preciso de gado para puxar o meu carro. Peço-te que me dês de presente vinte bois, e — acrescentou ella depois de reflectir um instante — mais duas vaccas com vitellos, porque meu pae está lá em cima enfermo e precisa tomar leite.

— Sim, dae-lh'os, dae-lh'os depressa — acudiu Maduna com um gesto tragico que em qualquer outra circumstancia teria feito rir Benita ás gargalhadas — Dae-lh-os, e vêde que sejam bois, antes que nos exija tambem os nossos escudos e as nossas lanças; pois que ella afinal de contas salvou-me a vida.

Afastaram-se uns homens em busca dos bois e das vaccas, e não tardou que voltassem com elles.

Emquanto se passava este colloquio, agrupavam-se os matabeles em ordem de marcha, na terra chã, um pouco á direita d'elles. Começaram logo a passar, formados em companhias, precedidos pelos garotos que levavam as esteiras e as caldeiras e conduziam as manadas e os rebanhos capturados. Entretanto espalhara-se por entre elles a historia de Benita, a feiticeira branca que elles não podiam matar e que mysteriosamente voara do pincaro para o carro do prisioneiro. Sabiam egualmente que fora ella que resgatara o seu general das mãos dos makalangas, e aquelles que a tinham escutado admiravam o sizo e a coragem com que ella defendera e ganhara a propria causa. Por conseguinte, ao desfilarem por deante de Benita que estava de pé na almofada do carro, emquanto iam cantando um hymno de affronta e desafio aos makalangas que os espreitavam do cimo da muralha, ergueram para ella as suas grandes lanças em tom de saudação.

Era na verdade maravilhoso e imponente o espectaculo que elles offereciam, como poucas mulheres brancas haveriam alguma vez presenciado.

Foram-se todos afastando, e só ficou Maduna com uma escolta de duzentos homens. Encaminhou-se para a frente do carro, e dirigiu a palavra a Roberto Seymour.

— Escuta, raposo que nos forçaste a cavar em granito — disse elle com indignação — D'esta feita enganaste-nos, mas se torno a encontrar-te, és um homem morto. Agora que te concedi a vida — continuou elle com ar de desafio — se és realmente valente como dizem ser os brancos, não te resolves a descer d'ahi e a luctar comigo peito a peito, em combate leal e honroso?

— Decerto que não — respondeu Roberto depois de entender o desafio — Que partido tenho eu contra guerreiro tão valente como tu? Alem d'isso esta dama, minha esposa, necessita do meu auxilio para a jornada de regresso.

Maduna desviou d'elle os olhos com desprezo, e voltou-se para Benita.

— Vou-me — disse elle — nada receies. Não tornarás a topar com matabeles n'essa jornada. Tens algo mais a dizer-me, ó Linda Mulher de bocca unctuosa e engenho cortante como aço?

— Sim — redarguiu Benita — Andaste comigo lealmente, e em recompensa partilharás da minha boa sorte. A teu rei leva a mensagem da Feiticeira Branca de Bambatse, porque essa eu sou e mais ninguem. Que elle deixe esses makalangas, meus servos, permanecer em paz na sua velha fortaleza, e que não erga as azagaias contra os brancos, aliás cahirão sobre elle esses males que vos predisse o molemo.

— Ah! — disse Maduna — agora comprehendo como voaste do cume da montanha para o carro d'este homem. Não és mulher branca, és a Feiticeira de Bambatse, em pessoa. Tu propria o disseste, e com essas taes é perigoso ter guerra. Mulher de supremo condão, Espirito de velhas eras, saudo-te, e agradeço-te os teus presentes de vida e de fortuna. Adeus!

E afastou-se egualmente, á frente da sua escolta, e Roberto e Benita ficaram sósinhos, apenas com os tres serviçaes zulus e a manada de gado.

Então, concluido o seu papel e alcançada a victoria, Benita desabafou em lagrimas e cahiu sobre o peito do noivo. Logo porém se recordou, e soltou-se do abraço.

— Sou de um egoismo ignobil — disse ella — Como posso eu mostrar contentamento se meu pae está morto ou moribundo? Urge que vamos, sem mais tardar.

— Vamos, aonde? — perguntou Roberto, pasmado.

— Ao cimo do monte, d'onde eu venho,

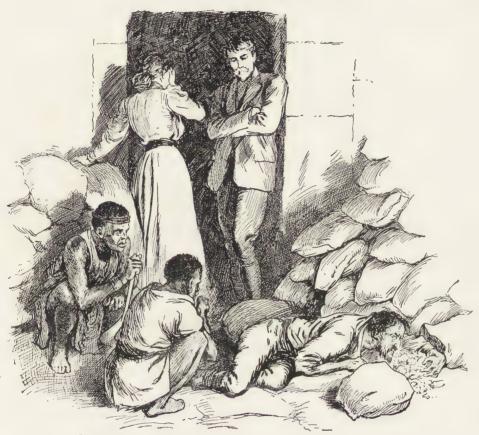
está claro. Ande! não se demore a interrogar-me. Eu lhe contarei pelo caminho. Espera!

E deu ordem ao conductor zulu que enchesse duas garrafas com o leite que estava a ordenhar.

— Não é melhor bradarmos aos makalangas que nos dêem entrada? — suggeriu Roberto, emquanto Benita embrulhava n'um panno uma porção de carne assada.

— Não, não. Ficarão suppondo que eu sou o que affirmei, a Feiticeira de Bambatse, cuja apparição é presagio de desventuras, e receiarão qualquer armadilha. Alem d'isso, ser-nos-hia impossivel trepar á muralha do cume. Siga-me, e se confia nos seus homens, traga comsigo dois com lanternas. O rapazito pode ficar guardando o gado.

D'ahi a tres minutos, seguidos pelos dois zulus, iam elles andando, ou antes correndo, pelas ribas do Zambeze.

— Porque não anda mais depressa? — perguntou ella com impaciencia — Ah! peço-lhe perdão, Roberto, agora reparo que está coxo. Como é que se aleijou, e como é que está vivo, ao contrario do que todos julgavam, depois do heroismo com que se portou... Sim, sim! que eu bem sei essa parte da sua historia!

— NÃO É MENTIRA! — REPETIU ELLE TIRANDO PARA FORA UMA MANCHEIA, E CHEIRANDO-A

— Por uma razão muito simples, Benita: porque não morri. Quando o tal cafre me tirou o relogio, estava eu sem sentidos, ora ahi está. O sol restituiu-m'os depois. Mais tarde appareceram por alli uns indigenas, boa gente a seu modo, comquanto eu não pescasse palavra do que elles diziam. Fizeram uma padiola de ramos de arvores, e transportaram-me umas poucas de milhas pela terra dentro, até ao seu *Kraal*. Padeci

dores terriveis, porque tinha uma fractura na coxa, mas afinal lá cheguei. Um cirurgião cafre concertou-me a perna lá á sua moda; deixou-a uma pollegada mais curta que a outra, mas antes isso que ficar sem ella.

«N'aquelle sitio me demorei dois mezes inteiros, por não haver um só branco por aquelles contornos, e, ainda quando o houvesse, eu não poder communicar com elles. Gastei depois outro mez a arrastar-me a caminho do Natal, até que consegui comprar um cavallo. O resto conta-se em poucas palavras. Como me constasse que me julgavam morto, dirigi-me a toda a pressa á fazenda de seu pae, Rooi Krantz, onde soube pela velhota Sally que tinham partido á caça do thesouro, d'esse mesmo thesouro, de que eu lhe havia falado a bordo do Zanzibar.

«Fui-lhes pois no encalço, encontrei-me com os serviçaes que tinham mandado retroceder, e foram elles que me contaram o que sabiam da viagem. Até que por fim, ao cabo de muitos trabalhos, como se diz nas historias, fui parar ao acampamento dos nossos amigos matabeles.

«Iam elles dar cabo de mim, quando de repente Benita surgiu no pincaro da rocha, deslumbrante como... como o archanjo da Aurora. Reconheci-a logo, por saber da sua tentativa de evasão e como fôra obrigada a recolher-se aqui de novo. Mas os matabeles ficaram todos convencidos de que era o espirito de Bambatse, que goza por estes sitios de grande fama. Foi isso que lhes distrahiu as attenções, e mais tarde, como já lhe contei, ocorreu-lhes que eu podia ser que fosse engenheiro. E agora já sabe o resto, não é assim?

— Sei — redarguiu suavemente Benita — Agora sei tudo.

Internaram-se então no canavial, e não tiveram remedio senão dar treguas á conversação, visto que só podiam caminhar a um de fila. Até que Benita, erguendo os olhos, viu que estava debaixo do espinheiro que irrompia da fenda da rocha. Com algum trabalho descobriu o mólho de canas, que ella havia curvado para marcar o buraco por onde sahira, e junto d,elle a lanterna. Parecia-lhe que tinham decorrido semanas desde que alli a deixara.

— Agora — disse ella — mande accender as velas, e se vir algum jacaré, atire-lhe.

CAPITULO XXIV

O verdadeiro ouro

— Deixe-me ir na frente — disse Roberto.

— Não — respondeu Benita — Eu já conheço o caminho; mas peço-lhe que esteja á espreita d'esse horrendo bicho.

Ajoelhou então e entrou de rastos pelo buraco, e após ella Roberto, e em seguida os dois zulus, que protestavam não ser formigas para furar por debaixo da terra. Benita ergueu a lanterna para ver se via vestigios do jacaré; não os encontrando, encaminhou-se resolutamente para o começo da escada.

— Avie-se — ciciou ella para Roberto, como se n'um sitio d'aquelles parecesse natural o falar de manso — Meu pae está lá em cima, ás portas da morte. Tenho um medo horrivel de que cheguemos tarde.

Era uma extranha procissão a que trepava por esses interminaveis degraus. Os dois zulus, embora lá fora cheios de arrojo, tremiam alli de medo. Finalmente, Benita surdiu pelo alçapão para o aposento onde estava o thesouro, e voltou-se para ajudar Roberto, cuja manqueira lhe tolhia a agilidade de movimentos.

— Que é isto? — perguntou elle, apontando para os sacos, emquanto esperavam pelos assustadiços zulus.

— Ora! — respondeu ella com indifferença — creio que é ouro. Olhe! ahi está espalhado pelo chão, sobre as pégádas de Benita Ferreira.

— Ouro! Com effeito! Isto deve valer ahi...! Mas quem vem a ser essa Benita Ferreira?

— Depois lhe conto. E' uma creatura que morreu ha dois ou tres seculos; este ouro era d'ella, ou da sua gente, e d'ella são essas pégádas no pó. Ainda não entende, valha-o Deus! Deixe lá essa odiosa riqueza, e siga-me depressa.

Transpozeram a porta que ella de manhã tinha aberto, e subiram a escada que ainda lhes faltava. Benita estava tão cheia de terror que nem sequer percebeu por onde andava. Se o pé do crucifixo tivesse girado sobre si! Se seu pae teria morrido! Se Jacob Meyer teria irrompido para o interior da caverna! Por si já ella não tinha

receio de Jacob Meyer. Graças! tinham chegado! A pesada porta começara a cerrar-se, mas por felicidade a pedra tinha-a mantido ainda aberta.

— Meu pae! meu pae! — gritou ella, precipitando-se para a barraca de campanha.

Não se ouviu resposta. Ella afastou a sanefa, baixou a lanterna e olhou. O velho jazia pallido e immovel, Benita chegara tarde!

— Morto! morto! — gemeu ella.

Roberto ajoelhou a examinar o velho, emquanto ella esperava n'um alvoroço de angustia.

— Devia estar — disse elle lentamente — mas creio que ainda vive, Benita. Ainda lhe sinto o coração. Não diga nada, não perca tempo. Deite uns pingos de genebra n'este leite.

Ella obedeceu, e, emquanto elle segurava na cabeça do velho, despejou-lhe na bocca, com mão tremula, umas gottas da beberagem. A principio entornou-se por fora, depois o doente enguliu-a automaticamente, e os dois perceberam então que elle estava vivo e deram graças a Deus. D'ahi a dez minutos, estava Clifford sentado na cama, fitando n'elle os olhos esgazeiados e pasmados, emquanto os dois zulus, cujos nervos estavam agora quebrantados de todo, contemplavam a pilha de esqueletos e o dominante crucifixo branco, e lamentavam em alta voz terem sido trazidos para a morte entre ossadas e fantasmas.

— E' Jacob Meyer quem faz este barulho? — perguntou Clifford em voz debil — E tu, Benita, onde te demoraste tanto tempo e... e quem é este sujeito que te acompanha? Tenho uma ideia do seu rosto.

— E' o branco que estava no carro, meu pae, um velho amigo que tornou á vida. Robrto, veja se põe cobro ao ganir d'esses cafres. Meu pae, meu pae, entende o que eu digo? Estamos salvos, sim, estamos livres do inferno e soltos das garras da morte.

- Então Jacob Meyer morreu? — perguntou ella.

— Não sei onde elle pára, nem o que lhe succedeu, nem isso me importa, mas não seria mau que o soubessemos. Roberto, alli fóra está um doido. Ordene aos cafres que deitem abaixo aquelle muro, sim? e trate de o apanhar ás mãos.

— Que muro? Que doido? — perguntou elle fitando-a com pasmo.

— E' verdade, nada sabe. Eu lhe explico o que tem a fazer; mas acautele-se, porque elle provavelmente ha de receber-nos a tiro.

— A modo que isso tem seus perigos, não é assim? — perguntou Roberto, desconfiado.

— Tem, mas não ha remedio senão affrontal-os. Não podemos transportar meu pae pelo caminho por onde viemos, e se não tratarmos de lhe dar quanto antes ar e luz, elle morre-nos com certeza. O homem que está lá fora é Jacob Meyer, o socio de meu pae; deve lembrar-se d'elle. Todas estas semanas de fadigas e de pesquizas infructiferas deram-lhe volta aos miolos; queria por força hypnotisar-me e...

— E que mais? Querem ver que a requestava?

Benita acenou affirmativamente, depois continuou:

— Portanto, quando viu que nada conseguia, nem hypnotisar-me nem mais nada, ameaçou matar meu pae, e foi por isso que nos vimos obrigados a esconder-nos n'esta caverna e a entaipar-nos, até que por fortuna eu atinei com a sahida.

— Amavel cavalheiro, o sr. Jacob Meyer. Sempre assim foi! — disse Roberto, subindo-lhe a côr ao rosto — Lembrar-me que Benita poderia estar nas unhas de um patifão d'aquelles! Não importa! Agora, tenho esperanças de ajustar com elle as minhas contas!

— Não lhe faça mal, meu querido Roberto, a não ser que não haja mais remedio. Lembre-se que é um irresponsavel. Ainda outro dia imaginou ver aqui dentro uma alma do outro mundo.

— Pois se não tiver juizo, arrisca-se a vel-as em barda, d'aqui a pouco.

Encaminharam-se para a entrada da caverna, e no meio do maior silencio que lhes foi possivel, começaram a derrubar o muro, destruindo em poucos minutos o que tanto trabalho havia custado. Quando estavam quasi no fim, preveniram-se os zulus de que lá fora havia um inimigo, e de que tinham de ajudar a apanhal-o, sem lhe fazer mal. Elles do melhor grado se dispozeram a isso; para se verem livres d'aquella caverna, eram capazes de arrostar com meia duzia de inimigos.

Aberta uma brecha no muro, Roberto disse a Benita que se afastasse para o lado. Depois, apenas os seus olhos se foram acostumando á luz escassa que alli penetrava, sacou do revolver e acenou aos cafres que o seguissem. Foram de rastos pela passagem, muito vagarosamente, para que a irradição subita do sol os não cegasse, emquanto Benita esperava, de coração palpitante.

Passou-se algum tempo, quanto nem ella mesmo percebeu, até que de repente quebrou o silencio a denotação de uma carabina. Benita não poude conter-se. Precipitou-se pela passagem sinuosa, e logo defronte da entrada distinguiu confusamente os dois brancos rebolando pelo chão, emquanto os cafres, saltando em derredor, espreitavam ensejo de lançar mão de um d'elles. N'esse momento conseguiam elles o seu intento, e Roberto levantou-se, sacudindo o pó das mãos e dos joelhos.

— Um cavalheiro muito amavel, este sr. Jacob Meyer — repetiu elle. — Podia tel-o matado quando estava de costas para mim; mas não o fiz, em attenção ao seu pedido. Depois tropecei, com a perna coxa, elle voltou-se de repente e apontou-me a carabina. Olhe! — e mostrou-lhe a orelha rasgada pela bala — Por fortuna lancei-lhe as unhas antes que elle podesse disparar outro tiro.

Benita não podia encontrar palavras por onde manifestasse a gratidão que lhe transbordava do seio. O que fez apenas foi agarrar na mão de Roberto e beijal-a. Em seguida olhou para Jacob.

Estava extendido de costas, e os alentados zulus prendiam-lhe braços e pernas; tinha os beiços estalados, azues e inchados; o rosto estava quasi negro, mas os olhos reluziam ainda de insania e de odio.

— Bem o conheço — gritou elle para Roberto, em voz rouquenha — E' outro fantasma, o fantasma do que morreu afogado. Se assim não fosse, a minha bala tel-o-hia matado.

— E' exacto, sr. Meyer — respondeu Seymour — Um fantasma é que eu sou. Agora vossês, rapazes, aqui teem uma corda. Atem-lhe as mãos atraz das costas e apalpem-n'o. Ahi n'essa algibeira ha um revolver.

Os zulus obedeceram. Não tardou um momento que Meyer fosse desarmado e amarrado a uma arvore.

— Agua — gemeu elle — Ha que dias que não bebo senão o orvalho que podia chupar nas folhas

Apiedada, Benita correu para o interior da caverna e voltou logo com uma lata cheia de agua. Um dos cafres chegou-a aos labios de Jacob, que bebeu sofregamente. Depois, deixando-lhe de guarda um dos zulus, Benita, Roberto e o outro zulu voltaram á caverna, e com todos os cuidados transportaram para fora Clifford em cima da enxerga, e collocaram-no á sombra de um penhasco, onde elle ficou a abençoal-os em voz fraca, por o trazerem de novo á luz do dia. A' vista do velho, Meyer desabafou outra vez a sua furia.

— Ah! — bradou elle — Tivesse eu dado cabo de ti ha muito tempo, já ella agora seria minha, e não d'esse canalha. Tu é que te metteste de permeio entre nós.

— Olhe lá, ó amigo! — atalhou Roberto — Tudo o mais lhe perdôo, mas, ou doido ou ajuizado, faça favor de não deixar passar-lhe pela bocca o nome de Miss Clifford, aliás entrego-o ás mãos d'estes cafres que o tratarão conforme os seus merecimentos.

Jacob comprehendeu, e calou-se. Deram-lhe mais agua e alguma cousa de comer, da carne que tinham trazido e que elle devorou com avidez.

— Agora está melhor? — perguntou Roberto apenas elle acabou — Ouça então. Tenho uma boa noticia a dar-lhe. Encontrou-se o thesouro que andavam procurando. Vamos dar-lhe metade, um dos carros e uma porção de bois, e pôl-o quanto antes d'aqui para fora. E de futuro, se eu torno a pôr-lhe a vista em cima antes de chegar a terra civilisada, atiro-lhe como se atira a um cão damnado.

— Mente! — disse Meyer com rancor — O que querem é atirar comigo para o sertão, para ser assassinado pelos makalangas ou pelos matabeles.

— Pois bem! — disse Roberto — Desamarrem-no, rapazes, e tragam-no cá. Quero mostrar-lhe se acaso minto.

— Para onde me levam? — perguntou Meyer — Para a caverna, não; não quero lá entrar; está cheia de fantasmas. Se não

fosse o fantasma que eu lá vi dentro, ha muito que tinha deitado o muro abaixo, e tinha dado cabo d'esse velho escorpião mesmo deante dos olhos d'ella. Mas era eu aproximar-me do muro, e ver logo o fantasma a espreitar-me.

— E' a primeira vez, que me consta, que um fantasma serve para alguma cousa — observou Roberto — Tragam-no, andem. Deixe, Benita, sempre quero que elle veja se eu sou mentiroso.

Accenderam-se luzes, e os dois vigorosos zulus arrastaram Jacob, seguindo-os Roberto e Benita. A começo elle barafustou com violencia, depois, ao ver que não podia resistir, lá foi para deante, com os dentes a baterem de terror.

— E' cruel isto — obtemperou Benita.

— Um poucochinho de crueldade não é cousa que lhe faça mal — redarguiu Roberto — Muita lhe sobeja ainda para infligir aos outros. Alem do que, vae alcançar aquillo por que ha tanto anda suspirando.

Conduziram Jacob aos pés do crucifixo, onde o acommetteu uma especie de ataque de nervos, depois empurraram-no pela porta e pela ingreme escada, até que de novo se acharam no cubiculo do thesouro.

— Veja! — disse Roberto, sacando da faca de mato e golpeando um dos sacos de couro, d'onde jorrou no mesmo instante uma torrente de bagos e contas de ouro — E agora, amigo, diga lá que sou mentiroso!

A este portentoso espectaculo, pareceu dissipar-se o terror de Jacob e voltar-lhe o entendimento.

— Admiravel! admiravel — disse elle — sacos e sacos de ouro. Agora sim! que hei de ser rei! Não, não, é tudo sonho, como o resto. Não creio que elle esteja alli. Soltem-me os braços e deixem-me apalpar.

— Desamarrem-no — disse Roberto, assestando ao mesmo tempo o revolver sobre elle — Agora não poderá elle fazer-nos mal.

Os cafres obedeceram, e Jacob, saltando sobre o saco rasgado, mergulhou n'elle as mãos emmagrecidas.

— Não é mentira! — bradou — Não é mentira! — repetiu tirando para fora uma mancheia e cheirando-a — E' ouro, é ouro, é ouro! Centenas de milhares de libras de ouro! Vamos a um ajuste, ó inglez, e prometto não te matar como tinha tenção. Leva a pequena, e dá-me o ouro todo!

E no seu extasi desatou a derramar as bagas brilhantes por cima da cabeça e do corpo.

— NUNCA MAIS SE ERGUERÁ A FEITICEIRA BRANCA SOBRE O PINACULO DA COLUMNA...

— Uma nova versão da lenda de Danae! — ia suggerindo Roberto em voz sarcastica, quando de repente se deteve, ao ver o aspecto de Jacob soffrer uma alteração tremenda.

O rosto assumira-lhe uma côr de cinza, os olhos tinham-se arregalado e esgazeiado, erguera as mãos como para empurrar de cima de si o quer que fosse, tremia-lhe o corpo todo, e arripiavam-se-lhe os cabellos. Recuou lentamente e ter-se-hia despenhado pelo alçapão, se acaso um dos cafres o não desviasse. Foi recuando, recuando, até esbarrar com a parede, e ahi

ficou de pé, talvez durante meio minuto. Levantou a mão, e apontou primeiro para as antigas pégádas, algumas das quaes ainda se destinguiam na poeira do pavimento, e em seguida, pareceu-lhe a elles, para Benita. Agitaram-se-lhe rapidamente os labios, como se ainda estivesse a discutir, a fazer objecções, mas o mais horrendo é que d'elles não sahia o minimo som. Por ultimo, rolaram-lhe os olhos nas orbitas até se verem apenas as alvas, humedeceu-se-lhe o rosto como se por elle houvesse escorrido agua, e, sempre sem soltar sequer um gemido, cahiu de bruços e não fez mais um movimento.

Tão terrivel fôra aquella scena que os dois cafres soltaram um uivo de pavor e desataram a correr pela escada acima. Roberto precipitou-se sobre o judeu, voltou-o de costas, poz-lhe a mão no peito e ergueu-lhe as palpebras.

— Está morto — disse elle — Não ha duvida. Privações, excitação cerebral, lesão cardiaca, eis a historia toda.

— Talvez — redarguiu debilmente Benita — mas na realidade creio que começo tambem a acreditar em fantasmas. Olhe! nunca tinha reparado n'isto; eu não andei por aqui, mas estas pégádas parecem ir mesmo direitas a elle.

Voltou as costas e fugiu tambem.

Decorrera mais uma semana. Os carros tinham uma carga mais preciosa do que raro talvez havia enchido outros carros. N'um d'elles, n'um verdadeiro leito de ouro, dormia Clifford, ainda muito fraco e doente, mas já um pouco melhor e com bastantes probabilidades de restabelecimento, pelo menos temporario. Deviam pôr-se a caminho um pouco depois do romper de alva, e Roberto e Benita já estavam a pé, á espera. Ella tocou-lhe no braço e disse-lhe:

— Venha comigo. Estou com o capricho de visitar ainda estes sitios, pela ultima vez.

Treparam pela encosta acima e depois pelos degraus que Meyer havia entulhado e que já estavam desobstruidos, chegaram á boca da caverna, accenderam os candieiros que tinham trazido comsigo, e entraram. Lá estavam os destroços da barricada que Benita havia construido com desespero, lá estava o altar do crucifixo, erecto, frio e pardacento como permanecera ha talvez tres mil annos. Lá estava a sepultura do velho monge que tinha agora um companheiro, pois que alli jazia tambem Jacob Meyer, com os ossos cobertos pelos residuos que elle proprio desenterrara, na sua ancia louca de riqueza, e além pendia tremendo o Christo da sua cruz. Só haviam d'alli desapparecido os esqueletos dos portuguezes, porque com a ajuda dos cafres tinha-os Roberto removido todos para o aposento vasio do thesouro, fechando o alçapão e tapando a porta, para que d'ora avante alli jazessem em paz.

Pouco se demoraram n'este lugubre local. Dando-lhe para sempre as costas, sahiram e treparam para o cone de granito, afim de verem o sol erguer-se sobre o amplo estuario do Zambeze. Levantava-se glorioso, esse mesmo sol que havia alluminado a alanceada Benita Ferreira, e mais a outra Benita, a ingleza viva, quando esta alli estivera, cheia de desalento, a ver de longe o branco aprisionado pelos matabeles.

Disversa era agora a stuaição, e n'essa mesma eminencia, d'onde talvez muitas miseras creaturas haviam sido despenhadas para a morte, d'onde com certeza a virgem portugueza a procurara, esses dois felizes entes não se envergonhavam de dar graças ao ceu pelo jubilo que lhes concedera e por suas esperanças de vida longa e venturosa que juntos vivessem. Para detraz d'elles ficava o terror da caverna, por detraz as nevoas do valle, mas em derredor reverberava scentelhas a luz do sol, e por sobre elles extendia-se o firmamento eterno!

Desceram da columna, e no sopé viram um velho assentado. Era Mambo, o molemo dos Makalangas: logo de longe lhe reconheceram a cabeça de neve e o semblante macilento e ascetico. Ao aproximarem-se, percebeu Benita que seus olhos estavam cerrados, e segredou a Roberto que elle estava dormindo. Elle comtudo sentira-os aproximar-se, e até adivinhara o pensamento d'ella.

— Virgem — disse elle em voz suave — virgem que não tardarás a ser esposa, eu não durmo, embora sonhe comtigo como ha

muito me succede. Que te disse eu logo no primeiro dia em que nos encontrámos? Que para ti eram bons os meus presagios; que escusavas de ter receio, embora a morte pairasse á roda de ti; que n'este mesmo logar tu, que grandes angustias havias soffrido, encontrarias quietação e felicidade. Tu porém, virgem, não quizeste dar credito ás palavras do Munwali, proferidas pelos labios do seu propheta, assim como esse que está a teu lado e que será teu esposo, não me quiz crer em annos passados quando eu lhe predisse que nos tornariamos a encontrar.

— Pae — replicou ella — suppuz que esse repouso seria apenas aquelle que no tumulo encontramos.

— Não me quizeste dar credito — proseguiu elle sem attender ao que ella dizia — e foi por isso que tentaste fugir, e por isso que teu coração se lacerou de terror e de angustia, quando deveria ter esperado pelo desfecho com confiança e em paz.

— Pae, crueis foram minhas provas.

— Virgem, isso sei eu, e porque tão crueis foram, padeceu-as comtigo o Espirito de Bambatse e atravez d'ellas guiou seguramente teus passos. Sim, comtigo andou esse Espirito, de noite e de dia, pela manhã e á tarde. Quem, senão elle, feriu o homem que alem jaz morto de horror e de loucura, quando elle fôra capaz de vergar á sua a tua vontade e de te fazer sua esposa? Quem te revelou o segredo do thesouro, e quaes os passos que te guiaram por aquelles degraus abaixo? Quem foi que te fez passar incolume por entre as sentinellas dos amandebeles, e te deu discernimento e engenho para arrancar ás mãos sangrentas de Maduna a vida de teu esposo? Sim, comtigo sempre andou e comtigo andará sempre. Nunca mais se erguerá a Feiticeira Branca sobre o pinaculo da columna, ao nascer do sol ou á claridade do luar.

— Pae, nunca te comprehendi, nem te comprehendo agora — disse Benita — Que tem comigo esse espirito?

Elle teve um ligeiro sorriso, e respondeu lentamente:

— Isso, não me cumpre a mim dizer-t'o; sabel-o-has um dia, mas não aqui. Quando tu tambem houveres immergido no silencio, então o saberás. Mas affirmo-te que tal não será, emquanto o teu cabello não houver embranquecido como o meu, e outros tantos annos como eu hajas tu de existencia. Ah! pensavas tu que eu te havia desamparado, quando, receiosa pela vida de teu pae, choravas e oravas na escuridão da caverna. Mas tal não era; eu deixava apenas que se cumprisse por si a sentença que eu lera, conforme estava determinado.

Ergueu-se, e, arrimando-se ao cajado, pousou a mão mirrada na cabeça de Benita.

— Virgem — disse elle — nunca mais nos encontraremos na terra. Mas porque a meu povo trouxeste a libertação, por seres meiga, pura e leal, leva comtigo a bençam do Munwali, proferida por boca de seu servo Mambo, o velho molemo de Bambatse. Embora uma vez por outra saibas o que são lagrimas e passes á sombra das desgraças, longos e felizes serão teus dias com aquelle a quem escolheste. Surgirão filhos em derredor de ti, e filhos dos teus filhos, e sobre todos elles recahirá a mesma bençam. E' teu o ouro que vós brancos tanto estimaes, e esse ouro multiplicar-se-ha, para dar alimento aos famintos e abrigo aos que tiritam de frio. Mas dentro do teu coração jaz thesouro mais opulento, que não se pode dissipar, o thesouro inestimavel da misericordia e do amor. No somno e na vigilia, o amor te tomará a mão, para te guiar atravez do antro tenebroso da vida para a eterna mansão de ouro purissimo, que cedo ou tarde será legado áquelles que o procuram.

E com o cajado apontou para o ceu resplendente da manhã, onde nuvemsinhas roseas fluctuavam e se sumiam uma por uma.

Aos olhos ennublados de Roberto e de Benita, assimilhavam-se ellas a archanjos de azas brilhantes, que escancarassem os negros portaes da noite, e annunciassem o sol victorioso, a cujo advento se dissipam o desespero e as trevas.

A Sympathia

Não houve nunca esculptor
Que do marmore te arrancasse;
Nem pintor,
Que, num relance de genio,
Te retratasse.

Não tens forma... e és quanto ha bello!
Dás o amor sem o ciume,
E com o mago perfume,
Que ha num beijo virginal!

A nada obrigas. Comtudo,
Esse nada... esse ideal...
Domina tudo!

Junho, 906.

Dia de Finados

Para a sciencia não ha,
Hoje Dia de Finados:
A vida não findará.

Porém quantos desgraçados,
Sabios dos mais afamados,
Vão, a occultas, neste dia,
Beijar, sobre a pedra fria,
Os seus mortos adorados!

Monte de Caparica, Torre.
Novembro, 2 — 906

Bulhão Pato.

VILLA FRANCA DO CAMPO
Vista geral — Ilheu e estufas

NAS TERRAS DOS AÇÔRES

A cultura do ananaz

SÓLO bemdito, cultivado palmo a palmo pelo braço laborioso dos insulares, bem póde dizer-se que cada uma daquellas nove ilhas do archipelago açôriano é um pomar florido, que se desentranha em fructos.

Terra bemdita, querida pelos ilheus, que a trabalham amoravelmente, desde as rochas que a espuma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam, as lindas terras dos Açôres lembram jardins virentes, que a natureza, num capricho de artista extraordinario, tivesse espalhado ali entre as ondas do Atlantico.

Nos Açôres, a terra é o maior e melhor cuidado do homem; que Deus não mande algum castigo violento, e ella fará encher as arcas de pão, porá risos nos labios e bençãos na bôca de todos os camponezes.

O homem dos campos açôrianos é o typo do homem bom por excellencia: Raro a sua alma abriga odios, rancores, invejas. Derrubou-lhe o furacão as sementeiras? — Paciencia! Deus não o deixará morrer á mingua! — Produziram mais as terras do visinho? — Que Deus o ajude; e a graça de Deus é grande: a todos tocará o seu quinhão!

Sente-se a gente bem ao atravessar os campos dos Açôres: não ha cabeça

de aldeão que se não descubra num cumprimento, bôca que se não abra numa saudação.

Queimados do sol, olhar franco, almas claras, consciencias claras, no lar mais pobre ha sempre uma gôta de caldo e um pedaço de pão para um faminto sem lar.

O camponez insular tem tanto amor á terra que cultiva, que, mesmo aos domingos, quando os seus braços descançam do labor fatigante de seis dias, e já quando a tarde desce e a luz morna do sol beija as searas, numa derradeira chuva de oiro, grupos se vão campos em fóra, para sentar-se nos atalhos, á beira das terras, passeiando o olhar pelas sementeiras — olhar onde, quasi sempre, scintillam clarões de esperança, onde, alguma vez, passa uma nuvem de tristeza...

Cultivar a terra, cuidar da terra, amar a terra! — Eis o seu credo.

E a terra bem lhe paga essa ternura, desentranhando-se em pão — terra bemdita que os ilheus trabalham amoravelmente, desde as rochas que a espuma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam!

ESTUFAS NA PROPRIEDADE DO SR. VISCONDE DA PALMFIRA

De todas as culturas açôrianas, a do ananaz, (*Bromelia ananas* L., *Ananas sativa, Lindley.*) é, a muitos respeitos, a mais interessante. Pratica-se exclusivamente na ilha de S. Miguel, concentrando-se, principalmente, nos arredores da cidade de Ponta Delgada e

em Villa Franca do Campo, e espalhando-se por varios pontos do sul da ilha.

Os ananazes cultivam-se em estufas, bem expostas ao sol, tendo 2 a 3 metros de alto por 6 a 10 de largo. Os seus telhados são de vidro, conservando-se fechados quando o calor é fraco, abrindo-se quando elle excede a 28.º

De ha muito tempo que a cultura do ananaz é conhecida, sendo quasi certo que o precioso fructo foi descoberto no Brazil, em 1555, por Jean Lery, e trazido dêste paiz para a Inglaterra.

Na França, foi em 1733 que elle fez a sua entrada triumphal, figurando na mêsa de Luiz XV.

INTERIOR DE UMA ESTUFA

centigrados, de forma a manter sempre, lá dentro, o calor necessario á vida das plantas, costumando conservar-se caiado no primeiro periodo da vegetação.

Os michaelenses fazem a reproducção pelo systema do *brolho*, e a plantação com plantas de 4 a 6 mezes de edade.

Os ananazes *(Bromeliaceas)* são plantas originarias dos paizes tropicaes das Americas, e teem, nas varias regiões donde são originarias, os nomes de Pita, Jayama, Vanacous, Ponyama, Kapotsiana, Ungby, etc.

Da Costa Rica e da California são exportados ananazes para os mercados europeus, onde, todavia, os de origem

michaelense são os mais apreciados pelos consumidores.

O primeiro anno em que se cultivaram ananazes em S. Miguel foi o de 1867-1868, no qual a exportação foi apenas de 427 fructos.

De longe, vistas ao sol, as massas compactas das estufas apresentam um aspecto phantastico, reflectindo a luz numa esplendencia offuscante. Lá dentro, em filas mais ou menos longas, alinham-se as lindas plantas, ou em flôr, ou de fructo já verde, ou com aquella sua doirada côr, exhalando no ambiente suffocante um aroma consolador.

VISCONDE DA PALMEIRA

A cultura do ananaz, que tem constantemente trabalhadores ao seu serviço, exige multiplos e incessantes cuidados. O seu tratamento varia conforme o tamanho da planta, e a terra para a cultura é toda vegetal. As plantas devem estar de 50 a 60 centimetros de distancia umas das outras, para o seu regular desenvolvimento.

Entre os cuidados especiaes que a cultura do ananaz demanda, avultam os das aguadas e do grau de calor a manter nas estufas.

Desde a sua plantação até ao periodo da exportação, podem decorrer cêrca de dezoito mezes. Tendo as plantas attingido o tamanho conveniente, a floração é provocada pelo fumo, processo curioso, descoberto casualmente nos Açôres, e que consiste em queimar dentro das estufas queiró verde, deixando actuar o fumo sobre as plantas durante uns 3 dias. Passados 15 a 20 dias vem a floração.

É só depois que surgem os fructos, elegantemente erectos, encimados por uma corôa verde, e em seguida se vão doirando, amadurecendo, creando aquelle seu particular e precioso odôr. Depois é encaixotá-los, remettê-los para Londres e Hamburgo, a bordo de vapores que, para esse fim, fazem carreiras especiaes a Ponta Delgada, com escala por Villa Franca do Campo.

A quantidade de fructos annualmente exportados é sem duvida importante, tendo vindo augmentando de anno para anno, como se vê do seguinte mappa elucidativo, correspondente aos ultimos oito annos de exportação:

Annos	Malotes	Ananazes
1898	70:166	659:439
1899	73:408	693:164
1900	81:431	770:174
1901	94:614	940:921
1902	93:826	930:688
1903	96:209	958:542
1904	106:429	1.072:301
1905	111:033	1.162:543

Daqui resulta que o numero de fructos exportados de 1898 a 1905 foi de 7.187:772, e o de malotes (1) de 727:116, tendo sido o anno findo aquelle em que a exportação se realisou em mais larga escala.

A média, sempre crescente, de ananazes, por cada malote, nesses oito annos, foi, respectivamente, de 9,39 — 9,44 — 9,45 — 9,44 — 9,91 — 9,96 — 10,07 e 10,47.

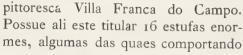
Assim, tambem por anno, a média de ananazes exportados para Londres e Hamburgo é de 898.471 ½, e a de malotes de 90.889 ½.

Tomando, para cada ananaz, o preço médio de 400 réis, foram recebidos em S. Miguel, nos oito annos citados, 2.875:108$800 réis, que dão uma média de 359:388$600 réis insulanos por anno, reduzidas as despezas feitas com a cultura e exportação do fructo.

Referem-se estes dados aos dois principaes mercados importadores, que são Londres e Hamburgo, sendo mesmo impossivel obter a nota de exportações para outros destinos.

Fica, no emtanto, ahi bem patente a importancia que tem o commercio de ananazes na vida economica michaelense.

*

Um dos primeiros cultivadores de ananazes é o visconde da Palmeira, na

pittoresca Villa Franca do Campo. Possue ali este titular 16 estufas enormes, algumas das quaes comportando para cima de 1.000 plantas. O total de fructos produzidos nessas estufas é de 20.000, que permittem ao visconde da Palmeira fazer uma continuada exportação de ananazes, o que não é facil, attendendo ao longo periodo que decorre da plantação até estar o fructo em estado de poder exportar-se.

UM ANANAZ GIGANTE

E como em mais duma iniciativa rasgada o visconde da Palmeira se tenha salientado na sua honesta e laboriosa vida, concorrendo para o progresso da sua terra, vem a pêlo dizer que, de modesta origem, a sua grande fortuna, o seu titulo, as suas honrarias e a consideração que todos os seus conterraneos lhe tributam, obteve-as elle por direito de conquista, trabalhando constantemente, com tenacidade e com honra.

*

Aquellas duas grandes cidades estrangeiras, Londres e Hamburgo, são as principaes no consumo do precioso fructo.

O ananaz é elegante na forma, de sabor agradabilissimo, de delicioso e inebriante perfume. E não sendo o seu preço modesto, é um fructo para mêsas aristocraticas, em cujo centro brilha aristocraticamente entre os demais fructos.

Mesmo em S. Miguel, não sendo os

(1) Caixas de madeira, com divisões, onde os fructos vão acondicionados, envoltos em folhas.

proprietarios de estufas ou os mais afortunados, raros podem obter dos melhores ananazes, que nem apparecem á venda. Os bons vão para fóra, para serem regados a vinhos finos nas mêsas ricas da Allemanha, pagos em oiro na cidade das libras esterlinas.

Na ancia de exportar muito, o cultivador parece já não attender á qualidade: attende á quantidade.

Seja como fôr, porém, o que é certo é que este ramo da agricultura michaelense é o unico, pela sua importancia de exportação, a substituir o da laranja, nos bons tempos em que os terrenos da ilha se achavam coalhados de quintas de laranjeiras.

Tempos bellos, em que se fizeram muitas e grandes fortunas com essa exportação fabulosa, para cujo serviço iam do porto de Ponta Delgada dezenas e dezenas de escunas.

Foram-se já. Má doença definhou as laranjeiras. Esses campos agora estão transformados em terra de semeadura — campos rasos onde medram os altos milharaes e o trigo loiro ondula.

Agora a laranja não tem já o antigo tamanho e o sabor antigo; restrictos são os campos que a produzem, e pequena é a receita da sua venda local e da sua exportação.

Ainda assim, aquella boa Providencia que véla pela sorte do agricultor açôriano — Céres, talvez — anda de campo em campo, de pomar em pomar, de horta em horta, olhando por todas as sementeiras, para não deixar que se definhem, para evitar que a aza negra da miseria adeje por sobre os telhados e o côlmo das casas dos camponezes açôrianos.

E como elles, certamente, rusticos e simplices, não têm relações com Cé-

ESTRADA DE VILLA FRANCA PARA AS FURNAS

res, é a Deus, ao Deus que de pequeninos aprenderam a amar, de joelhos e mãos postas, á beira dos seus leitos pobres, pelas Avé-Marias, ou ante as luzes do altar da sua ermidinha — é a Deus que elles agradecem a abundancia das suas terras — sólo bemdito que os ilhéus trabalham amoravelmente, desde as rochas que a espuma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam.

Lisboa — Julho de 1906.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

VIGO

Sete horas da manhã. Vigo desperta. E eu sigo
Pelo caes que ladeia o seu porto d'abrigo.
Porto maravilhoso e segundo do mundo!
As encostas de lá, como um panno de fundo
Pintado por artista ingenuo e genial,
Dão-me toda a vizão da paizagem rural!
Aldeolas gentis surgem em meio d'arvoredos,
Lembrando, vagamente, amorosos segredos
A que mão infantil de leve erguesse o véo...
O sol campeia já no radioso céo!
E as aguas da bahia aonde o azul se espelha,
Teem, na superficie, algo de prata velha.
Pequeninos vapores de pesca erguem, seguindo
Ondas leves. O caes é largo, alegre e lindo.
Na encosta da cidade ha palacetes bellos;
Raros. Que pena! o mais, fructo de desmazelos,
Nem pittoresco tem. Reclama dynamite...
É preciso que alguem surgindo aponte e incite
Uma transformação n'esta cidade amiga
A que tanta e real sympathia nos liga.
Mas bandos feminis, pela avenida fóra,
Veem a praia buseando; e já encantadora,
Vestida do esplendor das bellezas vigenses,
Vigo se torna. Vê, mulher, como tu vences!

Alcantara Carreira.

EPITHALAMIO

Junto da casa nupcial, uma *cerejeira centenária,* coberta de cerejas, abre sôb o claro sol d'uma manhã de estio um ninho de sombra onde a Noiva se acolhe, a sonhar. O velho vegetal estremece ao vêl-a, alonga os braços andrajados de musgos — e do seio da sua verdura profunda de árvore generosa, uma voz se evola, cariciosa e subtil como uma neblina de pólens:

Senhora que vindes, candida e perfeita,
De que céus descestes? Que estrella vos guia?
— Tão formosa e alva, nem que fosseis feita
Do mais tenro trigo que agora se aleita
Aos seios da terra que tambem me cria!

Se sois uma noiva, sêde vós bemvinda,
Que outras, em passados tempos sem lembrança,
Tambem já viéram palpitar de esperança
Sôb estes meus ramos que dão sombra ainda.

Pendem-me dos braços fructos pequeninos
Que parecem feitos de esmolas da aurora;
Quando sopram brandos ventos matutinos,
Todos elles bailam, num folgar de sinos
Repicando em festa pelos campos fóra!

Inda neste musgo que me faz selvagem,
Ha signaes dos passos d'ágeis rapazinhos,
Que vinham outróra disputar aos ninhos
O sádío embalo da minha ramagem.

Mal o sol batia na mais alta serra,
Já elles saltavam barrocaes e vallos!
— Passaram os annos, passou uma guerra...
Hoje são já mortos—e em vão sôb a terra
Estendo raizes longas a buscal-os.

Vós que sois, Senhora, pura como o linho,
Se tiverdes filhos (assim Deus o queira!)
Dizei-lhes que subam á velha fructeira
Que foi ama-sêcca de seu avôsinho.

E vereis que logo todos os meus braços,
Rijos como penhas, grossos como traves,
Vergarão contentes p'ra lhes dar abraços
E darão mais fructo só de ouvir seus passos
Entre o arfar das folhas e o cantar das aves!

Assim já tão velha, mártyr de pelejas
Com o vento e a neve, minha esp'rança extrema
É que um filho vosso com beijos esprema
Algum dia o sangue das minhas cerejas.

Depois, quando eu morra, calma, sem terrores
D'árvore de fôrca lésa de vinganças,
Fazei do meu tronco berços creadores,
Porque quem balouça fructos, aves, flôres,
Sabe embalar sonhos puros de creanças.

D. João de Castro.

VISTA D'UMA PARTE DA FABRICA

Um passeio

Como nodoa de oleo, em panno fino, Lisboa alastra, constantemente, febrilmente, ha uns annos para cá, invadindo montes, surribando encostas, atulhando valles, arrazando, com os seus tentaculos de polvo gigante, os casaes tranquillos, as velhas casas de campo enegrecidas, os olivaes alpendurados e tristes dos arredores.

É um pequeno mundo de poesia, de graça pittoresca, de frescura que desapparece. Vão-se os caminhos, tortuosos, irregulares, sombreados pelo velho arvorêdo de musculosos braços retorcidos, apertados entre balsas — desapparecem as curvas encantadoras, as azinhagas mysteriosas, cheias de silencio, de vallados altos debruados de piteiras aggressivas, de alegra-campos, de azinhos, de silvas coleantes, de espinheiros.

Aqui e ali, o regato que atravessava a estrada, onde os passaros vinham beber e as mulheres lavavam, cantando, de agua serena — a linfa dos poetas — transparente, a derivar por seixos brancos, silenciosa e limpida, desviado... seccou!

Desmembram-se, mutilam-se os casaes: partiu-se ao meio o pomar unido e fresco; entulhou-se a horta; seccou-se o morangal, esvasiou-se o tanque. Ao alto, a nora erguida nos pilares musgosos emudeceu inutil, e queda-se, hirta, sombria, a apodrecer, a desconjunctar-se, como um cadaver de pé. O seu machinismo, mudo, primitivo parece chorar... os raros alcatruzes de barro, sanguineos, escorregando nos calabres, remedam as lagrimas do monstro. Quem sabe como as coisas falam e as noras cantam, sente ao aspecto d'esta agonia um peso no coração.

O inesperado das voltas, a mutação do quadro, a variedade da paisagem nos tons diversos da luz, a poesia bucolica do terreiro sombrio, da lapa escusa da fonte, do bosquesito de sôbros, do canavial rumoroso ladeando o regato, estes pequenos oásis de graça humilde, de frescura, de caricia para o corpo e de repouso para o espirito, esbandalhou-os a picareta bruta, o alvião, ás ordens do commercio e da industria. Como os grandes deuses da antiga Hellada, os deuses gnomicos da vegetação humilde, do côrrego, do algar, do ribeiro manso, da nascente escondida, das flôres da urze e da madresilva, do rosmaninho e da murta... vão-se!

*

Pensamentos com que ia, n'um d'esses passeios em que me apraz perder-me pelos bairros excentricos de Lisboa, andando ao acaso, vendo, olhando como estrangeiro. A rua nova acabou. Parei. A léste abre se um valle profundo; ao longe, como fita de prata que ligue os montes, curva-se uma fita do Tejo. Um caminho serpeia a embrenhar-se no valle; meti por elle. Pleno campo: chão pedregoso, cheio de socalcos, de rodados de carros, de lama endurecida; bocados de muros que se esboroam pelos declives, grenhas de silvas sahindo á estrada a filarem as calças, a pescarem o chapéu. De um lado e outro, pelos montes, o olivedo sombrio. Ao fundo um portão, aberto para um caminho que atravessa o valle e entesta com uma casa grande, branca, a meia encosta, de aspecto alegre.

Passava um carroceiro.

—Que casa é aquella?

—É uma fabrica.

—De quê?

—De camisas.

Sentei-me n'um marco de pedra, acendi o cigarro e deixei divagar o pensamento.

—Fabrica de camisas... Uma camisa!... coisa branca, coisa leve. Em fralda de camisa... faz rir. Uma camisa de onze varas... faz mêdo. Adão não tinha camisa... nem Eva. Depois da maçã devia ser sério. Saltei os seculos.

OFFICINA DE PREPARAÇÃO DE COLLARINHOS

Camisa vem de *camisia* romana; seriam os romanos que a inventaram? Não sei. Sei que veio da Italia para a Europa e que por cá, foi durante muitos annos, um objecto de luxo, só usado pelos ricos e pelos grandes, com parcimonia. A rainha de França mulher de Carlos VII, tinha só duas. É natural que a amante, a formosissima Ignez Sorel tivesse mais. Joias tinha, porque empenhando-as sustentou as tropas reaes por mezes, se é certo o que nos conta Schiller, na sua *Joana d'Arc*. De camisas de mulheres decotavam os corpetes e os homens rasgavam o peito e as mangas dos gibões. Usavam-se de todas as côres; mas a mais celebre foi a côr *Izabel*...

Izabel de Hespanha, filha de Carlos V, casada com Maximiliano II, foi para a guerra dos hollandezes com o marido. Deante de Ostende prometteu que emquanto não fossem vencidos os inimigos, não despiria a camisa. A guerra durou tres annos e D. Izabel, senhora de palavra, não a despiu. Quando a tirou estava ama-

UMA DAS OFFICINAS DE COSTURA

rainhas portuguezas, nada sei. Os chronistas não publicaram os róes da roupa. Apenas me lembra que o João Andeiro, n'um dia em que Leonor Telles lhe deu um bocado do véu para limpar o suor, lhe disse que preferia limpar-se-lhe á camisa. A rainha chorou a rir.

Tinha muita graça, o Andeiro.

N'esse tempo, as camisas de mulher eram de linho fino, bôas, bem que não attingissem a riqueza dos seculos futuros, em que se encheram de pedras e oiro. Para que se vissem, as

rella, de um amarello ruivo, diz o chronista. Imagine-se. Pois a camisa immunda da rainha deu a côr da moda para esse tempo.

D'então para cá, a camisa esconde-se pudicamente; confidente intima, furta-se aos olhares indiscretos. Começa por ser simples, de linho fino, ampla como uma alva, branca como uma açucena, casta como um lyrio. Os tres inimigos do homem — e da mulher — tomam conta d'ella; e adeus simplicidade, ó castidade, adeus! Fizeram-nas de bretanha de seda, subli-

maram-lhe o corte, aboliram-lhe o collo, encurtaram-lhe a fralda, suprimiram-lhe as mangas, crivaram-na de bordados, entremearam-na com rendas finissimas, ornaram-na com fitas e laços setineos e fizeram d'ella essa graciosa tunica, delicia da pelle, encanto do olhar, que faz falar a nudez e que se fecha na mão. Uma camisa... coisa leve... coisa bella!

Apagou-se o cigarro. Reacendo-o.

Que camisas celebres conheço? Celebres para o mundo, está visto... porque particularmente, todos nós temos, na nossa vida, uma camisa... Adeante. Mas... conheço duas: a camisa negra da Sarah Bernhardt, uma cabotina, e a camisa vermelha de Garibaldi, um heroe. E lá ia eu metter-me em recordações burlescas do espinafre tragico, ou em evocações das proezas medievaes do heroe de Caprera, quando um homem novo, de aspecto agradavel e vivo olhar, me perguntou:

—Deseja vêr a fabrica de camisas?

—Com o maior prazer. De mulher?

—De homem—responde com um ligeiro sorriso.

—É menos poetico; mas, com o maior prazer, vamos.

*

Uma fabrica é hoje, uma verdadeira maravilha.

O operario é, apenas, o dirigente mais ou menos habil, de uma força mysteriosa, omnipotente, que o cerca, que o envolve, dentro da officina. A fabrica é um animal vivo, cuja alma, cujo sangue se sente latejante em todos os apparelhos, em todos os orgãos. Tem o seu estomago—a caldeira; o seu coração—o motor; o seu cerebro—o gerador electrico; os seus nervos—os fios conductores. Entrei.

N'um telheiro isolado, altas, cilindricas, duas caldeiras—os gazogeneos—digerem silenciosamente a sua ração de hulha. Os gazes da digestão correm a animar dois motores, n'uma ampla casa rez do solo de paredes bran-

PARTE DA OFFICINA DE ENGOMMADOS

cas, limpa como um salão. São dois, o mais pequeno da força de 20 cavallos, descança; o maior de 150, trabalha, com uma serenidade, uma precisão e ao mesmo tempo com uma energia assombrosa. O pezado volante volteia com a rapidez de um astro; um ligeiro suór, discreto, humedece as articulações do monstro que ronca, poderosamente, isochronamente, entre inspirações e respirações de um titan.

E complicado e é simples. Ninguem o vigia, está só. Disse-se-lhe: trabalha. Eil-o que trabalha horas e horas sem um simples descanço, sereno, grave, imperturbavelmente. E um gigante e é uma creança. Tem uma chapa da casa italiana: Franco Tosi.

Á direita, a lavandaria. Varões de ferro cruzando-se no alto, tambôres, correias que descem a fazer girar enormes cilindros de ferro, horizontaes, cheias de roupa e que

GAZOGENEOS

CENTRAL ELECTRICA

invertem, automaticamente, o sentido do movimento, a espaços, como se pensassem... os brutos. Aos lados, os seccadôres volteiam, de modo, com tal rapidez, que o olho não alcança o movimento e os vê immoveis, n'um halo pardacento da agua que se evapora. Sabe-se que se movem porque produzem um sibilo, agudo, estridulo, indiscriptivel. Em casas proximas machinas para dar gômma, vaporisadores electricos, estufas, apparelho branqueador, pela electrolise.

Subo ao primeiro andar. A vista é empolgante. O espaço enorme é um salão colossal de alto tecto, as altas paredes fendidas por amplas janellas envidraçadas. A luz entra em ondas. Centenas de mulheres, de todas as idades, de aspecto agradavel, um grande ar de aceio, trabalham afanosamente. A variedade das posições, dos movimentos, anima o enxame rumoroso. O ne-

gro das cabeças, as côres vivas dos lenços, o branco dos aventaes, dão ao conjuncto um aspecto kaleidoscopico, polichromico, delicioso á vista. Ha uma multidão de arremata-deiras, de alinhavadeiras, de revistadeiras, de cazeadeiras.

Cento e cincoenta machinas de coser, americanas e allemãs, alinham-se em fila, parallelas, elegantes, com o seu machinismo gracil, cheias de tintilações metalicas, de rodopios, de tinidos. Um rumôr baixo, zumbido alegre que nasce do bicar das agulhas, do parar brusco das rodas, da trepidação dos sobrados, do fallar das mulheres, enche o enorme salão de uma melopeia, acariciadôra e suggestiva.

PARTE DA OFFICINA DE CORTE

Vê-se que ha a suggestão collectiva do movimento, de trabalho.

E assim é que em grandes cestos de vime cahem, continuamente, molhos de punhos, de collarinhos, de camisas, de todos os feitios e côres, como se a vara de uma fada os fizesse surgir, magicamente, dentre as mãos habeis das raparigas ou de sobre as mezas polidas das machinas buliçosas.

N'uma officina junto ao salão, sobre amplas mezas, descem de forcas metalicas serras verticaes, delgadas como fitas, cortando com um ruido de vôo de insecto, massas folhadas de panno, seguindo com uma obediencia absoluta ás mãos dos camiseiros a curva exigida pelo contorno do molde. A tesoira elegante morreu. A industria, mais uma vez, matou a arte. Mas se o poude fazer no corte do panno não o conseguiu no endurecel-o, no abrilhantal-o. O engommar é ainda uma arte. Como prova, n'um comprido salão parallelo, em duas enormes bancadas, noventa mulheres trabalham com noventa ferros electricos de engommar, presos a fios que descem do alto, sobre nuvens brancas de pannos alvissimos.

Curiosa officina! É tudo branco: as paredes, as mezas, o chão, o fato das mulheres, a roupa que atulha os aparadores, os taboleiros em que se empilha, engommada. Parece que neva n'aquella casa, ou que as mulheres trabalham entre flocos de espuma. Os corpos movem-se languidamente, em curvas sensuaes, em posições ora altivas ora humildes, erguendo-se, curvando-se, debruçando-se, rithmicamente, graciosamente, n'uma mimica sugestiva que arremeda ora o fugir de um abraço, ora o embalar de um berço. Poucas as falas, macio o correr dos ferros, branca a luz, branca a roupagem, a officina tem um ar calmo e religioso de um templo onde as sacerdotisas officiassem n'um comprido altar, em ritos singulares.

*

Sobre cada operario pende em todas as officinas uma pêra electrica, fôsca, no alto das

janellas redemoinham as ventoinhas sibilantes. Nos anexos da fabrica, na casa de jantar dos operarios, a volta de um botão accende os fogões; em baixo nos pateos, aqui e alli, nas suas cazotas de madeira, bombas aspiram, continuamente, a agua de profundas nóras e atiram-na para os tanques superiores de milhares de metros de capacidade.

Não ha gazes deleterios, nem cheiros corrosivos, nem exalações doentias nas casas de trabalho. De dia a luz clara do sol, a jórros; á noite dão-na os globos, brancos, intensa como um luar de janeiro.

N'um momento, todo este colossal movimento pode parar; n'um instante, de chofre, recomeçará, sem fim, á vontade do homem.

CASA DAS OFFICINAS DE LAVANDARIA E ENGOMMADARIA

Pois bem, todo este movimento, este trabalho, continuo, heterogeneo, cumplicado, o esfuziar das agulhas, o andar das calandras, o roer das serras, o voltear dos cilindros de lavagem, o rodar vibrante dos seccadores, o chupar alto das bombas, o zunir zombeteiro das ventoinhas, o rir luminoso e convulso das lampadas, todo este trabalho enorme, esfôrço colossal que exigiria milhões de braços, milhares de vontades e de aptidões inteligentes, combinados n'um esfôrço titanico, tudo isto se consegue com o esfôrço que se podia exigir a um recemnascido movendo uma espatula polida sobre um quadro metalico!

Não é verdade que uma fabrica de hoje é uma pequena maravilha?

*

Quando sahi, ao olhar para traz, subindo a ladeira para a cidade a fabrica illuminou-se subitamente, como um palacio encantado.

Ressaltava batida pela luz dos globos electricos dos umbraes a brancaria das alas parallelas; fachas brancas de luz sahiam pelas vidraças luminosas como durante um baile. Os ruidos vagos do interior, lembravam o con-

fuso esmorecer das conversas e folguêdos de um grande festim.

Não era, era a respiração de uma grande officina.

Pensando nas antigas instalações operarias, sem hygiene, sem luz, sem conforto, sente-se que o trabalhar se adoçou ao mesteiral dando-lhe a casa limpa, o bom ar, a luz farta.

O trabalho é e será sempre um castigo — lá o diz a Biblia; a mais alta conquista do coração humano será o de dulcificar esse castigo; o supremo bem seria o poder conseguir transformal-o n'um prazer.

Então o pobre sentiria que a porta da fabrica era a entrada de um logar amado; e quando o motôr enchesse de vida com o seu rom-rom de gato colossal, corredôres, escadas e salas; quando as lampadas illuminassem as galerias, o operario sentir-se-hia alegre, feliz, contente e estaria, realmente, n'uma festa de trabalho, que por tal sêr não seria nem menos bella, nem menos consoladôra festa.

(Pht. de Arnaldo da Fonseca)

MARCELLINO MESQUITA.

Nota. — Não se julgue que este valle e esta linda fabrica são inventados. O valle é o Valle-Escuro, alli para os lados do Monte. A fabrica é a dos srs. Barros & Santos. Dir-me-hão que o passeio parece um reclamo! Talvez

UM TRECHO DA LAVANDARIA

1.º premio

AO MEIO DIA — ORANDO PELA AVÓ

Cliché do sr. Joaquim Fernando Dias Daniel, Leça da Palmeira

O TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "Serões"

Como os leitores verão pelas provas que começamos hoje a publicar, teve o mais brilhante resultado o nosso terceiro concurso photographico. Muitos dos concorrentes não se compenetraram comtudo perfeitamente das condições exaradas, e assim dá-se o caso que algumas provas enviadas, embora technicamente interessantes, são simples retratos sem intenção, e outras denunciam um artificio demasiado convencional para a composição do quadro.

Congratulamo-nos pelos bellos quadros photographicos que os concorrentes classificados nos deram ensejo de apresentar aos nossos leitores.

Os resultados foram os seguintes:

1.º premio — Sr. Joaquim Fernando Dias Daniel, Leça da Palmeira.

2.º premio — Sr. X. de Sousa, Porto.

3.º premio — Sr. Viriato Campos, Alcaçovas.

Menções honrosas

Os Srs.:

Alves Junior, Porto.

Antonio Francisco de Lemos, juiz de Fóra (Minas, Brazil).

Bergamin, Porto.

João Ignacio Leal Junior, Lisboa.

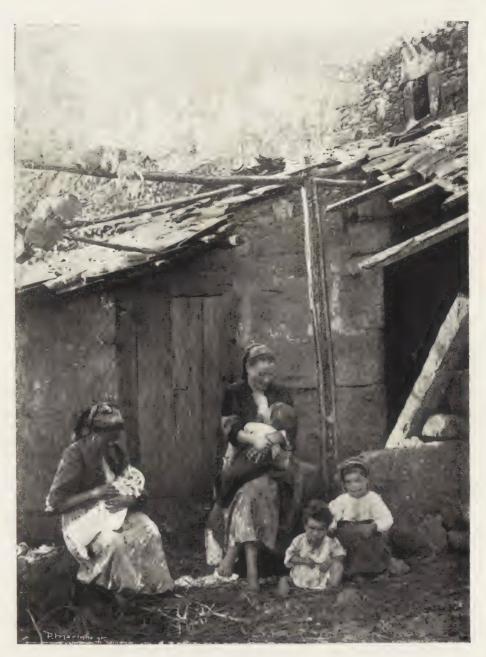
Manuel Gomes Pinto, Porto.

Thiago Silva, Alcacer do Sal.

X. de Sousa, Porto.

Abrimos desde já o nosso quarto concurso, para o qual pedimos uma **paizagem de caracter bem portuguez**, podendo ter quaesquer figuras humanas ou de animaes para darem vida ao quadro.

Esse concurso deverá encerrar-se no dia 31 de março, para que os amadores photographicos possam escolher entre aspectos de inverno ou do despontar da primavera. Qualquer d'essas quadras tem a sua belleza propria, á qual convém dar realce.

2.º premio

MATERNIDADE

Cliché do sr. X. de Sousa (Porto).

3.º premio

COLHENDO AMORAS

Cliché do sr. Viriato de Campos (Alcaçovas)

Comedia phantastica para creanças

Personagens

ELSA, chamada *O Capuchinho Vermelho*
A MÃE DE ELSA.
A AVÓ DE ELSA.
O LOBO.
UM LENHADOR.

QUADRO I

Uma cozinha. Meza ao centro. Armario á direita. Janella á esquerda. Porta á direita.

SCENA I

A MÃE DE ELSA. — *(Está sentada á meza, trabalhando n'um chale de malha de lã).* — Mau! Lá me cahiu outro ponto! Quando acabarei este chale para minha mãe?... Coitada! Está muito velha e precisa abafar-se bem do frio do inverno!... De mais a mais mora no meio da matta!... E ninguem a arranca de lá. Diz que as arvores são suas amigas velhas e fieis! Se estará melhor d'aquella doença?... Ou ainda não se levantará? *(Pára de trabalhar e vae á janella.)* Que dia tão lindo! Vou mandar a pequena saber d'ella. E ha de levar-lhe um presente. O que ha de ser?... *(Abre o armario.)* Ah! Este bolo, que fiz hontem... meia duzia de ovos muito fresquinhos e um queijo de ovelha. *(Tira estas coisas do armario e põe-n'as sobre a meza; depois vae chamar á porta da direita.)* Elsa! Elsa! Vem cá, minha filha!

ELSA. — *(Dentro.)* Lá vou, minha mãe.

MÃE. — E traze o teu cestinho!

SCENA II

A MÃE E ELSA

ELSA. — *(Entra com o cestinho e uma corda para saltar).* — Aqui estou, minha mãe!

LOBO. — Estou com as pernas que não as sinto!

ELSA. — A avósinha tambem gosta muito d'estas flores.

Tenho andado a saltar á corda. Gosto muito d'esta brincadeira.

MÃE. — Por hoje acabou-se. Tens de ir ver a avósinha, que está doente de cama. Ha de estimar muito que lhe faças companhia um bocado. Vive tão só! *(Pondo-lhe uma capa vermelha com capuz, que foi buscar.)* Bom! Já estás bem abrigada contra o frio. E não tires o capuchinho da cabeça, ouviste? Se alguem te chamar, como costumam, Capuchinho Vermelho, não dês cavaco. E' a maneira de nunca mais brincarem comtigo.

ELSA. — Sim, minha mãe. Ah! Para que me mandou trazer o cesto?...

MÃE. — Para levares dentro d'elle um presente.

ELSA. — A' vóvó?...

MÃE. — Adivinhaste. *(Pondo dentro do cesto o que tinha levado para cima da mesa.)* Este bolo...

ELSA. — Ai! Que bom! A avósinha ha de gostar muito d'elle, não ha de?... E tambem d'estes ovos e d'este queijinho?...

MÃE. — Espero que sim. *(Cobre o cesto com um guardanapo e dá-lh'o.)* E agora vaes direitinha a casa da avó, e tambem voltas para cá direitinha, quando ella te mandar embora. Não fales a ninguem, que encontrares no caminho. Bem sabes que na matta anda um lobo. Mette pavor a quantos o veem e é muito mau. Não lhe digas nada, percebeste?... Os lobos comem ás vezes as pessoas, e aquelle, se puder, come-te sem te deixar inteiro um dedo mindinho.

ELSA. — *(A tremer.)* Fique descançada, minha mãe. Ainda que o horrendo bicho me venha falar, eu não lhe respondo. Adeus! *(Beija a mão e a cara da mãe.)*

MÃE. — Adeus, meu amor, e dá muitas saudades minhas á tua avó. Não te esqueças do que eu te recommendei. *(Sae Elsa pela porta da direita.)* Tenho toda a esperança em que o lobo não ande esta tarde a passeiar na matta. *(Vae á janella espreitar Elsa. Diz-lhe adeus com a mão e senta-se depois á meza, a fazer meia. Desce o panno.)*

QUADRO II

Na matta. Caminho atravessando a scena. Mouta de flores na direita. Arvore no centro. Entradas pela direita e esquerda.

SCENA I

O LOBO *(Só, passeia pela scena, coçando os vasios).* — Safa! Que fome! Que fome! Ainda hoje não pude ver sequer um pardal, quanto mais tomar-lhe o gos-

to! Uma vida assim não chega a netos, nem a filhos com barbas! *(Olha para a arvore e abana a cabeça.)* Já é ter pouca sorte!... Nem já posso andar n'esta roda viva! *(Deixa se cair no chão, ao pé da arvore, e encosta-se a esta.)* A' força de sentir o estomago vasio, estou com as pernas que não as sinto. Morrer é sempre triste... *(Bocejando e fazendo cruzes na bocca)* principalmente quando se morre de *peneira. (A cabeça pende-lhe para o tronco da arvore. A meia voz e por entre dentes.)* Isto já está por pouco. *(Ouve-se a voz de Elsa, cantando a distancia. O lobo ergue-se n'um pulo, escuta e fareja.)* Que é isto? *(Vae pé ante pé em direcção ao lado d'onde vem a voz. O canto continua a ouvir-se cada vez mais proximo. O lobo abana a cauda satisfeitissimo e lambe gulosamente os beiços.)*

ELSA. — *(Cantando dentro.)*

O' minha mãe da minh'alma!
O' pae do meu coração!...
Por muitos annos que eu viva
Não vos pago a creação.

O LOBO. — Não é um pardal, nem um franganito, é uma rapariguinha, talvez muito rechunchuda. *(Ri e salta de alegria. Vae espreitar por entre as arvores.)* Oh! E' o Capuchinho Vermelho! Não caibo em mim de contentamento! *(Esconde se atraz do tronco da arvore. Entra Elsa da direita, desce até ao proscenio, pára e fica a olhar para umas flores que traz na mão.)*

SCENA II

ELSA. — *(Só.)* A avósinha tambem gosta muito d'estas flores. E' o meu presente. Vou enfeitar com ellas o cestinho. *(Senta-se deante da arvore e arranja as flores no cesto.)* Estou a sentir o cheirinho do bolo! Ainda é melhor que o das flores!... Se eu tirasse um bocadinho? Nada! Nada! E' para a vóvó... Se ella m'o der, como costuma, agradeço-lh'o muito, porque já estou n'uma fraqueza!...

O LOBO. — *(Escondido atraz da arvore.)* Que direi eu?

ELSA. — *(Olhando para a mouta da direita.)* Oh! Estão acolá umas flores ainda mais bonitas do que estas. *(Vae apanhal-as, volta para junto da arvore, e sem querer faz tombar o cestinho).* Oh! Queira Deus não se partissem os ovos. Deixa-me ver... *(Examina os ovos, um por um. O lobo sae muito sorrateiramente de traz da arvore e senta-se por deante d'esta. Elsa, sempre entretida com os ovos, querendo sentar-se de encontro á arvore, senta-se de encontro ao lobo. Volta-se e dá um grito fortissimo.)* O lobo! *(Levanta-se de esfuziote e corre para a direita).*

SCENA III

ELSA E O LOBO

O LOBO. — *(Com voz meiga.)* Não tenhas medo, querida Elsa.

ELSA. — Tenho, oh! se tenho! Minha mãe disse-me que mettes pavor e que és muito mau e podias comer-me toda, não deixando sequer um dedo mindinho.

O LOBO. — Tua mãe está enganada. Foi-lhe dizer isso alguem que me quer

ELSA — Boas tardes, avósinha

mal. Tenho o estomago estragado e só posso comer ervas e fructas. A carne ha mais de um anno que não vae á minha bocca.

ELSA. — Estimo que assim seja, mas com licença... Vou-me embora, porque minha mãe me recommendou que me não demorasse pelo caminho. *(Pega no cestinho e afasta-se um pouco do lobo.)*

O LOBO. — Oh! Não te vás ainda. E' raro o dia em que tenho alguem com quem conversar. Vivo aqui tão sósinho!...

ELSA. — Tambem a minha avó vive sósinha e eu tenho de ir ter com ella. Desculpa-me, sim?

O LOBO. — Ah! Vaes ter com a tua avósinha?... Isso mostra quanto és boa.

ELSA. — *(A' parte.)* Mas o lobo não é tão mau como dizem... nem mette pavor.

O LOBO. — Sabes?... Tambem vou para os lados onde mora a tua avósinha. Se queres, acompanho-te.

ELSA. — Muito obrigada, mas o senhor lobo vae mais depressa e eu tenho estes ovos para levar...

O LOBO. — Levo-t'os eu e chego lá n'um instante, não só porque vou por um atalho, que ha pelo meio da matta, mas tambem porque tenho pernas mais ligeiras e compridas.

ELSA. — *(Dando-lhe o cestinho.)* Deixe-m'o á entrada da choupana da minha avó.

O LOBO. — Deixo, sim, fica descançada. Em todo o caso vamos a ver quem chega lá primeiro. Pode ser que esteja enganado. Tu és mais nova do que eu... Vou dizer um, dois e tres. Quando disser tres, desatamos ambos a correr, cada um pelo seu lado. Um! Dois! Tres! *(Elsa sae a correr pela esquerda. O lobo dá dois saltos para a direita, mas pára e fica a rir.)* Tem graça!... Não a engoli n'este mesmo sitio, porque podia apparecer algum caçador que me interrompesse o banquete. Em casa da avó estou muito melhor. Primeiro papo a velha,

e depois... E eu que a fazia já enterrada. Por isso ainda não tinha lá ido. Oxalá não esteja muito dura de roer. (*Sae pela esquerda, rindo ás gargalhadas. Desce o panno.)*

QUADRO III

A choupana da avó. O lobo está deitado na cama, com a camisa de dormir e a touca da pobre da velha.

SCENA I

O LOBO, *só.* — Ah! que bello jantar eu papei! *(Apalpando o estomago.)* Mas aqui ha logar para muito mais. A pequena vae com certeza tomar-me pela avó. Que pena o meu nariz ser tão comprido! Admira que não tenha já chegado o Capuchinho Vermelho. Talvez ande a apanhar mais flores. O peior é se me esqueço das palavras que disse a velha, quando bati á porta... Como foi?... Ah! «Levanta o bedelho e entra, minha neta». Mas a minha voz não é bem egual á da avó... Como ha de ser isto? O que eu faço é tossir muito. *(Batem á porta.)* Levanta o bedelho e entra, minha neta. Hum! Hum! Hum! *(Tosse e esconde um pouco o focinho com a dobra do lençol. Entra Elsa e pára junto aos pés da cama.)*

SCENA II

O LOBO E ELSA

ELSA. — Boas tardes, avósinha. *(O lobo tosse e espirra.)* A vóvó está mais constipada! Tem uma tosse tão funda!... *(O lobo tosse outra vez e rosna. Elsa põe o cestinho em cima da mesa.)* Tenho muita pena de vir encontral-a peior. *(Approxima-se da cama.* (A minha mãe manda lhe um bolo, uns ovos e um queijinho. *(Mostra o que traz no cesto.)* Ai! Mas como a avósinha está transtornada! Não parece a mesma! As suas orelhas cresceram muito...

O LOBO. — E' para te ouvirem melhor.

ELSA. — E os seus olhos fizeram-se tamanhos!...

O LOBO — E' para te verem melhor.

ELSA. — *(Com a voz a tremer)* E os seus dentes tornaram-se tão compridos!...

O LOBO. — *(Saltando para fora da cama.)* E' para te comerem melhor! *(Elsa foge para um canto do quarto, gritando muito e perseguida pelo lobo.)*

ELSA. — *(Com voz muito forte.)* Acudam! Acudam! E' o lobo! E' o lobo! *(Barulho dentro. A porta é arrombada e entra da esquerda um lenhador armado com uma espingarda.)*

ELSA. — Deus Nosso Senhor lh'o pague!

SCENA III

OS MESMOS, UM LENHADOR

LENHADOR. — Que é isto

aqui?... Ah! Maroto! Espera que já te ensino! *(O lobo quer fugir, mas o lenhador dá-lhe um tiro e mata-o.)*

ELSA. — *(Soluçando.)* Deus Nosso Senhor lh'o pague. Ah! Eu bem sei porque tudo isto me aconteceu. E' porque não cumpri á risca as ordens de minha mãe.) *Encosta-se á cama, chorando. Olhando para o lobo pelo cantinho do olho.)* Mas elle estará bem morto?

LENHADOR. — Lá isso está. Escapaste da morte por uma unha negra. *(Olhando pela janella para fora.)* Oh! Ahi vem a tua mãe... Não a vês acolá, correndo do lado do arvoredo?

ELSA. — Ah! E' verdade! E' verdade! *(Chamando-a.)* Minha mãe! Minha mãe!

LENHADOR — Estiveste quasi a não tornar a vel-a. *(Entra da esquerda, apressadamente a mãe de Elsa. A pequenita corre para ella.)*

SCENA IV

OS MESMOS, A MÃE DE ELSA

ELSA. — Ai! Minha rica mãe! Sempre tive um susto! O lobo ia-me comendo!

MÃE. — Quem sabe se foste má e se falaste com elle, contra o que eu te recommendei!... E que é feito de tua avósinha, coitada? Não sou capaz de a ver... *(Elsa chora.)*

LENHADOR. — Parece-me que foi comida pelo patife do lobo!

MÃE. — *(Soluçando.)* Minha querida mãe!

ELSA. — *(Soluçando.)* Minha pobre avósinha! *(Encostam-se ambas á cama.)*

LENHADOR. — Fazem-me tanta pena!... Ora esperem! Levo d'aqui o lobo, abro-lhe o bandulho e talvez possa tirar para fora a pobre da velhinha ainda viva. Vou experimentar. *(Leva o lobo para fora de scena, pela direita.)*

ELSA. — Será possivel, minha mãe?

MÃE. — Não ouviste ler, outro dia, que nos tempos antigos um homem viveu depois de ter estado na barriga de uma baleia?

LENHADOR. — *(Dentro.)* Bravo! Bravo! Isto é que foi! *(Entra da direita com a avó. Elsa e a mãe ficam boquiabertas de espanto.)*

SCENA V

OS MESMOS, A AVÓ DE ELSA

A AVÓ. — Não estejam afflictas, minhas queridas. O lobo estava tão sofrego, que me enguliu sem mastigar. Por isso não me doe nada. *(Elsa e a mãe precipitam-se para os braços da avó.)*

ELSA. — *(A' mãe, indicando o lenhador.)* Foi quem me acudiu!

MÃE. — Obrigado, meu senhor. Tambem me salvou a vida, porque eu morria com certeza se perdesse o meu Capuchinho Vermelho! *(Abraça e beija Elsa. Desce o panno.)*

FIM

(Imitaao do inglez de Hilda Dawdson.)

Grandes topicos

Fumos bellicos

Duas são as questões que actualmente representam ameaças de conflicto armado. A primeira está localisada ás portas da Europa, em Marrocos, onde o desgoverno do sultão tornou indispensavel a intervenção das duas nações ás quaes, segundo a conferencia de Algeciras, cabe o officio da policia internacional. Em Tanger se reunem as esquadras da França e da Hespanha, sob o commando supremo do almirante francez Touchard, afim de iniciarem a obra de pacificação interna necessaria para a futura europeanisação do estado norte-africano. Parece que d'esta vez, graças á acção diplomatica da conferencia, a intervenção se fará desafogada de entraves opostos pelas potencias da Europa. E o proprio sultão, annunciando a sua visita official ás esquadras, manifesta a formal adhesão aos intuitos civilisadores, que dão pelo menos côr a quaesquer projectos ambiciosos.

REPOUSA, ESPIRITO INQUIETO!

KAISER — *Com mil raios! cuidei que nunca mais te poria a vista em cima*

SOMBRA DE BISMARK — *Isso sim! Espera até veres as* MINHAS *revelações!*

Do «*Punch*»

Outro conflicto se desenha entre as duas mais recentes potencias do mundo civilisado: os Estados-Unidos e o Japão. A exclusão dos japonezes das escolas da Califoinia é a determinante d'esse conflicto, que já deu logar a atoardas de guerra imminente. A circumspecção conhecida dos dois governos parece porem de molde a desviar esses perigos, que seriam enormes e infructiferos para os dois adversarios egualmente. O governo central da republica americana entende que

DIVISA DA INGLATERRA

Paz em terra... guerra nos mares!

Do «*Ulsk*»

ao estado da California compete a resolução do conflicto. Este decerto o ha de resolver pacificamente, e o governo japonez aplanará sem duvida o caminho da conciliação.

A crise hespanhola

O governo liberal de Lopez Dominguez cahiu deante de uma intriga politica, acrescendo o prestigio do velho general,

O FEITIÇO DO KEPI E DA ESPADA

(A proposito do incidente de Köpenich)

Da «*Westminster Gazette*»

A TRISTE CONDIÇÃO DO JOVEN POLACO

Se rezo em polaco, sova do preceptor. | *Se rezo em allemão, sova de meu pae.* | *Se não rezo, sova do padre.*

Do «*Ulk*»

que sahiu do Congresso entre acclamações, misturadas de clamores anti-dynasticos. Não admira, porque concitara as sympathias dos elementos democraticos de Hespanha.

O ESTEIO DO THRONO RUSSO

O czar recommenda aos que o aguentam que corram com firmeza e não vacillem, para elle não ser precipitado para o meio do seu povo, no momento em que este não está preparado para o acolher.

Do «*Wahre Jacob*»

Seguiu-se-lhe o ephemero gabinete, presidido por Moret, o principal fautor da intriga, e que, embora organisado dentro dos partidos liberaes, não teve alento para durar mais de tres dias. Mais accentuadamente liberal parece ser a nova situação, presidida pelo marquez de la Vega de Armijo, que não foi recebida com hostilidade pela maioria das camaras, e que poderá manter-se se não renunciar ao programma radical de Lopez Dominguez, pelo menos nas suas linhas essenciaes. O mais importante d'esse programma é certamente o projecto de lei sobre associações, o qual é afinal de contas o pomo de discordia dentro das proprias facções do liberalismo. Guerreiam-no todos que teem as suas opiniões eivadas de qualquer untura clerical; e é verdadeiramente a questão religiosa que surde na Hespanha, a exemplo do que succedeu em França. É porém duvido so que na nossa irmã peninsular surjam estadistas da energia e da força de Combes, de Waldeck-Rousseau e de Clemenceau, tanto mais que o adversario dispõe para aquem dos Pyrineus de muito mais poderosos recursos de resistencia, conjugado como se acha até certo ponto com as instituições.

A questão do Congo

No parlamento da Belgica discute-se a questão de annexação do Estado do Congo. É assumpto complicado, no qual en-

NOS ALPES POLITICOS

O urso russo — O' camarada, quantas varas quadradas de pelle me custará a tua intervenção?

Do «*Wahre Jacob*»

O FIEL EXERCITO RUSSO

OFFICIAL — *Puxe o cordelinho, senhor, que elle faz exactamente o que Vossa Majestade ordenar.*

Do «*Wahre Jacob*»

O EMFERMO

AS POTENCIAS — *Ora este! está outra vez a espertar! E os seus subditos são ainda peiores do que elle!*

De «*La Silhouette*»

tram em jogo, tentando sobrepôr-se nos interesses nacionaes, os interesses mercantis do proprio rei Leopoldo, e o conflicto não será de facil solução sem sahir das pontas de um dilemma: ou o descontentamento do paiz, ou o desprestigio do rei. Mas cá por fóra, as tremendas accusações contra os funccionarios do estado africano determinarão porventura a acção collectiva das potencias signatarias do tratado de Berlim, e a intentada annexação não é provavel que exima de responsabilidades a administração transacta do Congo belga. Debalde a intriga internacional tenta desviar d'aquelle ponto as attenções universaes, engendrando libellos, mais ou menos calumniosos, contra a administração colonial de varios paizes. Como é de suppôr, não tem sido poupado Portugal, quasi sempre bode expiatorio n'estes conflictos de interesses ultramarinos. Victoriosamente responderam tanto o governo como varios particulares ás asserções deprimentes que alvejavam a nossa colonia de S. Thomé. Não será tão facil ao governo allemão lavar-se de culpas. Mas, seja como fôr, cremos que todas as nações interessadas se preparam, a exemplo de Inglaterra, para uma nova modificação de cousas na Africa, por accordo internacional.

A FRUTA MADURA

Emquanto os cubanos estão disputando a maçã, será o tio Sam quem a comerá.

Do «*Wahre Jacob*»

GUILHERME-ELSA E EDUARDO-LOHENGRIN

Serei a tua Elsa, se queres ser o meu Lohengrin.

Do «*Weekblad voor Nederdand*»

ANCIEDADES FRANCEZAS

Qual é a voz de commando?

Do «*Kladderadatsch*»

Allemanha e Dinamarca

Attribue-se uma alta significação politica á recente visita dos reis da Dinamarca a Berlim. Diz-se que terminou pela ratificação de um tratado entre a Dinamarca e a Allemanha. Por elle, a Allemanha garantiria a integridade da Dinamarca, tendo o privilegio de fechar o Baltico contra esquadras hostis. Ha motivos de sobra para não tomar a serio este boato. Ainda não se apagou da memoria dos dinamarquezes a guerra do Schlewig-Holstein, e, embora o rei Frederico VIII se tenha sempre mostrado bem disposto para com a Allemanha, não é provavel que vá buscar os seus alliados a Berlim. Mais sorrirá aos dinamarquezes a ideia de uma confederação scandinava, e espera-se que o rei voltará de preferencia as suas vistas para a Suecia e a Noruega. Demais, caso a Allemanha se empenhasse n'uma guerra com uma potencia naval de primeira ordem, a alliança dinamarqueza decerto não afastaria as esquadras hostis dos portos allemães do Baltico. E assim se tornaria absolutamente inutil.

A REVOLTA CONTRA A EGREJA NA HESPANHA

O PAPA, *a Affonso XIII—Et tu, Brute!*

Do «*Neue Glühlichter*»

Vida na sciencia e na industria

Radiographia

A descoberta da radio-actividade foi muito auxiliada pela existencia das chapas photographicas sensiveis, especialmente das secas que permittem prolongadas exposições. A pellicula photographica offerece ao homem meio de descobrir forças naturaes que elle desconhecia completamente. A chapa em que se obteve a imagem junta de uma chave foi mettida dentro de um saco de papel amarello e depois n'outro de papel preto, de fórma que a luz ordinaria não podia attingil-a.

A chapa foi então collocada n'uma meza e o objecto a photographar collocou-se por cima. Suspendeu-se então sobre a chave um pequeno tubo de brometo de radio e deixou-se actuar sobre a chapa. A exposição foi de quinze horas. Vê-se que os papeis negro e amarello pouca ou nenhuma resistencia offereceram aos raios do radio, e que estes penetraram egualmente até certo ponto no metal da chave.

IMAGEM RADIOGRAPHICA

Cozinhar sem lume

É curioso que não se tenha ampliado o uso de conservar o bule quente dentro de uma boceta propria, desde que é baseado n'um principio scientifico. Ha treze annos que M.me Back, mulher do director da escola industrial de Frankfort, faz investigações n'esse sentido, e ha pouco apresentou perante um numeroso auditorio os resultados, completamente satisfatorios, dos seus esforços constantes.

Ha uma caixa dividida em compartimentos ou *ninhos*, onde se collocam as vasilhas que conteem os alimentos. Esses compartimentos acabam de se encher de feno, aparas de madeira ou papel, sendo preferivel a primeira substancia. A caixa é fechada hermeticamente com uma tampa, para evitar a sahida do ar quente. Qualquer caixa serve para o caso, comtanto que se feche bem. As vasilhas (panellas, tachos, pratos cobertos, etc.), enterram-se no feno, o qual se calca bem em roda d'ellas. Claro que todas devem ter tampas bem apertadas. Obtem-se os melhores resultados com o uso da louça de barro, a qual retem melhor o calor. Por cima das vasilhas põe-se uma almofada de feno, e fecha-se a tampa da caixa.

Descobriu M.me Back que o alimento não só se conserva quente, mas que continua a cozer dentro da caixa. Iguarias, que tinham fervido apenas alguns minutos, continuaram a cozinhar-se no interior da caixa, ficando promptas no espaço de tres horas, pouco mais ou menos. M.me Back fez um certo numero de experiencias que despertaram o interesse geral e agradaveis surprezas, e agora consegue acabar dentro da caixa toda a especie de pratos, cozidos ou assados, peixes, sopas, legumes, fructas, em summa tudo que não exija uma passagem rapida por um lume forte. Esta descoberta é de grande importancia e de valor transcendente para as donas de casa, tanto pela economia como pela facilidade das preparações culinarias simultaneas.

Os raios X e o cabello

Dois medicos francezes, segundo consta, descobriram um novo meio de transformar os cabellos grisalhos. O professor Imbert e o dr. Marques, no laboratorio da faculdade de medicina de Montpellier, descobriram que, no decurso do tratamento pelos raios Röntgen, tornava-se preto o cabello que apparecia ao doente sob a influencia directa dos raios. Accentuou-se este phenomeno com um doente de lupus, cujo rosto não estava protegido, mudando de grisalho para negro parte do cabello e do bigode. Primeiro os cabellos cahiram, depois cresceram rapidamente, intensamente negros em vez de brancos como os restantes. Não houve alteração depois de cortados repetidas vezes. Além d'isso, o cabello de um dos medicos foi egualmente influenciado. Sabemos que em França a pratica de tingir o cabello pelos raios X ficará rigorosamente limitada aos medicos, visto que a Academia de Medicina incluiu o uso dos raios Röntgen na categoria dos processos vedados ao publico profano.

É conveniente que assim succeda, para que o charlatanismo não explore com mais um preparado a vaidade da velhice.

A maior cidade de mortos

O cemiterio mais extenso no mundo é o de Roma, no qual se teem enterrado para cima de seis milhões de entes humanos.

A borboleta gigante

A maior borboleta conhecida é a Atlas Gigante, natural da China, cujas azas extendidas medem uns 25 centimetros de envergadura.

Boa nova para os cegos

A impressão pelo systema Braille, para uso dos cegos, foi sensivelmente melhorada e barateada pelo invento de um impressor de Edimburgo. Como se sabe, o methodo consistia em pontear com furos a chapa de cobre da qual se devia imprimir uma pagina. Pela nova invenção, o tempo e a despeza para este trabalho reduzem-se sensivelmente, os erros podem ser corrigidos, e a rapidez da impressão accelera-se mais de 1:500 vezes. A Companhia Braille, de Edimburgo, adoptou este novo methodo, e está imprimindo livros para os cegos por um preço extraordinariamente reduzido. Em breve tenciona publicar um semanario especial para os infelizes privados de vista.

Desenvolvimento dos telephones na Dinamarca

É a Dinamarca um dos paizes mais favorecidos no que toca á facilidade e multiplicidade das relações telephonicas. Com effeito, contam-se alli 17 postos telephonicos por 1:000 kilometros, e o só a Companhia dos Telephones de Copenhagen tem 24:000 subscriptores. Ha sobretudo companhias particulares de telephones no paiz; e, ao lado dos 7:000 kilometros de linhas pertencentes ao estado, essas companhias contam mais de 172:000. Durante o ultimo anno de que temos dados estatiscos, o numero dos assignantes das companhias particulares teve o augmento de 6:000.

Excavações em Herculaneum

Ao passo que Pompeia tem sido largamente explorada, Herculaneum tem ficado quasi intacta como foi sepultada pela lava, e os trabalhos de exploração devem ser muito mais difficeis do que em Pompeia, a qual está sepultada em cinzas. O dr. Waldstein, de Cambridge, delineou um plano para a exploração completa de Herculaneum, e está sendo viva e severamente criticado pela imprensa italiana, a qual sustenta que os trabalhos devem ser confiados a archeologos italianos, e que a proposta do sabio inglez colloca a Italia no mesmo nivel que a Turquia e a Grecia. Pelo seu lado, o dr. Waldstein assegura que o seu plano salvaguarda a honra nacional da Italia e que tem por si as sympathias do professor Boni. Os thesouros sepultados em Herculaneum devem ser preciosos, visto que esta cidade era uma estação estival de gente opulenta da velha Roma. O pouco que se tem feito em Herculaneum, excavando os restos da cidade enterrada, offerece resultados bastante animadores. É de esperar que dentro em pouco o governo italiano emprehenda uma excavação completa. Entre as preciosidades já postas á luz podem citar-se estatuas de Mercurio em repouso, do luctador, do Fauno somnolento, de Bucephalo. Acham-se já a descoberto, entre outras casas, a de Argus, uma taverna, a herdade de Dissogno, e o aspecto geral das ruinas é já importantissimo, como se pode apreciar pela photogravura que publicamos.

VISTA GERAL DAS RUINAS DE HERCULANEUM

Vida no sport

Aeronautica

No nosso numero passado nos referimos aos novos apparelhos de Santos Dumont e de M. Deutsch de la Meurthe, e dos dois publicamos agora as photogravuras. O aeroplano de Santos Dumont fez experiencias concludentes. Tem a forma de um grande T com azas levantadas a um pequeno angulo. Na base do T ha um engenho que actua como leme, e toda a machina é supportada sobre a terra por um systema de rodas com protectores de borracha. O motor, uma Antoinette de 50 cavallos, pode dar 1:500 revoluções por minuto e move a machina com uma velocidade de 28 milhas por hora. O aeroplano pesa cerca de 250 kilogrammas e custou perto de 700 libras.

Pelo que respeito á aeronave de M. Deutsch, tem na cauda oito tubos cheios de gaz e é actuada por um motor de força de 100 cavallos.

A aeronave *Patrie*, construida por M. Lebandy, o segundo navio da esquadra aerea que se está organisando sob a direcção do ministerio da guerra francez, fez em meiados de novembro uma ascensão em Moisson, e manobrou por mais de uma hora, com excellentes resultados.

O NOVO AEROPLANO DE SANTOS DUMONT

A taça do Imperador da Alemanha

O Imperador da Allemanha deu uma taça para um concurso internacional, que deve realisar-se no proximo junho, para uma corrida de automoveis de cerca de 500 kilometros. As condições foram elaboradas pela commissão technica do Club Imperial Automobilista de Berlim. Reservam o direito de limitar a tres carros a entrada de cada fabricante. Os carros não devem pesar menos de 1:750 kilos. O preço de inscripção é de 3:000 marcos por cada carro, e devem fazer-se as inscripções até 31 de dezembro proximo.

DESENHO PARA A TAÇA VANDERBILT

Allusão ás devastações produzidas pelo automobilismo

Da «*Chicago Sunday Tribune*»

Concursos de apparelhos voadores

Os jornaes inglezes *Graphie* e *Daily Graphie* offereceram um premio de 1:000 libras á primeira machina que consiga voar uma milha. Outro periodico inglez, o *Daily Mail*, offereceu tambem um premio de 10:000 libras para a viagem aerea de Londres a Manchester.

A este juntou Lord Montagu de Beaulieu mais 1.000 libras, o club *Autocar* 500 libras, e a Companhia Manufactora de Adams 2:000 libras, perfazendo tudo um total de 13:500 libras.

Em França, abre o *Matin* um concurso para a viagem aerea de Paris a Londres, em 1908, com o premio de 250:000 francos.

Mais outro premio de 2:500 libras offerece Lord Montagu, em nome de um club de Brookfield, ao primeiro aeroplano, mais pesado que o ar, que percorra tres milhas, n'uma altitude não inferior a 10 metros, sem tocar em terra, n'um periodo de dezoito minutos. O prazo é entre o dia de abertura do concurso e o dia 31 de dezembro de 1907.

A NOVA AERONAVE DEUTSCH

Uma linda invenção

1. — Pode-se entrar? — 2. — Está admirando o meu invento? — 3. — Como vê, é um simples systema de balanço. — 4. — Quero afastar-me para ver de longe o effeito do quadro... e cá estou! — 5. — Quero de novo aproximar-me e... — 6. — Oh! com seiscentos!... — 7. — E quinze dias de molho

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME III